

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**  
**DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

MONALISA PONTES XAVIER

**A CONSULTA TRANSFORMADA: Experimentações de dispositivos  
interacionais “psi” na sociedade em midiatização**

São Leopoldo – RS  
2014

MONALISA PONTES XAVIER

**A CONSULTA TRANSFORMADA: Experimentações de dispositivos  
interacionais “psi” na sociedade em mediação**

Tese apresentada como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutora, pelo Programa de  
Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –  
UNISINOS.

Área de concentração: Mediação e Processos  
Sociais

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Warren Jardim  
Gomes Braga.

São Leopoldo  
Verão de 2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
BIBLIOTECÁRIO HERNANDES ANDRADE SILVA CRB-3/936

X3c Xavier, Monalisa Pontes.

A Consulta transformada: experimentações de dispositivos interacionais “psi” na sociedade em midiatização. / Monalisa Pontes Xavier. – São Leopoldo-RS: 2014.

369 f.

Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2014.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Warren Jardim Gomes Braga.

MONALISA PONTES XAVIER

MONALISA PONTES XAVIER

"A CONSULTA TRANSFORMADA: Experimentações de dispositivos interacionais  
"psi" na sociedade em midiatização"

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor, pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Ciências da Comunicação da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS.

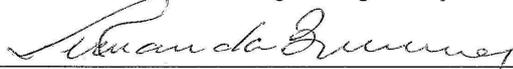
Aprovada em 13 de março de 2014

BANCA EXAMINADORA



---

Profa. Dra. Vera Regina Veiga França – UFMG



---

Profa. Dra. Fernanda Glória Bruno – UFRJ



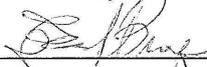
---

Prof. Dr. Antonio Fausto Neto – UNISINOS



---

Prof. Dr. Fabricio Lopes da Silveira – UNISINOS



---

Prof. Dr. José Luiz Braga – UNISINOS

Para

Eraldo Fernandes Xavier e Fatima Maria Pontes Xavier  
Leandra Guiomar Pontes Xavier

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus pais, Eraldo Fernandes Xavier e Fatima Maria Pontes Xavier, pelo amor e apoio; por me iniciarem na busca pelo saber e me ensinarem que a herança mais valiosa a uma pessoa é o conhecimento.

À minha amada “Bivó”, que mesmo não estando mais entre nós, foi muito presente em força e energia durante toda essa trajetória. Como ela se orgulharia por me ver “doutora”!

À irmã Leandra Guiomar, que junto comigo busca a cada dia o crescimento moral e intelectual.

Às amigas queridas Rita e Mabel, sempre presente em torcida e força, pela vibração em todas as conquistas e escuta nos momentos difíceis.

À colega e amiga Eloísa Klein, pelo acolhimento, pelas leituras dedicadas, dicas e direcionamentos. Também pelo que me ensinou em Comunicação.

À Fátima Severiano, orientadora de sempre, pela leitura dedicada do meu estudo, pela formação que me proporcionou, pelo carinho e atenção.

Aos amigos de Parnaíba, Glauber, Elaine, Clóris, Carlos e tantos outros que torceram e torcem pelo meu sucesso.

Aos “amigos da faculdade”, presenças tão importantes até hoje: Luana, Aline, Pablo, Sarah, Lia e Carol Leão.

Aos professores do PPG em Ciências da Comunicação da UNISINOS, pela importância de suas presenças para a minha formação. Em especial ao professor Fausto Neto, professor Effendy e professora Christa, por irem além da sala de aula no apoio e ensinamentos.

Ao coordenador do DINTER, Prof. Dr. Gustavo Said e aos colegas de curso, Reia, Lívia, Marta, Iônio, Achylles, Nilsângela, Arnaldo, Beatriz e André, que comigo juntaram forças e limitações na busca pelo título de doutores em Comunicação.

Aos mestres Dr. Fausto Neto, Dr. Fabrício Silveira, Dra. Fernanda Bruno e Dra. Vera França pela disposição em compor a banca de avaliação deste trabalho.

Ao querido Dr. José Luiz Braga, estimado mestre e orientador, um agradecimento especial pelo acolhimento e leveza nas orientações, pela dedicação e

seriedade com que me formou, pela confiança com que apostou nas minhas ideias e pelas mãos estendidas e dispostas a me guiar até aqui.

Ao Curso de Psicologia da UFPI – Campus Parnaíba, por me possibilitar tempo afastada das atividades docente para doutoramento.

À UFPI e à UNISINOS, pela possibilidade do curso.

À CAPES pelo apoio financeiro.

Meus sinceros agradecimentos.

Como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou que se sabe mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro.

(Gilles Deleuze, 2006, p. 18)

## RESUMO

### **A CONSULTA TRANSFORMADA: Experimentações de dispositivos interacionais “psi” na sociedade em midiatização**

A midiatização em acelerado processo na sociedade contemporânea altera de modo complexo o funcionamento das enunciações e os modos de interagir, que passam a acontecer vastamente no espaço de dispositivos midiatizados. Tais dispositivos figuram como lugar de agenciamento de diversos saberes e práticas sociais, a exemplo dos saberes e práticas “psi” que, deslocados para sua ambiência, produzem significativas incidências que repercutem na episteme que produz a ideia de consulta. Este estudo se propõe a compreender a singularidade das experimentações tentadas em torno dos saberes “psi” em dispositivos interacionais midiatizados que findam por deslocar os referentes da consulta, de modo a transformá-la. Tais transformações são observadas em três dispositivos interacionais “psi” com ampla circulação social, a saber: a coluna “Vida Íntima”, de autoria de Alberto Goldin; o site Ajudaemocional.com, de Olga Tessari; e as enunciações produzidas por Ildo Rosa da Fonseca e Anahy D’amico no Programa “Casos de Família”. Os observáveis foram cartografados e tensionados em suas lógicas particulares, de modo a alcançarmos as regularidades e as singularidades emergentes em cada um. A análise desenvolvida como um estudo de casos múltiplos nos conduziu a perceber significativos aspectos dos processos sociais condensados nos dispositivos, bem como permitiu inferências acerca de modos como esses dispositivos podem fazer avançar os campos de saberes envolvidos em sua produção.

**Palavras-chave:** Consulta transformada. Dispositivos interacionais midiatizados. Saberes “psi”. Midiatização.

## ABSTRACT

### **THE TRANSFORMED APPOINTMENT: Experiments of interactive “psy” devices in mediatized society**

Mediatization in an accelerated process in contemporary society changes the functioning of enunciations and ways to interact in a complex way, which will happen widely in the space of mediatized devices. Such devices work as a place of agency to several knowledge systems and social practices, as well as “psy” knowledge systems and practices that, when displaced to their ambience, will produce meaningful incidences that pass on the episteme that produces the idea of appointment. The present study aims to understand the singularity of experiments tried around “psy” knowledge systems in interactive mediatized devices that end up displacing the referents of an appointment and transforming it. Such transformations are observed in three interactive “psy” devices with broad social circulation: the newspaper column “Vida Íntima”, signed by Alberto Goldin; the website Ajudaemocional.com, owned by Olga Tessari; and the enunciations produced by Ildo Rosa da Fonseca and Anahy D’amico at the TV Show “Casos de Família”. The observable were mapped and tensioned in their private logics so that we could reach the regularities and singularities emerging in each one. The analysis developed as a multiple-case study has taken us to realize meaningful aspects of social processes condensed in the devices, as well as to allow inferences about the ways in which such devices can advance the field of knowledge systems involved in their production.

**Key words:** Transformed appointment. Interactive mediatized devices. “Psy” Knowledge systems. Mediatization.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	13
<b>1 Trajetória de construção da pesquisa .....</b>	13
<b>2 Do aconselhamento na sociedade dos meios às emergentes interações no cenário da midiatização.....</b>	17
<b>3 Dispositivos interacionais “psi” na sociedade em vias de midiatização: problema de pesquisa.....</b>	30
<b>PARTE I: TEORIA E MÉTODO.....</b>	33
<b>1 Estratégias metodológicas de observação.....</b>	34
1.1 Abordagem de pesquisa.....	35
1.2 Caracterização da pesquisa.....	35
1.3 Seleção de materiais para a observação.....	37
1.4 Estratégias de observação.....	39
1.5 Procedimento de análise do material empírico.....	41
<b>2 Elementos teórico-metodológicos para a construção de um pensamento analítico.....</b>	42
2.1 A sociedade em midiatização.....	43
2.2 Do conceito de dispositivo aos dispositivos interacionais.....	48
2.3 Dispositivos interacionais “psi” .....	56
2.4 Da circulação dos dispositivos interacionais “psi” .....	58
3 Ações deambulantes nos dispositivos interacionais midiatizados.....	60
<b>PARTE II: DISPOSITIVOS INTERACIONAIS “PSP” NA SOCIEDADE EM MIDIATIZAÇÃO.....</b>	65
<b>3 RESPOSTA A JOVENS SOFREDORES, POR ALBERTO GOLDIN.....</b>	65
<b>3.1 A difusão da Psicanálise nos meios de comunicação de ampla audiência.....</b>	69
<b>3.2 Atravessamentos heterogêneos.....</b>	72
3.2.1 Atravessamentos com a Psicanálise.....	72
3.2.2 Atravessamentos com a Psiquiatria.....	86
3.2.3 Atravessamentos com a Literatura e a Retórica.....	90
3.2.4 Atravessamentos com o Jornalismo.....	102
<b>3.3 Elementos do dispositivo interacional.....</b>	109
3.3.1 Constituição de público.....	125
3.3.2 A ante-sala.....	135
3.3.3 As regularidades.....	144
<b>3.4 O funcionamento do dispositivo interacional goldiniano.....</b>	153
<b>4 O CIRCUITO PSICOLÓGICO DE OLGA TESSARI.....</b>	157
<b>4.1 A consulta na Psicologia.....</b>	164
<b>4.2 O circuito em funcionamento.....</b>	167
<b>4.3 A proposta interacional no site Ajudaemocional.com.....</b>	172
4.3.1 Atendimento psicológico mediado por meios tecnológicos de comunicação à distância.....	175
4.3.2 Interações midiatizadas de cunho instrutivo-formativo.....	179
<b>4.4 O dispositivo tessariano e a oferta de modos de ser.....</b>	190

<b>4.5 Elementos do dispositivo.....</b>	<b>193</b>
4.5.1 A constituição de público .....	210
4.5.2 A ante-sala.....	218
4.5.3 As regularidades.....	222
<b>4.6 O funcionamento do dispositivo interacional tessariano.....</b>	<b>228</b>
<b>5 A PSICOLOGIA NO PROGRAMA “CASOS DE FAMÍLIA” .....</b>	<b>231</b>
<b>5.1 A captura da intimidade como recurso interacional.....</b>	<b>240</b>
<b>5.2 A Psicologia entre o exibicionismo e o voyeurismo.....</b>	<b>246</b>
<b>5.3 Elementos do dispositivo .....</b>	<b>260</b>
5.3.1 A ante-sala.....	266
5.3.2 Constituição de público.....	273
5.3.3 As regularidades.....	291
5.3.4 A pós-sala.....	299
<b>5.4 O funcionamento do dispositivo psicológico de interação midiaticada no Programa “Casos de Família” .....</b>	<b>308</b>
<b>6 A TRANSFORMAÇÃO DA CONSULTA.....</b>	<b>315</b>
<b>6.1 A consulta midiaticada e seus aspectos de transformação.....</b>	<b>318</b>
<b>6.2 Mais além da transformação da consulta.....</b>	<b>341</b>
<b>7 ALGUMAS PALAVRAS DE FINALIZAÇÃO.....</b>	<b>345</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>359</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>368</b>
<b>Anexo 01.....</b>	<b>368</b>

## INTRODUÇÃO

"Reparar em tudo pela primeira vez, não apocalipticamente, como revelações do Mistério, mas diretamente como florações da Realidade"

Fernando Pessoa

### 1 Trajetória de construção da pesquisa

Na sociedade contemporânea, assistimos a uma reconfiguração de cenários decorrente da mídia<sup>1</sup> como emergente campo produtor de sentidos e organizador da realidade social, na medida em que essa instância passa a figurar como processo interacional de referência (BRAGA, 2006), ou seja, quando a mídia passa a atuar como referente das formas que na atualidade a sociedade inventa para interagir. Esse panorama que hoje conseguimos enunciar didaticamente começou a nos despertar interesse em meados do ano de 2002, quando ainda cursávamos a graduação no Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Foi nesse momento inicial de nossa formação que passamos a perceber como as mais diversas práticas sociais se deslocavam de seus lugares tradicionais e passavam a ganhar visibilidade no que, à época, nomeávamos “novos espaços de interação”. Em uma aliança entre mídia e tecnologia, esses locais de trocas mútuas e produção de outras realidades foram proliferando de modo que os campos sociais passaram a povoá-los, sendo então por eles tensionados em suas clássicas regularidades.

Nesse cenário, atentamos para os distintos modos como determinados fazeres que buscavam legitimação sob a alcunha de fazeres “psi” progressivamente foram se alocando na ambiência midiática. Naquele momento, com um olhar formado segundo a perspectiva de psicóloga, nosso interesse pela questão se voltava para as suas implicações em duas dimensões principais: a primeira dessas dimensões diz respeito aos

---

<sup>1</sup> Diante da imprecisão de significado característica da palavra “mídia”, que pode expressar desde meios de comunicação de massa até processos mediatizados em diversos níveis, passando por indústria cultural, processos digitais, entre outros, deixamos claro que aqui, ao nos referirmos à mídia, estamos remetendo aos dispositivos midiáticos, que condensam a ideia de “canal” e de “processos”. De modo geral, é essa a compreensão de mídia a ser adotada ao longo do trabalho. Quando nos referirmos a elementos da indústria cultural, assim será assinalado no texto.

saberes “psi” que deambulavam de seus lugares instituídos e rizomaticamente floresciam na mídia e; uma segunda dimensão, que abrange a relação dos sujeitos com esses novos espaços que progressivamente se tornavam referentes como lugar de produção de modos de subjetivação<sup>2</sup>.

Com a curiosidade aguçada por essa dupla perspectiva, buscamos, na ocasião da Pós-Graduação em nível de Mestrado, construir uma questão de pesquisa capaz de circunscrever o interesse acima enunciado. Foi assim que decidimos dissertar, no ano de 2007, sobre a subjetividade na contemporaneidade. Embora se tratasse de um estudo teórico sobre a categoria subjetividade, as discussões sobre a mesma no cenário contemporâneo não puderam passar à margem das observações da multiplicidade de modos de interação social que dia a dia se proliferavam – e proliferam – tendo como mediador as muitas construções que nomeamos midiáticas. No momento, com um olhar de pesquisadora, nos aproximamos da relação estabelecida entre os sujeitos e a mídia como modo de subjetivação, muito embora essa questão fosse apenas transversal ao nosso estudo, como já mencionado.

Apesar disso, o tempo do curso de Mestrado foi de grande importância para o desenvolvimento de nossa proposta de trabalho atual. Foi a partir daí que começamos a procurar os psicólogos nos programas de televisão, em revistas, jornais, as consultas via internet, os aconselhamentos em programas de rádio, entre tantos outros espaços. Conhecemos então Anahy D’amico, Ildo Rosa da Fonseca e Olga Tessari, bem como tantos outros profissionais de Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise buscando e construindo emergentes espaços de interação com seu público e com o próprio saber que os orienta. Também nos deparamos com autores que, em diferentes perspectivas, problematizam a prática psicológica nos espaços observados, como é o caso, por exemplo, de Nelson Coelho Júnior. No entanto, tais elementos se configuravam, à época, como aquilo que escapava a nossa dissertação, os conhecidos encaminhamentos

---

<sup>2</sup> Por modos de subjetivação podemos entender, segundo Foucault (1995), os modos pelo qual um ser humano torna-se sujeito. Em seu texto “O sujeito e o poder”, o autor busca criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os homens tornaram-se sujeitos e aponta três principais ações de objetivação relacionadas a esse empreendimento: 1- a objetivação do sujeito em modos de investigação que anseiam atingir o estatuto de ciência, a exemplo da objetivação do sujeito no discurso na gramática geral, na filologia e na linguística; 2- a objetivação do sujeito em “práticas divisoras” que o seccionam em seu interior e em relação aos outros e permitem oposições binárias do tipo o louco e o são, o doente e o sadio, etc.; 3- os modos de subjetivação nos quais o sujeito é colocado em relações de produção e em relações de significação. O sujeito, por sua vez, é definido pelo autor como “sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a” (FOUCAULT, 1995, p. 235).

futuros que sobraram ao que pudemos nos ater naquele momento, mas que continuaram a pairar como desejo de estudo posterior.

Por sorte nossa, não demorou a oportunidade de abordar novamente sob um viés de pesquisa a relação entre mídia (hoje compreendemos como midiatização – uma realidade bem mais abrangente) e modos de subjetivação. Isso aconteceu em virtude do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, no ano de 2010. Com o objeto anunciado, iniciamos o curso de doutoramento. Esse curso, porém, nos exigiu (e exige até hoje) alguns deslocamentos de olhar capazes de possibilitar o delineamento de nossa questão de pesquisa em um problema de mérito e relevância para as Ciências da Comunicação e, ao mesmo tempo, conciliar o interesse de estudo da psicóloga com a consonância para com o Programa de Pós-Graduação ao qual nos vinculamos.

A princípio, tal exercício nos pareceu difícil e as críticas algumas vezes recebidas nos faziam vacilar na viabilidade de nossa proposta. Como comumente acontece quando do início de pesquisas, muitas dúvidas e indefinições se fizeram presentes, o que nos levou a apresentar diferentes versões de projetos de pesquisa, embora todas elas marcadas pela teimosia em não abdicar de estudar a produção de subjetividade contemporânea em seu agenciamento com a mídia. Os debates e oposições, sempre bastante profícuos, foram nos alertando para alguns desvios e outras potencialidades. Em um desses momentos de diálogo, nos deparamos com a sugestão de leitura das colunas dominicais de Alberto Goldin, no Jornal “O Globo” e o questionamento sobre o que estava sendo produzido ali em termos de comunicação das práticas “psi”. Pareceu um estalo. A partir desse momento, as ideias começaram a se organizar e, gradualmente, fomos definindo nossa problemática e os observáveis, sem a necessidade de abdicar de nosso interesse inicial.

As colunas de Goldin, paralelamente aos estudos teóricos e debates próprios do curso de doutoramento, foram nos aproximando do campo da Comunicação, ao mesmo tempo em que aguçaram nosso olhar para a construção de processos comunicacionais tentativos que, no caso em questão, se concretizavam nas formas de fazer circular um modelo peculiar de escuta de questões de foro íntimo que, a nosso ver, se locavam no entre espaço do conhecido aconselhamento e da prática analítica. Passamos, a partir de então, a cartografar experiências de circulação de saberes “psi” na ambiência midiática. Nos deparamos com uma grande variedade tanto de experiências quanto de lógicas de funcionamento. Foi aí que precisamos voltar à antiga interrogação: o que desejamos

conhecer? Sobre o que nos debruçar? Objeto e observável/observáveis começavam a se desenhar, alinhando as exigências da Pós-Graduação onde nos encontrávamos e a nossa inquietação pessoal de pesquisa.

Do nosso encontro com Goldin até a definição do esboço da pesquisa que hoje apresentamos, um longo caminho precisou ser percorrido. Avanços e retrocessos se fizeram presentes. Foram aproximados dois anos de indefinições que se mesclavam com uma certeza: a de que os escritos de Goldin muito nos ofereciam na busca por compreender as emergentes tentativas de interação acerca das problemáticas de ordem íntima em espaços mediatizados, interações essas que se particularizavam pela busca de legitimação na condição de práticas “psi”. Vislumbrar ângulos de entrada nessa problemática passou a ser o desafio seguinte. Junto com ele, nos deparamos de modo mais concreto com nossa carência de base teórica na área da Comunicação, advinda, conforme cremos, da nossa formação em distinto campo do saber. Avançar nesses dois pontos tornou-se prioridade.

Em momento seguinte, depois de definirmos, por ocasião do exame de qualificação, que estudaríamos alguns modos de interação possíveis proporcionados pelo agenciamento entre os saberes “psi” e os processos de mídia na produção de dispositivos interacionais no contexto da mediatização e suas incidências na produção de subjetividade, passamos a pensar que analisar somente os escritos de Goldin não nos permitiria inferir satisfatoriamente a respeito de nosso problema. Nossa questão clamava pela diversidade de processos e interações e, em virtude disso, o corpus de pesquisa necessitava estar além das páginas da coluna em questão.

Foi então que, em parceria com o orientador, consideramos a importância de expandir nosso olhar e recuperar parte do material uma vez cartografado. Dentre o que tínhamos disponível, selecionar o que mais satisfatoriamente pudesse falar sobre nossa problemática, de modo a contemplar as dimensões de diversidade e singularidade. Foi assim que redefinimos nosso corpus ao optarmos, no exercício de observação, por contemplar: 1- a coluna “Vida Íntima” do Jornal “O Globo”, de autoria de Alberto Goldin; 2- a coluna “Amor”, publicação semanal da Revista “Caras”<sup>3</sup>, de autoria compartilhada entre vários profissionais “psi”; 3- o site de oferta de serviços psicológicos “Ajudaemocional.com”, de Olga Tessari e, por fim; 4- as enunciações

---

<sup>3</sup> Após o exame de qualificação, decidimos não mais trabalhar com a coluna “Amor” como observável por compreendermos que nos interessam enquanto objeto as práticas que se delineiam a partir de uma proposta de aproximação com referentes da consulta.

produzidas pelos psicólogos Anahy D’Amico e Ildo Rosa da Fonseca no Programa “Casos de Família”, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

De posse dessas decisões táticas, fomos amadurecendo ao longo do trajeto da pesquisa e nosso estudo avançando, até que, em outubro de 2012, após aproximados dois anos e meio de ajustes, recortes e afinações, apresentamos para exame de qualificação o texto intitulado “A constituição de dispositivos interacionais ‘psi’ na sociedade em midiatização – ensaios e invenções sobre subjetividade e mídia”. Esse texto tinha como objetivo o já anunciado estudo da constituição de dispositivos interacionais no contexto do agenciamento entre os saberes “psi” e os processos de mídia.

Do exame de qualificação até a versão que aqui apresentamos acertos metodológicos foram realizados, o que nos oportunizou avançar ao ponto que chegamos e que melhor contextualizaremos nos tópicos seguintes, que têm como objetivo situar o leitor no cenário recortado para estudo.

## **2 Do aconselhamento na sociedade dos meios às emergentes interações no cenário da midiatização**

Não é de hoje que nos deparamos com a proliferação de práticas de aconselhamento nos meios de comunicação massiva. São conselhos das mais diversas ordens e prescritos em distintos espaços – a exemplo de programas de tevê, sites na internet, transmissões de rádio, revistas, jornais, blogs, entre tantos outros – por consulentes dos mais variados lugares de fala e/ou campo de produção de sentidos. Essas práticas atualmente tão difundidas e destinadas aos diferentes segmentos de público estão presentes na mídia – indústria cultural – antes mesmo da própria existência da Psicologia, como é o caso do aconselhamento sentimental, já disponibilizados nos jornais mais antigos, datando aproximadamente dos anos de 1600<sup>4</sup> e decorrente de tentativas da sociedade de dar conta de suas questões práticas. Alguns séculos depois, o aconselhamento ganha peritos de diferentes áreas de conhecimento e

---

<sup>4</sup> Esclarecemos ao leitor que nosso estudo não contempla uma abordagem histórica da Psicologia na mídia. Trazemos algumas referências de datação com o objetivo apenas de situar nosso objeto em um contexto que lhe confere existência.

se caracteriza, durante longo período, como uma prática associada prioritariamente ao público feminino.

Às mulheres inicialmente destinados, os aconselhamentos ganham evidência nos meios de comunicação de ampla audiência a partir do ano de 1963, quando o periódico britânico *Ladie's Mercury*<sup>5</sup> passa a ser veiculado regularmente e a se ocupar das dúvidas e angústias de suas leitoras, especialmente no campo amoroso. A essa época, a revista feminina já estava solidificada na Europa e no Brasil era presente desde o ano de 1827, quando circulou pela primeira vez “O Espelho Diamantino”. Nos anos de 1950, a revista feminina brasileira era leitura corrente entre mulheres recém-casadas e mães de família e, em 1961, o grupo Abril lançou a Revista Cláudia, com vistas à mulher em sua casa. Nessas publicações, começa a se constituir um tipo de interação já bastante comum nas práticas cotidianas, a novidade é que o aconselhar adentra o espaço da mídia – indústria cultural – e os conselhos sentimentais, comportamentais, educativos, de modos de ser passam a ser distribuídos em larga escala.

No ano de 1963, no Brasil, a Revista Cláudia inaugurou um espaço de aconselhamento mensal, a coluna “A arte de ser mulher”, assinada por Carmen da Silva, uma feminista com formação em Psicanálise e trânsito nos grupos da Associação Psicanalítica. Essa coluna, segundo Maria Paula Costa (2013), retratava a condição da mulher brasileira e convidava cada leitora a desenvolver um olhar crítico sobre a relação entre os gêneros. Nas linhas que dispunha, Carmen da Silva parecia objetivar a tomada de consciência de suas leitoras a respeito de si mesmas e de suas condições de vida (CIVITTA, 1994), fazendo uso de palavras acolhedoras e de fácil compreensão que primavam por retratar insatisfações pessoais, problemas comportamentais e situações sociais que atravessavam as mulheres da época. Muitas vezes recorria a termos psicanalíticos, aproximando-os da compreensão popular e sinalizando uma mescla de propriedade perita em sua fala e aproximação com as vivências de suas leitoras nos aconselhamentos<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> O referido periódico é o primeiro veiculado regularmente; no entanto, muito anterior a ele, no ano de 1554, circulou na Itália a primeira publicação destinada ao público feminino, que foi nomeada “*Il libro della bella donna*”. (CUNHA; SOUZA; COELHO, 2012).

<sup>6</sup> Um exemplo é o trecho seguinte, extraído da coluna intitulada *Uma armadilha para a mãe moderna* (1968): “Eis a questão crucial que se coloca ante um grande número de mães modernas. Côncias de sua responsabilidade, sinceramente, empenhadas em repetir erros educativos que muitas sofreram na própria carne, querem penetrar os delicados mecanismos da psique infantil, saber o que se passa na mente de seus filhos, conhecê-los. Até aí, sua atitude só é digna de aplauso. Mas talvez não estejam igualmente ansiosas de autoconhecimento; talvez prefiram não mexer nas águas profundas de seus conflitos não elaborados, de seus velhos traumas, de suas contradições internas. E é então que sua boa vontade se esbarra num muro de limitações intransponíveis e as teorias falham na hora de levá-los à prática: a omissão do

Embora o traço de autoridade especialista estivesse presente, os escritos de Silva não assumiram como proposta um fazer psicanalítico – ou desdobramentos desse fazer – na conversa com seu público. Os referentes da Psicanálise eram presentes, mas a coluna primava pelo diálogo e esclarecimento de suas leitoras. O feminismo e os aspectos pedagógicos pautados na conscientização da mulher eram os traços marcantes e o saber perito somente figurava como lugar de passagem com fins de construir um espaço consistente de fala. “A arte de ser mulher” foi assinada por Carmen da Silva até o ano de 1985, quando de sua morte. Durante esse período, as práticas de aconselhamento na mídia se proliferaram demasiadamente, extrapolando as páginas das revistas e a especificidade do público feminino.

Além dos jornais e revistas, os aconselhamentos também estavam presentes em outros meios, como a televisão, por exemplo. No início da década de 1980, tornaram-se diários no Programa “TV Mulher”, exibido nas manhãs de segunda-feira a sexta-feira pela Rede Globo de Televisão, entre os anos de 1980 e 1986. Eram os quadros “Comportamento”, com o psicanalista Eduardo Mascarenhas, e “Comportamento Sexual”, com a psicóloga e membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise-SP, Marta Suplicy.

Especialmente a partir de meados de 1990, passamos a assistir, como bem expressa Castellano (2012), a um impressionante crescimento prescritivo proporcionado pela ascendência do chamado campo “psi” – o qual a autora identifica como Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise e Psicopedagogia – e seus discursos expressivamente mobilizados em todos os tipos de mídia – veículos de comunicação de ampla audiência. Tal fato, Bauman (1998) denomina “surto de aconselhamento”, quando os especialistas das mais distintas ordens – médicos, psicólogos, psicanalistas, educadores, filósofos, literatos e tantos escritores de autoajuda – começam a povoar os crescentes espaços midiáticos e a destinar a seus leitores/audiência atenção dirigida à construção de modos de ser e estar bem nas esferas social, individual e psíquica.

Nas palavras do referido autor: “A pós-modernidade é a era dos especialistas em ‘identificar problemas’, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de ‘auto-afirmação’: é a era do ‘surto de aconselhamento’” (BAUMAN, 1998, p. 221). Esse processo descrito por Bauman (1998) coincide com o

---

principal neutraliza seus esforços. Apesar dos milênios transcorridos, o famoso “nosce te ipsum” – conhece primeiro a ti mesmo – permanece válido”. (SILVA, 1968, p. 41).

grande avanço tecnológico que possibilitou a circulação de informações de maneira muito mais rápida, bem como o advento de formas de interação por essas tecnologias mediadas. Proporcionou ainda que discussões ocorridas nos espaços de convívio social e de produção de saber, como os movimentos feministas e a Psicanálise, adentrassem o espaço da mídia.

Importantes transformações se processaram durante o trajeto histórico dos aconselhamentos nos veículos de comunicação de ampla audiência, desde um período em que eles se constituíram basicamente como instrumentos a serviço de um determinado fim – estamos falando de um simples deslocamento de lugar do aconselhamento das instâncias presenciais de interação *tête-à-tête* para os emergentes espaços que os avanços sócio-técnicos possibilitaram – até um momento em que tais veículos se tornam elementos constituintes da própria prática de aconselhar, produzindo com ela complexos sentidos emergentes.

No primeiro caso, estamos nos referindo à sociedade dos meios, que deve ser entendida como aquela que se caracteriza por uma forte existência de meios de comunicação, realizando uma atividade central, protagônica, de produção, veiculação e outros gêneros que dizem respeito ao grupo das mídias. É a existência de meios como atividade mediadora, mediadores da dinâmica social.

Esse lugar social dos meios de comunicação, porém, progressivamente passou por modificações que resultaram em outras modalidades de interações entre práticas sociais, meios e dinâmicas socioculturais que deslocaram a ênfase dos meios para as práticas sociais, pondo-os em movimento segundo um referente processual que desencadeia novos processos. É o que acontece quando a mídia<sup>7</sup> deixa de figurar tão somente como *locus* dos aconselhamentos – quando esses eram indistintos na ambiência midiática ou fora dela. Nos novos processos desencadeados pelas interações entre meios, práticas sociais e dinâmicas sócio-culturais ocorre uma espécie de atravessamento entre os elementos constituintes da relação, que figuram tão imbricados, tornando impossível separá-los sem descaracterizar os processos.

Desse modo, os aconselhamentos que não acontecem na mídia produzem determinadas interações que se distinguem das interações estabelecidas no que podemos nomear aconselhamento midiaticizado. Esse processo também perpassa os mais variados campos sociais e produz contextos que somente adquirem existência como

---

<sup>7</sup> Aqui estamos assumindo mídia como indústria cultural.

agenciamento midiaticizado. Assim, vemos se constituir o que Ferreira (2010) denomina “matriz de midiaticização”.

Uma matriz de midiaticização traz consigo a redefinição nos modos de interação e comunicação entre os sujeitos, na medida em que a mídia ascende à função de organizadora da realidade social. Como regulador social, os referentes midiáticos transversalizam os campos sociais e as mais variadas dimensões da existência como, por exemplo, a relação com a alteridade, com a religião, com o capital, com o lazer, com a vida, com a morte e com a própria forma de existir. Fausto Neto (2005, 2006) e Martín-Barbero (2009) atestam o que afirmamos, o primeiro quando argumenta que os processos sociais cada vez mais estão atravessados por dinâmicas de mídia. O segundo, por sua vez, quando se debruça sobre a indistinção constituída entre os campos sociais e a mídia no desenrolar da sociedade dos meios. Assim afirma: “A televisão já não é uma ajuda à política, é a própria política, a política se faz na televisão, há muito menos rua para a política” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 14).

Além dos aconselhamentos e da política, comumente nos deparamos com episódios miscigenados entre a prática jornalística, o saber popular, o campo da educação e muitos outros campos sociais, como a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicanálise. O cotidiano do sujeito contemporâneo encontra-se imerso nos espaços midiaticizados (SODRÉ, 2002) e a cada dia se torna mais difícil delimitar o que está cooptado e o que escapa aos processos tentativos de midiaticização, em uma sociedade que pode ser caracterizada como em vias de midiaticização. “Em vias de” porque não se trata de um processo completo. Seu estágio mais atual se caracteriza, segundo Fausto Neto (2008), pela dinamização de tecnologias convertidas em novas formas e meios.

O autor assim diferencia a sociedade dos meios da sociedade em acelerado processo de midiaticização:

Uma designação econômica para diferenciar a “sociedade dos meios” da “sociedade da midiaticização” está no fato de que na primeira as mídias estariam a serviço de uma organização de um processo interacional e sobre o qual teriam uma autonomia relativa, face à existência dos demais campos. Na segunda, a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade. [...]. As mídias perdem esse lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais. (FAUSTO NETO, 2008, p. 93).

Como já referido, nessa última organização social temos uma reestruturação de lugares que desencadeia um atravessamento de múltiplos discursos na construção de campos sociais. Assim, observamos, além de espaços de interseção entre diferentes áreas de conhecimento, uma sobreposição de campos que passam a se estruturar segundo lógicas emergentes. Um exemplo do que vislumbramos nesse contexto são os discursos “psi”, que são cooptados pelos mais variados espaços de interação insurgentes, o que nos leva a encontrá-los agora não apenas em seus lugares canônicos (a exemplo das clínicas, escolas, hospitais, etc.), mas também ocupando “novos” espaços, como as páginas de jornais, os programas televisivos, a internet, além de tantos outros ambientes interativos. Por sua vez, originalmente destinadas aos profissionais de mídia, as mídias de ampla audiência passam a ser povoadas por peritos de diversas ordens. Além disso, os diferentes setores sociais passam a experimentar, por conta própria, procedimentos interacionais tecnologicamente mediados, sem necessariamente passar pelas instâncias estabelecidas na indústria cultural. Assim, saberes originalmente circunscritos a outros espaços se disseminam velozmente em ambiência midiaticizada ampliada. Temos com isso a construção de circuitos midiaticizados.

Os circuitos midiaticizados retratam uma configuração interacional distinta da mera exibição de questões de outros campos sociais no campo dos media. É preciso compreender que não é a ocupação de espaço que referencia o processo em curso de midiaticização. Mas, além disso, a midiaticização caracteriza um momento da sociedade em que os atravessamentos, as transversalidades, se processam nas suas mais diversas dimensões. Isso implica modificações nos modos de comunicar, já que a própria midiaticização se transforma na modalidade mediadora que produz comunicação na sociedade contemporânea, o que imprime diferenciação substancial entre processos não midiaticizados e processos midiaticizados. Essa distinção pode ser melhor compreendida por meio de dois exemplos concretos da Psicologia presente em programas de televisão. O primeiro deles é a série “Sessão de Terapia”<sup>8</sup>, exibida diariamente – segunda-feira a sexta-feira – pelo canal GNT.

Cada episódio retrata uma sessão de análise e no quinto episódio da semana é exibida a atividade de supervisão do analista. Embora espetacularizada e obedecendo às lógicas e às exigências de uma obra de ficção, a série em discussão simula o dia-a-dia

---

<sup>8</sup> Dirigida por Selton Melo, Sessão de Terapia é uma versão brasileira da série israelense “Be Tipul”, de Hagai Levi.

de um consultório de Psicanálise, expondo as regularidades de funcionamento desse campo do saber. Como uma encenação do que canonicamente acontece em uma análise<sup>9</sup>, a série ilustra, no seio de nossa discussão, uma relação entre mídia e Psicanálise na qual a mídia é meio, instrumento de exibição do fazer psicanalítico. Sabemos que existem afetações nessa articulação entre os campos e que as interfaces produzem implicações que incidem sobre a produção de sentidos particular a cada campo. No exemplo, porém, não há o atravessamento dos campos implicados que desencadeia a produção de uma coisa terceira, não mais qualificada nos campos anteriores.

Esse atravessamento, por sua vez, pode ser visto no programa “Casos de Família”, que vai ao ar de segunda-feira a sexta-feira<sup>10</sup> no SBT, com a participação do psicólogo Ildo Rosa da Fonseca – até abril de 2011 – e da psicóloga Anahy D’amico, ambos consultores peritos dos casos expostos. O programa costuma abordar situações polêmicas a partir da promoção de embate entre os envolvidos com diferentes pontos de vista. Após a discussão pública dos casos – em média três por programa – os psicólogos dispõem de um espaço para análise e parecer a respeito de cada um deles. A particularidade disso – e também o que diferencia da série “Sessão de Terapia” – é que o exercício realizado pelos psicólogos em cena somente é possível de existir no contexto da própria cena. É na ambiência midiática que o fazer de Fonseca ou de D’amico ascende à existência e adquire significação. Temos uma espécie de prática que envolve distintos campos sociais, mas que somente surge no atravessamento dos mesmos, ou seja, um bom exemplo de prática “psi” midiaticizada ou, como argumentamos, de consulta transformada no processo de midiaticização.

Fora de cena, a atuação psicológica de Fonseca e D’amico poderia se configurar como aconselhamento psicológico, sessão de terapia individual, familiar, de casal ou grupal, ou ainda uma prática de orientação psicológica, tudo isso bem próximo das regularidades tradicionais da Psicologia. Ao entrar em cena, essas regularidades são tensionadas pela nova ambiência e se descaracterizam a tal ponto de transformar o fazer em uma coisa outra que não mais a reconhecida prática psicológica, embora nela referenciada e buscando legitimação. Outras interações, outros processos,

---

<sup>9</sup> Temos ciência das diferenças existentes entre escolas de Psicanálise, que implicam em métodos de atendimento distintos. Não vamos adentrar nessa questão por fugir aos objetivos da proposta aqui apresentada.

<sup>10</sup> À época de nossa pesquisa, o Programa “Casos de Família” era exibido de segunda-feira a sexta-feira. Atualmente sofreu alteração de horário e vai ao ar apenas dois dias na semana.

transversalidades se desenham a partir da constituição do agenciamento Psicologia e mídia. Essas comunicações “psi” mediadas pela midiatização é o que nos interessa buscar compreensão.

Entre os inúmeros agenciamentos constituídos no interior dos processos de midiatização, vamos nos deter mais especificamente nos que são estabelecidos entre as práticas “psi” e a ambiência midiática. À princípio, nossa proposta era restrita à Psicologia e seus atravessamentos com a mídia na produção de processualidades interacionais midiatizadas, porém, já de início pudemos observar nessa modalidade de práticas uma espécie de indistinção ou sobreposição de campos entre Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise<sup>11</sup> e, com o intento de garantir a fidelidade frente às produções que abordamos, optamos por trabalhar com a categoria saberes “psi” para fazer referência a qualquer dos três campos, distinguindo-os, contudo, de campos outros como a auto-ajuda, a educação e a literatura, que com eles também estabelecem fronteiras difusas no espaço midiático.

Tradicionalmente as interações entre profissionais “psi” e público leigo se dão segundo algumas lógicas principais e essas interações constituem “dispositivos interacionais” (obviamente não midiáticos)<sup>12</sup>. Os procedimentos e códigos que as regem foram se desenvolvendo historicamente nos espaços de flexibilidade inferencial que os saberes “psi” dispunham para tratar com pacientes e com o público, conforme os diferentes ambientes de sua prática. Para cada tipo de lugar, dispositivos específicos. Por todo esse período – com distintas e múltiplas características do espaço profissional; das perspectivas e conhecimentos sobre o sofrimento psíquico e sobre as demandas sociais; sobre processos de subjetivação; etc. –, os dispositivos de interação psicológica puderam ser largamente regulados pelas lógicas, conhecimentos e práticas do próprio campo social “psi”. No entanto, com a midiatização crescente, o campo em questão – como, aliás, praticamente todos os campos sociais – passou a ser atravessado por outras circunstâncias.

Em alguns pontos, outros tipos de interação foram sendo testados e, nesse movimento, a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicanálise passaram a se fazer presentes em

---

<sup>11</sup> Muito embora tenhamos clareza das substanciais diferenças epistemológicas, técnicas e metodológicas entre cada um desses saberes, optamos por abordá-los pelo viés da indistinção e até “certa confusão” com que eles aparecem nos espaços midiáticos, ilustrando assim a linha tênue que delimita os campos sociais agenciados em tal ambiência. Acreditamos que esse seja um dado relevante ao nosso estudo e que melhor caracteriza o contexto em que se processa a transformação da consulta.

<sup>12</sup> A série “Sessão de Terapia”, anteriormente referida, exemplifica, em cada episódio, modos de interação não midiatizados entre o analista e seus analisandos.

sites que proliferam cada vez mais rápido, em revistas femininas, programas de rádio, quadros em programas de tevê, jornais de grande circulação local e/ou nacional, blogs, etc. Essas circunstâncias conduzem a experimentações de diversas ordens, algumas das quais autorizadas<sup>13</sup>, outras criticadas, umas eficientes e outras nem tanto, mas todas elas tentativas e, por isso mesmo, carentes de critérios estabelecidos – já que os critérios canônicos foram historicamente elaborados em outras circunstâncias, para outras condições. Nesse processo contínuo de experimentações e tentativas, os saberes em discussão têm modificadas suas formas de interagir e reinventados os dispositivos acionados na interação. Com isso, os peritos da subjetividade constituem novas experiências sociais de produção de circuitos e de dispositivos interacionais.

Evidentemente à época de S. Freud, B. F. Skinner ou C. Rogers, as propostas de trabalho com demandas psíquicas não se efetivavam em espaços de mídia – como os referidos no parágrafo anterior – e a presencialidade pautava a relação terapeuta-paciente, circunscrevendo tal relação ao âmbito da experiência imediata. Cada um dos pensadores mencionados desenvolveu suas teorias tomando como base esse modelo de relação e como referente o sujeito que dela participava. Segundo essa ótica, o que caracteriza o profissional de Psicologia, Psiquiatria ou Psicanálise, além do que ele faz, é também o lugar onde pode ser encontrado. Esses aspectos compõem as lógicas tradicionais de funcionamento – regras, código e inferências – das práticas destinadas a trabalhar com a dimensão psíquica, com a subjetividade. No entanto, como produtos de práticas sociais, os saberes em questão são assim históricos, o que significa dizer que estão em constante movimento e, nesse fluxo, se veem afetados por uma série de encontros que resultam, por sua vez, em mudanças. O campo – no caso, o “psi” – se modifica, o sujeito sobre o qual ele incide também. Quanto aos saberes que articulam a constituição teórica do campo com sua prática, algo também ocorre com eles.

Dentre as modificações oriundas do movimento histórico, pontuamos acima o agenciamento produzido com os veículos de comunicação massiva, que findam por interpor entre o terapeuta e o paciente uma série de elementos, tal como computador, carta, email, auditório, tecnologias de produção televisiva, regras de produção jornalística, câmera, microfone, público, entre tantos outros. Nas articulações com esses elementos, o modo de fazer Psicologia, Psiquiatria ou Psicanálise se transforma, assim como o próprio discurso sobre tais saberes, suas representações e talvez até o seu

---

<sup>13</sup> Regulamentadas pelas instâncias de legitimação, como os conselhos profissionais e as Associações de Psicanálise.

alcance. Isso significa dizer que, na ambiência midiática, as práticas “psi” se modificam, reconstruindo suas técnicas e atualizando suas teorias. Com isso não quero afirmar que Freud, Skinner ou Rogers se tornaram obsoletos. Muito pelo contrário. Grande e incontestável relevância têm e terão cada um dos três pensadores, assim como os inúmeros outros não citados, mas que são significativos produtores de conhecimento nas áreas em foco. O que estou ousando questionar é que o legado desses teóricos, que nos serve, aos psicólogos, como diretriz, de que no vale se não for contextualizado a partir das características de cada momento sócio-histórico no qual são demandados?

Diante das inúmeras transformações sociais e do próprio campo de saber aqui problematizado, distintas posturas são encontradas, desde uma defesa ferrenha de campo, que resulta em uma tentativa de exclusão de todo e qualquer elemento externo, até tentativas de repor o campo em funcionamento, flexibilizando suas lógicas. Acontece que quando se fala de mídias de ampla audiência, sua intensa proliferação e incidência não têm mais como ser negadas. Não é possível “proteger” a Psicologia, a Psiquiatria ou a Psicanálise dos “efeitos” da mídia. Existe já um agenciamento e, além dele, uma legitimação desse agenciamento, como é exemplo a Resolução no. 012/2005, substituída posteriormente pela Resolução no. 011/2012, do Conselho Federal de Psicologia<sup>14</sup>, que regulamenta – em termos experimentais – o serviço psicológico mediado por computador, em sua primeira versão, ou tecnologias de comunicação à distância, na versão mais atual.

Tais agenciamentos, contudo, exigem reajustes e adaptações mútuas entre os processos interacionais vigentes e as lógicas do campo psicológico. Esses, por sua vez, não se desenvolvem sem o enfrentamento de desafios, sem riscos ou sem perdas. Novos desafios, riscos, perdas, reconfigurações, entre tantas outras modificações culminam na figuração de uma nova realidade, ou seja, temos que o homem sobre o qual incidem as práticas “psi” hoje não é o mesmo da época freudiana, skinneriana ou rogeriana. A constatação disso implica afirmar a importância de buscarmos conhecer quem é esse sujeito contemporâneo a partir dos referentes do seu tempo e das estratégias de subjetivação que o produz. Eis um ângulo de entrada em nossa problematização: teorias modernas construídas a partir do olhar para o sujeito moderno foram profícuas na Modernidade. Na contemporaneidade, para dar conta do sujeito atual, precisamos

---

<sup>14</sup> Sobre elas discutiremos com maior riqueza de detalhes posteriormente.

pensá-lo imbricado nas então interações no seio das quais ele ganha vida, sob o risco de cairmos no imenso abismo que separa o sujeito midiaticizado das produções teóricas sobre ele.

Diante disso, temos que os saberes “psi”, para dar conta de seu objeto – e aqui assumimos o risco de generalizar no operador semântico psiquismo ou subjetividade o objeto dos saberes “psi” –, necessitam ir até o lugar onde ele se encontra para apreendê-lo. Reflexo disso são as próprias sintomatologias e até as psicopatologias hodiernas, que passam pelo uso do computador, pelas relações virtuais, pela exacerbação da imagem corporal, pelo consumo desenfreado e por tantas outras características que podemos situar como advinda de modos de vida característicos da sociedade em acelerado movimento de midiaticização. Contudo, precisamos fazer a seguinte ressalva: quando argumentamos que os saberes “psi” precisam chegar aos acontecimentos e processualidades da sociedade em vias de midiaticização, não significa que somos favoráveis – tampouco aprioristicamente desfavoráveis – a que suas práticas devam ocorrer no espaço midiaticizado. Deixamos claro que não é esse nosso posicionamento. Pensamos ser tal discussão específica de campo e, para nela adentrar, considerações que extrapolam o nosso domínio seriam necessárias. Por esse motivo, dela vamos nos abster<sup>15</sup>.

A questão que se faz relevante aqui diz respeito ao modo como, no âmbito da sociedade em questão, os conhecimentos “psi” estão sendo tentativamente articulados com as práticas sociais e com os modos de interação entre psicólogos e um público interessado – seja como paciente ou participante de interações dessa ordem, seja tão somente por preocupações difusas com questões psicológicas, a título de informação, entretenimento ou afins.

O cenário dos emergentes lugares em que as práticas “psi” acontecem figura como espaços de interação nos quais se proliferam tentativos processos. Frente a isso, alguns aspectos decorrentes dos agenciamentos entre saberes “psi” e mídia nos chamam a atenção, entre eles, quais as implicações produzidas: 1- para os próprios saberes “psi” e os fazeres deles decorrentes e; 2- para os modos de subjetivação na processualidade da

---

<sup>15</sup> Parece contraditório ao nosso problema, que se constitui em um entrecruzamento de campos sociais, afirmarmos a especificidade das discussões de campo, num momento em que, como estamos argumentando, os campos se diluem e se transversalizam, abdicando exatamente os aspectos de especificidade. O que queremos deixar claro com a afirmação é que o posicionamento dos profissionais “psi” frente à questão comumente diverge da postura dos *media*, o que gera acirradas discussões que fogem ao nosso alcance, na medida em que elas se pautam em códigos e regularidades singulares a cada um dos campos, aos quais não vamos nos deter.

mediatização. A construção desses processos comunicacionais tentativos que se concretizam nas formas de fazer circular um modo peculiar de escuta e abordagem de questões de foro íntimo nos conduz aos seguintes questionamentos: O que tais agenciamentos estão produzindo em termos de comunicação das práticas “psi”? Quais os sentidos daí emergentes?

A partir disso, somos levados a repensar os insurgentes dispositivos de interação que envolvem os saberes “psi” e os modos que a sociedade inventa tentativamente para se comunicar, na medida em que essas construções híbridas que estamos nomeando dispositivos interacionais “psi” mediatizados, ao fazerem circular saberes e práticas relativos à Psicologia, à Psiquiatria e à Psicanálise, produzem comunicação e, mais especificamente, formas de comunicar características da sociedade em que se encontram. As produções “psi” mediatizadas são criação própria da sociedade em vias de mediatização e sintetizam as experimentações que conduzem a coisas novas, a descobertas, a atualizações, a validações em diferentes contextos, fazendo vivo o conteúdo de nossa investigação e livrando-o de se tornar obsoleto frente à historicidade do mundo.

Aconselhamentos amorosos e comportamentais, soluções de problemas de relacionamento, respostas para conflitos interpessoais e de sexualidade, auxílio no controle das emoções, prescrições de modos de ser e bem-estar, dúvidas sobre condutas e criação de filhos, entre tantos outros fazeres se proliferam resguardados pela legitimidade de um perito “psi” e popularizam os saberes e práticas assim caracterizados, tornando-os acessíveis ao grande público, ao mesmo tempo em que passam a participar da constituição de modos de ser, da produção de subjetividade. Esse tipo de interação que adentra a ambiência midiática marca um deslocamento de objeto e de processos que nos leva a afirmar a existência de uma modalidade de consulta que passa a coexistir com o formato canônico.

Diferente de pensar o deslocamento do profissional perito para a mídia na sociedade dos meios, na sociedade em vias de mediatização tem-se um fazer distinto, uma construção transversal, um agenciamento, uma vez que todos os campos sociais estão expostos aos meios, às tecnologias, etc., e o perito deixa de ser o consultante, deixa de ser um operador. Isso é um fato novo que repercute na constituição de novas práticas e essas, por sua vez, desencadeiam repercussões como a consulta transformada: pelo elenco, pelas apropriações sociais, pelas interações propiciadas, pelos sentidos que a

sociedade confere, levando-a a funcionar segundo outros princípios, outras regras. É essa transformação da consulta que assumimos enfrentar como objeto de estudo.

Ilustrativos da situação interacional que é a consulta transformada são: a coluna “Vida Íntima” do Jornal “O Globo”, de autoria do psiquiatra, psicanalista e literato Alberto Goldin, os modos de interação no circuito psicológico elaborado por Olga Tessari em seu site “Ajudaemocional.com” e a participação consulente dos psicólogos Ildo Rosa da Fonseca e Anahy D’amico no Programa “Casos de Família”, do SBT. Nos três casos pesquisados, nos deparamos com uma prática deambulante que se inscreve no entre-espaço do aconselhamento, da auto-ajuda e da afirmação perita resguardada pela titulação de profissional “psi”. Os mesmos nos levam a problematizar a transformação da prática nesses espaços vigente, chamando-nos a atenção para a especificidade da interação que aí se erige, bem como para os tensionamentos de campo estabelecidos, que vão marcar as singularidades dos campos sociais envolvidos – Psicologia/Psiquiatria/Psicanálise e Comunicação – na atualidade.

Goldin recebe cartas de seus leitores e responde aos conflitos que os afligem. Nas respostas, uma espécie de crônica pautada em significativos referentes do fazer psicanalítico, com acionamentos teóricos e técnicos que, ao mesmo tempo em que o diferem do literato, o aproximam de algumas regularidades canônicas que garantem o marca do psicanalista na coluna. Olga Tessari é autora de um site sobre ajuda psicológica – como ela própria nomeia – que oferta os mais variados serviços: consulta mediada por computador/dispositivos de comunicação à distância, aconselhamento, leituras, palestras, vídeos, participação em programa de rádio e web-tevê, entre tantas outras possibilidades de ajuda psicológica mediada por recursos tecnológicos. Fonseca e D’amico, por sua vez, se apresentam no programa “Casos de Família” como psicólogos responsáveis pela mediação e emissão de parecer perito a respeito dos casos apresentados, sendo suas falas uma espécie de finalização técnica – um misto de prescrição e aconselhamento – dos problemas expostos no dia.

Os três profissionais desenvolvem práticas em ambientes que tensionam a forma tradicional de fazer Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise, embora exemplifiquem abordagens contemporâneas das questões psíquicas frente às quais o próprio conselho profissional da categoria – Conselho Federal de Psicologia – passa a se posicionar. Cabe-nos, diante disso, buscar compreender a produção desses dispositivos de interação que passeiam na interface das questões “psi”, no que se refere aos modos possíveis de interação por eles proporcionados na sociedade contemporânea.

Ao transpor as elaborações próprias à Comunicação, pensando suas afetações e reverberações nos múltiplos espaços de produção de conhecimento e delineamento de práticas contemporâneas a partir de um estudo de interface, embora não figure como novidade, nos parece importante para problematizar a área de conhecimento em questão e assim fazê-la avançar, renovando o olhar direcionado para ela, bem como a forma de estudá-la, na medida em que o balizamento sobre esse processo se desloca do que a Comunicação nos diz sobre ela mesma para o que as incidências da Comunicação nos espaços sociais nos mostram sobre esse campo de saber. Isso se justifica na medida em que concebemos que os processos interacionais, ao mesmo tempo em que nos falam de uma produção socialmente circulante, também caracterizam a Comunicação. Logo, ao assumir como ângulo de entrada na pesquisa em Comunicação o olhar pela interface que produz um tipo distinto – talvez novo – de interação, cremos estar, em grandes linhas, falando das apropriações sociais dos dispositivos e processos interacionais, da produção de modos de ser e das complexas dinâmicas de relação entre a mídia e a sociedade, ou seja, estamos pensando o próprio movimento de midiaticização da sociedade em sua articulação com os processos sociais.

### **3 Dispositivos interacionais “psi” na sociedade em vias de midiaticização: problema de pesquisa**

No intercâmbio entre a mídia e os campos sociais se delinea o cenário descrito, no qual o padrão socialmente partilhado<sup>16</sup> sobre os saberes que se destinam a tratar a dimensão psíquica/subjetiva são afetados pelas reconfigurações que ocasionam o processo de midiaticização da sociedade e assim se flexibilizam e se transformam. Na sociedade em midiaticização, como vimos, os peritos da subjetividade constituem emergentes experiências sociais de produção de circuitos e dispositivos interacionais que colocam em movimento as regularidades próprias ao campo social “psi” e produzem interações de outras ordens.

Frente a isso, a sociedade tentativamente reconstrói suas representações a respeito de tais práticas. Essas representações tentativas são bastante variáveis, mas podemos assumir que congregam em si elementos de identidade e elementos de divergência. São práticas distintas da forma canônica porque se tornam flexíveis em

---

<sup>16</sup> Código

relação ao lugar de emergência, à forma de atuar, ao papel do profissional, à relação terapêutica estabelecida, entre tantos outros elementos. Precisam, contudo, preservar algumas regularidades que permitam serem ainda percebidas como práticas “psi” e assim legitimadas. Esse movimento ambíguo de afastamento e aproximação se organiza em torno da forma como se articulam os elementos constituintes da codificação em foco, o que envolve uma série de variáveis: um sistema de relações que é posto em funcionamento, a experimentação tentativa e processual de dispositivos, o acionamento de alguns códigos e a produção de outros.

Até o momento anterior à acelerada mediação da sociedade, os clássicos dispositivos de interação “psi” puderam ser largamente regulados a partir de conhecimentos e práticas próprios ao seu campo social. Porém, com a mediação crescente, esse campo social – como tantos – passa a ser atravessado por novas circunstâncias que findam por colocar em movimento suas regularidades. Assim, outras interações e outros dispositivos vão sendo tentados, testados, inventados, abandonados, recriados, miscigenados... Como resultado, muitas interações entre os saberes e práticas e o público – dos mais variados tipos que vai desde o leigo ao perito – se processam.

A Psicologia, a Psiquiatria e a Psicanálise construíram, ao longo de sua história, um leque de códigos interacionais tradicionais, no entanto, em cada ambiente em que esses saberes se inserem, dispositivos de interação específicos passam a ser demandados e, conseqüentemente, experimentados. Desse modo, surgem os espaços de experimentações, que culminam em desafios, trazem riscos, produzem tensionamentos para com as realidades e os contextos já estabelecidos e, assim, constroem espaços tentativos, alguns dos quais serão validados, outros continuarão a existir marginalmente, outros ainda serão abandonados em prol de novas tentativas. Uma característica comum a todas essas possibilidades é a ausência de critérios estabelecidos. Outra característica: a abertura ao devir presente no próprio ato de tentar, experimentar, inovar.

Quando os lugares habituais das relações “psi” têm suas fronteiras rompidas e vislumbram a possibilidade de se disseminarem ilimitadamente por entre experimentações é que podem produzir transformações em seus modos de interação característicos. Quais as implicações disso na episteme que produz a ideia de consulta? Ao olhar para alguns lugares onde se processa o drama dessas experimentações, dirigimos tal interrogação, a fim de compreender os deslocamentos nos modos de consulta que envolvem o atravessamento entre questões “psi” e a ambiência midiática, produzindo dispositivos interacionais mediados. Enfrentar essa questão nos conduz a

uma problematização acerca da construção que aprioristicamente estamos assumindo como consulta transformada, buscando compreender as lógicas dessa transformação, suas implicações e os desdobramentos daí decorrentes, com suas afetações nos dispositivos interacionais contemporâneos que fazem a mediação entre os sujeitos, a prática aqui problematizada e os processos sociais.

## PARTE I: TEORIA E MÉTODO

Momento decisivo de um trabalho de pesquisa é o delineamento dos caminhos metodológicos a serem adotados, pois eles são os responsáveis por ditar a trajetória da pesquisa, influem consideravelmente nos produtos a serem alcançados, bem como são tais caminhos que conferem legitimidade e aceitação acadêmica ao que está sendo produzido, especialmente no âmbito das Ciências Humanas, que, ao se ocuparem de fenômenos e processos históricos e sociais, abdicam frequentemente do ideal de testagem e mensuração, pautado na prova científica dos resultados apresentados, como é característico da pesquisa nomotética. Em detrimento dessa diretriz, nossa matriz epistemológica nas Ciências Humanas e Sociais nos permite uma flexibilização da rigidez metodológica das ditas “ciências duras”, levando-nos a desenvolver as estratégias de pesquisa no contato mesmo com a questão a ser investigada. Isso não implica, contudo, menor rigor, já que é esse rigor o responsável por mediar a validação acadêmica do conhecimento produzido. Desse modo, a qualidade de um trabalho acadêmico está diretamente relacionada com a coerência e o rigor metodológico segundo os quais ele foi desenvolvido.

Uma categoria tão proferida quando se trata da produção de conhecimento no âmbito acadêmico, o método muitas vezes figura como um aspecto formal que se constitui como algo obscuro ou incompreensível, da ordem do que é sempre profeciado, deve ser seguido, mas nem sempre sua importância é entendida pelo pesquisador. Para evitar cairmos em situação semelhante – o que acreditamos que traz significativas consequências para o bom andamento da pesquisa – vamos refletir brevemente sobre método, fato que ajuda a atentar para sua importância no direcionamento e desenrolar pertinente de uma pesquisa, bem como melhor nos conduz à construção do nosso próprio método.

A busca por compreender um objeto de pesquisa consiste em um problema de método. Assim, ele assume como objetivo conduzir o pesquisador em seu esforço por produzir conhecimento, refletindo o movimento estabelecido na construção de uma problemática de pesquisa e sua articulação com os objetivos, o acionamento teórico demandado, as perguntas dirigidas ao objeto e o tratamento conferido ao corpus, garantindo coerência interna entre os elementos formalizados que constituem uma pesquisa. Ferreira (2010, p. 2) assim o assume: “[...] método se refere aos percursos do

objeto empírico ao objeto construído e vice-versa”. Em acordo com essa perspectiva, podemos assumir o método como as diferentes estratégias de aproximações demandadas pelo objeto e que resultam no desenho específico da investigação proposta ou, como formula Braga, J.L. (2008b, p.10), como a “lógica das tomadas de decisões na preparação e no desenvolvimento da pesquisa”.

Tais tomadas de decisões sabemos serem particular a cada pesquisa proposta, que se delinea na singularidade entre a tríade situação empírica, bases teóricas e problema de pesquisa. O elo que confere coerência a esses elementos é o método, que se desenvolve a partir do que demanda o objeto eleito e os contornos desejados para a investigação. Construir essa lógica de decisões particular ao nosso estudo, delineando as estratégias que melhor nos permitam circunscrever nosso objeto e caminhar no sentido de alcançar formulações pertinentes a nossa questão de pesquisa é o objetivo deste capítulo. Desse modo, nas páginas seguintes vamos expor o trajeto seguido que nos conduziu a percepções sobre nossa questão diretriz, a saber: “qual a repercussão dos processos de mediação da prática ‘psi’ na episteme que produz a ideia de consulta?”. Apresentamos o método construído, assim como elementos teóricos que nos servem como acionamento metodológico.

## **1 Estratégias metodológicas de observação**

Estratégias metodológicas de observação são os elementos de montagem de uma pesquisa capazes de garantir que ideias inicialmente dispersas e difusas que trazem em si potencialidade de produção de conhecimento sejam sistematizadas e progressivamente deem vida a outras construções explicativas de situações do mundo real. Dizem respeito a uma construção contínua ao longo do desenvolvimento da pesquisa, marcada por progressos e retrocessos que, assumidos em conjunto, contribuem para o avanço de uma proposta, delimitando seu alcance e suas restrições, assim como marcando os encaminhamentos que, passo a passo, vão se fazendo necessários. Por isso, tais estratégias são concebidas como processualidades que caminham paralelamente ao trabalho, traçando seus destinos e garantindo-lhe a sustentação necessária para sua validação na ambiência acadêmica.

Nos tópicos seguintes vamos expor os caminhos e desafios enfrentados ao longo de nosso exercício de doutoramento, bem como as estratégias que assumimos – o

método – para conferir coerência e sustentação às questões que lançamos ao debate e sobre as quais atrevemo-nos a sugerir teorizações. Eles refletem, assim, nosso processo particular de construção de um método de pesquisa que assumiu como principal preocupação garantir a acuidade de escuta e observação dos aspectos próprios do nosso objeto, no que ele demandou e renunciou. Uma estratégia de desenvolvimento de estudo elaborada como primeira – não anterior, já que persiste durante toda a realização da pesquisa – atividade exigida pelo contato com o empírico e constituída no espaço mesmo do contato com esse material. Aspectos formais e algumas subversões aos mesmos pautam os delineamentos assumidos que serão explicitados adiante.

### 1.1 Abordagem de pesquisa

Inicialmente temos que nossa proposta desenha uma pesquisa de abordagem qualitativa, já que se ocupa de um aspecto de realidade dificilmente mensurado quando busca conhecer acontecimentos, invenções, situações, possibilidades e singularidades. Em nossa perspectiva de trabalho, o interesse está em compreender qualidade de processos. Diante disso, acreditamos que somente uma pesquisa de abordagem qualitativa é capaz de nos permitir considerar uma significativa variedade de dispositivos “psi” mediados, bem como os múltiplos processos que a partir deles são gestados, a exemplo das muitas ofertas de referentes de subjetivação e da produção de saberes e práticas “psi”, seja pelos profissionais peritos, pelos populares – leitores – navegadores – telespectadores, pelos próprios dispositivos, etc, que culminam na ideia da consulta transformada.

### 1.2 Caracterização da pesquisa

Dentre os tipos de pesquisa existentes, optamos pela pesquisa empírica que é aquela que convida o pesquisador a voltar seu olhar para acontecimentos de campo, a fim de perceber processos apreendidos do dado empírico para a produção de conhecimento. Essa modalidade de pesquisa, tão cara aos estudos no campo das Ciências da Comunicação é assim definida por Braga, J.L. (2008b, p. 5):

A pesquisa que solicita uma efetiva observação de algum ângulo da realidade, apresentando perguntas sobre aspectos de uma determinada situação ou “objeto” e procurando respostas diretamente através de investigação sistematizada de elementos concretos que compõem o objeto escolhido e construído.

Apesar de nossa pouca familiaridade com estudos empíricos, um primeiro motivo da opção por essa modalidade de pesquisa foi a exigência do Programa de Pós-Graduação no qual estamos inseridos, que prima pela empiria como forma privilegiada de produção de conhecimento comunicacional. Isso se deve, talvez, pelo estado recente e em processualidade de construção do campo que, como ainda não estabelecido, muito recorre a contribuições de outras áreas para compreensão de causas que lhe são próprias. Diante disso, um modo possível de fazer avançar os estudos em Comunicação é o direcionamento do olhar para as situações que fazem o campo funcionar para, a partir delas, produzir teorias específicas ao campo, já que derivadas de empíricos que lhe são próprios.

Além desse fato que envolve nosso compromisso em trazer contribuições para a área a qual nos vinculamos, temos que exigências internas a nossa própria proposta nos conduzem à pesquisa empírica. Não vemos como falar sobre dispositivos interacionais sem chegar aos dispositivos interacionais. Um objeto que se constitui na prática onde adquire existência nos demanda o exercício de descer à prática, tocá-la e por ela nos deixar contaminar como condição maior de entender suas lógicas de funcionamento e o que delas se desenrola. Somente na medida em que adentramos no processo de desenhar um problema de pesquisa, traçar objetivos a serem alcançados, eleger um objeto e a ele dirigir perguntas táticas, percebemos a importância, talvez a indispensabilidade, do confronto com os empíricos. Isso porque somente o contato com a realidade nos permite conhecê-la em sua singularidade, em seus desvios, em suas fraturas, em seus pontos canhestros.

Decidimos por uma pesquisa empírica como demanda do objeto e, após definido esse aspecto, o momento posterior foi de seleção dos observáveis concretos – ou empíricos –, o que respondeu à questão que então se impunha sobre “quais dispositivos interacionais ‘psi’ mediatizados observar?”. A amplitude do objeto de estudo abre espaço para uma grande diversidade de materiais que poderiam ser abordados e, frente a isso, uma difícil decisão foi eleger os observáveis. Em um grande leque de possibilidades, escolhemos o primeiro observável: as colunas de Alberto Goldin semanalmente publicadas no Jornal “O Globo”.

Imediatamente nos encantamos com a escolha, no entanto, toda vez que ensaiamos uma pré-observação, percebemos a existência de uma lacuna que poderia comprometer o alcance e a validade de nossa proposta. Se agenciamentos entre conteúdos “psi” e mídia proliferam desenfreadamente e os dispositivos daí oriundos são inúmeros e singulares, havia incoerência em ambicionar produzir conhecimento tomando como base apenas um exemplar desses dispositivos. Essas questões foram progressivamente conduzindo nossa reflexão ao amadurecimento e desencadeando ajustes em nossas decisões metodológicas. Isso resultou na inclusão de outros observáveis em nosso estudo.

### 1.3 Seleção de materiais para observação

A partir da situação acima referida, inicialmente optamos por quatro observáveis que nos viabilizaram problematizar observações decorrentes do funcionamento na prática dos dispositivos interacionais “psi” midiáticos. Foram eles: 1- as colunas de Alberto Goldin publicadas semanalmente no Jornal “O Globo”; 2- a coluna “Amor” da Revista “Caras”, de autoria partilhada entre profissionais “psi” que variam a cada edição e esporadicamente se repetem; 3- o site “Ajudaemocional.com”, produzido e mantido pela psicóloga Olga Tessari e; 4- as enunciações produzidas na participação diária dos psicólogos Ildo Rosa da Fonseca e Anahy D’amico no Programa “Casos de Família”, exibido diariamente pelo SBT.

Após cartografar vasto material, selecionamos quatro observáveis que retratam saberes “psi” midiáticos como estratégia para garantir a diversidade de espaços, de interações, de processos, de profissionais e de público. No entanto, a quantidade de observáveis eleitos não foi aleatória. Bem poderiam ser dois ou cinco, mais ou menos... Como outro aspecto aliado à diversidade, procuramos escolher dispositivos interacionais midiáticos do âmbito “psi” que se posicionassem de diferentes modos frente ao saber e à prática “psi” canônica. Assim, selecionamos exemplares que, à primeira vista, – essa percepção progressivamente se modificou ao longo da pesquisa – variavam em uma escala capaz de abranger desde uma postura tentativa ainda bastante conservadora em relação às prescrições canônicas – como é caso do dispositivo tessariano – até fazeres ensaísticos pouco preocupados com entorses no fazer “psi” – como nos pareceu a participação dos psicólogos no Programa “Casos de Família”.

Outro critério de escolha foi ainda a circulação e o alcance público do material eleito. O site de Olga Tessari foi o pioneiro na oferta de serviços psicológicos de sua amplitude na rede e os outros três exemplares estão inseridos em veículos midiáticos de grande circulação e reconhecimento local e/ou nacional. Com isso, acreditamos que alcançamos possibilidades vastas de interações, garantindo assim expressividade nos resultados que levaram à produção de teorias sobre os objetos da pesquisa.

Quanto aos critérios de seleção do material, fizemos um recorte por data: de janeiro de 2010 a dezembro 2012. De início esse recorte parecia muito vasto, na medida em que uma publicação semanal – como a coluna “Amor” e os escritos de Goldin – ou diária – tal qual o Programa “Casos de Família” – produz uma grande quantidade de material no período de dois anos. Ressalvamos, contudo, que para todo esse material – todos as colunas, programas e atualizações do site – lançamos um olhar de pré-observação apenas. O trabalho analítico-descritivo se voltou para a processualidade e para a diversidade que compõem os dispositivos em estudo. Tão logo elas foram alcançadas, suas lógicas básicas de funcionamento e regularidades encontradas, atestamos a suficiência dos empíricos para nos garantir boa qualidade inferencial, ou seja, após um primeiro olhar à totalidade do corpus, apenas os exemplares mais representativos foram considerados.

No curso da observação, contudo, uma modificação nos observáveis foi realizada, ilustrando uma importante característica do método em pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais, que diz respeito ao fato dele se constituir como um processo em aberto, que deve estar flexível às alterações demandadas ao longo do desenrolar do estudo, como forma de garantir o andamento mesmo da pesquisa em direção ao alcance de percepções sobre o problema lançado, ao invés de engessá-la em um rigor que pouco traria de contribuição. Estou me referindo à percepção que se impôs de que a coluna “Amor” da Revista “Caras”, embora se constituindo como um dispositivos interacional “psi” midiático, divergia da nossa proposta de estudo, na medida em que não era representativa de um fazer consulta no âmbito da midiática. Frente a isso, optamos por reduzir nossos observáveis a três, mantendo a coluna “Amor” como um eventual contraponto que auxilia na compreensão do objeto.

Além dos observáveis eleitos para estudo de caso, algumas outras produções foram eventualmente analisadas, a fim de possibilitar uma melhor compreensão dos dispositivos em questão ou por lhe serem complementares, como foi o caso da *web page* do Programa “Casos de Família” e outros sites por onde circulam as enunciações

psicológicas gestadas no espaço do programa, ou ainda por possibilitarem algum contraponto produtivo à circunscrição do objeto.

Julgamos ainda enriquecedor ao estudo a realização de entrevistas com os profissionais que gestaram os dispositivos estudados. Fizemos contato por e-mail com três profissionais atuantes nos dispositivos em estudo, a saber: Alberto Goldin, Olga Tessari e Anahy D'amico. Não intentamos entrevistar Ildo Rosa da Fonseca pelo tempo em que ele já se encontra afastado do Programa “Casos de Família” e por considerarmos que a fala de D'amico seria suficiente aos nossos fins. Dos três profissionais contatados, inicialmente Goldin e Tessari mostraram disponibilidade em contribuir com a pesquisa. D'amico não retornou o contato. No momento das entrevistas, Goldin aceitou responder por e-mail e Tessari não atendeu mais às solicitações. Embora disponível para contribuir, Goldin optou por respostas curtas e pouco desenvolvidas sobre os pontos que lhe foram questionados<sup>17</sup>.

#### 1.4 Estratégias de observação

O alcance de processualidades e singularidades, como afirmado acima, sem dependência estrita de uma exaustiva quantidade de exemplares, é característica da pesquisa qualitativa, que já afirmamos como nossa escolha. Nessa perspectiva, optamos como forma de observação do material empírico pelo estudo de casos, pelo detalhamento de indícios, relevância das informações e alcance de especificidades que ele pode nos permitir. O estudo de casos, muito comum às recentes pesquisas em Ciências Sociais, no âmbito da pesquisa em Comunicação, tem tradicionalmente se prestado à produção de conhecimento, a partir da análise de fenômenos singulares. Como argumenta Braga, J.L. (2008b, p. 77), o estudo de caso pode ser direcionado a pelo menos quatro finalidades articuladas. São elas:

- a) gerar conhecimento rigoroso e diversificado sobre uma pluralidade de fenômenos que são intuitivamente percebidos como de interesse para a área (o conhecimento dos casos em si);
- b) assegurar elementos de articulação e tensionamento entre situações de realidade e proposições abstratas abrangentes prévias (situações particulares *versus* conhecimento estabelecido);
- c) pela lógica própria dos processos indiciários, gerar proposições de crescente abstração *a partir de realidades concretas*;

---

<sup>17</sup> Em anexo, a entrevista completa com Alberto Goldin.

d) caracterizar-se como âmbito de maior probabilidade de sucesso no “desentranhamento” de questões comunicacionais diretamente relacionadas ao fenômeno “em sociedade”.

Importante estratégia de produção de conhecimento a partir da especificidade de determinado fenômeno social, o que pode ser apreendido com o estudo de caso, contudo, não é direta e imediatamente generalizável. Eis uma das razões pelas quais escutamos nosso problema de pesquisa demandar um conjunto de observáveis, que nos leva a um tipo particular do estudo de caso que é o estudo de casos múltiplos. Essa modalidade tem como base os pressupostos método-epistemológicos do estudo de caso, no entanto, aponta para as incompletudes constatadas por um recorte singular da realidade. Desse modo, se pauta pela busca de percepções distintas capazes de pautar um parecer sobre determinado aspecto da situação. Embora não resolva a questão da incompletude, que é própria ao processo mesmo de produção de conhecimento, abre a possibilidade de observação de pontos de fraturas e aspectos transversais entre diferentes situações que compõem um conjunto de observáveis – e, por isso, apresentam algum aspecto comum.

O estudo de casos múltiplos, quando nos possibilita a apreensão de especificidades lógicas de construção de diferentes singularidades características de cada caso, enriquece o universo de teorização advinda do objeto selecionado para estudo, ao mesmo tempo em que desconstrói a perspectiva de generalização, problemática por potencialmente conduzir a conclusões precipitadas ou generalistas de eventos sociais. Como afirma Braga (2006, p. 84):

Quando temos um número de casos bem compreendidos, podemos então *construir* conceitualmente outro patamar e que os diferentes objetos, mantendo suas especificidades, podem, entretanto ser considerados variantes de um padrão mais geral de funcionamento, o que é bastante diferente do gesto de “generalizar”.

Com base nas percepções expostas, pautamos a construção de nosso estudo de casos múltiplos como a mais adequada tática encontrada para nos conduzir aos objetivos que vislumbramos, em acordo com os ângulos de entrada no mesmo, que precisaram contemplar: 1- as variedades de experiências de dispositivos interacionais “psi” mediados; 2- as lógicas interacionais neles produzidas; 3- a constituição de demandas e o conseqüente direcionamento das mesmas como característica constituinte das interações e; 4- os processos tentativos daí decorrentes. Esses ângulos foram

observados nos espaços de tensionamento internos a cada caso, assim como nos enfrentamentos transversais entre as lógicas apreendidas de cada dispositivo particular.

### 1.5 Procedimento de análise do material empírico

Novamente aqui buscamos retomar os objetivos do trabalho, utilizando-os como diretriz no tratamento conferido ao material selecionado, o que nos levou, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, a definições e redefinições. Inicialmente a dúvida decorrente do estudo de casos múltiplos sobre submeter ou não os dados ao mesmo tratamento, buscando, assim, construir padrões de dados. Imediatamente percebemos que isso não era o que demandava nosso objeto. Assim, optamos por submeter os três casos em análise aos mesmos ângulos de entrada, o que já nos parecia suficiente para caracterizar a unidade do estudo. Porém, as perguntas táticas dirigidas a cada caso foram variadas, pois cada um deles demandava questões particulares e, para compreendê-los em suas singularidades, fez-se necessário trabalhar com as perguntas demandadas por cada observável.

Diferente do que pode parecer à primeira vista, isso não reflete uma dispersão metodológica. Contrariamente, evidencia a consonância entre a problemática, os objetivos e as estratégias relativas ao método, na medida em que, somente assim, conseguimos garantir o alcance das singularidades necessárias para a compreensão transversal da construção do dispositivo interacional que estamos denominando consulta transformada. Somente o primar pelas particularidades advindas de cada observável foi capaz de orientar a busca por percepções acerca do nosso problema, sem enquadrar previamente os observáveis em redomas pré-fixadas que resultariam no risco grande de solapar as diversidades e ocultar os pontos de fraturas e insuficiências tão caros a nosso estudo. Desse modo, percebemos que a busca por qualquer modalidade de padrões de dados pouco poderia contribuir para o entendimento das lógicas de construção e funcionamento dos dispositivos analisados.

A partir dessa percepção, assumimos como maior preocupação analítica o cuidado em garantir o aparecimento das lógicas variadas capazes de basear as comparações e os contrapontos, conduzindo, assim, a uma aproximação fidedigna à complexidade do objeto. Daí, o desenho analítico de leitura caso a caso com o olhar voltado à lógica das heterogeneidades que sustenta cada um. Desse modo, na leitura do caso particular buscamos perceber as lógicas básicas de funcionamento, o caráter

tentativo e experimental e os elementos de dispersão do dispositivo. Os passos foram a descrição sistemática do dispositivo, um levantamento de indícios, a análise dos processos tentados e o ensaio em cartografar as singularidades produzidas e/ou possibilitadas. Como diretrizes no tensionamento dos observáveis, quatro pontos foram seguidos: 1- a recuperação das lógicas constituintes da ante-sala do dispositivo; 2- a constituição de público; 3- as regularidades presentes em cada um dos dispositivos e; 4- o funcionamento do dispositivo na sociedade em vias de midiatização. Esses quatro pontos permitiram um movimento analítico-compreensivo capaz de alcançar as lógicas implícitas na construção dos próprios dispositivos, o dispositivo mesmo em sua singularidade e ainda os elementos e processos que escapam à constituição do dispositivo.

A partir das produções decorrentes do tensionamento caso a caso dos dispositivos, construímos um olhar transversal – não generalizante – que foi responsável pela teoria resultante do objeto a qual acreditamos termos chegado ao final das análises. Essa leitura transversal recuperou a caracterização das ante-salas e o contraponto entre os formatos, destacando o estabelecimento de interfaces, a centralidade da mídia e o processo resultante das interações pautadas nesses elementos, que cremos ser a consulta transformada. Com base nesses procedimentos, chegamos aos lugares onde se passam os atrevimentos da experimentação e então retomamos o problema que direcionou todo esse trajeto metodológico, a saber: “qual a repercussão das transformações observadas na episteme que produz a ideia da consulta?”

## **2 Elementos teórico-metodológicos para a construção de um pensamento analítico**

De diferentes modos as teorias podem ser úteis a uma produção de pesquisa. Braga, J.L. (2008b) aponta duas importantes funções das teorias em um trabalho de doutoramento: 1- a teoria como acionamento metodológico; e 2- a teoria produzida pela pesquisa. A respeito da primeira função, o autor a esclarece a partir de dois ângulos, o primeiro, a “teoria como reflexões que ajudam a *construir um problema de pesquisa* – a selecionar pertinências, a perceber relações entre as coisas (e entre as coisas e os conceitos)” (BRAGA, J.L., 2008b, p. 17), e o segundo em referência à “teoria como conjunto de conceitos que dão apoio *ao trabalho de observar sistematicamente um objeto*, de direcionar as perspectivas para interrogá-los” (ibid, p. 17).

Como base de problematização do objeto e apoio à observação sistemática, nos valem dos aportes teóricos sobre a mediação e os dispositivos interacionais, acionando-os, desse modo, como aparato metodológico para o desenvolvimento de nossa proposta. Por esse motivo, o capítulo que aqui se desenvolve se configura como teórico-metodológico, pois além de definir estratégias de condução dos rumos da pesquisa, também desenvolve conceitos, a partir de teorias já estabelecidas, que nos permite chegar ao nosso objeto e tensioná-lo. O esforço reflexivo-metodológico sobre o mesmo nos conduziu a perceber determinadas teorias que se interessaram pelo nosso objeto e os ângulos diferenciais que elas tinham a ofertar. Desse modo, como construções de suporte ao método, funcionaram como base para o tensionamento produtivo tanto do objeto quanto das teorias já estabelecidas que poderiam dizer sobre nosso objeto, levando-nos prioritariamente a escutá-lo enquanto fonte de produção de conhecimento e, em seguida, ao alcance da segunda função enunciada por Braga, J.L. (2008b), ou seja, à produção de uma teoria específica do objeto.

Para chegar a esse fruto da pesquisa, contudo, não nos valem somente dos escritos sobre mediação e dispositivos interacionais. Outra considerável variedade de produções científicas estabelecidas também foram acionadas, revisadas e problematizadas a partir de ângulos temáticos, teóricos, metodológicos e analógicos que puderam contribuir para o entendimento do que definimos pesquisar, bem como para a elaboração de considerações a partir de nossa questão de pesquisa. As teorias acionadas para leitura de objeto foram discutidas ao longo dos capítulos de análise (capítulos terceiro, quarto e quinto), na medida em que foram referidas e demandadas. Neste momento, somente nos ocupamos de expor conceitos e construtos enodados no desenho de nossa proposta de estudo, que aqui se fizeram relevante para a própria definição do que a pesquisa abordou.

## 2.1 A sociedade em mediação

Compreender a figuração da sociedade contemporânea como uma sociedade mediada ou em acelerado processo de mediação (FAUSTO NETO, 2005; 2006) se faz basilar para a nossa proposta de estudo, na medida em que, como já afirmamos, nos interessa pensar os dispositivos interacionais que envolvem processos “psi” no contexto de tal sociedade. Assim, neste momento levantaremos questões em torno da

mediatização que desembocam na constituição dos dispositivos mediatizados para abordar nosso objeto de pesquisa, que advém à existência em tal contexto. A construção de entendimento teórico sobre a mediatização, assim como de um conceito de dispositivo, é basilar ao nosso estudo, na medida em que são essas categorias, como afirmado anteriormente, que nos permitem construir nossa problematização e direcionam a observação sistemática do objeto.

Diferentes momentos pautam a existência da mídia na sociedade e em cada um deles tal instância é concebida e se articula de forma distinta com os múltiplos processos sociais. É assim que encontramos na cronologia dessa relação desde uma sociedade dos meios, passando pela relevância das mediações e alcançando – ou caminhando para – o status de sociedade mediatizada. Não é central a nossa pesquisa um levantamento histórico de cada um dos momentos supracitados, mas como intentamos alcançar os deslocamentos estabelecidos até o momento atual da mediatização, situaremos brevemente o leitor na linha de transformações da sociedade dos meios à sociedade em acelerado processo de mediatização.

Como expusemos brevemente na introdução, em um primeiro momento – sociedade dos meios – temos os meios idealizados em sua instrumentalidade, o espaço social da mídia circunscrito a dispositivos como a indústria cultural e/ou a inovação tecnológica e a relação da sociedade com tal veículo concebida de modo polarizado. As mídias, como assume Fausto Neto (2008, p. 93), apresentam uma relativa autonomia frente à existência dos demais campos sociais, que figuram independentes, coexistem e se articulam a partir de espaços fronteirizos, ou seja, lugares de encontro que não oferecem riscos a suas mútuas constituições relativamente autônomas. Porém, à medida que a mídia vai povoando os espaços fronteirizos, passa a se expandir, extrapolando limites até então bem estabelecidos e criando outros modos de se relacionar com tais campos hipoteticamente preservados. Nesse momento, se intercala entre os sujeitos e suas ações em modo diferenciado com relação às demais mediações historicamente constituídas. Assume então um lugar *sui-generis* de elemento de mediação e marca o início de um complexo processo de atravessamento dos campos sociais pela instância midiática, porém pautado na mídia como organizadora dos campos. Observa-se importante deslocamento quando os campos sociais se mediatizam, no entanto, ainda estamos a meio caminho do que hoje nomeamos mediatização.

O atravessamento dos campos sociais, como discorre Braga (2012), se constitui em uma consequência significativa da mediatização. Além da ideia do autor, pensamos

ser tais atravessamentos – que optarei chamar de agenciamentos entre campos – condição fundante da própria midiaticização, ao passo que, quando falamos em midiaticização, assumimos como pressuposto que os então processos de mediação exercidos pelos meios – enquanto indústria cultural – perdem sua centralidade. O desenho social dos campos se redefine quando as fronteiras progressivamente se nudificam em prol das sobreposições. Tentemos entender esse deslocamento através de uma analogia gráfica. Pensemos em um conjunto de espaços circulares – os campos – que se encontram em faces de intercessão. Segundo as ideias vigentes na década de 1990, a exemplo da perspectiva de Adriano Rodrigues, tais interfaces seriam os espaços dialógicos ou fronteiriços entre os campos e a mídia funcionaria como articuladora dessas intercessões.

No entanto, os espaços circulares se encontram em movimento, ao mesmo tempo, também o elo organizador entre eles flui. Esse fato atualiza as próprias compreensões até então vigentes, na medida em que temos o movimento da história sócio-cultural produzindo fluxos que deslocam os campos continuamente, de modo que chega um momento em que vários campos passam a ocupar lugares sobrepostos, constituindo uma espécie de mosaico, no qual se torna difícil discernir as especificidades de cada um. Nesse movimento, aqueles “microcosmos relativamente autônomos” narrados por Bourdieu (2003) se diluem em uma emergente ambiência, constituindo assim outros *locus* de intercâmbio da sociedade com ela mesma, que podemos nomear “*bios* midiático” (SODRÉ, 2002). Nele, a mídia, que até então figurava como mediadora dos campos estabelecidos, ressurgue agora nas interações formadas com as práticas sociais, com dinâmicas sócio-culturais a partir das quais resultam complexos sentidos emergentes<sup>18</sup>.

Como bem explicita Ferreira (2010), vemos assim se constituir uma matriz de midiaticização, que é composta por três elementos, a saber: os dispositivos midiáticos<sup>19</sup>, os processos sociais e os processos comunicacionais. A midiaticização, segundo o autor,

---

<sup>18</sup> Sodré concebe um determinismo tecnológico nos processos de midiaticização, diferentemente da perspectiva por nós assumida, em consonância com autores como Fausto Neto e José Luiz Braga.

<sup>19</sup> Ao se referir a “dispositivos midiáticos”, Ferreira (2010) pontua um ângulo do dispositivo distinto do que estamos assumindo ao longo de nosso texto. O autor assume uma perspectiva pautada na ênfase conferida aos aparatos e suas tecno-lógicas pontuais. Por outro lado, em conformidade com os autores que assumimos como referência para conceituar “dispositivo”, pensamos este assumindo como foco as interações possibilitadas. Desse modo, nossa ideia de dispositivo se pauta nos sistemas de interações que se estabelecem, buscando as lógicas específicas desses processos. Enquanto “dispositivo midiático” aponta para elementos sócio-técnicos como “jornal”, “site”, “blog”, etc., “dispositivo interacional” expressa tipos de relações interacionais que tentam se estabelecer, a exemplo de “interação psicológica”, “debate”, “processos colaborativos”, etc.

se configura quando os dispositivos midiáticos passam a ter incidência nos processos sociais e nos processos de comunicação que emergem dos acoplamentos, defasagens, interpenetrações entre processos de interação, de linguagem, a técnica e a tecnologia. É o que ocorre quando a técnica, ao se interpor entre os indivíduos em interação, produz uma redefinição nos modos de interação/comunicação entre eles. Assistimos, dessa forma, à transposição da centralidade para as interações, no seio das quais a sociedade inventa continuamente usos para a mídia. Todas as áreas e setores menos institucionalizados da sociedade passam a desenvolver, tal qual esclarece Braga (2012), práticas e reflexões sobre suas interações com outras áreas, experimentando e desenvolvendo circuitos interacionais em acordo com suas perspectivas e interesses.

Segundo essa lógica, o que passa a interessar não é mais buscar a “pureza” dos campos sociais, mas alcançar as particularidades constituintes dos espaços de campos transversalizados. Nesse sentido, direcionar o olhar para as interações se faz mister, pois elas são reflexo dos agenciamentos entre a mídia e os diversos campos sociais. A partir da formação dos agenciamentos, temos que não é só a mídia que é reinventada socialmente ou ainda responsável pela midiatização da sociedade, mas, na emergente lógica interacional, também os campos e processos sociais se reconstróem constantemente e igualmente respondem pela midiatização, cada um com sua incidência específica. A esse respeito, Braga (2012, p. 12) se pronuncia:

Ao experimentarem práticas mediáticas, ao se inscreverem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos mediatizados, ao darem sentidos específicos ao que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da mediatização.

Observamos nesse movimento outros modos de produção e circulação de sentidos sociais, que então se formulam fluindo continuamente em processos de experimentações e indeterminações, como prossegue o autor:

As mudanças decorrentes de processos de interação ‘em mediatização’ modificam (e modificarão crescentemente) o perfil, os sentidos e os modos de ação dos campos sociais; que outros campos se desenvolvem; e sobretudo que os modos de interação entre os campos sociais e entre cada um deles e a sociedade ao largo continuarão a se modificar (BRAGA, 2012, p. 14).

É assim que os circuitos contemporaneamente vigentes na prática social ganham forma e os campos sociais que anteriormente podiam interagir com vários outros campos sociais segundo suas lógicas particulares e transações de fronteiras se transformam em peças elementares de múltiplos circuitos, circuitos esses que, ainda conforme Braga (2012, p. 14), “envolvem momentos dialógicos, momentos ‘especializados’; momentos solitários (o mundo circula em nosso *self*) e momentos tecno-distanciados, difusos”. Ramifica-se dessa reconfiguração o fato de que, nos agenciamentos estabelecidos quando da composição de circuitos, os campos sociais passam a interagir com ambientes externos a suas lógicas canônicas, produzindo assim emergentes processos e outras lógicas, próprios da midiatização. É quando a sociedade se vê progressivamente funcionando em um jogo pautado por essas lógicas e processos insurgentes que podemos dizer que se encontra em vias de midiatização; quando se torna possível vislumbrar a conversão apontada por Fausto Neto (2008, p. 93) da cultura midiática “[...] na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade”.

Não é que a mídia tenha ascendido à cena na sociedade em midiatização, mas nessa sociedade, ela passa a ocupar um lugar até então desconhecido na enunciação – seja ela discursiva ou não discursiva, como entenderemos adiante com o conceito de dispositivos. Os ambientes próprios à produção de saber, à interação e ao desenvolvimento de incontáveis práticas sociais progressivamente se redefinem quando o elemento midiático ganha relevância. A escola deixa de ser o lugar prioritário de aquisição de conhecimento, os espaços públicos de conhecer pessoas, o *tête-à-tête* de interação, a clínica de consultas, a igreja de exercício da fé... Todas essas atividades sociais se fazem disponíveis em um ambiente integrador – embora também por vezes dispersivo ou tensionador – que é a mídia. Ressalvo, contudo, o termo integrador.

Em um primeiro olhar, a ideia de integração pode sugerir um solapar das tensões e diferenças, um arranjo pacífico entre campos, domínios, disciplinas, saberes, ordenações, etc. Uma arrumação em espaço comum de realidades a priori distintas. Não é isso que queremos expressar com o conceito. Como traz o dicionário Aurélio (INTEGRADOR, 1992, p.370), integrar diz respeito a: 1- tornar inteiro ou cabal; 2- possuir em sua constituição ou formação; 3- tornar parte de um conjunto ou de um

grupo; 4- adaptar; combinar. Se queremos pensar a mídia<sup>20</sup> como ambiente integrador, precisamos partir da concepção do dicionário e assumi-la como parte de um emergente conjunto – os circuitos interacionais –, um elemento da combinação, uma peça constituinte, capaz de tornar inteiro. Assim, temos que, na lógica da midiatização, mídia e campos sociais; mídia e dispositivos interacionais; mídia e processos comunicacionais são elementos complementares. Mais além, somente o podem ser se assumidos na tensão, no embate de forças, nos desacordos com os outros elementos – e aqui aparece o elemento tensionador e/ou o elemento dispersivo.

Não sem contestação a mídia figura no espaço da Educação, da Religião, da Política, da Medicina, da Psicologia, das inúmeras produções culturais e históricas de uma sociedade. E talvez seja na fratura da contestação que encontremos a riqueza das ditas novas produções midiatizadas. É como resultado desses fluxos e deslocamentos que a mídia assume o lugar de processualidade interacional de referência (BRAGA, 2006). Assim como a cultura escrita atuou durante longo tempo como instância organizadora de setores da vida, assistimos, segundo Braga (2006), a um conjunto de reformulações sócio-tecnológicas de passagem dos processos midiáticos à condição de processualidade de referência. Nessa acepção, temos que o agenciamento dos diversos campos sociais com a mídia conduz a sociedade à experimentação de outros modos de interagir, à constituição de práticas insurgentes, ao estabelecimento de diferentes processos comunicacionais gestores de matrizes sociais que movimentam os sentidos, atribuindo-lhes forma, substância e direcionamento. A essas matrizes, Braga (2011b) propõe chamar “dispositivos interacionais”.

## 2.2 Do conceito de dispositivo aos dispositivos interacionais

Os dispositivos interacionais, conforme argumenta Braga (2011b), se configuram como o ponto no qual se torna possível a ocorrência do fenômeno comunicacional, ou seja, nesse elemento se aglutina “o lugar” comum da diversidade de elementos passíveis de constituir um espaço nomeado “Comunicação”. O campo da Comunicação, como sabido, se caracteriza pela diversidade de objetos e a inexistência de uma abrangência teórica unificadora do campo – assim como outras Ciências sociais

---

<sup>20</sup> Ao nos referirmos à mídia, estamos remetendo aos dispositivos midiáticos que condensam a ideia de “canal” e de “processos”.

e humanas – e uma questão constantemente em pauta é: “o que situa um estudo e especifica um objeto como próprio da Comunicação?”.

Como uma tentativa de resposta, Braga (2011a), em texto intitulado “Dispositivos interacionais”, propõe que os fenômenos comunicacionais se realizam nos múltiplos espaços de interação entre pessoas e/ou grupos e tais interações frequentemente são tomadas a partir dos processos sociais mais amplos no seio dos quais se situam e se desenvolvem. Desse modo, podemos inferir que o lugar privilegiado de observação do comunicacional são os dispositivos interacionais. Nas palavras do autor:

O episódio comunicacional, que é a comunicação concreta, se desenvolve no âmbito dos ‘dispositivos interacionais’, produzidos nas circunstâncias históricas e acionáveis nos contextos específicos dos participantes. (BRAGA, 2011a, p. 6).

Sabido então que é no espaço dos dispositivos interacionais que os fenômenos se instituem como comunicacionais, precisamos agora entender o que é um dispositivo interacional. Nessa tarefa, o autor nos faz avançar, porém, antes disso, cremos que para compreender o que é um dispositivo interacional, precisamos começar por conceituar “dispositivo”. Para tal, solicitamos auxílio de dois importantes interlocutores: Michel Foucault e Giorgio Agamben. Começamos por Foucault, que ao longo de sua obra se absteve de um parecer conceitual sobre “dispositivo”, porém fez algo semelhante quando, em 1977, por ocasião de uma entrevista, assim se pronunciou:

O que trato de indicar por este nome é, em primeiro lugar, um conjunto razoavelmente heterogêneo que inclui discursos, instituições, instalações arquitetônicas, decisões regulamentais, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, brevemente, o dito e também o não dito, estes são os elementos do dispositivo. O dispositivo mesmo é a rede que se estabelece entre estes elementos. (FOUCAULT, 2001, p. 299).

Prossegue Foucault (ibid, p. 299):

Por dispositivo, entendo uma espécie – digamos – de formação que teve por função maior responder a uma emergência em determinado momento. O dispositivo tem pois uma função estratégica dominante. O dispositivo está sempre inscrito em um jogo de verdade.

Partindo da discussão foucaultiana em texto enunciado como “*Che cos'è un dispositivo?*”, Giorgio Agamben (2006) situa conceitualmente o dispositivo na obra de Foucault e ultrapassa sua compreensão, englobando novos elementos. Com referência nas palavras acima citadas, Agamben identifica três pontos presentes na ideia de dispositivo. No primeiro, encontramos: “é um conjunto heterogêneo que inclui virtualmente qualquer coisa, o linguístico e o não-linguístico, no mesmo enunciado [...]. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre estes elementos” (AGAMBEN, 2006, p. 1, tradução nossa). Temos aqui expresso o elemento articulador constituinte do dispositivo, uma espécie de tessitura que exatamente nas entrelinhas advém à existência. Dispositivo não é a coisa, mas o que se cria no tensionamento entre as coisas, no espaço de relação entre elas – sejam elas ditas ou não ditas.

Em seguida (ponto dois): “o dispositivo sempre tem uma função estratégica concreta e sempre se inscreve numa relação de poder” (ibid, p. 1, tradução nossa). Aqui contextualizamos o interesse foucaultiano pelos dispositivos disciplinares e as relações de poder que são parte do objeto de estudo do pensador. Nesse ponto ainda, gostaríamos de fazer uma ressalva. Não sabemos se diz respeito à questão de tradução ou apenas a jogo de palavras, mas nos chama atenção a ênfase conferida ao “sempre” (dispositivo **sempre** tem uma função estratégica concreta e **sempre** se inscreve numa relação de poder). O termo nos parece contradizente com a recusa foucaultiana para com as estruturas e a implicância do autor em retomar a datação histórica dos acontecimentos.

Assim, pensamos os dispositivos com função estratégica concreta e inscrito em relações de poder nas sociedades disciplinares. Isso não quer dizer, contudo, que tal figuração conferida não possa ser manifesta na sociedade contemporânea, mas pensamos ser imprescindível retirar o peso do “sempre”, pois no contexto da mediação, isso pode sim incidir, no entanto, quando ocorre, precisamos inicialmente atentar para as heranças disciplinares ainda organizadoras da sociedade midiática. Os jogos de poder não se desconstruíram, mas efetivamente se reconfiguraram e não é elemento secundário atentar para o entre-espaço desconstrução x reconstrução. Como se reconfiguram as relações de poder nas sociedades em mediação? Somente atentando para essa premissa cremos ser possível inscrever o dispositivo em relações de poder.

Ainda sobre esse segundo ponto, Agamben (2006) se manifesta a respeito da recusa epistemológica às estruturas e sua relação com o conceito de dispositivo. Embora o autor reconheça a oposição de Foucault aos universais, às estruturas, defende que o dispositivo aparece na teoria foucaultiana como um conceito operativo de caráter geral

e, como tal, finda por assumir um status que o pensador define criticamente como “universais”. Enfatizemos então o caráter operativo do conceito, nos abstendo, contudo, do debate reflexivo proposto por Agamben. Passemos para o terceiro ponto: o dispositivo “[...] é algo geral, uma rede, porque inclui em si a episteme, que é, para Foucault, aquilo que em determinada sociedade permite distinguir o que é aceito como enunciado científico do que não é científico” (AGAMBEN, 2006, p. 1, tradução nossa). Sobre esse ponto, articularemos comentários posteriormente, na medida em que formos avançando em nossa compreensão dos dispositivos, passando pela constituição dos dispositivos interacionais e chegando à localização do nosso objeto no seio de um problema da Comunicação, quando ele parece se inserir na lógica dos dispositivos interacionais.

A partir do que debatemos até o momento sobre o conceito foucaultiano de dispositivo, podemos considerar, em acordo com Agamben, que o autor assume dispositivo como:

[...] a disposição de uma série de práticas e de mecanismos – conjuntamente linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares – com o objetivo de fazer frente a uma urgência e conseguir um efeito. (ibid, p. 3, tradução nossa).

Com isso, Foucault entende o termo como em referência aos espaços em que se processam as relações institucionais, de poder e de subjetivação e que imprime funcionamento à realidade. Os dispositivos disciplinares fazem funcionar a sociedade moderna, assume Foucault. Porém, não só a noção de disciplina compõe o dispositivo. Dessa noção, inclusive, intentamos nos afastar para nos lançarmos em nossa questão de estudo. Agamben (2006) nos ajuda nesse movimento quando ressitua o termo nos escritos dos padres latinos e amplia seu significado.

Como apresenta o autor, nesses escritos, o dispositivo representa uma fratura e, ao mesmo tempo, uma articulação, na metáfora divina, entre o ser e a práxis, a natureza ou essência de Deus e o modo como ele administra e governa o mundo dos humanos. A terminologia faz referência a “um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições, cujo objetivo é administrar, governar, controlar e orientar, em um sentido que se põe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamentos dos homens” (AGAMBEN, 2006, p. 3, tradução nossa). Disso decorre a formulação agambeniana de

um novo conceito de dispositivo: “Qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (ibid, p. 4, tradução nossa).

Como o próprio autor identifica, há aí uma bipolaridade: de um lado os seres vivos ou as substâncias, de outro os dispositivos. Entre os dois, como elo de articulação: os sujeitos. E assim contextualiza Agamben (ibid, p.4, tradução nossa): “[...] chamo sujeito o que resulta da relação ou, por assim dizer, do corpo a corpo entre os vivos e os aparatos”. Deixemos o sujeito temporariamente em suspenso e prossigamos no pólo dos dispositivos.

Uma característica do momento atual da sociedade capitalista em que vivemos, discorre o autor em questão, é a imensa acumulação e proliferação de dispositivos. Não há um só instante da nossa vida que não esteja controlado, modelado ou contaminado por algum dispositivo, assume Agamben (ibid, p.4, tradução nossa), que prossegue afirmando:

[...] os dispositivos não são um acidente em que os homens tenham caído por causalidade, e sim que tem sua raiz no mesmo processo de ‘humanização’ que tem feito humanos aos animais que classificamos com a etiqueta de homo sapiens.

Dentre os incontáveis dispositivos que nos atravessam e que atravessamos, nos interessa, no contexto da sociedade em processo de mediação, os dispositivos interacionais. Isso porque cremos – juntamente com Braga (2011a) – serem eles o ambiente privilegiado de alcance dos fenômenos comunicacionais. Para conceituar dispositivos interacionais, Braga (2011a) elege alguns aspectos que merecem ser considerados. Inicialmente eles precisam ser pensados como uma reunião de aspectos heterogêneos que se articulam em determinado processo social. Assim, contém elementos de codificação, de circunstâncias, de inferências, técnicos, culturais, institucionais e comunicacionais, com incidências e relevâncias variadas. Em seguida, o autor enfatiza sua ordem prática organizativa, na medida em que, em oposição a qualquer natureza estrutural, o dispositivo existe em e por sua funcionalidade. Isso, conforme o autor, resgata seu caráter de historicidade. Frente a tais pontuações, podemos momentaneamente inferir que dispositivo interacional diz respeito à totalidade de elementos que envolvem a interação, funcionando como espaço de possibilidade de

advir à própria interação, nas suas mais variáveis e tentativas formas assumidas. Nas palavras de Braga (2011a, p. 11), temos:

Dispositivos de interação são espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais.

Nessa perspectiva, vemos que, como um sistema de relações socialmente produzidas, um dispositivo interacional – diferentemente da perspectiva foucaultiana, segundo a qual a disciplina opera como mecanismo de circunscrição, especialmente nas sociedades disciplinares – pode se configurar como um espaço amplo e aberto, ressaltado por seu aspecto de rede de relações, de conjunto de construções de sentido que se processa no deslizamento entre as muitas práticas sociais que lhe conferem vida. Por tal caracterização, enxergamos nele a dimensão do devir, de uma abertura infinita para as possibilidades, na medida em que eles em si figuram como superfícies lisas que precisam ser ocupadas e quem os ocupa são as práticas sociais.

Falemos um pouco mais sobre isso. As práticas sociais constroem infinitos modos de interação e cada um desses modos é enxertado por um leque de probabilidades decorrentes das variações de arranjos de seus aspectos constituintes. Em cada combinação de arranjo encontramos tentativas de atribuição de sentido, de invenção de usos, de reconstruções, de direcionamentos, de valoração social, de aceitação, de rejeição. Essas tentativas podem ser positivas, negativas, positivas em determinados contextos, parcialmente negativas ou ainda assumir possíveis valorações entre o positivo e o negativo. Tais valorações advêm exatamente dos usos que deles se fazem, que figuram como um eterno vir a ser.

Poderíamos argumentar que a ambiência midiática é capaz de circunscrever os dispositivos ao seu espaço de interação. Efetivamente não cremos ser isso que ocorre e vamos explicar nossa discordância. Como expusemos anteriormente, no contexto da sociedade em midiatização, assumimos a mídia em sua centralidade, mas como elemento de um circuito midiatizado. Na relação com os múltiplos campos sociais, a mídia com eles se agencia e daí decorre que deixa de existir a mídia, o campo x, y ou z. Esses campos cedem existência à midiatização de x, de y ou de z. Não é a incidência da mídia em cada um deles, mas sim uma construção outra. Para compreensão do que aqui

afirmamos, talvez uma breve conceituação de agenciamento nos seja útil. Para tal, vamos recorrer a discussões por nós empreendidas em trabalho dissertativo de mestrado<sup>21</sup>.

Na ocasião, adotamos inicialmente a definição trazida por Zourabichvili (2004, p. 20), segundo o qual o agenciamento pode ser entendido como “[...] o acoplado de um conjunto de relações materiais e de regime de signos correspondentes”. Por sua vez, ele é formado por dois pólos: um pólo molar ou pólo estrato do agenciamento, que se refere aos grandes agenciamentos sociais definidos por códigos específicos (agenciamentos coletivos de enunciação); e um pólo molecular ou pólo da máquina abstrata, que retrata o modo como cada um se relaciona com os agenciamentos sociais (agenciamento maquínico). Transpondo a referência teórica deleuze-guattariniana para nosso interesse de estudo, cabe-nos esclarecer que o conceito tem uma função primordial que é a de transpor a dualidade – que no contexto proposto se anuncia na fórmula individual *versus* social – e operar com uma construção outra que se processa exemplarmente nas relações de enunciação, embora a elas não se restrinja. Tais enunciações, cremos, podem trazer expressivas contribuições para nossa compreensão do fenômeno comunicacional e sua roupagem no contexto da mediatização.

Pensar a enunciação como agenciamento significa descentrá-la do sujeito e da relação emissor-receptor, potencializando, ao contrário, a indissociabilidade dos agenciamentos de enunciação de práticas concretas e das relações de poder (CAIAFA, 2000). Ao empreender esse movimento, o conceito deve dar conta do caráter social da enunciação, que se constitui em um *a priori* frente a qualquer enunciado particularizado. Como escrevem Deleuze e Guattari (1995, p. 18):

Não existe enunciação individual nem mesmo sujeito da enunciação. [...] O caráter social da enunciação só é intrinsecamente fundado se chegamos a mostrar como a enunciação remete, por si mesma, aos agenciamentos coletivos. **Assim, compreende-se que só há individuação do enunciado, e da subjetivação da enunciação, quando o agenciamento coletivo impessoal o exige e o determina.** (grifo nosso).

---

<sup>21</sup> XAVIER, Monalisa Pontes. **Tecendo saberes, articulando alianças**: um estudo sobre as subjetividades contemporâneas a partir das contribuições de Adorno e Guattari, 2009, 165f. (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2009.

Para entendimento do alcance dessa afirmação, é preciso considerar as transformações incorpóreas de uma dada sociedade e que se atribuem aos corpos dessa mesma sociedade (DELEUZE; GUATTARI, 1995). As transformações incorpóreas, por sua vez, remetem ao caráter de instantaneidade, imediatividade e simultaneidade entre o enunciado que a exprime e o efeito que ele produz. A apreensão de um fato, de qualquer que seja sua natureza, é inseparável, segundo Guattari (1990), – e aqui o autor se refere especificamente a fato psíquico – do agenciamento de enunciação que lhe faz tomar corpo como fato e como processo expressivo. Mais uma vez, ênfase para a indissociabilidade entre o agenciamento e as práticas sociais.

Tomando o agenciamento tal qual um protótipo de como se produz a enunciação, tentemos agora transpor a reflexão para a formulação da enunciação na sociedade midiática. Temos, nesse contexto, a mídia como ambiência privilegiada de produção de enunciados sociais. Tais enunciados, contudo, mesmo sendo produzidos no espaço da mídia, somente adquirem sentido, relevância e funcionalidade no contexto social do qual advém. É assim, por exemplo, que ao falarmos da mediação dos discursos “psi” estamos nos referindo a um agenciamento dos saberes “psi” com a mídia que não se processa seguindo lógicas próprias de funcionamento das práticas “psi”, tampouco do funcionamento específico da mídia. Contrariamente, cria-se um insurgente espaço de interação – outro dispositivo em vigência – com regras e codificações particulares que lhe conferem existência. Esse agenciamento, por sua vez, gera uma matriz de fabricação de sentidos socialmente útil e partilhada que, em acordo com Braga (2011b), é um “dispositivo interacional”. A curiosidade por saber como opera esse dispositivo em constituição e em acionamento, é, como infere o autor, uma questão comunicacional.

O caso específico acima referido – que remete ao nosso objeto de estudo – nos mostra como mesmo aqueles dispositivos mais ancorados na tradição, no contexto da mediação se agenciam, constituindo assim novas experiências. E o surgimento dessas novas experiências podemos localizar na necessidade prática de comunicação. No decurso da história, os deslocamentos estabelecidos geram tensionamentos que, por sua vez, passam a demandar diretrizes condutoras. Como se trata de figuração em gestação – e a história se responsabiliza por um fluxo de constantes gestações –, as diretrizes condutoras que lhe podem ser ofertadas são sempre tentativas. A esse respeito, Braga (2011b, p. 5) profere:

Quando as condições contextuais e os processos interacionais (via dispositivos estabelecidos) se tornam mutuamente desajustados – pelo enrijecimento codificado do dispositivo e/ou por condições contextuais em mutação – os dispositivos se tornam ineficazes, propiciando ora o surgimento de outros dispositivos tentativos concorrentes; ora inovações do próprio dispositivo, com ajustes maiores, através de novas propostas tentativas, a contrapelo das respostas-padrão, ‘reabrindo’ o dispositivo, que assim se transforma.

Entendamos então nosso dispositivo tentativo particular. Antes disso, contudo, precisamos ainda esclarecer alguns aspectos teóricos nele implicados. Isso faremos a seguir, quando trabalharemos alguns conceitos em interface com os saberes “psi” e quem nos dará subsídios para empreender essa passagem para a interface é novamente Agamben, como veremos no tópico seguinte.

### 2.3 Dispositivos interacionais “psi”

No mesmo texto já referido, Agamben (2006) situa entre os seres vivos ou as substâncias, de um lado, e os dispositivos, de outro, os sujeitos. Como já afirmamos, o autor concebe sujeito como resultado da relação entre os vivos e os aparatos. Vamos retomar essa ideia para dar continuidade a nossa exposição. Ao localizar o sujeito como um atravessamento entre substâncias e dispositivos, Agamben (2006) nos conduz a duas questões de grande relevância a nosso estudo. A primeira delas é a refutação de concepções metafísicas de sujeito/subjetividade como substância, interioridade, da ordem de uma suposta natureza humana. Essa concepção desencadeia a perspectiva de que um indivíduo ou uma substância comporta em si múltiplos processos de subjetivação. Partidários desse entendimento são também Foucault, Deleuze, Guattari, Rolnik, entre outros pensadores ao qual recorreremos para compreender a relação entre subjetividade e mediação.

Enquanto Foucault (1995) denuncia a invenção histórica do sujeito como uma forma de exercício de poder sobre os indivíduos, de modo a assujeitá-los a determinada lei ou modelo de racionalidade que passou a figurar como verdade maior – nessa formulação paira a ideia de dispositivos disciplinares –, Guattari (1992) propõe um descentramento da questão do sujeito para a da subjetividade. Em suas palavras:

O sujeito, tradicionalmente, foi concebido como essência última da individuação, como pura apreensão pré-reflexiva, vazia, do mundo, como foco da sensibilidade, da expressividade, unificador dos estados de consciência. Com a subjetividade, será dada, antes, ênfase à instância fundadora da intencionalidade. Trata-se de tomar a relação entre o sujeito e o objeto pelo meio, e de fazer passar ao primeiro plano a instância que se exprime. (GUATTARI, 1992, p. 35).

Com isso, Guattari destitui o sujeito como referente geral dos processos de subjetivação, inserindo nesses processos outros elementos. O sujeito ocupa, segundo o pensador, a posição de “terminal” frente a relações que implicam grupos humanos, conjuntos socioeconômicos, máquinas informacionais, etc. Dessa forma, os vetores de subjetivação não passam necessariamente pelo indivíduo (GUATTARI, 1990). O indivíduo, por sua vez, se situa na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade, sejam eles de origem inconsciente ou dos mais variados domínios (do corpo, dos grupos primários, da produção de poder, a exemplo da lei e da polícia). Mesmo que a subjetividade venha a terminar em um indivíduo, sua produção se processa em múltiplos dispositivos que passam pelo desenvolvimento tecnológico, pelas questões histórico-culturais, pelos modelos econômicos e políticos, por componentes heterogêneos de poder, do corpo, do espaço urbano, de mídia, de linguagem, entre tantos outros.

Nos deparamos então com a segunda questão a que Agamben (2006) nos conduz, que diz respeito aos dispositivos. Como podemos observar em todos os teóricos citados neste tópico, os dispositivos são elementos articuladores dos processos de subjetivação. Segundo o filósofo italiano, a imensa proliferação de dispositivos característica da contemporaneidade resulta em uma igualmente intensa proliferação de processos de subjetivação. Eis o enodamento de nossa questão e o ponto que a situa como um estudo de interface entre as Ciências da Comunicação e a Psicologia.

Uma característica marcante da sociedade em acelerado processo de mediação é a gigantesca proliferação e coexistência de dispositivos de diversas ordens, desde resquícios ainda bastante expressivos dos dispositivos disciplinares característicos da Modernidade até o sobressalto expressivo dos dispositivos interacionais mediados, ancorados no intenso desenvolvimento tecnológico, informacional e da indústria de mídia atrelado às demandas sociais de constante movimento, fluidez e novidade (BAUMAN, 1999, 2001, 2007). As incidências desses dispositivos mediados, bem como suas articulações, reverberações, etc. são as mais

diversas possíveis e dependem dos sentidos adquiridos nos espaços sociais. Os sentidos deles desencadeados, por sua vez, se constituem por uma série de processos ensaísticos, sendo assim produções de caráter tentativo.

Esse caráter tentativo – e por isso mesmo canhestro – é o que nos interessa quando selecionamos para estudo um tipo específico de dispositivo interacional mediatizado: aquele que em sua gênese agencia processos de mídia e causas “psi”. Embora toda a infinidade de dispositivos atualmente em circulação funcione como importantes vetores de subjetivação, escolhemos especificamente os dispositivos que envolvem produções de saberes e práticas “psi” e isso se justifica por ser essa área do conhecimento a que tradicionalmente está legitimada como “perita” para tratar as questões da subjetividade. Assim, perceber e compreender como a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicanálise estão se disseminando em práticas interacionais tentativas cremos ser um indicador privilegiado dos modos de subjetivação característico da sociedade em mediação.

#### 2.4 Da circulação dos dispositivos interacionais “psi”

Além da constituição dos dispositivos interacionais no contexto da sociedade em mediação, outro processo caro a nosso estudo e que precisamos compreender como elemento teórico que dá suporte ao desentranhar de nosso objeto é a formação dos circuitos, que está relacionada com as formas de funcionamento da enunciação que se reestruturam na passagem da sociedade dos meios para a sociedade atual, que, como estamos continuamente enfatizando, se encontra em acelerado processo de mediação. Como argumenta Fausto Neto (2010, p. 87):

A emergência do fenômeno da mediação altera de modo complexo, tanto em termos teóricos como epistemológicos, as condições de funcionamento da enunciação, envolvendo produtores e receptores de mensagens; a “arquitetura” propriamente no âmbito em que se desenvolvem as operações enunciativas; o próprio lugar do “observador” e sua implicação no processo de análise.

No momento anterior ao que vivenciamos, a circulação era concebida como a transmissão de enunciados de um emissor a um receptor; um processo composto por um lugar de partida e um ponto de chegada, entre os quais se interpôs a mídia. No entanto, como elemento de mediação, o campo dos *media* foi progressivamente produzindo

movimentações de sentido e operando deslocamentos funcionais entre os pólos participantes da enunciação, de modo que os receptores passaram a ser vistos como ativos e, assim, potenciais emissores – receptores-emissores, em uma fluidez de lugares que somente são assumidos momentaneamente – que, ao terem acesso à mensagem, dela se apropriam, produzindo desvios e rompimentos de sentido e relançando-a à comunicação. Desse modo, ampliam e redefinem as possibilidades de ocorrência interacional (2012), ou ainda constituem o que Braga (2011c, p. 5) nomeia “sistema social de resposta”.

Minha perspectiva do “sistema social de resposta” (Braga, 2006) assinala também um outro processo de circulação. Depois da recepção, e a partir de reações deste subsistema “de resposta social” (com suas mediações e “desvios” interpretativos próprios) o fluxo comunicacional não pára e um novo circuito, diferenciado, se inicia: o das leituras e apropriações. Um sistema de resposta social se desenvolve, repondo na sociedade (frequentemente através de processos mediados) vozes que se posicionam e procuram agir comunicacionalmente – podendo, entre outras ações, exercer uma crítica da mídia. Eventualmente, estas ações retornam aos emissores originais, na continuidade de seu trabalho.

Isso pauta a formação do que assumimos, em consonância com os autores aqui mencionados, como sistema de circulação interacional ou circuitos interacionais, que podem ser compreendidos como os deslocamentos multidirecionais e em fluxo contínuo de atravessamento dos campos sociais, de modo a produzir sempre fugazes zonas de afetação entre eles, o que resulta na transformação dos mesmos pelo contato produzido com outras perspectivas de enunciação de determinados eventos e processos da sociedade. As lógicas de campo são assim desconstruídas em prol de sentidos e significações constantemente emergentes que são resultantes das práticas canhestramente tentadas. Esses circuitos contemporâneos compreendem diferentes momentos e, como discorre Braga (2012, p. 12), “Todos esses momentos se interferem – se apoiam às vezes, certamente se atrapalham”.

Desse modo, nos deparamos continuamente nas práticas sociais contemporâneas com o fluxo de circulação contínua e múltipla e, nesse espaço, os dispositivos interacionais são postos em funcionamento. É nessa ambiência tentativa dos circuitos de interação que se constituem os dispositivos mediados “psi”, ou seja, nosso objeto de pesquisa ganha vida na demanda social e acadêmica por entender as experiências sociais de produção de circuitos e de dispositivos interacionais que reestruturam os modos

como a sociedade se relaciona com a própria sociedade. Assim, em acordo com essa perspectiva, pautamos os modos como buscamos apreender nosso objeto, olhando para os fluxos que o constituem, para os processos que envolvem o funcionamento dos mesmos, bem como para os pontos de escape dos dispositivos, que apontam certamente para as incontáveis possibilidades de configurações interacionais e produção do sempre outro, inserindo a sociedade no inesgotável momento tentativo de auto-gestão.

## 2.5 Ações deambulantes nos dispositivos interacionais mediados

Em momento anterior ao acelerado processo de mediação, a sociedade se familiarizou com a inserção de profissionais peritos de vários campos do saber – entre eles os psicólogos, psicanalistas e psiquiatras – nos mais distintos espaços de mídia. Tais profissionais atuavam como operadores e disseminadores de seus campos de conhecimento, levando-os ao grande público pela mediação das tecnologias e dos meios de comunicação de ampla audiência. Nesse momento, dois processos ganharam notoriedade: 1- o estabelecimento das interfaces entre campos sociais, que passaram a produzir construções distintas àquelas específicas de cada campo, fazendo com que cada um deles se deparasse com tensões oriundas dos demais; 2- a ascensão da mídia à progressiva centralidade como organizadora das experiências e vivências cotidianas.

Esses processos marcaram um momento prévio da figuração das práticas mediados na atualidade, caracterizadas por uma mobilidade dos campos que ultrapassa a interface e produz construções híbridas que diferem das invenções de interface, assim como dos produtos de mídia. Tais hibridismos são os agenciamentos mediados constituídos a partir dos deslocamentos estabelecidos que relacionam uma variedade de elementos como as interações, as regularidades de campos, os códigos e a emergência de proto-códigos, as lógicas de funcionamento, além de tantos outros.

Na articulação entre esses elementos, se desenvolvem os dispositivos interacionais que, no contexto das relações mediados, podem ser caracterizados como dispositivos interacionais mediados. Em tópico anterior, já adotamos a definição de dispositivo como um sistema de relações entre os elementos que o constituem (FOUCAULT, 1980); e dispositivos de interação, por sua vez, como espaços e modos de fazer produzidos socialmente e tornados disponíveis, que ganham existência no seio das interações mesmas (BRAGA, 2011a). Em acordo com tais conceituações,

temos que a prática “psi”, seguindo sua lógica canônica, consiste em uma ação interacional e o que caracteriza essa interação são os elementos de codificação<sup>22</sup>, assim como os espaços de flexibilidade inferencial, tentativa, produzidos por esses saberes para a constituição do campo. Quando os saberes e práticas em questão passam a existir na ambiência midiática, nos deparamos com a transformação de um processo interacional de ordem psicológica/psiquiátrica/psicanalítica em outro processo interacional, pautado em lógicas próprias da midiatização – que não diz mais respeito apenas a regularidades estabelecidas do campo “psi”, do campo jornalístico, do campo televisivo, etc. Aquilo que na lógica tradicional caracteriza um trabalho incidente sobre a dimensão psíquica, a exemplo da clínica – uma interação da qual participam terapeuta e paciente – reaparece enquanto outro processo, que expressa em si especificidades da midiatização – e, com isso, estamos aludindo a toda a questão de formação de agenciamentos nos quais os campos são tensionados em seus aspectos de especificidade em prol de um produto de outra ordem.

Os deslocamentos empreendidos expressam o que se passa entre o fazer tradicional ou canônico e o fazer midiatizado. São eles os produtores de espaços de criação insurgentes para além das codificações rigorosas dos campos sociais, na medida em que acionam outros códigos, constituem emergentes lógicas e regularidades, redefinem os elementos mais centrais e os elementos menos centrais de codificação e, assim, efetivam processos tentativos. Dessa forma, marcam claramente a diferença entre acontecimentos ou campos sociais que simplesmente estão na mídia – seja fazendo dela uso aplicativo ou oferecendo-lhe contribuições instrumentais – e os fatos ou campos em efetivo processo de midiatização.

Embora na atualidade seja possível nos depararmos com a coexistência dos dois exemplos de fazeres apresentados – como a Série Sessão de Terapia e a coluna de Contardo Calligaris no Jornal A Folha de São Paulo<sup>23</sup> – os atravessamentos proporcionados pela midiatização em movimento se proliferam em uma intensidade nunca antes imaginada, o que torna progressivamente mais comum encontrarmos orientações e atendimentos de profissionais “psi” nas páginas de jornais e revistas, em programas televisivos e de rádio, na internet, além de tantos outros ambientes

---

<sup>22</sup> Nesse caso, os elementos codificados pelo campo psicológico. Os elementos de codificação não são estruturas apriorísticas. Diferente disso, são construtos sociais e, no espaço das relações sociais, adquirem significado. Os códigos, por sua vez, são plurais e múltiplos códigos são constantemente acionados em coexistência. A flutuação entre a multiplicidade existente é o que garante a diversidade de códigos.

<sup>23</sup> Calligaris é psicanalista e colunista do jornal mencionado. Seus escritos podem ser acessados também na versão online da Folha de São Paulo, no link <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/>

interativos. Nesses lugares, os peritos da subjetividade constituem novas experiências sociais de produção de dispositivos interacionais.

Como argumenta Braga (2011a), as interações envolvem variadas circunstâncias, processos, participantes, objetivos e encaminhamentos. Esses, quando deambulam, sintetizam um importante aspecto do dispositivo, que é o fato de constituírem modos práticos de fazer a interação avançar. É assim que uma prática canônica de cunho “psi” se reconstrói nas múltiplas interações que ela produz. Ao migrar do lugar da clínica para outros dispositivos – os dispositivos midiáticos<sup>24</sup> – a ação interacional proporcionada passa a figurar como um processo em aberto, em constante movimento de reconstrução e produção de sentidos a partir das articulações estabelecidas. Uma espécie de auto-gestação contínua de modos de interagir no âmbito mesmo do dispositivo de interação, como uma autopoiese<sup>25</sup>, segundo o significado que Guattari confere ao termo.

No espaço do dispositivo midiaticizado acontece a consulta, que se desloca da clínica e, com essa alteração de lugar, passa por deambulações outras, como a dos atores envolvidos na relação – tradicionalmente terapeuta/analista e paciente<sup>26</sup> – e do jogo de codificações e regularidades que garante a identificação da prática desempenhada com aspectos da consulta, segundo um princípio binário de similitudes e divergências. Isso resulta em uma prática nascente, a saber: a modificação da consulta, que é transformada pelas circunstâncias históricas, pela ambiência, pelo elenco, pelas repercussões que a sociedade faz para não destruí-la e por tantos outros elementos que a fazem funcionar segundo diferentes princípios; outras regras, tornando-a acionável nos contextos específicos dos participantes, como enfatiza Braga (2011a, p.6), quando se refere aos

---

<sup>24</sup> Enfatizamos a diferença entre “midiático” e “midiaticizado”. O primeiro diz respeito ao que é próprio da mídia, enquanto o segundo refere a um processo outro que tem na mídia seu lugar de emergência.

<sup>25</sup> A ideia de autopoiese foi formulada pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, dois importantes intercessores de Guattari. Segundo Kastrup (2008), Maturana e Varela compreendem a autopoiese como um processo constante de produção de si por parte dos seres vivos, que funcionariam em incessante engendramento de sua própria estrutura, contendo, cada ser em si, um importante potencial de autocriação, independente de instâncias criadoras que direcionem sua trajetória ou lhe prevejam um destino. Quando Guattari, em parceria com Deleuze, se apropria da noção de autopoiese, confere-lhe um novo estatuto, retirando-a do plano de referência científico e inserindo-a no plano de conceito filosófico. Ao proceder assim, propõe que seja abandonada a distinção empreendida pelos biólogos entre os sistemas autopoieticos – referentes aos organismos vivos – e os sistemas alopoieticos – concernentes à ausência de vida. Como argumento, sugere que a ideia de autopoiese seja expandida para além dos limites da vida, passando a atravessar as mais variadas instâncias, sejam elas físicas, sociais, técnicas ou psíquicas. Ao recusar a referência biológica do conceito, Guattari dele extrai suas características de autonomia, individualidade e unidade e, assim, transforma a autopoiese em uma concepção muito cara a sua teoria. (XAVIER, 2009).

<sup>26</sup> Também é possível que a relação terapêutica seja estabelecida entre o profissional e um grupo, um casal, uma família, entre outras configurações interacionais.

dispositivos interacionais. Deslocamento dos processos interacionais, da consulta, dos atores, do consulente, do consultado. O que produz tais deslocamentos? Como eles se dão? Essas interrogações conduzem à questão maior que assim se enuncia: “Qual a repercussão disso na episteme que produz a ideia de consulta?”. Levantar dados capazes de dizer sobre essa questão é o objetivo de nosso estudo.

O fazer deambulante que conduz à transformação da consulta exprime a despreensão característica dos modos de interagir, que são tentados tendo como fim prioritário – muitas vezes único – fazer a comunicação funcionar. Novamente no contexto dos saberes “psi”, as interações midiáticas produzem múltiplos operadores que, ao incidirem sobre a consulta, fazem-na passear por vários espaços e esses, por sua vez, tensionam suas regularidades, afetando os códigos, flexibilizando-os e transformando-os.

Surgem os proto-códigos que fazem semblante da novidade constituída e acionada no âmbito do dispositivo. É assim que o saber “psi” circula por entre os diferentes lugares e a sociedade se depara com tantas práticas legitimadas ou assumidas como leigas<sup>27</sup> em uma multiplicidade de manifestações e produções de sentido distintas, como exemplificamos com os casos a serem estudados, que agrupam quatro profissionais, cada um deles atuando em pelo menos dois dispositivos concomitantemente – a clínica, o jornal, a internet, o programa de tevê, entre outros – e exercendo distintas práticas em cada lugar de atuação, embora em seu conjunto partilhem a função comum da consulta “psi”.

Os três modelos de gestação da modificação no clássico “fazer consulta” eleitos para estudo exemplificam a deambulação de uma prática e sua capilarização rizomática pelos campos sociais na produção de outras interações e significações. Ilustram uma espécie de gradação na composição de proto-códigos insurgentes nas distintas situações de mediação da prática “psi” quando retratam diferentes figuras de agenciamentos, sejam elas mais próximas da codificação legitimada como “psi” ou da codificação tradicionalmente midiática. São dispositivos em que os profissionais responsáveis pelas práticas em questão passeiam distintamente no entre-espaço da mediação “psi”, uns se aproximando mais de regularidades próprias da institucionalização do referido saber, outros a meio caminho de fazeres de jornalistas e outros ainda se aproximando bastante da produção televisiva de personagens celebridades, frente a qual o ter formação “psi” é

---

<sup>27</sup> Assumidas como leigas segundo o olhar especialista como referente. Sobre a questão dos lugares de referência na valoração das práticas midiáticas discutiremos em momento posterior.

somente um elemento figurativo entre tantos outros. Tais gradações, apropriações de espaços e edificações de práticas tentativas podem conduzir a importantes inferências sobre a transformação do dispositivo interacional que é a consulta “psi”.

A constituição do dispositivo, como argumenta Braga (2011a, p. 6), acaba se organizando variadamente e essas variações, de algum modo, “modelam” o funcionamento comunicacional que aí ocorre. Vamos observar como isso se dá nos casos seguintes: 1- a coluna semanal Vida Íntima do Jornal “O Globo”, de autoria de Alberto Goldin; 2- o site de serviços psicológicos “Ajudaemocional.com”, site exclusivo e oficial da psicóloga, pesquisadora e escritora Olga Tessari ([www.olgatessari.com](http://www.olgatessari.com)); e, 3- a participação de Ildo Rosa da Fonseca e Anahy D’amico como psicólogos e consultores do Programa “Casos de Família”, do SBT. Esses casos serão eventualmente confrontados com outros exemplos da prática “psi” mediatizada, porém que não se propõem a um fazer consulta, a fim de afirmar a especificidade e as singularidades de nossa questão.

## PARTE II: DISPOSITIVOS INTERACIONAIS “PSI” NA SOCIEDADE EM MIDIATIZAÇÃO

### 3 RESPOSTA A JOVENS SOFREDORES, POR ALBERTO GOLDIN

Autor da coluna “Vida Íntima” do Jornal “O Globo”, Alberto Goldin é médico, psiquiatra, psicanalista e escritor, como ele mesmo se define (informação verbal)<sup>28</sup>. Já ministrou cursos, palestras, escreveu um *best-seller* “Freud explica”, além de outros livros destinados a adultos, adolescentes e de literatura infantil. Há quinze anos desenvolve a coluna em questão, que surgiu de um convite do editor do jornal para que o psicanalista respondesse cartas de leitores com problemas pessoais e afetivos. Diante da grande aceitação popular, ainda hoje as palavras do profissional compõem semanalmente a tiragem dominical do Jornal “O Globo”. Ao longo desse período, algumas variações de formato puderam ser observadas. Durante o ano de 2010<sup>29</sup>, até o mês de outubro, Alberto Goldin utilizava sua coluna para escrever textos que tinham como base questões pessoais e afetivas de seus leitores. A coluna trazia um título para enunciar o assunto abordado e prosseguia com a fala perita do autor sobre o tema em foco, como ilustra o trecho extraído da publicação de 01 de setembro de 2010:

#### Uma teoria sobre o amor

Quando representa a mãe, dizemos que se identificou com ela, fazendo o mesmo que ela faria com ele. Oferece o dedo quando não há o peito, fecha os olhos e alucina que sua mãe está olhando para ele. Todo o seu corpo se oferece para tornar presente o ausente e assim consegue que, dentro de seu universo, não falte nada. É como um sistema de pneus com capacidade de vedar seus próprios furos. Assim, se entra um prego e faz furo, imediatamente esse é tampado. Nesse sentido, a infância é compacta, plena, e quando o sistema de identificação fracassa, o vazio e o horror dominam [...]. (GOLDIN, 2010).

---

<sup>28</sup> Informação coletada em entrevista realizada com Alberto Goldin.

<sup>29</sup> O recorte do corpus de pesquisa tem início no ano de 2010. Por esse motivo, o material tematizado data a partir deste ano, podendo também compreender escritos anteriores que tenham sido republicados após janeiro de 2010.

Os escritos desse período se configuram como uma espécie de construção híbrida entre o jornalismo e o saber especialista, na medida em que primam por fazer circular conteúdo da Psicanálise de modo a torná-lo mais próximo do público leigo, ao transpor tal conteúdo para uma linguagem acessível e pautada em referentes do senso comum, fazendo-o circular como informação passível de entendimento por ampla audiência, como é característica do jornal. Percebemos nesse formato um colunista que gesta o lugar de consultante no espaço midiático, muito embora a estruturação da prática estabelecida esteja pautada em uma demanda de aconselhamento, em detrimento da consulta. A consulta, por sua vez, aparece como dispositivo midiático de comunicação “psi” instituído por Goldin com a reestruturação de sua coluna, no mês de outubro de 2010, quando a mesma é redesenhada como uma troca de correspondência entre o colunista e representantes de seus leitores.

Tal reestruturação, segundo escreveu o colunista em seu blog em 27 de outubro de 2010<sup>30</sup>, se deu em virtude do lançamento de um livro seu, que o levou a interromper a sequência de textos e repor em circulação colunas publicadas em anos anteriores. Além disso, como escreve, seus leitores pediram a reedição. Desse modo, a coluna dominical de autoria do psicanalista passou a reeditar cartas – a primeira datada de outubro de 2005 e republicada cinco anos depois – em que o leitor escreve ao profissional expressando seu conflito pessoal, ao qual o psicanalista responde no seguinte formato:

*“TENHO 25 ANOS. HÁ DOIS ANOS CONHECI Luís, de 30 anos, na faculdade e resolvemos começar um relacionamento sem compromisso. No início nossos encontros eram esporádicos e, no ambiente da faculdade, somos apenas colegas, embora todas as pessoas pensem que somos namorados. Com o tempo passei a freqüentar a casa dele e ele, a minha. Quando conversamos, ele sempre diz que não namoraria comigo, mas gostaria de se casar comigo e ter filhos, só que agora não é o momento. Temos um bom relacionamento sexual, sem cobranças. O problema é que minha família não vê esse relacionamento com bons olhos, diz que eu estou perdendo oportunidades de conhecer uma pessoa que queira de fato um compromisso e que sou muito disponível. Que Luís é egoísta e que preza muito sua liberdade. Nosso relacionamento é baseado em confiança e respeito, existem muitas afinidades, temos a sensação de que nos conhecemos há muito tempo. Tenho medo de estar me iludindo e perdendo o meu tempo, mas também tenho medo de ele ser realmente o homem ideal para mim e eu desistir por não ter paciência*

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://bloglog.globo.com/blog/blog.do?act=loadSite&id=30&mes=10&ano=2010>. Acesso em : 21 ago. 2013.

*para esperar. Qual sua opinião sobre o assunto? Natália, Rio de Janeiro”*

O ÚNICO INCONVENIENTE DO ALBERGUE DE estudantes era proibir a permanência de cachorros. Um dia, um aluno de filosofia acolheu Bobby, um vira-lata que se transformou no animal de estimação do grupo. Depois de um amplo debate e reflexão os jovens legalizaram sua presença na República. O recurso foi pendurar no pescoço dele um pequeno cartaz : “Apesar da sua aparência, Bobby NÃO é um cachorro”. Esta história circulou no campus e os encarregados acabaram aceitando a duvidosa condição de Bobby, que ignorou o impasse. Luís e Natália se amam. O sexo é excelente, sentem simpatia, amizade, enfim, configuram o que as pessoas comuns descrevem como namoro. Notável é que Luís não admite esse rótulo e se apressa em explicar, a quem interessar possa, que são outra coisa: amizade colorida, “ficantes”. Luís não teme o amor, sente medo do compromisso e é por isso que, à semelhança dos universitários, encontrou uma solução lingüística para o problema. [...]. (GOLDIN, 2010e).

Com a reformulação da coluna, em suas palavras, o colunista propõe aos leitores um “esclarecimento relativamente superficial e, às vezes mais profundo dos sintomas. Procurando que as respostas sejam interessantes, não só para o autor da carta, mas para todos que atravessam problemas similares” (informação verbal).<sup>31</sup> Diferente do modelo anterior, além do aconselhamento, temos presente elementos de consulta, o que caracteriza o colunista também como consulente, embora seguindo um modelo de interação canhestra com a Psicanálise em seu agenciamento com a mídia. O molde circulante a partir de então ilustra um fazer que traz em si a lógica de mediação da prática “psi”, pois desenvolve como proposta uma “fala perita” (GIDDENS, 1991) que, em suas múltiplas facetas, desempenha uma espécie de escuta profissional na ambiência midiática, caracterizando uma reconfiguração do espaço da clínica que abdica de alguns aspectos que lhe são característicos em prol da imersão em outros espaços. Temos nos dois moldes expostos exemplos da mediação da Psicanálise a partir da produção de agenciamentos, no entanto, o primeiro exemplo difere da proposta de consulta, enquanto o segundo dele se aproxima.

Além da coluna em discussão no Jornal “O Globo”, o psicanalista escreve para a Revista Viver, mantém um website ([www.albertogoldin.com.br](http://www.albertogoldin.com.br)) e realiza consultas online, prática essa denominada pelo Conselho Federal de Psicologia como atendimento

---

<sup>31</sup> Informação coletada em entrevista realizada com Alberto Goldin e fiel a suas palavras. Essa questão será posteriormente debatida quando abordarmos os elementos dos dispositivos goldiniano.

psicológico mediado por tecnologias de comunicação à distância<sup>32</sup>. Concomitante à atuação nessa diversidade de meios, Goldin também realiza atendimentos no molde clínico tradicional. Os vários espaços de imersão do profissional em questão ilustram um indicativo das possibilidades de deambulação do fazer “psi” que possibilita – ou demanda, como discutiremos – a transformação da consulta. Na condição de elementos constituintes de circuitos interacionais, eventualmente recorreremos aos outros espaços do fazer de Goldin, no entanto, nosso objeto de estudo está circunscrito à coluna “Vida Íntima”, veiculada no Jornal “O Globo”.

Conforme já afirmamos, as publicações de Alberto Goldin no jornal supracitado têm periodicidade semanal<sup>33</sup> e são organizadas da seguinte forma: Goldin recebe cartas (emails) de leitores que expõem questões problemas ao analista e aguardam seu parecer. As inúmeras correspondências recebidas são catalogadas, como afirma o profissional, e, dentre elas, “uma por semana é escolhida em função de ser mais interessante ao grande público” (informação verbal)<sup>34</sup>. Como ilustrado anteriormente, trechos das cartas compõem a primeira parte da coluna, incluindo também a assinatura do(a) remetente – primeiro nome, que pode inclusive ser codinome<sup>35</sup>, já que não há como certificar a autoria da correspondência. Em seguida, o colunista responde com uma crônica que se articula em torno da situação problema eleita como assunto da semana. A crônica elaborada, também nas palavras de Goldin, marca a originalidade de seu enfoque, como caracteriza o colunista seu fazer no espaço em questão:

A originalidade do meu enfoque reside em criar situações imaginárias ou metafóricas que deem ao leitor um espaço de reflexão sobre os problemas, evitando respostas diretas, tipo *separe* ou *não separe*. A relativa neutralidade dos textos é muito valorizada porque, mais que soluções, promovem reflexões. Todas as minhas colunas transcorrem dentro do cenário imaginário que guarda a relação com o problema apresentado. É um recurso original que até hoje deu muito certo (informação verbal).<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> Sobre o atendimento psicológico mediado por tecnologias de comunicação à distância, falaremos em detalhes posteriormente.

<sup>33</sup> A periodicidade funciona para o jornal impresso, posto que a versão online pode ser acessada a qualquer dia/hora, embora somente seja atualizada na edição de domingo.

<sup>34</sup> Trecho retirado da entrevista com Alberto Goldin.

<sup>35</sup> A coluna publicada em 19 de fevereiro de 2012 ilustra como alguns escreventes utilizam codinomes: “[...] Tentei que ela visitasse um psicólogo. Não consegui silêncio mortal na cama. Uma defunta. Quase um sexo solitário. Sequer consegue encostar a mão no meu pênis por si mesma. Mas sigo assim, não quero destruir uma família por um orgasmo. Negativas de sexo foram e são muitas, estou desanimado. Neste momento, estou perdendo potência sexual em breve vou ter que fazer uso de medicamentos. Hoje foi outra noite que a procurei, outra noite perdida. Pode me dar uma orientação? Luisa” (GOLDIN, 2012h).

<sup>36</sup> Trecho da entrevista com Alberto Goldin.

A reflexão promovida pelas respostas trazem referentes da Psicanálise em uma linguagem metafórica capaz de possibilitar a compreensão do dito pelos leitores leigos e, ao mesmo tempo, divulgar essa teoria e prática entre o grande público. Tal prática não é uma novidade, como argumenta Goldin em entrevista, quando afirma que “a mídia sempre se interessou por um enfoque psicanalítico das questões da vida cotidiana. Sobretudo problemas de amor e sexo” (informação verbal). Alinhado a esse interesse, o profissional acredita que seus escritos na coluna oferecem uma leitura fácil e instrutiva a seus leitores, que “são pessoas de excelente nível socioeconômico e muitos deles fazem terapia e se interessam pelas questões do inconsciente” (informação verbal)<sup>37</sup>.

### **3.1 A difusão da Psicanálise nos meios de comunicação de ampla audiência**

Pedir conselhos em jornais e revistas é uma prática que já data de alguns séculos e persiste até os dias atuais, embora com as especificidades que lhe são características. Iniciada com os aconselhamentos sentimentais nas publicações jornalísticas do século XVII, os veículos de comunicação em discussão trazem em sua história o costume de destinar páginas a atender a essa demanda dos leitores. Para tal, recorreram e recorrem até hoje aos peritos em aconselhar, que são profissionais de distintos campos do saber que se inserem nesses espaços para desempenhar seus fazeres. Entre esses peritos, encontramos com grande frequência, a partir dos anos 1960 no Brasil, os psicanalistas, que passaram a estabelecer uma relação próxima com os meios de comunicação, neles se fazendo presentes através, principalmente, de aconselhamentos psicanalíticos a respeito de questões da vida cotidiana.

Inicialmente vinculada aos movimentos feministas que apregoavam uma mudança de valores e transformações na sociedade hierárquica e autoritária dos anos 1950, a Psicanálise adentrou a ambiência midiática com a função de despertar em seus leitores – especialmente leitoras – o desejo de mudança. Para isso, como discorre Santos (1997), articulava um discurso político com referentes teóricos de seu campo, tais como as categorias complexo de Édipo, inconsciente, recalque, identificações paternalistas, entre outras, a fim de possibilitar a seu público vislumbrar mudanças frente à opressão da mulher e aos desmandos da sociedade patriarcal. Exemplo do que estamos

---

<sup>37</sup> Trecho retirado da entrevista com Alberto Goldin.

argumentando é a coluna “A arte de ser mulher”, assinada pela feminista e psicanalista Carmen da Silva entre os anos de 1963 e 1985. Nela eram abordados temas como machismo, casamento, infidelidade, sexo e maternidade, que confrontavam os valores vigentes pautados na virgindade da mulher até o casamento, no tabu da sexualidade e no domínio do homem na relação entre gêneros. A coluna abordava insatisfações pessoais comuns a mulheres da época, de modo a conduzi-las a desenvolver novos papéis na sociedade.

No final dos anos 1970, os psicanalistas colunistas se depararam, como argumenta Santos (1997), com um desencanto vivenciado por seu público para com as promessas de felicidade e autonomia proferidas em seus discursos. Em decorrência disso, nos anos 1980, o aconselhamento psicanalítico assume como característica marcante a despolitização, além de certo viés de acriticidade. Nessa mesma época, se difunde amplamente pelos meios de comunicação, porém, agora voltado à abordagem “de queixas relacionadas à angústia, à indecisão, à solidão, à desvalorização” (SANTOS, 1997, pp. 173-174).

Há então um deslocamento de um discurso pedagógico de instrução política e prescritivo de condutas de autonomização para a abertura da possibilidade de tratamento de questões relacionadas ao “mal-estar” da vida moderna, o que resulta também na mudança de perspectiva de um conteúdo de cunho social – política, relações de gênero, organização societária – para um viés mais individualista – sintomas pessoais – que reflete as ideologias modernizantes que marcaram o período em discussão. São as tentativas de diagnóstico do mal-estar que se difundem amplamente nos meios de comunicação a partir da década de 1980, consolidando a parceria entre Psicanálise e mídia que se sustenta até os dias atuais. Nessa parceria, os psicanalistas encontram espaço para difundir o seu saber e expandir sua clientela (ibid, p. 175/176).

Essa contrapartida ofertada pela ambiência midiática – e desejada pelos analistas – não pode, porém, ser confessada, pois difundir a imagem da Psicanálise como um produto e vender a crença no seu valor e eficácia remete ao que Freud disse que os psicanalistas não deveriam fazer (SANTOS, 1997). Contudo, dá conta de uma dimensão importante do campo psicanalítico, que é sua difusão entre o público leigo. Como argumenta Santos (1991, p. 2):

Dizemos que a difusão da psicanálise entre o público leigo é uma dimensão essencial e constitutiva do campo psicanalítico porque é por

meio dela que a demanda de psicanálise – de seu saber e de suas práticas – ganham uma forma própria, particular e específica, expressiva dos “ideais analíticos”, das versões ou *Weltanschauungen* da psicanálise.

*Weltanschauungen*, como esclarece Freud (1970d, p. 197)<sup>38</sup> em sua Conferência XXXV, é “uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta”. Sugere uma concepção de mundo relacionada a produção de representações. No caso das *weltanschauungen* psicanalíticas, suas representações imaginárias estão relacionadas a ideais revestidos de promessa de felicidade (SANTOS, 1991) e, com base em tais representações, elas se disseminam por vários meios, a exemplo dos aconselhamentos de inspiração psicanalítica, do qual as colunas de Alberto Goldin são representativas. Tais colunas também funcionam como espaço de difusão do saber em argumentação junto ao público leigo e corroboram as palavras de Santos (1991, p. 2), quando afirma que:

As versões da psicanálise difundidas entre o público leigo bem o testemunham, pois associam diferentes representações ideais do que seja bom, o belo, de como fazer para alcançá-las, como não ser neurótico, sexualmente reprimido, auto-agressor ou masoquista, e sim um sujeito feliz.

Comunicar a Psicanálise entre o público leigo, contudo, produz tensionamentos entre as prescrições técnicas do saber oficial e as falas acessíveis ao leigo, que necessitam ser reenquadradas segundo referentes de significação partilhados pelo senso-comum e isso, muitas vezes, é compreendido pelo saber perito como transgressões da dita prática leiga, a exemplo do aconselhamento psicanalítico nos meios de comunicação. Eles expressam características próprias aos processos tentativos de modo geral e, mais especificamente, aos dispositivos e circuitos que estamos tematizando. Na medida em que um campo social se capilariza por outros domínios, esse movimento faz semblante da incompletude que é própria do campo, mostrando suas possibilidades de escape e reconfigurações. Isso expressa uma importante característica que confere existência ao elemento código que, por ser incompleto, está em constante flexibilização, aberto às afetações e, ao mesmo tempo, também afetando os campos sociais. É assim que a Psicanálise se depara com as insuficiências de suas regularidades em dar conta das

---

<sup>38</sup> Originalmente publicado em 1933.

mais diversas e incontáveis formas de interação com o público e, como resultado, nos deparamos com processos constantemente nascentes e reinventados no exercício desse saber.

É o que acontece com o fazer psicanalítico de Alberto Goldin nas páginas do Jornal “O Globo”, que articula um modelo de prática “menos convencional” (informação verbal)<sup>39</sup>, como nomeia o próprio colunista e, com isso, muitas vezes vai de encontro às clássicas referências da Psicanálise. O embate com tais referências, assim como a remodelação de determinados pressupostos técnicos e metodológicos, no entanto, se mantém em um limite capaz de permitir ainda – e com certo grau de clareza – que o material veiculado seja reconhecido como um fazer Psicanálise, mesmo que sob a ótica do aconselhamento. Mantém-se, para tal, elementos de identidade com a codificação psicanalítica, embora o código em suas afetações provoque a insurgência contínua de proto-códigos, esses transformadores e tentativos, que inserem o fazer em discussão na lógica dos dispositivos, produzindo brotações rizomáticas da Psicanálise. Para justificar tal argumentação, recorremos a Freud, onde buscamos elementos clássicos da codificação da consulta psicanalítica.

## **3.2 Atravessamentos heterogêneos**

### **3.2.1 Atravessamentos com a Psicanálise**

A partir das clássicas obras freudianas “Cinco lições de Psicanálise” (1910), “Artigos sobre a técnica” (1914) e “Uma nota sobre o inconsciente na Psicanálise” (1912), acrescidas de contribuições de Jacques Lacan e comentadores de sua teoria, objetivamos neste momento discorrer brevemente sobre elementos da Psicanálise implicados no fazer clínico e que, de certo modo, atravessam e/ou contribuem para a compreensão da ideia de consulta com a qual trabalhamos. Esclarecemos que os conceitos da teoria criada por Freud aqui só nos interessam enquanto possibilidade de compreensão do nosso objeto e, por esse motivo, não haverá aprofundamento nas discussões teóricas e metodológicas específicas desse campo de conhecimento. Apresentamos em linhas gerais em que consiste a proposta da clínica psicanalítica segundo uma orientação freudo-lacanianiana e suas diretrizes técnicas, pautadas em

---

<sup>39</sup> Termo referido pelo colunista em entrevista para qualificar seu fazer nas páginas do jornal.

conceitos centrais como o de inconsciente, amor de transferência e outros que eventualmente o dispositivo em análise venha a demandar.

Definir a consulta em Psicanálise a partir da perspectiva freudiana não é tarefa tão simples, na medida em que Freud pouco se ocupou das conceituações sistematizadas a esse respeito e de escritos relativos à técnica e às diretrizes do tratamento. Esses escritos podem ser encontrados na já citada obra sobre a técnica e nas suas conferências proferidas na *Clark University*, em Wooner, em 1909 e que, posteriormente, nomeou “lições de Psicanálise”. Ao conceber a Psicanálise como um processo semiológico e terapêutico, em sua terceira lição, o autor apresenta a proposta da técnica psicanalítica, a qual enuncia como a função de “conduzir à consciência o material psíquico patogênico, dando fim desse modo aos padecimentos ocasionados pela produção dos sintomas de substituição” (FREUD, 1970a, p. 36)<sup>40</sup>.

A partir dessa proposta, que na ocasião estava sendo apresentada a jovens médicos e profissionais de áreas afins, se delineia um fazer clínico que se pauta em alguns pressupostos. Tais pressupostos, por sua vez, são apresentados nos “Artigos sobre a técnica” (1914) e dizem respeito à transferência, à atenção flutuante – ou “atenção uniformemente suspensa” – do analista, à associação livre do analisando, às entrevistas preliminares, ao tempo e ao pagamento da análise, além de outras questões como o inconsciente e a fantasia.

A partir desses fundamentos e das contribuições lacanianas posteriores, podemos resumidamente explicar sobre o funcionamento da tradicional clínica psicanalítica freudo-lacanianana. Essa clínica se constitui como um trabalho de escuta que tem como fim a produção de um saber por parte de cada sujeito a respeito de sua própria verdade. Tal produção encontra como única regra a associação livre, ou seja, o movimento por parte do analisando de falar tudo que lhe vier à cabeça, de forma a possibilitar a fala do inconsciente. Entretanto, para que uma atividade de escuta seja caracterizada como análise é necessário que exista uma relação de transferência (demanda de amor) do analisando para com o analista. Somente uma transferência bem estabelecida possibilita o sucesso do tratamento analítico. A relação de transferência é a modalidade de interação que possibilita o funcionamento do dispositivo comunicacional clínica analítica. Freud (ibid, p. 47) assim a define em sua quinta lição de Psicanálise:

---

<sup>40</sup> Originalmente publicado em 1910.

Todas as vezes que tratamos psicanaliticamente um paciente neurótico, surge nele o estranho fenômeno chamado ‘transferência’, isto é, o doente consagra ao médico uma série de sentimentos afetuosos, mesclados muitas vezes de hostilidade, não justificados em relações reais e que, pelas suas particularidades, devem provir de antigas fantasias tornadas inconscientes. (FREUD, 1970a, p. 47)<sup>41</sup>.

É por meio da transferência que o analisando inclui o analista em seu discurso, a ele conferindo um lugar em sua fantasia e se dirigindo como “sujeito suposto saber”. Contudo, a transferência não é uma invenção da Psicanálise e não se restringe, como também argumenta Freud (ibid, p. 48), ao cenário da relação analítica ou terapêutica: “A transferência surge espontaneamente em todas as relações humanas [...]; é ela, em geral, o verdadeiro veículo da ação terapêutica, agindo tanto mais fortemente quanto menos se pensa em sua existência”.

Por sua vez, o “sujeito suposto saber” é aquele portador de um discurso de mestria e hipoteticamente capaz de abonar a falta que acomete o analisado. Subvertendo esse lugar, o analista volta o analisando para o lugar do Outro, para que ele próprio produza os significantes fundadores de sua história. Nesse movimento, o analista dirige-se ao Outro como sujeito inserido na linguagem e produtor potencial de significantes. A ele, analista, cabe a posição de objeto a, fazendo-se semblante do referido objeto, ou seja, se ofertando ao amor de transferência.

Essas são as regras de funcionamento do modelo de consulta em questão, ou seja, as regularidades que qualificam tal modalidade de interação. O amor de transferência, por sua vez, é o afeto que instiga o sujeito para a busca de sua verdade, sendo ele constituído por três elementos: o sujeito amante, o objeto amado e mais alguma coisa, ou o que está para além do objeto. Lugar do vazio, da existência do nada, lugar de uma fantasia articulada à angústia da castração. O lugar do amado, no qual o analista é inserido, é o lugar daquele que tem alguma coisa. É essa crença no “possuir algo que falta” que sustenta a relação analítica. O que está em jogo é o Outro enquanto “suposição de ser”, forma pela qual o analista é inscrito na fantasia do analisando. É essa dinâmica de sujeito/objeto, amante/amado que possibilita o acesso ao saber inconsciente, já que, “sem amor não há sentido nem saber possível”. (FONTENELE, 2002, p.9).

Essa relação interacional pautada em uma suposição de ser/saber é bastante evidente no dispositivo de Goldin. Uma das questões mais recorrentes – aparece na

---

<sup>41</sup> Originalmente publicado em 1910.

quase totalidade das cartas tratadas – é “o que fazer?” e suas variações, indicativo da crença do escrevente em algo que o analista tenha a oferecer, como mostra o trecho da carta respondida em 29 de julho de 2012: “[...] *Um marido limitado, e o outro que não me atrai nem sei se está disponível para mim. O que fazer? Raquel*” (GOLDIN, 2012u). A esse respeito, interrogamos Goldin sobre o que ele pensa que os leitores esperam dele, ao que respondeu: “Obviamente, esperam esclarecimento e alívio para suas problemáticas” (informação verbal). Em continuidade, questionamos o que o colunista oferece a seu público, ao que afirmou: “Uma leitura fácil e instrutiva” (informação verbal)<sup>42</sup>. A suposição de saber, como exposto, sustenta a relação analítica e assim o faz exatamente por se pautar numa transferência estabelecida, pois, como discorre Freud (1970a, p. 48)<sup>43</sup>: “Sei que todos os meus adeptos só pela experiência própria sobre a transferência se convenceram da exatidão das minhas afirmações referentes à patogênese das neuroses<sup>44</sup>”.

Quando essa prática se transforma e adentra outros espaços, alguns de seus elementos são alterados. Desse modo, embora tomado pela maioria de seus leitores como a figura capaz de ajudá-los, o analista subverte essa expectativa, deixando claro em sua fala que o que ele tem a ofertar é uma leitura de instrução. Essa leitura, porém, ainda sustenta a hipotética mestria também presente na relação analítica. Os leitores supõem naquele que instrui “um mestre” que tem algo a ofertar por ser perito em determinadas temáticas. Em oposição ao que estamos afirmando, nos deparamos com a carta respondida que questiona Goldin (2012n) em suas formulações:

*“SEMPRE LEIO A SUA COLUNA. AO MESMO TEMPO fico intrigada pelo fato de que os temas são sempre de natureza sexual, como se fosse a raiz de todas as infelicidades do homem. Será?! Na minha vida, fiz muitas coisas que não foram motivadas pelo sexo, nem mesmo meu casamento... Casei-me aos trinta anos, com Zé, um colega, fazíamos bons programas, cinemas, teatros, restaurantes... Nosso sexo às vezes me provocava orgasmos, outras não, nunca foi um problema. Com o tempo, as relações foram se espaçando e sua ausência não me ocasionou ciúmes, dúvidas, nem desvalorização, como leio em seus textos. Na verdade, nunca pensei sobre isto! Agora, idosa e viúva, penso com saudade e carinho no meu marido, saudade do que fazíamos, e onde o sexo era insignificante. Pouco sexo nunca me impediu de trabalhar, curtir a vida, criar os filhos e ter boas amizades... Entendo que é importante para dar continuidade à espécie, e é muito gostosa... Mas há outras coisas que também dão*

---

<sup>42</sup> Entrevista realizada com Alberto Goldin.

<sup>43</sup> Originalmente publicado em 1910.

<sup>44</sup> Patogênese das neuroses se refere a um assunto no qual Freud era perito.

*prazer, passear, comprar vestidos, bater papo, ler um bom livro etc. Gostaria de saber a sua opinião, inclusive se eu preciso fazer uma psicanálise... Agradeço com admiração. Dora”*(grifo do autor).

Embora conteste o analista, Dora ainda recorre a ele para saber sobre si, o que parece uma contradição: discorda, mas constitui uma demanda direcionada a quem está discordando. Conflitos estruturais condensados em uma relação transferencial talvez. Apesar disso, a contrafaceta nas palavras de Dora é importante ser considerada quando buscamos entender o que torna Goldin o depositário de demandas – de informação, de ajuda, de direcionamento ou até de tratamento – de determinados leitores que se fazem escreventes. Sabemos que esse fato está para além dos elementos da clínica psicanalítica acima expostos e, a título de esclarecimento, não cremos ou defendemos uma psicanálise da relação midiaticizada simplesmente pelo fato de que dela participa um analista. O interesse nesse momento é o de pontuar aspectos inferidos – muitas vezes canhestros – do fazer midiaticizado, a fim de obter densidade para a discussão sobre a possível existência da consulta nesse espaço, embora na condição de consulta transformada, assim como também a incidência de outros processos redirecionadores, deformados, agenciadores, que são justamente os elementos transformadores da consulta. Afora os aspectos da clínica, aspectos comunicacionais estão envolvidos na formação do público leitor e escrevente da coluna “Vida Íntima”. Eles serão abordados em momento oportuno.

Com base na forma clássica de interação na consulta analítica acima exposta, encontramos nos escritos de Goldin, além do aspecto anteriormente discutido, outros importantes elementos que permitem afirmar sua proposta na coluna em discussão como um atravessamento da Psicanálise em perspectiva de consulta midiaticizada tentativa. A começar com trechos da fala do colunista em entrevista, múltiplos referentes canônicos garantem a legitimação canhestra do dispositivo goldiniano, a exemplo de quando afirma, em consonância com a condução da consulta analítica tradicional, a neutralidade de seus textos e o objetivo de promover reflexões mais que soluções<sup>45</sup>. Ao dizer que opta por produzir reflexão ao invés de simplesmente indicar *separe* ou *não separe*<sup>46</sup>, o analista incita o sujeito a se deparar com suas questões particulares, de modo a produzir

---

<sup>45</sup> Fragmento anteriormente transcrito: “A relativa neutralidade dos textos é muito valorizada porque, mais que soluções, promovem reflexões” (informação verbal).

<sup>46</sup> Referência ao já mencionado trecho da entrevista em que Alberto Goldin afirma: “A originalidade do meu enfoque reside em criar situações imaginárias ou metafóricas que deem ao leitor um espaço de reflexão sobre os problemas, evitando respostas diretas, tipo, *separe* ou *não separe*” (informação verbal).

identificações inconscientes. Como argumentado acima, isso remete à subversão de lugar entre consultado – analista – e consultante – analisando – capaz de conduzir o consultante a um olhar para si, de modo a ele próprio construir um saber sobre si, como objetiva a prática analítica. Também em alguns escritos, Goldin procura deixar claro ao leitor sua postura não-diretiva e a recusa em aconselhar, como exemplifica o trecho seguinte: “[...] De nossa parte, continuamos com o hábito de não aconselhar, só alertá-los de que brincar com fogo pode queimar e a única observação válida é que Beto introduziu essa novidade porque não estava satisfeito [...]”. (GOLDIN, 2012i).

Porém, o autor apresenta divergente postura em diferentes escritos de outras datas, quando faz uso da diretividade característica da figura de conselheiro, discrepando de pressupostos da clínica analítica que, por vezes, pauta seu fazer no jornal em discussão. Exemplos do que afirmamos podem ser encontrados, entre outras, nas colunas de 15 de julho de 2012, 20 de maio de 2012, ou ainda de 05 de fevereiro de 2012 e de 08 de julho de 2012, como transcrito nos trechos a seguir:

[...] Fica evidente que não a quer para seduzir outros homens, ela tem outros motivos e nossos argumentos poderão ser úteis. Ela precisa tolerar as imperfeições da passagem do tempo, pois este é o preço a pagar para viver. Já ficou doente, mas está curada e, caso se desligue da sua beleza, sua vida será mais bela. Precisa respirar fundo e se permitir gozar da sua boa saúde e da sua boa vida, pois o seu corpo já lhe deu, além de uma doença chata, muitas satisfações, prazeres e filhos. Está na hora de colocá-lo em segundo plano e, se conseguir, vai descobrir que os únicos jovens eternos são aqueles que morreram na juventude. (GOLDIN, 2012f).

[...] Paola tem uma única saída: não se entregar, reiniciar o ciclo, voltar à condição monástica de prudência, abstinência e esperança. Não há revolução sem sangue e, para ganhar ou, pelo menos empatar a guerra, Paola precisa sangrar, sofrer privações. O Demônio não quer destruí-la, quer que sofra, independentemente de sofrer pelo excesso dos seus venenos (álcool, alimento, consumo) ou por resistir a eles e não consumi-los. Se sofrer é inevitável, é melhor sofrer por privação do que por excesso. Assim poderá entrar em uma nova rodada, com mais experiência e, talvez, melhor sorte. Sei que é difícil, porém vale a pena tentar! (GOLDIN, 2012r).

Quando a não diretividade proclamada – embora nem sempre cumprida – aparece na consulta midiaticizada, outro aspecto pode estar relacionado com a ambição de neutralidade e reflexão em prol de sugestão de solução. Esse aspecto diz respeito ao componente da interação que surge somente na prática midiaticizada, que é o público. Quando há mais alguém além de consultante e consultado, a interação precisa voltar-se

também a esse sujeito: o público. Desse modo, ao primar pela neutralidade e pela não-diretividade, além de fazer-se próximo da prescrição psicanalítica, Goldin amplia o alcance da consulta, tornando-a acessível e interessante a vários hipotéticos consulentes que partilham a proximidade de conflitos com o autor da carta respondida no momento. Tal percepção pode ser certificada em mais um trecho da entrevista com o psicanalista, quando ele assim afirma: “Para outros, o interessante é simplesmente conhecer as angústias e soluções alheias, que às vezes coincidem com as suas próprias. As questões humanas são universais” (informação verbal). Essa afirmação de Goldin mostra uma passagem interessante da proximidade com o sofrimento do escrevente para a abrangência como questão coletivamente interessante, que, como acreditamos, não se dá somente em virtude da universalidade das causas humanas, como discutiremos no último tópico deste capítulo.

Essa referência à universalidade aponta para a produção de identificações coletivas a partir de referentes comuns que, no caso, estão expressos em seus escritos. As questões do inconsciente, porém, essas não são universais, o que aponta para elementos que escapam à resposta do analista. Esses elementos que escapam retomam a processualidade do dispositivo que a tentativa de produção de identificações coletivas parece de alguma forma tentar ocultar. Alguns desses elementos dizem respeito à constituição do público e, assim sendo, serão abordados em momento posterior. Outros, contudo, nos interessam neste momento, como as identificações imaginárias suscitadas nas colunas de Goldin, muitas vezes fazendo uso do recurso do descentramento e generalização do problema proposto pelo autor da carta. Exemplo disso traz o seguinte trecho retirado da resposta a Victor:

Viver sem cofre é convocar o tédio e abri-lo sem limites leva a compulsões. Os reprimidos (Pedro) gozam menos e podem ser exigentes e insuportáveis, os compulsivos (Victor), podem acabar em perversões de difícil retorno. Entre ambos, a grande maioria humana brinca e goza livremente com chaves e cofres, as usa e reconhece sem repressões, nem compulsões. Pedro precisaria de mais coragem para abri-lo e Victor, de mais prudência para não se exceder. Como são escolhas voluntárias, não há mudanças radicais, o possível e desejável é moderar seus efeitos. Victor é e será criativo na sua vida sexual, Pedro é e será limitado no seu erotismo. Ambos sentados na mesa de Pôquer da Vida onde Pedro, reprimido, esconde as cartas, enquanto Victor, exibido, as mostra... E eu, modestamente, as respondo. (GOLDIN, 2012m).

A relação com o imaginário e a fantasia também são elementos da clássica consulta psicanalítica mencionados por Goldin ao responder à entrevista, quando refere a recorrência a cenários imaginários que guardam relação com o problema respondido<sup>47</sup>. A fantasia consiste em importante recurso que faz funcionar uma interação analítica. Ela está na base do amor de transferência, que é o que possibilita o estabelecimento da relação terapêutica, como já exposto. Além disso, seu conteúdo, como afirma Freud (1970)<sup>48</sup>, se transforma em sintoma, quando se trata de moléstia. Tal fato pode ser facilmente observado na elaboração do problema expresso por parte dos escreventes a Goldin, que costumam trazer uma visão se não puramente fantasística, certamente bastante pautada em elementos dessa ordem, como segue:

*“TENHO 32 ANOS, NUNCA NAMOREI, JÁ FIQUEI com vários homens, mas nunca duraram. Sempre tive paixões platônicas, tenho tendência a fantasiar, idealizar...parece que quanto mais impossível é a situação mais eu me interessar, nesses períodos de paixões, eu fico muito obcecada é como se não existisse outra pessoa no mundo...há um ano conheci um cara, nós tivemos relação sexual, mas ele tem namorada, ficamos um tempo sem nos falar, mas eu não aguentei e depois de 4 meses voltei a falar com ele. Ele perguntou se eu aceitaria sexo sem compromisso e eu disse que sim. Nos encontramos uma vez num Motel, depois disso quis encontrá-lo de novo, mas ele disse que não podia pois a namorada dele estava marcando em cima. Sei que ele não se interessa por mim... A questão é que eu sofro muito com esse modo de funcionamento: querer sempre alguém que não existe de verdade na minha vida, e quanto mais difícil é, mais eu quero e sofro com isso. Gostaria de saber como parar de desejar.*

*P.s: sou bonita, sei que os homens tem desejo por mim, sou inteligente e culta, sou bancária. Isabel”.* (GOLDIN, 2011i, grifo do autor).

Outro momento em que a fantasia se faz presente nas páginas de “Vida Íntima” é na construção pelo analista dos cenários a partir dos quais aborda o sintoma identificado em cada carta. A montagem da cena conduz o leitor a uma cena hipotética que o insere na questão abordada quase como uma personagem, produzindo aproximação e envolvimento, como o fazem os contos, as fábulas e as novelas. O autor da carta, por sua vez, também é conduzido à cena criada, só que agora mais atraente e menos sofrível que sua própria história que originou a cena. O fato vivido é transformado em ficção e, com isso, realiza duas ações. A primeira: distancia o leitor de seu drama, de modo que possa olhar de fora para o mesmo. Em seguida, reaproxima-o do mesmo, porém essa

---

<sup>47</sup> Trecho já transcrito: “Todas as minhas colunas transcorrem dentro do cenário imaginário que guarda a relação com o problema apresentado” (informação verbal).

<sup>48</sup> Originalmente publicado em 1910.

aproximação se dá como a de um ator que precisa dar vida a uma personagem e, no espaço da encenação, resolver os conflitos vivenciados que não são conflitos seus, mas de sua identidade fictícia. A segunda ação se assemelha a uma ação interacional característica da prática clínica psicanalítica, que diz respeito a vencer as resistências para chegar ao sintoma e, no espaço em que esse foi gestado, a fantasia, resolvê-lo.

POR ENGANO, TOCAMOS A CAMPAINHA DO SEU APARTAMENTO. Uma mulher atendeu a porta, vestida com elegância, arrumada, parecia pronta para uma festa... Novo engano, não era uma mulher, era Tiago, de festa, aproveitando seu momento “mulher”. Por quê ou para quem?... Para ninguém e por nada, respondemos, apenas para seu próprio deleite, pelo prazer de baixar a vista e ver sua saia justa, meias transparentes, sapatos delicados. Agora, diante do espelho da sala, com um sorriso cúmplice, acerta levemente o decote da sua blusa...

Nem homossexual, nem travesti, apenas transvestido para representar seu próprio show. Define-se como “cross-dresser” (“transvestista”), atividade solitária que pratica desde a infância... É claro que o hábito não faz o monge, nem roupas femininas de grife o transformarão em uma mulher, mas no mundo real, as coisas são exatamente como parecem e por isso Tiago, durante algumas horas “é” a dama elegante que abre a porta e, em outras, o jovem viril, apaixonado pela sua nova namorada. É outro exemplo da diversidade humana, sua história nos surpreende e desconcerta, porém sua prática solitária não ofende nem machuca, apesar de que, por enquanto, dificilmente ganhará a aprovação social ou das suas namoradas, o que, de certo modo, é compreensível. (GOLDIN, 2012d).

Com o caso de Tiago, Goldin assim procede, ao desfocar o sofrimento de um sujeito em crise de inadaptação social por ser crossdresser apesar de sua escolha de objeto ser o sexo feminino. Sai de cena o Tiago homem que assume a identidade de gênero masculino, heterossexual, mas que sente prazer em se vestir como mulher em espaço privado. Em seu lugar, outro Tiago que, livre de conflitos, exibe a elegância e festeja seu momento mulher. O primeiro Tiago, aquele que escreveu a carta, quer saber sobre seu homônimo e em seu enredo se inspira. Isso nos lembra duas coisas: o filme “A vida em preto e branco”, um filme americano de 1998, escrito e dirigido por Gary Ross e o livro de Oliviero Toscani (2009) intitulado “A publicidade é um cadáver que nos sorri”.

No caso do filme, o mundo até então em preto e branco vai pouco a pouco sendo colorido, à medida que as personagens vivenciam experiências que lhe são prazerosas. Parece semelhante ao que Goldin, nos não-ditos de suas palavras, oferece a seus escreventes. Por sua vez, a relação com o que exprime Toscani (2009) na obra

supracitada diz respeito à ação empreendida por Goldin na constituição de personagens substitutivos de seus escreventes que, assim como refere o autor sobre a publicidade, forja uma imagem de pessoas felizes, bonitas, saudáveis e bem-resolvidas, conferindo cor e brilho a uma vida descolorida e opaca. Toscani (2009, p. 27) argumenta que esse “modelo falsificado e hipnótico da felicidade” é o que torna sedutora a publicidade. Pensamos ser também essa uma estratégia assumida nas colunas debatidas.

Além da fantasia que faz o dispositivo em foco funcionar, vários referentes teóricos da Psicanálise são frequentemente acionados nos textos de Goldin, como é o caso da ideia de inconsciente, cuja menção é repetida em grande número de respostas, nas quais o analista o associa à constituição dos sintomas sobre os quais discorre. Ilustrativos desse fato são os trechos das respostas a Pedro e Mônica, circulantes respectivamente em 15 de janeiro de 2012 e 11 de novembro de 2012, entre tantas outras que não cabe aqui reproduzir:

[...] Sabemos que todo sintoma está construído por um impulso inconsciente, uma defesa contra esse impulso e uma solução alternativa que depende da intensidade de ambos os fatores. Sobre esta plataforma desenhamos nossa interpretação a ser considerada apenas como uma hipótese: Mônica é uma bonita jovem de 24 anos, solteira e independente, que confessa ter forte interesse por sexo... É uma demanda lógica e compreensível de uma mulher normal e não existe nada na sua vida que a impeça de satisfazer seu desejo, já que mulheres com suas características são o sonho de consumo de qualquer homem. É justamente este seu paradoxo: Mônica não quer o que mais quer... Por isso coloca freios no seu desejo e trava uma forte luta interna. [...]. (GOLDIN, 2012c).

[...] Acontece que o erotismo humano tem um pé no inconsciente, que manipula e modifica o cenário subjetivo das experiências sexuais seja valorizando ou reclamando das suas atitudes, gestos e gozos. É clássico os homens competirem na sua própria cama, tentando ser melhores do que seus antecessores e, em geral, são justos na avaliação dos seus desempenhos [...].(GOLDIN, 2012z).

Os exemplos mostram uma ação comunicacional comum aos escritos de Goldin, que é a tentativa de levar ao público não especialista um pouco de compreensão da sua teoria. Isso afirma sua perícia, confere credibilidade por parte dos leitores aos seus ditos e ainda sustenta o colunista no lugar do que sabe, do “suposto saber”. Podemos ver como ele desenvolve explicações sobre a relação entre inconsciente e sintoma, com forte acionamento de sua teoria, embora na tentativa de tornar seus conceitos facilmente apreensíveis.

O inconsciente é uma das pedras angulares da teoria da personalidade de Freud e diz respeito a uma instância psíquica que condensa significativa parcela das vivências do sujeito. Sobre ele, Freud sistematiza uma definição na obra “Uma nota sobre o inconsciente na Psicanálise”, escrita em 1912. Nela, o autor constrói uma historicidade que conduz à elaboração do conceito em questão. Em três tempos, assim o define: 1- “uma concepção inconsciente é uma concepção da qual não estamos cientes, mas cuja existência, não obstante, estamos prontos a admitir, devido a outras provas ou sinais” (FREUD, 1970b, p. 328)<sup>49</sup>; 2- “Designa não apenas as ideias latentes em geral, mas especialmente ideias com certo caráter dinâmico, ideias que se mantêm à parte da consciência, apesar de sua intensidade e atividade” (ibid, p. 330) e; 3- “O sistema assinalado pelo fato de seus atos isolados serem inconscientes é chamado ‘O Inconsciente’, por falta de termo melhor e menos ambíguo” (ibid, p. 334). O pai da Psicanálise conclui ainda em relação à última afirmação: “E este é o terceiro e mais significativo sentido que o termo ‘inconsciente’ adquiriu na psicanálise” (ibid, p. 334).

Pontuar o sintoma e articulá-lo com inferidas vivências infantis também acontece recorrentemente nos textos de Goldin e se relaciona com a construção freudiana que vê na infância o momento de constituição do mesmo, estando ele, por sua vez, relacionado a fantasias sexuais infantis. A esse respeito, Freud (1970a, p. 39)<sup>50</sup> afirma: “Só os fatos da infância explicam a sensibilidade aos traumatismos futuros e só com o descobrimento desses restos de lembranças, quase regularmente olvidados, e com a volta deles à consciência, é que adquirimos o poder de afastar os sintomas”. Ao propor um esclarecimento sobre o sintoma segundo os referentes da Psicanálise, o colunista não se furta do lugar de apontar com muita frequência aos seus leitores o lugar possível de seu surgimento e sua função, que segundo Freud (ibid, p. 46), “orienta-se para a infância, restabelecendo um estado infantil da vida sexual”. Em linguagem acessível e pautada em referentes amplamente partilhados, esse pressuposto básico da teoria psicanalítica assim se faz presente, tanto nas palavras dos leitores quanto no escrito do colunista. A coluna seguinte ilustra a referência ao paraíso perdido da infância, tanto na carta quanto na resposta:

*“TENHO 20 ANOS, SOU FELIZ, ME CONSIDERO uma criança. Não quero me casar nunca, quero morar sempre com meus pais e quando envelhecer ser uma velhinha que cuida de muitos gatinhos.*

---

<sup>49</sup> Publicado originalmente em 1912.

<sup>50</sup> Publicado originalmente em 1910.

*Nunca senti atração pelo sexo oposto, e fico triste ao perceber que isso gera uma cobrança por parte de muita gente. Fiz um novo amigo, José, tínhamos muitas coisas em comum, porém, não imaginava que gostava de mim. Um dia o revelou. Disse que só poderia ser sua amiga dele, e ele não gostou. Depois decidimos tentar. Foi a pior semana da minha vida, só olhava amigo, e fazer coisas de "namorados" eram difíceis ainda que fingisse que fossem fáceis. Sou feliz sozinha, disse que queria ser só amiga, mas tenho medo das coisas não serem como antes! Ninguém entende que eu não gosto de meninos! Você conhece alguém como eu? Eu sou normal? Eu gosto de ser assim, mas me machuca saber que decepciono a José e minha família. Existe uma classificação para o que eu sou?  
Renata”*

Respondo-lhe que sim, existem e não são uma aberração da natureza. O que todas têm em comum é que simplificam sua existência para evitar conflitos, o que dificulta a passagem da infância para a vida adulta. Não é possível ser mulher, desejar ou ser desejada, seduzir ou amar sem atravessar turbulências. Renata está blindada num mundo simples e feliz, condenado a uma paz eterna.

Quando decidiu “namorar”, se aproximou do universo adulto e o sentiu sinistro e forçado, arrependeu-se, porque perturbou sua paz. De fato, amor e sexo perturbam, obrigam a tomar posições, abrem a misteriosa caixa do sexo, expõem e ameaçam com perigos desconhecidos. O mundo humano não é uma planície bucólica, é um campo minado, uma caixa de (boas e más) surpresas e Renata, por motivos que ignoro, não quer participar, só pretende ser espectadora. Para responder à sua pergunta, me remeto a outras histórias semelhantes. Em todas suas protagonistas tinham sofrido traumas nos seus primeiros anos de vida... Nestes casos, o aparelho psíquico se comportou como um braço ou uma perna acidentada, com fraturas múltiplas que o tempo reparou, mas não completamente, ficando com alguma rigidez, pouca articulação e movimento. Por esse motivo desconfiam da sua agilidade para resolver imprevistos e tendem, como a Renata, a assumir posições radicais e definitivas. (GOLDIN, 2011o, grifo do autor).

Como afirma em entrevista Alberto Goldin, seu fazer no jornal se pauta em um esclarecimento a respeito dos sintomas e uma ação central empreendida pelo colunista – que se inicia na ante-sala do dispositivo – é a identificação do mesmo. No tratamento analítico, os sintomas têm como uma de suas funções permitir a construção da hipótese diagnóstica que, por sua vez, confere um balizamento ao tratamento, embora o diagnóstico mesmo somente ocorra *a posteriori*. Claramente sabemos que o colunista não propõe um tratamento analítico no espaço do jornal – longe disso o que defendemos com a consulta transformada – e, se aqui pontuamos estratégias da clínica presentes em sua coluna, essa ação tem como fim demonstrar que elementos da codificação canônica precisam ser mantidos para que o profissional possa gozar da credibilidade perita que seu saber lhe confere. As regularidades, por sua vez, são constante e intensamente

tensionadas no espaço do dispositivo ao qual o fazer canônico se agencia. Esse sutil movimento de garantir elementos mínimos de um código partilhado e, concomitantemente, permitir as incidências advindas dos campos sociais como condição para pôr o dispositivo em movimento pode ser vislumbrado na apropriação deformada que o colunista faz da ideia de diagnóstico.

O trecho da coluna seguinte demonstra as ações empreendidas para circunscrever o sintoma da escrevente:

[...] No amor acontece a mesma coisa. A mulher precisa confiar, abrir as comportas e se entregar, mas quando há dúvidas ou desconfiança, fica paralisada, permanecendo de pé, fora da pista e da dança. Mônica não consegue se entregar a uma relação amorosa. Quando alguém lhe propõe um compromisso sério, a asfixia e os encontros casuais, a frustram. Define a si mesma como um “paradoxo”, sinônimo do que nós chamamos “sintoma”.

Analisemos sua principal contradição: Mônica afirma que quer sexo, amor, companhia, porém... À medida que não aceita compromissos sérios, nem relações casuais, nega o que acaba de afirmar, configurando um paradoxo sem solução possível, o que resulta em dúvidas, indecisões e relativa paralisia.

A solução alternativa que encontrou foi escolher parceiros mais jovens, aos quais não respeita muito, porém não a ameaçam, já que consegue controlá-los mais facilmente do que a homens maduros. Sabemos que todo sintoma está construído por um impulso inconsciente, uma defesa contra esse impulso e uma solução alternativa que depende da intensidade de ambos os fatores. Sobre esta plataforma desenhamos nossa interpretação a ser considerada apenas como uma hipótese: Mônica é uma bonita jovem de 24 anos, solteira e independente, que confessa ter forte interesse por sexo... É uma demanda lógica e compreensível de uma mulher normal e não existe nada na sua vida que a impeça de satisfazer seu desejo, já que mulheres com suas características são o sonho de consumo de qualquer homem. É justamente este seu paradoxo: Mônica não quer o que mais quer... Por isso coloca freios no seu desejo e trava uma forte luta interna.

Seu desejo seria mergulhar num perigoso e desenfreado abismo erótico e para se defender decreta que não existe um homem adequado para isso. Se não fosse indecisa, seria devassa, por isso suas dúvidas funcionam como o escudo protetor que a defende do seu maior perigo que, por acaso, coincide com seu maior desejo. Mônica não é diferente de outros seres humanos que a defendem dos seus excessos, alcoólatras acabam abstêmios; obesos em regimes de fome; homossexuais latentes, homofóbicos etc. [...]. (GOLDIN, 2012c).

O exemplo marca as deformações acima referidas, as quais vamos sistematizar. A primeira delas vislumbramos quando o colunista toma por referência os princípios psicanalíticos do diagnóstico para circunscrever o sintoma que, no caso de Mônica, é o

“paradoxo” segundo o qual se define e que se reflete nas contradições entre o seu desejo e seus atos. Tais contradições são analisadas segundo os referentes da Psicanálise que, no caso, se referem ao funcionamento da instância inconsciente. Isso ocorre na afirmação: “Sabemos que todo sintoma está construído por um impulso inconsciente, uma defesa contra esse impulso e uma solução alternativa que depende da intensidade de ambos os fatores” (GOLDIN, 2012c). Há nesse trecho também uma explicação pedagógico-informativa ao público leigo.

Em continuidade, prossegue com uma interpretação canhestra do caso, anunciada no seguinte fragmento: “Sobre esta plataforma desenhamos nossa interpretação a ser considerada apenas como uma hipótese” (GOLDIN, 2012c) e que prossegue, com a resguarda de se tratar apenas de uma hipótese. Lembramos que a clínica psicanalítica trabalha com a perspectiva de hipótese diagnóstica, já que o diagnóstico é algo que somente pode se dar *a posteriori*, por ocasião do fim de análise. Para encerrar, Goldin universaliza – como, aliás, é uma regularidade que trabalharemos em seus escritos – o problema da escrevente em meio a outras questões humanas: “Mônica não é diferente de outros seres humanos que a defendem dos seus excessos, alcoólatras acabam abstêmios; obesos em regimes de fome; homossexuais latentes, homofóbicos etc.” (GOLDIN, 2012c).

Como ocorreu no caso de Mônica, frequentemente o sintoma é expresso pelos escreventes e prontamente circunscrito pelo colunista. Tais sintomas, em sua maioria, estão relacionados a angústias e sofrimentos relativos a questões de amor e sexo, como pode ser constatado em uma leitura transversal do material coletado da coluna “Vida Íntima” e ainda é referido pelo autor da mesma em entrevista. Algumas vezes, porém, essa regularidade é quebrada e passa a exigir do escritor a reestruturação na forma de lidar – em acordo as características do seu dispositivo – com o sintoma. Não sem pontuar seu melhor desempenho nos casos com os quais mais se depara, o autor desenvolve outra estratégia para abordar também a distinta demanda, demonstrando assim que é na prática que se constitui o seu dispositivo interacional:

SOU MELHOR DEBATENDO SINTOMAS VISÍVEIS, tais como angústias, fobias ou depressões do que sintomas negativos, como a falta de um companheiro para uma mulher que precisa e merece tê-lo... Em primeiro lugar, acredito que a descrição que Daniela faz de si mesma seja sincera, motivo suficiente para tornar sua carta um intrigante mistério... Considera-se bonita, sensual e inteligente e com excelentes perspectivas profissionais, porém, ainda assim, repete

fracassos com os homens que raramente ultrapassam o primeiro encontro. Daniela arrisca uma hipótese: supõe que o motivo de resistência masculina é por ser uma mãe jovem, que convive com filhos adolescentes...

Não concordamos. Esse argumento seria válido para solteiros em vias de formar uma família, porém desmonta quando se trata de adultos separados que evitam reiniciar um ciclo familiar. Em outras palavras, algo está errado. Ou a Daniela não é como pensa ser, ou, no seu caso, o destino bêbado atropela estatísticas e é excepcionalmente mesquinho e injusto com ela. Poderiam ser ambas as coisas, ou nenhuma, não existem padrões absolutos nas relações humanas, uma mesma atitude pode ser motivo de atração ou de rejeição. A liberdade sexual de uma mulher é tentação para uns e ameaça para outros.

Por tudo isso e reconhecendo o risco de qualquer generalização, me atrevo a formular uma hipótese: acredito que o problema da Daniela seja um efeito colateral da dificuldade masculina de estabelecer vínculos. É unânime que a fase de encontro e sedução entre homem e mulher é maravilhosa, com direito a brilho nos olhos, entusiasmo, viagens, projetos exóticos, surpresas mútuas e felicidade aos borbotões... Independentemente da idade e estado civil, as conquistas são juvenis, antidepressivas e estimulantes, melhoram a auto-imagem, tanto na frente do espelho, como fora dele. O único problema desta fase é que, como todas as estréias luminosas, depois de estabelecidos, deixam de ser estréias e, conseqüentemente, perdem parte do seu brilho inicial. [...]. (GOLDIN, 2011j).

Ao encerrar as aproximações estabelecidas por Goldin com alguns referentes da Psicanálise e antes de adentrar em outros atravessamentos, enfatizamos que há distinção entre o tratamento psicanalítico e a teoria psicanalítica. A teoria escapa ao tratamento e mais se aproxima da apropriação encontrada no trabalho desempenhado pelo colunista – e também analista – do Jornal “O Globo” que, segundo argumentamos, gesta uma ação interacional de produção de um tipo de consulta transformada. Diferentemente do tratamento analítico constituído em meio a interações de múltiplas naturezas, como a relação analista-analisando, as comunicações científicas, debates, conferências, supervisões, etc., o profissional em questão não se ocupa dos aspectos formais de produção de saber sobre o dispositivo que faz funcionar. Contrário a isso, seu dispositivo é posto em prática e se constitui no espaço da prática mesma que o faz funcionar, deixando à margem questões de ordem teórica, epistemológica, metodológica e de formalização.

### 3.2.2 Atravessamentos com a Psiquiatria

Bem menos frequente que os atravessamentos com a teoria psicanalítica, é possível encontrar no dispositivo goldiniano referentes da Psiquiatria, área também de sua formação e que está implicada na construção de sua visão de sujeito e de mundo. Muitas vezes presentes nos dispositivos mediados que estamos analisando de forma indistinta, Psicanálise, Psiquiatria e também Psicologia<sup>51</sup> são campos do saber que apresentam suas especificidades, muito embora partilhem como ponto comum o fato de que os três trabalham com a psicopatologia. A partir desse referente, sem uma discussão mais aprofundada por fugir à proposta de nosso estudo, assumimos os saberes “psi” como as práticas que se ocupam das causas psicopatológicas e que, no âmbito dos dispositivos mediados, abdicam de seus aspectos diferenciais em prol da legitimação perita que os três campos são capazes de garantir.

A Psiquiatria é um campo das ciências médicas que desenvolve seu olhar voltado para as doenças psíquicas e, como descrevem Schulte e Tolle (1981), se ocupa da etiologia, sintomatologia, nosologia, diagnóstico, prevenção e tratamento das patologias psíquicas. Embora partilhe com a Psicanálise e a Psicologia alguns objetivos comuns, como a prevenção e o tratamento das referidas patologias, delas se diferencia em constituição epistemológica e nos procedimentos técnico-metodológicos. Psicopatologia e Psicanálise nasceram à sombra da Psiquiatria (ABREU, 2002; BASTOS, 2000) como tentativas de dar conta da demanda social que era a atenção especializada aos transtornos psiquiátricos. Um saber ainda jovem e de estatuto mal definido, a Psiquiatria adquire o estatuto de cientificidade no final do século XIX, quando Emil Kraepelin se detém à classificação e descrição das doenças mentais (BASTOS, 2000).

Com raízes também no século XIX, como conta Abreu (2002), somente no século seguinte a Psicopatologia consegue se estabelecer como um desmembro da Psiquiatria, com as importantes contribuições de Karl Jaspers, em um momento em que as escolas médicas despendiam esforços para integrá-la. Contrariando essa tendência, a Psicopatologia alcançou o lugar de ciência autônoma, “com metodologia independente e objetivos que transcendem a prática médica, antes dirigidos ao conhecimento do homem” (ABREU, 2002, p. 16). Por sua vez, a Psicanálise foi criada no seio da Psiquiatria pelo médico psiquiatra Sigmund Freud, no final do século XIX, embora seu

---

<sup>51</sup> Falaremos sobre esse campo em capítulos posteriores, quando discutiremos os dispositivos interacionais de Olga Tessari e Ildo Rosa da Fonseca e Anahy d’Amico, esses gestados no espaço que assume a Psicologia como referente.

estabelecimento como tratamento com base teórica, epistemológica e metodológica próprias tenha se dado somente no século XX.

Diferente do que ocorre com a Psicanálise, em poucos escritos Goldin nos permite inferir aproximações com o fazer psiquiátrico. Talvez isso se dê devido a uma maior flexibilidade de codificação da Psicanálise em sua inserção no espaço jornalístico. Contudo, essa é somente uma hipótese que pode talvez ser refutada por um olhar psiquiátrico para os escritos, olhar esse que somente podemos desenvolver marginalmente, por um viés de interface. Identificamos aproximações e atravessamos com os postulados psiquiátricos especialmente através de posturas mais diretivas sem algumas prescrições e indicações de soluções para os problemas recebidos, como ocorre na resposta enviada a Ângela, em 04 de dezembro de 2011. A autora da carta interroga o profissional sobre questões existenciais expressas em mal-estar subjetivo e busca de saber sobre si, que diferem de um quadro psicopatológico estabelecido, do qual, por convenção, a Psiquiatria se ocupa. A ela, Goldin prescreve atitudes e estima a expectativa temporal de melhora:

[...] Uma hora diária de caminhada, filmes duas vezes por semana, curso de culinária e línguas pela Internet, visita a exposições, museus, pesquisa de cursos profissionalizantes e instituições que oferecem terapias ao seu alcance... Comprovou que programar é organizar o tempo e o tempo é o único bem que se perde a cada minuto. Ângela está em mudança. Não será uma transformação da sua vida da noite para o dia. Talvez leve um mês, ou um ano. [...]. (GOLDIN, 2011).

Em outra carta publicada em 12 de junho de 2011, a referência à Psiquiatria aparece nas palavras da escrevente, assim como pauta a resposta do especialista. No primeiro caso, também ilustra a ideia confusa do senso comum das especificidades dos saberes “psi”, existindo certa imprecisão frente a qual campo de conhecimento recorrer em determinados casos e o que cada um deles pode oferecer. Por sua vez, o profissional aciona o referente possivelmente mais popular do campo referido pela escrevente, no caso, o medicamento, como forma de situá-la no que compete ao campo por ela referido. Desse modo se processa a interação:

*"NAMORO O EDUARDO HÁ DOIS ANOS. Estamos na faixa etária dos 40 anos. Sexualmente nos damos bem, não dependemos financeiramente um do outro. Apesar de dizer que me ama, ele já brigou comigo quatro vezes, nessas horas não gosta de conversar, nem ouvir críticas, não fala comigo como se eu fosse uma inimiga. Ele*

*vai embora, como se estivesse me punindo por algo que na verdade é ele quem faz. Aí fica sem falar comigo. Depois ele volta e jura que isso nunca mais vai acontecer. Falei que só o aceitava de volta se ele procurasse uma ajuda psiquiátrica e ele fez isso, fiquei muito feliz. No meu aniversário fiz uma linda festa: amigo, bebidas, música...tudo ia bem até que um amigo dele se desentendeu com outro, ele foi embora e meu namorado foi atrás dele chateado. Eu fiquei furiosa, e falei que não ia estragar a noite por causa dos outros, e continuei me divertindo sem dar atenção a ele. Ele ficou furioso comigo e mais uma vez, foi embora sem conversar, saiu no meio da noite. Que tipo de amor é esse, que abandona com requinte de crueldade? Por que ele descarrega em mim? Eliane"*

[...]- "Eduardo intui sua própria hostilidade e teme não controlá-la, sair de cena atende a uma função dupla de agredir Eliane num gesto teatral e também de protegê-la da sua violência... Sabe que nessas horas é mais seguro estar sozinho. Eliane o ama, quer ajudá-lo, mas não sabe como fazer. De nossa parte reconhecemos que é difícil lidar com a hostilidade humana, inclusive para os especialistas que, sem melhores alternativas, utilizamos tranquilizantes para apaziguá-la.

Com alguma frequência, as pessoas agressivas, sem saber, sofrem de alterações neurológicas que, bem diagnosticadas e medicadas, melhoram dramaticamente o quadro. Importante é que independentemente da origem da agressividade, sempre a principal vítima é o próprio sujeito, as explosões periódicas fazem naufragar projetos profissionais e afetivos e, como Eliane pôde comprovar, não é possível evitar as frustrações próprias da vida cotidiana... A melhor forma de enfrentar a situação é entendê-la: quando Eduardo sente medo, frustração ou tristeza, não pode manifestá-lo com o sentimento correspondente, mas com uma explosão agressiva. Esse é seu denominador comum, facilmente comparável a um ataque de epilepsia sem convulsão. Nessas horas, Eduardo, com o dedo no gatilho, precisa de um conflito armado e qualquer que seja o seu resultado, ganhe ou perca, será o maior prejudicado. Mais tarde, quando recuperar a calma, o surpreenderá visitar o campo de batalha, sem saber por que tanta briga com tão pouco sentido. Uma terapia pode ajudá-lo com a sua impaciência e, se necessário, uma medicação o deixará menos irritável, substituindo ação por reflexão, agressividade por bom humor e péssima discussão por bom diálogo.

A hostilidade faz parte da condição humana e foi fundamental para a sobrevivência da espécie, porém, em tempos de paz, pode resultar difícil manter os exércitos nos seus quartéis, limitar a violência ou controlar a crueldade. Eduardo é uma pessoa normal, só que por motivos ligados à sua história, ou sua genética, é mais sensível aos impulsos agressivos e, se não tomar precauções adequadas, as consequências sociais e afetivas serão irreparáveis. É claro que, como tudo que é humano, seu quadro pode ser melhor ou pior do que imagino e como sou otimista, acredito que com o afeto e boas intenções da Eliane, somados ao espírito de cooperação e cumplicidade, o quadro poderá ser revertido. [...]. (GOLDIN, 2011d, grifo do autor).

Além da Psiquiatria, outros atravessamentos podem ser encontrados com maior nitidez e frequência nos escritos de Alberto Goldin. Eles nos são tão caros por

ênfatarem relevantes características da constituição dos dispositivos como processos tentativos de promover a interação na prática em que se inserem e, para isso, abdicam de estarem presos a referentes monolíticos, assumindo, contrariamente, a abertura para os vários possíveis, para o devir. Pouco interessa a Goldin se o que ele faz é Psicanálise, Psiquiatria, Literatura, Jornalismo... Interessa-lhe fazer sua coluna funcionar e, talvez, as incidências da mesma sobre sua própria prática. As ocupações formais cabem aos estudiosos que, como nós, se interessam em compreender os acontecimentos, transformando os feitos práticos em realidades inteligíveis, a começar pela própria questão daí desmembrada que diz respeito ao que significa funcionar para uma coluna. Perspectivas sobre esse problema precisam ser construídas a partir de diferentes olhares e esses tomados pelo viés do deslocamento entre referências, pois funcionar no sentido dos saberes “psi” é diferente de funcionar enquanto fazer jornalístico ou ainda na condição de dispositivo interacional. Essa questão será discutida em momento posterior.

### 3.2.3 Atravessamentos com a Literatura e a Retórica

No amplo leque de atravessamentos de referentes que estamos discutindo no dispositivo gestado por Goldin, um viés que nitidamente conseguimos perceber é a aproximação com o texto literário, quando o colunista produz narrativas, recorre a fábulas, cria personagens, produz um mundo ficcional e parece priorizar a função estética do texto, entre outras ações empreendidas recorrentemente, como demonstra o fragmento do texto veiculado em 19 de fevereiro de 2012, em resposta ao escrevente que utiliza o codinome Luísa. Nesse fragmento, o autor deixa claro um afastamento da crônica que algumas vezes vislumbramos como estilo por ele adotado e recorre à narrativa, cria uma personagem – ainda que com base na leitora-consultante – e todo um mundo o qual habita, inventa um diálogo interior da personagem e fala metaforicamente da situação problema que lhe chega:

É NOITE. DO ALTO, A CIDADE se exhibe orgulhosa e imponente. Prédios iluminados, alinhados em grandes avenidas e os apartamentos, de comum acordo, apagam as luzes dos seus quartos... Num deles, Pedro, no escuro e de olhos abertos, não consegue dormir. “Tragédia ou comédia?”, se pergunta. A palavra “cadáver”, que utiliza na sua carta dá a resposta: é tragédia.

Reconhece a beleza de Luisa, fisicamente a admira e deseja, porém demorou até concluir que ela oferecia seu corpo, sem entregá-lo. Descobriu, em primeira pessoa, a dramática diferença entre praticar e gozar o sexo. Quando unem seus corpos, na hora de maior intimidade, Luisa se afasta, o olha de fora, o deixa fazer e, com alguma impaciência, espera tudo acabar, sem participar, ficando apenas de corpo presente. Pedro já desconfia dos seus talentos, porém resiste a testar sua potência fora de casa.

Seus pensamentos giram, obsessivos, em torno do prazer e orgasmo femininos. Quando o homem fracassa na ereção, é um escândalo, quando é a mulher, a tolerância é absoluta... Outra herança de séculos de repressão feminina? O que é e onde está o orgasmo? A pergunta soou vazia, sem esperança de encontrar uma resposta... Lembrou nitidamente de uma ex-namorada que, ao contrário da Luisa, se entregava a orgasmos múltiplos, uma verdadeira fonte de prazer... Era isso! O orgasmo era uma fonte de águas claras e puras que refresca o corpo e sacia a sede dos amantes, porém... A fonte de Luisa estava oculta, para encontrá-la precisaria abrir trilhas, entrar em labirintos, voar sobre nuvens românticas ou talvez visitar cavernas profundas e obscenas...[...]. (GOLDIN, 2012h).

A criação de personagens é uma constante no dispositivo goldiniano, seja pelo colunista, seja pelo escrevente mesmo, que comumente já se apresenta como uma personagem e, assim, ao mesmo tempo em que exhibe sua questão, se abstém de trabalhá-la em trocas inter-subjetivas, como é característico das terapias e análises. Essa constatação nos remete a Birman (2000, p. 24), quando afirma que, na sociedade contemporânea, “os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e auto-centrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas”. Tal caráter exibicionista e auto-centrado referido pelo autor, pode ser também vislumbrado nos trechos das cartas recebidas, onde é percebido que muitas vezes os sujeitos das demandas se produzem como personagens do drama de suas próprias vidas, criando uma espécie de perfil positivado de si:

*“Tenho 28 anos, sou muito bonita e atraente, porém não faço o gênero "femme fatale". Sou carinhosa, tenho uma ótima formação acadêmica, um trabalho interessante, amigos e estou perto da minha independência financeira. Passo uma imagem de mulher independente e auto-confiante além de boa experiência sexual, sou desinibida na cama.[...]”*. (GOLDIN, 2012e, grifo do autor).

*“[...] Sou bonita, malho, minha vida social é bem agitada, meus amigos me adoram, meus filhos não me dão nenhuma dor de cabeça. Não tenho problemas para "ficar" com algum cara. Esse é o problema: aparecem caras interessantes, mas nunca engrena nada. Dedico-me, sou carinhosa, demonstro, tento ser a mais gostosa... E depois dos 30, penso em sexo 24 horas por dia, às vezes sem me*

*concentrar em algo mais importante. É inadmissível, para mim, ficar mais de uma semana sem sexo. Porém, a ligação do dia seguinte, geralmente não acontece. Sinto-me frustrada e tenho me envolvido fácil por carência de alguém para compartilhar meus finais de semana. Acho que por ser jovem e com dois filhos acabo assustando, estou com a idéia fixa de arranjar um namorado. Daniela”.* (GOLDIN, 20 de novembro de 2011j, grifo do autor).

Para essa questão, também nos chama a atenção Sibília (2007, p. 188), quando, ao se referir ao “show da realidade” cotidiana, argumenta que “os sujeitos contemporâneos se autoconstroem como personagens *reais*, porém ao mesmo tempo *ficcionalizados* de suas próprias vidas/filmes”. Em movimento paradoxal, as mesmas personagens que exaltam sua perfeição clamam por auxílio urgente, ao tempo em que se resguardam ou se defendem, negando a si mesmos suas demandas, conferindo a responsabilidade de seus problemas a outrem ou até mesmo se desimplicando de suas queixas, a exemplo do movimento expresso na coluna escrita por Goldin em 04 de dezembro de 2011: “*Vocês acham que é fácil arrumar trabalho na minha idade depois de quatro anos parada? O dinheiro não dá para tudo, queria que vocês estivessem no meu lugar, é fácil falar*” (grifo do autor). Muitas vezes ainda as queixas giram em torno de um terceiro que parece não corresponder às expectativas relacionais dos escreventes e, quando isso ocorre, não é raro Goldin trazer esse terceiro para seu texto, nele situando o problema, como acontece na publicação seguinte, a qual já reproduzimos trecho da fala da escrevente<sup>52</sup> e, neste momento, vamos à fala do analista:

[...]. Por tudo isso e reconhecendo o risco de qualquer generalização, me atrevo a formular uma hipótese: acredito que o problema da Daniela seja um efeito colateral da dificuldade masculina de estabelecer vínculos. É unânime que a fase de encontro e sedução entre homem e mulher é maravilhosa, com direito a brilho nos olhos, entusiasmo, viagens, projetos exóticos, surpresas mútuas e felicidade aos borbotões... Independentemente da idade e estado civil, as conquistas são juvenis, antidepressivas e estimulantes, melhoram a auto-imagem, tanto na frente do espelho, como fora dele. O único problema desta fase é que, como todas as estréias luminosas, depois de estabelecidos, deixam de ser estréias e, conseqüentemente, perdem parte do seu brilho inicial.

Quando a relação ultrapassa essa fase com sucesso, as dificuldades se acertam e o novo casal parte rumo a novos projetos que, normalmente, transformam glamour em trabalho conjunto e criativo, porém é

---

<sup>52</sup> Em alguns momentos de nosso texto, repetimos publicações para discutir diferentes percepções constatadas no dispositivo em análise. Assumimos o risco de optar pela repetição como modo de exemplificar também que, em uma mesma publicação, distintas ações são realizadas e se complementam como modo de fazer funcionar o dispositivo interacional.

precisamente nesta segunda fase que as posições femininas e masculinas entram em conflito. A mulher, por motivos diversos, valoriza a estabilidade e se encanta com o homem que a aceita e encara. No entanto, para muitos homens, é a hora exata de se retirar para repetir o ciclo festivo, recomeçando outras novas e eufóricas conquistas. A mulher rejeitada e decepcionada por esta atitude tende a explicá-la com alguma das muitas teorias sobre a imaturidade masculina, mais inclinada a festas do que a compromissos. Este desencontro seria a razão da solidão em ambos os sexos e Daniela, outra vítima dos seus efeitos [...]. (GOLDIN, 2011j).

Quando o escrevente não mostra êxito na montagem de sua personagem, são nelas transformados pelo escritor, tal qual observamos no modo como Goldin encaminha suas respostas, criando uma espécie de fábula a partir de cada fragmento de carta:

O PROFESSOR DE DANÇA FOI CLARO E CONCLUSIVO: - “Para dançar tango a dama precisa se entregar, relaxar, confiante nos braços do cavalheiro... A dança exige parceria e cumplicidade...” E acrescentou. “Só é convincente e prazerosa quando os dançarinos associam bom comando masculino e generosa complacência feminina...” No amor acontece a mesma coisa. A mulher precisa confiar, abrir as comportas e se entregar, mas quando há dúvidas ou desconfiança, fica paralisada, permanecendo de pé, fora da pista e da dança. Mônica não consegue se entregar a uma relação amorosa. [...]. (GOLDIN, 2012c).

FOI UMA MÃE TÃO DEDICADA QUE JÁ ANTES do nascimento da sua primeira filha colecionava roupas de bebê e suas leituras favoritas eram livros de conselhos de pediatras famosos. Finalmente deu a luz a uma encantadora menina, tão bonita e sorridente, que superava suas mais otimistas previsões. Como nada é perfeito, durante um breve período a bebê passou por uma dificuldade alimentar, rapidamente superada, porém teve um inesperado efeito colateral. A mãe, ansiosa, desencadeou uma preocupação obsessiva e incontrolável, para evitar uma possível desnutrição, passou a alimentá-la com uma oferta absurda de comida, que inicialmente provocou uma obesidade infantil e mais tarde, já na adolescência, um quadro de anorexia bastante grave. Mais uma vez ficou comprovado que uma atenção dirigida e repetitiva sobre uma função corporal, pode perturbá-la seriamente... [...]. (GOLDIN, 2012v).

A literariedade dos processos elaborados nas colunas de Goldin mostra uma diluição de fronteiras entre o literário e o não literário. Para compreender melhor essa questão, recorreremos à Literatura, em busca de regularidades e características que pudessem definir o literário para, assim como fizemos com os outros atravessamentos, pensar as afetações de campo na constituição do dispositivo híbrido. Nos deparamos,

porém, com uma discussão de campo que aponta para a dificuldade de estabelecimentos de tais caracterizações e regularidades, na medida em que, como argumenta Culler (1999), a própria teoria literária já é uma mescla de contribuições vindas da Filosofia, da História, da Linguística, da Teoria Política e da Psicanálise, fato que resulta na complicação da definição do que são obras literárias e o que as distingue de obras não literárias. Como explica o autor:

[...] a distinção não parece central porque as obras de teoria descobriram o que é mais simplesmente chamado de a “literariedade” dos fenômenos não-literários. Qualidades muitas vezes pensadas como sendo literárias demonstram ser cruciais também para os discursos e práticas não-literários<sup>53</sup>. Por exemplo, as discussões sobre a natureza da compreensão histórica tomaram como modelo o que está envolvido na compreensão de uma história. [...]. O modelo para a explicação histórica é, desse modo, a lógica das histórias: a maneira como uma história mostra como algo veio a acontecer, ligando a situação inicial, o desenvolvimento e o resultado de um modo que faz sentido. O modelo para a inteligibilidade histórica, em resumo, é a narrativa literária. (CULLER, 1999, p. 27).

Outro pensador da teoria literária que exalta a fluidez nos atravessamentos múltiplos estabelecidos pela Literatura é Paul de Man (1992), que aponta os limites imprecisos entre o discurso literário e os discursos filosófico, científico, teológico e poético. A partir de uma problematização sobre a epistemologia da metáfora, o autor sintetiza a discussão sobre as fronteiras, mais especificamente com o saber filosófico, na seguinte proposição: “o que parece aproximar a literatura da filosofia é, [...], uma ausência recíproca de identidade e especificidade” (MAN, 1992, p. 34).

Dos postulados apresentados, depreendemos que o que leva a tratar algo como literatura é que esse algo se encontre em um contexto que possa assim identificá-lo. Estamos falando então de uma construção que, à semelhança dos dispositivos, se constitui no espaço da prática, é marcada por atravessamentos de diversas ordens e faz semblante de uma abertura para outros possíveis. Tal afirmação está em consonância com o que Culler (1999, p. 34) identifica como elementos que podem circunscrever um texto literário, a saber: o objeto pode ter traços literários ou o contexto pode assim o definir. Em nosso caso, a discussão não gira em torno da afirmação ou negação das colunas de Goldin como textos literários, mas, prioritariamente, nos interessa perceber

---

<sup>53</sup> A Literatura é um modo possível de falar sobre a vida. Esse modo atravessa – funcionalmente – as falas da vida prática sobre a vida. Isso, por sua vez, é uma característica da escuta como processo interacional.

os elementos constituintes da coluna que nos fazem constatar uma literariedade da mesma.

Essa mencionada literariedade é muito presente na maioria das colunas observadas. No entanto, é preciso cautela ao afirmar esse traço como interface, na medida em que tanto a Literatura quanto a própria Psicanálise já trazem em si o caráter de miscigenações que lhes são constituintes. Diante disso, no atravessamento com a Literatura, há um movimento de afetação e de diluição de fronteira que acontece a partir de dois ângulos. O primeiro deles diz respeito a características mesmas da Psicanálise, que é o lugar de emergência – o lastro – da fala de Goldin. Ou seja, a afetação e a diluição figuram aqui como traço da Psicanálise mesma, em detrimento da especificidade do dispositivo. Nessa vertente teórica – especialmente a construção freudiana – é comum o uso recorrente de grandes personagens e acionamentos das teorias literárias como base reflexiva e construtiva de conceitos psicanalíticos.

Por outro lado, há também a utilização de procedimentos literários específicos por Goldin, marcando, além da característica de sua teoria, traços de especificidade de suas colunas, na medida em que construções para-literárias são assumidas, por exemplo, como espécie de “tática clínica”. No encontro desses dois ângulos, é relevante apontar as aproximações – mesmo que entre campos, e não especificamente do dispositivo – que conferem essa característica singular ao dispositivo goldiniano, que produz interações que se valem de cenários e pensamentos imaginários, teatralidade, diálogos e figuras da retórica literária.

Nesse traço de singularidade do dispositivo em análise, se constitui um jogo literário que marca os modos de comunicação entre escreventes e analista. Essa dinâmica de respostas estetizadas que parecem pouco dizer resgata uma ordenação, uma referência interessante sobre o leitor contribuinte da coluna que se propõe a entrar no jogo quando oferece uma estória contada em breve relato e se satisfaz com outro relato aproximado com uma situação que é a sua. Nesse jogo literário no qual, a rigor, o colunista subverte o que é comumente esperado de uma consulta – uma resposta que diga sobre uma situação, um diagnóstico, um prognóstico, uma indicação de processos – e restitui seu escrevente e demais leitores com narrativas, alguma ação está intencionalmente sendo realizada. O que Goldin faz nesse jogo é ressituar um problema absolutamente concreto, material e simploriamente exposto pelo consultado. O colunista literaliza o problema recebido; é isso que ele oferece. Ou seja, o que é expresso como um problema concreto, prático e material é também uma narrativa e isso é uma

literatura. O consulente conduz o leitor ao entendimento de que cada problema pode ser transformado em narrativas e oferece essa narrativa para seu escrevente.

Sem importar se é a Psicanálise ou a Literatura que possibilita esse arranjo, de alguma maneira, mais suavemente ou mais longamente, Goldin estimula o indivíduo a construir sua própria narrativa, em uma espécie de não dito que diz: “está aqui uma possível narrativa sua, construa outras em seu lugar”. Pode-se imaginar que, então dito isso, o próprio consulente reconstrói o que lhe chega ajustando as falas: “não é bem isso, você está contando mal, que acha de recontarmos assim?”. Quando desse modo procede, o analista está narrativizando também, na medida em que está corrigindo a narrativa do outro. Então talvez seja esse o processo terapêutico ofertado. Certamente esse é o processo interacional evocado e que vai confluindo para uma importante semelhança com a oferta da clínica psicanalítica, que é a de possibilitar ao sujeito construir um saber sobre si, quando se defronta com suas questões inconscientes. Quando ele consegue construir sua própria narrativa, se aproxima da ideia prescrita do fim de análise.

Essa aproximação do processo interacional da Literatura com o processo interacional da consulta, desde tempos remotos efetivada por Freud, nos parece indicar um esforço da atividade “psi” muito facilmente colecionável com a mediação. Figuração de atividade “psi” que se agencia, se reconstrói, tensiona campos sociais e não se prende a uma forma rigorosa e ordenadamente preestabelecida. Possivelmente essa seja uma das mais relevantes afetações da mediação sobre os saberes “psi” empreendidas pelo dispositivo goldiniano. Curiosamente, uma afetação que passa por outro campo para se efetivar, o que corrobora nossa suposição prévia sobre o agenciamento como uma cadeia de atravessamentos heterogêneos que somente podem ser compreendidas quando as tensões que o gestam são olhadas pela vertente metodológica da transversalidade.

Novamente isolando um elemento do atravessamento, voltamos aos referentes particulares da construção literária para seguir adiante na compreensão do dispositivo goldiniano. Argumentamos anteriormente, a partir dos escritos de Culler (1999), as complicações no reconhecimento e na afirmação de um texto como literário ou não-literário em virtude das miscigenações envolvidas e da ausência de referentes epistemológicos prévios. Nesse contexto, os literatos assumem como um importante composto do texto não-literário que o aproxima do texto literário a insistência do

primeiro tipo em fazer uso de recursos da retórica, dentre os quais se sobressai a metáfora. Nas palavras de Culler (1999, p. 27):

Ao mostrar como as figuras retóricas conformam o pensamento também em outros discursos, os teóricos demonstram uma literariedade poderosa em ação em textos supostamente não-literários, complicando dessa forma a distinção entre o literário e o não-literário.

A partir de tal argumentação, poderíamos até pensar que o autor se referia ao nosso dispositivo, tamanha a consonância de sua formulação com aspectos da coluna “Vida Íntima”. Entre as figuras da retórica mencionadas, os escritos goldinianos muito se utilizam da metáfora, como percebemos recorrentemente em uma grande quantidade de publicações, a exemplo das que subscrevemos:

FOI IMPRUDENTE QUANDO ENTROU NUMA CURVA em alta velocidade, perdeu o controle e capotou. Salvou sua vida por um milagre e foi enfático na decisão de, a partir desse dia, dirigir sempre à velocidade mínima... Segundo acidente: foi atropelado por um caminhão, que não freou a tempo. Decepcionado, optou por abandonar a direção. Esta breve história nos permite concluir que não há regulamentos válidos para atividades com alto índice de imprevistos, como o trânsito... Ou o amor...

Sheila, no seu primeiro namoro, foi infiel e capotou. No segundo, fez o contrário, foi fiel e dedicada, porém acabou atropelada pela infidelidade do seu parceiro. Na última, com Victor, colocou-se totalmente confiável e disponível, amou e cuidou dele com todas as suas forças... No entanto, infelizmente foi abandonada por tédio do seu parceiro. [...]. (GOLDIN, 2012q).

QUANDO UM MECÂNICO EXPERIENTE É CONSULTADO devido a um barulho anormal do motor de um carro, aproxima o ouvido, realiza alguns testes e facilmente identifica o problema. Com a sexualidade masculina acontece algo semelhante: suas alterações mais frequentes produzem dois barulhos típicos: impotência e ejaculação precoce. Numa falta ereção e na outra falta o tempo, porém em ambas o desejo está presente e funciona como o combustível do motor erótico. Sem desejo, o motor não pega, permanece silencioso e por isso os mecânicos só podem arriscar palpites, não diagnósticos.

Um motor parado é um mistério insondável, que abre infinitas possibilidades. O homem sem desejo prefere não falar do seu problema, cala, se omite, muda de assunto, foge ou bem, quando não tem alternativa, cumpre, resignado, suas obrigações matrimoniais. Nem o desespero do impotente, nem a pressa do ejaculador, sem gasolina o motor fica em silêncio. [...]. (GOLDIN, 2012k).

ERA UMA FAMÍLIA DE IMIGRANTES. O menorzinho se integrou rapidamente, aprendeu a língua e em pouco tempo encheu a casa de amigos. O segundo, adolescente, demorou mais, porém atingiu o mesmo resultado. Com os pais, já adultos, as coisas foram diferentes,

tiveram mais dificuldades e, de alguma forma, nunca deixaram de ser gringos. A carta da Marta dá mais importância à intensidade da paixão do que ao fato do seu novo amor, Ana, ser uma mulher. Num repentino passe de mágica, entrou num universo paralelo e, emocionada, instalou-se como protagonista de um filme fascinante. A partir dessa plataforma, assiste, pela janela, à rotina da sua vida cotidiana. A dificuldade não reside em assumir seu novo amor, porque, de alguma forma, já o assumiu. A dúvida está na sua real capacidade de sustentar a nova e inesperada identidade com suas consequências no universo familiar e social. [...]. (GOLDIN, 2012g).

Recurso muito utilizado por Goldin, a metáfora é um elemento da retórica literária que, identificado formalmente como tropo, – figura na qual as palavras apresentam mudanças de sentido – permite ao escritor certa brincadeira com os sentidos da enunciação. Assim pode ser definida essa figura de linguagem, segundo Cherubim (1989, pp. 44-45):

Metáfora é a figura de linguagem em que se dá a substituição da significação natural<sup>54</sup> de uma palavra por outra em virtude de uma relação de semelhança subtendida. [...]. Desde os gregos (com Aristóteles) se reconhece a importância da metáfora. Entre os escritores ela goza de um prestígio incomum, a ponto de se dizer que somente ela eterniza o estilo. Hoje, considera-se que a metáfora não é somente um artifício de estilo, mas também está intimamente ligada à fala humana, por vários motivos, dentre os quais se destacam quatro principais: 1. é um fator primordial de motivação; 2. é uma fuga para as emoções intensas; 3. é um artifício expressivo; 4. é uma fonte de polissemia e sinonímia. O esquema psicológico da metáfora é simples: há sempre dois termos presentes: a coisa que se diz e aquilo com que se quer comparar; [...]. Há quatro grupos principais de metáforas: 1. *metáforas antropomórficas* [...]; 2. *metáforas zoomórficas ou animais* [...]; 3. *metáforas do concreto ao abstrato* [...]; 4. *metáforas sinestésicas* [...]. A metáfora, conforme querem os teóricos atuais, pressupõe sempre uma comparação *in absentia* e *in praesentia*. (grifo do autor).

A partir da definição exposta e de outros aspectos formais dessa figura de linguagem como a relação de semelhança estabelecida entre duas significações em um movimento alternado de substituição e generalização, podemos pensar algumas funções comunicativas do uso frequente da metáfora como traço característico dos modos de comunicar gestados por Goldin. Quando, na metáfora, certas enunciações assumem sentidos novos ou tem seus significados “ampliados” (DAVIDSON, 1992), concomitantemente traduzem uma estratégia de desprendimento e abertura que as

---

<sup>54</sup> Como citação, estão reproduzidas as palavras do autor, embora, de nossa parte, não pensemos que o significado das palavras seja algo natural, como expresso no texto.

inserir no âmbito do uso, ou seja, ao possibilitar diferentes construções de sentido, tal sentido somente se configura na prática, pois é nesse campo que se delineiam as interpretações. Essas interpretações, por sua vez, recaem tanto sobre o criador da metáfora – o colunista – quanto sobre os intérpretes – seus leitores. Isso faz da metáfora um importante artifício interacional do dispositivo goldiniano.

É essa característica da figura de linguagem em exposição que também faz de Goldin um *bricoleur* de palavras e estórias originadas nas breves narrativas que seus escreventes lhe ofertam. O processo tentativo de constituição de um dispositivo interacional também reflete esse caráter de bricolagem assumido pelo colunista e que parece produtivo ao tornar compreensíveis suas reflexões aos escreventes e a todo o público, usando recursos metafóricos múltiplos e recorrentes para falar perita e interessadamente ao senso-comum. Outro exemplo desse processo acontece na resposta à Pérola:

GASTEI 15 MINUTOS LIMPANDO MINHA CAIXA DE ENTRADA de email na maioria spams oferecendo Viagra, Cialis e outros fármacos menos conhecidos, além de aparelhos que garantiam fantástico prazer e desempenho. Eram apresentados como remédios infalíveis contra a impotência sexual e outros transtornos nesta área... A partir de outra perspectiva, a carta da Pérola, aponta na mesma direção: uma crescente fragilidade da potência masculina que, conforme estas versões, precisa de socorro imediato. A julgar pela quantidade de ofertas de tônicos sexuais, imaginei que talvez, sem saber, estejamos enfrentando uma falência erétil planetária.

Curioso é que os homens as desejam, como sempre, e as mulheres consentem, como nunca, porém é evidente que, em numerosos casos, a mecânica sexual não está à altura das expectativas de ambos os sexos. Para Pérola os homens assustados fracassam com ela e suas amigas e, por prudência ou covardia, se afastam delas e da cama. O que na verdade acontece é que a ereção masculina não é um movimento automático, nem sempre obedece à demanda dos seus usuários. É comum que, em conquistas recentes o homem se sinta compelido a mostrar eficiência, porém apesar dos seus esforços – ou devido aos mesmos – só consiga oferecer suas boas intenções. Não falham por causa de eventuais imperfeições físicas das suas parceiras (como elas tendem a interpretar), mas pelo contrário, por excesso de desejo que, na prática, os leva ao fracasso.

Por que? Pergunta Pérola, curiosa. Demoramos para responder, porém informamos que a sexualidade humana tem uma parte submersa no inconsciente e que se apresenta na hora “H”, promovendo desfechos inesperados.

Um modelo simples para explicar esta questão é apelar para um personagem conhecido por todos: o Super-homem, super-herói mítico invencível, que em apenas um ponto fraco: perde seus poderes e desvanece quando está exposto à Kriptonita, um cristal verde proveniente do seu planeta natal.

Algumas características femininas, como sensualidade, beleza, desinibição ou outras, operam para a ereção como Kriptonita que, por suas singulares características, oferece uma referência importante para a psicanálise. Kripton é o planeta da infância do Homem de Aço, o lugar onde teve e perdeu suas primeiras experiências e sensações. Por isso dizemos, sem medo de errar, que Kripton é o inconsciente do Super-homem, seu passado infantil esquecido e talvez a beleza ou desenvoltura sexual da Pérola sejam o cristal verde que recupera primitivas sensações do parceiro e promove regressões nas quais o Super-macho se desmancha feito gelatina, ficando reduzido à patética condição de criança indefesa nos braços de uma mulher enorme e poderosa. Quando o Super-homem perde poder, cede o mesmo à sua parceira e o sentimento que lhe resta é de forte e injustificada humilhação, que importa só ao protagonista, nem tanto a mulher que está ao seu lado, habitualmente mais compreensiva e tolerante. Não esgotamos o tema, fomos mais didáticos que científicos, resta acrescentar que a Kriptonita só ataca os Super-homens. Os homens simples e sem super poderes estão a salvo. (GOLDIN, 2012e).

No exemplo, o cronista aciona um misto de vários referentes da Psicanálise e da retórica, a começar pelo trabalho metafórico com a alegoria do Super homem<sup>55</sup>. Observamos nessa referência que o acionamento literário não se faz somente a “grandes obras”, mas também às histórias em quadrinhos, mais próximas da leitura e da compreensão do grande público. Ao pontuar, por meio da comparação com o enredo do Super homem, que a mulher tem atributos de sensualidade que enfraquecem o homem que se depara com ela, Goldin está operando uma metáfora com a dimensão da fantasia. E essa dimensão, como sabido, movimenta a clínica da Psicanálise. Assim, mesmo que canhestamente, o colunista agencia Psicanálise, Retórica, Literatura no espaço do seu jornal.

Além da fantasia, isso ocorre também com acionamentos teóricos do conceito de inconsciente e nas referências à infância – mais especificamente à sexualidade infantil. Tais acionamentos, contudo, pelo uso do recurso da metáfora, são digestivados, simplificados de modo a promover possibilidades de compreensão ao público leigo, que dificilmente entenderá o processo que está mobilizado na crônica goldiniana como um encaminhamento analítico tentativo. No entanto, muito possivelmente esse público compreenderá as representações discorridas, já que o Super homem é uma figura popular e seu enredo conhecido – ou facilmente compreendido – por muitos. Por analogia, torna-se possível entender a lógica do que a crônica comunica e fazer a

---

<sup>55</sup> O Super homem – Superman – é um herói das histórias em quadrinhos (HQ) criado em 1938 pelos irmãos Joe Shuster e Jerry Siegel e editado pela Dc Comics.

transposição para a linguagem – os códigos – com que o grande público opera: a mulher, por ser independente ou divergente dos padrões da sociedade patriarcal, como a kriptonita, enfraquece o homem potente, colocando em risco seus super poderes, que, no caso, remetem à potência sexual.

Por meio desse jogo de linguagem, Goldin cria uma estratégia que faz seu dispositivo funcionar, adquirindo sentido nos usos e apropriações, ou seja, no espaço da prática, como enfatiza Braga (2011a). Estabelece um sistema de relações entre teoria, aplicação da teoria, conhecimento comum e linguagem amplamente partilhada, de modo a conseguir passar sua mensagem com proficiência, o que expressa eficácia em uma perspectiva de comunicar. Pelo viés da Comunicação, temos uma significativa estratégia de ação interacional. Essa estratégia, porém, se pensada por um deslocamento de perspectiva, pode vir a ser questionada como uma possível simplificação da erudita teoria psicanalítica. Essa questão nos remete à importância dos deslocamentos a fim de perceber as diferentes visadas comunicacionais implicadas na produção dos dispositivos interacionais. Tais dispositivos, tendo como proposta central fazer funcionar a interação, podem encontrar legitimação na interação mesma, contudo, ao envolverem outros campos em sua constituição, se deparam com tensões deles advindas que tornam relativos seus resultados.

A tentativa de trazer elementos de uma complexa teoria para a linguagem do grande público parece ser também um movimento ambicionado pelo colunista e um importante acionamento de código efetuado na produção da prática “psi” midiaticizada. Partindo do pressuposto de que seu público prioritário não são os analistas formados ou em formação, Goldin encontra na metáfora do super-homem um meio de tornar claro e efetivo o caráter pedagógico/explicativo de sua resposta. Recorre, como vemos, a uma personagem popular, um código massivamente partilhado e facilmente compreensível nos aspectos que interessam serem sabidos.

Ainda no mesmo exemplo, poderíamos talvez identificar elementos isolados atribuídos aos saberes “psi”, à Literatura ou à mídia, mas não é isso que nos interessa. Contrariamente, nos importa como esses elementos se agenciam na emergência de um fazer outro, que não é originalmente uma prática “psi”, tampouco uma prática literária nem jornalística. É sim um híbrido, como também o é a proposta do dispositivo de Goldin. Um híbrido na constituição do dispositivo e também nos acionamentos teóricos, que em si já trazem a marca do mosaico inter-campos. Exemplo disso, como inclusive já referido, são as formas da Psicanálise falar, que são retomadas por Goldin e precisam

ser aqui pontuadas para atentarmos ao fato de que falar por metáfora, além de ser um traço específico assumido por Goldin, já era um atributo de Freud e também o foi de Lacan. Desse modo, o uso de metáforas na forma de comunicar é uma ação empreendida por Goldin para fazer funcionar seu dispositivo, ao mesmo tempo em que figura como um recurso técnico utilizado enquanto analista. Exemplo de como, desde sua criação, as explicações metafóricas fazem parte da teoria psicanalítica é a seguinte fala de Freud (1970a, p. 26)<sup>56</sup>:

Talvez possa ilustrar o processo de repressão e a necessária relação deste com a resistência, mediante uma comparação grosseira, tirada de nossa própria situação neste recinto. Imaginem que nesta sala e neste auditório, cujo silêncio e cuja atenção eu não saberia louvar suficientemente, se acha no entanto um indivíduo comportando-se de modo inconveniente, perturbando-nos com risotas, conversas e batidas de pé, desviando-me a atenção de minha incumbência. Declaro não poder continuar assim a exposição; diante disso alguns homens vigorosos dentre os presentes se levantam, e após ligeira luta põem o indivíduo fora da porta. Ele está agora 'reprimido' e posso continuar minha exposição. Para que, porém, se não repita o incômodo se o elemento perturbador tentar penetrar novamente na sala, os cavalheiros que me satisfizeram a vontade levam as respectivas cadeiras para perto da porta e, consumada a repressão, se postam como 'resistências'. Se traduzirmos agora os dois lugares, sala e vestíbulo, para a psique, como 'consciente' e 'inconsciente', os senhores terão uma imagem mais ou menos perfeita do processo de repressão.

Também o inconsciente, como prossegue o pai da Psicanálise, “se serve, especialmente para a representação de complexos sexuais, de certo simbolismo” (FREUD, *ibid*, p. 35). O sintoma aparece, dessa forma, como um modo cifrado de comunicação do inconsciente e, nesse processo, fala por metáforas. Essa ideia foi melhor aprofundada por Lacan, porém nela não nos deteremos pois, embora muito diga da Psicanálise como uma experiência do discurso, poucas contribuições traz para a compreensão do nosso dispositivo e da transformação da consulta nos dispositivos interacionais mediados “psi”, que é nosso objeto de investigação.

#### 3.2.4 Atravessamentos com o Jornalismo

---

<sup>56</sup> Originalmente publicado em 1910.

No caso do dispositivo goldiniano que estamos analisando, temos o jornal como contexto e, em decorrência disso, alguns aspectos desse veículo de comunicação de ampla audiência atravessam o fazer “psi” que nesse espaço se desenha, funcionando como um viés de constituição do agenciamento. Tal qual já expusemos, as colunas de Alberto Goldin são veiculadas semanalmente no Jornal “O Globo”, em um caderno intitulado “Jornal da Família”, que circula aos domingos. Um produto das Organizações Globo, “O Globo” é um jornal de referência e figura atualmente como uma das principais publicações jornalísticas brasileiras de notícias diariamente circulantes. Foi fundado em 1925 e está sediado no Rio de Janeiro. Até o ano de 1962, funcionou como uma publicação vespertina e, a partir de então, se tornou matutino. Adota uma postura política conservadora e é um dos jornais de maior tiragem e mais influentes do Brasil. Além da versão jornal impresso, possui uma versão online, que pode ser acessada pelo site [www.oglobo.com.br](http://www.oglobo.com.br). O site, por sua vez, é atualizado várias vezes durante o dia, sempre que há algum novo fato jornalístico de naturezas diversas, que compõem suas várias seções (capa, país, Rio, economia, mundo, esportes, cultura, entre outras).

O jornal é um veículo de comunicação de ampla audiência que chegou ao Brasil com a mudança da corte portuguesa para a colônia, sendo então instituído em 1908 pelo decreto que criou a imprensa régia. Em setembro do mesmo ano, entra em circulação no Rio de Janeiro o primeiro jornal brasileiro, intitulado “Gazeta do Rio de Janeiro”. Segundo Marques de Melo (2007, p. 14), esse veículo carrega em sua história formatos variados que deságuam em um gênero híbrido que abrange da licença poética ao relato factual, passando pelo folhetim histórico até sua ancoragem na linguagem formal. O jornal apresenta algumas características que lhe são próprias na construção de um estilo jornalístico. Tal estilo – comum aos jornais e particular a cada jornal específico – pode ser encontrado em manuais de jornalismo, que são obras que o retratam em suas lógicas e regularidades. Os estilos, contudo, são bastante flexíveis.

Por sua vez, o “estilo jornal” congrega diferentes formatos, regras de construção, produção e recepção e essas diferenças constituem o que os autores nomeiam como gênero. Os gêneros figuram como segmentações que melhor permitem entender o veículo em questão, bem como os modos de organização da mensagem e seus destinatários. Como discorre Marques de Melo (1985), os gêneros podem ser compreendidos como o conjunto das circunstâncias que determinam os modos pelos quais a instituição jornalística se comunica com seu público. Se dividem, por sua vez, em dois tipos: o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo. O primeiro tem como

objetivo narrar fatos, como são exemplos as notas, as notícias, as reportagens e as entrevistas. Já o gênero opinativo expressa ideias e opiniões sobre fatos, como ocorre em editoriais, colunas, artigos, comentários, crônicas, cartas, entre outros.

Como colunista do jornal “O Globo” há quinze anos, Alberto Goldin desenvolve nesse espaço uma prática que difere da tradicional transmissão de notícias ou relato de fatos. Em seu lugar propõe um fazer interativo<sup>57</sup> que, assim sendo, busca dar voz ao leitor no âmbito de sua coluna, escutá-lo em suas questões mais íntimas e pessoais. Isso acontece através de cartas – e-mails – e reproduz uma prática há muito estabelecida como processo de escuta pelo jornal, que é a “carta do leitor”. O tratamento conferido às cartas pelo colunista se dá pela transformação dessas em crônicas, como já exemplificamos anteriormente. Essa ação retoma a discussão sobre a aproximação entre gênero literário e texto jornalístico. O viés literário presente nos escritos de Goldin tanto caracterizam seu modo de endereçamento, sendo assim um traço particular, quanto retratam característica própria da Psicanálise, dessa forma, consistindo também como elemento de acionamento e/ou aproximação teórica.

Diferentemente dos gêneros apontados por Marques de Melo (1985), Temer (2009) adota a distinção entre jornalismo noticioso – semelhante ao jornalismo informativo – e jornalismo literário. Há momentos do jornal em que os atravessamentos com a Literatura se fazem presentes. São exemplos de jornalismo literário os ensaios, as biografias, os contos, as histórias verídicas ou contos da vida real. Além desses, as crônicas figuram atualmente como um dos lugares em que a Literatura se mantém no jornal, mesmo depois de sua especialização informativa. Contudo, embora apresente traços desse gênero literário, os escritos de Goldin para a coluna “Vida Íntima” dele diferem em alguns aspectos, na medida em que apresentam regras próprias ao texto jornalístico e assumem como objetivo a proposta de uma comunicação eficiente e com ampla aceitação social.

Esses traços podem ser vislumbrados nas tentativas empreendidas pelo autor em buscar formas de comunicar seu conteúdo a partir de uma exposição “digestivada”, facilitada de seu saber perito. Utiliza-se também de referentes socialmente partilhados, como a metáfora do Super homem, em coluna já transcrita. Exemplo de como as operações enunciativas próprias ao jornalismo se fazem presentes no dispositivo em análise é a coluna seguinte, que apresenta uma linguagem clara e concisa. Embora

---

<sup>57</sup> Não desconsideramos o fato de que a prática jornalística venha se tornando mais interativa frente aos recursos das tecnologias que possibilitam ao leitor participar do processo de produção da notícia.

fazendo uso de metáforas, os comparativos são tornados claros, sendo cuidadosamente explicitados:

GANHOU DA SUA AVÓ UM BELÍSSIMO E VALIOSO BRILHANTE, tão puro e transparente que, por precaução, estava sempre bem guardado no cofre, a salvo dos olhares alheios, cheios de cobiça e ambição.

Como era humana, em certas ocasiões sociais e sob o efeito de bebida abria o cofre para exhibir a jóia que, solitária e carente, passava pelas mãos dos seus admiradores de uma forma tão leviana que, imediatamente perdia a transparência e ficava no nível de uma bijuteria modesta. Por isso lhe restava um único recurso: guardá-la novamente.

Leu a história várias vezes até concluir que o valioso brilhante era ela mesma e, “as feias que me perdoem”, pensou, parafraseando Vinicius, mas considerou que seria preferível ter menos brilho, ser igual às outras para não se mostrar nem se guardar em demasia. As belezas ocultas, refletiu, nunca são roubadas, mas usá-las em casa não vale a pena.

Assim, Dora descobriu seu paradoxo: era opaca por ser brilhante... Estas reflexões surgiram depois de ter enviado sua carta ao Jornal, quando tentava imaginar as possíveis respostas... Admitiu ser uma mulher linda e bem sucedida... Por isso não tinha sentido ser tão tímida e insegura.

Durante muitos anos teve a esperança de que as coisas se resolveriam espontaneamente, mas não aconteceu assim. Os anos passaram, sem concessões e, como era óbvio, o fantasma dos 40 ameaçava. Tentou entender os motivos pelos quais não havia aproveitado sua beleza e juventude.

“Por que?”, se perguntou.

A resposta não demorou: conhecia os perigos de ser olhada com desejo pelos homens desde a sua adolescência. Sua própria beleza a obrigou a se esconder no escuro cofre. Em outras palavras, teve medo de exercer suas virtudes... Atraente e desejante, seria uma mistura perigosa, uma mulher-bomba, motivo pelo qual cercou sua sensualidade de sólidas muralhas e assim, defendida, foi passando o tempo à espera de um amor seguro que lhe daria oportunidade de abri-las. O resultado final não foi o esperado e confirmou a absurda teoria de que beleza e desejo juntos, mal administrados e na mesma mulher podem ser ameaçadores e até prejudiciais. Foi nesse momento que vislumbrou uma solução, tão simples quanto óbvia: deveria abrir os olhos e o cofre somente com as companhias adequadas, em festas elegantes e sempre de cara limpa...

- “Parece fácil”, argumentou, “mas não tenho certeza se consigo...”

Assim, pensou em outra alternativa. Atualizar o valor do seu brilhante e trocá-lo por vários de menor valor e mais fáceis de utilizar, por exemplo, investindo em viagens, cursos, novos amigos ou atividades diferentes...

Dora sorriu satisfeita com suas conclusões. Antes de receber qualquer resposta do Jornal, sentiu-se feliz, confirmando que sempre que são formuladas boas perguntas, criam-se possíveis respostas. Talvez não sejam as esperadas, mas a única maneira de promover mudanças na vida é arriscando teorias que, quanto mais surpreendentes, mais

rompem a resistência e abrem perspectivas. De minha parte, nada a acrescentar, a carta de Dora está respondida. (GOLDIN, 2012ab).

As operações de fala adotadas pelo colunista conferem ao texto características que definem o gênero. Contudo, tais operações não se efetuam livremente, mas “sob certas condições”, na medida em que há um espaço no jornal previamente reservado aos escritos e esse espaço já comporta traços que devem ser seguidos. No caso em análise, os escritos estão situados em um caderno especializado de circulação semanal destinado aos interesses da família, à ciência e a questões de saúde. O caderno “Jornal da Família”, que comporta a coluna “Vida Íntima” é exemplo da inserção de caderno especializado no jornalismo expresso.

Essa modalidade de caderno, ou jornalismo especializado, adota um estilo revista que foi incorporado ao jornal em uma ação de busca de ampliação e permanência de leitores, como discute Buitoni (2013). A esse respeito, a autora assim discorre: “cadernos e revistas de turismo, cadernos e revistas de gastronomia, revistas esportivas, sobre automóveis, revistas sobre saúde, podem ser encarados como jornalismo especializado: seus públicos não são especialmente definidos” (BUITONI, 2013, p. 112). A transformação das seções de jornal em revistas, a exemplo do caderno que estamos abordando, se deve, ainda segundo a autora, a razões de consumo e, além disso, estão relacionadas à cooptação das mulheres como público.

As mulheres parecem ser as leitoras mais assíduas das colunas de Goldin. Essa afirmação é apenas uma suposição nossa que se origina da constatação de que o analista se destina a responder, com muito mais frequência, às mulheres. Não temos acesso a dados sobre a relação quantitativa de cartas recebidas por gênero, contudo, durante o período de nosso recorte, somente doze escreventes que tiveram suas cartas respondidas eram do gênero masculino. Além disso, encontramos nos escritos de Goldin para a coluna “Vida Íntima” relevantes traços que o aproximam do jornalismo feminino. Essa modalidade de jornalismo é assim definida por Temer (2009, p. 191):

É o jornalismo direcionado para as mulheres, composto principalmente de revistas femininas, páginas femininas nos jornais e programas de rádio ou televisão voltados para a mulher. Esse material se caracteriza pela proximidade com o diversional, sendo voltados para as questões tipicamente femininas em uma abordagem tradicional, ou seja, no sentido de que mantém as estruturas que condicionam os papéis femininos na sociedade. Trata-se, portanto, de um jornalismo que aborda temas como moda, beleza, educação dos filhos, culinária, decoração, entre outros.

O elenco temático listado pela autora não se faz presente nas colunas em estudo, porém, outras características das mesmas as aproximam da modalidade de jornalismo segregado para o gênero feminino, como é o caso do conteúdo que difere da notícia, das questões de comportamento e oferta de modelos éticos e modos de ser e viver, bem como o texto mais adjetivado que busca uma proximidade com o leitor e, para isso, usualmente forja diálogos artificialmente produzidos e pautados comumente em depoimentos de pessoas comuns (TEMER, 2009). A presença dos especialistas é outra marca do jornalismo feminino. Tais profissionais utilizam sua perícia para fazer análise dos casos recebidos e apontar soluções para os mesmos. Essa linha é seguida por Goldin, como ilustram todas as colunas analisadas durante o período selecionado, a exemplo da publicação abaixo:

*“ESTOU PASSANDO POR UMA FASE DE longa angústia e não tenho me sentido feliz. Sou separada há muitos anos, tenho dois filhos desse relacionamento e conheci Rubens, meu atual companheiro há cinco anos atrás, separado, dois filhos. Eu estava decidida a refazer minha vida de forma diferente e ter um relacionamento maduro e tranquilo. Quando o conheci, era um homem amável, carinhoso e se interessava por mim. Ficávamos horas conversando e, depois de alguns meses ele foi morar lá em casa. Ele, no entanto, era alcoólatra e viciado em drogas, e eu, na minha inexperiência quanto ao assunto, só com o tempo passei a reconhecer nele os comportamentos de um dependente químico. Aí, então, ele começou a demonstrar agressividade, irritação constantes, reclama todo dia de tudo e todos, servindo eu de anteparo, já que ele fala muito e faz pouco. Agora, quando o procuro para conversar sobre nós, ele começa a brigar, grita, etc. Resolvemos procurar ajuda profissional e agora ele está em fase de abstinência e a irritação dele aumentou. Estou tentando manter minha calma, e acho que muito ainda tem de ser feito. ÀS VEZES ME SINTO SEM ENERGIA E ME AFASTO DELE. Sei que tenho meus sonhos e os filhos que não precisavam passar por isso. Mas não é o momento que ele mais precisa de mim? Não sei que atitude tomar. Andréa”.*

QUANDO COMECEI A RESPONDER À ANDREA, fui tomado por uma série de dúvidas. Tratava-se de um problema sério, não queria ser falso e otimista, nem cabia condenar a Andréa a um futuro sem esperanças. A dependência química é grave, apesar dos enormes esforços de famílias e instituições, as reincidências são frequentes e desestimulantes.

Entendi e incorporei a angústia da Andréa, compartilhei suas dúvidas entre continuar apostando no seu casamento, ou simplesmente desistir. Rubens é problemático, alterações de humor, irritabilidade, impaciência, culpa e agressividade preenche os dias e horas da sua

agenda.

Para uma pessoa dependente, a própria existência é um problema quase insolúvel, na verdade, está preso a uma armadilha. Vamos descrevê-la: a droga proporciona uma alegria imediata, que rapidamente se transforma em euforia, nesse momento, quando o usuário se sente poderoso, inteligente, superior, uma combinação de Prêmio Nobel e ganhador da Megasena. Este estado de exaltação química é breve, precisa se turbinar com novas doses que a sustentem por algumas horas, até que os efeitos tóxicos de desequilíbrio corporal são mais ruidosos do que a falsa felicidade alcançada.

O mais grave não é a eventual overdose, nem os desaforos cometidos durante o consumo, um efeito inesperado, talvez, seja sua pior consequência: a modificação profunda e estrutural da vida cotidiana. Como um piloto de Fórmula-1 obrigado a viajar em transporte público, o dependente sente que o ônibus da vida, depois de uma noite de embalo, é brutalmente lento, as horas se arrastam, pesadas e intermináveis. A noite drogada é excitante e veloz, o dia de abstinência é tedioso e lento. A família paga pela freada e é objeto de agressões verbais ou físicas, sem considerar custos financeiros. Dívidas e mentiras completam o quadro. Rubens castiga a família, porque não suporta a culpa dos seus excessos, nem a mediocridade das suas horas de abstinência. Viaja sozinho em alta velocidade quando consome e também sozinho se arrasta quando pára. Por isso o casamento com a Andréa só existe nas horas calmas, sem droga, nem abstinência, quando viaja de ônibus, sentado e tranqüilo. Nada excepcional. Assim viajam os seres humanos todos os dias das suas vidas, suportando paradas para o embarque de passageiros, retenções em sinais vermelhos ou trânsito engarrafado. A vida normal exige espera e frustração, que conseguimos acelerar, de cara limpa, quando amamos com paixão, produzimos com criatividade, ganhamos o Prêmio Nobel ou acertamos, realmente na Megasena.

A única droga saudável é o prazer de estar vivo, a arte, seja quando admiramos, ou quando a criamos, crescer, chorar, de verdade, por perdas reais. A realidade às vezes fere, dói, mas cicatriza. Já as drogas anestesiavam sem curar, dissimulam a dor e a agravam. Por tudo isso não tenho melhor resposta para a Andréa, só ajudá-la a entender o Rubens melhor.

Sugiro-lhe esperar o momento certo e ler em companhia dele e em voz alta sua carta e minha resposta. Sempre haverá um ônibus passando pela esquina da sua casa. (GOLDIN, de 2012x, grifo do autor).

A coluna transcrita bem expressa os modos de fala que Temer identifica como próprios ao jornalismo feminino, nos conduzindo a uma inquietação acerca das formas como as especificidades de gênero, no sentido sociológico, atravessam os escritos de Goldin. Não cremos, contudo, que essa seja uma questão de destaque no material analisado, na medida em que, embora uma parcela consideravelmente superior de cartas respondidas se destinem a mulheres, quando as respostas são dirigidas a homens, não observamos formas distintas de tratamento ou abordagem da queixa. Também em relação ao modo de elaborar as queixas, não há diferenças perceptíveis entre homens e

mulheres, exceto na coluna que transcrevemos a seguir, na qual percebemos outro modo de fala na lastima expressa por Ivan:

*“UM PRAZER ESCREVER PARA VOCÊ. Acompanho há muito seus escritos e sou particularmente fã da maneira com a qual você aborda as questões que te enviam. Espero contribuir com mais uma questão: A questão: Por que somos - ou alguns são - tão preocupados com o passado de nosso cônjuge? Seus relacionamentos e experiências anteriores, desde "quem" ao "o quê" e "como" foi feito/vivido, não apenas, mas principalmente sexualmente. Qual o motivo RACIONAL para que um relacionamento possa eventualmente ser posto à prova pelo que o outro viveu em seu passado? Ou pior, qual o motivo PASSIONAL que leva a um curto-circuito o lado racional - e arrisca pôr tudo a perder? Julgamento moral? Cultura? Posse? ... Ivan”.* (GOLDIN, 2012z, grifo do autor).

Como Ivan, os demais escreventes esperam do especialista um balizamento para suas angústias e sofrimentos que, na carta acima, são expostos na forma de uma dúvida frente a determinada questão. Goldin aproveita o tema presente na carta do leitor e o coloca em discussão pública, de modo a possibilitar a compreensão, identificação, aplicabilidade, etc. do mesmo não apenas a seu escrevente, mas a um leitorado bem mais amplo. Esse fazer é reconhecido por Barichello (2003) como papel do jornalista, ilustrando, assim, novo viés do atravessamento. Nas palavras da autora:

No atual contexto, o papel do jornalista é o de colocar os temas para debate na arena pública. Esse papel é cumprido por intermédio das funções de vigilância e correlação: a primeira refere-se ao ato de informar sobre os acontecimentos e a segunda trata da organização dos discursos do próprio público. (BARICHELLO, 2003, p. 61).

### **3.3 Elementos do dispositivo interacional**

Como apresentamos em momento anterior, uma marcante produção da sociedade em vias de midiatização é a redefinição nos modos como as pessoas estabelecem contatos entre si e com o mundo, o que constitui uma nova realidade de interação (FAUSTO NETO, 2010). Paralelamente a isso, a sociedade passa por transformações estruturais quando, em acelerada movimentação, observa – de modo ativo e participante – a diluição de fronteiras entre os campos antes bem delimitados e as zonas de pregnância ou interface daí decorrentes assumindo lugar de destaque como produtoras de sentidos organizativos e de referência social. Essas características



<p>numa questão universal: toda vida é permutável, por isso alguns pensam que no estrangeiro, com outros cenários e protagonistas, seriam mais felizes.</p> <p>A delicada questão que Ronaldo levanta é que a vida que escolhemos não é necessariamente a única, nem a melhor, argumento frequente, tanto nas cartas que recebo, como nos consultórios psicanalíticos.</p> <p>As vidas bem sucedidas poderiam ser melhores e as que dão errado teriam podido dar certo. Se Ronaldo fosse infeliz nos seus afetos, a resposta óbvia à sua carta seria que se separasse do Emílio, porém, por ser feliz, se torna evidente que é o único e principal responsável pelas circunstâncias da sua existência.</p> <p>Tanto Ronaldo como o resto da humanidade vive onde decidiu viver. Alguns alegam que continuam casados porque têm filhos pequenos, outros insistem em trabalhar a contragosto por acreditar que é sua única opção...</p> <p>Porém intimamente todos reconhecem a precariedade de seus argumentos, são apenas álibis para aliviar a responsabilidade pela vida que escolheram e, às vezes, pela falta de coragem para mudá-la.</p> <p>O recado do Ronaldo é que somos livres e estamos presos. Livres, porque poderíamos abandonar àqueles que amamos e presos, porque os afetos nos acorrentam. [...]É claro que não temos boas soluções para seu dilema, só lhe damos parabéns por ser ambicioso nos seus afetos. Se um dia se encontrar diante de uma encruzilhada difícil, sua vontade de ser feliz será a carta de trunfo que facilitará sua escolha. Por enquanto, precisa assumir, com todas as suas forças, uma de todas as suas vidas possíveis. Não é garantia de felicidade, porém terá a confortável certeza de estar vivo. (GOLDIN, 2011m).</p>	<p><b>COM O SENSO-COMUM</b></p> <p><b>ACIONAMENTO TEÓRICO DIFUSO</b></p> <p><b>GENERALIZAÇÃO/APROXIMAÇÃO COM O SENSO-COMUM</b></p> <p><b>ACIONAMENTO PEDAGÓGICO</b></p> <p><b>ACIONAMENTO TEÓRICO DIFUSO</b></p> <p><b>BOM SENSO DIRIGIDO</b></p>
--	---

Um texto que não Psicanálise, nem bem Literatura, tampouco clássico jornalismo. Difere em substância do aconselhamento sentimental, mas parece se aproximar de uma espécie de ensino não-formal de explicações sobre questões socialmente partilhadas. Desse modo, entre ações pedagógicas de informação ao público, acionamento difuso de referentes das teorias que sustentam sua formação e

prescrições baseadas em bom senso dirigido, Goldin comunica<sup>60</sup> a seu público. A miscigenação de referentes – bem marcada no exemplo exposto e presente na totalidade das colunas publicadas no período de recorte de nossa amostra – nos parece um importante recurso para fazer o dispositivo funcionar, embora precisemos discutir o que isso significa, pois, para compreender tal funcionamento, é necessário abdicar de um olhar específico de campo e empreender um movimento em perspectiva para o dispositivo, que envolve o deslocamento e a relativização contínua dos ângulos pelos quais enxergá-lo, sob o risco de perder a dimensão de processo e recair em induções de um campo sobre outro, esquecendo assim a tensão que é característica à constituição do dispositivo, tensão essa que extrapola os próprios limites de campo.

Ilustrativo do que estamos afirmando é a última fala de Goldin no exemplo supracitado. Quando escreve: “Não é garantia de felicidade, porém terá a confortável certeza de estar vivo” (GOLDIN, 2011m), o colunista condensa uma série de operações de sentido: retoma a ideia de felicidade e de vida, relacionando-as. Condensa ainda representações sobre as incertezas e imprevisibilidades da vida atravessada por um viés de juízo pessoal socialmente partilhado de que, mesmo frente à incerteza da felicidade, o aspirado conforto de vida supostamente está garantido. A bela escrita – tática literária – ultrapassa a figuração de recurso estético e assume a função comunicacional de operação de sentido, sentido esse impregnado da biopolítica que transita entre os modos de ser contemporâneo.

Encontramos no mesmo exemplo indícios de como as colunas em questão lançam à circulação a produção de sentidos sociais vigentes em nosso tempo, esses atravessando tanto os sintomas expressos quanto os direcionamentos a eles destinados. Incertezas, relacionamentos efêmeros, anorexia, bulimia, consumo, alcoolismo, desamor, angústia, solidão, carência e tantos outros sintomas que refletem o mal-estar constituinte do sujeito dos dias atuais são encontrados nas colunas de Goldin, como ilustra, entre grande número de seus escritos, também a seguinte publicação:

*“SOFRO DE CARÊNCIA DESDE QUE ME ENTENDO por gente. Nunca fui de ter amigos. Na adolescência, fui rejeitada pelos rapazes e ainda hoje, aos 39 anos, tenho muita dificuldade em manter um relacionamento. Apesar de ter cursado uma faculdade e ter um bom emprego, minha autoestima nunca foi das melhores. Comecei a*

---

<sup>60</sup> Na perspectiva do leitor, logo nos perguntamos: comunica o quê? Pedimos, contudo, um pouco de paciência, pois o desenrolar da reflexão promete chegar a percepções sobre o que o dispositivo produz para comunicar.

*desenvolver compulsões. Primeiro pela bebida, o que me levou ao alcoolismo. Comecei a me tratar, sem sucesso. Desenvolvi compulsão por comida, e conseqüente obesidade, o que me gerou sérios problemas de saúde. Enfim, decidi me tratar, procurei um grupo de ajuda e parei de beber. Fiz uma cirurgia de redução do estômago e já emagreci 35 kg. Com a restrição imposta pelo tratamento e a felicidade de ter emagrecido, comecei a comprar compulsivamente, a torrar meu dinheiro em roupas, bolsas, sapatos, viagens, e assim fui acumulando dívidas e hoje estou na miséria. Minha autoestima está um lixo. Trabalho para pagar dívidas. Voltei a beber, engordar e ter problemas de saúde. Não sei viver com moderação e tenho medo que isso nunca se cure. Estou muito infeliz e angustiada, e preciso de ajuda urgente. Paola.”*

NA SUA PRIMEIRA FASE, PAOLA ESBOÇA sua tragédia com traços firmes e oferece um mapa da sua evolução. Declara-se “carente”, sentimento que a acompanha desde que se entende por gente... Paro minha leitura e, em voz alta, repito: “carência”... Associa-a à “falta”, “vazio”, “incompletude” e penso nos seus opostos: “cheio”, “abundante”, “excessivo”... Retomo a leitura e encontro a primeira manifestação do vazio, é na área social, falta de amigos, pretendentes ou namorados. Sua solidão é dolorosa e explica seu esforço para encontrar uma solução. Nessa tentativa, Paola descobre as bebidas alcoólicas que, de forma perversa, aliviam a ansiedade e, nos primeiros goles, facilitam a sociabilidade. Sentada num botequim exercita uma euforia alcoólica, compartilha uma roda de pessoas modificadas, uns entusiastas, outros melancólicos, porém a carência social não se resolve, se transforma na insaciável sede do deserto. O álcool não mata a sede, pelo contrário, desidrata e a estimula a continuar bebendo abrindo passo a uma compulsão alimentar. Agora a carência e fome e a comida em excesso rapidamente exhibe seus efeitos. Paola está obesa, hipertensa, talvez diabética...

Finalmente um raio de luz entra na sua vida, nem tudo está perdido. Paola acorda, reage e contra-ataca. Para de beber e reduz seu estômago. Menos álcool, menos sede, menos estômago, menos fome. A carência entra em recesso. Emagrece, está bonita, os olhares masculinos são uma prova disso...

Porém precisa equipar a nova aparência com novas roupas, sapatos, bolsas etc. Novamente o Demônio Carente se fortalece, retoma o comando, fantasiado de cartão de crédito e cheque pré-datado. Os armários são estômagos vazios que, exigem a partir das gavetas, mais roupas e acessórios. Para a solidão, o álcool, para o álcool, Alcoólatras Anônimos; para a fome, cirurgia, para compras compulsivas, falência... Todo excesso tem solução e para cada solução o Demônio Carente exhibe sua cruel eficiência. Foi um breve período de beleza. Paola está outra vez encurralada, agora pelas dívidas, versão financeira do vazio, condenada à prisão domiciliar. [...]. (GOLDIN, 2012r, grifo do autor).

Outro exemplo que ilustra bem o que estamos afirmando aparece na preocupação da escrevente de 25 de dezembro de 2011<sup>61</sup>, que, acometida pela dúvida em relação a sua normalidade, expressa ao analista um mal-estar em torno da preocupação de não ser única no mundo a sofrer da angústia de não querer crescer nem estabelecer relacionamentos amorosos. Desse modo o interroga: “*Você conhece alguém como eu? Eu sou normal? Existe uma classificação para o que eu sou?*”(GOLDIN, 2011o).

Observamos aí a expressão de um desencaixe subjetivo, um sujeito que se vê deslocado, à deriva frente ao fato social no qual adquire existência e que carece mesmo de referentes de enunciação de seu sofrimento. Diante de uma nova forma de produção subjetiva, o escrevente se percebe sem lugar e vai demandar de Goldin um parâmetro normativo e/ou classificativo que lhe permita algum grau de reencaixe. Temos aqui configurado dois tipos de problemas: um problema de midiatização e outro de comunicação. A começar pelo problema de midiatização presente, temos que, na medida em que encontramos na mídia uma profusão de “eus”, eles tensionam diretamente os anteriores referentes identitários disponibilizados aos sujeitos que, por sua vez, se vêm confusos ante a desterritorialização em processo. Na ambiência midiática se efetiva a desterritorialização e nela também a busca por respostas às problemáticas daí advindas. Nesse ponto ainda marcamos o tensionamento que o campo da mídia imprime ao campo psicológico, que se presentifica quando a midiatização funciona como lugar de enodamento de novas questões subjetivas, com as quais o campo habitual não está acostumado a lidar. Daí surge a demanda pela gestão de outros espaços, outras práticas e outros dispositivos.

A segunda modalidade de problema no exemplo anunciado diz respeito aos modos de comunicar, que se relacionam com os recursos disponíveis para compor a enunciação. Quando a escrevente demanda uma classificação, um atestado de normalidade ou a certificação de semelhanças, ela, além de tornar dita sua inquietação, anseia por um vocabulário capaz de lhe possibilitar enunciar seus conflitos e a si mesma. Está expressa aí a necessidade de comunicar o mal-estar, assim como a carência de recursos que possibilitem a comunicação. Observamos que direcionar uma fala a proporcionar tais recursos é uma importante ação comunicacional desenvolvida por Goldin e que garante o funcionamento da coluna “Vida Íntima” como um dispositivo

---

<sup>61</sup> Transcrevemos somente o trecho que exemplifica nossa afirmação a fim de evitar repetições, uma vez que a coluna já foi anteriormente transcrita. Para orientar o leitor, situamos então o assunto da mesma.

interacional. Sobre isso voltaremos adiante, pois, neste momento, ainda julgamos importante falar um pouco sobre o mal-estar recorrentemente expresso pelos escreventes ao colunista.

O horizonte histórico e antropológico atual – que identificamos como a sociedade em acelerado processo de midiaticização – apresenta como um de seus traços constituintes, conforme Birman (2000), uma insuficiência nos modos de inteligibilidade – o autor se refere a “instrumentos interpretativos”, vocábulo certamente mais adequado ao contexto de sua fala – no que diz respeito à inscrição das subjetividades no mundo atual. É nesse campo das subjetividades carente de modos de enunciação que, segundo o autor, se inscreve o mal-estar. Esse mal-estar, por sua vez, “enquanto contraponto de um suposto bem-estar, [...] é a matéria-prima sempre recorrente e recomeçada para a produção do sofrimento humano” (BIRMAN, 2000, p. 15). Tal construção de pensamento pode ser claramente vislumbrada no conteúdo não-dito das colunas de Goldin, seja nas queixas expressas, seja na tentativa de circunscrevê-las por parte do consultante, que fazem emergir um mal-estar sintomatizado de distintas formas que acarretam o sofrimento dos consultados.

Esse mal-estar não é novidade da atualidade. Dele já nos falava Freud, ao se deparar com a problemática da inscrição do sujeito na civilização. Essa questão aparece para o psicanalista desde 1908, no seu escrito intitulado “A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa dos tempos modernos” e vai sendo amadurecida até que, em 1930, em “O mal estar na civilização”, o pai da psicanálise o assume por um viés conflitivo resultante do embate entre pulsão e as exigências de renúncias em prol da vida civilizada (BIRMAN, 2005). A partir disso, o mal-estar é concebido como estruturante do sujeito e sentido como um desamparo que o acompanha ao longo de seus dias, cabendo apenas a todos nós “um trabalho de gestão infinita do desamparo, justamente porque o desamparo originário da subjetividade seria incurável” (BIRMAN, 2005, p. 210). A ele relacionado, Freud (1982, p. 105)<sup>62</sup> vislumbra três fontes estruturais do sofrimento humano, as quais assim anuncia:

Já demos a resposta, ver pela indicação das três fontes de que nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. Quanto às duas primeiras fontes, nosso

---

<sup>62</sup> Publicado originalmente em 1930.

juízo não pode hesitar muito. Ele nos força a reconhecer essas fontes de sofrimento e a nos submeter ao inevitável. Nunca dominaremos completamente a natureza, e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte dessa natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de adaptação e realização... Quanto à terceira fonte, a fonte social de sofrimento, nossa atitude é diferente. Não a admitimos de modo algum; não podemos perceber por que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós.

Outro pensador que nos auxilia a compreender o mal-estar e sua articulação com nosso objeto é Sérgio Paulo Rouanet (2001, p. 96), que esclarece que “esse mal-estar, Unbehagen, é o desconforto sentido pelo indivíduo em decorrência dos sacrifícios pulsionais exigidos pela vida social”. A partir de uma releitura da obra freudiana de 1930 – “O mal-estar na civilização”, Rouanet (2001) procura, na sociedade que ele nomeia “moderna”, explicar o mal-estar como um ressentimento contra o modelo civilizatório do projeto iluminista e que hoje se manifesta em frustração e culpa.

Embora o mal-estar não seja novidade aos sujeitos do cenário atual, como já afirmamos, Rouanet (2001) – e também Birman – presume que ele se revista de formas específicas conforme o momento histórico. Assim, os modos como ele se manifesta e é enunciado, bem como os lugares de enunciação, variam de acordo com cada figuração social. Cada sociedade oferece recursos que lhe são próprios para que os sujeitos possam enunciar a si mesmos e suas questões. Assim, os modos de enunciação que estamos trabalhando estão diretamente relacionados com características próprias da sociedade em vias de midiatização. É a partir dos referentes desse contexto que os escreventes a Goldin buscam, além dos modos de falar de seus desamparos estruturais geradores de sofrimento, modos de gestão desse desamparo.

Como aspectos dessa mesma sociedade e ainda decorrentes de uma das fontes de sofrimento estrutural assinaladas por Freud – os relacionamentos mútuos – também estão com grande frequência nos escritos goldinianos os modos de se relacionar como causa do sofrer e do desamparo. Esses relacionamentos aparecem reestruturados em torno da precarização – ou fluidez – dos laços afetivos e das relações mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, apontando a figuração na atualidade de traços do mal-estar.

A esse respeito, Bauman (2004) discorre em sua obra “Amor Líquido”, quando caracteriza os relacionamentos na sociedade líquida moderna – nomenclatura assumida pelo autor para falar sobre a contemporaneidade – como laços frouxamente atados para

que possam ser vez ou outra desfeitos, retratando assim o caráter obsoleto e frágil dos vínculos humanos na atualidade, bem como o sentimento de insegurança deles decorrentes. Em acordo com essa lógica da fluidez e fugacidade também nos vínculos interpessoais, as redes, segundo o autor, parecem feitas sob medida para esse cenário, pois possibilitam conexões estabelecidas e cortadas por escolha, evitando aos sujeitos se deparar com a ambiguidade dos relacionamentos não-virtuais. Desse modo, as relações virtuais passam a estabelecer o padrão que orienta os outros relacionamentos, a ele servindo de referência. Em decorrência disso, Bauman (2004, p. 7) afirma: “Não admira que os ‘relacionamentos’ estejam entre os principais motores do atual ‘boom do aconselhamento’”. Sua complexidade, como prossegue, é difícil para ser destrinchada sem auxílio de especialistas que, por sua vez, estão sempre a postos para deles tratar, como desenvolve nas palavras seguintes:

Os especialistas estão prontos a condescender, confiantes em que a procura por suas recomendações será infinita, uma vez que nada que digam poderá tornar um círculo não-circular, e portanto passível de ser transformado num quadrado... Suas recomendações são copiosas, embora geralmente se resumam a pouco mais do que elevar a prática comum ao nível do conhecimento comum, e daí ao status de teoria autorizada e erudita. Gratos beneficiários dessas recomendações percorrem as colunas de “relacionamento” em publicações sofisticadas e nos suplementos semanais de jornais sérios ou nem tanto, para ouvir o que queriam de pessoas que “estão por dentro” (uma vez que são tímidos ou envergonhados demais para falarem por si mesmos), para espreitar os feitos e procedimentos de “outros como eles” e conseguir o máximo conforto possível por saberem que não estão sozinhos em seus solitários esforços para enfrentar a incerteza. E assim os leitores aprendem com a experiência de outros leitores, reciclada pelos especialistas, que é possível buscar “relacionamentos de bolso” do tipo de que se “pode dispor quando necessário” e depois tornar a guardar. (ibid, 2004, p. 7).

Embora na sociedade em vias de midiaticização os meios assumam um lugar distinto daquele que ocupavam na organização que lhe antecede, a sociedade dos meios, nos dias atuais, tal qual pontuou Bauman (2004), as tecnologias figuram como importantes mediadores dos relacionamentos interpessoais, na medida em que, como ambiência, possibilitam uma variedade de interações desvinculadas do aspecto físico presencial e que muitas vezes incluem a virtualidade como traço. São recorrentes as referências nas colunas de Goldin às novas tecnologias e às modificações que elas vêm empreendendo nos modos contemporâneos de se relacionar, como podemos observar

nos dois fragmentos seguintes, o primeiro que retrata uma queixa de escrevente e o segundo o que pensa o autor da coluna:

*“DENISE FOI MINHA NAMORADA HÁ MAIS DE VINTE ANOS, nunca saiu da minha cabeça. Tenho 55 anos e ela 47. Os anos passaram casei e me separei! Nos encontramos pelo facebook, conversamos e retomamos, queria casar no dia seguinte, ela mais tranqüila, também fora casada e quando falava da sua vida com ex marido e namorados meu ciúme beirava a loucura. Passei a vigiá-la pela Internet, não saía de sua casa, comecei a ter problemas com meus filhos etc. Em menos de seis meses mais de cinco separações. Até que veio o fim. Me dopei de calmantes, minha vida parou, sempre bisbilhotando sua vida e amigos. Pensei que ia ficar maluco. Ela sumiu da Internet, ameaçou-me de entrar com processo, o amor virou um pesadelo para ambos. Pensei que ia me matar. Fico as noites procurando informações sobre ela. Que sentimento é esse, que loucura é essa. Ainda mantenho sua foto no fecebook<sup>63</sup>. Rivotril, Lexotan não resolvem. Passo noites acordado. Fazer o quê. Tenho medo das minhas reações. Tenho levado esses dias combinando álcool com remédio. Quando abro os olhos, vem a minha cabeça. Quando consigo dormir acordo, pensando nela. Estou sem foco. Jorge” (GOLDIN, 2012j).*

A INICIATIVA FOI DO ANTONIO E MYRIAM, RESIGNADA, acatou sua decisão. Quatro anos juntos, porém infelizmente, quando um não quer... Foi uma experiência dolorosa e frequente no mundo humano, sempre houve encontros e desencontros... não são novidade, porém decidi responder à Myriam, porque percebi uma significativa transformação no formato das rupturas amorosas. A recente revolução digital causou, entre outros efeitos, uma curiosa modificação na vida emocional dos seus usuários. Os amores alteraram suas sequências e ritmos. No passado, no final de uma relação prolongada, um dos seus protagonistas – ou ambos – passavam, com maior ou menor intensidade, pelas clássicas fases do luto: angústia pela perda, desvalorização pelo abandono, impotência, ciúmes, raiva, ingratidão... Registrando o estrago produzido pela falta do outro. O sofrimento se aliviava com a ajuda de amigos e família, mas o fator principal era a distância e o tempo, um dia depois do outro, como aconselhavam os avôs.

As semanas e meses tornavam crônica a dor aguda, os episódios perdiam a dramaticidade, migrando para lembranças, cada vez mais distantes e difusas. A ausência era fundamental, cada um na sua vida, sem interferências mútuas... Este processo ficava mais difícil quando compartilhavam ambientes de trabalho ou vizinhança, porque a cada encontro as feridas se abriam, prejudicando a cicatrização e, porque, com um só olhar os ex-amantes reconheciam seus estados de humor, sabem se houve alívio ou tristeza, sofrimento e, inclusive, um brilho nos olhos denunciava, com certeza, a entrada de um novo amor...

Tudo mudou depois do Facebook. A distância acabou, a elaboração psíquica pela perda se transformou em controle do ausente, que agora

---

<sup>63</sup> Por opção nossa, as colunas são transcritas na íntegra, sem qualquer alteração textual. Por conta disso, algumas vezes nos deparamos com imprecisões de escrita nos textos.

é mais presente do que quando estavam juntos. Arrisco afirmar que Miriam não termina seu processo de separação, porque atravessa seu luto como um seriado, em capítulos semanais, mordida pela curiosidade, o segue nas redes sociais.

Miriam não sabe que é mais fácil desligar uma lembrança que um computador, porque as lembranças, com o tempo, desaparecem, enquanto as novidades sempre brilham e se renovam. A memória humana perde para os Gigabites do computador. Miriam desligou o Antônio do seu Facebook, porém, como toda mulher apaixonada, virou hacker e facilmente encontra o seu “ex”, assiste seus sorrisos em festas mal iluminadas, aniversários fantasmáticos, diálogos, abraços, shows divertidos na companhia de pessoas desconhecidas...

Separar é morrer para, mais tarde, renascer num novo amor. Sem morte, não há ressurreição. Na era digital, a morte é proibida, não há silêncio, há presença, ruídos, fantasmas prestativos que obedecem ao clique curioso e voyerista de um comando. A memória lembra, os olhos veem. Onde há imagens visíveis não há memória nem lembranças, há fotos, às vezes tendenciosas, que recortam instantes sempre “alegres”, possivelmente montados para exibir felicidades falsas ou duvidosas. Não sou contra a evolução tecnológica, só quero que a Miriam desligue o computador e se ligue às suas lembranças. Já viu demais e agora precisa ser olhada por homens reais, não por câmeras. Bonita e sorridente, ao vivo e a cores. Sem cliques, nem Photoshop. (GOLDIN, 2012t).

Sufrimentos decorrentes de modalidade de relações que somente existem pela mediação da tecnologia também se fazem presentes no dispositivo goldiniano, assim como aqueles sofrimentos que surgem no espaço mesmo da tecnologia, como dela decorrente, tal qual podemos acompanhar respectivamente nos trechos abaixo:

*“TENHO 36 ANOS, SOU SOLTEIRO E MORO numa pequena cidade do interior. Desde pequeno me sinto atraído por homem, mas por ser tímido e ouvir que homossexualismo é perversão, nunca me relacionei com homem nem mulher. Com 29 anos usei a Internet para procurar um relacionamento, com um fiquei algumas vezes só que ele me achou imaturo e sumiu, me fechei mais uma vez e só seis anos depois voltei a usar a Internet. Resolvi me fingir de mulher, (Laura), e comecei a teclar com um rapaz. Aí começa a grande angústia que estou vivendo, conversamos durante um mês, uma conversa bacana, só que não era eu, então sumi sem mais nem menos. Nós voltamos, só que dessa vez com maior intensidade. Ele pergunta por que eu não encontro com ele, e estou tão envolvido que invento uma desculpa e ele acredita, tentei essa semana acabar com esse relacionamento, só que ele só aceita terminar se for uma conversa olho no olho. Falar a verdade eu não consigo, sumir eu não consigo. Isso está me corroendo por dentro, pois eu gosto muito dele. Me ajude. Cláudio.” (GOLDIN, 2011b).*

*“HÁ ALGUMAS SEMANAS, TOMEI UMA DECISÃO: dei fim ao meu perfil do facebook. Não perco mais tempo “acompanhando” a vida dos meus 100 colegas e conhecidos. Sei que estou indo na contramão*

*da sociedade, vejo que todos estão postando suas vidas sociais no facebook. Tal recurso pode aproximar pessoas, não aconteceu nos quatro anos que durou a conta que eu acessava umas 5x/dia em busca de atenção. Expunha-me a troco de nada; talvez esse seja o melhor indício do quão desinteressante eu sou. Meu nome é Paulo, tenho 24 anos, não me acho atraente, estou revoltado com meu rumo profissional, minha vida amorosa inexistente, as poucas mulheres que quis não me quiseram e não quis as poucas que me quiseram. Quando quis mudar minha vida profissional para ser um realizador, dei de cara com a solidão, sou um zero à esquerda. Além disso, três anos de custosa análise freudiana foram improdutivos. Ante tanta alegria, peço sua opinião: o que diabos há de errado comigo? Estou começando a acreditar que a resposta é nada porque talvez as pessoas sejam assim mesmo. Afinal, que diferença faz? Paulo” (GOLDIN, 2011h).*

No primeiro caso temos Cláudio que cria um avatar, Laura, mas deseja transpor o relacionamento estabelecido pelo avatar para sua vida fora das telas como Cláudio. É interessante observar nesse caso o entrecruzamento de interações proporcionados pela fluidez de fronteiras entre o real e o virtual. Cláudio é real, assim como as interações que estabelece. Laura, por sua vez, é virtual, a mulher criada por Cláudio para dar vida a possíveis relacionamentos com homens, que são sua escolha de objeto sexual e a qual não pode assumir na ambiência extra-telas; suas interações, porém, são reais, embora se processem no espaço da tecnologia e não possam ser confundidas com as interações de seu criador. Essa confusão, contudo, está feita pelo escrevente, que pede auxílio para solucioná-la. O conflito de Cláudio nos é pouco produtivo em termos de construção de percepções sobre nosso objeto; a cadeia atravessada de interações que ele expressa, por outro lado, nos parece muito interessante, na medida em que nos chama a atenção para aspectos que envolvem a interação e as possibilidades de ocorrência da mesma, o entrecruzamento e a complementaridade dos espaços nos quais ela se processa. Temos duas cadeias enunciativas que confluem para um mesmo objetivo, que é o relacionamento afetivo de Cláudio. Na primeira cadeia, em que Cláudio é, na realidade, Laura, a interação obtém êxito na construção do relacionamento. Quando Cláudio é realmente Cláudio, o conflito se delinea em torno da impossibilidade de sustentar, nessa interação, o relacionamento afetivo. As duas cadeias enunciativas juntas compõem as interações afetivas do escrevente, em uma complementaridade sem a qual não se constitui a queixa destinada a Goldin.

Aspectos de complementariedade das interações surgem ainda no dispositivo de Goldin por vários ângulos: na variedade de espaços de divulgação de seu saber, na fala

do profissional em entrevista e em algumas colunas quando ele ou os escreventes referem interações “psi” que se processam em vários espaços simultâneos. Goldin é bastante atuante profissionalmente, já ministrou cursos e palestra, é autor de um *best-seller* “Freud explica”, além de outros livros destinados a adultos, adolescentes e de literatura infantil, há quinze anos desenvolve a coluna em questão, atende em consultório – é psiquiatra e psicanalista, como já dito – e realiza consultas mediadas por computador. Essa complementaridade de inserções parece fazer parte de um processo em constante ampliação do dispositivo interacional produzido pelo profissional em questão.

Outro viés da complementaridade aqui debatida é a afirmação do analista de que muitos de seus leitores fazem terapia<sup>64</sup> e, ainda, as cartas dirigidas ao analista mostram que com frequência alguns escreventes também referem buscar ajuda profissional tanto na consulta clássica quanto em outros espaços, como é o caso de Ronaldo, que assim escreve: “*CHAMO-ME RONALDO. FAÇO ANÁLISE HÁ SETE ANOS, porém há uma questão que vem me perseguindo há um bom tempo. Tenho 35 anos, sou homossexual e estou a alguns anos com Emilio, que é “o cara” [...]*”. (GOLDIN, 2011m, grifo do autor), e também Rita: “[...]. *Muitos médicos, terapias, remédios etc, mas acho que o problema é da minha cabeça, sei disso e sou impotente. Incomoda-me é a falta de autocontrole, não consigo comer só um docinho[...]*”. (GOLDIN, 2012y, grifo do autor).

Os escritos de Ronaldo e Rita, assim como de outros escreventes que fazem terapia, apontam para a coexistência atual de diferentes lugares para trabalhar o psiquismo. Isso situa práticas emergentes como a proposta por Goldin como não substitutiva da tradicional configuração clínica, mas talvez como mais uma alternativa disponível que se estabelece na sociedade em vias de midiaticização. Além da clínica psicológica, psiquiátrica e/ou psicanalítica, outros espaços também são buscados paralelamente ao dispositivo, como mostram algumas publicações, a exemplo da carta de Sônia, na qual a escrevente relata insatisfação e angústia que retratam o mal-estar subjetivo, concretizado em diferentes dimensões da sua vida. Por não saber como lidar com a questão, diz ter comprado livros, feito terapia, ir à igreja, além de escrever a

---

<sup>64</sup> Goldin faz essa referência no seguinte fragmento da entrevista, quando perguntado sobre quem são seus leitores: “São pessoas de excelente nível socioeconômico e muitos deles fazem terapia”(informação verbal).

Goldin em busca de algo que lhe proporcione saber sobre o que lhe acontece. Assim se expressa Sônia:

*“TENHO OBSERVADO EM MIM UMA CONSTANTE insatisfação com TUDO, no trabalho, nos amigos, no namoro, enfim, com tudo mesmo. No trabalho tenho sempre uma reclamação, querendo sempre um ambiente “ideal”. No relacionamento é pior ainda, nunca estou satisfeita, acho sempre que tem que melhorar alguma coisa, da parte dele. É uma insatisfação tão grande, que acho sempre que não sou querida pelas pessoas, por todas elas, fico sempre achando que quando recebo um elogio tem por trás algum outro interesse, já que frequentemente ouço que sou chata e que reclamo de tudo. Acho que as coisas tem que ser muito certas, o que foi dito deve ser cumprido. Na adolescência pensei que deveria ser advogada já que reclamava muito e era persistente. Tenho imensa dificuldade nos relacionamentos, estou no meu 4º relacionamento longo, tenho 25 anos, e todos eles foram muito conturbados, muitas brigas sempre... Agora estou passando uma fase de altíssima angustia, quando acho que estou sendo enganada, fico tão nervosa que meu corpo inteiro treme e sinto calafrios. Já comprei livros, já fiz terapia, vou à igreja e tento ser mais, mas não sei o que acontece comigo, começo a crer que sou realmente chata, reclamona e uma presença indesejada. Sonia” (GOLDIN, 2012a, grifo do autor).*

Casos como o de Ronaldo, Rita ou Sônia nos chamam atenção para a questão que se delinea a partir da complementaridade dos dispositivos, que é a seguinte: o que leva um sujeito em análise a buscar consulta também em outros lugares? Temos claro indício do que no capítulo teórico-metodológico chamamos de insuficiência do código, ou seja, o ponto de escape, abertura ao emergente característico dos processos de codificação. Se há procura por mais um espaço de expressão de conteúdo subjetivo, de sofrimentos, de mal-estar, pressupomos que algo escapa ao espaço da clínica, marcando claramente a insuficiência do padrão canônico – e que poderia ser de qualquer outro padrão interacional, pois, como já discutimos, esse ponto da falta é o que insere o código na lógica dos dispositivos. Quando a clínica – enquanto ordenação de uma práxis – por si só não dá conta de circunscrever os dispositivos de interação de ordem psíquica, outros espaços são tentativamente propostos. Ressaltamos aqui que, com essa afirmação, não estamos fazendo nenhuma crítica à Psicologia, Psiquiatria ou Psicanálise. Contrariamente, consideramos característica dos próprios dispositivos – o qual compreendem saberes e práticas – a dimensão da abertura, de algo constantemente por vir, de potencial de recriação constituinte acima afirmado. Não pensamos a legitimidade dos campos em discussão a partir de uma competência que lhes permita

abarcam uma amplitude de explicações, diagnósticos e prescrições para o objeto ao qual se destinam. Em contrapartida, encontramos na própria ideia de que algo lhes escapa um parâmetro de validade.

Esses pontos de escapes, de afetações, de tensionamentos, de desconstruções são característicos dos espaços compartilhados cujos modos de funcionar dissolvem fronteiras e produzem coisas outras. A eles, Fausto Neto (2010) nomeia como “zonas de pregnância”. Essas zonas podem ser compreendidas como os lugares de atravessamentos produtivos dos modos de enunciar e de interagir possibilitados pela mediatização em processo na sociedade. Tais modos, por sua vez, resultam na abertura para outras enunciações constituídas a partir das fraturas enunciativas originárias e as põem em movimento sempre adiante. Desse movimento surgem encaminhamentos para o questionamento que se desdobra do anterior<sup>65</sup> e que assim se traduz: o que esses outros espaços oferecem à interação? Diretrizes para essa interrogação podem ser encontradas nos modos de enunciação presentes no dispositivo.

No dispositivo que estamos discutindo temos dois pólos de enunciação distintos: os escreventes e o colunista. Os escreventes, acometidos pelo mal-estar, o direcionam a Goldin, esperando dele algo que amenize seus sofrimentos. Esse “algo”, contudo, Goldin não tem a ofertar, como facilmente percebemos em seus escritos. O leitor menos experimentado pode ser conduzido a pensar que o analista pouco faz com as demandas que lhe chegam, na medida em que parece não avançar na oferta a seu escrevente, como parece sugerir a publicação a seguir que somente ilustra uma regularidade da construção goldiniana:

*“TENHO 35 ANOS, CASADA HÁ 8, UMA FILHA DE 4. Há 3 anos me apaixonei por Roberto, um colega de trabalho, tivemos um breve relacionamento, mas nos afastamos. Não queria me separar com uma filha pequena. Há poucos meses, este sentimento voltou, e estamos muito envolvidos. Tenho medo da separação mas não sou feliz no casamento, ele não me escuta, tem medo de encarar os fatos, não brigamos, ele evita conflitos. É estranho, porque seu silêncio me faz duvidar, já que não conseguimos sequer conversar. O problema sou eu, não sou feliz, quero um companheiro, receber um abraço quando chego em casa, ouvir "eu te amo", ter vontade de fazer sexo com meu marido. Não brigamos. O sexo vai de mal a pior. Em Roberto encontrei amor, erotismo, diálogos intermináveis, compreensão e uma vontade de ter uma vida em comum. Ele é casado, e também não é feliz e em pouco tempo será livre. Moro em uma bairro nobre,*

---

<sup>65</sup> O questionamento anterior ao qual nos referimos: o que leva um sujeito em análise a buscar consulta em outros lugares?

*separada, não terei o mesmo padrão. Por outro lado, não aguento mais ser infeliz! Corremos contra o tempo, a vida passa rápido! Me sinto uma panela de pressão a ponto de explodir!! Pâmela”*

ERA UM BOM FILME, CONTAVA UMA HISTÓRIA verossímil, com excelente fotografia e músicas que acentuavam as emoções. A tristeza em tom escuro e dramático e a alegria clara, luminosa, quase eufórica... A carta de Pâmela também é um bom filme, ou melhor, são dois, com argumentos diferentes: quando se refere a Roberto, seu amante, os refletores se acendem, a música toca alegre e juvenil, como nas belas histórias de amor. Já quando o personagem é seu marido, ocorre o oposto, são planos escuros, acordes graves e opacos, um relato em preto e branco. Até aqui é compreensível, a mulher que ama projeta filmes otimistas e quando deixa de amar acentua o desgaste de uma relação que a prende com pesadas correntes de silêncio e escuridão. Os dois filmes se alternam em sessão contínua, porém não refletem o passado, nem descrevem o presente... inventam o futuro que, como todo futuro, é apenas uma hipótese sujeita a confirmação. Pâmela está em conflito.

- Deve se separar na esperança de uma nova vida, ou permanecer vegetando num casamento sem amor? A resposta é tão óbvia que desconfiamos. Se fosse simples e claro, não haveria conflito nem carta para ao Jornal...

De nossa parte, sabemos que não devemos interferir na sua decisão. Cabe a ela fazer isso e assumir suas consequências, felizes ou não. Ainda assim, nos sentimos autorizados a fazer alguns comentários. São dois filmes, dois caminhos, duas histórias simultâneas e com sentidos opostos. Um casamento silencioso e desvitalizado e uma relação onde não faltam palavras, atenções, sexo e sentimento... Será que antes do encontro com Roberto o mesmo casamento era mais tolerável, ou foi a paixão clandestina que dividiu as emoções, idealizando um e esvaziando o outro?

De fato são histórias complementares, alimentadas pela mesma fonte e é por isso que, a cada virtude do amante corresponde um defeito do marido, porque, como é sabido, toda paixão exagera virtudes e acentua defeitos. Pâmela tem pressa em resolver seu conflito, porém acreditamos que por enquanto precisa esperar um tempo até que os dois filmes sejam condensados num só. Além disso, se Roberto permanece na sua casa e no seu casamento, por que Pâmela deveria sair imediatamente? A hora de fazer isso será quando conseguir perceber os defeitos do Roberto e as virtudes do seu marido. Nessa hora estará mais madura e seu novo (e único) filme será um documentário, não um romance, nem uma comédia, e, muito menos, uma tragédia.

Admito que é difícil esperar, porém posso lhe garantir que a urgência nunca é prudente e se alimenta de dúvidas e medos de errar. As melhores decisões são as mais realistas, as que aceleram o processo de descoberta: como será o amante perfeito quando virar marido? Ou o marido quando passar a ser ex-marido? O motel quando se transformar em residência própria? E, o mais importante, como será a Pâmela sob nova direção? Estas são as verdadeiras incógnitas que tomarão o lugar das certezas atuais. Os bons amores sobrevivem a alguns meses de espera. Quando não sobrevivem é porque, infelizmente, não são tão bons amores... (GOLDIN, 2011n, grifo do autor).

No aparente não avançar, o colunista concede exatamente o elemento que faz a interação seguir adiante, ou seja, concede formas de enunciar. Essa afirmação vai ao encontro do que Braga (2006, p. 72) constata sobre os dispositivos, quando assim sintetiza: “A sociedade nos oferece, constantemente, esses dispositivos sociais para ‘com eles’ expressarmos a singularidade de nossa fala”. Vamos chamar essa oferta de “oferta de vocabulário”. Percebemos que ela é um dos elementos significativos do dispositivo goldiniano e que insere o leitor na complexa rede que envolve a interação. Mais que isso, produz um terceiro pólo no dispositivo. Além dos escreventes e do colunista, há também o público. Esse público, diferente do que Goldin afirma em entrevista<sup>66</sup>, cremos que não é formado somente por pessoas de excelente nível socioeconômico e com interesse nas questões do inconsciente ou ainda com similaridade de problemas por serem as questões humanas universais. Esses talvez sejam uma parcela dos seus escreventes.

### 3.3.1 Constituição de público

Quanto ao público, a análise do dispositivo nos permite inferir que ele é bem mais abrangente do que referencia Goldin e compreende um amplo leque de sujeitos com os mais distintos olhares e interesses para a coluna “Vida Íntima”, sobretudo um interesse que acreditamos marcar uma regularidade desse público – que também envolve os escreventes, que são leitores – que é a formação em perspectiva de um vocabulário sobre modos de enunciar problemas e questões relacionadas à subjetividade. Efetivamente, o que estamos afirmando é que Goldin constitui seu público através – não exclusivamente – da disponibilização de modos de enunciar e, em decorrência disso, de participar das interações sociais. Sem tornar perito seu público leigo, o dispositivo em análise pode oferecer substância reflexiva à vida prática dos sujeitos que lhe tem acesso. Além disso, oferta também processos de compartilhamento que parecem ser uma especial diferença de ênfase entre a escuta e a mediação como processo interacional de referência, sucessivamente, como mostra a construção da coluna seguinte:

*“UM PRAZER ESCREVER PARA VOCÊ. Acompanhamento há muito seus escritos e sou particularmente fã da maneira com a qual você aborda*

---

<sup>66</sup> Trecho de entrevista já referido anteriormente

*as questões que te enviam. Espero contribuir com mais uma questão: A questão: Por que somos - ou alguns são - tão preocupados com o passado de nosso cônjuge? Seus relacionamentos e experiências anteriores, desde “quem” ao “o quê” e “como” foi feito/vivido, não apenas, mas principalmente sexualmente. Qual o motivo RACIONAL para que um relacionamento possa eventualmente ser posto à prova pelo que o outro viveu em seu passado? Ou pior, qual o motivo PASSIONAL que leva a um curto-circuito o lado racional - e arrisca pôr tudo a perder? Julgamento moral? Cultura? Posse? Ivan”<sup>67</sup>*

OITENTA MIL DÓLARES FOI O PREÇO FINAL!! Um absurdo em se tratando de um vestido antigo, usado e fora de moda... O motivo da sua singularidade e preço foi que vestiu Marilyn Monroe em um legendário filme de 1955. Não tinha sido apenas o vestido, em outros leilões venderam joias, objetos e documentos antigos, entre eles, um boletim do colégio de quando era adolescente. Não foi surpresa, M. Monroe, 50 anos depois da sua morte, não perdeu popularidade.

Se conseguimos entender o motivo deste fenômeno, poderemos responder à pergunta do Ivan sobre sua curiosidade a respeito do passado sexual da sua amada. Sua pergunta é interessante, quer saber por quê este assunto o deixa obcecado, pensa muito em “quem”, “quando” e “como” foram essas experiências e supõe, com certa razão, que muitos homens arrastam essas questões, principalmente aqueles que amam e conservam uma sexualidade intensa por suas companheiras. Simples curiosidade, ciúmes retroativos, ou talvez a parte visível de uma grave neurose ou perversão?

Voltemos a Hollywood, os holofotes eufóricos que um dia descobriram a beleza e sensualidade de M. Monroe, rapidamente a transformaram em mito, acentuado por sua morte prematura e que, como todo mito, cresceu com o tempo, o que deu às suas roupas e objetos pessoais qualidades que transcenderam sua modesta materialidade. O íntimo contato do vestido com o corpo da atriz o modificou na sua essência, cobrindo-o com uma energia poderosa e invisível, que fez dele objeto de coleção e culto.

Assim ocorre nas paixões humanas que, com o holofote do desejo, iluminam cada detalhe do corpo e do passado do ser amado, ocultando a real irrelevância da sua vida cotidiana. A paixão, no amplo universo feminino, privilegia uma mulher, considerada “única e especial”, objeto claro de desejo, amor e admiração. Uma M. Monroe pessoal e é por isso que circunstâncias e detalhes do seu passado erótico adquirem um valor enorme e irracional, como o que fixou o preço do vestido usado que, com outra proprietária, valeria poucos centavos. A paixão valoriza e exagera as experiências que, à luz de outra leitura, seriam simples acontecimentos. A isto se acrescenta que cada nova conquista sexual, na dimensão subjetiva, sempre é um episódio único, especial e superlativo. Este é o segredo do sucesso dos estimulantes masculinos que garantem um melhor desempenho, bem como a clássica depressão daqueles que fracassam na cama.

Acontece que o erotismo humano tem um pé no inconsciente, que manipula e modifica o cenário subjetivo das experiências sexuais, seja valorizando ou reclamando das suas atitudes, gestos e gozos. É clássico os homens competirem na sua própria cama, tentando ser melhores do que seus antecessores e, em geral, são justos na avaliação

---

<sup>67</sup> A carta de Ivan foi anteriormente transcrita. Optamos por repetí-la para garantir uma melhor compreensão do processo que estamos discutindo, do qual a resposta a mesma é exemplo paradigmático.

dos seus desempenhos. Uma Olimpíada violenta e silenciosa, que se renova até o infinito na intimidade dos quartos. Ivan, sendo homem e apaixonado, criou cenas e imagina seus predecessores em ação, amplificando tamanhos, virtudes e defeitos. Às vezes, excitado, pede à sua parceira relatos detalhados ou, em versão contrária, a odeia por ter se entregado para outros antes de conhecê-lo.

Excitação e ciúmes, juntos ou separados, se apresentam dando sentido às diferentes atitudes masculinas... O que não exige algumas mulheres de terem a mesma reação. A paixão fetichiza o sexo, criando divas e mitos mais interessantes do que as experiências que lhes deram origem. A sabedoria popular, com pouca vergonha, afirma que os homens ficam excitados com o cheiro de outros homens. As mulheres sabem disso e põem isso em prática quando seus namorados mostram fadiga na relação. Em síntese, Ivan foi o feliz comprador do vestido de Marilyn Monroe. Uma peça cara, simples e usada. (GOLDIN, 2012z, grifo do autor).

Além de Ivan, vários outros escreventes parecem demandar palavras ou modos de se dizer ou dizer sobre suas dores, em questionamentos que se repetem como: “Existe uma classificação para o que eu sou?”, “Qual será o meu problema?”, “O que há de errado?”, entre tantos outros pedidos de ajuda que mais nos parecem um pedido por recursos que possam ir em direção à necessidade de enunciar o mal-estar e a ele dar algum encaminhamento. Goldin oferta palavras e pareceres de muitos modos, como podemos constatar através das várias inserções anteriormente referidas do colunista, escritor, psicanalista, psiquiatra, cronista, palestrante... ator deambulante entre tantos fazeres que se encontram na gestação de dispositivos de enunciação.

Como afirma Braga (2006, p. 80), “todo texto se organiza para destinatários ou constrói destinatários sob medida”. Esse movimento bem o faz o colunista da “Vida Íntima” que, ao construir estratégias de montagem de seu dispositivo, forja seu público. No mosaico de estratégias desenvolvidas, Goldin empreende a ação de produzir endereçamento, ou seja, inventar o seu leitor a partir do que a ele é ofertado, dos modos como ele é acionado. Esse acionamento, do qual provavelmente se desmembram respostas para o questionamento sobre quem é o público de Goldin, se organiza em torno de elementos como os tipos de consulta disponibilizados, os problemas referidos e o tratamento dos mesmos, as questões abordadas, assim como as táticas redacionais que envolvem a construção de respostas. Percebemos, nas táticas de respostas do colunista, alguns movimentos comunicacionais, dentre os quais identificamos, inicialmente, os modos como aciona seu público, despertando interesses múltiplos e transformando questões de foro íntimo em demandas socialmente partilhadas.

Goldin credita os interesses múltiplos em sua coluna na suposição de serem as questões humanas universais<sup>68</sup>. A partir disso, parece nelas desenvolver espaços de reflexão analítico-filosófica destinados a um público que, mais do que na demanda do escrevente, está interessado em causas particulares que se presentificam nos não-ditos do colunista, que a esse público claramente se destina e o traz mesmo nas respostas a um escrevente específico. Isso se dá em movimentos de descentramento e generalização, os quais realiza frequentemente nas linhas iniciais das respostas, quando intenta torná-las um texto de amplo interesse ou, como afirma o colunista em entrevista, “uma leitura fácil e instrutiva” (informação verbal)<sup>69</sup>. Vemos essa questão ilustrada nos fragmentos abaixo:

QUE ATITUDE DEVERIA TOMAR UMA MULHER QUE AMA seu parceiro, porém não atinge o orgasmo? Se resignar? Fazer terapia de casal? Ter uma experiência extraconjugal? [...]. (GOLDIN, 2011i).

NOS ACIDENTES AÉREOS AS AUTORIDADES investigam exaustivamente o motivo do desastre, usam as tragédias com o nobre propósito de evitar sua repetição. A carta da Rosi também será útil como alerta para aqueles que, por desgraça, passarem por situações semelhantes. [...]. (GOLDIN, 2011g).

O GRUPO SE REUNIA SEMANALMENTE PARA ESTUDAR o conteúdo latente dos contos infantis. Esta foi a vez da conhecida história do Barba Azul, poderoso Rei que, depois de vários casamentos fracassados, escolheu uma bela jovem como futura esposa. Antes de uma viagem, o monarca ofereceu a sua prometida as chaves do palácio, com a ressalva de nunca entrar em um dos aposentos que se abria com uma pequena chave dourada... [...]. (GOLDIN, 2011c).

Outro interessante exemplo da generalização empreendida por Goldin pode ser encontrado na publicação de 27 de novembro de 2011. Nela, a ação de generalizar avança em relação aos exemplos anteriores, na medida em que nos permite inferir que o colunista já havia pensando sobre a questão, antes mesmo – ou independentemente – do caso da escrevente. Dado que o profissional propõe a própria generalização – as mulheres gordas, no trecho a seguir, as mulheres obesas, as mulheres anoréxicas, as mulheres negam a própria sensualidade, em outros trechos/colunas – da sua fala, observamos o conhecimento de uma variedade de casos semelhantes. No entanto, ao

---

<sup>68</sup> Goldin assim refere em trecho anteriormente já discutido de entrevista.

<sup>69</sup> Trecho retirado da entrevista com Alberto Goldin, em resposta ao questionamento: “O que o senhor oferece ao público leitor de sua coluna?”.

escrever sobre o assunto ao público, o autor se pauta no paradoxo falar sobre a universalidade – as mulheres, de modo geral – e, ao mesmo tempo, se referir a um caso específico, que é o da leitora consultante:

[...]Trabalhamos com a hipótese de que o transtorno tinha como objetivo inconsciente reduzir seu corpo à sua mínima expressão, eliminando qualquer indício de feminilidade...  
Refleti sobre o tema e pensei que, com idêntico propósito, existem outros métodos, menos radicais... Vestir roupas largas e de mau gosto, descuidar o cabelo e higiene ou dentadura, beber demais...  
Porém o recurso mais conhecido para perder atrativos é a obesidade.  
As mulheres gordas se queixam por se sentirem diminuídas ou discriminadas, conscientes de que o excesso de peso lhes faz perder a sensualidade... (GOLDIN, 2011k).

Na amostra das colunas selecionadas, encontramos a recorrência predominante do modo de organização textual pautado na fala mais genérica, destinada ao grande público, com menor acionamento do escrevente, embora de sua carta se origine a reflexão proposta na publicação do dia. No entanto, a diversidade do objeto é uma característica marcante e que se expressa nos fatos que ocorrem com menor frequência ou somente ocasional e pontualmente. Exemplo disso é o que acontece quando Goldin começa seu texto falando diretamente ao escrevente e somente em seguida transforma-o em referência ao público, tal qual ocorre nos escritos abaixo:

[...]. Maria, habilmente, arquitetou duas soluções: a primeira foi se unir a homens separados que acabaram se revelando solteirões convictos. A segunda, se arriscar com Vitor, homem casado, que, apaixonado, lhe dedica todo o tempo que sobra da sua agenda familiar... De modo que  $(A + B) = (C)$ . A equação protegida pelas frias muralhas da matemática é perfeita e imutável: os homens desimpedidos (A), não querem e os casados (B), não podem. [...]. (GOLDIN, 2011a).

INDIRETAMENTE SOFIA DECLARA QUE depois do seu traumático divórcio conseguiu se destacar na arte de seduzir e, como sabemos, as mulheres sedutoras são as que assumem com mais coragem a condição e o mistério feminino. Homens mais jovens as escolhem como amantes. Sofia os atrai e emociona, alguns se apaixonam e outros, mesmo em relacionamentos curtos, continuam ligados e não se conformam em perdê-la. Teve fases com vários amantes simultâneos e sua lista de pretendentes não pára de crescer. Surpresa e feliz, Sofia comprova que possui a chave do sucesso feminino. É possível que por ser artista – e a arte sempre imita a vida – Sofia tenha mais facilidades para exercer a arte de amar e de viver... Qual é seu segredo? Primeiro, Sofia, diferente de outras mulheres, parece não esperar nada dos homens, apenas sexo e companhia, o que

não é totalmente certo, não espera nada formal, tal como luxos, compromissos ou obrigações. Só pretende uma generosa troca de amizade e prazer e, claro, os homens se rendem diante dessa oferta. Amor e sexo valiosos e grátis são sonho de consumo masculino e Sofia exercita esta oferta com absoluta naturalidade... [...]. (GOLDIN, 2011e).

Essa ação de responder através de uma fala pública vai de encontro à tradicional relação sigilosa da consulta, que se redefine, no espaço do dispositivo, como uma relação pública, no seio da qual se interpõe entre demandante e demandado o público. Seguindo essa lógica, temos que o problema apresentado deixa de ser próprio do escrevente e torna-se partilhado coletivamente. No entanto, somente a enunciação em espaço público de uma questão não faz dela uma questão efetivamente pública. Assim fazê-la figurar é uma ação empreendida pelo autor da coluna a qual precisamos compreender. Essa é uma importante ação comunicacional, na medida em que trabalha um conteúdo que originalmente não é do campo da mídia e o insere na processualidade das ações de mídia que vão produzindo interações.

De dois modos o analista realiza essa ação. Uma delas acontece por meio da despersonalização do escrevente. Uma característica relevante da coluna “Vida Íntima” é que as cartas a serem respondidas, como já afirmamos, são assinadas. Pode até se tratar de um codinome, ainda assim, um autor – escrevente ou personagem – é identificado, como podemos vislumbrar:

*“CHAMO-ME MARÍLIA, (28), MORO COM O BERNARDO, (30) e nos relacionamos há sete anos. Sou bonita, me cuido... Quando o conheci, ele era magro, atraente, mas, há 2 anos, mudamos de cidade, por causa do trabalho...O Bernardo é extremamente dedicado e bem sucedido, mas isso prejudica sua vida pessoal, e nosso relacionamento. Não enxerga mais nada na frente dele, nem a mim, nem a ele mesmo. Engordou muito, perdeu vaidade, mal arrumado, não cuida dos dentes, não procura médico, não me procura para fazermos sexo. Ele só trabalha e nas horas livres, joga vídeo game ou bebe com os amigos. Não gosta de conversar, parece um estranho em casa... Eu me sinto humilhada! Não aceita críticas. Eu tento ajudá-lo a fazer dieta, mas ele me ignora, quanto mais eu falo, mais ele não quer. Já ameacei me separar, ele diz que não quer, que me ama muito, mas não existe companheirismo, diálogo, sexo, o fato de ele estar engordando muito tem esfriado o meu desejo. No início éramos muito ativos, mas depois tudo esfriou. Não quero ir embora, ou trair-lo. Não sei quanto vou aguentar. Ajude-me!!! Marília” (GOLDIN, 2012b, grifo do autor).*

A resposta, como acontece a seguir, não se destina propriamente ao escrevente, mas é impessoal. Embora na maioria das vezes o nome do autor da carta apareça referido na resposta, ele figura prioritariamente como uma referência. Essa percepção se confirma quando retomamos o fato de que várias colunas publicadas entre o período de nosso recorte – 2010 a 2012 – são reedições de cartas anteriores. Desse modo, Goldin não fala ao escrevente, contrariamente a isso, se destina ao público leitor de suas colunas. No âmbito da coluna, o analista costuma desfigurar a queixa individual e respondê-la em perspectiva generalista, como discutimos acima, apresentando situações que eventualmente podem ser assumidas por qualquer um de seus leitores. O problema deixa de ser do escrevente e torna-se um problema do público. Vejamos essa ação na resposta à Marília:

ERA UM PROJETO RAZOÁVEL, SIMÉTRICO E GENEROSO. Ele cuidava das economias, ela organizava a casa, cozinha, limpeza. O carro, tarefa de homem, ela, as roupas... Uma distribuição correta, convencional. Outro detalhe, ela cuidaria do seu corpo para manter a atração e desejo mútuos... Ele, sendo homem e menos ligado a estas questões, respeitaria as premissas básicas de cuidado e elegância... Até que um imprevisto quebrou o delicado equilíbrio. Foi a sonhada ascensão profissional do Bernardo, maiores responsabilidades, mais dinheiro, ideal para um sujeito ambicioso. Foi uma ascensão que marcou o começo da derrocada. Bernardo engordou e descuidou a Marília, que perdeu espaço na cama do casal, migrando para a ingrata tarefa de reprimir a alimentação, lembrar as regras de saúde, higiene, dentista ou clínico. Marília se transformou na mãe de um adolescente viciado em videogame, retraído e indiferente, que, realizado financeiramente, se exime do resto das suas obrigações. - “O corpo é meu.”, reclama Bernardo. “Com ele faço o que eu quiser e ninguém tem nada com isso...”. Bem, finalmente chegamos ao centro da questão. Não é verdade. Marília tem tudo a ver com isso. Pessoas casadas não são proprietários exclusivos dos seus corpos que, de alguma forma, são um bem comum. Estabelecer uma relação é um projeto que aliena parte da individualidade, a doença de um é problema de dois, quando ela engravida, ambos respondem pela nova vida. Numa boa relação o corpo de um interessa ao outro, como coproprietário e por isso precisa de cuidados, tantos quanto os filhos, a casa ou o carro... Sei perfeitamente que desde a abolição da escravidão os corpos são próprios, porém “meu” marido ou “minha” mulher denunciam a propriedade conjunta. O sexo, inclusive, é exclusivo do casal, e quem o utilizar fora arrisca ou acaba com a relação. O declínio físico do Bernardo poderia ser consequência de uma depressão, um pedido de ajuda, porém Marília não é sua terapeuta, é apenas sua mulher, que faz o possível para ajudá-lo, seu

esforço acabará sendo inútil sem alguma colaboração do próprio Bernardo. O fato real e concreto é que perderam um bom casamento para inaugurar uma família disfuncional de uma mãe chata e um filho rebelde. As ameaças da Marília de abandonar ou trair denunciam seu sentimento de que já foi abandonada e traída. Precisam desistir desse modelo para recuperar uma vida melhor. Não tenho bons conselhos para o Bernardo, que sabe que precisa se recuperar para recuperar a Marília e, se for possível, consultar um profissional para decifrar os motivos da sua regressão. Talvez alguma atitude do seu pai o tenha feito pensar que fundamental na vida é ganhar dinheiro. Errado, não existem bons motivos para perder o amor próprio, porque, quando perdido, bloqueia o amor alheio. Marília, de sua parte, precisa entender que seus conselhos perderam efeito, certamente seu silêncio será mais eficaz do que suas palavras. Os adultos conquistam com seus méritos, os adolescentes exigem amor com suas más-criações. O melhor é não responder a elas, com o tempo os mais inteligentes desistem e se corrigem. (GOLDIN, 2012b).

A resposta do colunista opera o movimento de despersonalização e reposição do problema em uma perspectiva mais ampla, na medida em que despersonaliza Marília, Bernardo ou qualquer outro e se dirige a toda Marília, todo Bernardo, todo leitor, inclusive a aqueles que nem chegaram a elaborar a própria queixa e já se deparam com ela expressa e encaminhada na coluna. Com essa ação, Goldin também constrói seu público, que ultrapassa o escrevente a pedido de uma resposta e figura como muitos potenciais autores de cartas que acompanham cada narrativa em busca de uma diretriz também para suas questões.

Nesse entremeio, podemos localizar pessoas que possivelmente não serão os próximos escreventes e tampouco há, por parte delas, qualquer identificação potencial com o consultado. São simplesmente leitores, pessoas com interesses variados, atraídas pelos escritos de Goldin por sua construção mesma, pelo assunto abordado, pela condução literária, pelo interesse no vocabulário ofertado, entre outras coisas. Tal tipo de interesse precisa ser refletido no ambiente da midiatização. O que essas pessoas estão buscando? Como Goldin faz delas seus leitores? Que tipo de interação se estabelece aí? Daí desdobra-se ainda mais uma questão: quais os objetivos possíveis de resposta? Ou seja, o que o colunista pretende com seus escritos? Evidente está que sua pretensão não se limita a emitir boas respostas ou diretrizes que possibilitem ao seu leitor resolver os conflitos expressos, tampouco ensinar Psicanálise a um público leigo. Arriscamos inferir que até mesmo o tratamento das questões subjetivas pode não ser o objetivo

principal do colunista. Divulgar seu saber, fazer circular sua prática, entre outras ambições, podem compor a intencionalidade do dispositivo goldiniano.

Mais um importante fato comunicacional pode ser percebido na estratégia de resposta adotada por Goldin. Quando despessoaliza os escreventes e constrói seu público, concomitantemente o analista inventa um modo de fazer circular um conteúdo originalmente privado e, dessa forma, se aproxima de uma atividade midiática por excelência, que é a produção de enunciações coletivas. Esse jogo de lançar à circulação se fortalece mais com a segunda ação empreendida pelo colunista e já referida, que diz respeito à transformação dos escreventes em personagens construídas, seja por Goldin, seja pelo próprio escrevente, como discutimos nos atravessamentos com a Literatura. A articulação entre a despessoalização dos escreventes e a transformação dos mesmos em personagens, em um processo em que saem de cena sujeitos sofredores e, em seus lugares, passam a atuar personagens ofertados a múltiplas identificações se configura como mais um indício da ação midiática de produção de enunciações coletivas. Essas enunciações, contudo, quando lançadas à circulação, são apropriadas das formas mais particulares e múltiplas possíveis – dimensão da recepção.

Essa discussão nos leva a mais um desdobramento, que é a reestruturação das interações proporcionadas a partir da inserção do terceiro elemento da enunciação que é o público. Ao passo em que essa interação inventada no dispositivo em análise reconfigura o *setting* terapêutico, o público desconstrói a clássica relação paciente-terapeuta, que se transfigura na equação escrevente-analista-leitores, em um movimento em que a demanda é originária de um sujeito, o encaminhamento, por sua vez, se dirige a todo um público minimamente capaz de se sentir contemplado nas reflexões suscitadas pelo protagonista de cada semana e, assim, alimenta seu desejo de busca de respostas e legitimidade perita. E o melhor de tudo: sem precisar existir em sua intimidade.

Além disso, retomamos ainda outra questão, já expressa em diferentes termos. O movimento de despessoalização e criação de personagens a partir dos sujeitos sofredores traz consigo a criação de algo que se torna de interesse comum. Como uma espécie de trama novelesca das questões psicológicas, a sociedade que a comporta produz outros processos de interação que atrai múltiplos interesses: de identificação com as demandas, de curiosidade pelas questões abordadas, de acompanhamento do desenrolar das histórias, como contos ou fábulas, de formação de vocabulário e de tantas outras coisas, de algo mais, para além desses possíveis interesses circunscritos. Assim, a

sociedade também inventa sujeitos, ao mesmo passo em que inventa processos interacionais e faz circular insurgentes processos sociais. Tais sentidos de invenção, buscaremos circunscrever em todos os dispositivos a serem analisados e sobre eles nos deteremos em capítulo de finalização.

Por meio das estratégias expostas de construção do público, o dispositivo goldiniano desenha um modelo de interação que impulsiona o elemento comunicacional sempre adiante: um especialista divulga suas elaborações (emissor), a ele se dirigem escreventes que solicitam auxílio ao seu saber (receptor), a resposta do especialista se volta não mais ao escrevente, mas a todo um público leitor, interferindo no conteúdo dos escritos (produção) e, assim, amplificando respostas sociais que darão continuidade ao ciclo de usos e apropriações. Isso caracteriza a funcionamento de um circuito interacional, como expusemos em termos teóricos no primeiro capítulo deste trabalho. No modo de funcionar percebido na consulta midiaticizada não há um sujeito que se expõe a outro em terapia, no sentido dos dispositivos “psi” habituais. Basta uma carta ou um email, que muitas vezes pode até ser de um terceiro com questões ou demandas similares.

Em movimento análogo ao exemplificado, em algumas respostas trabalhadas notamos que Goldin recorre a casos semelhantes de cartas anteriormente publicadas, nos parecendo corroborar mais uma vez a figuração de questão coletivamente partilhada, como sugere o fragmento da coluna: “Fizemos uma revisão nos nossos arquivos, cuidadosamente e verificamos que poucos seres humanos têm um índice tão alto de rejeição”. (GOLDIN, 2011h). Desse modo, parecem recorrer, tanto colunista como escreventes, a um elemento de equivalência geral das queixas, das demandas, dos pedidos de ajuda. Equivalência entre sujeito e personagem, personagem e leitor, leitor e leitor na constituição de um espaço público interativo capaz de massificar, adequar, desconstruir, assujeitar, reconstruir, singularizar, inventar... Enfim, configurar um infinito leque de possibilidades. Lançando a prática “psi” no devir que se abre com a midiaticização, Goldin permite a ela se modificar e se reinventar. Não são apenas personagens, leitores e público que o colunista constrói.

Por fim, com relação ao público constituído por Goldin, precisamos levar em consideração que, por se originar na interação mesma com o dispositivo, esse público interessado – a partir de múltiplos vieses – nas causas “psi” já se insere no dispositivo como um público já modificado pela heterogeneidade dos atravessamentos interacionais estabelecidos. São pessoas que, como referimos anteriormente, fizeram terapia, leram

um livro de auto-ajuda, de psicólogos ou mesmo um *best-seller* do Alberto Goldin, assistiram a uma fala perita em algum programa de televisão e, desse modo, o que esperam de um dispositivo interacional “psi” se encontra previamente arcado por essa cadeia de representações e significações previamente iniciada em sua construção.

### 3.3.2 A ante-sala

Um dispositivo em circulação é resultado de um trabalho que lhe é anterior, que é seu processo de montagem. As lógicas que compreendem essa montagem e os elementos que estão aquém e além do próprio dispositivo compõem o que estamos nomeando como aspectos da ante-sala e que, neste tópico, buscamos descrever a fim de alcançar percepções acerca dos lugares nos quais se passa o drama da experimentação. Na especificidade do dispositivo goldiniano, levantamos como importantes elementos que compõem a ante-sala: 1- a montagem do dispositivo; 2- as operações de escuta; 3- a transformação do ator e; por fim, 4- os sujeitos e as práticas sociais relacionadas ao funcionamento do dispositivo. Discutiremos a seguir cada um desses pontos, de modo a desenvolver percepções que, ao final deste capítulo, nos proporcione o entendimento das operações de transformação na consulta empreendidas pela coluna “Vida Íntima”.

As lógicas de montagem do dispositivo dizem respeito ao complexo processo de produção da coluna que envolve o colunista, os modos de acionamento de seus saberes, os escreventes, as articulações de interesses e expectativas e o jogo de interações possibilitadas. As linhas publicadas – o dito – é apenas o lado visível do árduo trabalho que lhe antecede. Na construção desse dito, o colunista não tem uma fala livre, ele é convidado a falar “sob certas condições” acerca do seu objeto. A partir dessas condições é que se constrói a fala de intervenção. O que antecede o que é falado se relaciona com aspectos específicos do meio em que a coluna se insere, no caso, o jornal “O Globo”, cujos referentes já falamos anteriormente, e para quem ela se dirige.

Como discutimos no tópico acima, o texto constrói seus destinatários sob medida e assim o faz Goldin em relação a seu público. Esse aspecto de construção do público – modos de endereçamento – também pode ser considerado um elemento da ante-sala do dispositivo, porém, optamos por discorrer sobre ele separadamente porque as questões daí suscitadas extrapolam esse âmbito e podem, sem prejuízo, serem aqui retomadas. No entanto, aqui oferecemos um ponto de acréscimo a nossa fala sobre

formação de público, que diz respeito às condições nas quais o profissional é chamado a intervir.

De dois modos isso acontece nas publicações de Goldin no espaço do jornal durante o período do nosso recorte. Como já referido e exemplificado, até outubro de 2010 o autor publicava em formato distinto do que estamos discutindo. Seus escritos se organizavam em torno de um eixo temático que tinha continuidade a cada nova publicação, como observamos abaixo:

#### **Uma teoria sobre o amor**

Bem, vamos continuar e, em seguida, poderemos ver a relação entre comida e paixão. Mais ou menos duas horas depois da primeira experiência de alimentação, o bebê volta a sentir necessidade de comida. Se o observarmos por um momento, veremos que sua boca faz pequenos movimentos que imitam o ato de alimentar-se. Interpretamos isso como o reflexo de sucção, semelhante ao de qualquer outro animalzinho. Só que, dentro de sua cabecinha, além de praticar tal reflexo, ele imagina que está sendo alimentado. Acredita ser protagonista de um filme no qual está pegando o peito de sua mãe. Essa imagem é o primeiro ato psíquico do ser humano, e falando com maior precisão, diremos que ele está “alucinando” tal imagem. (continua) (GOLDIN, 2010a).

#### **Uma teoria sobre o amor**

Quem alucina, vive a situação como se fosse real, ou seja, acredita estar pegando o peito da mãe, o que é momentaneamente falso, alguns minutos depois será verdade. Isto quer dizer que quando sentir fome e não pode suportar o incomodo, preencheu o vazio com uma alucinação. Inventou um peito dentro de si mesmo, fabricando uma imagem interna para substituir sua mãe ausente. Se identificou com o peito e às vezes chupa o dedo para reforçar essa identificação. Esse modo de não sentir falta do peito é o método que os seres humanos usam quando estão muito desesperados. (continua) (GOLDIN, 2010b).

#### **Uma teoria sobre o amor**

Os viciados em drogas, quando elas acabam, pegam uma agulha e se picam, pois a sensação que este gesto produz, mesmo quando nada é injetado, os acalma durante alguns instantes. Os viciados são exemplos de pessoas que usam a droga para alucinar situações prazerosas irreais e nisso se assemelham aos bebês. Só que estes, com o tempo, abandonam a alucinação. Vamos deixar, por enquanto os viciados, e continuar junto ao nosso bebê, que estava alucinando o peito.

É obvio que alucinação não enche barriga e então, depois de beber por alguns minutos o leite inexistente, a criança começa a chorar, aí vem a mãe de verdade, com leite de verdade, e o alimenta. Alucinar é a

primeira atividade psíquica da criança e *seu método, para não sentir falta seja da mãe ou do alimento*. Esse é um sistema imperfeito, funciona como um consolo, mas só permite suportar a carência real por breves minutos. (continua). (GOLDIN, 2010c, grifo do autor).

Percebemos que a sequência do texto, que tem continuidade na semana seguinte, precisa ser acompanhada de modo fiel para que o leitor apreenda o que o analista tem a dizer sobre a teoria do amor. A cada domingo o colunista oferecia a seus leitores um pouco mais de informação perita, em uma construção continuada semelhante a um curso ou aula. Também assumindo essa semelhança se constróem os modos de dizer, que parecem adotar como proposta promover uma exposição psicanalítica sobre uma temática previamente eleita. Fortes referentes do campo originário – a Psicanálise – estão presentes, embora seja clara uma tentativa de tornar acessíveis as ideias a um público mais amplo do que os interessados na teoria psicanalítica. Até 20 de outubro de 2010 continua o texto sobre a teoria do amor, que é interrompido por um aviso do colunista de mudança no conteúdo publicado a partir da semana seguinte. Assim, em 27 de outubro de 2010 tem início a publicação de cartas respondidas no formato que estamos trabalhando.

A alteração no formato das publicações modifica substancialmente a ação interacional desempenhada por Goldin. Nos escritos datados até outubro de 2010, é clara a mediação da prática “psi”, até porque data de bem antes desse ano o interesse da mídia – indústria cultural – em trazer para seu espaço profissionais formados para falar das questões “psi”, especialmente aquelas relacionadas com amor e sexo, como atenta Goldin em entrevista. As pequenas experiências de testagem de agenciamentos podem ser encontradas no Brasil já na década de 1960, como ilustramos no início de nosso texto com os escritos de Carmen da Silva. As pequenas tentativas, ao alcançarem sucesso junto ao leitorado, se expandiram amplamente e, em constante processo tentativo, construíram coisas outras que permitiram chegar ao modelo assumido pelo dispositivo goldiniano após outubro de 2010.

No processo de tentativas de construção de agenciamentos temos que a própria coluna “Vida Íntima” não foi a primeira tentativa do jornal “O Globo” em publicar uma proposta de interação com seus leitores a partir de questões relacionadas ao psiquismo. Na década de 1990, o psicanalista e jornalista Paulo Sternik, atual colunista da Revista “Caras”, já veiculava uma coluna denominada “Vida Secreta”, a qual assinava com o

pseudônimo Pedro Salas<sup>70</sup>. Nela, respondia através de crônicas os pedidos de conselhos de leitores, à semelhança da coluna atualmente assinada por Goldin no mesmo jornal, sendo, de certo modo, sua precursora. Esse fato ilustra justamente que o processo de experimentação de outros circuitos pautados na transversalidade que estamos estudando já ocorre há algum tempo.

A transição entre formatos acontecida em outubro de 2010 é comunicacionalmente relevante para compreender o dispositivo no contexto da midiaticização. Através dela, podemos observar que um dos objetivos – “tornar acessíveis as ideias” – relacionado à perspectiva de constituição de vocabulário permanece no novo formato por meio de outra tática interacional. Podemos entender essa questão por analogia a um professor que, para obter melhores resultados em sua prática, resolve mudar de metodologia, tipo uma transição de aulas por “conferência” para o modelo de “*workshop*”. É nesse sentido que o procedimento se torna “mais jornalístico”, na medida em que parece não mais tratar da veiculação de conhecimento – sempre abrangente e de vocação atemporal, mesmo se didatizado – e sim de acontecimentos supostamente “atuais” que se renovam pela indicação contínua de alguém que sofre “hoje”. Nesse singular ancorado na atualidade se articulam as perspectivas midiaticizadas.

A ação interacional substancialmente alterada na passagem de um formato ao outro diz respeito à questão da presença de uma proposta de consulta, a qual assumimos como transformada, porém consulta. Nos escritos prévios a outubro de 2010 não existe o sujeito – escrevente – que demanda uma consulta especializada ao profissional e essa demanda dirigida ao consultante imprime toda uma reestruturação ao processo interacional. Foi essa percepção que nos levou a abandonar a coluna “Amor”, da Revista Caras, como objeto de estudo. Antes de prosseguirmos com a discussão, vamos ilustrar nossa afirmação com uma publicação da coluna referida, de autoria de Solange Rosset:

REVISTA CARAS | 24 DE MAIO DE 2012 (EDIÇÃO 968 - ANO 18)

**PRESENÇA DOS PAIS NA VIDA DE  
FILHO CASADO É ÚTIL, MAS DEVE  
TER LIMITES**

---

<sup>70</sup> A coluna “Vida Secreta” deu origem ao livro de mesmo nome, com autoria assinada de Pedro Salas.

**É BOM TER OS PAIS DISPONÍVEIS NA HORA DA NECESSIDADE, MAS ELAS PRECISAM DEIXAR ESPAÇO PARA O FILHO ENCONTRAR SEU PRÓPRIO JEITO DE LIDAR COM A NOVA FAMÍLIA. QUANDO HÁ LIMITES NESTA RELAÇÃO, OS PAIS SE SENTEM MAIS LIVRES TANTO PARA AJUDAR QUANTO PARA SE AUSENTAR, OS FILHOS EVOLUEM AO SE VIRAR SOZINHOS E A NOVA GERAÇÃO QUE SURGE SERÁ CRIADA NUMA RELAÇÃO FAMILIAR RICA E SAUDÁVEL.**

Quem já passou por isso, sabe: o exercício de ser pai ou mãe fica muito mais difícil quando os filhos tornam-se adultos e se unem a outras pessoas para formar uma nova família. Nesta hora, eles vão colocar em prática o que aprenderam em casa sobre relacionamento, vida a dois, organização do lar, cuidados com as crianças, e muitas vezes seus pais se sentem perdidos, sem saber até onde deve ir seu papel na nova situação. O que costumo dizer a eles é o seguinte: bons pais de filhos adultos precisam aprender a estar disponíveis sem invadir e a respeitar sem abandonar.

Um fio tênue separa um pólo do outro. E, para que se consiga um equilíbrio, muita coisa precisa ser aprendida por todos os envolvidos. A tarefa dos pais ficará mais fácil se eles já compreenderem que tentar controlar tudo que acontece com os filhos nunca dá bons resultados, especialmente depois que eles crescem; que limites e rejeição fazem parte de qualquer relação e não são sinais de desamor — mesmo quando vindos dos filhos; que desenvolver ansiedade com relação à felicidade dos filhos não os ajuda a serem felizes (o que talvez possa ajudá-los é a busca dos pais pela própria felicidade). Quando os pais têm uma vida conjugal satisfatória, interesses de casal e/ou pessoal e a certeza de que fizeram um bom trabalho na educação e no crescimento emocional dos filhos, a situação se desenvolve com mais simplicidade.

Do mesmo modo, a relação torna-se mais tranquila quando o jovem casal tem facilidade e leveza para lidar com o exercício de ser seu próprio continente, em lugar de ficar chamando os pais sempre que necessita e rejeitando-os quando não os quer por perto; se compreende que as invasões ou abandonos não são maldade dos pais, mas, talvez, inabilidade deles para lidar com as mudanças; se valoriza a sua intimidade e não compete pelos respectivos familiares; se adota regras explícitas e tem projetos claros e comuns.

Pais que se mantêm disponíveis sem invadir a vida dos filhos contribuem para a evolução deles e do mundo, pois quando um jovem casal consegue fazer as coisas do seu jeito está criando algo novo. Lembremos que, quando um casal se junta, cada parceiro traz toda uma bagagem de crenças, verdades, hábitos e rotinas que fazem parte do legado da sua família. Se por dificuldades pessoais ou interferência das famílias, esses indivíduos iniciarem uma competição sobre qual a bagagem correta, podem perder a chance de fazer da sua relação o germen de algo novo e reparador. Por outro lado, se eles compreenderem que estruturar um novo casal é uma oportunidade de quebrar preconceitos e criar novas formas de lidar com os vários ângulos que a nova vida trará, poderão fazer diferença no mundo. Afinal, não há um só jeito certo de lidar com a vida. De comum acordo, pode se fazer experiências para definir como funcionarão as rotinas, tarefas e orientações da nova família.

Nesse exercício de convivência, todos lucrarão. Os pais, por se sentirem úteis e ao mesmo tempo autônomos, estando disponíveis quando necessário e respeitando os limites impostos pelos filhos. Estes, por continuar com a certeza de ter com quem contar e de que não precisam erguer um muro quando querem privacidade. E a geração futura, que será criada aprendendo a riqueza e o limite das relações familiares.

Ao avançar em nossa teorização sobre o objeto, percebemos que os colunistas de “Amor”<sup>71</sup>, assim como Goldin no primeiro formato encontrado, ofertam conselhos peritos a seus leitores, mas não configuram interações do tipo consulta. Esse é um importante aspecto da ante-sala e diz respeito ao que o autor tem a ofertar a seu público, o que, conseqüentemente, implica na própria constituição do público. Em grandes linhas, podemos dizer que Goldin oferta consulta, uma consulta transformada. Isso

---

<sup>71</sup> A coluna em questão é de autoria compartilhada entre vários profissionais “psi”.

incide diretamente sobre a configuração dos aspectos seguintes da ante-sala, que são: a transformação do ator, as operações de escuta e os sujeitos e práticas sociais relacionadas ao funcionamento do dispositivo.

Quando percebemos que Goldin, no último formato apresentado, constrói seu dispositivo pautado em oferta de consulta, um desdobramento decorrente daí é a interrogação: consulta em torno de quê? A pergunta aponta para as condições nas quais o profissional é chamado a intervir e, como possibilidade de resposta, encontramos as demandas recebidas dos escreventes e a partir das quais o colunista escreve. Essa questão levanta dois aspectos: o primeiro deles, ainda relacionado ao processo de montagem do dispositivo, que é referente ao trabalho de seleção, edição e resposta às cartas recebidas; e o segundo conduz ao aspecto seguinte da ante-sala, que são as operações de escuta. Para abordá-las, retomaremos a interrogação acima enunciada, a fim de articularmos os modos de enunciação com as lógicas de montagem do dispositivo.

Em relação ao processo de seleção, edição e resposta às cartas, Goldin afirma em entrevista que “as cartas recebidas são catalogadas e uma por semana é escolhida em função de ser mais interessante ao grande público.” (informação verbal)<sup>72</sup>. Após a escolha, o colunista resume a carta através da seleção dos trechos mais significativos, buscando garantir a fidelidade na edição ao que expressa seu escrevente, e, em seguida, transcreve-a. Prossegue com o desenvolvimento da resposta por meio de um texto fácil e instrutivo que possa ir ao encontro das angústias do escrevente e, ao mesmo tempo, seja interessante por possibilitar aos demais leitores conhecer as angústias e soluções alheias que podem coincidir com suas próprias, segundo refere o analista em trecho de entrevista já mencionado anteriormente. Lembramos, contudo, como também já discutimos, a partir de inferências, que o interesse público nos escritos do colunista está muito além do que ele identifica em resposta à entrevista.

Por meio das cartas, chegam as demandas ao colunista e essas demandas nos permitem retomar a questão: consulta em torno de quê?. A consulta, como percebemos, é edificada em torno das demandas recebidas por Goldin, porém, demandas que não são apenas de seus escreventes, mas do grande público, como refere o autor em trecho de entrevista citado logo acima e que pode ser assim alcançado pelo critério de repetição de problemas que lhe chegam. A partir dessas repetições, o autor consegue inferir quais os

---

<sup>72</sup> Trecho transcrito da entrevista realizada com Alberto Goldin.

assuntos que mais interessam a seu público. Nas publicações, são encontradas com maior frequência – significativamente maior – queixas decorrentes de disfunções nos relacionamentos amorosos. Aparecem ainda questões decorrentes de ansiedade, de conflitos voltados à sexualidade, à identidade e aos relacionamentos sociais. Esses conflitos, vale lembrar, vão ao encontro da terceira falta estruturante apontada por Freud (1982) em “O mal-estar na civilização”<sup>73</sup> e que já expusemos anteriormente, a saber: os relacionamentos mútuos ou inadequação nas regras que procuram ajustá-los.

Voltamos ao apontamento de Freud para enfatizar como, no espaço do dispositivo, ele figura como uma questão de interação. O que o criador da Psicanálise afirma é que no âmbito dos relacionamentos interpessoais, na família, no Estado e na sociedade, algo sempre escapa, ocasionando sofrimento. O dispositivo goldiniano encontra ancoragem na expressão desse sofrimento por leitores que buscam, de alguma forma, circunscrever esse algo que escapa; solicitam compreender o mal-estar e demandam estratégias para com ele lidar. Assim, podemos inferir que de dois modos a interação compõe o dispositivo em análise: 1- como elemento da ante-sala, tal qual estamos discutindo, na medida em que a maior parte dos problemas que chegam a Goldin são problemas interacionais e; 2- como resultado do dispositivo, que promove tentativamente práticas interacionais de consulta. Desse modo, podemos dizer que o dispositivo goldiniano é atravessado pela problemática da interação, que nele se faz presente aquém e além do espaço mesmo do dispositivo, bem como também o caracteriza. É elemento de montagem, traço do dispositivo e ainda o que lhe escapa.

Outro aspecto da ante-sala do dispositivo diz respeito às operações de escuta desenvolvidas por Goldin. Tais operações também se pautam nas demandas recebidas pelo analista, a partir das quais ele desenvolve uma intenção de escuta que, a nosso ver, está prioritariamente voltada a uma escuta pública, em detrimento da escuta individualizada provavelmente requerida por cada escrevente em particular. Ao catalogar as cartas e selecionar aquelas que despertam maior interesse público, o analista parece ouvir coletivamente o que lhe chega e se ocupar do que de mais representativo da maioria ele possa encontrar entre sua coleção. Temos uma espécie de divã coletivo que ilustra um aspecto de deambulação da consulta tensionada por processos que estão sendo tentados. Cada escrevente destina seu sofrer individualmente ao colunista e dele espera uma resposta particular, mesmo em espaço massivo. O

---

<sup>73</sup> Publicado originalmente em 1930.

analista, por sua vez, transita entre as várias enunciações de angústia e mal-estar que recebe, cruzando-as entre elas em busca de alguma que fale para o coletivo, pois é ao coletivo que ele busca falar para, assim, fazer funcionar o seu dispositivo.

Outro elemento de tensionamento da consulta pelos processos tentativos do dispositivo se presentifica na transformação do ator, que deambula por vários espaços e campos sociais e reflete isso nos distintos posicionamentos decorrentes dos múltiplos acionamentos teóricos realizados no interior de uma mesma coluna. Como um *flâneur*, Goldin transita descompromissado pela maior variedade de campos – sociais e de saber – que pode alcançar. O espaço onde constrói sua prática, a coluna do jornal, lhe permite devanear, se desprender dos códigos estabelecidos, confrontar a instituição saberes “psi”, ensaiar um pouco de Filosofia, de Literatura, optar pela Estética, ser jornalista ou retornar para o lugar de analista. Escritor, analista, consultante, terapeuta, colunista, todos são termos que bem identificam Goldin nos distintos momentos de suas deambulações. Essas deambulações, por sua vez, acontecem juntamente com o deslocamento dos processos interacionais, que se dá de forma rizomática, sem uma origem definida ou um ponto de finalização, mas, contrariamente a isso, se configurando nas heterogeneidades que se constituem nos atravessamentos entre as práticas, os campos sociais e os dispositivos interacionais.

Por fim, chegamos ao último aspecto identificado da ante-sala do objeto que estamos analisando, que se refere aos sujeitos e às práticas sociais relacionadas ao funcionamento do dispositivo, ou seja: 1- quais os fatos circulantes na sociedade que estão implicados com a produção do dispositivo interacional de consulta “psi” disponibilizado por Goldin e; 2- quais os interesses e artifícios dos sujeitos para se inserir no dispositivo goldiniano. Sobre o primeiro ponto, retomamos algumas características da sociedade em mediação para percebermos como o aconselhamento e a consulta, que já existiam sem a mídia, se transformam, ao longo do movimento de mediação da sociedade, em processo mediado. É aqui que tensionamos nosso objeto a partir das modelizações aconselhamento e consulta e pelo atravessamento da mídia e constatamos que o fazer de Goldin é substancialmente diferente do aconselhamento na mídia e, por outro lado, também do padrão canônico de consulta, escapando das modalidades interacionais precedentes e apontando para a produção de modificações tentativas que nos levam a nomear sua oferta como consulta transformada.

Transformada pelas demandas sociais, transformada pelos modos de interagir, pelas expectativas que giram em torno dela, pelo que pode oferecer como resultado e

por todo o leque de construções enunciativas que, a partir dela, redefinem a própria prática social, na medida em que ofertam outros elementos de inteligibilidade da vida e de participação nos dispositivos sociais. Desse modo, vai ao encontro dos interesses e artifícios dos sujeitos para bem participarem do dispositivo goldiniano, que, tal como outros dispositivos canônicos ou tentativos, são insuficientes e, por isso, em constante processo autopoietico. Em decorrência disso, temos que todos esses aspectos de antecâmara que estamos discutindo são continuamente modificados pelos processos que originam, fazendo o circuito funcionar.

Quanto aos interesses dos sujeitos em participar do dispositivo, cremos que fomos construindo ao longo do capítulo percepções sobre esse ponto. Tais elaborações nos permitem agora pensar os artifícios que garantem a inserção no dispositivo em análise. Esses artifícios também estão relacionados com operações de escuta, no entanto, elas agora acontecem por parte do público e não mais do consulente. Assim como Goldin desenvolve modos de escutar, também os consultados coletivos o fazem e eles se manifestam nos modos de interação desempenhados a partir do dispositivo.

No jogo das estratégias de oferta do analista e dos interesses do leitorado, esse último solicita em seus não-ditos modos de ser no mundo em vias de mediação. Nesse ponto conseguimos vislumbrar o encontro de interesses e a relação de cumplicidade entre os membros participantes do dispositivo. Além disso, esse lugar de encontro traz à tona os pontos de insuficiência dos clássicos dispositivos de mídia e dos saberes “psi”, na medida em que eles não conseguem dizer da vida atravessada pela mediação, senão enquanto afetação daí decorrente. É aí que o dispositivo goldiniano se distingue, pois pensa os sujeitos na ambiência mesma da mediação e esse lugar como ancoradouro de suas angústias e mal-estar, bem como dos encaminhamentos possíveis para eles.

Com isso, lança à circulação formas outras de interação eu-mundo, eu-outro e ainda eu-eu, ou seja, outros modos de produção de relação do sujeito consigo mesmo, de ser frente a si, outros elementos atuantes no processo complexo de subjetivação. Um exemplo disso é o fragmento a seguir:

EM TEMPOS DE AMORES FRÁGEIS e relações transitórias, Pedro nos surpreende pelo rigor com que se propõe a declinar o verbo “amar”. Apesar da sua juventude, é um homem sério, reconhece que é amado por Ivani, porém duvida dos seus próprios sentimentos, aos quais considera ambíguos e imaturos, motivo pelo qual se nega a declará-los em voz alta. Dizer “eu te amo” seria assumir uma enorme

responsabilidade, um juramento que, como o nome de Deus, não deve ser invocado em vão.

Um segundo problema ligado ao anterior, é que, apesar da sua forte ligação com Ivani, ainda sente desejos pelas mulheres bonitas que o cercam, mesmo assegurando que, uma vez comprometido, jamais iria abordá-las. [...]. (GOLDIN, 2012p).

### 3.3.3 As regularidades

Ao trazer elementos da sociedade em midiatização para pensar – e assim também produzir – os modos de subjetivação, Goldin parece assumir que há uma reconfiguração dos referentes da subjetividade, bem como dos modos de sofrer na atualidade. Em virtude disso, também precisam ser reconfiguradas as ações prescritivas de modos de ser e essa operação o consulente faz com distinção. Os modos diferenciados de prescrever no âmbito do dispositivo podem ser percebidos como uma das regularidades de sua constituição. Na totalidade de seus escritos à “Vida Íntima”, o analista produz modelização de modos de ser “saudável” e, diante disso, nos perguntamos quais são os critérios que o “ser saudável” sugere no seio da própria coluna. Os fragmentos abaixo permitem visualizar essa ação empreendida, a qual problematizamos em seguida:

[...]. Lamentamos afirmar que, neste impasse sua única alternativa é se desligar do seu falso amor, mesmo que esteja apaixonado e o deseje intensamente. Infelizmente não pode se transformar em mulher, nem mudar os desejos e intenções do seu namorado, ou seja, precisa desembarcar desta aventura num procedimento pessoal, onde não cabem conselhos, como criador da Laura é o mais indicado para eliminá-la com a delicadeza e cuidados necessários. Admito que será difícil, porém é mais difícil mantê-la viva e atuante. Tentaremos agora entender o Cláudio e suas razões. É evidente que não conseguiu atravessar a barreira do preconceito e possível decepção de colegas, amigos e familiares, que sempre o consideraram masculino e hetero. O problema foi esta barreira, invisível e poderosa, da qual a Laura foi apenas uma consequência, uma tentativa de resolver o paradoxo de um corpo masculino com desejos femininos.

O mundo não o perdoa por não desejar mulheres e como não conseguiu modificar os preconceitos da sua pacata comunidade, optou por modificar a si mesmo, virando mulher no mundo virtual... É óbvio que se não mudar de cidade, ou de atitude, continuará na mesma prisão domiciliar, cinzenta e frustrante. A alternativa é se equipar para uma guerra revolucionária longa e dolorosa. Ou mata a Laura e tudo fica como está, ou elimina o Cláudio dos últimos 35 anos e recomeça tudo sob nova direção... (GOLDIN, 2011b).

[...]. Minha conclusão é que ambos foram vítimas de um antigo desencontro, os anos sem orgasmo foram o verdadeiro problema e a “traição” foi seu primeiro grande sintoma. O que faltou nessa hora foi uma discussão ampla do problema, porém era preciso discutir com palavras, não com ações. Esse foi seu erro. Se Marina tivesse coragem e honestidade na época diria a Roberto que estava insatisfeita sexualmente, que fantasiava com outros homens. Seria uma questão difícil, mas teria evitado a procura por um amante experimental.

É evidente que também Roberto estava frustrado, porém cometeu o mesmo erro, permanecendo mudo. Como faltou o discurso, sobraram ações, assim brincaram de traidores e traídos, honestos e culpados para não formular a verdadeira razão do desencontro: o profundo desgaste afetivo e sexual da relação. Não se amavam suficientemente, mas não tinham coragem de se separar, por isso ambos usaram as “traições” para justificar a ruptura, e se separar com menos dor e tristeza.

Marina não lamenta tanto ter perdido o Roberto, o pior é tê-lo perdido para sua nova mulher. Ciúmes e possessividade, pecados, perdões e culpas não são bons subprodutos do amor, entre seres humanos, mas são o melhor combustível para justificar separações que, mesmo que sejam dolorosas, abrem o caminho para novas e melhores experiências. Marina precisa chorar pelo passado para poder sorrir para o futuro. (GOLDIN, 2011i).

Importantes constatações podem ser inferidas a partir da modelização do “saúdavel” encontrada recorrentemente nas colunas de Goldin e a primeira delas aponta para a relação estabelecida pelo consulente entre a restituição do estar bem e determinadas posturas existenciais prescritas. O analista, como observamos, prescreve atitudes e modos de estar no mundo que oferecem recursos analíticos para o escrevente refletir sobre suas formas de ser e sugere outros posicionamentos capazes de contribuir para amenizar ou solucionar a queixa. O modo de prescrição aí desenvolvido marca distinções com as regularidades prescritivas da Psicanálise e da Psiquiatria e desencadeia uma problematização acerca da ideia de consulta resultante da lógica biomédica estabelecida na Modernidade, segundo a qual a consulta tem uma proposta de diagnóstico de disfunções e prognóstico supostamente capaz de conduzir à cura. Os prognósticos goldinianos tensionam os saberes institucionalizados sobre cura e, com isso, redefinem a perspectiva da consulta que, no espaço do dispositivo, pode ser percebida como interação em torno de um sofrimento psíquico expresso, em busca de construção de um saber sobre o mesmo e que oferece como diretriz possibilidades de outras condutas existenciais.

A prescrição de condutas existenciais se faz a partir de outra regularidade presente na coluna “Vida Íntima”, que é a já pontuada reflexão analítico-filosófica sempre proposta pelo consulente e que, a nosso ver, convida também o leitor a uma

experimentação do lugar de *flâneur*, como o faz o analista ao longo de suas elaborações para o dispositivo. Deambular pela cena produzida e experienciá-la como modo de embasar a reflexão é uma regra imposta por Goldin, como ilustramos com os dois trechos seguintes, mas que está presente como característica marcante na totalidade dos escritos para a coluna:

LEMBREI NITIDAMENTE DA CENA DO HOSPITAL, era singular, terrível e inesquecível. A jovem era pele e osso, se mantinha de pé sustentada por uma enfermeira que, sem esforço, a segurava pelas axilas. Parecia um cabide de arame no qual sobressaíam seus olhos escuros e dentes brancos. Dias mais tarde faleceu, deixando um forte sentimento de impotência na equipe. Havia sido outro caso de grave anorexia, repetindo histórias semelhantes; uma adolescente de bom corpo, bonita e sensual que, por motivos que ignoramos, se julgava obesa (e provocante?). Sorria, gentil, perante nossas interpretações, porém, como a todo alimento, as rejeitava. Sentia que cada garfada era um veneno sexual que cuspiam ou vomitava imediatamente. [...]. (GOLDIN, 2011k).

NÃO EXISTE SIMETRIA ENTRE “DAMAS” E “CAVALHEIROS”. Na adolescência Eles sabem o que querem, pensam em mulher o tempo todo, as desejam, se masturbam com suas imagens, mergulham em sites pornô e frequentam prostíbulos. Quando podem, as conquistam. Tudo a céu aberto, sob os olhares complacentes de pais e colegas. Mais aventuras, mais experiência, maior a certeza pública e privada da virilidade, afastando assim o incômodo fantasma da homossexualidade... Já para Elas as coisas são diferentes, vale o romantismo, amores platônicos, clubes juvenis de fãs e, em relação ao sexo, é possível intermediado pelo seu passaporte oficial: a paixão. Apaixonadas, as jovens podem ir para a cama com seus namorados. As outras, avulsas, as que praticam sexo casual, no entanto, são inquietas e inquietantes. Para a opinião pública é relevante a distância entre “Ficar” e “Dar”... É bem verdade que os tempos mudaram, a sociedade abriu seus rígidos princípios, porém ainda falta bastante para uma verdadeira simetria sexual... [...]. (GOLDIN, 2012l).

Outra regularidade encontrada no dispositivo em análise figura como um desdobramento da cadeia interacional estabelecido nesse espaço. Ao levar uma proposta de atendimento de demandas de conteúdo subjetivo para a ambiência da mídia, o colunista reconfigura a lógica vigente de interação que, em um novo dispositivo, redefine o fazer “psi” predominantemente em voga.

Inicialmente temos que nessa reestruturação o elemento midiático passa a compor o dispositivo ao aparecer como lócus da interação. Quando inserida no dispositivo, a mídia traz consigo algumas características, a exemplo do público, que

passa a estar presente na interação e pautar os elementos envolvidos no funcionamento do dispositivo, bem como sua forma de organização, que se estrutura em uma alternância contínua entre prescrições ao escrevente e recomendações ao público – lembramos que o escrevente também compõe o público de Goldin, então essas funções muitas vezes se sobrepõem – como podemos constatar nos escritos abaixo:

<p>LÚCIA EXERCE UMA DAS MIL MANEIRAS DE SER mulher e faz isso com uma elegância extraordinária. Em perfeita harmonia familiar, confessa que ama seu marido e sente orgulho da educação e personalidade do seu filho e, ao mesmo tempo, reconhece que, por trás da sua aparência calma e segura, habita dentro dela uma turbulenta impotência e frustração. O motivo desta sensação reside nos seus reiterados fracassos de controlar a realidade e o mundo que a cerca. Feminina na aparência, masculina nos seus hobbies, Lúcia relata sua própria perplexidade. É evidente que é uma mulher bastante realizada e feliz, porém, por fazer parte da condição humana, não é um ser completo e, ainda bem, porque essa completude não é permitida às pessoas lúcidas e conscientes de si mesmas.</p>	<p><b>PRESCREVE AO LEITOR</b></p>
<p>De minha parte, me adianto e informo que, até esta data, ninguém conseguiu saber e menos ainda modificar o que acontecerá nos minutos seguintes e mesmo que seja possível antecipá-los com alguma aproximação, saber com plena certeza é impossível. Os imprevistos são a regra e o talento humano consiste em resolvê-los, não em evitá-los. A melhor prova desta afirmação são os jogos de azar, que sempre lucraram com esta ignorância. Mesmo que alguns videntes se auto-atribuam esta capacidade, suas previsões não passam de bons palpites, ou intuições, porém, pelo que se sabe, nunca ninguém conseguiu quebrar a máquina do tempo que, pelo contrário, se diverte quebrando a presunção humana.</p>	<p><b>RECOMENDA AO PÚBLICO</b></p>
<p>O que nos interessa agora é saber por que Lúcia precisa controlar o presente e o futuro. É evidente que fazendo isso perderia sua condição de espectador, para se transformar em produtora da realidade, capacidade privativa dos deuses que, em silêncio, constroem o destino humano. Suas palavras dizem: “Queria poder espiar pelo buraco da fechadura o trabalho de Deus”. Não quer apenas espiá-lo, acrescentamos, mas imitá-lo. Agora fica mais claro para nós o secreto desejo da Lúcia. É uma mulher bela e inteligente, tão forte e poderosa quanto os homens e seu único traço de fragilidade é sua incapacidade de compartilhar os poderes divinos.</p>	<p><b>PRESCREVE AO LEITOR</b></p>
<p>Este é o sentido da completude. Nada deveria ficar fora do seu domínio, porque, na sua concepção, a metade do poder não interessa, é tudo ou nada. Trata-se de um</p>	<p><b>RECOMENDA AO PÚBLICO</b></p>



*Vitimas de uma relação de mão única, caminham feridos, são deficientes sem vaga exclusiva...”.*

NADA DE TÃO ESPECIAL. Sonia, 21 anos, sofre sua primeira frustração amorosa. Não há neurose nem conflito, apenas tristeza e decepção... Ainda assim, lendo sua carta percebo que sua linguagem, além de dolorosa, também é poética... Talvez porque a poesia desliza, com maior facilidade, os relatos de amor. Sonia cita Shakespeare, se identifica com suas palavras porque, nos últimos 400 anos estas questões não mudaram, os sentimentos são os mesmos, idêntica é a sensação de transcendência, palavras claras e antigas que, apesar do tempo, se conservam limpas e frescas.

Pergunto-me o que fazer com este relato, qualquer comentário ameaça banalizá-lo, porém mesmo assim, decido assumir o risco. Não há dúvida de que a dor de Sonia se deve ao fato de Marcos tê-la abandonado, porém através desse episódio descobriu uma coisa ainda mais importante: o fascínio pelas imagens que ocuparam seu lugar quando ele se retirou da sua vida. Tornou-se evidente que sua ausência acabou sendo maior do que sua presença, no lugar, agora vazio, surgiram aos borbotões, fontes de água cristalina, lágrimas transparentes, além de risos e choros sonoros. Marcos deflagrou um processo tão primitivo quanto à própria humanidade. O amor sempre existiu dentro dela mas estava preso e silencioso e não foi, como parece, uma tragédia, foi mais um batizado, um começo, uma versão moderna de Adão e Eva, e é justamente nesta praia que Sonia se afoga, sem morrer e, quando sobe à superfície, respira, sem viver. Ninguém morre de amor na praia, apenas sofre e o sofrimento é a pia batismal que inaugura histórias, fabrica lembranças e finalmente a entrega pronta para novos amores, mais leves, menos radicais, porém, certamente, mais convencionais. Por isso Sonia, na realidade, não chora só por Marcos, chora porque consumiu a única chance que a vida lhe ofereceu de atravessar seu primeiro amor. Nunca mais o terá ao seu lado, não me refiro ao Marcos, mas ao sentimento que a inunda. Haverá outros, no entanto nenhum será como o primeiro, que fechou as portas da infância e abriu o portal da vida adulta. A partir de hoje Sonia será diferente, uma mulher que, pela primeira vez saberá como é viver sem seu primeiro amor. Claro que dói, nunca lhe disseram que seria fácil, porém sem dúvida é um capítulo obrigatório e imprescindível. Primeiro amor é ritual de passagem, estação intermediária entre antes e depois. Grave não é atravessá-la, todos conseguem. Imaginem o contrário, como seria isso nunca ter acontecido. [...]. (GOLDIN, 2012aa, grifo do autor).

A questão de gênero atravessa a história dos aconselhamentos – que originalmente se destinavam a mulheres – de algumas mídias e também transpassa o dispositivo goldiniano como uma regularidade, quando temos que, no intervalo temporal de nosso recorte, apenas doze homens tiveram suas cartas respondidas por Goldin. Ao sugerir, por inferência, que também são mulheres que compõem a considerável maioria de escreventes ao consulente, isso assinala um paradoxo quando pensamos o dispositivo a partir de seu lugar de inserção, cujo público é predominantemente masculino. Ao notar tal situação, buscamos uma leitura

comparativa dos modos de comunicar segregados por gênero, assim como as operações de escuta e consulta desempenhadas por Goldin. A exceção da carta de Ivan, veiculada em 11 de novembro de 2012, não percebemos lógicas diferenciais relacionadas ao gênero, o que torna essa questão de menor relevância a nossa análise.

Além dessas breves elaborações, como já afirmamos em tópico anterior, pouco avançaremos na discussão sobre gênero, pois, além da pouca relevância mencionada, vislumbramos mais duas razões principais: a primeira delas diz respeito ao fato de que essa questão nos parece um viés do encadeamento de problemáticas sociais, sociológicas, econômicas, culturais, entre outras, as quais abordar é uma escolha de ênfase e; a segunda razão, por se tratar de uma ampla e complexa discussão que extrapola os limites de nosso estudo. Outras vezes o gênero aparecerá em nossas análises dos outros casos trabalhados e, quando mais conveniente, será analisado a partir dos encadeamentos possíveis e de suas incidências sobre o funcionamento do dispositivo.

Mais uma característica frequente da coluna “Vida Íntima” é o modo difuso de comunicar assumido por seu autor. Esse modo cremos estar relacionado a uma série de aspectos que já foram discutidos ao longo deste capítulo e que aqui retomamos apenas para situar como outra regularidade do dispositivo. O modo difuso na comunicação se articula com operações de fala desencadeadas pelo perfil deambulante do colunista e sua proposta de promover reflexões<sup>74</sup> em detrimento de ações prescritivas e formativas, embora essas duas também se façam presentes ao longo do material abordado. Vejamos como isso se manifesta pelo exemplo da resposta à carta abaixo, na qual a escrevente, Miriam, pede uma luz para resolver sua vida amorosa, que se encontra dividida entre um marido e um amante:

*“CASADA HÁ 3 ANOS COM UM NAMORADO da adolescência, no começo do namoro tudo é lindo e maravilhoso, hoje acho que está desgastado, o romance acabou... não me elogia, não passeamos, não fazemos nada que seja fora da nossa rotina. Numa viagem conheci Walter, muitos e-mails e por fim e fui ao encontro dele no momento que o meu casamento já não estava bom, nos envolvemos, e como eu me sentia muito bem ao lado dele fui levando essa situação, nos encontrando uma vez por mês fora do Rio, e conversando por telefone todos os dias mas estava mantendo meu casamento. Estou levando essa situação há 5 meses pois amo os dois e para mim, eles se completam, não sei como proceder com isso. Tenho medo de terminar com meu marido e investir em Walter pois não sei como será o*

---

<sup>74</sup> Essa afirmação é decorrente da fala de Goldin em entrevista, segundo trecho já referido anteriormente.

*convívio com ele. Não estou me sentindo bem com essa situação e como não sabia como proceder, resolvi pedir um tempo para os dois e pensar no assunto. Está difícil, preciso de uma luz. Miriam”*

ESTA CARTA NOS DÁ A OPORTUNIDADE de atualizar uma intrigante questão: os casamentos desgastados convocam amantes? Ou são os amantes que desgastam os casamentos?

Miriam está casada sem entusiasmo e brilha com Walter em encontros esporádicos... Está indecisa, paralisada, cansou da vida monótona que seu marido lhe oferece e ainda não conhece suficientemente bem, nem confia no seu amante. Entendemos sua perplexidade, desmoronou o projeto juvenil de viver uma felicidade linear e permanente. A vida real se mostrou dura e implacável e, se pretende uma realização afetiva, terá que tomar atitudes, escolher seu companheiro, decidir romper ou recomeçar seu casamento, reciclar, sofrer, errar ou, eventualmente, acertar...

A única vantagem desta dolorosa revolução é que agora tem oportunidade e recursos para construir um projeto de vida mais sólido e sustentável. A decisão de ter um amante, questionável eticamente, foi um sino que quebrou o silêncio e a despertou. Como amante, Walter é um problema, como despertador de uma mulher adormecida, foi uma solução. Não importa qual será seu papel no futuro, relevante é que a retirou da zona de conforto e passividade onde se encontrava e, de fato, o cenário mudou. Já não espera uma mudança de atitude do seu marido, agora é ela que tomará decisões difíceis de implementar, porém necessárias para organizar sua vida. Por enquanto está paralisada, mas quando recuperar seus movimentos, vai perceber que o futuro está nas suas mãos e dependerá dela escolher o homem que melhor se encaixar no seu projeto de vida.

No meio da turbulência, pode não perceber a importância deste movimento, que marca a diferença radical entre ser piloto ou copiloto. Um dirige, o outro é dirigido, não espera que um marido ou um amante a façam feliz. Agora é seu critério que vai determinar como e quem será seu companheiro. Perdeu segurança e ganhou esperança. Por enquanto sua existência está um caos, se suportar pelo tempo necessário, encontrará seu rumo.

Poderá oficializar ou romper sua relação com Walter, reatar ou não com seu marido, que quando questionado, certamente terá melhores atitudes. Não se descarta um recomeço apaixonado de ambas as partes. O fato é que nada será como antes e esta é a melhor notícia que Miriam poderia receber.

Voltamos à pergunta inicial: o que vem primeiro, a monotonia ou o amante? Continuamos sem respostas satisfatórias, porque ambos são sinais que denunciam o naufrágio do amor e, desde sempre os naufragos fizeram sinais e pediram ajuda para sobreviver. Miriam tem um marido que a afoga na rotina e um amante que pode asfixiá-la com incertezas e culpas. Ambos são o S.O.S. de amores que pedem socorro e que, para salvá-los, devem ser assistidos, se for possível, levando-os para terra firme. Em síntese, Miriam descobriu que para ser feliz não basta ter dois homens que a amem. Para evitar o naufrágio, é necessário construir um projeto de vida. Só ou acompanhada. (GOLDIN, 2011f, grifo do autor).

Selecionamos a carta de Míriam como exemplo dos modos difusos de comunicar adotados por Goldin, que aparece na quase totalidade de suas respostas, porque ela também expõe mais duas regularidades importantes de serem assinaladas no dispositivo goldiniano, que dizem respeito primeiro à excelente capacidade inferencial demonstrada pelo autor e, em seguida, às questões morais que recorrentemente aparecem como desdobramentos dos sofrimentos referidos. No exemplo acima citado, percebemos como, a partir de poucos dados<sup>75</sup>, o autor infere interações e processos e sobre eles constrói a cena que oferta como devolutiva a sua escrevente e a todo o leitorado que o acompanha. Por serem inferências, elas podem estar mais ou menos próximas da situação originária e as reflexões mais ou menos aplicadas a cada caso. Contudo, as inferências retratam o aspecto de insuficiência que possivelmente se faz presente também em modalidades interacionais distintas da que estamos apresentando.

Por fim, retomamos a questão moral também presente na resposta a Miriam, ilustrada no seguinte fragmento: “A decisão de ter um amante, questionável eticamente, foi um sino que quebrou o silêncio e a despertou.” (GOLDIN, 2011f). Como traço recorrente em seus escritos, a ação moral perpassa o modo de comunicar goldiniano, contudo, percebemos que ela não figura como julgamento pelo autor, pelo fato de que ele não está a falar desde si sobre esse aspecto, mas assume como perspectiva a forma como a leitora consultada se expõe e oferece recursos para seu próprio julgamento. Esse tom sutil dissolve a avaliação sobre quem consulta nessa forma maleável de escrita empreendida pelo consulente e, ao mesmo tempo, produz um retorno indireto sobre o problema que se apresenta na própria carta. Acreditamos ser isso decorrente da amplitude de divulgação do texto e da preocupação do autor com as muitas pessoas que possivelmente o lerão. Para enfatizar a recorrência das questões morais propostas pelos consultados mesmos e ilustrar os modos com que Goldin as dilui entre suas colocações, segue outro fragmento de coluna:

[...]Para ela, emagrecer é trair. Precisa corrigir seu texto, já que bem poderia ser bela e fiel, ou feia e infiel. Na anorexia o “ato de comer” é um repugnante “ato sexual”. Para Elisa engordar é seu voto de fidelidade. Curioso é que mesmo tendo encontrado a resposta correta para a sua pergunta de por que não termina um regime alimentar, não consegue aproveitá-la. Seus 15kg de culpa são o sólido colete

---

<sup>75</sup> Goldin tem uma riqueza maior de informações que os leitores da coluna, já que recebe as cartas na íntegra e as edita. Contudo, como ele afirma, as informações mais relevantes da situação são transcritas fielmente no resumo.

antitraição que a protege de um pecado que, em sã consciência, não pretende cometer. (GOLDIN, 2011k).

### **3.4 O funcionamento do dispositivo interacional goldiniano**

Ao longo deste capítulo, por diferentes ângulos discorreremos sobre o dispositivo interacional “psi” gestado pelo colunista da “Vida Íntima”, Alberto Goldin, e os múltiplos aspectos implicados em seu funcionamento. Neste momento, vamos abordar o que até aqui nos escapou e, de forma sistemática, pensar o funcionamento do processo interacional que se elabora no seio do dispositivo que estamos estudando, ou seja, interessa-nos neste tópico perceber, além da constituição desse dispositivo como “novo” fazer, também pensar sobre como ele é posto em funcionamento, o que produz, o que movimenta... Começamos então pela seguinte problematização: no tensionamento entre os espaços mediados e os espaços não mediados que compreendem as angulações constituintes do dispositivo, como o dispositivo goldiniano faz funcionar os processos interacionais “psi”?

A figuração clássica das práticas “psi” e a figuração mediada das mesmas, expressa nas colunas de Goldin, apresentam propostas pautadas na consulta destinada à promoção da saúde, mas a própria ordenação em cada caso serve de diretriz para o delineamento de cada tipo de fazer. Não se trata de fazer a mesma coisa em diferentes lugares, trata-se de fazer coisas distintas em espaços distintos, pois o próprio lugar de emergência desenha modos de conduta e traça as regularidades e diretrizes do funcionamento. Além da clássica interação “psi” que se origina na modelização clínica, a sociedade inventa circuitos ensaísticos de interação, construção de sujeitos, expressão de sofrimento, angústia, dúvidas, incertezas..., de produção de subjetividade e, conjuntamente, de discursos sobre a subjetividade – âmbito da produção de conhecimento – que, no cenário de processual mediação, continuamente estão desenvolvendo novos tipos de interação, de ação comunicacional, de modos de enunciação de si e das práticas sociais que atravessam os sujeitos. Como um desdobramento disso, as colunas de Goldin desenvolvem uma ação comunicacional mediada e produz outros lugares possíveis de constituição e direcionamento de demandas subjetivas gestando, nesse movimento, um dispositivo interacional “psi” insurgente.

Dois pontos se desdobram a partir dessa afirmação. O primeiro diz respeito ao fato de que tanto em espaço clínico quanto em ambiência midiaticizada, todo o conjunto de interações estabelecidas funciona como dispositivos interacionais, o que vai diferir entre um e outro dispositivo são os elementos que o compõem e o fazem circular. São esses elementos que permitem inferir as regras do dispositivo, perceber o padrão em jogo nas interações (código) – e aqui somente nas interações midiaticizadas, já que não olharemos para o modelo canônico – e identificar os elementos de insuficiência de tais padrões (inferências). Lembramos que elementos de insuficiência são constituintes do próprio dispositivo, seja ele canônico ou tentativo. cremos, além disso, que qualquer padrão em si mesmo é provavelmente insuficiente, ou seja, mesmo a prática canônica dos saberes “psi” apresenta aspectos de incompletude, possui fraturas e falhas que lhe são internas e, muito provavelmente, isso se deve ao aspecto mesmo da codificação, como já pontuamos.

Desse modo, quando a eles nos referimos, não estamos apontando as carências ou inconsistências do modelo tentativo em contraposição ao que já se encontra estabelecido. Não é a essa insuficiência que estamos fazendo referência, até porque nosso trabalho não é de validação e/ou afirmação de determinado tipo de fazer como mais legítimo ou produtivo que outro. Há algo que escapa ao código para que a interação ocorra. É disso que escapa que falamos, do espaço de devir constantemente presente na relação entre códigos, do que está continuamente além e faz semblante da transformação, da tentativa, da abdução. Ao mesmo tempo, permite a flexibilização do código, a abertura para infinitas afetações que trazem o potencial de transformá-lo. O que viabiliza as metamorfoses da codificação são as inferências, e essas, por sua vez, são responsáveis por inserir o código na lógica dos dispositivos e fazê-los funcionar.

Diante disso, quando afirmamos a importância de identificar os elementos de insuficiência em um ou outro padrão de interação – seja ela canônica ou midiaticizada – estamos pensando nas aberturas percebidas na codificação tradicional que possibilita a emergência de práticas dela desmembradas, mas que trazem em si o aspecto de flexibilização e deslocamento de sua codificação, o que possibilita a produção de coisas outras. O caso que estamos discutindo exemplifica uma flexibilização das regularidades próprias das práticas “psi”, o que significa afirmar que o código característico dos saberes contemplados está sofrendo afetações que findam por transformá-lo. Contudo, transformar não implica que ele deixe de existir em sua forma tradicional, mas que, como desdobramentos de tal forma, outras atuações se reconfiguram.

Podemos listar alguns elementos que caracterizam um clássico dispositivo de interação “psi”: paciente, terapeuta, falas, escuta, prescrições dos Conselhos da profissão, demandas, expectativas, etc... Nas colunas de Goldin, observamos que alguns desses elementos perdem relevância e outros são trespassados pela mediação, resultando daí uma terceira construção, que não é mais um fazer “psi”, tampouco um fazer midiático, é sim uma prática “psi” mediada e que aponta para, a partir de sua mediação, a transformação da consulta. Nela podem ser observados elementos afastados, outros desviados, outros ressignificados, entre tantas possibilidades de articulação. Daí se desdobra o segundo ponto acima referido, ou seja, o que a sociedade está tentando com isso. Além do movimento empreendido pelo profissional perito de inserir sua prática em novas ambiências, essa tentativa somente se efetiva quando se articula com uma ação do social, na medida em que a emergência de um dispositivo tentativo advém tanto de uma demanda de campos quanto das práticas sociais que os atravessam.

Ao olhar para o material que Goldin faz circular no Jornal “O Globo”, vemos nascer um dispositivo interacional que se oferta como possibilidade outra de atender sujeitos em situação de sofrimento que não elegem – pelo menos exclusivamente – a clínica para trabalhar determinadas questões. Assim, Goldin gesta outro espaço para “coisas psi” acontecerem. Esse processo, por sua configuração, pode ser identificado como canhestro, na medida em que adquire existência e busca legitimidade no espaço mesmo da prática proposta, para o qual referentes dos saberes “psi” são válidos e necessários, mas por si só são insuficientes, o que aponta a necessidade de, para que a gestação empreendida seja bem sucedida, articulações e agenciamentos sejam continuamente tentados. Disso decorre a reconfiguração tentativa de um modelo de consulta que tensiona a prática “psi” e também a própria mídia no contexto da mediação em processo.

Isso resulta nos tensionamentos também percebidos pela perspectiva da mediação, que se presentificam quando a sociedade passa a demandar coisas além do que lhe é ofertado; além do clássico modelo de consulta, demanda outras interações que se destinem ao mal-estar, à formação de vocabulário, ao estabelecimento de diretrizes de como ser no mundo, orientações essas que, para funcionar enquanto dispositivo interacional, precisam estar articuladas com o contexto histórico, precisam falar do solo epistemológico da sociedade em vias de mediação, precisam estar em acordo com o que os sujeitos vivem cotidianamente. A demanda que sustenta o funcionamento do

dispositivo mostra que não dá para cristalizar o processo, se a vida se passa atravessada pela rede, a escuta também precisa estar aí; se o sofrimento se configura no Facebook, os saberes “psi” precisam ter recursos para pensar o Facebook como modo de subjetivação, se o tempo é instantâneo, o acesso à consulta também é demandado instantaneamente.

Nessas transversalidades percebemos o enodamento do dispositivo com as práticas sociais, que, a nosso ver, é a matriz que faz funcionar o dispositivo em tentativa. Não descarta a validade ou eficiência do dispositivo canônico, mas o excede, se situa no que o transcende e, não sendo possível negar sua existência, atentamos para a necessidade do olhar em perspectiva para compreendermos o que significa funcionar para um dispositivo. Para isso, é preciso uma composição transversa de olhares, pois se assim não for, as afetações se perdem e, um objeto que é relacional, será abordado a partir de referentes de campos, fato que nada traz de produtivo quando o objetivo é pensar o próprio dispositivo. Do ponto de vista da interação, o dispositivo de Goldin vem funcionando bem e prova disso é que está em circulação há quinze anos. Mesmo se metamorfoseando durante esse período, parece produtiva sua inserção e eficácia junto às práticas sociais.

Outro aspecto do seu funcionamento são os espaços de circulação que o fazem seguir sempre adiante, ultrapassando o dispositivo mesmo e produzindo cadeias de interação dele decorrentes, como exemplifica sua inserção em blogs como o “Cult Carioca” e o “Amores Pop”, bem como toda a produção do autor em livros, palestras, cursos, revistas, entre outros, além do Jornal “O Globo”. Desse modo, as operações de sentido empreendidas pelo dispositivo goldiniano extrapolam o espaço da coluna e apontam a dificuldade de circunscrição, já que o dispositivo remete ao sistema de relações estabelecidas e essas relações, na sociedade em acelerado processo de midiaticização, apontam para o devir.

#### 4 O CIRCUITO PSICOLÓGICO DE OLGA TESSARI

O site “Ajudaemocional.com” ([www.olgatessari.com](http://www.olgatessari.com)) é um dispositivo interacional “psi” que se encontra na rede desde o ano de 2001 e funciona como uma ambiência virtual na qual circula uma vastidão de informações e possibilidades de interações com o saber psicológico. A esse conjunto de interações denominamos dispositivo tessariano. Como nele está enunciado, Ajudaemocional.com é um site de “[...] informação, divulgação e de orientação sobre problemas do ser humano de origem emocional, respaldado em pesquisas científicas”. Destina-se, por sua vez, a “[...] difundir a importância da terapia como ferramenta para superar crises emocionais”, sendo útil para qualquer sujeito interessado em “[...] resolver conflitos de ansiedade, depressão, insegurança, medos, baixa auto-estima, stress, problemas de relacionamento, dificuldades de aprendizagem entre muitos outros tipos de mal estar psicológico”<sup>76</sup>. O espaço foi criado por Olga Inês Tessari, que é psicóloga, pesquisadora, palestrante, supervisora, mediadora de conflitos, *professional & life coach*, além de escritora. Desde o ano de sua criação até o final do ano de 2012<sup>77</sup>, o site Ajudaemocional.com contabilizou mais de 55 milhões de acessos.

Nas próximas linhas, vamos descrever o site e as ações interacionais por ele propostas, de modo a proporcionar ao leitor vislumbrar o material a ser analisado. A página de acesso apresenta inicialmente, além do título do site (Ajudaemocional.com – Caminhos para resolver os seus problemas), uma foto da profissional responsável, a atribuição de autoria e uma foto de capa do último livro lançado pela psicoterapeuta. Logo abaixo, estão dispostos dez links que sintetizam as ações disponibilizadas e explicações sobre o funcionamento do site. São eles: agenda, consulta, cadastro, atualizações, normas de conduta, política de privacidade, mídia, cursos e palestras, cursos online, consultas online. O link agenda acessa a programação de participação de Olga Tessari em palestras, cursos e eventos na mídia; consulta conduz a uma página de marcação de consultas online, ao currículo da profissional e a depoimentos de pacientes, além de algumas informações sobre os tipos de atendimentos prestados e instruções gerais; cadastro permite ao visitante se cadastrar no site, garantindo o sigilo dos dados fornecidos; atualizações conduz aos últimos textos e vídeos da profissional

---

<sup>76</sup> Os trechos aspeados foram retirados do site Ajudaemocional.com (<http://www.olgatessari.com/>), acessado diariamente ao longo do mês de setembro de 2012.

<sup>77</sup> Período em que se encerra o recorte de nosso corpus.

disponibilizados na rede; normas de conduta acessa informações gerais sobre o site e o conteúdo divulgado; política de privacidade, como o próprio nome diz, discorre sobre a garantia de privacidade no usufruto de serviços no ambiente do site; mídia apresenta as aparições de Olga Tessari nos espaços de mídia (Twitter; programa de tevê da psicoterapeuta no site; participações da profissional em programas de televisão; respostas a dúvidas de leitores nas revistas Mais Feliz e Todateen e no site Toque Feminino; colunas de sua autoria nas revistas Caminhar (SP), Atual (SP) e no Jornal da Cidade (Ubatuba); vídeos de algumas entrevistas realizadas; fotos da psicoterapeuta; participação com vinhetas próprias no programa Espaço Vida, da TV Aparecida, Beleza Hoje, da TV Gazeta e na Rádio Difusora de Jundiaí; participação em sites da internet); cursos e palestras apresenta, inicialmente, fotos de cursos e palestras ministrados, em seguida lista os cursos com inscrições em aberto, descreve a experiência da profissional nessas atividades, disponibiliza um espaço para entrar em contato com ela e ainda lista títulos de várias palestras já ministradas; cursos online disponibiliza informações sobre cursos e contratos, além da lista dos cursos online e presenciais disponíveis no momento – em 02 de julho de 2012, os cursos online com inscrições abertas: Auto-estima, Timidez, Stress, Emagrecer, Relacionamentos Afetivos – e ainda depoimentos de ex-alunos; por fim, o link consulta online especifica o funcionamento e a marcação de consultas online, disponibiliza o formulário de cadastro, informações gerais, regras – espécie de contrato terapeuta-paciente–, valores, formas de pagamento, informações sobre a Resolução CFP 012/2005<sup>78</sup> do Conselho Federal de Psicologia, que legisla sobre a prática psicológica mediada por computador, além do selo de cadastro do serviço ofertado no referido órgão de regulamentação profissional da Psicologia.

Logo abaixo desses links descritos, se dispõem outros, que convidam o visitante a sua zona de interesse: Início, Terapia, Ansiedade, Pânico, Timidez, Medo de dirigir, Medo de errar, Testes, Autoestima, Medo, Depressão, Obesidade, Pais/filhos, Livro, Qualidade de vida, Mulher, Amigos/grupos, Adolescência, Probl. relacionamento, Bulimia/anorexia, Idosos, Sexualidade, Fazer o bem, Demissão, Terapia em grupo, Coach, Bate-papo, Plantão psicológico, Consulta, Pesquisas, Conheça-me!, Depoimentos, Revistas, Resp. social, Vídeos, Áudios, Fotos, Mapa do site, Localização, Mensagens recebidas, Prêmios, Livro de visitas, Indique este site!, Fale comigo. Cada

---

<sup>78</sup> Em 25 de junho de 2012 foi publicada no Diário Oficial da União a Resolução do Conselho Federal de Psicologia no. 11/2012, que revoga a Resolução CFP 012/2005. O site, porém, não atualizou a informação até o final do ano de 2013.

um deles funciona como um hipertexto que dá acesso a uma amplitude de informações (textos, questionários, dados de pesquisas, formulários, fotos, links, depoimentos, etc.) agrupadas na temática selecionada. Na margem direita, encontramos uma coluna contendo um vídeo no qual a psicoterapeuta divulga os livros de sua autoria e, em seguida, alguns links assim intitulados: cursos/palestras; terapia individual – grupo; terapia casal – família; orientação de pais. Na parte central, algumas palavras da moderadora do site:

Olá! É muito bom você estar aqui! Seja bem-vindo (a)! Muitas vezes temos um problema e sofremos por não conseguirmos encontrar explicações sobre ele ou mesmo quais são os caminhos a percorrer para resolvê-los. Aqui neste site você encontrará textos sobre vários assuntos que permitirão uma reflexão sobre o seu problema específico. Leia, reflita e, caso você tenha dúvidas ou queira saber mais a respeito do seu problema, escreva-me!. ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

Com essa fala, Tessari acolhe o navegante e o convida às interações múltiplas que o site oferta, dando indícios de que essas interações giram em torno de problemas e sofrimentos de cada um que o acessa e também do que pode ser encontrado. O site faz uma oferta massiva de elementos de reflexão sobre um grande número de problemas e, no mesmo movimento, paradoxalmente, se destina ao problema específico de cada sofredor, basta para isso, que ele o encontre. Depois de encontrado o problema particular dentre o grande leque de questões abordadas, caso o sujeito tenha dúvidas, a psicoterapeuta se anuncia disponível para esclarecimentos e/ou tratamento. Essa oferta marca uma proposta interacional semelhante a que Goldin dispõe a seus leitores, que diz respeito ao vocabulário que permite nomear o mal-estar. Entre tantos problemas expostos, o navegante pode encontrar o seu. Tessari, contudo, parece ir além, pois, mais do que disponibilizar modos de enunciação de questões subjetivas, ela oferece uma escuta individualizada a cada sujeito que a deseje<sup>79</sup>.

Também em referência à fala transcrita de Tessari, podemos observar uma ação de ampliação de ângulos da interação que, no âmbito da mediação, gera o que podemos chamar de uma “diversificação das atribuições de responsabilidade”, que, a partir do exemplo retirado do dispositivo, se configura como uma disponibilidade da psicoterapeuta em co-participar da busca por solução de problemas para os quais seus

---

<sup>79</sup> Goldin também trabalha com atendimentos clínicos e faz consulta mediada por tecnologias de comunicação à distância, porém, essas modalidades de atendimento não constituem seu dispositivo que estudamos, como acontece com o dispositivo tessariano.

internautas não consigam solucionar sozinhos. As ações direcionadas ao problema são então divididas: cabe ao internauta encontrar as formas de enunciá-lo – pois nisso Tessari já contribuiu com a oferta categorizada dos mais diversos tipos de problemas e sofrimentos – e, posteriormente, caso não saiba que diretrizes traçar para com eles lidar, os serviços profissionais de Tessari estão disponíveis para conduzir, juntamente com o sujeito, o processo a ser empreendido.

Ainda em termos de descrição, encontramos também no site especificações sobre sua função, outros dados curriculares da profissional, acesso a depoimentos de pacientes, um pedido de doação para ajudar a manter a página eletrônica no ar, quadros temáticos que direcionam o leitor a informações sobre os temas ou sub-temas, esclarecimentos sobre os direitos autorais e a propriedade do sítio, número de visitantes online e número de acessos, além do endereço físico do consultório da doutora Tessari e seus contatos profissionais. Assim é a página inicial de acesso ao site:



ILUSTRAÇÃO 1 – Página inicial do site Ajudaemocional.com  
FONTE: [www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com)

Nesse site de serviços psicológicos, Tessari põe ao alcance de um grande público um espaço de acesso à informação, discussão e elaboração de questões de natureza psíquica, constituindo um dispositivo que mescla o caráter instrutivo-formativo com a transformação da consulta decorrente dos atravessamentos heterogêneos diluidores de fronteiras entre campos na sociedade em vias de midiaticização. Em si, o dispositivo em análise se configura como um fazer Psicologia midiaticizado, porém, somente alguns elementos do dispositivo retratam a lógica de transformação da consulta e, quando Tessari assim a transforma, o faz ainda a partir de um referente específico de campo e

inserida no espaço de sua regulamentação. Com isso, podemos afirmar que a profissional vem tensionando os modos canonicamente estabelecidos de fazer Psicologia, mas isso se dá como efeito da militância de uma prática interacional já estabelecida. Ela assume um lugar de fala lastreado na Psicologia, diferente do que faz Goldin, quando argumenta em entrevista que sua experiência mostra que “vale a pena procurar modelos menos convencionais” (informação verbal)<sup>80</sup>.

Tal posicionamento da psicoterapeuta exalta, no espaço do seu dispositivo, a já referida questão da relatividade e fluidez das fronteiras entre os campos no cenário social midiaticizado. Sem querer confrontar as regularidades da Psicologia, a profissional as tensiona e produz uma prática outra de consulta que se transforma em dois aspectos: sua inserção nos processos de mediação, quando temos a consulta mediada por computador e, por outro lado, sua figuração como prática midiaticizada. Essa percepção nos remete a uma discussão sobre as modificações empreendidas no deslocamento da sociedade da mediação – sociedade dos meios – para a sociedade em acelerado processo de midiaticização – sociedade das mídias. A partir dessa discussão, podemos retomar a constituição das zonas fronteiriças inter-campos e as afetações delas decorrentes.

Comumente processos de mediação e de midiaticização são apresentados em formato opositivo, como discorre Braga (2012). Contudo, o circuito tessariano exemplifica que essa percepção não dá conta dos processos sociais insurgentes que bem podem, como no caso analisado, ter na mediação a ação de inserção dos mesmos na lógica da midiaticização. É o que ocorre quando a consulta é mediada por tecnologias de comunicação à distância, ou seja, o elemento tecnológico se intercala entre os sujeitos e a prática da consulta, passando assim a organizar as relações estabelecidas. Por intermédio dessa mediação é que a consulta proposta por Tessari se torna midiaticizada, na medida em que se desloca de seu espaço canônico e passa a funcionar segundo as lógicas da interação midiaticizada. A partir disso, percebemos que não é simplesmente a mediação que pode caracterizar determinada sociedade como midiaticizada ou ainda em estágio anterior à midiaticização. Contrariamente, é preciso perceber o sentido

---

<sup>80</sup> Trecho retirado de entrevista realizada com Alberto Goldin: “Pedir conselhos afetivos aos jornais e revistas é uma prática muito conhecida, minha experiência mostrou que vale a pena procurar modelos menos convencionais”. É importante destacar, a partir dessa afirmação de Goldin, que há diferença de sentidos entre sua construção e a de Tessari acerca do convencional, na medida em que o analista, para adotá-lo, assume como parâmetro a ocorrência na ambiência midiática de determinados formatos pautados em atravessamentos com os saberes “psi”.

organizativo empreendido pela mediação no seio das interações tentadas em cada figuração social.

Uma experiência de testagem da situação de interação psicológica na ambiência midiática parecer ser o que a psicoterapeuta propõe. No entanto, quando assim o faz, fogem ao seu controle as afetações de um campo sobre outro, que não funcionam como construções intactas e cristalizadas, mas, contrariamente, por estarem os dois em constante movimento proporcionado pela insuficiência do regime de codificação mesmo de cada um deles, findam por produzir coisas além do que o material analisado parece intencionar. Essa é uma importante percepção acerca do dispositivo e seu funcionamento, na medida em que tal observação empírica corrobora o que dizem as elaborações teóricas sobre o dispositivo, que apontam seu funcionamento para adiante e sempre além, assim como também versam sobre as construções que escapam ao próprio dispositivo, mesmo sendo dele decorrentes e que o site [Ajudaemocional.com](http://Ajudaemocional.com) bem exemplifica.

Com a oferta de serviços na ambiência midiática – no caso, as redes –, Tessari desenvolve um modo de fazer “psi” que se situa no entremeio dos dispositivos iminentemente psicológicos e dos dispositivos predominantemente midiáticos, possibilitando, a partir disso, outros lugares de interação e, assim, produzindo um dispositivo interacional mediatizado de conteúdo “psi” que aponta para a produção da consulta transformada, em modos e a partir de referentes distintos daqueles assumidos por Goldin.

Enquanto o analista parece vagar descompromissadamente pelos vários espaços nos quais desempenha sua profissão, com a despreensão de fidelidade aos saberes que o embasam, Tessari mostra seu esforço de divulgação da Psicologia e de fazê-la circular por uma amplitude maior de lugares e, assim, atestar ou ampliar processos e âmbitos de legitimidade. Disso podemos inferir que a ação realizada pelos dois profissionais difere entre si. Goldin abdica das amarras das regularidades “psi” em prol da elaboração de algo que adquire validação na prática mesma, sem preocupação com o maior ou menor enquadro nos limites permitidos pela regulamentação do campo “psi”, limites aos quais Tessari exprime fidelidade e se compromete em disseminar. Paradoxalmente, Tessari parece tensionar os saberes “psi” – em seu caso a Psicologia – mais que Goldin, imprimindo maiores riscos ao campo.

Esse ponto de divergência entre os dois casos que até então analisamos, se mostra bastante produtivo para a compreensão e problematização do nosso objeto de

estudo, que é a consulta transformada. As diferentes posturas frente ao que assumimos como transformação nos proporciona enxergar gradações e limites nessas transformações, bem como atentar para as diferentes perspectivas a partir das quais são assumidas. Esse é um dos motivos pelos quais estabelecemos como observáveis diferentes casos, com distintos graus de vinculação e deformação frente aos fazeres canônicos, sejam eles do campo dos saberes “psi” ou da mídia. Essas variações nos permitem perceber as tensões que se configuram na linha de afetações e miscigenação dos fazeres e que caracterizam nosso objeto.

O caso do site em discussão somente ascende à existência no contexto da midiaticização da sociedade e como daí decorrente se configuram as ações interacionais que ele promove, muito embora elas estejam pautadas no formato de um fazer Psicologia que pouco pretende modificar seu campo social de origem e, com isso, busca manter aproximações o mais fidedignas possível com um determinado posicionamento teórico da Psicologia – a terapia cognitivo-comportamental –, que é defendida e valorizada pela terapeuta, em detrimento de outras vertentes que coexistem com comparável aceitação e atestação no interior do próprio campo.

Essa multiplicidade de posicionamentos teóricos que coexistem é uma marca constituinte do próprio saber psicológico. Como expõe Figueiredo (1993) em palestra conferida ao Conselho Federal de Psicologia em 12 de dezembro de 1992, a Psicologia é um campo de saber que se constitui por um viés de multiplicidade e essa multiplicidade se expressa, segundo o autor, a partir de quatro pontos principais: 1- as áreas de atuação do psicólogo, que são diversas e a cada dia surgem inúmeras novas áreas em processo de implantação; 2- as correntes teóricas e metodológicas da Psicologia na contemporaneidade, que não apresentam consenso acerca de questões básicas, do que seja o “psicológico” e de como produzir sobre ele um conhecimento válido; 3- o conhecimento tácito, que é o saber de ofício e se configura como radicalmente pessoal, intransferível e de difícil comunicação, e; 4- as transições e mudanças de rumo nas trajetórias profissionais e pessoais dos psicólogos ao longo do tempo.

Valemo-nos do que postula Figueiredo (1993) para esclarecer a impossibilidade de assumir um padrão de definição a respeito do que é a Psicologia, suas técnicas e suas práticas. Ao buscá-lo, algo sempre tenderá a escapar, na medida em que a multiplicidade aponta para a ausência de consenso e a dificuldade de circunscrição. Além disso, acrescentamos que não nos compete, aqui, uma discussão sobre

especificidades no âmbito desse campo de saber. Por esse motivo, assumimos como suficiente para disponibilizar recursos para compreensão do caso em questão uma exposição generalista sobre a Psicologia e seus modos de fazer consulta pautada nas regularidades estabelecidas pelo Conselho da profissão que, nesse âmbito de multiplicidade constituinte, legitima o que pode ou não ser tomado como prática psicológica e define em que consistem as diferentes práticas e orientações possíveis.

Essa questão, contudo, precisa ser levada em consideração quando da leitura do dispositivo em análise, já que os modos de interação psicológica gestados por Tessari devem ser compreendidos em acordo com os referentes de seu lugar de fala, sob o risco, em contrário, de conduzir a inferências que não condizem com os saberes que lastreiam a enunciação que faz circular. Atentos a esse aspecto, discorreremos a seguir sobre a Psicologia, a consulta psicológica e outros atravessamentos desse saber que se presentificam no site “Ajudaemocional.com”.

#### **4.1 A consulta na Psicologia**

Como referimos anteriormente, falar em Psicologia é remeter a uma diversidade epistemológica, teórica e metodológica que se concretiza em diferentes modos de conceber as variadas práticas, dentre elas, a consulta. Assim, é difícil estabelecer um parâmetro de definição a respeito do que se constitui a consulta psicológica, na medida em que a própria consulta varia de acordo com o sistema de pensamento – ou escola psicológica; matriz teórica – que embasa o profissional que a realiza. No entanto, abstando-nos das especificidades características das diferentes teorias psicológicas<sup>81</sup>, nos arriscamos, neste momento, a uma definição generalista de consulta que nos permita compreender e problematizar tal fazer tanto nas produções do dispositivo tessariano como nos demais dispositivos estudados, nos quais, como defendemos, vislumbramos uma transformação na consulta.

A perspectiva de consulta advém de uma articulação com o fazer clínico. A prática clínica, por sua vez, como discorre Foucault (1977) em sua obra “O nascimento da clínica”, está relacionada à perspectiva da clínica médica, do olhar sobre o corpo

---

<sup>81</sup> As especificidades teóricas são pouco produtivas em nossa teorização de objeto, por esse motivo, cremos que uma abstenção a esse respeito não implica prejuízos ao objetivo de nossa proposta, tampouco à compreensão do leitor.

doente que demanda e legitima a prática do exame para fins de diagnóstico, prognóstico e tratamento. Essa construção perpassa a própria constituição da clínica psicológica e exprime a influência do saber médico sobre o saber psicológico. No entanto, apesar dos atravessamentos que embasam a constituição mesma da clínica e da consulta, especificidades do saber psicológico imprimem outros perfis a esse fazer, na medida em que há uma transmutação de um olhar sobre o corpo para uma escuta desse corpo, caracterizando o que Foucault (1977) denomina como relações discursivas que fabricam a doença. Tem-se, com isso, a inversão de uma clínica sobre o sujeito para uma clínica do sujeito.

Como argumentam Moreira, Romagnoli e Neves (2007), no âmbito das causas psicológicas, o primeiro passo dessa inversão foi empreendido por Freud, quando, ao desenvolver sua teoria a partir de uma prática clínica que assume a consulta como o lugar da escuta do paciente, desloca o foco do olhar do médico para o discurso do paciente. Com isso, Freud imprime “a mudança do paradigma da observação para o da escuta, a importância da resistência e, em última instância, a perspectiva de tratar o cliente como um sujeito de sua história de adoecimento, e não como mero objeto” (MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007, p. 613). Além disso, como enfatizam as autoras, a clínica freudiana também articula a questão do segredo ao tratamento das causas “psi”.

Nesse empreendimento, Freud instituiu importantes traços para o fazer consulta, não apenas na perspectiva da análise, mas em torno das causas “psi” de modo geral. Dessa forma, podemos caracterizar a consulta psicológica como uma prática de escuta do sujeito, que se debruça sobre a observação, a compreensão, a intervenção, a remediação, o tratamento e/ou a remissão dos sintomas desse sujeito que, além disso, se pauta em uma relação sigilosa entre terapeuta/analista e cliente/analizando. Assim, “passa a vincular-se a uma demanda do sujeito, e não necessariamente a uma patologia, como no modelo médico” (ibid, p. 613). Temos então uma reedição do dualismo psicofísico cartesiano, na medida em que, em detrimento das terapêuticas voltadas ao corpo, como prosseguem as autoras:

a psicoterapia se tornou um campo privilegiado da clínica psicológica: ela seria, até então, a terapêutica mais adequada para tratar das “mazelas humanas” em que outras tentativas haviam falhado. Os “problemas psicológicos”, uma vez que são imateriais, só se apresentariam através da fala, sobre a qual o psicólogo se “debruçaria”

a fim de traçar uma linha de tratamento (diagnóstico, prescrição e prognóstico). (ibid, p. 614).

Essa figuração da clínica desenha um modelo de consulta individualista e privada que vem sendo mantida pela instituição psicológica até os dias atuais, sendo esse viés um dos relevantes pontos de crítica às interfaces e aos atravessamentos estabelecidos entre os saberes “psi” e a ambiência midiática. Tal modelo é bem reproduzido no dispositivo tessariano e funciona como marca que distingue as duas lógicas interacionais presentes nesse dispositivo, a saber: as interações públicas, amplamente acessíveis no site e, por outro lado, as interações privadas ou propriamente a consulta, no âmbito do atendimento psicológico mediado pelas tecnologias de comunicação à distância.

Embora em referência a outro contexto<sup>82</sup>, Moreira, Romagnoli e Neves (2007) problematizam o segredo e a privacidade que dão forma à moderna clínica do sujeito, ao passo em que, segundo concebem, “manter esse pressuposto é retirar, de alguns sujeitos, a possibilidade de acolhimento, de escuta do sofrimento e até de uma nova posição subjetiva frente ao sofrimento” (MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007, p. 615). Transpomos a reflexão proposta à ampliação de possibilidades de abordagem de causas “psi” possibilitada pelos dispositivos interacionais midiáticos que estamos discutindo. Certamente de outros modos ou em complementaridade eles disponibilizam distintas possibilidades de delineamento dessas questões quando ofertam vocabulário, proporcionam oportunidade de escuta ao mal-estar subjetivo, esclarecem dúvidas acerca de diagnósticos, prognósticos e tratamentos, dão voz a sujeitos silenciados, prescrevem modos de ser, entre tantas outras ações.

Tais práticas, a nosso ver, precisam ser consideradas pelas instituições peritas que comumente as recusam pelo fato de acontecerem em contextos midiáticos. Sabemos que esses contextos findam por transformar a consulta, no entanto, como já expusemos, a própria instituição psicológica lida com diferentes perspectivas de consulta que, atualmente, mesmo em termos experimentais, incluem as consultas psicológicas mediadas pelos dispositivos de comunicação à distância. Os fazeres midiáticos correspondem a processos sociais contemporâneos e sob essa ótica devem ser pensados.

---

<sup>82</sup> As autoras, ao criticarem a individualização da prática clínica em uma perspectiva que elas identificam como liberal, advogam a construção de uma clínica social, perspectiva que vem sendo discutida no âmbito da promoção de saúde no Brasil desde os anos 1980.

A partir dos anos 1980, ganha espaço cada vez mais notório nos saberes e fazeres em Psicologia uma perspectiva que pensa a clínica e o sujeito em articulação com os processos sociais que lhes serve de contexto. Com isso, se delineia a proposta de uma clínica do social, que redefine a perspectiva da consulta, na medida em que convida o psicólogo a sair de seu consultório e ir ao encontro dos acontecimentos sociais, pois, segundo argumentação, somente assim se faz possível responder às novas formas de subjetivação e de adoecimento psíquico, conforme argumentam Moreira, Romagnoli e Neves (2007). No entanto, mesmo os discursos que defendem esse posicionamento, em sua maioria desconsideram a mediação como processo social e solo epistemológico das práticas contemporâneas e, assim, pouco se interessam por tematizá-la como forma de pensar uma Psicologia mais crítica e engajada, tal qual defendem os teóricos de uma clínica do social.

Esse modelo de clínica redefine também as diretrizes da consulta, ao passo em que se pauta na desconstrução dos ideais individualistas, privativos e secretos vigentes desde a proposta freudiana. A consulta passa então a ser pensada a partir de sua reconfiguração frente a relações diáticas, grupais e coletivas e os modos de subjetivação concebidos em sua articulação com as causas sociais e políticas que lhes oferecem substrato. Com isso, as características da clínica deixam de ser definidas pelos desenhos estabelecidos no local em que tradicionalmente se realiza – o consultório – e são transpostas para a qualidade da escuta que se oferece ao outro, marcando determinadas posturas frente a esse outro como capazes de definir o fazer clínico. (MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007).

## **4.2 O circuito em funcionamento**

Uma das mais relevantes características percebidas no dispositivo tessariano é o modo como ele faz circular as informações produzidas, criando uma cadeia ilimitada de interações que se complementam na construção discursiva da instituição psicológica no espaço não institucionalizado das mídias. Como estamos afirmando continuamente, nos parece ser intenção de Tessari, com a gestação de dispositivos interacionais pautados nos saberes psicológicos, promover a disseminação de seu saber e de sua prática em espaços não passíveis de serem adentrados anteriormente à popularização das

tecnologias digitais que funcionam como operadoras de seu dispositivo e ao processo de midiatização das práticas sociais. Com isso, a moderadora do site “Ajudaemocional.com” produz a movimentação social dos sentidos acerca da Psicologia, imprimindo sobre eles deslocamentos e transformações que se concretizam nos modos em que eles passam a ser anunciados tanto pela disseminadora dos saberes quanto por aqueles que deles se apropriam e, a partir disso, produzem novas enunciações.

O fluxo contínuo daí decorrente é o que chamamos de circuito interacional no contexto da midiatização e a produção de circuito nos parece ser intensamente promovida por Tessari de diversos modos. Um primeiro modo é vislumbrado quando a psicoterapeuta sugere frequentemente o deslocamento de seu público pelos distintos elementos por ela gestados, que se organizam de modo a constituir esse lugar de fluxo contínuo de informações que se produz e se alimenta mutuamente. Desse modo, como a psicóloga sugere, para compreender bem determinadas propostas presentes no dispositivo é preciso passear em espaços diferentes. Exemplo disso encontramos no web-programa de Tessari, no qual a apresentadora afirma:

Se você quiser saber um pouco mais desse programa, vai lá no nosso site [www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com) pra você entender qual é a proposta do nosso programa. ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

Aproveita e vai lá no meu site que tem vários textos sobre ansiedade, leia os textos pra você entender melhor. Tem até um teste de ansiedade lá, faz o teste pra ver até que ponto tá o nível da sua ansiedade e o que é preciso fazer pra resolver esse nível de ansiedade pra que ele volte ao nível normal, tá bom? ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

A oferta dos vários lugares onde insere sua prática como espaços complementares pode ser observada ainda na fala de Tessari no Programa “Todo Seu”, quando afirma:

Porque muitas pessoas vão pro consultório e elas sentem vergonha. Eu tenho o meu site na internet, muitas pessoas mandam email pra mim, que já estão fazendo terapia, ‘ah, eu tenho vergonha de dizer isso pra minha psicóloga, você pode responder pra mim?’ Porque na questão virtual é mais fácil, ela não está me vendo. E é interessante isso. Por que as pessoas têm vergonha... ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

É importante atentarmos para os deslocamentos dos direcionamentos psicológicos no seio do circuito produzido, para os modos como conteúdos semelhantes povoam distintos espaços e para as processualidades e afetações mútuas que fazem o circuito funcionar. Uma discussão que está na tevê aberta seguindo um sistema de codificação que seja compreensível e interessante ao público da tevê aberta também se encontra no site; caso algum espectador queira saber mais, pode ler a respeito. Em caso de dúvidas, a comunicação por e-mail viabiliza esclarecimentos. Encontrada semelhança de questões que precisam ser trabalhadas, são ofertadas duas formas a escolher: se desejar primeiro uma experiência, o serviço psicológico mediado por tecnologias de comunicação à distância aparece como atraente alternativa. Caso haja necessidade, a profissional irá encaminhar ao consultório. Durante o processo terapêutico, mais informações podem ser assistidas pela web tevê ou tevê aberta. Quando surge a curiosidade por saber teoricamente o que está sendo tratado, a profissional indica seu livro, que está disponível à venda. Forma-se uma espécie de teia em que os fios partem de vários pontos, se entrelaçam, se multiplicam, ressonam entre eles e, assim, fazem o dispositivo funcionar.

Esse desenho que vai surgindo nas consecutivas tentativas de tomar forma o circuito nos remete à ideia de autopoiese, desenvolvida pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela e apropriada por Félix Guattari, como já expusemos no caso anterior (colunas do Goldin). O circuito exemplificado, do qual o dispositivo interacional em estudo faz parte, parece assim funcionar, apresentando expressivo potencial autocriador que emerge dele próprio. Embora estejamos falando de um circuito, atentamos para o fato de que ele não se basta e não é fechado. Contrariamente, funciona como um espaço contínuo de produção de acontecimentos, de abertura para devires múltiplos. Observemos em um depoimento de paciente de Tessari como isso aparece:

Oi doutora! Estava navegando no seu site (nunca deixo de visitá-lo, sempre aprendo mais alguma coisa), vi os depoimentos de outros pacientes e resolvi escrever meu depoimento também! Quando te procurei e você falou que era breve o tratamento, eu pensei que vc ia me enrolar, como outros psicólogos que eu já tinha ido... Sabe, nesses 3 meses de tratamento com você, eu me descobri e aprendi a lidar com minha ansiedade de uma maneira incrível!! Acabou o meu pânico, saí da depressão, sou uma pessoa calma, tranquila e equilibrada. Sabe que ainda tem gente que não acredita que eu tenha mudado tanto em tão pouco tempo? Pois é...e eu tô muito feliz, até parece um sonho de tão bem que eu estou. Cada dia eu percebo que estou melhor, mais seguro e confiante em mim mesmo. Faz mais de dois anos que passei com você e só me vejo evoluindo e crescendo todo dia, nunca mais voltei pra trás nem tive nenhum sintoma!

Eu só tenho a agradecer a você por tudo o que me fez ver e por ter me feito acabar com o trauma de psicólogo (lembra que eu te contei que já tinha ido em vários e nunca deu certo?) Olha, doutora, você é uma pessoa maravilhosa, alegre, que passa uma confiança enorme e foi a única que resolveu o meu problema em definitivo, sem remédios ou aquelas porcarias que os médicos receitam, que fazem muito mais mal do que bem! Continue com o seu trabalho maravilhoso! Você devia divulgar mais o seu trabalho rápido e eficiente, aposto que muita gente iria atrás de você e hoje estaria bem e feliz como eu! Muitas felicidades, doutora querida! (A.F.P.)

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

Tal como o autor do relato acima, muitos clientes presenciais vão interagir em outros espaços no interior do circuito, acessando o livro, comentando a terapia no site, assistindo e participando do web-programa, tirando dúvidas pela internet... Temos aí diferentes processos que culminam na composição da circulação, ou seja, que fazem circular o processo terapêutico e suas incidências, construindo outras formas de elaboração das questões psicológicas. Vejamos que processos são esses e o que eles têm a dizer. No exemplo que segue, três espaços de interação são ocupados: o site, o programa na tevê e o consultório:

Oi Dra. Olga: Como vai? Tudo bem? Eu sempre penso em vc e no que fez por mim. Primeiro parabéns pelo programa no GNT Alternativa Saúde falando é lógico, sobre medo... Rsrtrs. Bom, depois que terminei as sessões (3 meses praticamente que fiz com vc no consultório do Ipiranga)... saí bastante a noite (eu tinha medo de sair a noite). Mas comecei a sair com amigas e foi muito bom. Muitas coisas boas aconteceram na minha vida desde que terminei meu tratamento com vc!!! Obrigada por tudo! Pelo tratamento breve, mas eficaz! Obrigada!! Boa sorte em tudo que vc fizer!! Acredita, oro muito por vc, pela sua carreira!! Abraços! (C.C.)

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

Como é possível constatar a partir do que expusemos, a circulação de informações em funcionamento no dispositivo tessariano não se restringe aos limites do dispositivo mesmo que, embora difícil de estabelecer, percebemos serem ultrapassados e alcançarem outros processos sociais. Isso nos leva a atentar para a sugestão de Ferreira (2013, p. 2) de “pensar esses processos no âmbito das relações intra e intermediáticas, onde as redes digitais estão em interação com a ‘indústria massiva’”. Assim, é preciso discernir os processos de circulação interna – que acontece no seio do dispositivo – dos processos de circulação externa – que acontecem entre dispositivos – e as operações realizadas por cada um deles como prática interacional.

No caso em discussão, é exemplo de circulação interna o trajeto de construção de informação pelo público, que a busca em diferentes lugares no espaço do dispositivo. Em algum assunto selecionado, tem início o ato informativo, mas nele não se esgota, já

que, após a leitura das linhas disponíveis, o navegante se depara com outro link que especifica melhor o que ele está lendo. Caso queira saber mais, pode acessar a palestra sobre o assunto que também está no site e ampliar seu leque informativo com o que a profissional expôs em determinado programa para o qual foi convidada a falar sobre o tema de interesse. Há ainda disponível de modo resumido a forma como a temática é abordada nos livros da psicoterapeuta. Contudo, o interesse do público pode não se esgotar nisso, então há outras possibilidades externas ao dispositivo capazes de complementar sua construção informativa: o livro que pode ser comprado, a participação em programas de tevê que pode ser acompanhada ou a leitura de determinada revista na qual a profissional dispõe de uma coluna semanal. Desse modo se concretiza a circulação como um processo de interações abstratas, para o qual, como bem expõe Ferreira (2013, p. 9): “o dispositivo não é nem meio nem mensagem. É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção e, ao mesmo tempo, passagem e meio”.

Outro aspecto visualizado na constituição do circuito tessariano é o modo como as distintas inserções da psicoterapeuta se complementam na montagem do processo interacional produzido. O processo interacional promovido por Tessari, ao ocorrer no espaço da rede, estabelece uma modalidade de comunicação mediada por tecnologias de comunicação à distância. Contudo, constantemente incita outras interações fora da rede – ou em outros dispositivos em rede – como um recurso complementar ao processo comunicativo que se desenvolve. Para melhor compreendermos como isso acontece, recorremos a Adriana Braga (2008), que nos esclarece sobre o processo que nomeia como complementaridade das mídias. Tal processo diz respeito às lógicas de articulação, uso e complementação de distintas mídias para fazer a comunicação funcionar, segundo a autora. Essa complementaridade é marca significativa do dispositivo que estamos analisando, no qual as referências a outros ambientes de interação que não o site são frequentes e funcionam como complemento à interação que ultrapassa as restrições de determinado ambiente, como é o caso da consulta mediada por dispositivos de comunicação à distância. Nessa caracterização de consulta, embora a interação se passe na rede, evidencia, como retrata Braga, A. (2008, p. 4), “um claro limite entre os domínios do público e do privado na circulação da informação”.

É necessário entender como se dá a relação entre privacidade e publicidade tanto em referência ao espaço da rede como da própria prática do consulta psicológica, que, por normatização perita, é resguardada por sigilo. Não é a mediação de um espaço

público que retira da consulta o caráter de privacidade, no entanto, os modos de organização desse espaço constantemente confrontam os limites de restrição e sigilo, modificando as formas de interagir, tensionando o sigilo em si e ainda modificando a consulta segundo um parâmetro canônico. Os próprios sujeitos envolvidos na interação, que supostamente são os mais interessados em resguardar o conteúdo íntimo que expõem privadamente, muitas vezes recorrem à publicidade da ambiência em que se passa a interação para ali complementarem a abordagem de suas dores, como é o caso, em maior publicização, das falas dos sujeitos no web-programa e também, geralmente em menor exposição, nos depoimentos destinados à publicação no site “Ajudaemocional.com”.

### **4.3 A proposta interacional no site “Ajudaemocional.com”**

Do ponto de vista das interações, por sua vez, vemos ilustrada no circuito interacional tessariano uma situação típica da midiaticização: os esforços em proteger o campo das deformações diante das interações que ele é chamado a estabelecer a partir da instauração da ambiência midiática. Como já discutimos, até a sociedade em midiaticização, os dispositivos de interação “psi” puderam ser largamente regulados por conhecimentos e práticas próprios do campo social “psi”. No movimento intentado no contexto da sociedade dos meios, a Psicologia foi levada para a mídia, embora em uma perspectiva de saber aplicado, ou seja, veículos de mídia como instrumento de mediação de alguns modos de fazer Psicologia, como sugere o atendimento psicológico mediado por computador. Contudo, o desenrolar da sociedade dos meios mostrou que deslocar um campo sobre outro não significa somente transpor a prática de um ao espaço do outro. Talvez Tessari não tivesse dimensão disso, talvez ainda não tenha. A ambiência imprime tensionamentos que deformam a prática.

No que diz respeito especificamente às tecnologias de comunicação à distância e às redes informatizadas, que sintetizam o instrumento de mediação e a ambiência do dispositivo em análise, temos que elas modificaram substancialmente as formas de interagir que lhe eram anteriores. Elas trazem consigo a noção de interatividade, que diz respeito a modos como a sociedade interage *com* e *sobre* os meios e seus produtos e que se pautam na possibilidade do usuário agir concretamente sobre as mensagens

produzidas (BRAGA; CALAZANS, 2001). Em acordo com Braga e Calazans (2001, p. 23), a interatividade se manifesta de dois modos: o primeiro deles é o “nível dialógico (*email, chats*) em que usuários em postos diversos do mundo recebem e enviam mensagens”; e o segundo é a “relação homem/máquina – em que os usuários selecionam e comandam processos e percursos, fazendo, ativamente, o micro e seus softwares agirem segundo seu controle” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 23).

Contudo, não são apenas esses instrumentos/meios que viabilizam a interatividade. Se tomarmos o dispositivo goldiniano, por exemplo, nos deparamos com modos de interação que perfeitamente ilustram um processo de interatividade, mesmo que não seja mediado por recursos tecnológicos – embora também possam ser, já que os leitores podem escrever suas cartas por e-mail, mas a forma de envio da carta (e-mail, correio e outras) não determina o modo de interagir. Nas colunas de Goldin, a mensagem circula entre o escrevente, o colunista e seus leitores que, no espaço mesmo do dispositivo, dão provas da interatividade que permeia seu funcionamento, como acontece quando remetem a colunas anteriores<sup>83</sup>, contestam os ditos do colunista<sup>84</sup>, ou mesmo quando o profissional refere em entrevista que, dentre as cartas catalogadas, responde àquela que acredita despertar maior interesse do seu público.

Além de viabilizar determinadas formas de interatividade, o computador e sua generalização, ao propor outros modos de representar o mundo e incluir os processos sociais nos meios, proporcionando assim a “penetrabilidade” do processo de comunicação nos processos sociais que finda por modificá-los em função dos modos operatórios do primeiro, mudam qualitativamente os processos envolvidos, como argumentam Braga e Calazans (2001). Nas palavras dos autores:

Mantendo (ou ampliando) a inclusividade<sup>85</sup>, que é própria de todos os recursos de reprodutibilidade técnica, o computador leva a penetrabilidade<sup>86</sup> a seu nível extremo. Diferentemente de trazer o

---

<sup>83</sup> Como acontece na carta a seguir, na qual o colunista afirma: “[...]. Para isso, retomo uma história verdadeira, ocorrida onze anos atrás, quando recebi e respondi uma carta semelhante (\*), sem Facebook, pois este não existia na época, porém muito similar em seu conteúdo... Localizei-a nos meus arquivos e entrei em contato com seu autor. Dei-me a conhecer e depois de alguns comentários que atenuaram sua surpresa, perguntei sobre a vida atual.” (GOLDIN, 2011h).

<sup>84</sup> A exemplo da já citada publicação: “*SEMPRE LEIO A SUA COLUNA. AO MESMO TEMPO fico intrigada pelo fato de que os temas são sempre de natureza sexual, como se fosse à raiz de todas as infelicidades do homem. Será?![...].*” (GOLDIN, 2012n, grifo do autor).

<sup>85</sup> Com o termo inclusividade, os autores remetem à captação, adição e subsunção pelos novos recursos áudio e/ou visuais de tudo o que de som e/ou imagem possa ser representado da realidade, possibilitando, assim, a inclusão dos sujeitos nessa representação. (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 31).

<sup>86</sup> Penetrabilidade é referida pelos autores como a característica dos meios de permitir a penetração dos processos de comunicação nos processos sociais. (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 31).

processo a seu espaço de captação (modificando-o *na inclusão*), vai diretamente ao espaço social e/ou natural de realização do processo, modificando-o aí na organização de seu desenvolvimento efetivo. O que significa criar diretamente novos processos. (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 31).

Criar novos processos, por sua vez, implica que deslocamentos e afetações acometem os processos originários, proporcionando deslocamentos nos elementos envolvidos. Desafios dessa ordem perpassam a prática proposta por Tessari que, intencionando um simples deslocamento de ambiência, produz desvios e se depara com os desafios impostos pela experimentação gestada. Conforme já expusemos rapidamente, o dispositivo tessariano sintetiza experimentações de distintas ordens, na medida em que se pauta em diferentes modos de agir comunicacionalmente que, no âmbito da mediação das práticas psicológicas, podem apontar ou não para a transformação da consulta.

A respeito das interações, ainda Braga e Calazans (2001) nos trazem contribuições. Os autores classificam-nas em três tipos: 1- interações conversacionais (face a face); 2- interações mediadas de tipo dialógico e; 3- interações diferidas e/ou difusas. O primeiro tipo – que, antecipamos, pauta as interações estabelecidas por Ildo Rosa da Fonseca e Anahy D’amico com seu público, como discutiremos posteriormente – abrange a construção de trocas interpessoais pautadas na reciprocidade constitutiva e no dialogismo imediato. A interação se passa ao vivo e envolve elementos verbais e expressivos. As interações mediadas de tipo dialógico, por sua vez, ampliam a abrangência das interações conversacionais ao manter suas características e acrescentar a elas a possibilidade de acontecer de modo não presencial, como nas conversas por telefone ou no espaço da rede informatizada, a exemplo da consulta mediada por dispositivos de comunicação à distância. Por fim, o terceiro tipo de interação apontada pelos autores, as interações diferidas e/ou difusas, são aquelas que se desenvolvem em consequência e em torno de mensagens e, por se tratar de uma produção objetivada e durável, permitem a ampliação e a diversificação dos interlocutores. São exemplo desse tipo os dispositivos interacionais gestados por Goldin na coluna “Vida Íntima” e por Tessari na parte de livre acesso de seu site.

Como percebemos em ações distintas, Tessari propõe duas modalidades de interação. O caráter dual inclusive pode ser percebido como uma constante em seu dispositivo e se expressa em perspectivas às vezes opostas, outras vezes complementares: pago x gratuito, privado x público, atendimento mediado por recurso

tecnológico x intervenção pedagogizante, transformação da consulta x prática “psi” mediada. Os pólos da dualidade, porém, nem sempre coincidem nem formam dois conjuntos que se contrapõem. Contrariamente, eles se atravessam constantemente nos processos instaurados no seio do dispositivo. Apenas por motivo de clareza, elegemos discorrer separadamente sobre as duas principais categorias interacionais identificadas: o atendimento psicológico mediado por meios tecnológicos de comunicação à distância (interação mediada de tipo dialógico) e as interações mediadas de cunho instrutivo-formativo (interação diferida e/ou difusa). Tais categorias, contudo, não retratam uma divisão entre o que aponta para a transformação da consulta e o que do dispositivo se limita à mediação em processo da prática psicológica.

#### 4.3.1 Atendimento psicológico mediado por meios tecnológicos de comunicação à distância<sup>87</sup>

O atendimento psicológico mediado por meios tecnológicos de comunicação à distância é uma modalidade especializada de comunicação mediada por computador e tecnologias afins<sup>88</sup>. Esse serviço diz respeito a uma prática profissional do psicólogo regulamentada inicialmente pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia no. 012/2005 e atualizada pela Resolução CFP no. 011/2012<sup>89</sup>, que dispõe sobre o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação à distância. Segundo a Resolução, em suas duas versões, o atendimento mediado por tecnologias de comunicação à distância é utilizado em caráter experimental. Em 2005, a prática foi reconhecida pelo Conselho profissional de Psicologia desde que não assumisse caráter psicoterápico. Na versão atual, a restrição ao caráter psicoterápico faz referência apenas ao limite de sessões, que atualmente são vinte sessões<sup>90</sup>.

---

<sup>87</sup> O Conselho Federal de Psicologia considera meios tecnológicos de comunicação e informação “todas as mediações computacionais com acesso à internet, por meio de televisão à cabo, aparelhos telefônicos, aparelhos conjugados ou híbridos, ou qualquer outro modo de interação que possa vir a ser implementado” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012, p. 1).

<sup>88</sup> A Resolução CFP 012/2005 nomeava essa modalidade interacional de “atendimento psicológico mediado por computador”. A atual nomeação compreende que, além do computador, outros meios tecnológicos de comunicação à distância viabilizam determinados serviços psicológicos.

<sup>89</sup> A Resolução CFP 011/2012 revoga a anterior Resolução CFP 012/2005.

<sup>90</sup> “Nos casos de atendimentos psicoterapêuticos em caráter experimental, o número de sessões corresponderá ao que estiver estabelecido no protocolo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012, p. 3).

Constituem-se como processos focais mediados por tecnologias de comunicação à distância atividades tais como orientação psicológica e afetivo-sexual, orientação profissional, orientação de aprendizagem e Psicologia Escolar, orientação ergonômica, consultoria a empresas, reabilitação cognitiva, ideomotora e comunicativa, processos prévios de seleção de pessoal, utilização de testes psicológicos informatizados com avaliação favorável de acordo com a Resolução CFP no. 002/03, utilização de softwares informativos e educativos com resposta automatizada e outros, desde que pontuais e informativos e que não firam o disposto no Código de Ética Profissional do psicólogo (CFP, 2012), que dispõe sobre a ética no exercício da profissão.

Tais prescrições do Conselho a respeito da legitimação em debate nos trazem importantes pistas sobre a elaboração de âmbitos de permissividade na relação das práticas psicológicas com a mídia. Mostram que o campo não está alheio às interações estabelecidas com outros campos e buscam regulamentá-las, desconhecendo, talvez, que quando da constituição de agenciamentos, a possibilidade de regulamentação de campo dessa construção emergente fica bastante dificultada, quando não impossibilitada. Essa ação do Conselho de Psicologia reflete um movimento do campo psicológico de trazer a mídia para ser falada do ponto de vista da própria Psicologia, não ficando, assim, tal instância alheia às enunciações dos modos contemporâneos de exercício da profissão, bem como das discussões epistemológicas e dos modos de subjetivação. Pautados nessa perspectiva, muitos teóricos da Psicologia também se debruçam sobre as incidências da mídia em seus recortes de estudo, a exemplo da subjetividade contemporânea. Muitas vezes, porém, isso aparece como uma crítica à mídia pelas implicações que ela estabelece aos modos de subjetivação nos dias atuais.

Falar sobre a relação entre Psicologia e mídia, ressaltamos, não pressupõe que o campo psicológico esteja atento ao processo de midiatização em vigência. Isso ocorre com o CFP, que prevê tal relação, porém não ascende à midiatização da prática psicológica, que é o assunto de nossa pesquisa. A Resolução sobre o atendimento psicológico mediado pelas tecnologias de comunicação à distância ilustra um esforço do campo em se ajustar às práticas sociais que o tensionam. Representam, ao mesmo tempo, uma tentativa de controle sobre as produções que experimentalmente começam a escapar às regularidades do campo e a pôr em risco suas fronteiras. Apesar dessa tentativa de controle, seus ditos apontam para diversas relações de abertura e sensibilidade do campo para com a midiatização, aberturas essas dependentes da prática estabelecida e, em última instância, de preservação de algum espaço de pureza (de

identidade, talvez), como vemos na restrição inicial ao caráter psicoterápico e, posteriormente, a sua limitação.

Quando da utilização dos serviços mediados por tecnologias de comunicação à distância, os psicólogos devem ser devidamente inscritos no Conselho e cadastrados para atender por tal mediação. Esse cadastro é expresso através da utilização pública no site de uma credencial de autenticação eletrônica desenvolvida e conferida pelo Conselho Federal de Psicologia. Esse selo de autenticação eletrônica é encontrado no site da Olga Tessari, que, além dele, exibe também o Top 100 Certificado Saúde – edição 2011. Enquanto esse último se faz visível já na página inicial do site em questão, a credencial de autenticação do CFP é encontrada quando o navegante se *linka* à consulta online. Isso se deve ao fato de que dentre as opções ofertadas pelo site, somente essa necessita do selo para ser legitimada. Tal fato sinaliza novamente a tentativa de segregação entre modelos de práticas midiaticizadas desenvolvidas por Tessari.

Além do selo de autenticação, ao acessar o link referido, o navegante se depara também com informações sobre o atendimento online, como a prescrição da Resolução que estamos apresentando, as indicações do tratamento mediado pelas tecnologias de comunicação à distância, a quem se destina o atendimento, questões sobre o sigilo e acertos contratuais como número de sessões, valores e dispositivos utilizados para viabilizar a interação. Tais informações funcionam como regras que definem a interação, embora só apareçam como aspecto de ante-sala, como será retomado posteriormente. Tal regramento é assim definido no site:

[...] o atendimento on line não substitui o tratamento psicológico tradicional em consultório, é uma outra forma de relação de ajuda pontual e informativa a uma queixa específica de forma breve: ansiedade, fobias, estresse, medos, autoestima baixa, timidez, insegurança, bloqueios, perdas, depressão, tendências suicidas, hábitos negativos, orientação profissional, orientação de aprendizagem, problemas de relacionamento, dificuldade de comunicação, consultorias a empresas, etc...
--

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id571.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id571.html)

Essa modalidade de atendimento se destina a pessoas maiores de 18 anos que tenham acesso à internet, sendo indicado prioritariamente para aquelas com dificuldades físicas, geográficas ou de gestão de tempo. Dessa forma, como o próprio site informa: “Não substitui o atendimento tradicional em consultório” ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]). E ainda: “Após a avaliação, pode ser necessário o encaminhamento para o

tratamento psicológico presencial, quando o atendimento online não for suficiente” ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]). Esses ditos ressaltam que a interação não se dá livremente, ao contrário, ocorre sob certas condições que, como um contrato, regulam sua ocorrência. As interações mediadas pelas tecnologias de comunicação à distância, tais quais as possibilitadas por Tessari, segundo a Resolução no. 011/2012 devem ser limitadas a um número máximo de vinte encontros ou contatos virtuais síncronos ou assíncronos e ocorrer através da utilização de emails, skype, MSN, ou serviços interativos afins. Essa limitação nos chama a atenção quando pensamos que uma das principais produções da midiatização é a permissão ilimitada de acessos e interações. Limitar o feito midiatizado a vinte sessões – inicialmente eram dez – soa como um ensaio de impor limite à tentação de fazer da clínica também uma prática maciça. Além disso, nos parece uma espécie de ação propagandística da clínica mesma, ao passo em que oferece uma prévia da consulta que deve continuar por outras vias após alcançar a vigéssima sessão.

Por sua vez, o sujeito atendido deve estar ciente das questões de privacidade relativas ao meio de interação utilizado. Vejamos como são postas essas diretrizes no dispositivo interacional em foco:

Formas de atendimento e valores:

1. Atendimento via e-mails: R\$ 100,00
2. Atendimento via chat (MSN/Yahoo/Google/ICQ): 50 minutos a uma hora no máximo: R\$ 110
3. Atendimento via chat e câmera (Skype): 50 minutos a uma hora no máximo: R\$ 120

Forma de pagamento

Depósito antecipado em minha conta (Olga Tessari) ou através do Pag Seguro: assim que o depósito for confirmado, enviarei minha resposta ao seu email ou realizaremos a sessão previamente marcada via chat ou skype. Os dados da conta serão enviados após o preenchimento do formulário abaixo.

Para um bom andamento do trabalho e resolução do problema, as sessões deve ser realizadas pelo menos uma vez por semana. A média de sessões varia de 4 a 10, podendo ser em número menor de acordo com a evolução de cada pessoa. É possível marcar apenas 1 consulta e encerrar o serviço quando desejar, basta efetuar a comunicação via e-mail.<sup>91</sup>

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id45.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id45.html)

Os elementos contratuais que pautam o atendimento mediado por tecnologias de comunicação à distância estão explícitos e, caso o interessado esteja de acordo, o passo seguinte é preencher o formulário de marcação de consulta online, que solicita dados

<sup>91</sup> Informações disponibilizadas no site [Ajudaemocional.com](http://Ajudaemocional.com), com acesso em setembro de 2012.

como nome, e-mail, cidade, estado, país, idade, sexo, estado civil, profissão, escolaridade, como você encontrou este site?, opções para consulta online (e-mail, chat escrito, skype), resumo de duzentos caracteres do motivo da consulta. Essa breve exposição da queixa em duzentos caracteres também chama a atenção pelo viés de limitação que impõe à fala do cliente. Além de sugerir diretividade, parece uma anúncio prévia de que o tratamento poderá se pautar em questões focais. Temos aí uma primeira subversão à canonicidade da consulta que originalmente se organiza como espaço de garantia de escuta, que resulta, conseqüentemente, em uma suposta liberdade no falar<sup>92</sup>.

Ao atendimento, como os próprios termos de sigilo deixam claro, não podemos ter acesso. Somente à parcela não paga do dispositivo temos acesso, por ser ela publicamente disponibilizada na rede. Ao conteúdo produzido mediante remuneração, não temos acesso, a não ser pelos relatos da psicoterapeuta ou dos pacientes que desejam tornar público fragmentos de seu processo terapêutico na sessão depoimentos ou ainda sobre ele falar em diferentes dispositivos que compõem o circuito tessariano. Enfatizamos, contudo, que essas regras dizem respeito à parcela paga do dispositivo. As partes de uso gratuito apresentam outras regularidades interacionais, sem recomendações contratuais e não passam pela regulamentação do Conselho profissional, já que não dizem respeito às competências exclusivas do psicólogo.

#### 4.3.2 Interações midiáticas de cunho instrutivo-formativo

Como já referido anteriormente, o site em análise propõe uma grande amplitude de possibilidades interacionais, dentre as quais identificamos as práticas que se pautam no modelo canônico de consulta que lastreia a formação da psicoterapeuta que o gere e outras propostas interacionais que trazem como expressiva marca um aspecto pedagógico que as pauta. A elas estamos nomeando interações midiáticas de cunho instrutivo-formativo, pelo fato de assumirem função análoga na ambiência midiática e, com essa oferta, produzirem a circulação do dispositivo. Tal função que estamos referindo é inclusive assumida pela gestora do site quando, ao qualificá-lo, informa: “As informações contidas nesse site têm caráter educativo e informativo e não descartam,

---

<sup>92</sup> A limitação se dá pela duração da sessão, em média 50 minutos. A Psicanálise, porém, trabalha com o tempo lógico que, concebido como o tempo do inconsciente, não segue o rigor da organização cronológica.

em hipótese alguma, as consultas com um psicólogo ou um médico” ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]). Esse tipo de ação comunicacional frequentemente realizada por Tessari e que pode ser vista no exemplo se refere a uma espécie de prática pedagógica que se configura quando a moderadora aparece no lugar de ensinante, seja de conteúdos “psi”, seja de modos de ser ou ainda de técnicas para alcançar “uma vida plena e feliz”, como inúmeras vezes repetido nos muitos espaços que ocupa como objetivo proporcionado pela psicoterapia. Dessa forma, vão se delineando outros lugares de ensino-aprendizagem distintos daqueles mais tradicionais, como um curso de Psicologia, por exemplo.

Não podemos negar a importância da mídia nas relações de aprendizagem contemporâneas, talvez como um dos mais influentes veículos de informação e, acrescentando, de formação. A forma como o dispositivo constituído por Tessari remonta a essa questão parece perceber bem a relevância da mídia como espaço de formação. Corrobora nossa inferência a afirmação da profissional no Programa “Todo Seu”: “O psicólogo, no fundo, não deixa de ser um educador também” ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]). Essa nossa percepção pode também ser reiterada por alguns indícios encontrados no Programa “Ajuda Emocional”<sup>93</sup> – Primeiro Programa Teste na UPTV. O primeiro deles se presentifica já na introdução do programa, quando a apresentadora (Olga Tessari) afirma:

O tema do programa hoje é fantástico: Plantão Psicológico<sup>94</sup>: respondo a sua dúvida. Qual é a sua dúvida em relação à Psicologia? Qual é a sua dúvida, qual é o seu medo, qual é o seu problema, qual é a sua dificuldade. Mande a sua mensagem, estou aqui para respondê-la... ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

Mais um indício que também corrobora nossa afirmação e mostra a preocupação da apresentadora em ser esse “canal pedagógico” se dá quando, no mesmo programa,

---

<sup>93</sup> O Programa Ajuda Emocional passou a se chamar Plantão Psicológico, porém, não encontramos no site referência da data de quando a mudança aconteceu.

<sup>94</sup> Plantão Psicológico é o web-programa de Tessari, no qual ela responde às dúvidas do leitor ao vivo, pela internet. No site “Ajudaemocional.com” ele é assim descrito: “Programa com informações sobre os diversos problemas de fundo emocional e suas consequências para o bem estar e a qualidade de vida das pessoas [...]. Os temas são tratados com clareza, objetividade e ética: apontam-se caminhos para resolver os problemas emocionais e resgatar a qualidade de vida, valorizando o ser humano como um todo, levando-o à alegria de viver bem e feliz! Apresentado e dirigido por Olga Tessari, com interação ao vivo dos internautas, que recebem respostas às mensagens enviadas somente durante o programa. As mensagens devem ser escritas de forma resumida”. ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

Tessari responde ao primeiro participante (primeira pergunta recebida via internet): “Você está aprendendo uma série de coisas, não é, Caíque? Até para evitar erros de outras pessoas...”. ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]). Ou ainda quando os próprios espectadores se colocam no lugar de aprendizes, a partir da escuta da profissional ensinante, como na fala seguinte: “Fico feliz em poder escutar e aprender com a ajuda da senhora”. ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

Os fazeres atravessados por essa proposta pedagógica são bastante variados no dispositivo tessariano. Alguns deles refletem a mediação processual que coopta o exercício da Psicologia. Outros fazeres, ao serem afetados pelas modificações imprimidas aos primeiros, apontam para a transformação da consulta na ambiência midiática. No entanto, a transformação imprimida à consulta não é incompatível com a pedagogização empreendida. Isso fica claro quando a psicoterapeuta aponta entre os objetivos da terapia:

- Aprender a comunicar-se melhor para pedir exatamente o que você necessita, expressar seus sentimentos de forma adequada e saber lidar de forma positiva com eventuais problemas nesta área;
- Conhecer seus talentos e aptidões para uma boa escolha da carreira e a realização profissional;
- Saber lidar positivamente com conflitos, angústias e problemas, superando-os;
- Desenvolver novas habilidades, flexibilidade e criatividade;
- Entender porque algumas ou muitas situações negativas se repetem na sua vida, compreender porque a vida não está do jeito que você deseja e o que fazer para mudá-la;
- Conhecer-se muito melhor e valorizar as suas escolhas!
- Entender os fatores que causam o estresse, aprender a lidar com eles e superá-los!

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id53.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id53.html)

Tessari dissemina sua proposta pedagógica nos muitos links temáticos disponibilizados, a exemplo de [Ansiedade](#), [Pânico](#), [Timidez](#), [Autoestima](#), [Medo de dirigir](#), entre tantos outros nos quais, quando acessados, conduzem o leitor a informações sistematizadas sobre o assunto, em uma espécie de ensino do tema a um público não-especializado e assim reconhecido pela psicoterapeuta. Desse modo, propaga a teoria de seu campo especializado para uma amplitude de pessoas intencionadas a saber sobre o assunto. Pessoas essas que muito provavelmente não estão buscando uma formação de área ou um aprofundamento de conhecimentos, mas, contrariamente, objetivam ampliar seu leque de informações resguardadas pela legitimidade que o campo pode conferir. Vejamos como isso acontece no site, ao

acessarmos o link [Ansiedade](#), através do qual somos remetidos à nova página que, entre outros conteúdos, traz a seguinte explicação de autoria de Tessari<sup>95</sup>:

*O que é ansiedade?*<sup>96</sup>

A ansiedade é uma sensação difusa, inexplicável que provoca sintomas diferentes para cada pessoa: falta de ar, taquicardia, nervosismo, suores, problemas digestivos (prisão de ventre, enjoos, gases), fome exagerada (gula), medos que se tornam irracionais e sem sentido, ficar irritado e provocar brigas e discussões por nada, ingestão exagerada de bebidas alcoólicas ou calmantes, etc.

A manifestação dos sintomas incomoda tanto que os ansiosos procuram qualquer forma para acabar com eles: quem come em excesso e engorda demais, procura uma dieta milagrosa, recorre a cirurgias plásticas ou faz grandes sacrifícios e loucuras para emagrecer rápido (muitas vezes provocando outros problemas de saúde); aqueles que tem medos, como o de dirigir um veículo, por exemplo, fazem aulas e mais aulas sem fim na autoescola (sem nunca acabar com o medo); as pessoas que tem falta de ar e taquicardia, achando que terão um infarto, fazem uma via sacra por vários médicos, submetem-se a fazer uma infinidade de exames e jamais acreditam quando os resultados são normais.

Veja bem: as pessoas fazem várias tentativas para acabar com os sintomas que a ansiedade provoca e nenhuma delas resolve o problema porque são tentativas para acabar com os sintomas FÍSICOS que ela traz. O tempo passa, o problema cresce, vem a sensação de perda do controle e isto gera mais ansiedade...

É um círculo vicioso sem fim...

O problema não se resolve porque as pessoas tratam apenas dos sintomas físicos provocados pela ansiedade, quando, na realidade, é preciso tratar as causas da ansiedade!!

A ansiedade é gerada pelo choque de exigências conflitantes, pela mania de perfeição, por não querer magoar os outros, por impulsos autodestrutivos, por possuir uma autoimagem ilusória, por medo das críticas, medo de errar, por preocupações excessivas, por inveja do outro e querer ser igual a ele, por atitudes e pensamentos equivocados que aprendemos a partir da infância, entre outros fatores.

*E como resolver?*

Respire corretamente! (Ajuda a relaxar!)

Pratique exercícios físicos regularmente!

Procure um(a) psicólogo(a)! Assim você vai aprender a lidar com as causas da ansiedade e superá-las!

**LEMBRE-SE!**

O passado é irreversível, não pode ser alterado!

Mas o futuro depende das nossas atitudes agora, no presente!

A psicoterapia (tratamento psicológico) faz você voltar no tempo, descobrir as causas da sua ansiedade, aprender a lidar com elas, superá-las e, com certeza, **SER FELIZ!**

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id14.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id14.html)

<sup>95</sup> Todo o material presente no site é de autoria da psicóloga Olga Tessari, como assinalado na página inicial e em todas as páginas que ela dá acesso.

<sup>96</sup> Todos os trechos retirados do site são copiados tal qual lá se encontram, sem nenhuma modificação de forma ou conteúdo do que pode ser acessado.

É possível perceber na explicação desenvolvida pela autora um misto de informações técnicas e conselhos, em linguagem de fácil compreensão e que possibilita uma aprendizagem não-formalizada sobre a ansiedade de modo difuso e distinto daquele possibilitado pelos manuais de Psiquiatria e/ou Psicologia. Há aí uma oferta diferente daquela encontrada no dispositivo goldiniano quando a psicoterapeuta estabelece elucidação e prescrição diretiva, muito além do vocabulário que, como Goldin, também disponibiliza. Mais que isso, enquanto o analista promove situações de analogia para possibilitar ao sujeito dizer sobre si, Tessari elenca categorias *pret-à-porter* sobre diferentes tipos de sofrimento e seus sintomas, basta o sujeito encontrar a que melhor se encaixa a ele.

O exemplo acima aponta, entre outras diretrizes, para o que Braga e Calazans (2001) identificam como uma demanda da sociedade por “mediações gerais de informação/propagação/entretenimento” e explicam a partir da curiosidade social acerca de campos que se tornaram inteligíveis ao senso comum via mediação e então passaram a despertar vontade por informação e estabelecimento de trocas – interatividade. Frente a isso, tais campos, por sua vez, desenvolvem “uma concepção de responsabilidade social [...] que inclui uma obrigação de prestar contas de suas atividades a um público amplo e leigo” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 68). Além disso, como prosseguem os autores, a situação torna difícil aos responsáveis por cada campo especializado de se furtarem frente a essa demanda social e ainda exige deles profissionais sensíveis a tais questões. Esse perfil é facilmente vislumbrado em Tessari já nos poucos elementos até então expostos de seu dispositivo e será corroborado com as exemplificações que serão referidas ao longo deste capítulo e que conduzirão a enxergar na construção tessariana as seguintes palavras de Braga e Calazans (2001, p. 68) em relação às exigências aos profissionais que constituem experiências tentativas de mediação de seus campos: “Isto tem incidência sobre a formação destes profissionais – na qual questões políticas, culturais, éticas mais amplas e difusas que as específicas de seu campo passam a ter importância”.

Ao levar a público as referidas “mediações gerais de informação/propagação/entretenimento” e assim difundir socialmente conhecimentos psicológicos de modo acessível a não psicólogos ou profissionais afins, a psicoterapeuta confere ao seu produto a característica de “dispositivo de mediação e circulação dos saberes” que, segundo os autores (ibid, p.62), possibilitam a circulação de saberes na sociedade “de modo acelerado, diversificado, a partir de fontes mais variadas, e vinculados a objetivos

muito diferenciados” e findam por modificar as aprendizagens relacionadas a tais saberes.

Nesse movimento, o site de Tessari figura também como um lugar de aprendizagem sobre o saber psicológico, a partir de uma perspectiva de aprendizagem insuficiente ao público qualificado e formativa do público leigo, que busca conhecer o campo sem intencionar necessariamente nele se inserir. Esse interesse desenvolvido pelo público leigo, para o qual assumidamente fala o dispositivo tessariano, é uma demanda de aprendizagem qualitativamente diferente daquela dos especialistas ainda em formação e o modo midiático de disponibilização de aprendizagem, marcado por ser mais disperso, topicalizado, menos sistematizado e menos erudito em sua enunciação, atende muito bem tais interesses e estão em acordo com o que a gestora do dispositivo alega sobre seu modo de comunicar, ao falar sobre si no conteúdo acessado através do link Dra. Olga Tessari:

Expressa-se numa linguagem acessível e compreensível para todos os tipos de público com objetividade e clareza, abordando os problemas de fundo emocional em todas as idades de maneira simples, direta e objetiva.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id1.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id1.html)

O conteúdo que ensina difusamente a seu público é tão vasto quanto a multiplicidade de interesses com a qual a psicoterapeuta pode se deparar. Parece então haver uma espécie de agendamento ou programação de oferta pautada na multiplicidade, objetividade e clareza de conteúdo, como informado no fragmento acima. Não há uma regularidade na abordagem das temáticas. Algumas delas são vastamente desenvolvidas, outras apenas remetem a diferentes espaços de informação, outras proporcionam o acesso a uma quantidade grande de informações, como vídeos, matérias veiculadas em revistas e outros textos e outras ainda informam com brevidade o assunto e as prescrições a ele relacionados. No link Bulimia, por exemplo, encontramos a informação de que “anorexia e bulimia devem ser encaradas como problemas reais de saúde pública” ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]) e logo abaixo o alerta:

**ATENÇÃO!**

Bulimia e Anorexia são problemas muito sérios que devem ser tratados ao mesmo tempo e em conjunto com médico, psicólogo, educador físico e nutricionista.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id310.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id310.html)

Em seguida, algumas propagandas de conteúdos disponibilizados no site e uma extensa lista de links de textos relacionados à bulimia e à anorexia e outros nem tanto. São setenta e oito links de acesso a textos, dos quais são exemplos: [Adolescência](#), [Anorexia mata!](#), [Anorexia? Perigo!](#), [Ansiedade e Obesidade](#), [Avaliação Bulimia /Anorexia](#), [Bulimia](#), [Bulimia/Anorexia](#), [Bulimia /Anorexia 2](#), [Bulimia /Anorexia jovens](#), [Bulimia /Anorexia – Teste](#), [Bulimia: Compulsões /Vômitos](#), [Comer alivia ansiedade?](#), [Comer demais é vício?](#), [Compulsão Alimentar](#), [Compulsão Alimentar 2](#), [Dietas e insatisfação com o corpo](#), [Doenças](#), [Autoestima](#), [Medos](#), [Emagrecer? Perigo!](#), [Escravos da Aparência](#), [Magro e feliz](#), [Magro e doentes](#), [Obesidade](#), [Obesidade e conflitos](#), [Obesidade e Depressão](#), [Obesidade e Emoções](#), entre tantos outros que ilustram a intensa e fragmentada formação de perspectiva que Tessari disponibiliza a seus navegadores. Além dos links de acesso a textos, há ainda três vídeos relacionados ao assunto: no Programa “Super Pop” (Rede TV), com Leila Lopes (JustTV) e na “Revista da Cidade” (TV Gazeta).

Nesse movimento de promover a disseminação e a ampliação de conhecimentos sobre assuntos relacionados a questões psíquicas é possível perceber uma das principais ações comunicacionais empreendidas por Tessari, que é a transformação de processos não midiáticos em processos midiáticos que, por definição, não implicam necessariamente serem mediatizados, embora no dispositivo em análise assim seja.

Esse movimento nos leva a perceber um avanço na ação comunicação além da que acabamos de referir, que é, por sua vez, a promoção de aprendizagem mediatizada que atravessa a constituição do dispositivo tessariano. Nesse movimento, amplia a circulação na sociedade de um conhecimento tipicamente sistematizado como um conhecimento não-sistematizado, fragmentado, pontual e breve que aponta para experimentações de divulgação científica, embora por outros modos. Tais modos são ensaios de popularização de oferta de aprendizado a um público que, em grande parte, em cenário prévio à mediatização, ficava privado de tal oportunidade. Nos espaços mediatizados, o aprender acontece em dupla face, como argumentam Braga e Calazans (2001, p. 63):

Uma característica da aprendizagem em dispositivos mediatizados é que esse aprender parece assumir uma dupla face. Primeiro, a aprendizagem é discernível para um observador externo – como aquisição de saberes obtidos nos materiais simbólicos

disponibilizados; e como interação entre os comportamentos e atitudes do usuário e aqueles comportamentos e atitudes que são exibidos ou com os quais se dialoga na mídia. Mas, ao mesmo tempo, essa aprendizagem aparece como uma dimensão entre outras presentes na interação com (ou sobre) os produtos mediáticos. Não parece ser, portanto, separável da informação de atualidade, do entretenimento, e das mais diversas permeações próprias à disponibilidade de materiais simbólicos. Eventualmente, nem se percebe ou se explicita isto como “aprender”.

As duas faces do aprender midiaticizado pontuadas pelos autores são facilmente identificáveis no dispositivo em análise. A primeira delas está relacionada aos interesses difusos por coisas “psi” que marcam a constituição do público do site “Ajudaemocional.com”. Da interação entre expectativas desse público e produção da oferta de conteúdo resulta certo viés de escolarização do senso-comum, que figura como um dado relevante para a midiaticização. O outro traço pontuado pelos autores como característico do aprender midiaticizado aparece no dispositivo como uma diluição das especificidades próprias ao campo psicológico e mescla essas especificidades com outros interesses do grande público, a fim, talvez, de garantir a popularização do espaço gestado. Isso é observado em alguns conteúdos disponibilizados marcados pelo atravessamento das questões cotidianas pela contribuição que o psicológico pode proporcionar, como no material acessado através dos links [Roer unhas](#), [Dona de casa](#), [Demissão](#), [Perdão](#), [Beleza](#), [Carro Blindado](#), entre tantos outros que, em si, não são questões de competência de psicólogos, mas o balizamento na abordagem das mesmas conferido pela autora as torna um misto de Psicologia, saúde, utilidade pública, atualidades, entretenimento e outras produções simbólicas, conforme Braga e Calazans (2001). Para ilustrar tal afirmação, acessamos [Roer unhas](#) e nos deparamos com o seguinte texto explicativo:

### **Roer unhas prejudica a saúde?**

*O que fazer para parar?*

Foram dois os motivos que fizeram a estudante Mônica Dantas, 15 anos, parar de roer as unhas. “Minha mãe vivia ficando brava comigo e eu via as unhas das minhas amigas bonitas, enquanto eu tinha só uns toquinhos”, lembra. Mas ao deixar o hábito de lado, Mônica conseguiu não apenas mãos mais bonitas, como também se prevenir de uma série de problemas ao organismo. Conhecido cientificamente como onicofagia, o hábito de roer as unhas pode trazer uma série de lesões tanto para a unha, como para a região em volta dela. “Já cheguei a machucar os cantos dos dedos de tanto roer unhas. Tinham vezes que até sangrava”, comenta a estudante. Segundo a dermatologista Alba Maria Claussen Trindade, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, a onicofagia pode ter consequências sérias, como a deformidade e até a destruição definitiva das

unhas.

“Se houver dano grande na matriz da unha, ela pode não se recuperar mais, mesmo que o indivíduo pare de roê-las”, explica.

A médica salienta ainda que infecções bacterianas e virais podem prejudicar a área das cutículas, dos dedos e o contorno da boca. “Pode acontecer ainda a má oclusão dos dentes em crianças, verminoses e até a destruição das falanges dos dedos das mãos”, completa Alba Maria. Mas não se engane, dizer que o hábito de roer unhas pode fazer mal ao aparelho digestório não passa de um mito. “Não há mal algum para o estômago, nem para o intestino. As bactérias que podem causar infecção na garganta, por exemplo, não danificam o estômago”, explica o gastrologista Thomas Szegö.

#### *Tratamento*

Há quem opte por tentar esmaltes com gosto ou receitas caseiras para afastar as pontas dos dedos da boca, mas o método não trata a causa da onicofagia, e sim suas consequências. “Os métodos caseiros de usar substâncias amargas que alteram o paladar no momento de roer as unhas nem sempre têm sucesso e podem até causar aumento da ansiedade no indivíduo”, explica Alba Maria.

O tratamento da onicofagia requer acompanhamento psicológico, uma vez que, em sua maioria, as causas do hábito são de fundo emocional. “Quando a pessoa está ansiosa, ela tenta de alguma maneira aliviar essa ansiedade. E roer as unhas é uma forma de aliviar os sintomas da ansiedade”, explica a psicóloga Olga Tessari.

Olga Tessari comenta ainda que o tratamento mais efetivo está em tratar a fundo as causas da ansiedade da pessoa. “Pode-se até tentar passar esmaltes, mas quando as causas da ansiedade não são tratadas, corre-se o risco de desencadear outros sintomas, como comer mais, tomar calmantes, jogar ou até mesmo beber em excesso”, conta.

Matéria publicada no site Terra – ABC da saúde em 17/03/2008

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id411.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id411.html)

O fragmento reproduzido enfatiza a relação de fluxos entre os campos que acontece na oferta de aprendizagem midiaticizada, na qual diferentes áreas distribuem entre si a responsabilidade pela abordagem de determinados assuntos, em uma espécie de prática transdisciplinar que desconstrói a ideia de afetação polarizada de um campo em relação a outro e fortalece a perspectiva de diferentes ângulos agenciados na explicação de um fato social. Esses ângulos não são determinados a priori, contrariamente, são tão fluidos quanto os interesses que fazem funcionar o próprio dispositivo que os disponibiliza. Desse modo, a aprendizagem midiaticizada produz uma heterogeneidade interacional que transversaliza, no exemplo estudado, os campos da Psicologia, da Mídia, da Educação e tantos outros que com eles possa contribuir. Isso resulta em ampliação das trocas estabelecidas e diversificação de inserções culturais que, por sua vez, representam estímulo ao processo de aprendizagem (BRAGA; CALAZANS, 2001), aprendizagem essa que é corroborada por clientes de Tessari em Depoimentos:

“Oi doutora! Estava navegando no seu site (nunca deixo de visitá-lo, sempre aprendo mais alguma coisa), vi os depoimentos de outros pacientes e resolvi escrever meu depoimento também!”<sup>97</sup>

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

Além da aprendizagem específica de conteúdos dos campos sociais agenciados, as interações instrutivo-formativas gestadas no dispositivo tessariano sinalizam também para a aprendizagem de modos de ser e estar na sociedade em midiatização, para os modos como as pessoas produzem sentidos e enunciações sobre a vida cotidiana. Esse fato remete ao conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, de Rosa Maria Bueno Fischer (2002). Por ele, podemos entender os processos concretos de comunicação que não se limitam aos processos de linguagem e de produção de artigos culturais, mas sobretudo a questões referentes a relações de poder e modos de subjetivação pedagogizados nos dispositivos midiáticos. Fischer (2002, p. 155) assim sistematiza o conceito:

Um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem.

Esse viés de incitação à fala de si é recorrentemente encontrado tanto nas chamadas que o site realiza ao seu navegante quanto nos múltiplos acessos que ele possibilita. Na página inicial, logo na terceira linha, o internauta se depara com o convite a falar sobre si: “Você está ansioso, estressado, inseguro, com medos ou baixa autoestima? Terapia focada na solução do problema!” ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]). Ao longo da página, é continuamente interpelado a encontrar o problema com o qual se identifique e, caso haja dúvidas sobre ele, entrar em contato com a psicoterapeuta. De modo distinto e a partir de outros referentes, essa ação parece correlata da perspectiva goldiniana que estimula o consultante a “criar sua própria história”. Porém, o modo breve e fragmentado que caracteriza as explicações textuais encontradas no dispositivo tessariano parece propositalmente se organizar para proporcionar um esclarecimento insuficiente e, assim, fazer com que o internauta se

<sup>97</sup> Trecho de depoimento publicado na seção Depoimentos de pacientes, acessado em setembro de 2012.

dirija a outros links ou materiais também produzidos por Tessari, a exemplo de seus livros e cursos, ou ainda buscá-la em terapia – presencial ou mediada por meios tecnológicos de comunicação à distância – e, assim, fazer funcionar um circuito de ampliação das coisas “psi”. No site há também uma seção intitulada “Depoimentos de pacientes” destinada aos usuários dos serviços de Tessari que desejem falar espontaneamente<sup>98</sup> sobre si. Nela nos deparamos com relatos como os seguintes:

“O mais importante que aprendi nestes encontros, foi ‘cuidar de mim’. Estou aprendendo a não me abalar com o que estão pensando a meu respeito, principalmente, com aquelas pessoas que provavelmente não encontrarei nunca mais. A opinião da família, dos amigos e dos colegas de trabalho importam?... sim, porém importa mais eu me respeitar e não colocar em segundo plano o que gosto e quero só para agradá-los. Hoje estou mais segura que posso controlar melhor minha ansiedade, as idéias de limitação, de derrotismo, o radicalismo que, tinha que ser perfeita. Estou respeitando meu tempo, meu ritmo, estou mais concentrada no momento quando estou fazendo alguma coisa, qualquer coisa e descobrindo o prazer de fazer e não só a obrigação. Os depoimentos, o incentivo, as palmas e comemorações quando eu e as outras pessoas do grupo conseguimos pequenas vitórias, foram importantes para que hoje eu me sinta mais confiante.” S.

“Problemas sempre terei, e serve para ser superado, aprendi a tirar do problema um aprendizado para a vida. Tristeza, quem não as tem??? mas é preciso saber conviver! Vc me ensinou a dar sentido, a buscar a luz qdo tudo parece estar perdido.” J.

“... Aproveito pra dizer alguma coisa sobre o que a terapia representa pra mim apesar de eu não ser uma paciente que fale com desenvoltura sobre todas as minhas emoções e conflitos. Quero muito aprender a conhecer e a aceitar melhor minhas falhas e meus limites e a conviver com meus medos e raivas de maneira que eles apenas me ajudem, já que são necessários para a minha sobrevivência. Penso que quem procura ajuda numa terapia demonstra coragem, um momento de humildade e porque não, uma certa maturidade.. determinação. Mas, para que uma terapia evolua requer doação, o terapeuta precisa dar parte do seu tempo, de sua capacidade de ouvir e entender, de sua habilidade, conhecimento e interesse , parte de si mesmo. Eu recebi isso de vc” (M.M.C.)

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

Percebemos nos depoimentos – assim como em outras ações comunicacionais desenvolvidas no dispositivo tessariano – duas modalidades de interação complementares: por um lado, a já discutida mediação da aprendizagem que engloba uma orientação prescritiva também mediada de modos de ser; por outro lado, subjetividades que se tornam mediadas, seja pela visibilidade buscada nos veículos de mídia, seja ainda pela procura por referentes de subjetivação nas imagens, significações e saberes que de diferentes formas circulam nos dispositivos mediados. Esse fato constatado no material trabalhado nos permite entender no objeto empírico a postulação de Costa (2009, p. 6), quando afirma que “os indivíduos, agora, são seres

<sup>98</sup> Informação retirada do site “Ajudaemocional.com”, acesso em setembro de 2012.

mediáticos, na medida em que alimentam o seu próprio eu (self) com materiais simbólicos mediados”.

A aprendizagem possibilitada pelas enunciações e materiais simbólicos produzidos e lançados à circulação por Tessari certamente é uma marca que o dispositivo imprime de transformações sobre o saber psicológico, sobre a Pedagogia e sobre os sujeitos mesmos que então passam a ter ampliadas suas possibilidades de interação com a vida prática, com os outros sujeitos e consigo próprio, já que continuamente é escolarizado em compreensões circundantes do sujeito sobre si. Desse modo, desenvolve como importante ação interacional a produção de modos de ser para os sujeitos dos tempos da midiatização.

#### **4.4 O dispositivo tessariano e a oferta de modos de ser**

A globalização da economia, o constante avanço tecnológico, a mídia eletrônica e o movimento dos circuitos interacionais desencadeados pela midiatização social em processo desterritorializam os sujeitos de suas referências subjetivas ao lançarem-nos no universo cambiante de afetos e comunicações constantemente mutáveis, o que finda por deixá-los à deriva frente a si mesmos e a seus sofrimentos. Como argumenta Rolnik (1997a, p. 21), as “transformações das cartografias de forças que esvaziam de sentido as figuras vigentes lançam as subjetividades no estranho e forçam-nas a reconfigurar-se”. Com isso, fazem os sujeitos se depararem com os vazios de sentidos que decorrem, somado às modificações sócio-contextuais já referidas, também da inconsistência contemporânea dos referentes identitários modernos nos quais os sujeitos constituíram seus modos de ser e estar no mundo.

Assim, perdidos diante de si, confrontados pela sensação de ameaça de fracasso, despersonalização, enlouquecimento e até morte, esses sujeitos buscam, a todo custo, restabelecer uma ilusão identitária que lhes permita sustentar representações de si que foram brechadas pelas forças desassossegadoras da desestabilização, anestesiando a vibratibilidade do corpo ao mundo, assim como seus afetos (ROLNIK, 1997a). Na atualidade, essas representações são cambiantes e fluidas e encontradas, muitas vezes, em produtos midiatizados de diversas ordens disponibilizados ao consumo. Isso promove, como bem expõe Rolnik (1997a), uma toxicomania generalizada,

compreendida pela autora como um mercado variado de drogas que sustenta a ilusão identitária. Essas drogas referidas englobam as drogas propriamente ditas, mas a elas não se restringem. Abrangem além dos produtos do narcotráfico, também: 1- as produções da indústria farmacêutica com suas fórmulas de saúde, bem-estar e longevidade; 2- as ofertas da tevê, da publicidade, do cinema comercial e de outras mídias mais, com suas figuras glamourizadas, exemplos a serem copiados e produtos que vendem felicidade; 3- a literatura de auto-ajuda com seus passos para mudar de vida e alcançar o sucesso, que inclui os escritos esotéricos e evangélicos e as terapias que prometem eliminar eficaz e brevemente o desassossego; 4- as tecnologias *diet/light* e suas fórmulas de beleza, jovialidade e perfeição física. Tudo isso se constitui como demanda das subjetividades desestabilizadas pelo movimento no qual foram lançadas no mundo contemporâneo.

Ao encontro dessa demanda resultante da desestabilização referida, o dispositivo tessariano produz modos de endereçamento que expressam posições aceitáveis e esperadas de sujeito. A psicoterapeuta dissemina delineamentos de quem é o sujeito que busca ajuda psicológica (não só na terapia, mas nos muitos espaços em que ela está ofertada): sujeitos sofredores, acometidos por uma série de fatores que os afetam emocionalmente e geram situações como ansiedade, sujeitos imediatistas que buscam soluções rápidas e diretas para os problemas, sujeitos esses que muitas vezes chegam resistentes à própria terapia.

[...] em geral são pessoas que estão sofrendo. O mais incrível é isso, as pessoas que mais resistem são as que mais precisam do tratamento psicológico. Elas dão voltas, e tomam medicação, e vão no pai de santo e vão na igreja e vão não sei aonde e fazem uma série de simpatias, enfim, elas se submetem a uma série de pseudo-tratamentos até chegarem ao psicólogo. É vale ressaltar, que eu esqueci de falar, sobre os terapeutas [...].

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id122.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id122.html)

Se há resistência a determinado componente do circuito, o sujeito nele é inserido a partir de outros componentes, chegando posteriormente a estar em relação com aquele ao qual resistia, pois uma relevante característica dos circuitos interacionais é sua microcapilarização. Essa característica é muito bem apropriada por Tessari, como constatamos a partir de suas palavras mais uma vez durante participação no Programa “Todo Seu”, ao se referir aos sujeitos resistentes à terapia: “Aos poucos você desmistifica, conversa, dá leituras, aos poucos a pessoa se torna disponível...” ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]). A esses sujeitos, a psicoterapia pode oferecer um

mundo de possibilidades, como enuncia o site “Ajudaemocional.com”, na página “Terapia – o que é?”:

Elevar a auto-estima e obter a segurança e a confiança que promovem melhor qualidade de vida;  
Resolver conflitos emocionais, tais como situações de alta ansiedade, pânico, stress, depressão, medos, timidez, fobias, bloqueios, compulsões, traumas, etc...;  
Melhorar e enriquecer as relações: entre o casal, na família, com os amigos/as, no trabalho, etc...;  
Aprender a comunicar-se melhor para pedir exatamente o que você necessita, expressar seus sentimentos de forma adequada e saber lidar de forma positiva com eventuais problemas nesta área;  
Conhecer seus talentos e aptidões para uma boa escolha da carreira e a realização profissional;  
Superar medos: de falar em público, de dirigir, de enfrentar situações conflituosas, de errar, de estar entre outras pessoas, etc...;  
Enfrentar positivamente situações desafiadoras através do desenvolvimento da capacidade de tomar decisões;  
Saber lidar positivamente com conflitos, angústias e problemas, superando-os;  
Estabelecer metas claras e alcançá-las;  
Desenvolver novas habilidades, flexibilidade e criatividade;  
Superar vícios e hábitos negativos;  
Superar dificuldades escolares e de aprendizagem;  
Tratar distúrbios alimentares como obesidade, compulsão alimentar, bulimia, anorexia;  
Entender porque algumas ou muitas situações negativas se repetem na sua vida, compreender porque a vida não está do jeito que você deseja e o que fazer para mudá-la;  
Obter apoio e orientação para realizar mudanças pessoais mais satisfatórias no nível pessoal ou profissional;  
Transformar atitudes e hábitos de pensamento que limitam, bloqueiam e que geram sofrimento;  
Enfrentar situações de perda ou de muita dor (luto, rupturas afetivas, acidentes, doenças graves, etc...) e superá-las;  
Promover mudanças significativas a partir da insatisfação pessoal com a realidade atual;  
Conhecer-se muito melhor e valorizar as suas escolhas!  
Entender os fatores que causam o estresse, aprender a lidar com eles e superá-los!  
Melhorar a sua qualidade de vida!

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id53.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id53.html)

Por meio dessas possibilidades via terapia e/ou de outras ainda decorrentes de diferentes modalidades de interações de cunho psicológico, Tessari acredita possibilitar a seus clientes uma vida plena e feliz, como professa repetidamente nos distintos lugares em que sua prática se faz presente, assim como nos vários formatos por ela assumidos:

Fico muito feliz porque as minhas orientações fazem com que você tenha um dia feliz. Esse é o objetivo do meu programa, esse é o objetivo do meu trabalho, levar orientações para que você possa encontrar caminhos para resolver os seus problemas, e quando você encontra o caminho para resolvê-los, você com certeza fica mais feliz. (Primeiro Programa teste na UPTV - [www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

Vamos tornar os sonhos realidades e a terapia colabora para isso. (Programa Todo Seu - [www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

Para que em pouco tempo você possa ter uma vida plena e feliz. (Ajudaemocional.com - [www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]).

No mesmo movimento em que oferta plenitude e felicidade, a psicoterapeuta veicula modelizações de pessoas plenas e felizes como aquelas que controlam sua ansiedade, estabelecem bons relacionamentos, controlam seus medos, sentem-se capazes de enfrentar os desafios da vida, vence a timidez e obtém êxito nos relacionamentos de amizade e amorosos, entre tantos outros modos de ser criados e disseminados direta ou indiretamente por Tessari a seu público, como no exemplo do fragmento de texto acessado no link [Autoestima](#):

E para ser feliz, sua autoestima deve estar num bom nível, quanto maior, melhor!  
A baixa autoestima gera ansiedade, medo, depressão, fobias, ... enfim, uma série de outros problemas!  
As pessoas costumam confundir autoestima com egoísmo!  
Uma pessoa com boa autoestima nunca é egoísta! Ao contrário!!! Aquele que ama a si próprio, respeita-se e, automaticamente, respeita as outras pessoas e jamais desejará prejudica-las. O egoísta, por sua vez, só pensa em si próprio, nunca se importando com ninguém!!

Fonte: [www.ajudaemocional.tripod.com/id32.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id32.html)

#### **4.5 Elementos do dispositivo**

O saber psicológico e a rede mundial de computadores – internet – são dois importantes elementos constituintes do dispositivo tessariano, como é possível perceber ao longo do tópico anteriormente exposto. A eles se somam e/ou se atravessam outros elementos como os links de acesso a textos, os depoimentos, os livros, a consulta online, os vídeos de participação da moderadora em palestras e programas de televisão, o programa de web-tevé de Tessari, as matérias publicadas em jornais ou revistas, as referências ao trabalho da profissional em veículos de mídia, as condições de fala da psicoterapeuta no dispositivo e a construção que a moderadora faz em torno de seu exercício profissional como um serviço diferenciado no mercado comercial das práticas psicológicas. Interessante observar entre os elementos constituintes desse dispositivo é a relação de complementaridade, pertinência e articulação existente entre eles, por exemplo: os links são característicos da internet; os depoimentos, vídeos, entre outros,

se tornam acessíveis por meio dos links; as condições de fala se organizam a partir da ambiência, no caso, a internet. Essas relações, que apenas retratamos um pequeno recorte, apontam para a complexa rede tecida no âmbito das interações que constituem o dispositivo em análise.

Como afirmamos, a presença de links é uma característica das construções da internet, que trazem como proposta a interatividade, a simultaneidade de fatos e informações, bem como o acesso ilimitado aos mesmos. Por meio deles, um mundo infinito se abre e, concomitantemente, imprime outras lógicas de funcionamento e de interação às relações estabelecidas nas redes e ainda fora delas, ao passo que reverberam para além do virtual. Cada link presente no site “Ajudaemocional.com” abre a possibilidade de novos acessos, funcionando como porta de entrada em uma cadeia interacional que, no site em questão, se concretiza em mais de quinhentas novas páginas de acesso. Cada uma delas, por sua vez, compreende um mundo de interações emergentes que extrapola os limites mesmos do site. Isso está em acordo com as características da midiatização em processo, na medida em que lança a interação sempre adiante, no devir que cada hipertexto pode possibilitar.

O segundo elemento identificado no dispositivo tessariano são os depoimentos, encontrados na seção de mesmo nome. Eles são importantes ao dispositivo porque representam um viés de interação no seio do mesmo, ainda que mediada pela triagem feita pela moderadora do site. Essa sessão traz a público relatos espontâneos de pacientes consultados – presencialmente ou online – pela psicoterapeuta e/ou participantes de algum de seus cursos ministrados<sup>99</sup>. Como não há opção no site de publicar diretamente os depoimentos ou postar opiniões e coisas afins, acreditamos que eles são enviados para a psicoterapeuta, que os seleciona e elege os que merecem ser publicados. A profissional exerce aí uma mediação entre o que é declarado e o que é publicado; entre o que é comunicado e o que é tornado público, o que pauta o conteúdo trocado entre os usuários de seus serviços de consulta e cursos e os navegantes de seu site.

Muitos depoimentos fazem referência às queixas que levaram os sujeitos à terapia (presencial ou online), sendo as principais delas: ansiedade, medos, síndrome do pânico, isolamento social, depressão, inseguranças e fobias. Afora as queixas, os relatos nos permitem ainda inferir sobre a conduta terapêutica, além de outras questões próprias

---

<sup>99</sup> São duas seções distintas: “Depoimentos de pacientes” e “Depoimentos de quem fez o curso para perder o medo de dirigir”.

ao dispositivo interacional em tentativa que serão abordadas posteriormente. Vejamos então:

Dra. Olga, Não sei se vc vai se lembrar de mim, sou aquele que fazia terapia em grupo aos sábados, o garoto tímido que estava assombrado com o fantasma monografia.....agora tocam-se os tambores....para a grande notícia.....está sentada..... finalmente consegui apresentá-la na quinta feira passada iiiiuuupiiii!!!, pasmem, no dia eu estava super tranquilo, tirei nota 7, não foi nada expressivo, porém eu te garanto que não foi por causa da apresentação, não me gabando, mas, tive probleminhas no trabalho em si, fui pressionado, contudo me saí muito bem aos questionamentos da banca. Agora revelarei o grande segredo do sucesso, calmantes? não, anti-depressivos? não, ansiolíticos? não - nenhuma das alternativas corretas. Dra. agradeço a Deus por ter te colocado em meu caminho, e através dos exercícios e de conhecer o mecanismo da ansiedade sinto que estou saindo do cativado para voar bem alto que é o que mais desejo. Vou confessar que não estava crendo que funcionava! Quero usar dessa apresentação o divisor das águas em minha vida, quero que minha história seja dividida em dois períodos: antes e depois do TCC, graças a Deus estou me sentindo muito bem com a auto-estima ótima. Deus Abençoe. R.C.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

Ir a público dar um depoimento é uma importante ação interacional estabelecida e nos remete à lógica da produção de circuitos<sup>100</sup>, na medida em que, ao publicar determinada parcela do atendimento, o atendimento mesmo está sendo posto em circulação. Desse modo, o processo se amplia mais além da relação interativa estabelecida entre terapeuta e cliente. Merece também atenção mais detalhada a ação da psicóloga ao selecionar e expor determinados depoimentos em detrimento de outros. Alguns parâmetros permeiam essa escolha e nos levam a inferir sobre a construção do dispositivo. Para alcançá-los, vamos nos voltar aos depoimentos em busca das regularidades internas entre eles:

Depoimento para todos aqueles que precisam e às vezes nem sabem, quanto precisam e quanto é eficaz a colaboração de um “Profissional competente na área da Psicologia” para amenizarem e conhecerem a causa de suas inquietudes.  
Por mais de um ano vim arrastando meus dias, evitando sair de casa (embora tenha carro e dirija bem) sempre me confinando no meu quarto... Perdi completamente a vontade de viver fora deste meu mundo. Minha companheira era a internet onde eu, às vezes, estabelecia algum contato com algum familiar ou amigo.  
Dessas minhas navegadas encontrei na net, o programa da Dra. Olga Inês Tessari. Gostei muito e fiquei assídua telespectadora dela... parecia que em todos os momentos ela estava decifrando a causa da minha estática.  
Participava dos programas, fazia perguntas à Dra e lá vinham caminhos, ideias para que eu transformasse a maneira de conduzir a minha vida. E todas as respostas que ela dava a outros e-mails colaboravam para que eu ficasse mais flexível comigo mesma.  
Mas ainda nada estava bem, eu continuava a não sair do meu “canto”.  
Com um convite para que eu fosse conhecer seu consultório e um grupo de pessoas que faziam

<sup>100</sup> Falaremos sobre o circuito no dispositivo tessariano em tópico adiante.

terapia aos sábados, depois de suar muito, ficar ansiosa, pensar mil vezes no que poderia acontecer nesse mundo fora do meu, depois de tanta relutância, acabei pegando o meu carro e indo conhecer pessoalmente minha Dra. e as pessoas que viriam a ser minhas estimadas amigas para sempre.

Neste dia me dispus a contar minha história pois me senti completamente acolhida por todas. Com o passar das seções notei que todos passamos por diferentes situações e o importante é aprendermos a lidar com estas, sem ansiedade, o que diminui bastante o nosso sofrimento.

Continuei a terapia em grupo por 4 meses (ou 5 minha dra.?), continuo assistindo e participando dos programas na net e na TV, acompanhando sempre os ensinamentos da Dra. Olga que também estão no livro “Dirija sua Vida sem Medo” da própria.

Com muita alegria, posso afirmar hoje que estou viva e vivendo incansavelmente.

Para concluir conto que minhas férias deste janeiro, passei na praia, passei muito com meu carro, peguei várias ondas no mar, fiquei afastada do meu “canto” por quase um mês e me sinto livre para ir onde queira.

Foi com a magnífica competência profissional e o inestimável auxílio da minha querida Dra. Olga, que hoje firmo aqui os fatos que me trouxeram a “felicidade de volta”.

Muito agradecida por sua constância na vida de todos aqueles que querem e precisam de ajuda capacitada para continuar o caminho.

Parabéns pelos programas que nos trazem tantos esclarecimentos recebendo como pagamento apenas o nosso “muito obrigada” e pelo seu altruísmo, minha querida Dra. Olga, de nos prestar socorro nas horas mais adversas.

Dra. Marly Nascimento Brasileira Ph.I em Filosofia Universal - 21/01/2010

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

Esse último depoimento, além de servir de exemplo de exposição das demandas atendidas pela profissional, marca também um movimento a ser percebido que é a construção de um circuito que articula os múltiplos elementos que compõem o dispositivo interacional gestado por Olga Tessari, a saber: internet, programa de televisão, e-mails, consultório, web-programa, livro, entre outros. Através da internet, o primeiro contato com o dispositivo que levou a cliente a se tornar espectadora do programa de tevê divulgado no site. A participação no programa por meio de perguntas e a satisfação com as respostas recebidas resultaram no atendimento psicológico mediado por computador – e-mails. Essa modalidade de atendimento, por sua vez, foi substituída pelo atendimento psicológico presencial – no consultório. Concomitantemente à psicoterapia, o site, o livro da psicoterapeuta, seu programa na tevê e seu web-programa participam da condução terapêutica da demanda trabalhada, assim como do lançamento do processo à circulação midiaticizada.

Essa referência de circulação entre os vários espaços interacionais com a prática psicológica produzida por Tessari é um aspecto comumente referido nos depoimentos, que apresentam ainda como regularidades os relatos de progresso ou superação frente aos sintomas anteriormente apresentados, afirmações sobre os benefícios das consultas, agradecimentos e elogios à terapeuta, exaltação ao profissionalismo de Tessari e ainda referência a tratamentos sem sucesso com outros psicólogos anteriores. Os sintomas

tratados ou em tratamento também são muitas vezes coincidentes, sendo em maioria ansiedade e medo. As narrativas em depoimento são predominantemente de pessoas do sexo masculino. Alguns desses traços de regularidade dos depoimentos nos fazem crer que, ao selecioná-los, a moderadora do site intenta uma ação de autopromoção de seus serviços, bem como confirmação pública da qualidade do mesmo, como voltaremos a discutir posteriormente.

Outro aspecto comunicacional também empreendido pelos depoimentos diz respeito à utilização do espaço a eles destinado para uma fala pública de si por parte dos escreventes à Tessari, como fica claro no exemplo abaixo:

"Olá, Dr<sup>a</sup> Olga, tudo bem? Gostaria de relatar um pouquinho da minha vida com os seus leitores. Antes de te conhecer, eu havia ido a várias psicólogas, ao conversar com elas, contando sobre os meus medos, pânico e fobias, quando terminava a consulta, eu continuava triste, angustiada, com medo e achava que estava ficando louca, por mais que eu me esforçasse ainda me sentia insegura, medrosa, incapaz de conseguir ser como eu era antes (uma pessoa mais alegre, sem medos), cheguei até a desacreditar em terapia, não podia nem escutar a palavra "psicóloga". Quando te conheci, achei que seria mais uma terapia em vão, só que eu estava totalmente errada, pois você é maravilhosa, quem te conhecer vai saber o que eu quero dizer. Hoje faz uns três meses que estou fazendo terapia com você, minha vida mudou desde a 1<sup>a</sup> consulta, a cada dia eu aprendo a me amar mais, meus medos estão ficando pequeninos, sei que temos que lutar e festejar cada vitória conquistada. Hoje eu tenho uma visão diferente de terapia, graças a Deus, achei a pessoa certa, você é profissional no que faz, nos dando a confiança de poder expor todos os nossos (monstrinhos). Sei que ainda tenho alguns obstáculos, mas não vou deixar que isso me domine, aprendi que ter medo até faz parte da vida para nos proteger, mas ter medo em excesso, isso só nos vai fazer sofrer. A você que está passando por isso, faça uma forcinha e conheça essa pessoa incrível que é a "DR<sup>a</sup> OLGA INÊS TESSARI". Eu fiz a minha parte e hoje sou feliz, só de pensar que cada dia que passa, eu conquisto um degrau ao topo da felicidade. SEJAM FELIZES!" (C)

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

Além das questões já assinaladas, os depoimentos também nos permitem constatar indícios de insuficiência dos tradicionais espaços da prática psicológica, fato que desloca as especificidades desse campo para outros campos, a exemplo do campo das mídias. Ao falarmos em insuficiência dos códigos (regras, lógicas) específicos aos campos, quando abordamos agenciamentos da Psicologia com a mídia na promoção da prática "psi", tendemos facilmente a prever apontamentos de insuficiência no pólo midiático da relação. Contrariamente a isso, uma característica da midiatização – e também da própria lógica do agenciamento – é que não há um pólo sempre insuficiente, primeiro porque o processo de midiatização desconstrói, por si, as construções polarizadas. Segundo porque os atravessamentos vão se alternando em diferentes medidas nos sucessivos momentos de funcionamento dos dispositivos interacionais.

Lembremos ainda que a insuficiência da qual falamos e ilustramos nos depoimentos abaixo está relacionada ao caráter de devir que é uma particularidade do dispositivo e se faz presente na relação entre códigos, mostrando que aos códigos algo escapa, determinadas construções estão além do seu alcance, como já referimos em momento anterior.

Querida Dra Olga! Eu já tinha ido a várias psicólogas e, confesso, tinha até me desiludido com esta profissão. Mas, como meu problema continuava e meu médico insistia em eu ir na psicóloga, tomei coragem e fui pesquisar na internet. Quando encontrei seu site, me encantei com a forma que você abordava os problemas e pensei: será que ela pode me ajudar? Fui no seu consultório totalmente descrente e, confesso, gostei do ambiente do consultório assim que entrei! Quando eu a vi, alegre, sorridente e feliz, pensei: eu acho que ela vai poder me ajudar! E, já na primeira consulta, sai animado com o tratamento. Não acreditei quando fui percebendo mudanças em mim, imperceptíveis a princípio por mim mesmo, mas pelas outras pessoas e fui mudando para melhor a cada dia, sem esforço, numa boa... hoje posso me considerar um homem feliz, de bem com a vida e agradeço a você, Dra Olga Inês Tessari, por me fazer ver que meu problema tinha solução e que era muito mais fácil resolver do que eu imaginava. Seja sempre esta pessoa feliz, Dra! E que você continue a ajudar a muitas pessoas a serem felizes também! Deus te abençoe! (M.A.S.)

Minha querida Dra Olga!

Você não tem idéia do quanto mudou a minha vida! Quando eu a conheci, confesso que botei em ti toda a esperança que eu achava que estava acabando, porque eu já tinha ido em tantas psicólogas e nada havia mudado! Eu estava descrente mesmo! Quando eu vi a senhora na televisão, falando com tanta firmeza e segurança sobre o que é terapia no Programa do Ronnie Von, eu resolvi arriscar pela última vez, mesmo descrente alguma coisa me dizia para tentar e confesso que não me arrependi! Muito obrigada por me fazer acreditar em mim mesma e me fazer ver que é possível mudar para muito melhor quando se tem uma profissional séria e competente como a senhora para nos ajudar! Muito obrigada por tudo! Sou sua fã! C.C.T.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

A paciente do segundo depoimento refere à participação de Tessari em programa de televisão. Tal inserção da terapeuta nesse espaço e a posterior divulgação no site correspondem a outro elemento constituinte do dispositivo tessariano que, juntamente com as matérias escritas em jornais e revistas de ampla circulação e as reproduções encontradas ao longo do site “Ajudaemocional.com” de referências da profissional por outros dispositivos dizem da midiaticização do fazer proposto e da formação de circuitos como motor do funcionamento do dispositivo em análise. Os programas de televisão são divulgados em vídeos acessíveis no link de mesmo nome. Tais vídeos estão bastante presentes no material disponibilizado no dispositivo e reproduzem, além das inserções na televisão em programas como o “Todo Seu”, palestras ministradas pela psicoterapeuta e ainda a propaganda de seus dois livros publicados.

Os livros da autora, além de serem elementos constituintes do dispositivo, são articuladores do conteúdo do site, que circula em torno das temáticas neles abordadas, a saber: o medo, o amor e a dor. Novamente como uma ação de marketing, o link dos livros permanece em qualquer dos acessos ao qual o navegante seja conduzido. Além disso, são sempre referidos nos textos escritos pela profissional, nos depoimentos de pacientes e de espectadores dos cursos ministrados. O site disponibiliza, também como ação de propaganda, a sinopse dos livros, o prefácio, alguns trechos dos mesmos, a fala da autora como ação de lançamento e comentários dos leitores, além de convidar o acessante a comprá-los. O primeiro livro, intitulado “Dirija sua vida sem medo – caminhos para resolver os seus problemas”, é assim apresentado:

“Um livro para pessoas que sofrem com seus medos, sua ansiedade, sua timidez, suas inseguranças, sua baixa autoestima, enfim, para todos aqueles que buscam qualidade de vida e que sentem suas vidas paralisadas pelos seus medos, para que possam entender e saber lidar com eles e superá-los!!”

Olga Inês Tessari – autora do livro

“Vivemos em uma época de muitos medos! Quem não os tem? O medo sempre fez e sempre fará parte da nossa vida, pois é um fator de proteção contra perigos. Mas como lidar com os medos que nos aprisionam? Por que eles se mantêm, apesar de todos os esforços que envidamos para acabar com eles? Como dirigir a própria vida, apesar do medo que ronda o nosso dia a dia? Como diferenciar um medo real de um medo imaginário? Quando o medo é um fator de proteção e quando ele é um fator limitador? Ao longo deste livro, você irá compreender como são criados os medos, de que forma reagimos diante deles, muitas vezes com atitudes absurdas que só servem para diminuir a autoestima e como estes medos se perpetuam, apesar do forte desejo de acabar com eles.” Trechos do livro

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id99.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id99.html)

O segundo livro de Tessari, cujo título é “Amor x dor – As várias faces do amor e da dor. Caminhos para um relacionamento feliz”, também dispõe de amplo espaço de divulgação no âmbito do dispositivo que estamos discutindo, sendo assim enunciado:

#### *Apresentação*

É com muita alegria e satisfação que apresento o livro que ajudará tantas pessoas a entenderem os seus medos, dificuldades e conflitos nos relacionamentos, aprendendo a lidar com eles de forma positiva e sem sofrimento! Dessa forma, poderão manter um relacionamento muito feliz pela vida afora! Agradeço a todos os que colaboraram para esse sucesso! Olga Inês Tessari

*“Eu quando casei foi com este intuito de construir família, de ser esposa, amiga, amante. Eu pedia muito para Deus que colocasse um homem na minha frente que fosse honesto comigo; não precisava ser rico nem bonito, mas que fosse educado comigo, carinhoso e um bom parceiro para mim.” (Relato de uma paciente em meu consultório)*

*Ah, o amor!*

Amar e se sentir amado são desejos que estão presentes desde o início da nossa existência. Mas querer compartilhar uma vida ao lado de outra pessoa, imaginá-la como sendo algo de suma importância para a sua existência e para que se possa ser plenamente feliz é um desejo humano nato ou aprendido através da convivência com outras pessoas? É bom imaginar a pessoa ideal e sonhar com ela, buscando encontrá-la? Até que ponto essa pessoa idealizada existe?

*Mas afinal, o que é o amor?*

Há várias formas de definir o amor e nem sempre o que um acredita ser amor é o que o outro pensa sobre o que é o amor. De que forma duas pessoas que se relacionam podem ser felizes juntas, se elas vêm de famílias diferentes? Será que seus objetivos de vida são os mesmos? Será que a forma como cada uma delas vai agir para atingir os objetivos comuns do casal não entrará em conflito? Como lidarão com as diferenças de hábitos, usos e costumes no dia a dia? De que maneira irão administrar as diferenças entre si, buscando manter uma convivência pacífica e harmoniosa? Elas serão capazes de superar seus conflitos e diferenças para que juntas possam ter uma vida plena e feliz?

A autora Olga Inês Tessari, psicóloga que trabalha com casais e famílias desde 1984, esclarece numa linguagem clara, simples e objetiva o que motiva as pessoas a estabelecerem um relacionamento a dois, o que mantém um casal unido, o que é uma relação satisfatória e feliz entre duas pessoas, apontando os sinais de problemas e erros na relação, assim como os obstáculos mais comuns que impedem uma boa relação como o ciúme, a traição, o amor obsessivo, a idealização do parceiro, a insistência em ter ou manter uma relação fadada ao fracasso, etc., e o que é preciso fazer para ser feliz no seu relacionamento.

O livro foi escrito no intuito de que não aconteça mais a rima “amor e dor” nos relacionamentos afetivos. As reflexões estimuladas através da leitura propiciarão relações com bases sólidas e, conseqüentemente, muito mais saudáveis e felizes!

*Amor x Dor*

Um livro de cabeceira para entender melhor as dificuldades no relacionamento e como se relacionar de forma plena e feliz pela vida afora!

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id689.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id689.html)

Além dos elementos já mencionados, Tessari disponibiliza em seu site vídeos de seu programa de web-tevê, chamado “Ajuda Emocional” e assim apresentado: “Ajuda Emocional: Um programa feito por você e para você” ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), [2012?]). Esse é o slogan da proposta de programa interativo semanalmente transmitido via web<sup>101</sup>, no qual a psicoterapeuta Olga Tessari é apresentadora e aparece em uma bancada, frente a um computador, convidando a audiência a enviar perguntas para que ela responda ao vivo. É exatamente essa a ideia do programa: perguntas e respostas, na qual o participante (online) envia uma pergunta identificada por um nome qualquer que não precisa ser seu verdadeiro nome, como orienta a apresentadora, que responde a cada

---

<sup>101</sup> Nosso acesso ao programa se dá apenas pelos vídeos do mesmo disponibilizados como links no site “Ajudaemocional.com”.

escrevente em tempo real. Antes de receber as perguntas, Tessari fala sobre o programa, o site, seu trabalho e convida o espectador a participar. Quando começam a chegar as questões, a psicoterapeuta passa a falar sobre elas. A semelhança com a ação interacional desenvolvida por Goldin na coluna “Vida Íntima” é notória. Vejamos como se processa tal interação no programa de Tessari:

<p>Doutora, eu faço tratamento psicológico, mas tem vezes que eu fico confusa, muito confusa depois da terapia, tem vezes que fico até falando sozinha. É normal? Estou escondendo de todos que estou fazendo terapia. Não gosto de crítica, até do meu marido e de todos. Você sabe...</p> <p>Primeiro lugar: porque que as pessoas têm que saber que você tá fazendo terapia, né? É uma coisa tão pessoal, tão particular, tão privada. É a sua vida. Se você sabe que as pessoas a sua volta vão criticar e têm aqueles preconceitos tolos e bobos a respeito de terapia, pra que que você vai contar pra elas? Não tem que contar. Conte pra quem realmente vale a pena contar, conte pra pessoas com quem possa compartilhar, pra pessoas que apoiem você fazendo terapia. Com relação a você sair confusa da sessão, fale isso com sua psicóloga ou com seu psicólogo. Não é normal você sair confusa dessa maneira da sua terapia, tá? Então vai lá, conversa com sua psicóloga, explica pra ela como você se sente, como que é essa confusão, baseada em que essa confusão existe pra que ela possa entender e ajudar você a sair dessa confusão, pra que você possa sair do consultório dela melhor do que você entrou, tá, Carla?</p>	<p><b>PERGUNTA</b></p> <p><b>INTERVENÇÃO</b></p>
---	--

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html)

Em seguida, mais um trecho ilustrativo. Nele pontuaremos a estruturação da fala da terapeuta (intervenção), com o objetivo de captar suas lógicas:

<p>Como faço pra deixar de ser insegura e achar que o meu marido pode estar me traindo, sei que ele não me dá motivo, é tudo coisa da minha cabeça. Como resolver isso?</p> <p>Helena, a melhor forma de você resolver este problema é através de um tratamento psicológico.</p> <p>Sabe por quê? Porque a sua insegurança é uma coisa que vem de longa data.</p>	<p><b>PERGUNTA</b></p> <p><b>PRESCRIÇÃO</b></p> <p><b>EXPLICAÇÃO</b></p>
---	--

<p>Você é uma pessoa insegura, que não confia nas pessoas, que sempre acha que tem um complô contra você. Você é uma pessoa perfeccionista, você é uma pessoa que quer manter tudo sobre controle, então qualquer coisinha que saia do controle você já acha que é uma coisa contra você.</p> <p>Então se o seu marido não te dá motivos, vai lá, vai se tratar, vai procurar um psicólogo, uma psicóloga, aí na sua cidade, no seu bairro, vá resolver esse probleminha que em pouco tempo você acaba com a sua insegurança e você vai poder ter um relacionamento pleno e feliz.</p> <p>Por que sabe o acontece na maioria das vezes? O casamento acaba, a pessoa acaba traindo porque você vive desconfiando de tudo... chega uma hora que a pessoa diz 'ah, que coisa! Eu não aguento mais essa vigilância toda. Eu não faço nada de errado e ela num para de achar que eu tô fazendo coisas erradas'. Então por mais que a pessoa te ame, chega uma hora que ela cansa. Então se você não quer perder o seu marido, se você quer continuar aí tendo uma relação legal com ele pela vida afora, vai se tratar, vai procurar um psicólogo, uma psicóloga que em pouco tempo você resolve o teu problema e aí vocês vão ter uma segunda, uma terceira, uma décima, uma vigésima lua de mel.</p> <p>Pode ter certeza, viu, Helena.</p>	<p><b>INFERÊNCIAS DE CARACTERÍSTICAS PESSOAIS</b></p> <p><b>PRESCRIÇÃO</b></p> <p><b>PREVISÃO DE RESULTADO</b></p> <p><b>INFERÊNCIAS SOBRE O DESDOBRAMENTO FUTURO DA SITUAÇÃO</b></p> <p><b>PRESCRIÇÃO</b></p> <p><b>GARANTIA DE RESULTADO</b></p>
---	--

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html)

Marcadas as lógicas que compõem os fazeres psicológicos, vamos também pensar a partir do exemplo os fazeres comunicacionais de que faz parte o esforço de ação tentado sobre o interlocutor. Inicialmente temos uma demanda pela interação, que se constitui a partir da interrogação. A ela se destina uma resposta supostamente singular, embora, ao mesmo tempo, endereçada a todo um público que compõe a audiência do programa. A tensão entre a fala ao consultante particular e a fala ao público audiente é um aspecto de endereçamento que pode nos dar pistas sobre a ação interacional tentada. Outra pista podemos obter quando do exemplo inferimos uma possível relação – de caráter tentativo - entre a prática psicológica canônica, os espaços de legitimidade e o processo experimentado por Tessari. A Psicologia, em sua clássica figuração, se conflitua constantemente com os parâmetros científicos de legitimação, ora deles se aproximando (determinados sistemas de pensamento psicológico), ora se distanciando (como o fazem outros sistemas de pensamento psicológico). Em um tenso

movimento de afirmação e negação se situa o fazer Psicologia em seus tradicionais moldes.

Distintamente, o dispositivo proposto por Tessari figura simultaneamente como o espaço das práticas – nele mesmo as interações acontecem e realidades se produzem – e espaço de legitimação dessas práticas. Na medida em que o processo tentado figura como canhestro, também canhestramente vemos surgir espaços em que a prática se legitima pela própria prática e não mais apenas pela referência canônica. Como desdobramento dessa percepção, temos que a busca pela afirmação de validade do dispositivo em questão não passa pelo espaço das práticas psicológicas estabelecidas. Contrariamente, sem sua mediação, produz novas relações e espaços no qual declara sua legitimidade. Com isso, não cabe mais falar nesse dispositivo como um desviante da prática canônica, ou como nova figuração da Psicologia, ou qualquer outro referente pautado nos critérios estabelecidos de validação. Esse dispositivo existe como uma construção outra em relação a tais referências, o que torna obsoleta qualquer alusão comparativa.

Em veículo distinto, o formato do programa de Tessari que estamos discutindo se assemelha às colunas de Alberto Goldin, como já pontuamos, ao passo em que sugere uma ação interacional análoga, embora as respostas sejam conduzidas diferentemente em alguns aspectos, como é o caso do tipo de acionamento teórico realizado. Como podemos observar no trecho acima, as respostas proferidas não evocam diretamente bases teórico-conceituais. Contrariamente, se assemelham a conselhos e prescrições ou a um tipo de bom senso organizado pela competência prática da profissional, como segue adiante:

Do ponto de vista físico é fundamental você cuidar dessa maquininha aqui. O nosso corpo não é como um carro que você enjoe, que o carro fica velhinho a gente vai lá e compra outro. Não! O seu corpo vai te acompanhar até o último dia da sua vida, portanto é importante cuidar e cuidar muito bem dele... (www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html , [2012?]).

É muito bom, quando a gente vê uma pessoa errar, ao invés de ficar criticando, aprender com o erro dela, até pra nós não errarmos, né? Porque a humanidade caminha, nós chegamos a essa modernidade toda graças a quê? Aos erros das pessoas lá atrás... (www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html , [2012?]).

Ninguém é capaz de adivinhar a sua vida. A sua vida quem constrói é você, a sua vida quem transforma é você, a sua vida quem melhora ou piora é você, ninguém tem o poder sobre a sua vida... você pode até

ouvir uma série de informações mas você precisa saber filtrar quem é que está falando, quem é a pessoa que está dizendo isso, porque a pessoa está dizendo isso... (www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html , [2012?]).

Tessari tende a atuar de modo bem mais diretivo que Goldin e uma série de fatores podem estar relacionados a essa postura, dentre os quais identificamos claramente a matriz de pensamento psicológico ao qual os terapeutas se filiam – Goldin é psicanalista e Tessari psicóloga cognitivista comportamental – e a forma diferencial de acionamento de seu público – quem é o leitor/espectador e como ele é acionado. Vejamos no exemplo seguinte a diretividade mencionada:

<p>Temos aqui a participação da Alice Garcia (...). Ela tá dizendo aqui: mágoas, como lidar com elas?</p> <p>Mágoa é um tema interessante. Por quê? O que é mágoa, na verdade? É quando alguém faz alguma coisa que nos machuca, alguém trai a nossa confiança, alguém nos decepciona de alguma forma, alguém nos machuca de alguma maneira, então toda vez que acontece isso nós ficamos magoados e normalmente nós ficamos magoados e nem sempre a pessoa que nos magoou sabe ou tem noção da dimensão da mágoa que ela causou.</p> <p><b>A primeira coisa que nós temos que fazer quando estamos magoados com alguém é nos acalmar, irmos atrás dessa pessoa, então, em primeiro lugar, deixa a raiva passar<sup>102</sup>, porque a primeira coisa que nós sentimos é raiva. Passou a raiva, vai lá, senta com a pessoa olho no olho e fala pra ela o que ela fez, de que forma o que ela fez magoou você</b> e aí você estará colocando pra fora a sua mágoa, você estará interagindo com a pessoa, a pessoa vai colocar o ponto de vista dela, então muitas vezes você vai perceber que ela não fez aquilo de propósito, que de repente foi alguma consequência de uma série de coisas aí da vida e nessa conversa, nesse diálogo, a mágoa se resolve.</p> <p>Então <b>procure dialogar muito, procure falar tudo que você sente, procure falar tudo que a pessoa faz pra você</b> porque nós temos que falar sempre pra pessoa aquilo que ela nos fez de bom: <b>Obrigada! Parabéns! E aquilo que ela nos fez de ruim: Olha, eu não gostei daquilo que você fez, eu</b></p>	<p><b>PERGUNTA</b></p> <p><b>EXPLICAÇÃO PEDAGÓGICO</b> – <b>CARÁTER</b></p> <p><b>PRESCRIÇÃO</b></p> <p><b>PREVISÃO DE RESULTADO</b></p> <p><b>PRESCRIÇÃO</b></p>
--	---

<sup>102</sup> Grifos nossos

<p><b>não tô feliz com aquilo que você fez, eu não gostei da forma como você se expressou comigo, mas sempre com carinho, com paciência, com amor,</b> porque em geral as pessoas não tem uma intenção clara de nos magoar. Ninguém faz as coisas com objetivo de magoar, tá bom, Alice?</p> <p>Então <b>tenta conversar com a pessoa e se resolver,</b> você vai ver que não fica difícil, agora se for difícil esse diálogo, se mesmo com esse diálogo você não conseguir resolver as suas mágoas, aí é importante procurar um tratamento psicológico, tá? Um psicólogo, uma psicóloga para ajudar você a superar essas mágoas, virar a página, deixar no passado o que nele deve ficar e seguir a sua vida pela frente, tá? Brigadíssima pela sua participação.</p>	<p><b>GENERALIZAÇÃO</b></p> <p><b>PRESCRIÇÃO</b></p> <p><b>PREVISÃO DE RESULTADO</b></p> <p><b>LEVANTAMENTO DE POSSIBILIDADES</b></p>
--	---

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html)

O web-programa de Tessari, embora não se apresente como um atendimento psicológico, se situa no entremeio dessa modalidade de atendimento com práticas de aconselhamento. Aconselhamento esse que não é novidade na tevê, como nos lembra o que fazia Marta Suplicy no extinto “TV Mulher”, programa exibido pela Rede Globo entre os anos de 1980 e 1986. Diferente do “TV Mulher”, um dos programas pioneiros de aconselhamento psicológico na tevê, o que Tessari aborda não se limita a determinadas circunscrições temáticas – a exemplo de sexualidade – e oferece escuta a qualquer sujeito que consiga enunciar uma queixa em torno de seu mal-estar subjetivo, como fez Alice. Com isso, sugere um “fazer consulta psicológica”, embora transformado pelas condições mesmas em que tal consulta se processa. A consulta se passa, como é importante enfatizar, não apenas na interação estabelecida entre Tessari e Alice, mas também na interação entre Tessari e a audiência de seu programa, para o qual a terapeuta também oferta, através da resposta dirigida à Alice, consulta sobre causas psíquicas. Para esse público, a consulta é atemporal, já que se trata de uma modalidade de interação difusa e/ou diferida que, quando disponibilizada no site, pode ser acionada no tempo das dúvidas e sofrimentos de cada espectador.

O modelo acima exposto pode ser mencionado como uma das propostas de consulta ofertadas por Tessari no espaço de seu dispositivo, existindo paralelamente a outros, como o atendimento psicológico mediado por meios tecnológicos de comunicação à distância, por meio do qual a psicoterapeuta disponibiliza um vasto leque de serviços psicológicos regulamentados pelo conselho de sua categoria

profissional como modalidade aceita de consulta desde o ano de 2005. Esse tipo de atendimento consiste em mais um elemento do dispositivo tessariano. No site, esse perfil de atendimento está disponível em dois links: [Consulta online](#) e [Orientação online](#). Sobre elas, Tessari esclarece:

#### *Informações*

De acordo com a Resolução CFP N° 012/2005 do Conselho Federal de Psicologia, o psicólogo é autorizado a prestar atendimento psicológico mediado pelo computador, oferecendo orientações práticas e aconselhamento para a resolução de problemas específicos de modo focal e breve.

#### *ATENÇÃO!*

A orientação online não é psicoterapia e não substitui o atendimento psicológico presencial. A orientação online tem por objetivo trabalhar questões de maneira breve, pontual e específica.

#### *Foco*

O atendimento on line não substitui o atendimento psicológico tradicional em consultório – comumente chamado de psicoterapia\*, é uma outra forma de ajuda pontual e informativa a uma queixa específica de forma breve: ansiedade, fobias, estresse, medos, autoestima baixa, timidez, insegurança, bloqueios, perdas, depressão, tendências suicidas, hábitos negativos, orientação profissional, orientação de aprendizagem, problemas de relacionamento, dificuldade de comunicação, consultorias a empresas, etc.

\*Após a avaliação, pode ser necessário o encaminhamento para o atendimento psicológico presencial (psicoterapia), quando o atendimento on line não for suficiente.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id571.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id571.html)

Sobre o atendimento psicológico mediado por meios tecnológicos de comunicação à distância falaremos em tópico posterior. Neste momento, vamos prosseguir com mais um elemento constituinte do dispositivo tessariano que é o que nomeamos como condições de fala, ou seja, as condições nas quais a profissional é chamada a intervir. Essas condições são bem variáveis em virtude da diversidade de oferta e de modos de inserção gestados por Tessari e ainda pela segregação de seu dispositivo em duas figurações com funcionamento distinto: 1- o material de livre circulação e acesso, afirmado como pedagógico e informativo pela moderadora e que não passa – por não haver exigência de regulamentação – pelas normatizações da Psicologia; 2- as interações que ocorrem mediante pagamento, que são privadas e normatizadas segundo as regulamentações do Conselho Federal de Psicologia. Embora não seja possível o acesso às interações pagas por questões contratuais de sigilo, elas representam um aspecto importante do ponto de vista comunicacional, na medida em

que retratam vinculações materiais indiretamente estabelecidas e esse efeito de tornar indiretas todas as coisas é importante característica da mediação.

Na parte de acesso não pago do dispositivo, nas ações empreendidas, a moderadora com grande frequência convida os acessantes à psicoterapia, que, segundo ela, não tem contraindicações, é uma espécie de “cursinho de fim de semana”<sup>103</sup> para que todos possam ter uma vida plena e feliz. Acreditamos que tanto a disseminação massiva da proposta de terapia, que se torna popularmente acessível pela sua inserção em emergentes espaços que vão ao encontro dos sujeitos, quanto a promessa de plenitude e felicidade comumente repetida por Tessari constituem condições de fala da terapeuta. Lembremos Birman (2000) e sua exposição sobre o mal-estar. Parte do público de Tessari, aqueles que a procuram em orientações e consultas online, fazem perguntas em programas e ainda lhe escrevem para esclarecimento de suas questões pessoais, é formado por pessoas à procura de respostas e encaminhamentos para suas dores e sofrimentos e a elas a terapeuta oferece o que mais desejam: a esperança de uma vida plena e feliz.

Sujeitos em busca de vocabulário para se dizer e de modos de ser e estar no mundo também compõem o circuito tessariano que, nas inúmeras ações empreendidas, nos parece intentar alcançar diferentes perfis de público. Isso pode ser constatado na multiplicidade de especializações profissionais de Tessari, assim como na diversidade de assuntos sobre os quais se autoriza a abordar. A psicoterapeuta é também pesquisadora, mediadora de conflitos, consultora comportamental, *life coach*, supervisora clínica, escritora, palestrante, especialista em emergências e desastres, pesquisa e atua com Psicologia Positiva, desenvolve e ministra cursos, palestras e *workshops* e elabora projetos para empresas em grupos. Isso sinaliza que a profissional está preparada para atuar frente a muitas situações que abarcam extenso público. Os assuntos nos quais se afirma perita corroboram nossa percepção: ansiedade, pânico, timidez, autoestima, testes, medos, depressão, obesidade, pais e filhos, qualidade de vida, mulher, amigos/grupos, adolescência, demissão, idosos, anorexia/bulimia, sexualidade e problemas de relacionamento.

É interessante observar como no dispositivo em análise esses assuntos acima mencionados são algumas vezes ampliados e outras vezes reduzidos. Ampliados no seguinte sentido: o núcleo temático ansiedade, por exemplo, permite que a escritora

---

<sup>103</sup> Palavras de Tessari em seu web-programa e na palestra proferida ao Rotary Clube. ([www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html), [2012?]).

organize, a partir dele, elaborações sobre outros assuntos como mania de limpeza, medo de errar, medo de dirigir, ciúmes, fobias, problemas de relacionamento, roer unhas, rivalidade feminina, entre tantos outros. Porém, quando se espera que a psicoterapeuta avance na reflexão ao articular a ansiedade a outros núcleos temáticos, que no caso são os sintomas expressos, o que se percebe é que seu texto volta a se organizar em torno da ansiedade, em um movimento de redução que sugere um deslocamento circular da fala semelhante a um falar a mesma coisa com outras palavras. Vamos exemplificar nossa argumentação a partir do texto visualizado quando selecionado o link Fobias:

O medo faz parte da vida e serve para nos proteger dos perigos e do sofrimento, embora muitas vezes ele mesmo nos traga sofrimento quando nos sentimos paralisados por causa dele.

Quem sofre com seus medos, cria uma infinidade de mecanismos para evitar a confrontação com eles, o que acaba gerando insegurança, ansiedade, baixa autoestima, timidez, dependência, depressão ou pânico.

Além disso, porque a ansiedade se eleva, é comum o surgimento de sintomas físicos tais como taquicardia, suores, tremores, tontura, rubor das faces, mal estar, indisposição, problemas digestivos, falta de ar, agitação, problemas de memória, falta de concentração, etc.

E quem é que deseja sentir tudo isso? E, pior do que isso, quem é que deseja continuar sofrendo?

A ansiedade elevada está relacionada ao seu perfil de personalidade, às experiências vividas ao longo de sua vida e à maneira como você as encara e as absorve!

Quem sofre com seus medos e é ansioso preocupa-se demais com a opinião dos outros, tem muito receio das críticas, quer ser sempre perfeito, planeja tudo nos mínimos detalhes, sempre pensa nos outros e os coloca em primeiro plano em detrimento de si mesmo, tem muito medo de errar, tem medo de não saber como agir num momento de emergência, etc.. o que leva à insegurança e à diminuição da autoestima!

Este perfil de personalidade facilita o surgimento de uma ansiedade muito grande e, na hora “H”, a pessoa acaba fazendo tudo errado ou agindo de forma diferente da que gostaria, sem contar a série de sintomas físicos que acompanham a pessoa e que trazem muito sofrimento.

Na medida em que a pessoa aprende a lidar positivamente com os aspectos de sua personalidade que alimenta o medo e, conseqüentemente a ansiedade, ela passa a se sentir segura e confiante, sem os sintomas físicos e, melhor do que isso, sabendo lidar de forma positiva com seus medos, superando-os!

Forma de tratamento e resolução do problema: Psicoterapia: tratamento psicológico feito com Psicólogo (a)

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id14.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id14.html)

Além desse traço de reduzir as temáticas em última instância à ansiedade, ao medo e a poucas outras, também é percebido como traço característico da fala de Tessari sua repetição nos muitos meios em que a Psicóloga aparece: o web-programa repete o que foi dito em palestra, que reproduz o que está no livro, que compõe um texto disponibilizado no site, que é falado em participação em programa de rádio e assim vai

ampliando os espaços de inserção das enunciações tessarianas, ao tempo em que forma um circuito que conduz a informação sempre além. Temos então mais um traço bem marcado do processo de midiaticização. No entanto, ao lançar seus postulados à circulação, Tessari parece intentar uma ação contradizente à própria midiaticização que faz funcionar seu dispositivo, que é a tentativa de proteger o que produz de afetações e transformações ao longo do deslocamento no circuito informacional. Sobre esse assunto falaremos melhor em tópico seguinte. Antes disso, vamos passar ao derradeiro elemento identificado como constituinte do material em análise.

Nos referimos à construção empreendida por Tessari de sua imagem como um produto de mercado disponível ao consumo. Essa ação começa já no subtítulo conferido ao site que, como mencionamos anteriormente, atesta a qualidade, a ética, a eficácia e a eficiência da profissional em resolver problemas desde 1984. Com isso, exalta sua experiência e postura como um diferencial frente aos demais psicólogos. Feitos desse tipo se repetem bastante em várias ações de marketing visualizadas no dispositivo e nos espaços extra-dispositivo nos quais circula.

Ao inserir seu fazer na mídia, Tessari realiza importante ação comunicacional de reconhecimento desse campo como lugar de busca por legitimação, em uma crença semelhante à criticada por Debord (1997, p. 17-18) em relação à sociedade do espetáculo: “O que aparece é bom, o que é bom aparece”. O interesse da profissional pelo espaço midiático parece estar centrado na visibilidade que ele pode proporcionar às instituições, no caso, à Psicologia, e esse fato resulta, como consequência, na imagem que ela constrói perante seu público. Nossa percepção é explicada pelas palavras de Barichello (2003, p. 57), quando profere:

A obtenção de legitimidade passa por processos comunicacionais midiáticos, nos quais os atores sociais procuram explicar-se e justificar-se perante uma sociedade que recebe e reelabora essas informações. Dessa forma, a legitimidade não depende só do modo como os atores sociais disponibilizam os acontecimentos e discursos para a mídia mas, também, da forma como estes atores acompanham as publicações do campo midiático e a recepção dessas pelos diferentes públicos.

Esse acompanhamento pode ser feito por Tessari nas interações que ela estabelece com seu público e que afirma uma percepção positiva a seu respeito, como acontece nos depoimentos e nos ditos dos consultados no programa de web-tevé, por exemplo. Esse retorno auxilia a profissional no rigoroso trabalho que realiza de

construção e manutenção de credibilidade conferida a sua imagem, projetando, desse modo, respeitabilidade sobre si. Isso nos remete ao conceito de face desenvolvido por Goffman (1980, p. 76-77) que, em suas palavras, diz respeito ao “*valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico*” e, assim, se desenha como uma imagem de si socialmente aprovada, que expressa dignidade, auto-respeito e prestígio e, por esse motivo, se torna amplamente partilhada. Os constantes “eu sempre” de Tessari exemplificam o rigoroso trabalho de constituição dessa face: “Eu sempre respeito a privacidade...”, “eu sempre...” “eu sempre...”

A relação mercadológica que estamos discutindo também aparece nas interações da profissional com seus clientes, para os quais dirige um discurso de fidelização, valorizando aqueles que se destacam no consumo de seus produtos e incitando-os sempre a consumir os elementos que compõem o seu circuito, que apresenta como relevante marca a referência contínua a outros produtos complementares àqueles ao qual o cliente está acessando. Nos programas de tevê dos quais participa indica seus livros e o site “Ajudaemocial.com”; no site remete sempre o navegante aos benefícios da psicoterapia, divulga seus livros como forma do leitor obter mais conhecimento sobre si e assim sucessivamente, criando uma rede de consumo que não se esgota.

#### 4.5.1 A constituição de público

Com base nos vários aspectos que discutimos até aqui, Tessari constrói seu endereçamento, ou seja, o público que de algum modo e por diferentes razões interagem no espaço – não apenas nos limites dele – de seu dispositivo. Tal público, acreditamos que engloba múltiplos perfis, desde pessoas interessadas no atendimento, pessoas interessadas em qualquer dos assuntos disponibilizados e ainda leitores que não estão propriamente implicados nos assuntos, mas que se interessam por informações “psi”, clientes de qualquer dos serviços tessarianos e ainda eventuais internautas que se deparam com a amplitude de informações presentes no espaço em discussão. Esses são alguns dos possíveis interessados no dispositivo tessariano, que é rico em processos, em interações, em ações comunicacionais e psicológicas, tal qual já expusemos. Como portas que estão sempre se abrindo para outros caminhos e trazendo novidades, o dispositivo aqui trabalhado nos escapa em incontáveis proporções e dimensões,

inclusive no que diz respeito ao público constituído por seus inalcançáveis endereçamentos. Mesmo assumindo que esses endereçamentos e a constituição do público são aspectos que nos escapam, tentamos, neste tópico, circunscrevê-los nos limites que o dispositivo permite.

A moderadora oferece dicas sobre quem é seu internauta quando dá boas vindas às pessoas que têm problemas e sofrem por não conseguir explicá-los e resolvê-los. Seu site se destina a falar a essas pessoas, mostrando os benefícios da terapia e fazendo-os acreditar que é possível mudar e conquistar uma vida plena e feliz. Os ditos encontrados nos depoimentos de pacientes também nos falam dos consumidores de serviços Tessari como sofredores que buscaram ou ainda busca formas de conduzir seu mal-estar subjetivo, como pode ser vislumbrado:

“Graças à ajuda da querida Dr<sup>a</sup> Olga, posso me congratular por ter superado e aprendido a lidar com alguns medos que antes me paralisavam a vida. Aprendi a comemorar, transformar erros em desafios e usar meu raciocínio com plenitude. No romance "A Madona de Cedro", de Antonio Callado, a personagem sofre uma transformação interior, com a qual me identifiquei de prontidão, na passagem: "Havia uma luta. Ele tinha lutado há 13 anos do lado errado. Agora estava tudo certo, estava tudo bem, estava lutando do lado direito". Essa minha identificação com esse trecho se deu pois hoje sei que tenho força para encarar os problemas da vida, sempre com perspectivas inteligentes. Não sou bruxo, adivinho, tão pouco uso turbante, mas hoje consigo ver para mim um futuro belo, no qual sempre agradecerei minha amiga e psicóloga Dr<sup>a</sup> Olga. Obrigado por tudo!! Beijos!” F.M.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

Também os comentários sobre os livros recebidos por e-mail/cartas apontam um perfil de leitores e internautas que corroboram o endereçamento da moderadora quando retratam sujeitos acometidos por medos, Síndrome do Pânico e fracasso nos relacionamentos afetivos:

“Boa noite!!! Já encerrei a leitura do livro. Realmente é um livro como eu esperava. Muito enriquecedor, que relata situações que vivenciamos diariamente. Nos faz pensar que o medo faz parte do ser humano, mas deve ser superado, mesmice nem pensar... Acho que muitas pessoas precisam fazer a leitura dele, pois são problemas que diversas pessoas enfrentam e nele relata exemplos simples. Irei recomendar para diversas pessoas. Vale muito a pena ler!!! Abraços...” M.

“Boa noite Dra. Olga. Terminei de ler o livro e gostei bastante; não quero ser egoísta mas... confesso que gostaria muito que ele fosse voltado apenas para quem tem medo de dirigir pois este é meu caso, rsrs. Mas ele é interessante e indicarei à outras pessoas. Aliás pretendo comprar o outro: Amor x Dor. Obrigada,” E.L.

“Dra:Olga Tessari, Boa Noite! Amei ler o livro “DIRIJA SUA VIDA SEM MEDO”. Seu conteúdo veio de encontro às minhas necessidades. Sofro de Síndrome do Pânico, faço

psicoterapia e juntamente com minha psicóloga estou relendo o livro. Futuramente comprarei outros. Beijos e Abraços!" F.

"Você não tem ideia de quanto esse livro me ajudou a me enxergar e a entender porque meus relacionamentos nunca seguiam em frente. Muito obrigada por escrever um livro tão maravilhoso que vai ser meu guia pela vida!" J.A.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id120.html)

O link Mensagens recebidas mais uma vez atesta o perfil de público desenhado por Tessari:

"Boa Noite, meu nome é J.,tenho 16 anos e gostaria de parabenizá-la pelo site que contém o conteúdo completo de como viver bem. Já tive vários problemas(medos, depressão, distúrbios alimentares), que fizeram com que eu ficasse com baixa auto estima, mas agora já me sinto melhor e estou me recompondo e desejo ser uma pessoa Feliz de verdade. Estou lendo todos os tópicos do seu site e me sinto cada vez melhor com as palavras construtivas e renovadoras que possuem neles. Obrigada!!! ABRAÇOS." J.Q.

"Obrigada! através do seu site pude entender a depressão pós parto e pude lidar melhor com esta situação! hj estou me sentindo bem melhor!"S.S.S.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id101.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id101.html)

O Livro de visitas do site também se configura como uma possibilidade de acesso à fala do receptor das enunciações produzidas – que também é produtor de outras enunciações que reverberam sobre o site – e atesta que esse dispositivo é visitado por pessoas com problemas de diversas ordens e para os quais Tessari oferece encaminhamentos:

63. José Alfredo Cardoso Júnior 18.02.2010 01:10 am

Encontrei este site agora pouco, já mandei e-mail, e estou precisando muito de ajuda. acredito que vou encontrar aqui, pois não aguento mais viver tão triste. obrigado e parabéns por seu trabalho,  
Alfredo

89. fabiana soares da silva 30.03.2011 08:13 pm

ola tudo bom

vi sua entrevista na katia fonseca no mulheres, adorei tudo que vc falou anotei o site e tbm adorei. vou visita-lo sempre que possível, pois no atual momento de minha vida creio que vai me ajudar muito  
bjv e tudo de bom pra vc!

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id97.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id97.html)

A satisfação expressa pelas pessoas que circulam no dispositivo interacional tessariano nos permite inferir que Tessari oferece a seu público o que ele demanda. Além disso, também constrói seu público em intenso trabalho de obtenção da adesão do mesmo às perspectivas do site. Esses dois ângulos combinados constituem os

endereçamentos que, por sua vez, não dizem respeito apenas à busca por um alvo, mas, prioritariamente, a constituição mesma desse alvo. O que ocorre, então, é uma construção interacional conjunta entre oferta e demanda, que se constituem mutuamente.

Sobre as demandas advindas do público, observamos que as pessoas buscam no espaço do site “Ajudaemocional.com” encaminhamentos para seus problemas e conflitos, conhecimento de si e de assuntos relacionados à Psicologia, modelizações de modos de ser e, assim como os participantes da experiência de interação gestada no dispositivo goldiniano, elementos de formação de um vocabulário que lhes permita traduzir em palavras o que lhes acomete, para assim poder enunciar a si próprias, possibilitando comunicação estabelecida em torno de suas causas subjetivas. O escrito 87 do livro de visitas do site exemplifica essa demanda:

87. daniela 28.03.2011 01:12 pm é a primeira vez que estou lendo sobre terapia, não sei ao certo qual é o meu problema mas sei que necessito de ajuda.
---

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id97.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id97.html)

A relação que os internautas estabelecem com o dispositivo parece ser de grande aceitação e exaltação das virtudes profissionais de Tessari, agradecimento pelas conquistas possibilitadas, crença nas potencialidades das ações psicológicas e comunicacionais propostas e interesse de participar, muitas vezes com regularidade, do circuito construído ao redor do dispositivo, com interações que lhe são endógenas e exógenas. Afirmamos “parece ser” em detrimento de “é” porque não podemos desconsiderar que todo o material publicado no site passa pelo olhar da moderadora, responsável por selecionar o que será compartilhado e o que não será veiculado. Com isso, temos já uma primeira ação que consiste em organização da ante-sala e que será trabalhada posteriormente.

Além dos aspectos de endereçamento já identificados, o material disponibilizado no site e as formas de enunciação adotadas por Tessari também permitem importantes percepções sobre a constituição de seu público, na medida em que é através do conteúdo e dos acessos disponibilizados que o internauta é acionado. Para garantir a diversidade de público e a circulação ampla do dispositivo, os assuntos abordados se organizam em muitos núcleos temáticos, de modo que dificilmente um internauta não se interesse em algum momento por qualquer dos temas tratados. Com o mesmo fim, os temas são

mesclados entre assuntos peritamente trabalhados pela Psicologia e outros saberes afins, como o caso de Ansiedade, Síndrome do Pânico, Drogas, Bulimia/Anorexia, Sexualidade e muitos mais; e assuntos mais próximos das vivências cotidianas de muitos sujeitos, como Roer unhas, Beleza, Doenças, Brigas entre irmãos, Assédio, Conflito de gerações, Família, Jogos eletrônicos, entre tantos outros.

A brevidade nas informações disponibilizadas pela moderadora – e também requerida dos participantes do dispositivo que gesta, como expressa a limitação temporal ou espacial presente, a exemplo das queixas que devem ser expostas em, no máximo, duzentos caracteres – que coexiste com a grande quantidade das mesmas – é um traço de endereçamento que nos fala sobre o público acessante. Outro traço é o modo de construir a enunciação. Sobre cada uma das temáticas propostas, a psicoterapeuta discorre com clareza e diretividade, em uma linguagem que já caracterizamos como simples e acessível, de fácil compreensão para o público leigo, como corrobora a escritora do prefácio de um de seus livros no link [Dirija sua vida sem medo](#):

*Prefácio do livro*

“Acredito realmente que este livro será de muita valia inclusive para pessoas que nunca tiveram a oportunidade de entender os seus medos e as suas conseqüências, e acabam sentindo vergonha dos sintomas e do desespero que sentem quando tem uma crise de Pânico. O livro tem uma linguagem simples e acessível o que possibilita a todas as pessoas entenderem os seus conceito claramente. Explica que sentir medo é normal, mas quando este sai do nosso controle é uma doença que pode e deve ser tratada.”

Maria Cristina B. Gonçalves  
Presidente da Dutra Veículos – Concessionária Chevrolet

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id99.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id99.html)

O modo de dizer adotado por Tessari é bem aceito por seu público, como ilustra uma expectadora de seu web-programa, na seção Mensagens recebidas das pessoas que participaram do programa Plantão Psicológico: “Você é demais, Dra! Adoro a sua forma simples e direta de responder as dúvidas! Parabéns! K.C.” ([www.ajudaemocional.tripo.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripo.com/id449.html), [2012?]). A nosso ver, tal modo de dizer figura como um primeiro traço do esforço de ação da moderadora sobre seus interlocutores, que apresenta algumas características mais como a referida facilitação nas formas de dizer a fim de se tornar inteligível e interessante a mais pessoas, a miscigenação de referentes da Psicologia, do senso-comum, da ciência biomédica e da

auto-ajuda nos textos, a oferta de esperança de alcance da felicidade e a tentativa de fidelização do público e de reconhecimento e legitimação da profissional por parte do mesmo. Essa afirmação de competência como forma de legitimação da profissional no espaço da rede é uma importante ação desempenhada e que ganha relevância quando olhamos para um traço característico do material veiculado na rede que é a ausência de critérios claros de qualidade e legitimidade. Grandes construções teóricas e práticas de destaque coexistem nesse espaço com notícias inverídicas, dados improcedentes, práticas charlatanistas e outros riscos comumente presentes na internet. Pautada nisso, Tessari intenta construir instrumentos de legitimação de sua prática na prática mesma e ninguém melhor para atestar a validade, eficiência, resultados e qualidade do que os próprios sujeitos implicados nessas práticas como um dos pólos da interação estabelecida.

Outras ações de endereçamento são empreendidas no espaço do dispositivo tessariano, como os modos de falar ao público através de respostas a interlocutores singulares. Esse é um traço comum entre o dispositivo goldiniano e as condições de fala de Tessari. No entanto, uma lógica diferencial das colunas de Goldin é percebida. Enquanto diante de questões singulares Goldin responde a um grande público, descentrando o problema do escrevente e tomando-o como ponto de partida para falar a seus leitores sobre o tema presente na carta/e-mail, o movimento empreendido por Tessari tem como base uma relação dual, composta por escrevente – terapeuta apenas, embora publicamente acessível, o que pode ser percebido nas distintas formas de interações propostas no site em análise.

O atendimento mediado por tecnologias de comunicação à distância envolve terapeuta e cliente, excluindo o elemento público da relação. Esse elemento, porém, volta à cena quando a relação dual é posta em circulação através de vários mecanismos, a exemplo dos depoimentos. Tais depoimentos, mesmo que direcionem a fala à psicoterapeuta, como acontece em alguns casos, são pensados já como um texto público, uma espécie de publicação de algo que o sujeito tem a dizer particularmente. Da mesma forma, as falas de Tessari em seu programa de perguntas e respostas se processam na interação com o sujeito nominal, autor da pergunta, no entanto, se dirige a todos que compõem sua audiência. Os textos, as palestras, os espaços interativos, todos seguem essa lógica de hipotética relação um a um.

É necessário entendermos a diferença nas relações estabelecidas. No primeiro caso, o das colunas de Alberto Goldin, temos o público como um elemento componente

da relação – a prática “psi” se faz também para ele em uma tríade. O público não é mero espectador da relação terapêutica, mas se vê inserido nela. Por outro lado, no segundo caso, o do site Ajudaemocional.com, o público é espectador de uma proposta terapêutica – a exemplo de um aconselhamento psicológico realizado no web-programa de Tessari – que se passa entre o escrevente da questão e a psicóloga que a responde. No programa, a psicoterapeuta trabalha várias perguntas, atendendo a muitos participantes, muitos dos quais são seus clientes em outros espaços, como vemos:

Querida Olga, amei o seu programa e o profissionalismo, mas faço questão que todos saibam que sou sua paciente com muita honra. Um grande abraço... ([www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html), [2012?]).

Tem muitas pessoas que participam aqui que são meus pacientes, que já foram meus pacientes, que são parentes de paciente e eu sempre preservo a privacidade das pessoas... ([www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html), [2012?]).

Sobre esse fato, observamos inclusive que o público da psicoterapeuta tende a ser cativo nos muitos espaços midiáticos povoados, como podemos inferir a partir dos fragmentos do programa:

Como sempre, temos a participação aqui do Caíque... Caíque é fiel escudeiro do programa. Ele é o primeiro que chega, é o último que sai... ([www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html), [2012?]).

Temos aqui a participação da Marly Brasileira, como não poderia deixar de ser. A Marly e o Caíque vivem disputando entre si quem é que chega primeiro, né ([www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html), [2012?]).

Temos aqui a participação da Carla Simone, que também tá virando fiel e assídua do programa, né, Carla? ([www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html), [2012?]).

As respostas são construídas em torno de um bom-senso orientado, com uma postura acolhedora e explicativa do tema proposto nas perguntas recebidas do público. Há uma exposição geral sobre a temática e, em seguida, o direcionamento aos traços particulares da situação expressa pelo interlocutor. Uma linguagem fácil, didática e com muitos usos de comparações e exemplificações com situações cotidianas, como vislumbrado nos trechos seguintes de fala da psicoterapeuta no Programa “Plantão

Psicológico”, exibido em 10 de outubro de 2011 e disponível no site através do link Plantão Psicológico:

... Todos nós passamos por perdas e pra crescer, nós temos que perder, abandonar e desistir, então, quem continua sempre na mesma situação sempre vai viver da mesma forma. Então se você quer crescer, se você quer evoluir, se você quer sair de onde você está, você precisa abrir mão sim de muitas coisas para conseguir outras tantas. E pra isso, existe a perda, né? Pra que você possa crescer e evoluir. Então é a perda do corpo infantil pra se tornar um corpo adulto, a perda do corpo adulto pra se tornar um corpo velho, enfim, a vida é assim. A perda dos cabelos, os homens que sabem disso muito bem, a medida que eles vão perdendo os fios de cabelo, eles vão sofrendo com isso, né, e muitos puxam o cabelo pra frente, o cabelo pro lado, tentando esconder uma coisa que já tá muito visível, que é a careca. Então a dificuldade que eles têm de aprender a lidar com esta perda, a perda dos cabelos que pra muitos traz sofrimento. Eu já tive muitos casos de homens que vêm ao meu consultório trabalhar essa questão... ([www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html), [2012?]).

Pelo caminhar natural da vida, sempre os mais velhos é que vão primeiro. Então o que que nós temos que entender: a violência não faz parte da vida, embora ela faça parte das grandes cidades, de qualquer lugar, nós não estamos acostumados a lidar com a violência, nós não estamos acostumados a perder os mais jovens antes que os mais velhos sigam para a morte, pra uma outra vida, não é? Então no seu caso, você tinha toda uma expectativa de vida com seu filho, você tinha toda uma vida de sonhos, de planos, de desejos em relação a seu filho de três anos de idade e tudo isso foi perdido porque de repente, do nada, seu filho se foi. E aí, o que você vai fazer com a sua vida? Você tem que repensar a sua vida... ([www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id449.html), [2012?]).

Os traços de endereçamento e constituição de público expressos no dispositivo em análise nos permitem confirmar que, tal qual afirmado pela psicoterapeuta, seu público são pessoas acometidas por sofrimentos de diversas ordens que procuram formas de com eles lidar e alcançar o bem estar, a plenitude e a felicidade. Contudo, cremos que esse não é um perfil homogêneo do público tessariano. Nos parece difícil falar em qualquer marca de homogeneidade em um dispositivo tão amplo e fluido quanto o site “Ajudaemocional.com”, que apresenta tantos pontos de escape em relação a conteúdo, público, enunciações, propostas, etc. Assim, acreditamos que entre o público efetivo do dispositivo e aquele enunciado no mesmo há uma distância que pode até alterar o próprio perfil que aqui descrevemos, porém, apenas podemos sinalizar nossa suspeita e trazer ao conhecimento que a moderadora do site também media a

construção mesma do seu público quando realiza a ação de selecionar quem apresenta ao internauta.

O último aspecto de constituição de público que queremos apontar está relacionado com o espaço em que o dispositivo opera e diz respeito à coexistência – com alguns traços de substituição – de interlocutores de interações presenciais por interlocutores de interações online, como ocorre, por exemplo, com interações pautadas no lazer, nos jogos eletrônicos online e ainda nas relações de aprendizagem segundo um modelo de educação à distância. Como argumenta Ferreira (2013, p. 11) “a inscrição implica num reposicionamento em circuitos sociais.”. Tal reposicionamento modifica os processos com suas afetações, porém, no caso do dispositivo tessariano, não esgota as interações presenciais. Ao contrário, parece cooptá-las a compor mais um pólo da rede criada que se pauta na complementaridade das interações propostas.

#### 4.5.2 A ante-sala

A ante-sala de um dispositivo tentativo é o lugar onde se monta a experimentação e isso, no dispositivo tessariano, envolve construções que já discorreremos e outras que abordaremos com mais detalhes neste tópico. Compreende desde o modo como é pensada a inserção da Psicologia na ambiência midiática, as transformações imprimidas à forma de comunicar o conteúdo, tornando-o simples e acessível ao público leigo, as regulamentações que atravessam o processo, as operações de fala, a constituição de público – que discutimos no tópico anterior – e as estratégias pensadas para fazer o dispositivo funcionar. É uma espécie de planejamento que pauta as lógicas de montagem, embora nem sempre o que foi planejado persista quando o dispositivo é lançado no espaço das práticas. Esse desvio entre planejamento e funcionamento inclusive é percebido no dispositivo em questão quando pressupomos que a intenção de Tessari não é originalmente de gerar transformações ao fazer Psicologia, mas prioritariamente transpor a prática psicológica para um espaço no qual ela possa obter maior alcance e, assim, ampliar sua circulação.

Porém, esse ponto mesmo nos parece paradoxal quando a psicoterapeuta assume como condição de funcionamento de seu dispositivo transformações nas operações enunciativas, de modo a fazê-las amplamente inteligíveis. Ao digestivar para o senso-comum seu saber, Tessari já imprime a ele um viés de alteração frente à canonicidade

de sua efetivação. Talvez isso não seja percebido pela profissional que, como inferimos a partir dos depoimentos expressos por seus pacientes na seção para isso destinada no site, os modos de dizer tessarianos não diferem entre o espaço da consulta – presencial ou mediada por dispositivos tecnológicos de comunicação à distância – e o dispositivo midiaticizado. Seus pacientes clínicos elogiam a linguagem clara, diretiva e didática, assim como os conselhos recebidos e a brevidade do tratamento. Tal questão pode ainda ser inferida quando acessamos no site as explicações expressas sobre terapia, que a apresenta como uma prática educativa – “O psicólogo, no fundo, não deixa de ser um educador” (informação verbal)<sup>104</sup> – ou uma orientação sobre modos de ser capazes de conduzir à remissão dos sintomas reclamados – quando afirma que terapia é um tratamento e o compara a um “cursinho de fim de semana”.

Observamos, com isso, que características da midiaticização dos processos psicológicos geram afetações não apenas sobre a parcela da prática destinada às interações midiaticizadas, mas também sobre o próprio fazer canônico, supostamente pautado no rigor regulamentado da Psicologia. Essa incidência que produz afetações multidirecionadas é um importante aspecto da midiaticização e ilustra como as práticas sociais são afetadas por seus processos, justificando assim a afirmação de Braga (2006) da midiaticização como processo interacional de referência. Não há limites intransponíveis entre a parcela midiaticizada e a parcela não midiaticizada. Os referentes da midiaticização trespassam todos os espaços e capilarizam suas afetações nos mais diversos modos de produção da sociedade, seja no âmbito do conhecimento, seja no âmbito da prática. Assim, não há como Tessari resguardar seu exercício profissional – ou uma parcela dele – sob a proteção das diretrizes de seu Conselho de profissão.

Essa questão não é específica dos profissionais “psi” que se atiram aos processos tentativos midiaticizados com maior ou menor ciência dos mesmos. Até o profissional da área mais rigoroso e fiel aos postulados originais acerca de seu saber, cremos ser confrontado pelo processo de midiaticização que rizomaticamente povoa as práticas sociais contemporâneas, na medida em que os sujeitos, os sintomas, as expectativas e os sentidos conferidos à prática em si espelham as construções de seu tempo e espaço. Com isso, podemos dizer que a midiaticização é o lugar epistemológico das práticas na atualidade. Embora com pouca clareza ou abertura a essa realidade, no círculo acadêmico mesmo da Psicologia, os tópicos sobre a contemporaneidade são afirmados

---

<sup>104</sup> Trecho de fala de Tessari em sua participação no Programa “Todo Seu”, acessado em setembro de 2012, no link [www.ajudaemocional.tripod.com/id118.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id118.html).

como importantes de serem considerados e, a partir deles, reivindica-se pensar as implicações dos profissionais do campo ante os emergentes delineamentos deles resultantes.

Um esforço de assim proceder e que constitui outro aspecto da ante-sala do dispositivo tessariano são as já mencionadas Resoluções do CFP – Resolução no. 012/2005 e Resolução no. 011/2012 – que regulamentam em termos experimentais o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por tecnologias de comunicação à distância. Em seu capítulo I, Art. 1º., o texto da primeira Resolução – datada de 2005 – prescreve: “O atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, por ser uma prática ainda não reconhecida pela Psicologia, pode ser utilizado em caráter experimental, desde que sejam garantidas as seguintes condições [...]” (CFP, 2005, p. 2). Anos depois, em 2012, permanece a manutenção do caráter experimental e da garantia de “certas condições” para a legitimação da prática pelo referido conselho. Ao ressaltar o não reconhecimento do campo pela prática desempenhada e, ao mesmo tempo, regulamentar seu exercício em caráter experimental, a instituição psicológica realiza um esforço possível no momento para não desconhecer os fatos circulantes na sociedade e manter certo grau de critério sobre eles.

Os critérios se destinam a permitir, vetar ou limitar determinados fazeres, como procede com o atendimento psicoterápico, quando o limita a um máximo de vinte sessões. Esse regulamento seguido por Tessari<sup>105</sup> parece confrontar princípios da própria mediação, assim como as lógicas de funcionamento do dispositivo: os princípios da mediação quando restringem as interações a determinada quantidade – juntamente com o limite de duração temporal estabelecido – e assim supostamente protegem contra a tentação de uma clínica maciça de interações mediadas. Ao contrário disso, aspecto marcante da mediação são os acessos ilimitados e as interações que extrapolam a circunscrição de tempo, de espaço, de limites de campo, entre outras, e causam uma dissolução nas fronteiras entre o público e o privado, o restrito e o irrestrito, entre os campos e saberes e entre os limites mesmo do processo de mediação.

O circuito tessariano bem retrata o tensionamento entre limitações e permissividades decorrente da tentativa de constituição de uma prática segundo os moldes canônicos na ambiência midiática. Isso acontece nos modos de enunciação, na

---

<sup>105</sup> Até meados de 2013, Tessari ainda encontra-se embasada na Resolução datada de 2005, que limita o atendimento a 10 sessões máximas.

brevidade que deve ser seguida no direcionamento da queixa, na promessa de tratamento focal e com número médio de sessões estabelecidas, na imprecisão por parte dos pacientes e internautas entre o que pode ser dito publicamente e o que deve ser restrito à interação privada, na rede ilimitada de acessos proporcionados pelo hipertexto e ainda na segmentação do dispositivo em interações gratuitas e interações pagas. Acontece também na tensão entre resistir a uma prática maciça da qual a resguarda o CFP ou a ela ceder, como convida a ambiência onde gesta seu fazer.

O pagamento é assumido como um ponto fundamental na delimitação de fronteiras entre o fazer Psicologia e o acionar referentes da Psicologia na construção de outras práticas. Esse aspecto reverbera nas condições segundo as quais a profissional é chamada a intervir e também no que oferta em cada uma das intervenções, nos ângulos que pautam as ações de escuta e ainda nos modos de dizer. Sobre eles, percebemos que Tessari valoriza tanto sua fala quanto a escuta do consultante. Parece que às vezes ela tem mais a dizer que a escutar, embora a queixa seja do consultante. Sob esse viés se constróem determinadas posturas críticas a seu fazer e que, embora em sentido oposto, nos remete às operações de fala no dispositivo goldiniano. Além dos traços próprios às diferenças de vertentes teóricas, percebemos a seguinte distinção: enquanto Goldin imprime tensionamento ao dispositivo por seu suposto “nada responder”, Tessari o faz por responder em excesso, algumas vezes até atropelando com seu dizer o tempo de elaborações enunciativas por parte dos consultantes, em uma espécie de não-dito do tipo “você deve me escutar porque eu sei o que você tem e tenho métodos de busca para a solução de seus problemas. Bata me escutar”. Isso remete a algum grau de subversão da lógica interacional da própria psicoterapia.

A profissional bem poderia rebater e argumentar que para ensinar sobre o psiquismo a um amplo público que englobe leigos e especialista – embora possamos crer que em maioria são leigos – são necessárias algumas adaptações de fala e de procedimentos. Isso é uma exigência tanto do público quanto do lugar em que a prática se delineia e perfeitamente concordaríamos com Tessari caso houvesse a contestação. Porém, não é nesse ponto que identificamos a contradição e sim no rigor afirmado pela profissional na defesa de um campo instituído em relação a sua percepção das trocas com o senso-comum e outros referentes – como a religião, a auto-ajuda e outros mais. A partir dessas transformações pouco percebidas ou justificadas por Tessari é possível constatar que, além do conteúdo psicológico disseminado no circuito, há outros tipos de conhecimento que são veiculados e que se constituem nos atravessamentos múltiplos

produzidos no espaço da prática, que norteia o funcionamento e a gestação autopoietica do circuito em questão. Frente a isso, nos interessa enquanto pesquisadores da mediação vislumbrar os desafios que essas ações, processos e transformações desencadeadas impõem ao conhecimento psicológico, quando ele é desinstitucionalizado e se reconfigura como conhecimento leigo “que não é mais tão leigo assim”.

Como derradeiro elemento da ante-sala do dispositivo tessariano, encontramos o atravessamento da lógica biomédica na elaboração de perspectivas por Tessari. Essa lógica fica visível na visão organicista conferida aos processos psicopatológicos, nas prescrições e nos retornos conferidos pelos participantes do dispositivo que nele se inserem inicialmente como receptores – e se deslocam pelos diferentes pólos da enunciação. A presença dessa lógica de compreensão dos fenômenos psicológicos está em acordo com a orientação teórica assumida pela profissional e ainda com um dos modos contemporâneos de alcançar legitimidade pela afirmação de uma identidade profissional que se articula à indústria neurofarmacêutica e à Psiquiatria organicista como referentes de ciência e garantia de resultados no tratamento das causas “psi”, tal qual ocorreu com o saber psicológico no momento mesmo de sua constituição, quando, por um lado, vinculou-se às ciências estabelecidas em busca de legitimação e se assumiu como ciência natural ramificada da Biologia e, por outro, abdicou do cientificismo legitimador em prol da afirmação da especificidade de seu objeto, assumindo-se então como uma matriz romântica (FIGUEIREDO, 1991), voltada ao subjetivismo, ao singular, ao interesse estético, em uma referência ao pólo psíquico do dualismo psicofísico cartesiano.

#### 4.5.3 As regularidades

O dispositivo tessariano, assim como os outros que estamos estudando, apresenta algumas regularidades a partir das quais é possível bem caracterizá-lo. Neste tópico, vamos sistematizar tais regularidades que, de algum modo, já se encontram difusamente referidas em momentos anteriores do texto. A primeira delas é relativa à proposta do site, que finda por promover a deambulação da prática para uma figuração distinta daquela para a qual é gestada. Isso acontece quando, com seu fazer, distinto dos outros profissionais que trabalhamos, por se lastrear nas amarras das regulamentações

de seu conselho profissional, Tessari põe a Psicologia para funcionar segundo lógicas de mediação e, mais além, produz coisas outras, experimentais, que desencadeiam a percepção de transformação da consulta que assumimos como objeto.

Ao colocar em movimento a Psicologia e perder o controle dos limites desse movimento, o fazer tessariano resulta na elaboração de um dispositivo interacional mediado em torno de causas psicológicas. Apesar disso, uma regularidade nele encontrada é a constante tentativa de retorno e afirmação de um modelo de prática tradicional, mesmo que em diferente espaço. É com base nesse modelo tradicional que a profissional constrói uma modelização de terapia, de psicólogo e de sujeito psicológico, construções essas empreendidas em grande número de ações interacionais desenvolvidas no espaço do dispositivo, como exemplificamos ao selecionar o link Terapia.

Após acessado o referido link, somos direcionados a página intitulada “Terapia – o que é?”. Constatamos ser esse um espaço de elaboração de uma modelização da psicoterapia realizada por Tessari. Nessa nova página, encontramos três vídeos (uma participação no Programa “Todo Seu”; uma palestra proferida no Rotary Club Alto da Mooca em 27 de agosto de 2009, com o título: “Quem é o psicólogo?”; Plantão Psicológico exibido pela primeira vez na UPTV, em junho de 2009<sup>106</sup>) e vários links relacionados ao que estamos observando (Terapia em grupo – o que é?; Psicólogo serve pra que?; Terapia serve pra quem?; Quando fazer terapia?, entre outros). Começamos então pela definição de psicoterapia:

*Mude a si mesmo para poder mudar o outro!*

A psicoterapia (tratamento psicológico) é uma potente ferramenta de ajuda e de crescimento pessoal que se utiliza de técnicas psicológicas científicas, específicas de acordo com as necessidades e características individuais de cada pessoa, promovendo mudanças positivas efetivas em tempo relativamente curto.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id53.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id53.html)

Em uma tentativa ainda de definição, na palestra sobre “Quem é o psicólogo?”, Tessari afirma a Psicologia como “o conhecimento da alma” e o psicólogo como o profissional preparado para “trabalhar com o que as pessoas trazem”, com o objetivo de “ajudar a ter uma vida plena e feliz”. Esclarece ainda sobre a multiplicidade constituinte da Psicologia e sobre a diversidade de teorias psicológicas, cada uma delas delineando

<sup>106</sup> Embora tenhamos feito nosso recorte de objeto de pesquisa datando de 2010 a 2012, estamos observando vídeos produzidos em 2009, pois eles estão veiculados no site no ano de 2012.

práticas distintas. Essa diferenciação é retomada no programa “Todo Seu”, quando a profissional é solicitada pelo apresentador a se posicionar frente à pergunta: Psicoterapia, Psicanálise ou Psiquiatria: quais as diferenças?<sup>107</sup> Aparece ainda no site, a exemplo da página “Terapia: quando é hora de começar?”, como podemos observar:

Este cuidado deve ser especial porque existe uma infinidade de correntes dentro da psicologia. “Aqui no Brasil as mais comuns são a Psicoterapia Comportamental, que como o próprio nome diz é focada no comportamento, a Breve, que é focada no problema atual, a Psicoterapia Corporal, que foca mais um trabalho com o corpo, a Psicanalítica, baseada no trabalho de Freud e seus seguidores, a Psicoterapia Jungiana, que é baseada em Jung, um dissidente de Freud e outras terapias de cunho humanista e existencialista, mas ainda restritas ao uso de poucos profissionais no Brasil”, contou Olga Tessari.

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id246.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id246.html)

Referências teóricas específicas da Psicologia são acionadas na situação transcrita, mas a forma de acionamento nos parece transformar questões epistemológicas e originalmente complexas em conteúdo palpável e acessível a uma grande parcela de ouvintes, espectadores e leitores. A densidade teórica da discussão canônica é abdicada quando posta em circulação na ambiência em exposição e, para que nesses espaços possa se inserir, a psicoterapeuta incide sobre suas codificações, transformando-as em novo código, passível de partilha e compreensão no espaço extra-campo. Nele percebemos ainda um enviesamento valorativo para a perspectiva teórica assumida pela moderadora que, como discutimos anteriormente, se dedica bastante à promoção do seu fazer e de suas formas de fazer.

Além disso, notamos certo grau de estereotipia quando Tessari desenvolve considerações sobre terapias, tal qual faz no texto acima transcrito do site, na palestra já referida e ainda em sua participação no Programa “Todo Seu”, ao esclarecer sobre a diferença entre Psicoterapia, Psicanálise e Psiquiatria. Misturam-se, em suas palavras, referentes advindos de teorias e uma espécie de senso comum legitimado pelo título perito. Isso, inclusive, é indício de uma realidade que resulta da indefinição entre campos estabelecidos e circuitos midiáticos, que é a transformação das práticas advindas, incluindo o bom-senso organizado. No entanto, o que parece importar mais à psicoterapeuta no espaço em que ela se encontra não é a maior fidelidade aos preceitos teóricos, mas o maior entendimento por parte do ouvinte, espectador e/ou leitor. Desse modo, amplia-se na sociedade em midiatização a circulação de conhecimentos

---

<sup>107</sup> As palavras de Tessari a esse respeito foram anteriormente expostas, assim, julgamos desnecessária a repetição.

originalmente sistematizados travestidos em outra ordem de sistematização, ou seja, formulam-se outras roupagens, outros modos de divulgação de conteúdos científicos em linguagem acessível, pautada muitas vezes em codificações mais comumente partilhadas, como já percebido anteriormente.

A modelização estabelecida e acima exposta pauta as condições de fala da profissional que, embora mais livre que dos outros gestores de dispositivo que precisam estar em acordo com o funcionamento de determinados veículos de mídia, apresenta uma regularidade que circunscreve suas enunciações e que são dadas pelas diretrizes disponibilizadas pelas orientações de seu campo, pelas especificidades teóricas dentro do campo, pelo lugar de emergência de seu fazer, pelo seu conhecimento tácito desenvolvido ao longo da trajetória profissional, pelos sujeitos com que pretende interagir profissionalmente e pelas condições de mediação que se impõem sobre seu fazer. A combinação de todos esses elementos e as transformações realizadas sobre os mesmos permite também uma regularidade à percepção do dispositivo tessariano como canhestro. Isso é uma questão conceitual. Nesse espaço canhestramente constituído – espaço das práticas – as coisas acontecem e são legitimadas. É a prática que, na atualidade, tende a se legitimar pela própria prática e não apenas pelas referências canônicas das mesmas. Tessari bem se vale dessa situação para validar, legitimar e atestar a qualidade e o funcionamento de seu dispositivo, apesar de, paradoxalmente, insistir na afirmação dos espaços de legitimação canônica.

Entre as modelizações presentes no site em questão temos, como já referimos, a de sujeito psicológico ou sujeito que faz uso de produtos psicológicos – como o site “Ajudaemocional.com” – como uma estratégia de constituição subjetiva. O que o site disponibiliza a eles é a promessa de vida plena e feliz, que também é conceituada segundo determinados parâmetros de plenitude e felicidade bem próximos de valorações morais e representações comumente partilhadas, como segue abaixo na definição construída de felicidade, disponível no link [Felicidade](#):

**Seja feliz!**

**Tem explicação?**

Difícil de explicar mas desejada por todos, a felicidade pode ser definida como um estado de espírito, repleto de emoções e sensações diversas. Tem um significado diferente para cada pessoa e não existe uma fórmula mágica para se chegar até ela: cada um é feliz como quer ou pode.

Felicidade também pode ser definida como satisfação, contentamento, sucesso e bem-estar. Conforme a psicóloga e psicoterapeuta Olga Inês Tessari, a felicidade é tudo que é bom, que traz prazer e alegria.

“Pode estar nas pequenas coisas, como ver o mar, por exemplo. É preciso que cada um descubra seus próprios valores de felicidade”, conta.

A falta de perspectiva de vida e de futuro, a não aceitação de si mesmo, a falta de autoestima e a busca pela aprovação dos outros são os obstáculos que impedem as pessoas de atingirem a felicidade. “A sociedade cria e impõe um modelo de sucesso, por isso temos sempre no outro o ponto de referência, achamos que ele é mais feliz”, revela Cássio dos Reis, psicanalista e sexólogo.

A felicidade tem muitas variáveis e é preciso saber lidar com situações adversas, como o fracasso, por exemplo, o tempo todo. “Do contrário a vida seria muito fácil. Se tudo se torna realizável, os objetivos ficam estreitos”, diz Reis.

#### *A felicidade e o amor*

“A felicidade está ligada ao amor, não só entre homem e mulher, mas ao sentimento. Eles são proporcionais à capacidade que você tem de gostar de si”, afirma o psicólogo. Destacar seus defeitos só para saber o eu as pessoas pensam de você não é um bom caminho. Para estar feliz é preciso se gostar, se amar, estar de bem com a aparência e com o corpo (autoestima).

Nos relacionamentos é comum criarmos expectativas sobre o outro, imaginar como podem ser. Esperamos por um alguém a vida inteira e não avaliamos se a felicidade está realmente em encontrarmos esse alguém. “Quem sempre idealizou um príncipe não vai querer aceitar a pessoa como ela é, vai querer transformá-la”, explica Olga Tessari. Com o tempo mudamos nossos valores e gostos, a forma como encaramos as coisas. “A nós que realizamos a ação parecemos perfeitos e, para o outro, imperfeitos”, revela Reis.

O pensamento positivo permite lidar melhor com as frustrações e decepções do dia-a-dia e deixa ver o lado bom das coisas. “Dizer não tenho sorte, não consigo, está errado. O bom humor faz com que acreditemos mais em nós mesmos”, aconselha Reis. “Rir é o melhor remédio. Dessa forma o organismo produz substâncias como a endorfina que proporcionam bem-estar e permite encarar a vida com mais leveza”, conta a psicoterapeuta Olga Tessari.

#### *Viva feliz hoje e continue sonhando*

É preciso definir um ideal de felicidade e planejar o futuro, mas não deixar de fazer coisas que deseja até atingir o objetivo. Comemore cada passo, cada vitória. “Quem busca emagrecer, por exemplo, precisa festejar cada grama perdido, a lasanha que conseguiu deixar de comer e não ficar feliz apenas quando atingir o peso ideal”, aconselha Olga Tessari. Por isso, é importante não criar ideais inatingíveis que possam trazer frustrações.

“Os projetos de vida motivam a seguir em frente. Projete o futuro, mas viva o hoje. Não sofra pensando nas coisas que não conseguirá ter no futuro, não precipite a infelicidade e não vá atrás dos problemas”, recomenda Reis. Desfrute do que conseguiu atingir e sintá-se realizado com as pequenas conquistas.

Organize passo a passo seus sonhos e desejos. “Saiba lidar com os empecilhos e obstáculos que aparecerem no caminho, e tente superá-los. Lembre-se de que crescemos aos poucos e não de uma vez só”, finaliza Olga Tessari.

Entre os segredos para atingir a tão sonhada felicidade estão:

- Descobrir os próprios valores de felicidade e não os impostos pelos outros;
- Fazer planos reais e atingíveis para o futuro;
- Comemorar cada conquista, por menor que seja;
- Ser otimista e ter pensamentos positivos;
- Não buscar a perfeição;
- Saber lidar com fracassos e frustrações;
- Não antecipar os problemas;

- Ter mais comprometimento com você mesmo;
- Observar cada passo e tentar corrigir os erros do percurso.

Matéria publicada no site Xenicare – Laboratório Roche - 2003

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id200.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id200.html)

Mais um aspecto de regularidade percebido no dispositivo tessariano diz respeito a uma característica da mediação que nele funciona como diretriz para as interações que é a imposição de brevidade de fala. A queixa deve ser breve, quando se limita a 200 caracteres no primeiro contato de solicitação de consulta online, a terapia proposta é breve, inclusive circunscrita a um número aproximado de sessões, as explicações precisam ser breves, a fala dos interlocutores que participam do web-programa também são cobradas a se constituir com base nessa condição. O breve nos remete à informação, em detrimento do conhecimento – que pressupõe uma interação ilimitada e duradoura, pressupõe tempo de reflexão, apropriação e reelaboração – e aos processos experimentais, ao invés das práticas já estabelecidas. A brevidade também facilita a fluidez, os acessos múltiplos e a amplificação das redes interacionais, que nos chega como importante produção do processo de mediação.

Outra ação frequentemente desempenhada por Tessari é a hierarquização que opera em dois sentidos: do campo das práticas “psi”, no qual coloca a Psicologia e, mais especificamente, sua abordagem, no topo, conforme já expusemos e; de si mesma frente a outros profissionais de Psicologia, como acontece na seleção dos depoimentos, no destaque de seus atributos profissionais, nas falas em programas de televisão e ainda nos textos divulgados em seu site, como o que está disponível para acesso no link [Psicólogo serve pra que?](#), do qual transcrevemos um fragmento:

*Afinal, Psicólogo serve para que?*

Tenho ouvido muitas vezes, em meu consultório, pessoas que já se consultaram com outros colegas dizendo que não adiantou nada o tratamento feito com eles. Elas chegam reticentes, desconfiadas e só estão no consultório porque um médico insistiu para que elas façam o tratamento ou porque já não aguentam mais o seu sofrimento, embora venham com muita desconfiança e dúvidas, achando que estão perdendo tempo e dinheiro e que aquele “blábláblá” não vai resolver absolutamente nada.

Como em toda e qualquer profissão, existem psicólogos mal formados e despreparados que nem sabem direito como lidar com um paciente e que só sabem ouvir, sem falar absolutamente nada, até por uma questão de insegurança comum a qualquer profissional em início de carreira de falar/fazer algo que possa, de alguma maneira, vir a prejudicar o paciente: na dúvida, é melhor não dizer nada mesmo!

Mas daí a dizer que psicólogos não servem para nada, existe uma grande diferença!!

Psicólogos existem para ajudar pessoas a encontrar os caminhos para a solução de seus

problemas que elas por si mesmas não conseguem enxergar sozinhas! Se o carro quebra, você vai rapidinho procurar um mecânico! Por que passar anos tentando e errando para resolver um problema emocional se você pode contar com a ajuda de um(a) psicólogo(a), um profissional capacitado a ajudá-lo a encontrar a solução? Por que insistir em manter-se envolvido por uma “neblina” densa que o impede de enxergar os caminhos para resolver o seu problema e continuar sofrendo?

Para um tratamento psicológico dar certo, você precisa conhecer o profissional, sentir-se bem ao lado do profissional que você escolher e, principalmente, confiar. É preciso saber da experiência desse profissional, quanto tempo ele(a) tem de atuação, que tipo de trabalho ele(a) realiza, quais os resultados do seu trabalho e, principalmente, conhecer outras pessoas que fizeram acompanhamento com ele(a).

Existem várias linhas de trabalho em Psicologia, que nada mais são do que formas e técnicas específicas de atuação. Em outras palavras, poderia dizer que são caminhos diversos que acabam levando ao mesmo lugar. As linhas mais comuns de atuação do psicólogo são a psicanalítica, a rogeriana, a existencialista, a behaviorista, a cognitiva-comportamental, etc.

Atualmente, a linha comportamental-cognitiva é uma das técnicas que traz resultados positivos no menor tempo possível, ao contrário da psicanálise, uma técnica que traz resultados apenas a longo prazo. [...].

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id122.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id122.html)

Dessa construção apontada, outras duas se desdobram. São elas, a construção de uma imagem de si que a profissional intenta nas ações empreendidas no seio do dispositivo, como já expusemos anteriormente e, por fim, o discurso de fidelização de clientes, fazendo com que eles transitem pelos vários fazeres tessarianos publicizados no espaço do site. Em seu web-programa, a profissional incita os interlocutores a serem os primeiros, exalta a participação repetida em diferentes programas, entre outras ações de reconhecimento e fidelização de seus clientes. No site, o mesmo se processa na oferta de um caminho a ser percorrido por entre a diversidade de material ofertado como forma de mais estar informado, melhor saber lidar com os sofrimentos e a psicoterapia aparece como o ápice do processo, sendo os sujeitos continuamente convidados a experienciá-la a cada novo acesso pelo qual transita no site.

#### **4.6 O funcionamento do dispositivo interacional tessariano**

Todos os elementos discutidos ao longo deste capítulo estão intrinsecamente articulados a fim de fazer funcionar o dispositivo tessariano como uma prática interacional em torno de questões psicológicas, seja em uma perspectiva educativa e informativa, como anunciada pela moderadora na página inicial de seu site, seja a partir de uma proposta de consulta midiaticizada, como sugerem algumas ações possibilitadas no espaço em discussão, como, por exemplo, o atendimento psicológico mediado por

tecnologias de comunicação à distância. Esse funcionamento apresenta especificidades que nos levam a assumí-lo como objeto de transformação da consulta e tais especificidades é o que ambicionamos trabalhar no decorrer deste tópico.

Embora Tessari se afirme – muitas vezes prioritariamente através dos não ditos – com uma proposta de “difundir a importância da terapia”<sup>108</sup> e busque transitar na ambiência midiática pautada nas regulamentações canônicas de sua profissão, as adaptações que a profissional precisa – e admite – empreender a sua prática para fazê-la funcionar nesse espaço findam por imprimir deformações às fronteiras e regularidades da Psicologia, fato que resulta na modificação dos fazeres propostos, dos saberes nesse espaço constituídos e dos participantes da relação interacional que então se delineia sob a ótica da transformação imposta. Isso produz sentidos de invenção que repercutem na episteme da ideia de consulta. Quais os sentidos de invenção e as afetações dirigidas à consulta necessitam ser bem problematizadas para que possamos alcançar percepções sobre nossa problemática de pesquisa.

Quando se propõe como uma ação complementar à prática canônica, o dispositivo tessariano afirma a intenção de extrapolar os limites de tal prática, embora permaneça nela referenciado. A expressão “complementar”, segundo o dicionário Aurélio (COMPLEMENTAR, 1992), diz respeito a algo que serve como complemento, que completa. Disso podemos supor que um fazer complementar é aquele que oferta elementos de acréscimo ao lugar de origem. Isso bem o faz a moderadora ao longo de sua construção, em movimento contínuo de aproximação e distanciamento do saber original, ao longo das várias gradações entre a proposta educativa e informativa e a proposta de consulta.

Um relevante ponto de aproximação vislumbrado no fazer consulta no dispositivo em análise é a garantia do sigilo, prescrito pelo Código de Ética do psicólogo e que, como informado, é um direito do cliente. Tal aproximação demonstra que Tessari procura desenvolver uma prática fielmente pautada em todas as regulamentações do conselho de sua profissão e do código de ética profissional do psicólogo. Paradoxalmente, esse mesmo sigilo que lastreia a proposta tessariana nos referentes clássicos de sua profissão também figura como um viés de distanciamento da tradicionalidade psicológica característica, na medida em que, pela inserção da consulta no espaço da rede, – embora com uma parcela de acesso privado – as condições de

---

<sup>108</sup> Trecho retirado da página inicial do site “Ajudaemocional.com”, acessado em setembro de 2012. ([www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com), acesso em 13 de setembro de 2014).

sigilo precisam ser redefinidas, passando, além da relação cliente-terapeuta, também pela instrumentalidade técnica, como fica notório nas recomendações apresentadas a partir do link Consulta online, nos tópicos “Desvantagens do atendimento online” e “Evite que suas informações sejam vistas por outras pessoas”:

Pode não ser uma comunicação totalmente segura: é preciso tomar alguns cuidados para preservar o sigilo com programa anti-vírus atualizado e manter ativado o firewall do sistema operacional;  
(...)  
Cuidado ao usar computadores públicos;  
Desative a opção de salvar senhas no computador e não compartilhe suas senhas com nenhuma pessoa;  
Desative a opção ‘salvar histórico’ dos programas de mensagens instantâneas como MSN, Google Talk, ICQ, Yahoo Messenger, Skype, etc...

FONTE: [www.ajudaemocional.tripod.com/id571.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id571.html)

Outros pontos de aproximação e distanciamento dos referentes canônicos são continuamente percebidos no dispositivo em discussão como elementos que pautam a produção das enunciações coletivas que lastreiam a inserção do dispositivo nas práticas sociais, fazendo-o funcionar. Tais enunciações coletivas produzem sentidos. Esses sentidos, porém, não são coletivamente partilhados, na medida em que a compreensão de sentidos passa pelo atravessamento de múltiplos vetores dentre os quais o indivíduo que o produz singularmente é apenas um deles.

O caráter singular dos sentidos produzidos está articulado à gestação de coisas e significações que sempre escapam ao instituído, seja ao saber psicológico instituído, seja ao funcionamento pensado para o dispositivo, seja aos sentidos que se constituem nas entrelinhas dos não-ditos, entre outros aspectos que também nos escapam e conferem ao dispositivo o potencial de criação de sempre outras coisas, o reflexo do devir capaz de nele insurgir. O devir outro que pode desse espaço brotar faz funcionar o dispositivo, a interação, a comunicação, as práticas sociais e produz deslocamentos em cada um desses elementos, exemplificando a lógica da deambulação e do deslocamento de processos que intentamos alcançar por alguns ângulos no decorrer deste capítulo.

## 5 A PSICOLOGIA NO PROGRAMA “CASOS DE FAMÍLIA”

O Programa “Casos de Família” é um *talk show* apresentado pela jornalista Christina Rocha que está no ar no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) desde o dia 18 de março de 2004. Inicialmente comandado por Regina Volpato, no ano de 2009 Christina Rocha se tornou apresentadora do programa que ficou conhecido como novo “Casos de Família”. Durante o período de 2010 a 2012<sup>109</sup>, o programa foi exibido diariamente, de segunda à sexta, das 17hs às 18hs<sup>110</sup> e registrou a vice-liderança de audiência do horário. Em uma reprodução adaptada do *talk show* peruano “Monica”, “Casos de Família” retrata o drama privado de famílias<sup>111</sup> de classes populares, selecionadas pela equipe do programa, que sai às ruas da periferia de São Paulo em busca de exemplares dos temas pautados em reunião. Os escolhidos assinam um termo de compromisso afirmando a veracidade dos fatos relatados e pela participação recebem um cachê (GOMES, 2007).

Além dos convidados selecionados a expor seus conflitos de ordem pessoal para serem debatidos no espaço televisivo, o programa conta também com a participação de público no auditório. A apresentadora enuncia a temática do dia, convida os participantes ao palco e media as acirradas discussões frente às quais o programa se organiza e que, em sua maioria, têm início já na entrada em cena dos convidados<sup>112</sup>. Em torno do assunto diretriz, geralmente são abordados por programa dois, três ou quatro casos<sup>113</sup> distintos, ou seja, duas, três ou quatro famílias que levam seus conflitos para serem discutidos com a apresentadora, o auditório e um profissional de Psicologia que compõe o quadro do “Casos de Família”. Tudo isso sob o testemunho de ampla audiência.

As interações no palco se processam de modo difuso e em múltiplos direcionamentos: o núcleo envolvido em cada caso interage entre si; a platéia, algumas vezes a convite da apresentadora e outras sob o comando de um animador de auditório,

---

<sup>109</sup> Período de recorte de nosso objeto de estudo.

<sup>110</sup> O programa sofreu alteração de horário, das 17hs para as 16hs e atualmente é exibido às segundas-feiras e quartas-feiras às 23hs.

<sup>111</sup> Veremos posteriormente a construção de família empreendida pelo programa, que diverge do modelo privativo moderno.

<sup>112</sup> Desse modo Christina Rocha nomeia os participantes selecionados para o programa.

<sup>113</sup> Embora se trate de exemplares de exibições do Programa em discussão, vamos adotar o termo “casos” para garantir a fidelidade à terminologia assumida pela atração e que inclusive a nomeia como “Casos de Família”.

interage com os envolvidos nos dramas familiares, com a apresentadora e com o(a) psicólogo(a). Christina Rocha coordena a tessitura da rede comunicativa e, gradualmente, oferece novos elementos para intensificar o debate acalorado entre os convidados e um profissional de Psicologia, que pode ser Anahy D’amico ou Ildo Rosa da Fonseca, emite um parecer perito sobre os casos e a temática, através de comentários, opiniões e exemplos que costumam finalizar o programa como uma síntese analítica dos casos do dia.

Além dessa cadeia interacional estabelecida nos limites da cena, o programa em estudo prossegue com interações fora de cena que também compõe o dispositivo. Isso se processa em sua *web page* ([www.sbt.com.br/casosdefamilia/programa](http://www.sbt.com.br/casosdefamilia/programa)) que se encontra no site da emissora que o comercializa ([www.sbt.com.br](http://www.sbt.com.br)). Nesse espaço é possível observar algumas lógicas de montagem do dispositivo, elementos de constituição da ante-sala, acessar programas que já foram ao ar, saber sobre a apresentadora e os temas que serão tratados, se inscrever para participar do programa, obter informações sobre o “Casos de Família” – essa possibilidade interacional que envolve o saber sistematizado sobre o dispositivo só está disponível no site – e ainda fazer e/ou acessar comentários sobre o material exibido. Na *web page*, o programa é descrito como:

[...] baseado nos conflitos interpessoais que acontecem entre membros da mesma família, vizinhos e até no ambiente de trabalho. Os problemas do cotidiano de qualquer família podem ser abordados, independentemente da classe social. (...). As experiências narradas pelos convidados no **Casos de Família** são sempre verdadeiras. A alma do programa é a credibilidade que ele tem entre os telespectadores e público em geral.

FONTE: [www.sbt.com.br/casosdefamilia](http://www.sbt.com.br/casosdefamilia)

A complementaridade estabelecida entre as mídias – tevê e internet – que veiculam o programa promove uma ampliação da circulação endógena do dispositivo, fato que corrobora empiricamente a postulação de Ferreira (2013, p. 6), quando diz que “os dispositivos televisivos e de redes digitais têm um ao outro como seu ambiente, e cada um tem seus processos de interação endógenos”. Além dessa modalidade de circulação, envolve o “Casos de Família” também uma circulação externa, na medida em que o programa reverbera por espaços que o ultrapassam como Orkut<sup>114</sup> e Facebook,

<sup>114</sup> No Orkut são encontradas várias comunidades sobre Anahy D’amico e o Programa “Casos de Família”, a exemplo de “Adoro a Doutora Anahy D’amico”, “Eu amo a Dra. Anahy D’amico”, “Eu odeio a dra. Anahy D’Amico” e alguns perfis como usuária da psicóloga do programa. Também há

a exemplo do perfil “Fala Anahy D’amico”, e as incidências e afetações que ele produz junto ao grande público, formado pelo auditório somado a toda audiência televisiva do mesmo.

Os modos de interação promovidos pela circulação externa ao dispositivo, ou seja, o circuito constituído após a emissão de mensagem e que sobre ela retroage talvez seja o que mais possa nos auxiliar na construção de olhar sobre a transformação na episteme da consulta decorrente da inserção da Psicologia como saber agenciado na formação de dispositivos interacionais tentativos na sociedade em acelerado processo de midiaticização. Lembramos que é essa transformação da ideia de consulta das causas “psi” que nos interessa enquanto objeto. O Programa “Casos de Família” figura apenas como a ambiência – tal qual a internet para Tessari ou a coluna de especialistas no jornal para Goldin – em que essa prática se processa. Desse modo, nosso olhar não se volta apenas para o programa, mas para as operações enunciativas em torno da Psicologia que ele produz ao assumir como critério de diferenciação e qualificação a participação de psicólogos, como expresso em sua página de apresentação no site:

“Esses anônimos revelam suas histórias e abrem suas vidas supervisionados pela psicóloga Anahy D’amico<sup>115</sup>. “Esse é o único programa do gênero que tem um psicólogo”, explica a apresentadora Christina Rocha.<sup>116</sup>

FONTE: [www.sbt.com.br/casosdefamilia](http://www.sbt.com.br/casosdefamilia)

Embora no trecho acima somente Anahy D’amico esteja referida como psicóloga do programa, até o mês de abril de 2011 o também psicólogo Ildo Rosa da Fonseca compôs o “Casos de Família” e, junto com D’amico – em edições distintas – figurava como uma “fala perita” que supervisiona e discorre, a partir do acionamento da Psicologia, sobre os casos apresentados e que buscam no programa um lugar para tratar os déficits comunicacionais causadores de problemas de relacionamento de distintas modalidades.

---

comunidades sobre Ildo Rosa da Fonseca e sobre a apresentadora Christina Rocha. Para o nosso estudo, porém, nos interessa a participação no programa dos profissionais de Psicologia e, mais especificamente, D’amico, por estar presente no mesmo durante todo o recorte temporal de nossa pesquisa, oferecendo maior riqueza de dados do que Ildo Rosa da Fonseca.

<sup>115</sup> Somente Anahy D’Amico aparece mencionada no comentário da apresentadora ao site, pois à época do acesso ao mesmo – mês de setembro de 2012 – o psicólogo Ildo Rosa da Fonseca já não fazia parte do quadro de pessoal do “Casos de Família”.

<sup>116</sup> Trecho retirado do site [www.sbt.br/casosdefamilia](http://www.sbt.br/casosdefamilia), acessado em setembro de 2012.

Psicóloga contratada do programa, Anahy D'amico é terapeuta sexual e de adolescente e família e está no “Casos de Família” desde o ano de 2008 (o novo “Casos de Família” data de 2009 e nosso recorte tem início em 2010). Além da participação no programa, a psicóloga trabalha em consultório e ministra palestras. Sua participação no dispositivo em estudo ocorre através de análise e discussão dos casos expostos, que comumente se dá por meio de breves intervenções durante as apresentações dos casos e no fechamento do programa, quando a profissional costuma fazer comentários dirigidos prioritariamente ao público sobre o tema exibido no dia. A psicóloga acompanha os casos exibidos e, ao final, é convidada pela apresentadora a falar sobre eles. Sua fala é geralmente generalista, não se centra em especificidades dos casos e também não se priva de expressões como “eu acho”, “eu senti”, “eu percebi”, “na minha opinião”, frente às quais o público comumente se manifesta em concordância ou discordância, através do fórum do programa na *web page* e em outras mídias como a página no Facebook.

Assim como D'amico, Ildo Rosa da Fonseca é psicólogo e foi consultor do programa “Casos de Família” até abril de 2011, quando se afastou por tempo indeterminado. Tem vasta experiência profissional como comunicador nas mídias rádio, televisão e internet. Possui uma página na web, que pode ser acessada pelo endereço [www.ildorosafonseca.com.br](http://www.ildorosafonseca.com.br). Embora não esteja mais participando do “Casos de Família”, as intervenções de Fonseca no programa compõem também o nosso corpus, pois o recorte estabelecido vai do ano de 2010 ao ano de 2012 e nesse ínterim, muitos episódios contam com a participação do psicólogo. A participação de Fonseca se dá por meio de ações e intervenções bem próximas às já descritas com D'amico, de modo a inserir nesse espaço uma voz perita de orientação e credibilidade.

Os participantes do programa são pessoas comuns que aceitam voluntariamente, embora recebendo cachê, ir a um programa de tevê para expor seus dramas da vida real e lamentações particulares para entretenimento, julgamento e prescrição pública. Tais dramas e lamentações sempre giram em torno de temas polêmicos, muitos dos quais da ordem de relacionamentos – com familiares, com vizinhos e no trabalho são os mais frequentes – e da sexualidade. Nessa participação, os sujeitos espetacularizam suas questões de foro íntimo, lançando-as em debate ajuizado pela opinião pública<sup>117</sup>. Desse

---

<sup>117</sup> Percebemos com isso uma busca por deliberação do tipo mediadora em torno da qual se organiza o programa. Tal fato remete a um componente ético-jurídico que o atravessa e o caracteriza quando pessoas em conflito se organizam em duas partes para discutir uma questão e buscar um juízo externo.

modo, o programa em discussão, como tantos outros que buscam audiência na exposição da intimidade, edifica sua proposta. Como bem expõe Fischer (2002, p. 155-156):

Na TV, intermitentemente, confessa-se a intimidade, confessam-se erros, desejos, mínimos detalhes de nossa sexualidade. Da mesma forma, é nesse lugar que somos convidados a expor as nossas culpas, a recebermos dos apresentadores ou dos locutores verdadeiras “lições de moral”, exemplos de vida, da reflexão sobre o vivido, da auto-avaliação, da auto-decifração, da auto-transformação.

As ações descritas por Fischer parecem bem falar do “Casos de Família” que, seguindo essa linha, se estrutura entre a lamúria publicizada, a produção de acontecimentos jornalísticos e as conjecturas academicistas do saber psicológico na construção de modos de enunciar conflitos e questões psicossociais segundo uma formulação caricata que se aproxima, segundo Freire Filho, Castellano e Fraga (2008, p.13) da “simulação ligeira de consultório emocional ou terapia de grupo, que evoca, nos instantes de maior distensão, fofocas partilhadas num almoço entre amigas”.

Nesse contexto, são abordadas em rede nacional reclamações mútuas entre sujeitos, em que os envolvidos em determinados dramas e desajustes concordam em pôr em circulação suas questões pessoais, críticas, desavenças e/ou disfunções. Vislumbramos aí a constituição de um circuito muito peculiar que encontra na mídia um modo de funcionar. Estamos nos referindo ao bem conhecido “circuito da fofoca”, que não é uma novidade da sociedade em midiatização. Tais acontecimentos desde muito tempo já eram assistidos em cenários públicos, como as praças medievais. Talvez, nesse contexto atual, um traço que lhe seja acrescentado seja a maior facilidade de fluir e de adentrar em maior vastidão de espaços. Não se trata, com essa ação, simplesmente de transpor conteúdos de ordem íntima ao lugar público. Temos aí um circuito em funcionamento e condições que permitem sua existência e que fazem circular em espaços como a tevê emoções, sentimentos e relacionamentos que tradicionalmente deveriam ocupar, conforme Freire Filho, Castellano e Fraga (2008), o ambiente doméstico, o confessionário religioso ou o consultório terapêutico, ou ainda, a nosso ver, os grupos de convivência que melhor caracterizam a sociedade contemporânea.

Ao olhar para o programa em análise, não demoramos a perceber a produção de um gênero que se situa entre o melodrama clássico e o sensacionalismo grotesco. Nem novela mexicana, tampouco noticiário policial. O “Casos de Família” prima pela

exibição dos dramas emocionais e afetivos – algumas vezes também dramas sociais que, quando aparecem, são rapidamente descentrados dessa dimensão e realocados como questões individuais e subjetivas – dos homens do povo incorporados na tevê para se fazerem vistos como retrato de uma realidade por muitos vivenciada. Os temas exibidos são generalistas e, segundo a *web page* do programa, giram em torno de questões como: amizade, brigas em família, casamento, comportamento, dinheiro, drogas, emprego, estilo de vida, filhos, homens e mulheres, música, namoro, sexo e vizinhos. Embora de interesse comum, as formas de abordagem – condições de fala – delineiam o endereçamento, como discutiremos em tópico posterior. A polêmica marca as condições de fala e acreditamos ser ela um dos traços mais característicos do programa. Ela começa já no modo de enunciação da temática do dia, uma espécie de título do programa, como exemplificamos: “Esse urubu não nasceu no mesmo ninho que eu” (2012) e “O seu amor vale coisa nenhuma” (2012).

A polêmica não se limita apenas à enunciação. Em contrário, o título somente antecipa o teor do conteúdo ofertado à audiência. Essa característica transpassa a apresentação da temática, a discussão encenada, o tratamento conferido pela apresentadora e também a participação dos profissionais de Psicologia que compõem o quadro fixo do programa e são apresentados como o seu diferencial. Com esse traço, o programa inventa outras estratégias de promover os dramas pessoais – em uma abordagem distinta da melodramática – e mostrar “a vida como ela” sem recorrer ao realismo grotesco. Vejamos como isso se processa na edição do dia 31 de agosto de 2010, com o tema: “Se não me aceita, me respeita” e que contou com a participação de Anahy D’amico. Dois casos foram levados a público: o primeiro, o caso de Alexandre, um rapaz de 20 anos, homoafetivo, que declara que desde pequeno gosta de brincar de bonecas, assume sua orientação homoafetiva e solicita aceitação da família.

Vamos utilizar o caso do Alexandre ao longo do capítulo para exemplificar os vários atravessamentos, elementos constituintes e funcionamento do programa em questão que põe em jogo um tensionamento do fazer consulta “psi” nos parâmetros da mediatização. Com isso, a cada tópico que formos desenvolvendo, vamos oferecer novos aspectos do caso selecionado<sup>118</sup>. Alexandre então é “o caso” da vez. As reclamantes são Roseli, sua mãe, e Maria Aparecida, a avó. Ambas se sentem constrangidas com o comportamento do rapaz e afirmam não acreditar em sua

---

<sup>118</sup> A seleção do caso foi aleatória, assumindo como único critério garantir a representatividade das regularidades observadas.

orientação sexual socialmente não normativa. Completando o elenco do caso, também Fernanda é convidada, ela é uma amiga de Alexandre que o defende, embora o ache infantil por ainda brincar de bonecas.

No decorrer de um bloco, o caso é discutido entre as pessoas envolvidas sob a mediação da apresentadora do programa e com interações do auditório com aplausos, vaias, expressões e gestos de contestação, entre outras. Nesse dia, dois casos foram exibidos e somente após a exposição dos dois, a psicóloga, com seu saber perito, assume o protagonismo da fala. Vem à cena a Psicologia acionada por D'amico segundo as prescrições e formatações do espaço televisivo, acrescido das características do programa no qual se insere. Em momentos anteriores, algumas vezes durante a exibição do caso de Alexandre, a psicóloga é mostrada fazendo anotações ou observando atentamente o que se passa. Quando convidada a falar, assim discorre sobre o caso em questão:

[...]. A mesma coisa pro Alexandre, sabe? Você quer o respeito da sua mãe, da sua vó, eu acho que você também tem que respeitar no seguinte sentido: toda a sua vida você soube que você era diferente e que você era homossexual. Elas não. Então não adianta de um dia pro outro você querer que elas engulam, que elas aceitem. Às vezes a pessoa tem dificuldade, então vá com calma porque isso pra você não é novo mas é pra elas, né? Pode falar, 'ah, como é que nunca viu?' Às vezes a pessoa não quer ver, não está preparada pra ver. Elas vão ver na hora certa, do jeito delas, como elas conseguirem. Então tem que haver respeito, quem quer respeito tem que dar respeito. (SE NÃO ME ACEITA, ME RESPEITA, 2010).

Em um misto de aconselhamento e acionamento de uma perspectiva do campo psicológico, em breves interlocuções, D'amico – no caso específico – e Fonseca põem em funcionamento a Psicologia no espaço televisivo. Os profissionais são convidados a falar segundo condições daí decorrentes que pautam os modos como esse campo de saber é convocado e enunciado. Com isso, produzem um dispositivo interacional em torno da Psicologia que finda por tensionar os referentes de consulta, embora o que os profissionais desenvolvam como proposta não seja a clássica consulta psicoterapêutica, mas um aconselhamento psicológico, que é uma modalidade de intervenção clínica específica dos profissionais de Psicologia e que difere da psicoterapia, segundo Teixeira e Trindade (2000), por se constituir como uma prática situacional e centrada na resolução de problemas, com foco no presente. Além disso, o aconselhamento

psicológico possui duração mais curta, sendo mais orientado para estratégias de ação do que para a reflexão acerca dos problemas e ainda objetivando a mudança frente a situações de sofrimento psicológico. Os autores mencionados assim definem essa modalidade de intervenção psicológica:

o aconselhamento psicológico (counselling) é uma relação de ajuda que visa facilitar uma adaptação mais satisfatória do sujeito à situação em que se encontra e otimizar os seus recursos pessoais em termos de autoconhecimento, auto-ajuda e autonomia. A finalidade principal é promover o bem-estar psicológico e a autonomia pessoal no confronto com as dificuldades e os problemas. (TRINDADE; TEIXEIRA, 2000, p. 3).

Desse modo, se destina a questões de circunscrição mais pontual e específica, como é o caso da resolução de problemas, do processo de tomada de decisões, do confronto com crises pessoais, da melhoria das relações interpessoais, da promoção do autoconhecimento e da autonomia pessoal, do carácter psicológico da intervenção centrada em sentimentos, pensamentos, percepções e conflitos e da facilitação da mudança de comportamentos. Em ações como essas, o psicólogo não dá conselhos, tampouco prescrever condutas. Contrariamente, faz uso de suas competências técnicas específicas para direcionar o consulente a lidar de modo mais eficaz com as dificuldades de sua vida. Isso pode acontecer em diferentes espaços, a exemplo do sistema de saúde (Centros de Saúde, hospitais, maternidades), de empresas (serviços de saúde ocupacional), de serviços e centros de reabilitação e de organizações comunitárias, como pontuam os autores em discussão. Além disso, como observamos, o aconselhamento psicológico vem se propagando também na ambiência midiática e suas características e modos de lidar com as questões “psi” parecem melhor se adequar as características e condições de funcionamento do espaço midiático.

No exercício de escuta e acolhimento das preocupações e sofrimentos com fins de promoção do bem estar psicológico que envolve autoconhecimento e autonomia, a relação clínica no aconselhamento envolve diferentes componentes, como enunciam Trindade e Teixeira (2000), a saber: o componente ajuda, para lidar com as dificuldades e tomar decisões; o componente pedagógico, que diz respeito a explicações e transmissão de informações e; o componente apoio, de suporte emocional e promoção de autonomia pessoal. Apesar desses traços comuns que definem o aconselhamento, essa prática, assim como o tradicional fazer consulta, acontece sob diferentes

perspectivas teóricas, a exemplo das teorias psicodinâmicas, humanistas, cognitivo-comportamentais, fenomenológico-existenciais, construtivistas, sistêmicas, entre outras. São competências básicas do psicólogo que exerce o aconselhamento, a empatia e a reflexão. Seguindo as diretrizes aqui sucintamente expostas, o aconselhamento envolve três fases sucessivas, conforme Trindade e Teixeira (2000, p.10). São elas:

*-Exploração do problema* – No contexto da relação clínica de aconselhamento é facilitada no sujeito uma atitude de exploração do problema, que permita a sua identificação e caracterização a partir do seu próprio ponto de vista, bem como a focalização em preocupações específicas que eventualmente estejam presentes. Esta fase exige escuta activa, com compreensão empática, aceitação positiva incondicional, frequentemente parafraseando, reflectindo sentimentos, sumarizando, focalizando e ajudando o utente a ser específico

*-Nova compreensão do problema* – Trata-se de ajudar o sujeito a ver-se a si próprio e a situação em que se encontra numa nova perspectiva e de focalizar naquilo que poderá ser feito para lidar mais eficazmente com o problema. Nesta altura, o sujeito geralmente também tem que ser ajudado a identificar os seus recursos pessoais e extra-pessoais. Esta fase exige mais especificamente a utilização da compreensão empática, transmissão de informação, ajuda para que o sujeito reconheça sentimentos, temas, inconsistências e padrões de comportamento e, finalmente, a delimitação de objectivos a atingir

*-Acção* – Trata-se de facilitar ao sujeito a consideração das possíveis formas de agir, a avaliação dos seus custos e consequências, a construção dum plano de acção e a forma de implementá-lo. Isto implica focalizar na resolução de problemas, pensamento criativo e processo de tomada de decisão.

A inserção do aconselhamento psicológico no espaço televisivo imprime afetações ao saber envolvido que flexibilizam seus aspectos canónicos – no caso, os psicólogos do “Casos de Família” flexibilizam bem mais quando comparados com os fazeres gestados por Tessari e por Goldin – e abrem a possibilidade de construções outras àquelas regularmente estabelecidas. Tais construções, atravessadas pelo referente televisivo, oferecem outras formas de acesso à instituição psicológica, assim como produzem diferentes enunciações e representações coletivas a respeito da mesma. Essas enunciações e representações coletivas reverberam em circuitos que extrapolam o que foi produzido – as falas específicas de D’amico ou Fonseca – e perpetuam seu funcionamento no âmbito dos receptores, que interagem com o saber, dele se apropriam, contestam, ressignificam, produzem novos agenciamentos, entre tantas ações possíveis que também geram incidências que confrontam a prática psicológica e transformam a episteme da consulta.

Como argumenta Ronsini (2008, p.20), “a atividade do receptor abrange uma variedade de posturas que se estendem da contestação ao acolhimento das representações efetuadas na instância da produção”. Isso bem acontece com o conteúdo psicológico em circulação no dispositivo interacional gestado no âmbito do Programa “Casos de Família”, tornando-o particularmente distinto dos demais dispositivos abordados. Mais do que isso, o processo e o funcionamento no programa pedem essa variação de posições entre os componentes da recepção.

O aspecto de distinção se encontra no fato de que o dispositivo interacional “psi” aqui analisado não se instaura nos limites endógenos do programa de tevê, mas nas interações em contramão que ele produz – como a recepção o faz funcionar. Por esse motivo, embora não estejamos trabalhando em uma abordagem multiperspectivística, questões de produção – informes oficiais divulgados pelo SBT e matérias publicadas na imprensa – e recepção – textos veiculados por fãs, anti-fãs e espectadores em sites, blogs, páginas de relacionamento na *web* – nos interessam enquanto complementaridade que faz funcionar a transformação das práticas em torno do fazer consulta. Esse fato nos faz enxergar, no caso em questão, a importância da pós-produção, que estamos chamando de pós-sala, como elemento constituinte do dispositivo em análise. Desse modo, neste capítulo trabalharemos, além dos aspectos prévios, também os posteriores como lugar onde se passa a experimentação.

## **5.1 A captura da intimidade como recurso interacional**

Importante característica da sociedade contemporânea é o destaque que a imagem e a visibilidade adquirem. A construção dessa realidade tem início no século XIX, quando o surgimento da fotografia inicia a retratação de um mundo passível de ser organizado pelo visível. No final do mesmo século, o cinema contribui para dar visibilidade à retratação do mundo e dos fatos sociais, disseminando assim o interesse pela cultura do audiovisual, que se intensifica em meados do século XX com o surgimento e a progressiva popularização da televisão. Por esse meio, o mundo e a vida se tornam inteligíveis. Presente em aproximadamente 90% dos lares brasileiros, a televisão atualmente media o acesso dos sujeitos à vida social e ainda oferece referentes

para ele próprio se constituir, na medida em que figura como importante vetor de subjetivação na contemporaneidade.

Ao figurar desse modo, a televisão instaura outra estética de existência, quando os referentes de um mundo que migra para o audiovisual suplantam os modernos referentes da escrita. Assim, a relação com o saber, com a informação, com a política, com a cultura e com a intimidade é pautada pela imagem, pelo visível. O mundo hoje se dá como imagem, na medida em que tal instância, no século XX, passa a ocupar “o lugar mais honroso na comunicação social, a partir do qual se estabelece quase a totalidade das relações humanas, situação ainda mais marcante na entrada do século XXI, com a digitalização de nossas vidas” (KLEIN, A., 2007, p. 81). Isso implica que uma série de redefinições estruturais da sociedade circunda em torno da imagem. Nesse movimento, o acesso às instituições, aos locais e às pessoas, em sua dimensão mais privada, se dá pela imagem.

Ao mesmo tempo em que o mundo passa a ser retratado, as pessoas passam a demandar seu retrato e, do mesmo modo, a quererem elas próprias serem retratadas. Em consonância com essa prática social emergente, a televisão convoca ao seu espaço a intimidade, o privado, o secreto e, concomitantemente, saberes que dessas categorias possam se ocupar, como a Psicanálise e a Psicologia. Sobre a primeira, já falamos em capítulo anterior de sua difusão na mídia. Em momento paralelo, também a Psicologia é vista como importante ambiência para dizer sobre a subjetividade e suas causas afins. Embora essa construção tenha se iniciado ainda na década de 1960, propagou-se amplamente de modo que podemos considerar a atualidade como um momento particular de presença da subjetividade na mídia. Segundo Bruno (2009, p. 110), tal situação:

Encontra um de seus indícios mais expressivos na crescente exposição de uma chamada intimidade, de uma chamada vida privada ou privacidade no âmbito dos meios de comunicação. E, no interior dessas práticas, encontramos certa proliferação de narrativas autobiográficas, tanto na mídia de massa (televisão) quanto no mercado editorial, no cinema documentário, na internet, através de blogs confessionais, de fotologs, que colocam imagens e cenas da vida cotidiana e da vida “privada”.

Exemplo do que afirma a autora são as constantes vidas comuns, banais e vazias que, em busca de visibilidade, espetacularizam seus dramas pessoais e mazelas sociais

no espaço midiático, assumindo-o, muitas vezes, como transformações dos confessionários, das casas, dos consultórios de psicólogos e psicanalistas, os quais foram institucionalizados como lugares do segredo e do íntimo. Ao migrarem as intimidades para tais espaços, Bruno (2009) argumenta que os sujeitos o fazem em busca de uma autenticidade, um reconhecimento, uma validade, uma dignidade, hoje procurada como um simulacro, na medida em que se abdica dos aspectos mais puros de intimidade, autenticidade e reconhecimento, desconectando-os de seus sentidos originários e fazendo-os ressurgir como uma imagem da coisa, um efeito de sentido construído no paradoxo de sua desconstrução. Isso bem o fazem os programas de auditório – percussores dos *realitys shows* – e os próprios *realitys shows*, apontados por Bruno (2009, p. 109) como “absolutamente sintomático em relação à cultura e ao estado de coisas que dizem respeito tanto à mídia quanto à subjetividade”. Mais que isso, na especificidade de nosso observável, parece haver, além da busca de validade, autenticidade e reconhecimento acima apontados por Bruno (2009), também uma busca por “ter razão”.

Tais programas, tanto os *realitys shows* quanto os *talk shows* semelhantes ao “Casos de Família”, se constroem como espécies de espetáculos que supostamente fazem ver a realidade como ela é. Essa ação é bem marcada no programa que estamos trabalhando quando ele enfatiza, através de sua *web page*, que “as experiências narradas pelos convidados no “Casos de Família” são sempre verídicas. A alma do programa é a credibilidade que ele tem entre os telespectadores e o público em geral”<sup>119</sup>. A intimidade que vai ao ar, porém, longe de ser autêntica, é encenada, montada de modo a afirmar sua realidade. As pessoas que se mostram nesses espaços não mostram a si mesmas. Como explicita Bruno (2009, p. 111-113):

Elas estão atuando, encenando uma determinada personalidade, uma determinada autenticidade, um determinado caráter, que só faz sentido naquele universo. [...]. Então encena-se ali um modelo, constrói-se um tipo de linguagem que trabalha com o embaralhamento entre o real e o ficcional e com a ideia de auto-encenação. As pessoas são indivíduos que encenam a si próprios, e isso supõe uma mudança muito grande no estatuto dessa realidade e também no estatuto do espetáculo; no estatuto da realidade porque, como eu disse, essa auto-encenação e essa auto-realidade só valem naquele universo. É real não porque aquilo é verdadeiro, porque aquilo representa algo fora dali, mas é real porque é ali fabricado, e sua validade é dada naquele espaço.

---

<sup>119</sup> Trecho retirado da *web page* do programa ([www.sbt.com.br/casosdefamilia/programa](http://www.sbt.com.br/casosdefamilia/programa)). Acesso em agosto de 2012.

Além da percepção da autora, acrescentamos ainda que, nos espaços em discussão, essa auto-encenação, por acontecer em lugares próprios a isso e a partir de regras que a solicitam, passa a saltar à vista, ou seja, as encenações de papel que cada sujeito desempenha no seu cotidiano são, em ambiências como o programa em discussão, apropriadas e teatralizadas, produzindo assim efeitos de realidade e de intimidade. No “Casos de Família”, uma série de elementos de montagem de cena são utilizados na produção desse efeito de realidade e de intimidade, de modo a constituir o que Bruno (2009) denomina efeito de realidade, efeito de verdade ou ainda efeito de intimidade, ou seja, elaborações que colocam em jogo os sentidos de realidade, na medida em que passam a concebê-la como uma performance em torno do real. Tal performance, por sua vez, figura, segundo a autora, como efeito do dispositivo de exposição da “realidade”. Nele também a intimidade assume o lugar de efeito, na relação com os sentidos que então passa a disseminar, que não se relacionam com o segredo, com qualquer construção prévia ou inquietações. Ao contrário, a intimidade é edificada no tempo imediato de sua exposição, “é uma intimidade que vai sendo efetivada, construída naquela narrativa, no decorrer da narrativa, pelos leitores” (BRUNO, 2009, p. 117), intimidade sem interioridade que paradoxalmente se legitima ao se mostrar, na própria exposição e, por isso mesmo, se reforça.

Nesse ponto, encontramos importante elemento de distinção entre os modos como Goldin e o programa em análise circunscrevem a noção de realidade. Para trazer à tona conteúdos mais íntimos e recatados e sobre eles melhor refletir, o analista propõe, na coluna “Vida Íntima”, a construção de uma realidade fictícia que, embora pautada na vida narrada por seus clientes, dela se distingue por seus modos de enunciação. Por sua vez, o Programa “Casos de Família” se vale dos recursos possíveis para aproximar ao máximo o conteúdo veiculado aos referentes de um suposto mundo real. As pessoas se mostram, se caracterizam e portam coisas para afirmar um modelo de real que ultrapassa a própria realidade, a ponto de tornar-se impossível de existir da forma como retratada.

Tal afirmação pode ser vislumbrada no programa de 28 de novembro de 2012, intitulado “Você nasceu ganso, mas virou cisne!”. Nesse dia são tratados dois casos: 1- o caso de Hector, um “gay<sup>120</sup>” reclamado pelo irmão Washington, que se queixa de sua

---

<sup>120</sup> Apesar do termo não ser politicamente correto, estamos utilizando para reproduzir o modo como a homoafetividade é falada no programa em questão.

homoafetividade e que é defendido por uma amiga travesti chamada Ariane; 2- o segundo caso é o de Felipe, também “gay”. Sua mãe diz que o filho é “gay” e o apoia e Andressa, sua amiga, nega a orientação sexual de Felipe. O protagonista do primeiro caso entra em cena com um figurino de gênero indefinido, em determinado momento samba no palco requebrando de modo culturalmente identificado como feminino, o irmão do primeiro reclamado fica irritado, levanta da cadeira, ameaça bater nas pessoas que o contrariam, reforçando o estereótipo “machão”. Em diferentes momentos acontecem princípios de desentendimentos e ameaças de agressão física, seguidas da entrada em cena dos seguranças do programa. Em determinada ocasião, a apresentadora convida todos a se ajoelharem, toca um sino e músicas gregorianas e ela simula um oração falando sobre suas dificuldades em conduzir o programa, em uma estereotipia tosca de um momento de oração. Quando o segundo protagonista entra em cena, junto com ele entra também um homem fantasiado de bailarina, com um bico de pato e ao som do balé “Lago dos Cisnes”. Após a encenação, o auditório grita repetidamente “Tu é gay, tu é gay que eu sei”. Se alternam cenas de ameaça e de agressão e cantos gregorianos frente aos quais todos se ajoelham, conferindo ao programa do dia um caráter grotesco de produção de uma realidade ficcional.

Em ações como essas, constitui-se o que Jean Baudrillard (1991) chama de hiper-real. Isso acontece quando os convidados ao programa surgem em cena fantasiados ou travestidos, portam objetos estereotipados como bonecas, roupas cor de rosa, animais como porcos, entre tantas outras caricaturas expostas, varrem o palco, limpam cadeiras, como no programa exibido em 16 de fevereiro de 2010, cujo tema foi “Você não precisa de dinheiro para emagrecer”, que levou à cena queixas em torno da obesidade e, como forma de apontar soluções, nesse episódio o profissional de Psicologia foi substituído por uma especialista em atividades físicas, que orientou os convidados sobre modos de realizar tais atividades em seus fazeres domésticos. Desse modo, reproduziu cenas do dia-a-dia das mulheres convidadas e de muitas outras espectadoras, gerando um efeito de realidade. A partir dessas formas de retratação, o aspecto de realidade intentado se aproxima dos limites da ficção, como bem observado no “Casos de Família”, entre tantos aspectos, na transformação dos sujeitos que oferecem corpo a personagens previamente pensados no entremeio da vida real e das obras de ficção que, como argumenta Bruno (2009, p. 117), são “ficções capazes apenas de inventar um eu absolutamente privado, absolutamente individualizado”.

A separação entre realidade e ficção que no programa exemplificado, assim como nos *realitys shows*, aparenta se diluir tradicionalmente foi bem delimitada nos meios de comunicação de ampla audiência, como o rádio e a televisão, a partir de especificações pré-formatadas de que a realidade é objeto do jornalismo e da informação, enquanto a ficção deve se reservar a filmes, a novelas, à dramaturgia. Entre os dois pólos, os programas de “entretenimento e informação”, a exemplo de programas de auditório e entrevistas, como esclarece Maria de Fátima Nassif (2009, p. 327), que afirma:

No entanto, a delimitação entre a qualidade desses espaços e seus conteúdos é tênue e só aparentemente verdadeira. Com frequência cada vez maior, elementos de realidade e ficção são apresentados de forma misturada, ou, pior, um se apresenta travestido do outro.

Como um misto de ficção e realidade a privacidade é transposta para o lugar comum, os substitutos da *Ágora* grega e das praças públicas. Nesse movimento migratório, uma característica lhe marca: o paradoxo da construção íntima no espaço público. Isso nos remete a importante aspecto da sociedade contemporânea que é a dissolução das fronteiras entre o público e o privado. O espaço público, em uma cultura da visibilidade, se configura cada vez mais como o lugar de exposição de questões particulares e o limite entre os dois domínios passa a figurar impreciso. Essa esfera privada que se forja no espaço público, contudo, aponta para uma problematização conceitual, ao passo em que, enquanto efeito de privacidade, somente advém à existência sob o olhar atento de ampla audiência e isso tensiona as características e traços constituintes da privacidade. É o que acontece nos *realitys shows* e nos programas de auditório que se ocupam da vida particular de muitos.

Nesses programas, os sujeitos ofertam suas querelas à apreciação *voyeurista* de uma sociedade que legitima a retratação da intimidade em cenários como os *realitys shows* e espetáculos afins (KILPP, 2008), como o Programa “Casos de Família” é um exemplo paradigmático. Essa perspectiva de Kilpp (2008) viabiliza afirmarmos que não é a televisão, por uma demanda que lhe seja interna, que adota como pauta a exposição da vida “privada”. Diferentemente, as práticas sociais e o dispositivo de mídia se complementam na correspondência entre demanda e oferta. Tanto quanto as pessoas desejam se ocuparem com o olhar panóptico, em igual proporção a tevê faz a elas chegar o exibicionismo espetacularizado das questões de foro íntimo. Temos então dois

movimentos constituindo o cenário: os atores que espetacularizam a própria vida e o público audiente com sua sede *voyeur* por adentrar na dimensão mais íntima da vida do outro.

Para fazer a mediação entre atores que se espetacularizam e público interessado na intimidade alheia, aparece um novo elemento, que é a Psicologia, que também se publiciza para falar tanto da intimidade exibida quando das razões relativas ao desejo de olhar. Esse saber perito nas coisas íntimas e subjetivas ainda confere autenticidade, legitimidade e diferencial aos espaços onde se insere, como ocorre no Programa “Casos de Família”, que se vangloria por ser o único programa do gênero que conta com profissionais de Psicologia, conforme já dissemos.

## 5.2 A Psicologia entre o exibicionismo e o *voyeurismo*

Como técnica legítima de exposição explicativa e legitimadora da intimidade nas mídias de ampla audiência, a Psicologia, a Psicanálise, a Psiquiatria e as áreas afins são conclamadas a discorrer em tal ambiência sobre as razões dos comportamentos e eventos sociais, bem como os modos de funcionamento da mente e do sujeito. Para isso, comumente se valem de artifícios enunciativos pautados em estruturas gerais e amplamente partilhadas, capazes de serem compreendidas facilmente e postas em funcionamento pelo senso-comum que delas se apropria e repõe em circulação. Como prática social explicativa de realidades e interioridades, a Psicologia aparece no Programa “Casos de Família”, sendo acionada por D’amico ou Fonseca. Esses profissionais, em consonância com os recursos utilizados pelos programas do gênero para captar audiência, se valem de técnicas de confissão para convocar os aspectos mais íntimos dos convidados à cena.

A confissão pública, por sua vez, há muito povoa a programação televisiva, adentrando em distintas formatações de programas, como são exemplos “De frente com Gabi<sup>121</sup>”, o quadro “Arquivo confidencial<sup>122</sup>” do “Domingão do Faustão” e também o

---

<sup>121</sup> “De frente com Gabi” é um programa de entrevista apresentado pela jornalista Marília Gabriela e que vai ao ar pelo SBT aos domingos às 00hs. O programa se caracteriza como um misto de conversa e embate intelectual entre a apresentadora e seu convidado(a). Na *web page* do programa, é assim apresentado: “**Marília Gabriela** recebe no **De Frente com Gabi** grandes nomes e trata de assunto de interesse nacional. [...]. No cenário do programa, apenas um fundo preto, duas cadeiras e uma bancada de

Programa “Casos de Família”. Esse processo teve início após os anos sessenta, com a valorização do entretenimento, do prazer e da subjetividade incorporada à programação televisiva, quando, segundo Maurício (2008, p.10), surgiram novos formatos que “misturavam os debates dos assuntos sérios, encontrados residualmente em certos programas, ao debate mais ligado ao prazer e à subjetividade, elemento emergente na cultura televisiva”. Foi quando o SBT veiculou o primeiro *talk show* da tevê brasileira, o “Jô Soares Onze e meia” que, em 1988, inaugurou a programação pautada no olho-no-olho e na personalização dos sujeitos na televisão, valorizando assim as técnicas de confissão.

No entanto, de distintas formas a confissão é requerida e construída e os modos como é produzida dizem muito do perfil do programa e do público ao qual se dirige. Quem exhibe sua intimidade à Marília Gabriela não são os mesmos sujeitos surpreendidos por Fausto Silva no “Arquivo Confidencial”, embora nos dois casos o confidente seja uma pessoa pública. No “Casos de Família”, por sua vez, as pessoas são desconhecidos captados nas periferias de São Paulo para, em troca de R\$ 80,00<sup>123</sup>, abrirem as portas de suas vidas. No entanto, não interessa ao programa, tampouco à audiência, a vida mesma desses anônimos, mas sim seus problemas jocosamente retratados, com ênfase no embate que eles podem promover. Para isso, a apresentadora gradualmente apimenta os debates no palco, trazendo sempre novos elementos, enquanto os psicólogos são chamados a mediar e explicar os conflitos, como acontece no programa que foi ao ar em 31 de agosto de 2010, que teve a participação de D’amico.

Com o tema: “Se não me aceita, me respeita”, o programa abordou dois casos, o primeiro deles, o já referido caso de Alexandre e, em seguida, o segundo caso do dia, que discutiu a vida íntima de Kelly, uma adolescente de 16 anos que passou por algumas mudanças de comportamento e reivindica que a mãe a respeite em suas escolhas. A mãe, uma senhora que reclama da mudança de Kelly, que já não é mais sua amiga. Compõem ainda o grupo de queixosos uma amiga da “filha problema” que vai depor contra ela e Jeferson, amigo de Kelly e participante a seu favor, em discordância da queixa apresentada.

---

acrílico, a fim de que apenas o entrevistado e a entrevistadora prendam a atenção do telespectador durante uma hora de informação e entretenimento da melhor qualidade” ([www.sbt.com.br/defrentecomgabi](http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi)).

<sup>122</sup> “Arquivo Confidencial” é um quadro do Programa “Domingão do Faustão” em que o apresentador recebe convidados famosos e os surpreende com depoimentos de pessoas de seus círculos de relacionamentos – familiares, amigos, antigos conhecidos – de modo a tornar público acontecimentos antes desconhecidos por muitos da vida das celebridades.

<sup>123</sup> Valor do cachê aos participantes até o ano de 2012, segundo o SBT.

Jeferson entra em cena com um figurino composto por vestimentas pitorescas e um poodle pintado de cor de rosa no colo, ilustrando a produção de personagens que, como discutimos acima, intentam evocar uma hiper-realidade. Para fazê-lo, utilizam recursos de composição de figurino que caracterizam previamente a personagem, de modo a produzir comunicação baseada no visível e, desse modo, levar a público uma relação com a personagem através da imagem construída. Uma espécie de imagem que suplanta as possibilidades de dizer, que por si só consegue comunicar mais que as narrativas em torno dela. O visível figura como importante não dito que comunica estereotípias em torno de modos de ser como forma de colocar uma sobre ênfase no efeito de realidade ficcionalmente retratada.

Após a apresentação dos convidados a falar sobre a adolescente, Christina Rocha escuta o grupo queixoso. Em seguida, chama Kelly ao palco. Surge uma adolescente de estilo peculiar e semelhante ao de seu amigo, a quem a apresentadora contextualiza na discussão e passa a palavra. Integram esse caso – e também o anterior, de Alexandre – reclamações em mão dupla: das famílias que discordam dos comportamentos dos protagonistas e eles, por sua vez, que apelam por respeito a suas escolhas. Há um grau de concordância recíproca de que existe um problema e ambas as partes se mostram dispostas a resolvê-lo. A disponibilidade inicialmente se concretiza nos atos de acusações mútuas e, quem sabe, na esperança de resultado, mesmo que esse resultado seja um julgamento favorável proferido pelo meritíssimo público.

O lugar eleito para abordar as questões de natureza doméstica é o palco televisionado que se constitui como uma espécie de simulação estereotipada de uma sessão terapêutica grupal e que oferece um mediador especializado nos assuntos retratados. É aí que, na sequência, outra personagem do programa é convidada a intervir: a psicóloga Anahy D'amico. Sua primeira intervenção se faz dirigida à adolescente, quando, durante a discussão em torno de seu caso, a psicóloga profere:

Sabe, eu acho que a primeira dica de que você, Kelly, realmente não respeita a sua mãe é o seu amigo Jeferson, porque enquanto a sua mãe falava, você ficou, Jeferson, fazendo caras e bocas meio que tirando sarro da mãe dela. Isso é muito desrespeito, sabe? E quando a gente permite que um amigo desrespeite a mãe da gente, Kelly, é porque a gente também não respeita, sabe? Então, eu acho teu estilo uma graça, você é uma bonequinha, mas a sua mãe, você tá exigindo respeito. Você falou assim: 'a minha mãe não me aceita como eu sou'. Quem quer respeito tem que se fazer respeitar e tem que respeitar os outros também. Tá tudo errado! (SE NÃO ME ACEITA, ME RESPEITA, 2010).

Depois da intervenção de D'amico, a palavra volta para Kelly e os demais envolvidos em sua causa. O debate prossegue até que outros elementos aparecem quando a mãe de Kelly fala sobre sua separação conjugal e a relação da garota com o pai. Frente aos indícios daí inferidos, novamente a psicóloga se pronuncia:

<p>Eu não sei, realmente você levantou um ponto importante sobre o pai.          Talvez, a impressão que dá, Kelly, é que talvez você culpe a sua mãe pelo fato de seu pai ter saído de casa, apesar que deve ter sido problema de infidelidade, me parece, né? Mas eu não sei se você era mimada, eu não sei se seu pai era tudo e agora você, como se a sua mãe tivesse privado você de seu pai,          mas isso é uma coisa que você tem que conversar com seu ex-marido, que vocês tem que se acertarem, sabe, ter diálogo pra ver como vocês vão enfrentar essa situação que você tá passando. Eu não acredito em vítima. Não tem vítima. Ela só faz isso porque você permite, né? O Jeferson fala com você de igual pra igual porque você obviamente permite, né? E ela vai ficar cada vez mais rebelde, vai te chantagear, né, e essa coisa pode acabar realmente mal. Acho que você tem que conversar com seu ex-marido, chamar a Kelly e adotar uma linha de comportamento. (SE NÃO ME ACEITA, ME RESPEITA, 2010).</p>	<p><b>DIRIGINDO-SE À MÃE</b></p> <p><b>DIRIGINDO-SE À KELLY</b></p> <p><b>DIRIGINDO-SE À MÃE</b></p>
---	--

Em momento posterior do capítulo discutiremos os endereçamentos, porém, na fala da profissional acima referida os identificamos para ilustrar como se processam as interações durante seu ato interventivo. Pontuamos ainda o caráter inferencial da intervenção da psicóloga. De uma situação de tensão de posicionamentos a respeito de determinado assunto, ela colhe alguns indícios nas falas dos debatentes, constrói suas hipóteses – e assume o caráter hipotético quando afirma: “eu não sei se você era mimada, eu não sei se seu pai era tudo” –, aciona implicitamente teorias para emitir um parecer – ainda parcial, nesse momento – e estabelece prescrições. Vamos retomar a mesma fala supracitada, só que agora entrecortada, de modo a identificar cada uma de suas composições que acabamos de apontar nas ações comunicacionais empreendidas por D'amico:

<p>[...] realmente você levantou um ponto importante sobre o pai.          Talvez, a impressão que dá, Kelly, é que talvez você culpe a sua mãe pelo fato de seu pai ter saído de casa.          Eu não acredito em vítima. Não tem vítima. Ela só faz isso</p>	<p><b>REFERE INDÍCIOS</b></p> <p><b>APRESENTA HIPÓTESE</b></p> <p><b>REALIZA ACIONAMENTO</b></p>
---	--

<p>porque você permite, né? O Jeferson fala com você de igual pra igual porque você obviamente permite, né? E ela vai ficar cada vez mais rebelde, vai te chantagear, né, e essa coisa pode acabar realmente mal.</p> <p>Acho que você tem que conversar com seu ex-marido, chamar a Kelly e adotar uma linha de comportamento. (SE NÃO ME ACEITA, ME RESPEITA, 2010).</p>	<p><b>TEÓRICO/PARECER</b></p> <p><b>OFERECE PRESCRIÇÕES</b></p>
--	--

A relação com o pai se torna foco da discussão e quando Kelly fala a respeito, D'amico intervém com a seguinte interrogação dirigida à mãe da garota: “Mas sabe uma curiosidade que eu tenho? Por que ela não quis ir com o pai?” Bem mais que uma questão de esclarecimento, a pergunta aponta para uma intervenção terapêutica; uma pontuação no sentido de marcar a necessidade de construir um significado a respeito do conteúdo selecionado. A profissional pinçou um aspecto minimizado em importância pelos envolvidos no conflito, enxergou nele o potencial organizador da questão geral e recolocou-o em pauta, agora com a importância que ela julgou o aspecto merecer. Há nessa incisão prática um novo acionamento teórico implícito.

O caso prossegue no âmbito da discussão de auditório, até que chega o momento do parecer final da perita sobre o tema. Na exibição do dia, a psicóloga optou por se dirigir individualmente a cada um dos protagonistas, para, somente no encerramento de sua fala, generalizar a questão. Vejamos:

Mas Kelly, sabe o que acontece? Eu acho que você, Kelly, pode fazer diferente. Se você quer brigar por um novo estilo de vida ou um novo visual, você tá indo pelo caminho errado. Você pode ir com jeitinho, você pode ir respeitando a sua mãe. **Sabe, é muito mais fácil a gente fazer a coisa numa boa do que fazer batendo de frente ou desrespeitando, entristecendo.** Aí ela vai ficar mais linha dura, vai pegar mais no seu pé, é um tipo de comportamento que só vai piorar aquilo que você tá querendo. A gente conquista as coisas que a gente quer, a gente não vai na marra. (SE NÃO ME ACEITA, ME RESPEITA, 2010).

O aconselhamento prossegue para Alexandre, porém, como já citamos no início do capítulo, a ação empreendida é bem semelhante a que está destinada à Kelly e, por isso, optamos por não repeti-la. No trecho transcrito podemos identificar um fazer analítico-prescritivo por parte da terapeuta bem próximo ao empreendido por Goldin em seu dispositivo estudado. Assim como o analista, D'amico também envolve acionamentos teóricos implícitos em suas análises prescritivas. Tal ação realizada nos parece uma tentativa de contribuição para a remediação das desavenças familiares

permeada por afinidades com a sensibilidade terapêutica, pelos referentes da auto-ajuda e ainda por uma pitada de bom-senso organizado. Desse modo, a nosso ver, D'amico subverte a lógica supostamente adotada até sua fala e possivelmente dela esperada: abdica até certo ponto de emitir julgamentos condenatórios ou de inocência, embora não se acanhe em apontar erros cometidos pelas partes envolvidas na situação. Também implica reclamantes e reclamados em suas parcelas de responsabilidade e assume uma postura mediadora que se pauta na legitimidade do politicamente correto.

Embora direcionada a cada um dos protagonistas, como dito acima, a fala de D'amico parece mostrar-se válida a qualquer pessoa que se depare com situação parecida. As palavras são individualizadas, as prescrições, contrariamente, universalizadas, assim como universalizadas são as emoções suscitadas. Outro aspecto de endereçamento aqui se mostra: a busca por equivalência entre os problemas exibidos e os problemas do público audiente. Estabelecida essa equivalência, cada membro do público se beneficia da abordagem das disfunções alheias e se institui como audiência certa. Para que assim se proceda, as enunciações psicológicas operam uma articulação entre o individual e o coletivo, na medida em que conseguem articular o cotidiano e as querelas dos convidados com as vivências de um grupo social mais amplo (FECHINE, 2007).

O outro profissional de Psicologia do “Casos de Família” faz funcionar seu saber de formação no espaço em que se insere de modo bastante próximo ao desempenhado por D'amico. Acreditamos que essa proximidade se dê em virtude das exigências da ambiência mesma que estabelece regras acerca do que deve ser feito. Os profissionais nela falam sob certas condições. Não é uma fala livre, mas pautada em um roteiro que tem como fim último atender às expectativas de audiência. Apesar disso, algumas diferenças advindas do conhecimento tácito marcam os fazeres de cada um dos psicólogos do programa. Vejamos como Fonseca põe no jogo a Psicologia no programa que foi veiculado em 15 de fevereiro de 2010, com o tema “Vocês precisam me aceitar”. Nele são abordados dois casos, o de Simone e o de Robson. Os dois protagonistas são homossexuais e se queixam de familiares que não os aceitam. No caso de Simone, a cunhada e, no caso de Robson, uma tia. Além de reclamantes e reclamados, a parceira de Simone e a irmã de Robson também compõem a cena. Tudo se desenrola sob a mediação da apresentadora que expõe cada uma das situações, faz perguntas, realiza esclarecimentos ao público, emite opiniões e dá alguns pequenos sermões nos reclamados, em uma espécie de “lição de moral” a partir de seu julgamento

peçoal sobre o assunto em debate. O auditório participa ativamente com perguntas, opiniões e julgamentos. Também participantes de um caso opinam no outro. No último bloco do programa, Fonseca é convidado pela apresentadora a falar e assim procede:

Acho que a relação aí da Simone e da Tamires, em momento algum me passa que vocês possam ter uma postura tão vulgar, tão exposta, tão deselegante assim quanto você percebe, Patrícia. O que me passa da sua postura é que como você não aceita nem o fato, qualquer contato que elas venham ter pra você chega como uma violência, pra você chega como desrespeito, é a sua interpretação, eu não vejo isso como um fato. Eu leio isso como a sua interpretação, seu incômodo, seu mal-estar. Quanto às crianças, na condição de mãe e responsável pela formação de seus filhos, que eu espero que não seja uma formação preconceituosa, aí sim você tem toda autoridade pra explicar pra criança que existem as diferenças, que as diferenças devem ser respeitadas, que a tia é legal, que a tia tem caráter, a tia tem princípio, que a tia Tamires, porque a família vai se assumindo... que a tia Tamires se respeita também, porque senão você vai ter dificuldade com seus filhos, tá bom? Acho que a fala do Robson, uma coisa que eu mais gostei, Robson, quando você diz “eu sou homem”. Eu li essa sua fala no sentido do caráter, da dignidade, da hombridade e num sentido muito maior que o da sexualidade ou da expressão da sexualidade e pra Marilene, eu fiquei me perguntando o tempo todo que dia que você decidiu ser mulher, que dia que você escolheu ser mulher. E outra coisa, a gente não deve terceirizar aquilo que é difícil pra nós. Você diz: “Deus não criou os homossexuais, Deus não criou os gays”. Como é que você sabe disso? É melhor você dizer assim: “Eu não sei lidar com essa situação”. Fica mais elegante, mais real, porque a gente não sabe essa coisa se Deus criou ou não. A gente sabe que as pessoas nascem com uma condição. A gente não escolhe sexualidade, a gente vive a sexualidade que se expressa em cada um. E é muito ruim quando tem alguém que a gente respeita, que nos olha como se fossemos menos, que nos trata como se fossemos menos. Talvez você possa passar isso em outra condição, por ter menos dinheiro, porque o preconceito não se expressa não só na sexualidade, é na condição social... Então isso eu acho que é legal você repensar. A Amanda é gatíssima nas atitudes. A Amanda é uma princesinha, eu já tinha conversado com ela e ela consegue ter esse trânsito, que são cabeças muito diferentes, tá bom? (VOCÊS PRECISAM ME ACEITAR, 2010).

Apesar das diferenças de trajetórias já referidas, das distintas leituras entre os profissionais e das especificidades dos casos abordados, que demandam diferentes modos de condução e formação de perspectiva, a forma como Fonseca faz operar a Psicologia, assim como D’amico, se organiza a partir de hipóteses inferidas da fala dos convidados – embora o profissional afirme contato anterior com os participantes, fato que nos faz pensar também na montagem prévia de sua fala em semelhança a uma montagem de cena. Fonseca opina, prescreve, confronta os participantes, como faz com

Marilene, tia de Robson, antes de convidá-la à reflexão, faz críticas a alguns e elogios a outros – elogios por vezes bem informais, como quando se refere à Amanda, irmã de Robson, chamando-a de “gatíssima” e “princesinha” – e emite seu parecer perito em um acionamento difuso de seu saber de formação bem permeado pelo senso-comum organizado, inclusive nos aspectos de linguagem. Uma fala que bem poderia ser de um leigo a falar a partir de uma perspectiva de visão pautada no bom-senso. Esse misto de fala especialista e senso-comum parece ser uma marca abrangente do processo.

Um aspecto comum aos dois programas apresentados, tanto o que contou com a participação de D’amico como o que teve Fonseca em cena, é que ambos envolvem questões relativas à sexualidade. Como uma regularidade do “Casos de Família”, que será posteriormente melhor discutida, e dos outros dispositivos estudados que levam os saberes “psi” para a ambiência midiática, a sexualidade alheia parece desencadear amplo interesse público, sendo elemento indispensável nas ações de exibição de intimidade. Goldin pontuou esse fato em entrevista, ao dizer do interesse da mídia pelas questões de amor e sexo. Também Fischer (2002) enfatiza a predominância dessa temática na circulação midiática das questões íntimas quando afirma a quase impossibilidade de, nos espaços de mídia, deixar de falar dessas categorias.

No programa em foco, recorrentemente a sexualidade é abordada. Isso ocorre a partir de três ângulos principais<sup>124</sup>: 1- a afirmação de diferenças sexuais; 2- a requisição de expressão da sexualidade e; 3- a questão de gênero. O primeiro ângulo aparece comumente em casos nos quais os sujeitos vão ao palco afirmar a homoafetividade, já que, no contexto em discussão, a diferença é sempre construída como um desvio frente ao parâmetro de normatividade. Dentre outras edições, essa afirmação de diferenças sexuais aparece bem marcada no segundo caso do programa exibido em 28 de novembro de 2012, que envolve Felipe, um jovem que se afirma “gay”, sua mãe e uma amiga que nega a homoafetividade do protagonista que, ao mesmo tempo, vai ao programa para afirmá-la.

O segundo ângulo apontado é bem mostrado de dois modos mais ocorrentes: quando sujeitos que assumem a orientação sexual não normativa reivindicam respeito a suas escolhas, como acontece no caso de Alexandre, já exposto como primeiro exemplo, no caso de Simone, Tamires e Robson, também já referidos e em vários outros. Ocorre também quando mulheres são levadas a julgamento por recusarem recatar a sexualidade

---

<sup>124</sup> Nem sempre esses três ângulos diferidos aparecem separados. Algumas vezes eles se sobrepõem em um mesmo caso.

em consonância com os valores da tradicional sociedade patriarcal. É o que observamos no programa de 26 de novembro de 2012, cujo tema é “Minha filha é como cachorro: eu ponho pra fora mas ela sempre volta”. No primeiro caso conhecemos Paula, uma mãe solteira que vive sua juventude, frequenta festas, namora e não se preocupa com o julgamento dos outros. Compõem o caso também uma amiga da protagonista e sua mãe que, com base em discurso extremamente moralista, acusa a filha de devassa, desavergonhada, entre outros qualificativos dessa ordem. O segundo caso do dia é o de Samanta, reclamada por afirmar sua homoafetividade, que vai ao palco acompanhada da mãe – a reclamante – e de uma amiga. Por fim, o caso de Gracie, que a mãe acusa de “folgada” por não se render aos fazeres domésticos supostamente obrigatórios às mulheres e a avó a defende. Os três casos são assim sintetizados por D’amico, a psicóloga do dia:

Teve uma menina da plateia que disse: ‘deixa ela fazer as escolhas’. Eu acho que aqui o conflito é exatamente esse. Elas fizeram as escolhas e escolhas que as mães não concordam, né? Porque vai de encontro à educação que elas deram, uma educação mais conservadora. No primeiro e no segundo casos. O terceiro está mais diferente, mas, pelo menos nos dois primeiros casos, as mães são mais conservadoras, então as filhas fizeram outras escolhas na vida, né? Engravidou sem casar, aquela coisa toda; uma outra orientação sexual e uma vida mais moderna de chega, sai e volta dois dias depois. **Tem coisas que tem mães que têm dificuldade de digerir o tipo de vida que uma filha leva. É aí que o conflito se instala porque a filha, ao invés de fazer essa opção diferente de vida e levar sua vida, não. Volta pra casa.** No terceiro caso, eu não sei, né? [...]. (MINHA FILHA É COMO CACHORRO..., 2012).

A psicóloga prossegue em sua fala sobre o terceiro caso, porém, como ele é menos ilustrativo do que estamos tratando, optamos por transcrever somente até o trecho anterior e pontuar uma questão que nos parece sintetizar os modos de fala dos profissionais de Psicologia no programa em análise. Os sujeitos reclamados reivindicam o direito de viver sua sexualidade que confronta os modelos normativos estabelecidos socialmente. Isso envolve um assunto riquíssimo para reflexão e debate, para o qual o saber psicológico oferece importantes elementos de construção de perspectiva. A profissional que vai a público falar em nome desse saber, contudo, ignora o cerne da questão e superficialmente a aborda a partir de prescrições mediadoras e da redução da questão a um problema de relacionamento interpessoal passível de ser resolvido caso as reclamadas optem pelo “bom senso” de não voltar para casa. Ao voltar ou não voltar,

confrontar ou não o conservadorismo das mães, é restrita a discussão e apontadas possibilidades de solução. A proposta do programa não envolve a problematização de construções sociais de modelização de comportamentos, os preconceitos, a discriminação, o respeito à alteridade e tantas outras questões que atravessam os casos exibidos.

O terceiro ângulo, por sua vez, diz respeito às questões de gênero, que também se encontram mescladas nos casos acima discutidos e aparecem bastante na retratação e afirmação – corroborada pelos especialistas em Psicologia – de modos de ser homem, modos de ser mulher e no confronto a essas modelizações de gênero sintetizadas na figura dos travestis. Essas questões se expressam em múltiplos aspectos de abordagem, a começar por alguns temas, como “Eu posso porque sou homem”, do programa de 16 de julho de 2010.

A montagem de cena também presentifica muitas vezes essas questões, como pode ser visto no programa exibido em 16 de fevereiro de 2010, que, ao falar de formas de emagrecer para suas convidadas, oferece atividades domésticas como alternativa e ensina-as no palco a varrer, limpar móveis, etc. As questões de gênero são vislumbradas ainda nos ditos e não-ditos que perpassam o conteúdo veiculado, como exemplifica o programa levado ao ar em 18 de janeiro de 2012, intitulado “Tá brincando?! Isso aí é homem?”. O programa se organiza em torno de três travestis – Camila/Cleiton, Vanessa/Flávio, Penélope Jolie/João, respectivamente – e suas querelas em torno da orientação sexual. Nesse dia foi também convidada uma personalidade da internet, Luísa Marilac, também travesti que vai falar sobre suas experiências, necessidade de mudança de país, preconceito, desafios, crises e sofrimentos. A psicóloga do dia é D’amico, que assim se posiciona sobre os casos:

É porque eu acho que boa parte do preconceito se deve à ignorância, no sentido de ignorar o que acontece, o que é feio e tal. Mas eu acho que o preconceito nunca vai acabar e existe preconceito dentro do próprio meio. [...]. Eu acho assim, que realmente o preconceito existe mesmo dentro do meio hétero, homossexual. Eu acho que o ser humano tem assim uma coisa preconceituosa que fica muito evidente no caso do travesti. Esse preconceito que vocês sofrem é só uma variação do mesmo preconceito, né? [...]. É muito grave, é muito feio, é muito vergonhoso, mas existe e isso não dá pra negar, né? E eu queria só fazer aqui... desses homens que foi dito que procuram travesti realmente é porque eles devem se sentir menos mal achando que estão com... não ataca tanto, não agride tanto a heterossexualidade deles, o machismo deles, né verdade? Porque eles falam “ah, é uma fantasia, é um desejo, mas é tão difícil pra ele admitir isso, no caso

dos homens que procuram, que aí ele sai com mulher. Na cabeça dele, ele continua hétero. Ele atenua a culpa dele. Você viu o que Tiago falou? ‘Se eu tirar a barba e pôr uma peruca...’. Quer dizer, ele nem precisa ter formas feminina, mas se ele tiver a aparência e a ‘fecha’ de uma mulher, sabe, é uma mulher, ele tá saindo com uma mulher. Então é aquela coisa pra se enganar. Atenua a culpa e ele satisfaz o desejo e a fantasia dele. Mas eu queria só ressaltar alguns pontos, que a gente sempre fala as mesmas coisas, né? Eu entendo a família, essa coisa ‘eu quero que ele seja homem’. Maria, você vai ficar querendo, né? Não tem a menor possibilidade da gente ver a Vanessa pai de filho, como homem. Eu gostaria de ressaltar uma última coisa, porque eu acho que tudo que tinha que ser dito já foi, mas a gente sempre faz uma pergunta absurda pra família. Você preferia que seu filho fosse um assassino ou fosse um gay? Você preferia que seu filho fosse um traficante ou fosse um gay? Por que fazer uma comparação tão negativa, tão absurda? Por que a gente não pode simplesmente perguntar que direito a gente tem de fazer uma exigência dessa pra qualquer pessoa? [...]. (TÁ BRINCANDO?!..., 2012).

Dos modos expostos o programa em foco faz falar a Psicologia que, articulada à exibição das vidas comuns em um viés entre o cômico e o bizarro, proporciona entretenimento a sua audiência. Os modos de fala nesse espaço construído sintetizam as ações apresentadas de balizamento de questões sociais mais amplas para um centramento das mesmas no sujeito, psicologizando-os, como bem faz D’amico em sua enunciação acerca do preconceito acima transcrita.

Além de entretenimento, oferece ainda a possibilidade de um modelo de constituição de vocabulário e explicação sobre os problemas por transposição de vivências e encaminhamentos com base em uma proposta transformada de uma espécie de terapia focal. Além da construção tentativa de outros modos de abordagem das contendas familiares, as falas acima transcritas movimentam a Psicologia como no circuito particular gestado no espaço do sistema de relações estabelecidas a partir do Programa “Casos de Família”. Embora seja um elemento endógeno ao programa, somente quando o extrapola, o saber psicológico pode se constituir como um dispositivo interacional “psi”. Nos modos como circula externamente ao programa é que tal saber põe em funcionamento fazeres e enunciados que tensionam a consulta, apontando para sua possível transformação.

Claramente nem D’amico tampouco Fonseca fazem consulta. Contudo, ao produzirem enunciações resguardados na legitimidade e autenticidade que a Psicologia lhes confere, os profissionais findam por disseminar sentidos coletivos acerca do saber em questão e de sua prática que tensionam os referentes de Psicologia e de consulta “psi” nas práticas sociais. Esse fato é corroborado quando, em espaços de outras mídias,

sujeitos comentam falas, julgamentos, concordam ou criticam o que os profissionais levaram à cena, exigem retratações, entre outras coisas. Isso exemplifica o grau de dissolução a que o saber perito é conduzido, ao ponto de qualquer um – a apresentadora ou um audiente qualquer – considerar-se apto a confrontá-lo, questioná-lo ou corroborá-lo.

Exemplifica também como características da midiatização atravessam e movimentam essas construções. A desconstrução de fronteiras estabelecidas é um dos mais marcantes traços impressos pelo processo de midiatização às práticas sociais. Através dela, os vários campos se atravessam e os saberes se diluem entre os rizomáticos pólos que passam a constituí-lo. Com isso, se forma uma co-responsabilidade entre os participantes das produções midiatizadas<sup>125</sup> que, como vemos nos elementos exógenos – e também externos<sup>126</sup> – ao programa, legitima sujeitos leigos a questionarem a perícia dos especialistas em cena a partir de seus referentes de vida e até mesmo de construções advindas de achismos e opiniões pessoais que, com a mesma força que os campos constituídos, adentram a ambiência midiática. Tal afirmação é comumente vislumbrada em diversos programas televisivos nos quais um profissional discute determinado tema e participantes de diversas origens são chamados a concordar ou discordar, como acontece no “Encontro”, com Fátima Bernardes e “Na moral”, de Pedro Bial, ambos exibidos pela Rede Globo, o primeiro, nas manhãs de segunda-feira a sexta-feira e o segundo nas noites de quinta-feira.

Além dos aspectos já desenvolvidos, os profissionais em questão, através dos modos como narram os sujeitos e abordam seus conflitos e querelas, produzem uma concepção de sujeito psicológico que aponta para um tipo de subjetividade substancial e implica, conseqüentemente, no delineamento de fazeres que sobre ele incidem. A subjetividade substancial é uma forma de conceber essa instância como uma dimensão de natureza psicológica interior, como que uma característica inata dos homens que lhes confere a singularidade, diferenciando-os dos demais (XAVIER, 2009). É uma produção da Filosofia Moderna que marca os sujeitos com sua própria individualidade e, desse modo, desprestigia aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos, culturais, de linguagem, educacionais e tantos outros como implicados nos processos de

---

<sup>125</sup> Apesar de estarmos falando em sujeitos participantes do processo de midiatização, concebemos também que atravessamentos impessoais constituem o processo.

<sup>126</sup> Diferimos “exógeno” de “externo”. Um elemento exógeno ao dispositivo é aquele que é gestado no espaço externo ao mesmo, podendo circular tanto interna quanto externamente. Por sua vez, um elemento externo é aquele que circula fora do dispositivo, embora sua origem possa ser endógena ou exógena.

subjetivação. Esse viés é bem expresso no final da fala de D'amico no programa veiculado em 18 de janeiro de 2012, quando a apresentadora afirma:

[...]. Cada um é aquilo que quer, sabe? Cada um é aquilo que sente vontade de ser e a gente não tem esse poder. Então vamos parar com essa estória: você quer o quê, um monstro ou um gay? Gente, não tem cabimento uma coisa dessas, tá?! São seres humanos. (TÁ BRINCANDO?!..., 2012).

Essa concepção de subjetividade substancial é bem presente nas perspectivas de análise dos psicólogos que compõem o quadro do “Casos de Família”. Esses profissionais marcam os convidados com traços de individualidade que parecem a-históricos e a-temporais. Além disso, pautados no suposto ideal de individualidade iluminista, creditam aos queixosos a responsabilidade por seus problemas e ainda pelo êxito em solucioná-los, ocultando o fato de que muitos dos problemas que vão ao ar são engendrados em questões sociais e políticas principalmente. Um sujeito que reivindica ser aceito, como os protagonistas da última cena ilustrada, não está falando de uma questão subjetiva ou que nele se constitui. Ao contrário, está denunciando uma questão sócio-política e educacional que resulta em vivências de preconceito e desrespeito aos direitos básicos de todo ser humano. A solução para isso, longe de se centrar no sujeito, somente pode ser conquistada por meio de intervenções no âmbito da sociedade como um todo.

O viés reducionista de constituição de visão que exclui os fatores que não podem ser tratados no alcance de ação possível sobre o sujeito/do sujeito, talvez de forma não intencionada, finda por disseminar e naturalizar o preconceito, a perpetuação de relações de dominação de múltiplas ordens – nas relações econômicas, de gênero, de diferenças culturais, etc. – e a culpabilização de cada um por suas mazelas, legitimando os lugares sociais ocupados e isentando a sociedade da responsabilidade por suas práticas que afetam os sujeitos e produzem modos de vida. Como enuncia Fischer (2002, p. 157):

a transformação de nossas vidas em espetáculo está diretamente relacionada a uma série de preconceitos, a uma série de valores e de definições a respeito do que são, por exemplo, determinados grupos na sociedade: as mulheres, os negros, os pobres, os adolescentes de classe média, os trabalhadores, etc.

São esses os perfis dos convidados do “Casos de Família”. Um grande grupo populacional constituído como minoria social, muitas vezes excluídos e vítimas de preconceito por serem pobres, gordos, de orientação sexual não normativa, desempregados e desfavorecidos. A eles, o programa oferece a possibilidade de aparecer, ambição tão frequente de muitos e, ao mesmo tempo, tão restrita a poucos. Em uma sociedade que vive sob a égide da imagem, em que o aparecer se sobrepõe ao ter e ao ser, estar na tevê soa muitas vezes como um prêmio a que poucos terão acesso. Contudo, a sociedade contemporânea, que encontra suas raízes na moderna sociedade capitalista, perpetua ainda hoje o paradigma de normatização erguido a partir do homem universal, figura essa que retrata um modelo de homem afirmado a partir de um olhar social que finda por ocultar a constituição sócio-política desse modelo e afirmá-lo de forma naturalizada. Com isso, solapa as diferenças entre os sujeitos, tomando-as somente como critérios de valoração e hierarquização.

Ao homem não normativo, a sociedade moderna reservou um lugar marginal, como o fez com os loucos, os drogadícios, os doentes, os criminosos e os desviantes de todas as categorias que faziam ver as mazelas pessoais e sociais. Eram eles os deficientes de diversas ordens: físico-sensoriais e intelectuais, morais e sociais. A sociedade contemporânea movimentou esses lugares e deslocou os marginais para o lugar de excluídos, em um empreendimento paradoxal de, ao mesmo tempo, afastar ainda mais a possibilidade de normatização e evocar, por outro lado, a constituição de práticas de inclusão. Com base nesse movimento que elabora a ideia de compromisso social com o politicamente correto, esses grupos apartados de determinadas práticas sociais são convidados a nelas se fazerem representados. Assim, adentram os espaços de mídia e aparecem, por exemplo, na tevê. Porém, os modos como são mostrados trazem em si as cicatrizes da história de exclusão.

A tevê dá visibilidade a esses grupos sociais, no entanto, o aparecer acontece sob certas condições e em determinados espaços, em programas como o “Casos de Família”, por exemplo, que constrói toda uma tecnologia de enunciação das questões dessa ordem de forma a minimizar sua relevância e muitas vezes convertê-la em questões individuais. A clareza a esse respeito acontece quando nos perguntamos quem é mostrado no programa em análise e mais uma vez chegamos aos pobres, “gays”, travestidos, mulheres, gordos e improdutivos.

Sobre os modos como são mostrados, as estereotípias e jocosidade associadas dizem por si mesmas e, além disso, constroem lugares e conceituações sociais sobre

esses sujeitos, na medida em que o aparecer proporcionado na ambiência em questão, longe de ser uma exibição capaz de promover autonomia e gerar insurgências transformadoras das práticas sociais, figura como um aparecer cristalizador, constituinte de naturalizações e perpetuações das práticas há muito estabelecidas que findam por manter o *status quo*. Como argumenta Castellano (2012), em relação às práticas de auto-ajuda, mas que perfeitamente visualizamos nos aconselhamentos nos moldes realizados por D'amico e Fonseca:

Mais do que negar a dimensão social, [...] divulga modos específicos e adequados do sujeito na sociedade e padrões “saudáveis” de relacionamento com os outros, modos, a propósito, totalmente alinhados ao modelo de governamentalidade neoliberal, com suas noções de autonomia e de independência. (CASTELLANO, 2012, p. 4).

Nesse movimento, os psicólogos e seus modos de acionamento das teorias que sustentam suas formações desempenham um papel fundamental. A presença dos mesmos funciona como uma pontuação sobre qual viés da questão deve ser visto. A psicologização de construções sócio-antropológicas, de gênero, de classe, de orientação sexual reforça nossa percepção e encontra ainda instância de validação especializada. A exposição midiaticizada da privacidade e da intimidade que evoca as questões subjetivas, sobrevalorizando-as, e oculta os atravessamentos coletivos que as constituem funcionam então como uma importante operação de movimentação das práticas “psi” e que acreditamos ter muito a nos dizer sobre a constituição de interações em torno de tais práticas, bem como sobre o sujeito, ambos no cenário processual da midiaticização.

### **5.3 Elementos do dispositivo**

Este terceiro caso que assumimos como experiência de constituição de dispositivo interacional “psi” que tensiona os modos de fazer consulta apresenta uma relevante particularidade que é o fato de que o dispositivo mesmo de nosso interesse apenas tem seu funcionamento desencadeado no Programa “Casos de Família”. A produção das interações por ele promovidas se passa em espaço externo ao programa, quando as concepções postas em circulação sobre Psicologia alcançam os receptores, são reapropriadas, ressignificadas e relançadas, então transformadas, no jogo da

circulação. Desse modo, para entender a constituição desse dispositivo que assumimos como objeto de estudo, precisamos ampliar nossa perspectiva de análise para os elementos posteriores às enunciações da Psicologia no programa, incluindo entre os elementos que fazem funcionar o dispositivo, a pós-sala, juntamente com a ante-sala, a constituição de público e as regularidades, como fizemos com os demais dispositivos estudados.

Por ser apenas um dos aspectos retratados no “Casos de Família”, o saber psicológico precisa ser compreendido na articulação com as ações e funcionamento do programa como um todo, pois os modos como ele é constituído está em acordo com a proposta e as intencionalidades do lugar onde encontra-se imerso. Além disso, esse saber se constitui como um dos elementos do dispositivo interacional e do programa em discussão. Em determinados momentos, os elementos do dispositivo interacional tentado e do lugar onde ele é posto em funcionamento – o Programa “Casos de Família” – se confundem, em outros momentos diferem um pouco, no entanto, a incidência recíproca entre programa e dispositivo é uma importante característica que precisa ser considerada. Um pauta a constituição do outro, na medida em que, como já argumentamos, a partir do diferencial da fala psicológica é que o programa se organiza e, mesmo nas poucas edições em que nenhum dos dois psicólogos está em cena e não há a fala perita de finalização, podemos perceber traços de seu fazer nos não-ditos que vão ao ar, levando-nos a inferir que possivelmente esses profissionais também atuam na ante-sala, ou seja, na montagem do programa, como acontece nas edições de 01 de dezembro de 2011 e de 07 de dezembro de 2011.

No primeiro dia de dezembro de 2011, o programa aborda a questão da obesidade e traz como tema “Quem disse que tem que ser magra para ser gostosa?”. Nele são tratados quatro casos de mulheres gordas – e com caracterização que as deixam mais gordas ainda – e que os esposos afirmam gostar delas da forma que são. Em cada caso há ainda uma convidada magra que confronta as protagonistas e defende a beleza da mulher magra. As estereotípias são muitas e a apresentadora as incita insistentemente, perguntando quais apelidos as gordas dariam às magras, o que as magras pensam sobre as gordas e ainda promovendo confrontos entre maridos que defendem a obesidade de suas esposas e mulheres que se dizem fogosas e acusam os maridos de não corresponderem. As discussões são acirradas.

Há uma ação intensa de tensionamento dos padrões estéticos, seja pela obesidade, seja pela magreza, a partir de oposições binárias pautadas no dualismo belo x

não-belo, com constante evocação do bizarro nas encenações. Em nenhum momento, gordura ou magreza são exaltadas em detrimento uma do outra. Contrariamente, as duas são condenadas pelas estereotípias. Mesmo sem psicólogos em cena, as falas se constituem a partir de ações no sentido de uma psicologização dos sujeitos e culpabilização dos mesmos por suas aparências não normativas. Parece não haver nenhum interesse em discutir a beleza no âmbito da sociedade contemporânea, a questão da imagem, a aceitação das diferenças, o sentimento de desajuste e mal-estar frente às imposições e cobranças sociais. Ao contrário, há total desconsideração de questões sócio-antropológicas em prol da afirmação do sujeito psicologizado a partir de características que lhe marcam com sua própria singularidade. Para completar a estereotípias, o programa encerra com um desfile de lingerie para pessoas que se encontram acima do peso considerado normal.

No mesmo movimento em que a fala psicológica desenha o perfil do “Casos de Família”, independentemente de estar ou não em cena, também o programa pauta a fala psicológica, na medida em que ele dita as condições sob as quais ela acontece e delinea o público para quem ela vai expor. Como um elemento do programa – e do dispositivo interacional em discussão –, a Psicologia assume nos dois lugares funções muito específicas, como já expusemos algumas e exemplificamos outras por meio da edição veiculada em 30 de agosto de 2012, que sintetiza algumas dessas funções.

Na ocasião, são discutidas as dificuldades de relacionamento de Regina – primeiro caso – e Priscila – segundo caso – com os ex-maridos. Dramas, encenações, excesso de opiniões permeiam a edição que, ao final, traz o parecer de D’amico, como enunciado pela apresentadora do programa. Transcrevemos abaixo o que diz a profissional, seguida de algumas das funções empreendidas em sua fala:

<p>Na verdade, vocês não são nem amigos. Eu acho que daria pra vocês tentarem ser pelo menos, eu não diria amigos, mas terem uma convivência um pouquinho mais amistosa. [Um convidado contesta e D’amico volta-se a ele]. Por conta de tudo que você fez, né?  Então se encontrem o mínimo possível. Realmente o que sobrou de tudo isso é que você é pai dos filhos dela, né? Então se não dá nem pra ser amigo, então não é obrigado nem a ser amigo, não é verdade? Porque realmente ficou muita mágoa e mágoa faz muito mal, né?  Mas o ideal realmente é que vocês tenham uma relação no mínimo respeitosa.  Já no segundo caso, Priscila, eu acho que você tem... obviamente você tem que procurar alguém que goste de</p>	<p><b>LANÇA UM OLHAR EXTERNO AO CASO</b></p> <p><b>PRESCREVE</b></p> <p><b>CRIA MODELIZAÇÕES</b></p> <p><b>PRESCREVE</b></p>
---	--

<p>         você, mas o primeiro passo que você tem que dar é gostar de você mesma. É o primeiro passo. Eu acho que você deve sim procurar uma terapia.          Você deve ter aí um histórico que impede que você tenha uma auto-estima legal. Você casou menina. Não sei como é que foi tua infância, o que te leva a agir assim [...].          Eu acho que você precisa realmente se cuidar pra poder amar alguém por inteiro. Se você não se gostar, se você achar que é o homem que vai te fazer feliz, você tá ferrada. Vai acontecer de novo e de novo, porque não adianta você ser linda e maravilhosa se você está sempre na mão de alguém, se você precisa respirar o ar do outro, se você precisa saber o que ele tá pensando, entendeu? Você precisa tá inteira pra poder amar alguém, tá? Então eu acho que você deve sim procurar uma terapia pra poder ter uma relação bacana. (FALAR COM O MEU EX?..., 2012).       </p>	<p><b>IDENTIFICA PROBLEMAS</b></p> <p><b>PRESCREVE</b></p>
---	--

Sistematizamos na transcrição acima algumas das funções da Psicologia no espaço em questão: lança um olhar externo a cada caso, prescreve formas funcionais de posicionamentos diante da situação reclamada, cria modelos ideais de se portar frente aos problemas e identifica tais problemas. Essas ações dizem respeito ao que a Psicologia faz no programa de tevê em discussão. Além dessas funções, de modo difuso, a fala da psicóloga traz em seus não-ditos outras funções da Psicologia que operam tanto no espaço do programa quanto no dispositivo interacional nele gestado. Tais funções podem ser assim identificadas: acionamento de teorias instituídas para compreensão das vivências cotidianas; ação pedagógica-explicativa; produção de modos de ser; mediação de conflito ou, de modo mais geral, oferta especializada de soluções para problemas da vida prática. Essas funções articuladas fazem o dispositivo funcionar e imprimem um caráter diferencial ao Programa “Casos de Família”.

As funções atribuídas ao dispositivo em questão são também percebidas nos outros dispositivos estudados e podem ser apontadas como um elemento comum que opera de diferentes modos sobre o fazer consulta, de modo a imprimir-lhe transformação. Outro aspecto partilhado entre os três dispositivos, embora neste apareça com mais ênfase – e, por esse motivo, deixamos para pontuá-lo somente agora – é a intimidade como elemento de constituição, intimidade essa que em Goldin aparece desfocada pela mediação das cartas, de personagens fictícios e das metáforas utilizadas; em Tessari encontra na mediação tecnológica também um meio de resguardo, embora sejam os sujeitos mesmos que aparecem no dispositivo, sem construção visível de personagens, como no dispositivo goldiniano; e no “Casos de Família” essa intimidade se expressa nas relações *tête-à-tête*, mesmo que consideremos tal categoria como um

“efeito de intimidade” e que ela seja exposta de forma produzida e assumida por personagens. Não se pode, porém, desconsiderar que, apesar de ser na condição de personagens encenados, os sujeitos assumem a autoria de seus dramas e querelas e mostram o rosto na tentativa de resolvê-los. Desse modo, percebemos em D’amico um tipo de interação que Braga e Calazans (2001) caracterizam como interações conversacionais, que são explicadas pelos autores como a “construção em tempo real das trocas, na dependência sucessiva das reações e resposta entre interlocutores” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 24).

O dispositivo interacional em foco, assim como o programa onde ele emerge, ergue dois tipos de discursos em torno da intimidade. Por ordem de aparição, temos que o primeiro é o “discurso íntimo” e o segundo o “discurso de autoridade”. Segundo Rosa (2003), o discurso íntimo é aquele que se constrói na voz de pessoas comuns, não-públicas, como mães de família, estudantes, profissionais liberais, entre outros representantes do povo e, por meio da evocação de laços de familiaridade, alcança seus destinatários. Por sua vez, o discurso de autoridade é aquele que, no programa que estamos apresentando, aparece na voz de D’amico e Fonseca, especialistas que adquirem legitimidade e credibilidade pelo acionamento de seus saberes de formação que, como “experiência comprovada, é uma forma de persuadir o destinatário a seguir as condutas estabelecidas discursivamente” (ROSA, 2003, p. 4).

A transformação das mazelas em entretenimento pode igualmente ser identificada como elemento de montagem do dispositivo e isso se dá por meio de operações técnicas de montagem de cena, bem como pelos recursos de televisibilidade já mencionados. As operações técnicas que incidem sobre a interação, de modo a torná-la mais próxima, mais “íntima”, também são elementos constituintes tanto do programa quanto do dispositivo em questão. Essas operações se concretizam em jogos de imagens, utilização de zoom, edição de cenas que intentam mostrar o choro, o sofrimento, a emoção, a interpenetração no espaço íntimo dos sujeitos retratados, em uma ação de sensibilização e envolvimento do espectador. (FISCHER, 2002).

A complementaridade das mídias, já falada no dispositivo tessariano e também presente aqui é mais um elemento que movimenta a Psicologia, inserindo-a nos atravessamentos constituintes de experimentações interacionais no contexto da midiaticização em processo. Tal complementaridade realiza a articulação entre os elementos do dispositivo que circulam nos limites internos ao programa e aqueles que o ultrapassam e funcionam externamente ao programa, embora endogenamente no

dispositivo. Tal situação pode ser vislumbrada nas ações empreendidas na *web page* do programa, no blog do mesmo, onde a audiência pode interagir opinando, criticando, elogiando, comentando o conteúdo exibido, na circulação em outras mídias sociais e na indicação de outros espaços de abordagem de questões de foro íntimo durante as exposições realizadas em cena, como acontece algumas vezes pela indicação de terapia.

Antes de seguir adiante, pontuamos mais um aspecto característico do dispositivo em discussão. Esse aspecto diz respeito aos modos como os sujeitos são levados a interagir com o saber “psi”. No caso da coluna “Vida Íntima” e do site “Ajudaemocional.com”, que se edificam em torno desse saber, o interesse pelo processo interacional já implica o igual interesse pelo saber “psi” nele envolvido. No Programa “Casos de Família” essa correspondência não é direta e, muitas vezes, o que menos é apreciado – e ainda afasta os sujeitos da interação possibilitada – é o acionamento que é feito da Psicologia, como comprovam páginas em sites de relacionamento como a “Eu odeio Anahy D’amico” e ainda críticas comumente encontradas nos blogs e outras mídias que comentam o programa. O desgosto pelos tipos de acionamento realizados pelos profissionais de Psicologia no “Casos de Família” se devem, em sua maioria, à forma como tais profissionais tensionam o campo psicológico, de modo a diluir bruscamente as fronteiras do campo nos agenciamentos com os referentes do senso-comum, das práticas pedagógicas, da auto-ajuda, entre outros possíveis de serem vislumbrados.

Se partirmos para uma escala comparativa entre os atores dos dispositivos – Goldin, Tessari e D’amico/Fonseca, respectivamente – encontramos diferentes ângulos e intensidade de afetações sobre o campo de origem de cada ator. Goldin afirma em entrevista que se permite experimentações em torno de seu saber, embora sobre elas não possa falar. Desse modo, implicitamente se permite produzir afetações sobre as práticas “psi” para fazê-las funcionar, no entanto, não abdica de determinados elementos que permitem o reconhecimento do que está sendo tentado como um processo em torno de regularidade dos saberes “psi”. Tessari, por sua vez, com o pé nas regulamentações do Conselho Federal de Psicologia, se posiciona paradoxalmente entre o fazer canônico e os processos tentativos, quando ambiciona uma conciliação entre ambos, em uma espécie de exercício de experimentação para garantir o funcionamento dos saberes “psi” a partir de seus aspectos de tradição. Por último, D’amico e Fonseca parecem partilhar de certo desprendimento em relação aos referentes de campo. Embora estejam no programa na condição de psicólogos, ou seja, em exercício profissional, percebemos

que as exigências do espaço midiático em que se encontram findam por serem mais facilmente visualizadas do que os recursos mesmos da Psicologia.

Desse modo, acreditamos que os dois últimos profissionais “psi” são os que mais intensamente produzem afetações ao campo psicológico, fazendo-o se deparar constante e fortemente com os riscos de fronteira, riscos esses pouco percebidos ou considerados pelos dois psicólogos. Nas interações estabelecidas no dispositivo – que excede o programa – tanto D’amico como Fonseca transitam em linha tênue entre a lucidez do profissional de Psicologia e o deslumbramento pelo status de celebridade, que muito apetece os olhos de grande parte dos sujeitos contemporâneos.

### 5.3.1 A ante-sala

Vários são os aspectos e elementos que marcam a produção prévia do dispositivo interacional que estamos estudando, no seio do qual são produzidas representações sobre o saber e o fazer psicológico. Podemos elencar os seguintes componentes da ante-sala, sobre os quais discorreremos em seguida: busca pelos conflitos que retratam modos de vida da periferia de uma grande metrópole, formulação de temas, montagem da cena, estereotipia dos convidados e televisibilidade. Na articulação desses componentes se passa a experimentação tentada no espaço das interações promovidas pelo Programa “Casos de Família”.

O primeiro elemento de montagem da experimentação é a busca pelos conflitos da vida real com possibilidades de serem retratados e convertidos em audiência. Segundo informações da emissora que dispõe dos direitos autorais do programa, isso se dá em bairros populares da cidade de São Paulo que são visitados por agentes destinados a selecionar pessoas que se disponham, mediante remuneração, a participar do “Casos de Família”. Na *web page* do programa também há um link Inscrições, através dos quais os interessados podem preencher um formulário e, assim, se submeterem à seleção. Os eleitos recebem uma quantia em dinheiro e assinam um documento atestando a veracidade das estórias contadas que serão produzidas e veiculadas.

Paralelamente à seleção de casos passíveis de renderem audiência, há a formulação dos temas que irão anunciá-los e sobre os quais o psicólogo do dia deverá discorrer. Tais temas já funcionam como um prenúncio da proposta do programa, o que

ele oferece, e ainda dá indícios do público que o assiste e o que do programa se pode esperar. A formulação dos temas busca retratar a polêmica que posteriormente toma conta da cena e a forma peculiar como os assuntos serão tratados, como é possível perceber:

Quem você pensa que é para me dar ordens? (2012).  
Não mando minha sogra para o inferno porque tenho pena do diabo!  
(2011).  
Minha cunhada caiu do céu quando a vassoura quebrou (2011).  
Será que é mulher? (2010).  
Para você, todo dia é sábado (2010).

O tom jocoso que compõe os temas perpassa também a construção da cena e figura como característica que transversaliza a lógica de montagem do dispositivo em questão. Aponta ainda para o que os aspectos de produção de endereçamento, como discutiremos mais adiante, dizem sobre as personagens montadas com base nas querelas dos convidados e anunciam alguns dos assuntos abordados no programa<sup>127</sup>. Essa expectativa comunicacional gerada a partir dos títulos também ocorre com o próprio nome do programa. “Casos de Família” remete a questões que envolvem familiares e chama atenção para a construção de sentidos sobre família. O nome do programa remete a questões de natureza familiar, em uma representação de família nuclear e privada, conforme estabelecido como modelo a partir do advento da Modernidade (ÀRIES, 2006). Como estratégia de marketing também ecoa o nome do programa, pois, conforme argumenta Castro (2006, p. 56):

Se pensarmos que a sociedade ocidental está organizada em torno da família, o fato de que estes programas estejam organizados em torno de um “núcleo familiar” é um atrativo a mais para as audiências que se reconhecem e se identificam nesse espaço e com os participantes.

No entanto, não é bem essa a ideia de partida do programa em discussão. “Casos de Família” é representado como problemas e disfunções que envolvem pessoas que se articulam em torno de um vínculo afetivo próximo, que pode ser parente de segundo ou terceiro graus, vizinhos, amigos (de longa ou breve data), colegas de rua ou de trabalho, etc. Retrata, com isso, vivências de determinados grupos sociais referentes à concepção

---

<sup>127</sup> Como já citado anteriormente a partir das informações presentes na *web page* do programa em questão, os principais assuntos nele abordados são: amizade, brigas em família, casamento, comportamento, dinheiro, drogas, emprego, estilo de vida, filhos, homens e mulheres, música, namoro, sexo e vizinhos. ([www.sbt.br/casosdefamilia](http://www.sbt.br/casosdefamilia)).

de intimidade, já que o programa, segundo informado pela emissora que o veicula, somente leva à cena pessoas diretamente envolvidas nos casos. Desse modo, fala como se organiza afetivamente a grande massa popular paulistana de referência: esse grande grupo que partilha da intimidade já exposta a vizinhos, colegas, amigos e parentes sanguíneamente próximos ou não tão próximos. Nesse movimento, põe em circulação outros sentidos de família na contemporaneidade, na medida em que transpõe para as telas as vivências de relacionamentos que circula nas ruas.

A formulação de outras enunciações sobre os sentidos de família acontecem também no espaço mesmo do programa, como podemos ver na edição de 23 de maio de 2012, que convida ao palco Lohren Bonita<sup>128</sup> para falar sobre as reconfigurações familiares na contemporaneidade. A personagem, ao discorrer sobre o assunto, profere:

Em primeiro lugar, pra gente falar e começar a discutir sobre casais e sobre filhos, a gente tem que tirar da cabeça, tirar da mente essa ideia retrógrada, que todo mundo tem da década de cinquenta de que casal e família é só papai e mamãe. Isso não existe mais. O casal não é só papai e mamãe. Porque o que a sociedade hoje quer e impõe pra todo mundo é que família é papai, mamãe e filhinho. Isso não existe mais gente, isso é passado. E falando que é só papai, mamãe e filhinho, a gente faz o quê? A gente joga no lixo a avó que cria o neto, a tia que cria o sobrinho, a mãe que é solteira, o pai que perdeu a esposa e o casal de homossexual. Esse negócio de papai, mamãe e filhinho, meu amor, é de quem viveu na década de cinquenta. Volta pra lá, meu bem, Acorda, Alice. Isso não é o país das maravilhas, isso é realidade e a realidade tá aí. Existem casais de homossexuais. Eu vou até falar do nosso amigo lá, o André. Meu, tipo, acorda pra vida. A criança ela tem o direito de chamar a mãe dela de mãe sim. O preconceito tá na tua cabeça, não na cabeça da criança. Não, gente, isso é verdade. Isso é uma coisa até que me preocupa. Sabe porque que me preocupa, gente? Eu trabalho com jovens e adolescentes LGBT's faz quatro anos e eu sei quantos jovens e adolescente é humilhado, é escorraçado na família por não ter o carinho do pai e da mãe. É esse carinho do pai que bate, do pai que xinga, da mãe que briga, que vocês querem dar pra essa criança, gente? [...]. (CHEGA DE MULHER E FILHOS..., 2012).

Também a psicóloga do programa produz sentidos sobre família quando em trecho de sua fala profere:

Mãe é quem cria e pai é quem cria. Então eu não falei em figura materna nem paterna. Eu falei que o casal gay, com duas figuras masculinas que adotem um filho, é importante haver, no caso de serem duas figuras masculinas, uma figura feminina pra que haja as

---

<sup>128</sup> Lohren Bonita é uma drag queen militante da causa LGBT.

identidades de gênero. E se for um filho adotado por duas mulheres, vamos supor, que haja uma figura masculina para haver identidade. Eu não falei em materna e paterna. [...](CHEGA DE MULHER E FILHOS..., 2012).

Embora construídos a partir dos aspectos reais das vivências de cotidiano, os casos, porém, não são apresentados da forma como circulam nas ruas. No palco, eles são encenados e, para isso, há todo um trabalho anterior de construção da cena. Esse trabalho compõe o terceiro aspecto anunciado da ante-sala. Na ação de montagem da cena temos a composição de personagens, como podemos ilustrar através de um retorno ao caso de Alexandre, o primeiro narrado neste capítulo e que foi exibido em 31 de agosto de 2010. Alexandre entra no palco para encenar a si próprio, no entanto, precisa dar vida a suas questões, transparecendo em imagens o mais representativas possível dos aspectos relevantes da parcela de sua intimidade que deve ser publicizada. Para tal, a personagem surge maquiada, com traços afeminados bastante ressaltados, segurando uma boneca Barbie e uma cesta com várias outras bonecas. Essa ação de compor personagens caracterizando-os com objetos que evidenciam as queixas (bonecas, pratos com alimentos que são consumidos vorazmente durante a estadia em cena, roupas pejorativas, objetos e animais em cena, etc.) se repete com grande frequência, o que demonstra que há aí certa produção de estereotipia pretendida. Esse aspecto, além de ante-sala, é percebido também como uma regularidade característica.

Como Alberto Goldin, o programa “Casos de Família” também transforma os sujeitos que solicitam serem falados em personagens. As personagens criadas pelo programa, porém, se diferenciam daquelas produzidas nas páginas da “Vida Íntima”. Enquanto aquelas produzidas por Goldin mostram o intuito de despersonalização e realocação de uma questão originalmente singular como uma questão de interesse público, o programa em análise parece caricaturar seus convidados como uma ação que opera no sentido de marcar singularmente o sujeito com as características do seu próprio “problema”, circunscrevê-lo à queixa a seu respeito, aprisioná-lo em determinado perfil, afirmando a partir dele sua identidade. Para garantir a existência do problema reclamado, cabe produzi-lo de modo a deixá-lo indubitavelmente visível. Certamente há aqui uma espécie de “migmatização do problema”, no entanto, mais que isso, nos interessa atentar para o que está sendo forjado nesse processo. O ato de estereotipar empreende algo, na medida em que produz mensagens e essas mensagens exercem por meio desse ato alguma função na comunicação pretendida.

Acreditamos que, além de questões de endereçamento como a formação da opinião do público, a estereotipia tem como função confirmar imagetivamente os ditos construídos, de modo a torná-los indubitáveis, pois a forma mais coerente de afirmar certeza é através das experiências com o visível. É difícil duvidar do que se vê e o que não é visto pode ser facilmente posto em dúvida ante a carência de certezas comprobatórias. Vejamos como opera a ação de tornar visível no caso de Alexandre: sua mãe duvida da homoafetividade, Alexandre a afirma e pede que seja reconhecida. Torná-la uma característica marcante do protagonista, visível e, assim, inquestionável é um modo de comunicar em não-ditos o próprio encaminhamento da polêmica proposta. Confrontar a dúvida da mãe, comprovando visivelmente o que ela nega e assim convencê-la da veracidade dos fatos. Por detrás disso, pensamos haver ainda certa escolha partidária previamente expressa e alimentada no público através da imagem mostrada. Assim, a ação de convencimento não é só da mãe, mas de todo um público que, visualizando concretamente a homoafetividade – quando ela é transformada em imagem – pode melhor perceber os conflitos e sofrimentos que envolvem cada uma das partes – reclamantes e reclamado – e melhor vislumbrar as opções de vida divergentes para, a partir disso, se posicionar favorável a uma delas.

Nesse movimento é atribuído valoração a cada uma das personagens envolvidas no conflito encenado e o público – auditório e telespectadores – convocado a perceber o herói e o vilão da estória, em uma construção polarizada de posicionamentos frente aos conflitos e problemas. Em consequência, deve-se escolher um dos pólos para oferecer apoio. Aqui se inicia a produção das oposições binárias que alimentam as polêmicas – combustível do programa – e pautam outros desenhos ao longo de cada exibição. Nutrir tais oposições é uma das funções melhor exercidas pela apresentadora, que bem assume tal função em operações de fala como: “Você acha que tá certo?”, “É errado?”, “É normal?” Seguindo essa mesma lógica, a personagem condenada a vilã vai a julgamento público e a mocinha conquista a sua simpatia e, como prêmio, consegue afirmar sua causa. Contudo, as ações de assunção a cada um desses papéis não se desenrolam no decorrer das interações mesmas, mas já estão de antemão no roteiro, como nos mostra a estereotipia prévia do sujeito suposto problema que compõe a lógica de montagem do dispositivo.

Compõe a lógica de montagem do dispositivo – como uma espécie de regra – a distribuição prévia dos papéis de vilão e mocinhos. Contudo, a encenação que é efetuada pelos atores de seus próprios dramas – pessoas comuns e, em sua maioria,

alheias aos aspectos de teatralização – abre espaço para a insuficiência de roteirização. O roteiro traz o estereótipo e os lugares pré-marcados a serem assumidos em cena, porém, em alguns casos, como uma espécie de fuga à roteirização, alguns convidados, pelo bom desempenho de suas performances e/ou nível de envolvimento e politização em suas causas particulares, conseguem subverter os lugares demarcados e conquistar a simpatia e a assunção do público.

Com relação aos estereótipos, como argumenta Castro (2006, p. 45), em referência ao contexto dos *reality shows*, embora perfeitamente condizentes também com o nosso *talk show*, “os estereótipos tendem a aparecer facilmente, pois são um elemento indispensável para organizar e antecipar experiências da realidade social que o sujeito desenvolve”. Eles complementam o fazer ver na construção de realidades incontestáveis, na medida em que não pressupõe esforço de raciocínio para se tornar inteligível. O dado intentado está aparente e imediatamente compreensível. Ainda segundo a autora, a estereotipia, juntamente com elementos de comicidade, de erotismo, de drama e contando com a ajuda da produção e da edição do programa, mostram relações e sentimentos humanos como o amor e o ciúme, a solidariedade e a inveja, a amizade e a falsidade (CASTRO, 2006). Há nessa ação um direcionamento de público – antecipando aqui um traço de endereçamento – realizado pela comicidade e o riso, já que, como sinaliza Castro (2006), a partir de uma perspectiva bakhtiniana, esses elementos compõem a essência de uma ficcionalidade popular, ao passo em que se constituem a partir de características encontradas nas manifestações populares que são marcadas pelo grotesco, o desastrado e o brega.

Mais um aspecto bem explorado pelo viés da estereotipia produzida no “Casos de Família” e também referido por Castro (2006) é o erotismo. As personagens em várias edições do programa são apresentadas de modo a chocar pelo erotismo, como acontece, por exemplo, na edição de 09 de setembro de 2011, cujo tema é “Se ela é mulher fruta, tá estragada!”. O programa põe em cena estereótipos de mulheres frutas, que se destacam pela sensualidade, provocação e erotismo com que se vestem, cantam, dançam e se portam. Nesse dia, são mostradas a mulher figo, a mulher jabuticada e a mulher fruta pão. Elas entram em cena com roupas curtíssimas e coladas, cada uma portando uma cesta com a fruta que lhe representa. Descem as escadas e fazem uma performance ao som de funks, com letras como a seguinte: “tudo doce como o mel, prontinha pra ser chupada...”. Como não poderia faltar o traço de deboche e jocosidade já prometido no título do programa quando diz que a fruta está estragada, um dos casos

retrata a mulher fruta pão, uma jovem obesa – bem obesa – que dança ao som de funk com roupa bem decotada e movimentos sensualizados e provocantes, enquanto o auditório zoa, Christina debocha e D’amico observa com ar de reprovação.

Além da produção de figurino e cenário que enfatizam os estereótipos roteirizados, também os profissionais de Psicologia que se inserem no programa algumas vezes fortificam os mesmos, seja através de não-ditos, de omissões ou ainda com falas jocosas, como acontece na edição de 30 de agosto de 2012, que aborda a questão do relacionamento com ex-maridos, ex-namorados ou ex-ficantes. Nele, em determinado momento de sua fala, D’amico assim produz estereotipia:

[...] você teve um casamento ruim, aí você saiu tão carente, tão carente, que o primeiro homem que foi bacana com você, você realmente caiu de quatro. Tem até aquela piada, Christina, da menina que era tão carente, tão carente, que ela foi jogar futebol e o juiz falou pra ela: ‘você fez falta’. E ela abraçou ele e falou: ‘você também’. Então você tá nesse ponto, né? [...]. (FALAR COM O MEU EX?..., 2012).

O último elemento de ante-sala diz respeito ao que Beatriz Sarlo (1997) denomina “televisibilidade” e engloba todos os recursos de montagem da cena televisiva como roteiro, cenografia, elenco, figurino, edição e sonorização. Esses aspectos são combinados de modo a constituir uma estética particular, própria às transmissões televisivas do que a autora denomina “nova televisão” ou “televisão interativa”. A televisibilidade é definida pela autora como “uma condição que deve ser dominada não só pelos atores mas por todos que aparecem no vídeo” (SARLO, 1997, p. 67). A busca por essa condição é visivelmente tentada pelos profissionais fixos do Programa “Casos de Família” – a apresentadora e seus consultores especialistas em Psicologia, D’amico e Fonseca – e, prioritariamente, pelos inúmeros convidados que a cada dia aparecem em cena e muito se esforçam para se transformarem em atores de seus próprios dramas. Acreditamos que o maior ou menor sucesso de reclamantes e reclamados no julgamento público depende da desenvoltura com que conseguem jogar com a televisibilidade. Esse aspecto, ainda segundo Sarlo (1997, p. 67), “é o fluido que dá consistência à televisão e assegura o reconhecimento imediato de seu público” e se funda em um estilo padrão que, na nova tevê, se pauta no show, em detrimento de uma tipologia de gêneros que permite retratar o conflito psicossocial, os avatares de sentimento, o enigma do crime, a apresentação da juventude, a dança e a música. Em suas palavras:

O show paira sobre todas as demais matrizes estilísticas: show de notícias, show de reportagens, show de gols, show noturno de política, distinto do show da meia noite ou do show da tarde, show de seriados, show infantil, show humorístico, show íntimo de subjetividades. O denominador comum é a miscelânea. (SARLO, 1997, p. 66).

Tais formulações acima expressas fazem parte da construção do programa que estamos discutindo. Tal qual expusemos em tópico anterior, em detrimento das questões psicossociais que atravessam as querelas levadas à cena, o “Casos de Família” prima por exibir a espetacularização das mesmas a partir de seu centramento nos sujeitos sofredores, sejam eles reclamantes ou reclamados. A beleza, a obesidade, a orientação sexual, a pobreza e tudo mais são estereotipados e transformados no “show íntimo de subjetividades” referido por Sarlo, pois é esse show que dá audiência, que conquista a cumplicidade do público e sustenta a ideia construída da tevê como capaz de retratar a vida real – mesmo que, conforme já apresentamos, na forma de efeito de realidade. O crescente interesse na realidade justifica a propagação na “nova televisão” de formatos como *reality shows* e programas participativos como o “Casos de Família”. Por meio desses programas, Sarlo (1997, p. 75) argumenta que “a televisão faz soar uma voz de verdade que todo mundo pode compreender rapidamente”.

A partir das definições apresentadas pela autora, entendemos a televisibilidade como uma espécie de regramento da programação televisiva. Contudo, como ela mesma argumenta, quando essa televisibilidade é respeitada, algumas regras podem até ser alteradas e é isso que permite a entrada em cena de intelectuais e peritos de todas as ordens, como bem característico da sociedade em processo de midiatização. Com isso, nas palavras de Sarlo (1997, p. 67):

Diante do torvelinho de todo dia, abre-se um parênteses de calma que desafia a “tirania do tempo” e demonstra que a televisão não impede necessariamente um momento de reflexão de vez em quando, desde que alguns traços se mantenham: forte presença icônica, movimentos de câmera arbitrários, mas aos quais já estamos habituados, imagens digitalizadas, atenção à palavra do público, sentimentalismos.

### 5.3.2 Constituição de público

Como já expusemos nos dispositivos anteriores, os modos de endereçamento dizem respeito às práticas comunicacionais que resultam na produção dos componentes

da interação estabelecida. Tais práticas no dispositivo em análise que se constitui na ambiência do Programa “Casos de Família” passam pelas estratégias de circunscrição da intimidade, de forma a promovê-la como privilegiado recurso interacional, na medida em que, como afirma Fischer (2002, p. 157) sobre os dispositivos pedagógicos da mídia, se pautam em “estratégias que cooptam os telespectadores em sua intimidade, produzindo neles, muitas vezes, a possibilidade de se reconhecerem naquelas verdades ou mesmo de se auto-avaliarem ou autodecifram com relação àquele tema”.

Assim, nos interessa perceber como a intimidade é acionada pelo saber psicológico e o que ela produz em termos de interação. Esse tópico pode ser alcançado ao voltarmos o olhar para os modos como a Psicologia funciona no programa problematizado e ainda fora dele, nas *web pages* dentre as quais circula. Vamos começar pelos endereçamentos presentes nas edições do “Casos de Família”, mais especificamente no programa exibido em 16 de novembro de 2011, com o tema “Quero meu filho homem de volta”.

A elaboração do tema, que já marcamos como um aspecto da ante-sala, também é um elemento de endereçamento, o primeiro deles, já que é o contato inicial dos sujeitos com o que está sendo ofertado. Como percebemos – e também já discutimos –, a enunciação estereotipada marca a forma como essa edição, e todas as outras, são anunciadas e prediz o que dela se pode esperar. A ação de estereotipar intensamente produzida no “Casos de Família” parece funcionar, no tema do programa, como uma estratégia de marketing que atribui valor ao produto que está sendo ofertado ao consumo. Com isso, delineia um perfil – embora flexível – de consumidores, no caso, a audiência. Esse delineamento de perfil que atua como modo de endereçamento também é realizado na escolha de horário de exibição do programa na grade de programação. No caso, o SBT põe no ar o “Casos de Família” diariamente – de segunda-feira a sexta-feira – no horário das 16 horas às 17 horas aproximadamente. Mesmo nesse horário de exibição, seu conteúdo não é livre, apresenta censura a menores de 10 anos de idade.

A estereotipia presente no título persiste durante toda a exibição do programa, que é composto por três situações em que pais reclamam que seus filhos se travestem e eles não aceitam, embora afirmem respeitar a orientação sexual dos filhos. Christina Rocha apresenta os participantes que reclamam dos travestidos e, como de costume, aborda um a um. Após cada relato dos reclamantes, entra em cena o sujeito suposto problema travestido e apresentando uma performance. Esse caráter performático se assemelha, enquanto comunicador de conteúdos e ideias não ditas, à produção de

estereótipos anteriormente referida, ao passo em que produz endereçamento. Como mensagem, a performance retrata o caráter jocosos e debochados que, conforme já expusemos anteriormente, delimita o interesse interacional a um público caracterizado como pertencente a parcelas populares da sociedade. Essa perspectiva de comunicação se pauta em gostos e costumes das massas sociais e se destina a ofertar a elas modos de ser que lhes sejam interessantes. A performance produz ainda comunicação visível pela imagem que sensibiliza e convence, produzindo outras formas de inteligibilidade, essas bem típicas da mídiatização. Concomitantemente cristaliza em sua imediatividade questões sociais e mazelas de um segmento populacional frequentemente acometido por ações de preconceito e de discriminação que as estereotipias circulantes no programa nos parecem corroborar, quando não intensificar. A alegoria do “macaco de circo” disponibilizado para deboche bem diz dos sujeitos que se submetem às estereotipias para levar à tervê suas questões íntimas.

A sociedade em mídiatização, como uma sociedade organizada em torno da supervalorização imagética, favorece o ser performático. Contudo, isso não se dá aleatoriamente. Existem processos aí implicados que começam ainda nas ações de estereotipar que pautam as atuações das personagens conduzidas à cena. Esse tipo de atuação por parte dos reclamados, sob a alegação de mostrar publicamente quem eles realmente são, condensa uma série de intencionalidades comunicativas que tendem a ser ocultadas no programa e que aqui intentamos esclarecer. A marcação dos lugares e de posições na escolha de conduta de vida distinta é uma delas. A imagem, em uma sociedade em mídiatização, comunica de forma mais clara e direta que as palavras. O visto remete à dimensão da certeza infalível, enquanto o dito está sujeito a interpretações e essas, como sabemos, são múltiplas e inesgotáveis. Com essa ação também há uma reprodução teatral do que acontece na vida real, como o programa se propõe a exibir.

A respeito da preponderância da imagem na sociedade contemporânea, já no ano de 1967, momento anterior à mídiatização da sociedade, Debord a denunciava. Segundo o autor, a vida se transformou em uma imensa acumulação de espetáculos que se forjam a partir da representação imagética do mundo e das relações que nele se processam. As imagens se autonomizam de tal modo que passam a mediar as relações sociais entre as pessoas, produzindo cisão entre o real e o visível e, como resultado, o visível – espetáculo – passa a produzir realidade. O espetáculo se torna o sentido da prática total da formação econômico-social da qual fala o autor. Desse modo, condensa o sistema de

relações sociais e a imagem da economia reinante, de forma a refletir fielmente a produção das coisas. Nas palavras de Debord (1997, p. 15), “a realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente”.

Outra intencionalidade comunicativa cremos ser o despertar de sentimentos de interesse e identificação – entre outros – na audiência, por meio de simpatia ou antipatia, que novamente vão alimentar as oposições, as tensões, os julgamentos e as expectativas de legitimação perita. Conforme desenvolve Fechine (2007), a tevê é um dispositivo semiótico que apela a uma dimensão de produção de sentidos tanto mais sensível quanto inteligível. Ela busca envolver os sujeitos que dela se ocupam por meio de um endereçamento a suas emoções e sentimentos. Desse modo, como defende a autora, mais do que partilhar ideias, partilha-se, nesse dispositivo, sentimentos coletivamente despertados. Em suas palavras, a audiência é chamada a:

acompanhar a transmissão menos pelo que deseja *saber*, e mais pelo que almeja *sentir*: sentir junto, sentir o sentir do outro e, principalmente, sentir-se junto ao outro no momento em que todos sentem o mesmo tão somente pela experiência comum de “ver TV” (FECHINE, 2007, p. 189).

Estabelece-se entre o telespectador e a televisão uma interação pautada prioritariamente em relações imaginárias que remetem ao desejo e àquelas faltas estruturantes dos sujeitos, que anteriormente discutimos a partir de Freud. Embora tenhamos algumas discordâncias em relação à perspectiva de análise de Maria Rita Kehl sobre os modos de interação estabelecidos entre os sujeitos e mídia, – nesse aspecto concebida como indústria cultural – a autora nos ajuda a compreender um importante viés a partir do qual se estabelece essa relação. Kehl (1995) caracteriza a interação entre os sujeitos contemporâneos e a tevê como regidas pelo “princípio do prazer”<sup>129</sup>, de modo que a tevê se apresenta como capaz de ocupar o papel da “mãe primordial”, que supre todas as faltas, não abandona, atende a todas as solicitações e não frustra, nunca

---

<sup>129</sup> “Princípio do prazer” e “princípio de realidade” são dois modos de funcionamento das instâncias psíquicas concebidas por Freud. O princípio do prazer atua de modo a buscar a satisfação alucinatória do desejo, seguindo a imediaticidade do processo primário de funcionamento do aparelho psíquico. Por sua vez, o princípio de realidade age como um evitador da frustração, a partir do impedimento da alucinação ou de sua permissão sob certos limites. Isso se dá, segundo Garcia-Roza (1991), pela discriminação entre a alucinação e a percepção que o princípio de realidade possibilita. A substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição do primeiro, de modo que os dois coexistem e quando um prazer imediato e momentâneo é abandonado, isso se dá para conquistar posteriormente e por um novo caminho um modo de prazer mais seguro. (GARCIA-ROZA, 1991).

ignora o desejo, apresentando sempre uma resposta para ele. Desse modo, “o princípio do prazer não fracassa, (...), e o sujeito fica como que enfeitiçado pelo objeto total, poderoso, capaz de nomear e satisfazer o desejo a um só tempo e o tempo todo”. (Kehl, 1995, p. 177).

Como já antecipamos, não cremos ser assim completamente regida pela regressão a um estado pulsional as interações entre sujeitos e instância midiática. Também discordamos do viés de psicologização presente em tal explicação. Porém, percebemos os postulados de Kehl como uma perspectiva de olhar que, embora não explique as interações por desconsiderar a potência crítica e transformadora do pólo receptor, muito bem enxerga um viés de ação da mídia, o qual encontramos acionado exacerbadamente no Programa “Casos de Família”, que é a frequente busca de recursos que objetivam estabelecer uma relação intersubjetiva – de intimidade para intimidade – entre os sujeitos envolvidos.

O programa em análise apela constantemente para a derrocada do pensamento e proeminência das emoções. A efemeridade das imagens construídas para mediar a relação do espectador com a realidade contribui ativamente para isso, na medida em que as imagens são transformadas em espetáculo e, desse modo, melhor se dirigem à lógica da realização do desejo – lógica hedonista – que rege a relação acima mencionada dos sujeitos com a realidade (Kehl, 1995). Assim se edifica importante ação de endereçamento no dispositivo em discussão.

Ao retornar o olhar para as interações desenvolvidas em cena, a fim de avançarmos na compreensão dos modos de endereçamento, percebemos que, mesmo entre os convidados, – especialmente entre os que são apresentados no lugar de reclamados – há a evocação de um elemento comum tentativamente acionado para promover sentidos comuns em torno de suas vivências e sentimento de solidariedade. Isso bem vislumbramos no programa exibido em 16 de novembro de 2011, em que, como já referimos, três pais reclamam que seus filhos se travestem e afirmam não aceitar isso. Conhecemos três sujeitos travestidos que, de suas formas, buscam afirmar sua causa e serem aceitos em seus modos de vida.

Nessa edição do programa há um leque de interações complexificadas por discussões abrangentes, nas quais há interferências dos convidados de um caso no debate dos outros casos apresentados. A palavra se desloca indistintamente entre os protagonistas e as ações empreendidas nos levam a perceber indícios de existência de alguns aspectos comuns partilhados entre eles. Esse traço comum nos parece ser uma

atitude defensiva frente a situações depreciativas e/ou marginalizantes sofridas por qualquer dos três protagonistas fora de cena, em suas vivências cotidianas, e também em cena, reproduzidas em menor escala nas reivindicações e posturas dos pais reclamantes.

Novamente aqui pontuamos o aparecimento no programa de questões sociais e políticas que são desconsideradas em prol de uma abordagem individual e centrada nos sujeitos e, mais frequentemente, voltadas aos sujeitos reclamados. Os travestis representam um grupo minoritário e que sofrem as consequências da exclusão e da marginalidade que historicamente lhes foi reservada. Esse aspecto central da questão, porém, não é percebido no programa ou, se for, imediatamente é ocultado. O acionamento do saber psicológico estabelecido nesse caso corrobora o que estamos afirmando. A psicóloga Anahy D'amico assim se manifesta sobre a questão:

[...] o problema da Fabíola é quando dá corda. É uma fofa. Eu me lembrei de vários pais que me procuraram já e pra aprender como lidar com isso. [Christina: Vão muitos pais assim?]<sup>130</sup>. Vão, vão. Porque gente é um baque. A mãe que fala 'nossa, foi lindo quando eu descobri que meu filho é gay' é mentira, porque é um processo de aceitação, né? Então tem o choque, o baque, aí tem a culpa, 'meu Deus onde eu errei, o que é que eu fiz errado, o que aconteceu?', a vergonha, 'o que meus amigos vão dizer', é uma sociedade machista, né? 'Será que meu filho é doente? Então vou levar no psicólogo, né, porque ele tem que se tratar, né?' Não é doença e não é uma opção, né, porque às vezes escapa, é uma opção sexual. Não. É uma orientação sexual. Ninguém escolhe ser gay como ninguém escolhe ser hetero e a única escolha que eles têm geralmente é ser honesto com a própria identidade, assumir, ou viver dia após dia na mentira, que não dá, por isso que não consegue. E quando chega pra mãe, pro pai e fala o que tá acontecendo, é uma prova de confiança e de amor. Agora vocês têm que entender que eles até aceitam a orientação sexual de vocês, que é de ser homossexual, mas eles não aguentam que vocês se travistam, né? **Porque aí é muito bandeiroso, travesti é bandeiroso, se vestir como mulher é uma bandeira, sabe?** Eu acho que tem pais que sofrem com isso. **O ideal seria dá uma maneirada. Eles já aceitam, então vai na casa do pai, não é se negar, eu acho que em nome da gente viver bem e também não precisa ficar chocando, esfregando na cara de ninguém, dá uma maneirada.** Agora, se você dá uma olhada no mundo heterossexual, você não vê às vezes filhos que se assumam dessa maneira, que tenham tanta personalidade, tanta força de caráter. Porque gente, não é brincadeira o que eles fazem, se assumir, aceitar o preconceito e bater no peito 'eu sou assim e me assumo assim' tem muito filho heterossexual que não consegue fazer isso. Então por um lado vocês estão de parabéns, por realmente ter essa força, essa fibra que vocês têm. **Por outro, né Fabíola, não precisa ser tão rasgada, tão danada. Eu sei, você é**

---

<sup>130</sup> A apresentadora interrompe a fala da psicóloga com esse questionamento.

**danada.** Ô, tirar marido dos outros não tem nada a ver com orientação sexual, você tá sendo danada mesmo. Então eu acho que dá pra dar uma maneirada. (QUERO MEU FILHO HOMEM DE VOLTA, 2011).

Nessas palavras acima proferidas por D'amico, observamos a reprodução de uma perspectiva social normativa e dualista que se delinea a partir de uma oposição binária entre heterossexualidade e homossexualidade e que a heteronormatividade é assumida como modelo, sendo as posturas dela desviantes valoradas pejorativamente, como enfatizam os fragmentos grifados que trazem termos como “é bandeiroso” e posicionamentos como “o ideal seria dar uma maneirada” e ainda “não precisa ser tão rasgada”. Implícito nas palavras está a cristalização de preconceitos relançados à circulação em uma releitura pouco mais flexível, embora não menos normativa.

O julgamento moral também é bem claro e mais uma vez assume como base o normativismo instituído na moderna sociedade capitalista. Não há, como poderia ser esperado de uma profissional de Psicologia, uma postura ética de consideração da alteridade, tampouco qualquer abertura para a compreensão da homoafetividade e suas variações como dimensões distintas da existência em relação à heteroafetividade. O que é ofertado aos reclamados são prescrições de normatização capazes de permitir a cada um deles menos confrontar o padrão de sexualidade dominante.

Essa operação semiótica de produção de sentidos desenvolvida por D'amico nos parece representativa de um bom-senso organizado que se erige no espaço das práticas e a partir de referentes quantitativos majoritários. Com isso, a profissional nos permite inferir o lugar e as perspectivas a partir dos quais tensiona a canonicidade prescrita do saber psicológico. A impressão que apreendemos é a de que mais importante que discutir uma causa de modo a gerar incômodo e objeções em vasta parcela de seus ouvintes parece ser o interesse de manter seu público minimamente concordante e, para isso, assumir uma fala difusa de conciliação, sem adentrar nos pontos mais densos e polêmicos que constituem o problema debatido.

Contudo, o preconceito que trespassa os casos em debate é uma questão social, logo política e educacional. Ignorar esse fato é fechar os olhos para a raiz do problema e optar por desfigurá-lo. Muitas vezes essa desfiguração pode ser encontrada nas intervenções peritas e na própria condução mais ampla dos casos, centrando problemas, demandas e soluções todas nos sujeitos e conferindo a eles uma tarefa e

responsabilidades maiores que seu alcance, como fez D'amico em sua última fala transcrita.

Além dos aspectos já marcados do exemplo que estamos discutindo, se desdobram outras duas questões interessantes: a primeira diz respeito à exposição voluntária do sujeito a um grande público composto, além do auditório, pelos telespectadores. E aqui uma incidência da prática “psi” midiaticizada se faz presente: o sujeito a ser olhado pelo profissional existe publicamente, mostra o rosto, aparece personalizado e se dispõe a lançar seu conteúdo ao debate público. Transgride-se, com isso, uma das prescrições mais canônicas das práticas “psi” que é a garantia do sigilo em torno da consulta e/ou do aconselhamento. Não há sigilo, assim como também não há demanda por parte da pessoa que será mais especificamente olhada pelo profissional. A demanda surge, como constatamos, de uma terceira pessoa, ou seja, pessoas levam à discussão vivências de outrem, os quais, na grande maioria das vezes, nem as sentem como disfuncionais. Estamos falando então de demandas sociais, de cunho moral, que podem ser expressas na equação “o comportamento de fulaninho me incomoda porque...”.

Podemos notar que o direcionamento canhestro da questão, em partes, é recusado pelo profissional que emite um parecer quando se abstém de centrar seu olhar no sujeito-problema e opta comumente em falar do caso, embora, como se faz visível em alguns exemplos, aconteçam também intervenções diretivas e nominais. Isso pode ser percebido pontualmente na fala de Anahy D'amico no episódio que estamos discutindo quando ela se dirige à Fabíola. Queremos prosseguir com um esclarecimento: acabamos de afirmar que a profissional recusa centrar o olhar no sujeito-problema e fala dos casos por meio de generalização dos mesmos. É preciso esclarecer que isso ocorre no âmbito da marcação de funcionalidade ou disfuncionalidade, ou seja, quando a psicóloga aborda a questão, ao invés de culpabilizar uma das partes e inocentar a outra, ela dilui a responsabilidade entre os envolvidos, no entanto, a responsabilidade pelas disfuncionalidades permanece circulando entre os sujeitos envolvidos na causa – reclamantes e reclamados. Essa diluição empreendida que conclama as co-responsabilidades em torno de determinadas questões é um importante feito da midiaticização incidindo sobre a prática social desempenhada.

Esse processo pode ser observado mais uma vez com o caso de Alexandre – o primeiro caso exposto neste capítulo e que agora retomamos. Alexandre, como descrevemos anteriormente, entra em cena muito maquiado, com blush, batom e olhos

bem ressaltados, roupa afeminada, modo de andar caricato e uma cesta com bonecas. Paralelamente às estereotípias, observamos também as modelizações e as padronizações de modos – disfuncionais? – de ser, essas novamente sustentadas no caráter de oposição binária, na medida em que tomam como referência um padrão social de normatividade. Em oposição ao normal, o “gay”, em oposição ao normal, a “rebelde”, e tantas outras oposições empreendidas durante as inúmeras edições do programa. A apresentadora parece promover o confronto entre o normativo e o não normativo, os participantes, por sua vez, sustentá-lo. O público é responsável por julgar e, por fim, o psicólogo, em uma ação de mediação, distribui as parcelas de culpa e as diretrizes a serem assumidas por cada envolvido no caso.

Nesse encadeamento de adereços – oposições binárias – tipos de prescrição – tentativa de reajustamento, precisamos marcar o viés de singularidade que se processa no dispositivo interacional promovido pelos psicólogos do programa. Inegavelmente, as oposições binárias que articulam o problema também produzem o modo de abordá-lo. Assim, temos que a normatização prescrita por D’amico e Fonseca nos parece de outra ordem que não supõe a condenação do “gay” ou da “rebelde”. Contrariamente a isso, os profissionais transformam comumente as opções de vida (sentimentos, emoções e comportamentos) divergentes apresentadas em possibilidades distintas de escolha e conduta, no entanto, igualmente respeitáveis em termos morais. Com isso, esses profissionais “psi” produzem um entre-espaço de conciliação, uma construção outra entre o normativo e o não normativo, uma insurgente normatividade que, para encontrar expressividade e legitimação no lugar em que se produz, remete em geral ao modelo do politicamente correto, como faz D’amico em seu parecer sobre o caso Alexandre<sup>131</sup> e a maior parte dos outros casos sobre os quais se manifesta.

O que acontece, contudo, é que muitas vezes estão em jogo questões que vão além de sentimentos, comportamentos e emoções dos sujeitos e que envolvem, como já expusemos, problemas sociais, econômicos, políticos, estruturais, culturais, entre outros. Passa-se por eles como se não existissem e como se estivesse ao alcance exclusivo dos sujeitos a superação de disfunções supostamente neles localizadas, bastando para tal

---

<sup>131</sup> O trecho de fala de D’amico já foi mencionado no primeiro tópico deste capítulo. No entanto, para facilitar a compreensão do leitor, vamos retomá-lo: “[...] a mesma coisa pro Alexandre. Você quer o respeito da sua mãe, da sua avó, eu acho que você também tem que respeitar, no seguinte sentido: toda a sua vida você soube que você era diferente e que você era homossexual. Elas não. Então não adianta de um dia pro outro você querer que elas engulam, que elas aceitem. Às vezes a pessoa tem dificuldade, então vá com calma porque isso pra você não é novo, mas pra elas é”. (SE NÃO ME ACEITA, ME RESPEITA, 2010).

haver implicação e compromisso por sua parte<sup>132</sup>. Com isso, se produz uma ação de individualizar o sujeito e nomeá-lo senhor de seu destino que se estrutura em consonância com a ideologia do sistema social no qual estamos inseridos.

Ao voltar à questão das demandas, observamos que, em diferentes edições, temos que elas se forjam distintamente. Em algumas edições, o espaço de constituição de demandas se dilui entre os reclamantes e o reclamado. Os reclamantes levam a público a disfuncionalidade de outros, no entanto, os reclamados retribuem com demandas dirigidas a quem com eles se incomoda e dessas pessoas exigem respeito. Não é esse modelo que aparece nas interações veiculadas em 16 de novembro de 2011. Nessa edição, que é o último exemplo exposto, temos pessoas chamadas à análise de seus modos de ser pelo fato de se constituir como desconfortáveis a outro alguém. Cada um dos protagonistas, porém, aparentemente está resolvido com seu ser-travestido. Não é o incomodado que busca trabalhar seu incômodo, mas, diferentemente, se movimenta no sentido de levar o incomodante a abordar a situação incômoda. Ou seja: a disfunção está em um, mas demanda-se resolvê-la em outro. Nesse deslocamento, a Psicologia passeia oferecendo alternativas de conciliação entre as partes envolvidas no conflito, em uma ação pedagógica que pouco se vincula aos referentes clássicos de seu fazer.

Além de questões psíquicas envoltas em cada caso, enxergamos que quando o sujeito reclamado aceita participar da encenação, ele reconhece certa disfuncionalidade na relação com o reclamante – mesmo que a ida ao programa seja construída de forma a negá-la. O que mobiliza uma interação é algo compartilhado entre seus participantes – nesse caso, problemas, conflitos. Algo está sendo produzido e comunicado nos deslocamentos apontados, pois, apesar das discordâncias encenadas, há compactuações primeiras na aceitação de tratamento do problema em espaço público. No entanto, no programa em questão, o caráter público não se faz presente somente através da ambiência. Se assim o fosse, estaríamos falando prioritariamente da publicização da intimidade e da privacidade. Mais que isso, na discussão aqui proposta, atentamos para as transformações empreendidas pelo ato primeiro de publicizar e suas incidências nas práticas sociais que se encontram em processo de mediação.

---

<sup>132</sup> Essa postura centrada no sujeito pode ser esperada por algumas abordagens de terapia individual. Contudo, como a questão relatada diz respeito a uma demanda psicossocial, a atuação sobre ela deve necessariamente levar em consideração os aspectos constituintes do problema, não centralizando a atuação no sujeito em situação de sofrimento.

Discutir questões de foro íntimo no “Casos de Família” bem difere de tratá-las na praça do bairro e a razão disso não é somente a presença de mediadores e de peritos que o programa oferece. Além desse diferencial, para estar no programa, alcançar a visibilidade que ele é capaz de proporcionar, é preciso que as questões selecionadas também figurem como de interesse público. Encontramos aí um ponto articulado à função da Psicologia no “Casos de Família” e ainda à função das operações técnicas do aparato televisivo que, agenciadas, produzem um dispositivo interacional experimental em torno das causas “psi”.

Outro exemplo nos permite entender a constituição de público produzida no programa e o que ela traz de afetação ao saber “psi”. Nos referimos à edição que foi ao ar em 21 de novembro de 2011 e levou a público uma discussão circunscrita na temática “Ser mãe é um pesadelo”. Nesse dia, duas situações foram problematizadas. Na primeira, Daiane, uma jovem mãe de 22 anos, reclama que ser mãe é um pesadelo e Roseli, viúva, cinquentona e mãe de Daiane, se queixa que tem vivido um pesadelo ao lado de Daiane, a quem acusa ser, ao mesmo tempo, uma péssima filha e uma péssima mãe. No segundo caso, Andreia também reclama do dissabor da maternidade. Por sua vez, sua mãe se queixa de Andreia por ela ser, em suas palavras, “*péssima*” mãe.

Nesse dia, o programa foi bastante agitado e os momentos de tensionamento, geralmente suscitados pela apresentadora, partiram dos próprios convidados, que protagonizaram repetidas encenações de agressões físicas e verbais. Novamente a participação perita foi de Anahy D’amico, que se mostrou bem expressiva e, mais destacadamente, figurou como um tipo de mediadora, a partir de parâmetros partilhados pelo bom senso e pautados em posicionamentos mais uma vez normatizados como politicamente correto. A participação inicial da psicoterapeuta na edição desse dia ocorreu ainda durante a proposição de confronto de ideias entre as primeiras participantes. Vejamos o que pontuou a profissional:

É exatamente isso, se você quer chocar, se você quer causar, você conseguiu. Tudo bem, eu acredito que você não aguenta responsabilidade, trabalho que ele dê, mas eu acho que dele você gosta. Então você tá esquecida que ele vai assistir o programa, né? Imaginou a mãe dele dizer que não ama ele? Já parou, trocou de lugar um minuto pra tentar entender o que ele vai sentir quando ele ouvir que a mãe dele, que ele diz que você pode fazer o que for que ele vai continuar te amando, o que ele vai sentir? Então eu acho que você pode voltar atrás, a gente sempre pode voltar atrás, tá?” (SER MÃE É UM PESADELO, 2011).

Nessas palavras, observamos alguns importantes acionamentos teóricos que se presentificam em intervenções terapêuticas. Marcaremos a seguir os principais deles. Logo no começo de sua fala, a psicóloga confronta a protagonista com sua própria ação: “É exatamente isso, se você quer chocar, se você quer causar, você conseguiu”. Em seguida, mostra com ela uma postura empática: “eu acredito que você não aguenta responsabilidade, trabalho que ele dê, mas eu acho que dele você gosta”. Como encaminhamento, sugere uma inversão de papéis: “Já parou, trocou de lugar um minuto pra tentar entender o que ele vai sentir quando ele ouvir que a mãe dele, que ele diz que você pode fazer o que for que ele vai continuar te amando, o que ele vai sentir?”. Para finalizar a intervenção, prescreve: “Então eu acho que você pode voltar atrás, a gente sempre pode voltar atrás, tá?”.

No desenrolar da questão, a apresentadora toma a palavra, diz não ser psicóloga, mas afirma, mesmo assim, seu preparo para opinar, solicitando a legitimação da profissional *expert* no assunto. Essa ação remete à dissolução de lugares e saberes instituídos proporcionada pela midiaticização, através da qual todos se autorizam a falar de algum lugar não institucionalizado sobre questões institucionalizadas e essas falas buscam legitimação no espaço da prática. Após a “autorização” da psicóloga que a legitima, a apresentadora do programa prossegue com nova intervenção: “Mas com a relação péssima que ela tem com a mãe, dificilmente ela seria uma boa mãe também, sabe? É uma sucessão de erros”. (SER MÃE É UM PESADELO, 2011).

Aqui percebemos conclusão a partir de inferências abstraídas das interações estabelecidas e baseadas em generalizações de perspectiva possivelmente pautadas em experiências anteriores. Temos ainda a marcação de um problema pela psicóloga que, em uma ação transformada de diagnóstico, situa na relação com a mãe uma provável causa geradora da situação reclamada. A apresentadora prossegue com a inquirição e consegue que a pessoa suposta problema ofereça importantes pistas da constituição do problema à D’amico. Tais pistas lhe permitem novas inferências e, em seguida, prescrições e, por fim, o parecer:

<p>Só pra complementar o que você falou, sabe o que <b>parece, que você pune seu filho pelo pai que ele teve, que você escolheu pra ele ter, você entendeu?</b>  O fato de você ter escolhido um homem, ter apanhado dele, ter sido uma relação horrorosa e essa relação deu fruto, que é o seu filho, seu filho não tem culpa, sabe? <b>Você tá punindo seu</b></p>	<p><b>INFERÊNCIA</b></p> <p><b>INFERÊNCIA</b></p>
--	---

<p><b>filho pela sua má escolha.</b>  Então, a sua raiva, você <b>vai achar, tem que achar uma maneira de canalizar pra outra coisa, não seu filho</b>, ele não tem culpa das suas escolhas, de seus erros, de ninguém. <b>Ninguém que é mãe pode culpar o filho pelos enganos da gente, entendeu, e é isso que você tá fazendo.</b>  Então <b> você virou uma filha ruim, uma mãe ruim, pela sua revolta.</b>  <b>Você tá fazendo tudo errado e você pode parar de fazer isso agora, entendeu?</b> (SER MÃE É UM PESADELO, 2011).</p>	<p><b>PRESCRIÇÃO</b></p> <p><b>INFERÊNCIA</b></p> <p><b>INFERÊNCIA</b></p> <p><b>PARECER PERITO</b></p>
--	---

A última fala da psicoterapeuta é uma resposta à apresentadora, que solicita um parecer perito sobre as questões exibidas. Embora solicitada por Christina Rocha, além dela a resposta é construída tendo como destinatários também o auditório e os telespectadores – em alguns momentos breves, se dirige pontualmente aos emissores dos problemas. Esses endereçamentos são concretizados também em operações técnicas de edição de imagens, como jogo de câmera, zoom, enquadramentos e deslocamentos de foco. Em consonância com a regularidade apresentada no modelo de fala final, observamos uma espécie de generalização sobre o tema em debate, mais uma vez tomando como base o bom senso e o politicamente correto:

É porque é muito muito muito desrespeito. É difícil a gente conceber mãe e filha se tratando dessa maneira, né? Eu acho que a relação é muito profunda, é um amor muito forte de mãe e filha e não acaba desse jeito, mas desgasta muito. É o que a gente tá vendo aqui. Eu não acredito que não amem mais, que não se importem com os filhos, não é isso. É que tá tão desgastada a relação, é uma relação tão difícil, tão sofrida, tão desrespeitosa, sabe? Mãe falar o que você fala pra sua filha e a filha falar o que fala pra mãe. No segundo caso a mesma coisa. O primeiro passo pra vocês tentarem se entender é baixar as armas. Vocês só brigam, vocês só se ofendem, só se xingam. Não tem como viver uma relação assim. [...]. Mas já que ela não faz isso, faça você. (SER MÃE É UM PESADELO, 2011).

Mais um caso será exposto para exemplificar a constituição de público empreendida pela operação da Psicologia no Programa “Casos de Família”. O programa foi ao ar em 18 de fevereiro de 2010, com o tema “A minha mulher tem desejos estranhos”. Nele são apresentados dois casos. O primeiro trata de Sandra, grávida de oito meses do terceiro filho e que nas duas últimas gestações – a última em andamento – passou a desejar, segundo seu esposo Aparecido – o reclamante – coisas estranhas: bofe de boi, barro, sabonete, creme dental, feijão com rapadura. O esposo se queixa de ser feito de “palhaço” para atender os desejos da gestante. Além de reclamante e reclamado,

também participa da montagem do caso a vizinha e comadre Marinalva, que atende alguns desejos de Sandra.

Por sua vez, o segundo caso se delineia com a reclamação de André, marido de Eliane que passa por situação semelhante à reclamação de Aparecido por conta dos desejos da esposa grávida. Eliane tem desejos estranhos desde o quarto mês de gestação, quando na madrugada pediu por jaca. Desejou também sonho, ração de gato, tijolo baiano e filtro de barro. Também é chamada ao palco Elenice, a vizinha que ajuda a atender os desejos da gestante e critica André. Encontramos aqui um ponto que julgamos importante para marcar que o programa em discussão se constrói a partir do protagonismo de uma determinada parcela da população, porém assume referentes distintos dos seus, como acontece com a definição de “estranho” nos não-ditos que faz circular. Feijão com rapadura, bofe de boi e jaca, alimentos marcados como estranhos e seu consumo associado ao cômico ou jocoso, fazem parte do cardápio comum de uma parcela da população brasileira e diz respeito a traços gastronômicos regionais que são desconsiderados ao serem tomados generalizadamente como estranhos e enunciados no mesmo patamar que comer sabonete, tijolo baiano ou filtro de barro.

Com relação à cadeia de interações, o programa desse dia segue a estruturação mais comum, com a apresentação consecutiva dos casos e o tensionamento individualizado de cada um. A peculiaridade é a maior participação do auditório, repetidamente convocado pela anfitriã através de perguntas e breves diálogos. O perito em cena é Ildo Rosa da Fonseca, que permanece atento durante o desenrolar dos casos, sendo enquadrado pelas câmeras enquanto faz anotações e emite expressões de interesse, concordância ou discordância frente ao que está sendo dito. Somente ao final do programa, quando convidado pela apresentadora, Fonseca discorre:

<p>Quando a mulher tá muito assim, sensível pela gestação... Muitas vezes você tá falando assim, em ser bobo, ser manipulado, mas o que a mulher quer saber é se ela tem um companheiro, parceiro. O ir buscar, a realização desse desejo maluco ou não para a mulher tem uma significação muito especial, assim, “Será que eu tô sozinha nessa ou será que eu vou compartilhar com alguém esse filho que tá chegando, essa responsabilidade”.</p> <p>E você se queixa de uma tal maneira que se sente usado, que se sente abusado, que a ideia que passa é que não tem parceria, que não tem troca, que não tem cumplicidade e é isso que deixa elas chateadas, frustradas e algumas vezes até agressivas. A ideia mais importante: sai o objeto, sai a coisa em questão, se é jaca, se é melancia, mas se tem</p>	<p><b>MÚLTIPLOS ENDEREÇAMENTOS</b></p> <p><b>FALANDO APARARECIDO</b> <span style="float: right;"><b>A</b></span></p>
---	--

<p>parceria ou não. Então valia a pena você levar isso em consideração.</p> <p>Eu acho que pro André, tem tantas coisas na vida que a gente desconhece cientificamente, mas que são fatos, né? O dito popular é um fato, não tem ciência explicando, mas é um fato. Eu acho que o André tem essa coisa de ser mais parceiro. Ele não entende bem, ele apanha um pouquinho, mas ele vai atrás, ele procura fazer.</p> <p>Eu vou dizer uma coisa pra vocês da gestação do meu filho. Eu tenho um filhinho, Bruno, lindo. Eu tomava guaraná durante toda a gestação dele e quando eu cheguei em casa com o bebê da maternidade eu fui até a cozinha, abri o guaraná, molhei o dedo e dei pra ele porque com certeza aquele desejo não era meu porque eu não tomo refrigerante, mas durante nove meses eu tomei guaraná e eu achava que só podia ser por ele porque não é um hábito meu tomar refrigerante e o filho era meu mesmo, molhei o dedinho no guaraná e dei pra ele. (A MINHA MULHER TEM DESEJOS ESTRANHOS, 2010).</p>	<p><b>FALANDO A ANDRÉ</b></p> <p><b>MÚLTIPLOS ENDEREÇAMENTOS</b></p>
--	---

Algumas ações podem ser marcadas na participação de Fonseca nessa edição do programa. Inicialmente pontuamos o caráter pedagógico bastante evidente em suas palavras – assim como nas intervenções de D’amico. O psicólogo assume o lugar daquele que desvenda o mistério da situação, apresentando sempre uma explicação clara e objetiva. Ao se portar como ensinante, vários aprendentes são forjados: as pessoas diretamente envolvidas na situação que vão ao programa procurar um encaminhamento para seus problemas e toda a audiência, esteja ela interessada em uma aprendizagem sobre a questão, tão somente no desfecho dos casos ou ainda em um grande leque de interesses que se situam entre um ou outro pólo e que inclui, como nos dispositivos anteriores, a constituição de vocabulário para a enunciação de suas questões pessoais.

Outra questão presente é a postura do profissional que se coloca como exemplo, contando casos de sua vida pessoal, em uma espécie de prescrição de modos de ser. Isso corrobora mais uma vez nossa percepção sobre a miscelânea entre fundamentos psicológicos e referentes do senso-comum e da auto-ajuda aplicados a questões pessoais e sociais transformadas em encenação de fofoca. Vemos mais uma vez – e aqui não há diferenciação significativa entre o estilo de Fonseca e de D’amico – as explicações centradas no sujeito e as prescrições a ele dirigidas, sendo os casos abordados como se tratassem apenas de disfunções comunicacionais e carências afetivas universalmente partilhadas – embora com algumas especificidades. Cada um deve se empenhar e ser responsável pelo seu próprio crescimento e felicidade. Essa é a mensagem comum a todas as edições, corroborada por seus *experts* D’amico e Fonseca.

O último programa em discussão, por se configurar como uma aparente exceção, nos chama a atenção para um importante fato: a representação do feminino e o lugar a ele conferido pelo “Casos de Família”. Falamos em exceção na medida em que a edição aqui trabalhada trata de homens reclamantes de suas mulheres, quando na grande maioria das vezes – como percebemos nos exemplos anteriores – o feminino – enquanto papel ou orientação – é apresentado em analogia ao oprimido, ao marginal, ao sofrido, à vítima. Muito mais comum é assistirmos mulheres reclamando de seus maridos, filhos, vizinhas, chefes... Os homens são em geral os interpelados, ilustrando uma construção comunicativa de ideias de gênero construída pelo programa. Também a maior parte do auditório é composta de mulheres e a audiência é prioritariamente feminina, conforme dados de Gomes (2007).

Embora nesse episódio os reclamantes sejam os maridos, não são eles os vitimizados. Por esse motivo falamos anteriormente em aparente exceção, pois de outro modo é disseminado o lugar da mulher sofredora, como exemplifica a fala de uma participante da encenação, a vizinha da segunda gestante convidada: “O André, ele tinha que engravidar, ficar grávido! O homem tinha que ter filho pra dá valor pra mulher.” (A MINHA MULHER TEM DESEJOS ESTRANHOS, 2010). Já que estamos falando de representações, além do lugar relativo ao feminino desenvolvido ao longo do programa, vemos também a veiculação de uma representação de família reconstruída. Sobre esse ponto, já discutimos anteriormente.

Os exemplos apresentados nos levam a enxergar os modos de elaboração dos múltiplos endereçamentos e construções que atravessam os produtos de Anahy D’amico e Ildo Rosa da Fonseca – no caso, suas falas peritas. Temos acionados os participantes do programa, que buscam uma solução para seus problemas; o auditório, que reage a suas proposições com expressões de aprovação ou reprovação; e o público, que mantém a audiência do programa. Todas essas pessoas são os consumidores das enunciações produzidas por esses profissionais, em nome de uma Psicologia que eles representam. As enunciações produzidas pelos psicólogos são tensionadas pelo senso comum, na figura de seus representantes que são as pessoas que compõem o público. Isso ocorre, por exemplo, quando essas pessoas se dirigem ao blog do programa para discordar do que foi dito, protestar sobre falas e/ou posturas assumidas ou ainda elogiar e afirmar concordância de ponto de vista. Esse fato nos permite inferir sobre outro aspecto de endereçamento que diz respeito ao interesse dos telespectadores sobre o programa. Percebemos que o interesse de alguns telespectadores não está no conteúdo abordado ou

na função pedagógica do programa – participação dos psicólogos como lugar de aprender sobre a Psicologia em si –, mas em questões outras que ultrapassam os limites do programa e se situam na circulação externa ao dispositivo.

As operações de sentido empreendidas por D’amico e Fonseca, além de atravessarem seus ditos, se produzem também na assunção desses profissionais como formadores de opinião, levando-os a figurar como um “ser imagem para outro”. Desse modo, se constituem os dois atores – D’amico e Fonseca – como líderes de opinião midiáticos<sup>133</sup>. Segundo Russi-Duarte e Aires (2008), o líder de opinião midiático é uma produção da sociedade midiaticizada e difere daquele enunciado por Lazarsfeld e sua teoria do *two-step flow*. A relação que ele estabelece com os sujeitos não é alimentada pelos meios de comunicação, mas se processa em um ambiente midiático. Nesse ambiente, o líder de opinião se destaca como “referência de ideias, posicionamentos, enquadramentos e até de comportamento” (RUSSI-DUARTE; AIRES, 2008, p.8) e, assim, transpõe para a instância midiática a representação de determinados grupos sociais, como bem fazem D’amico e Fonseca. A enunciação produzida no contexto do programa faz com que os audientes se identifiquem como um grupo social – os vários casos retratam distintos grupos sociais – e, desse modo, a enunciação e o conteúdo lançados à circulação criam relações entre os sujeitos participantes desses grupos. Como discorrem Russi-Duarte e Aires (2008, p. 9), “as pessoas passam a se conhecer, a identificar os discursos de cada um, adotar os líderes de opinião propostos e orbitar em sua volta”.

Os autores prosseguem afirmando que um elemento de distinção entre os líderes de opinião midiaticizados e aqueles não midiaticizados falados por Lazarsfeld é a interatividade. Esse modo de relação, além de consolidar a própria ideia de grupo social, garante aos sujeitos o acesso e uma suposta proximidade com seu líder de opinião. Esses líderes, por sua vez, passam a se fazer presentes em espaços que garantem a volta da informação que põem em circulação, como é o caso dos blogs e *web pages*. Como líderes de opinião midiáticos, todos os atores dos dispositivos interacionais que estamos estudando – Goldin, Tessari, D’amico e Fonseca – fazem uso de espaços que garantem a interatividade com seu público. Nesses espaços, os profissionais aparecem como indivíduos, com suas opiniões e vivências particulares, ao mesmo tempo em que fazem parte do meio, retratando um movimento concomitante de estar dentro e estar fora dos

---

<sup>133</sup> Em distinção ao líder de opinião não midiático, aquele que estabelece uma relação não midiaticizada com os sujeitos sobre os quais têm influência como formadores de opinião.

meios. Esse trânsito pelos diferentes espaços, segundo Russi-Duarte e Aires (2008), permite que os meios lastreiem a opinião de seus líderes e, ao mesmo tempo, que os líderes emprestem sua credibilidade ao suporte no qual estão inseridos.

O papel de D'amico como formadora de opinião e seguida por muitos pode ser corroborada com um elemento de complementaridade entre as mídias que se articulam para fazer funcionar o dispositivo que intentamos circunscrever. Estamos falando da página mantida pela profissional na rede de relacionamento social Facebook<sup>134</sup> e nomeada "Fala Anahy D'amico". Nela, a psicóloga se apresenta como personagem fictício e faz postagem a partir do lugar de psicóloga do Programa "Casos de Família", exemplificando, mais uma vez, a relação de complementaridade das mídias como importante dado acerca do funcionamento do dispositivo, que discutiremos no último tópico deste capítulo. No post de 27 de dezembro de 2012, D'amico assim se manifesta:

1. 

[Fala Anahy D'amico](#)<sup>135</sup>

27 de dezembro de 2012

Boa tarde, queridos!

Não deixem de assistir o "Casos de Família" de hoje.

FONTE: <https://www.facebook.com/pages/Fala-Anahy-Damico/449916928402645?fref=ts>.

O palavreado adotado nas interações é mais um importante elemento de acionamento de público. Os profissionais de Psicologia no Programa "Casos de Família" fazem uso de modos bastante informais de se dirigir aos sujeitos para os quais fazem prescrições, como acontece com Fonseca, quando, na edição de 15 de fevereiro de 2010, se refere a uma participante e qualifica-a como "gatíssima" e "princesinha". Assim como Fonseca, D'amico também faz uso exacerbado da informalidade no direcionamento a seus ouvintes, como já foi exemplificado anteriormente no programa de 30 de agosto de 2012, quando, durante um parecer, a psicóloga se volta a uma das envolvidas na questão e diz "Você tá ferrada". A informalidade nas formas de interagir

<sup>134</sup> <https://www.facebook.com/pages/Fala-Anahy-Damico/449916928402645?fref=ts>.

<sup>135</sup> Trecho copiado da página pessoal de Anahy D'amico no Facebook. <https://www.facebook.com/pages/Fala-Anahy-Damico/449916928402645?fref=ts>.

além de aproximar aconselhador e aconselhado, permitindo um diálogo pautado na proximidade, no olho no olho ou ainda nos moldes de uma conversa entre amigos, representa uma estratégia de melhor se inserir no ambiente onde as práticas desenvolvidas se passam e nesse espaço se deslocar com mais fluidez. Essa estratégia, contudo, sintetiza de modo bastante claro o abandono de toda e qualquer formalidade característica do clássico fazer de origem.

### 5.3.3 As regularidades

Ao longo deste capítulo, fomos apresentando características relativas ao dispositivo que estamos estudando, muitas das quais já expressam o que entendemos por regularidade, na medida em que ela diz respeito exatamente aos traços que nos permitem identificar o dispositivo, diferenciando-o dos demais e afirmá-lo como um dispositivo interacional “psi” midiático. Neste tópico, retomaremos alguns elementos já assinalados e avançaremos na abordagem de outros ainda que conferem ao caso em questão aspectos de singularidade, caracterizando sua especificidade.

A primeira regularidade que apontamos é a exibição da intimidade, que funciona como eixo estruturante do programa, na medida em que sua proposta mesma é a retratação dos conteúdos da vida privada. As ações empreendidas para tornar pública a intimidade atuam também como organizadoras do dispositivo, – que é mais abrangente que o programa – pois são elas que evocam a participação da Psicologia como estratégia de melhor abordar e legitimar a circulação das coisas íntimas na ambiência midiática. O saber psicológico é mais um elemento que auxilia na construção realizada para que o “Casos de Família” funcione, tal qual aponta Fechine (2007, p.202), como um lugar de intimidade, no qual os jovens telespectadores, para os quais o programa é dirigido, “conversem como se estivessem na sala de suas casas, com uma amiga bem próxima e mais vivida”.

Outras ações de produção contribuem para isso como, por exemplo, o cenário que reproduz a sala de casa, em alusão ao lugar de conforto e privacidade que as salas de casa costumam representar. Os convidados – a apresentadora e os protagonistas dos casos, geralmente – entram no palco descendo uma escada e já encontram outros participantes sentados nas cadeiras distribuídas. A entrada em cena nos remete à situação imaginária de um sujeito descendo de seu quarto – um lugar mais privado da

casa – e adentrando na sala para conversar com visitantes. O psicólogo escalado para o programa do dia, por sua vez, ocupa a primeira fileira do auditório, pouco aparecendo durante o desenrolar de cada caso. Com isso, reforça a ideia de que, por estar fora de cena, ocupa um lugar externo ao problema e, assim, será imparcial no julgamento. Essa lógica de montagem reforça ainda o estereótipo circulante no senso-comum de que o psicólogo é o profissional que fica de fora observando cada ação e cada palavra, analisando, para que, ao final da interação observada, possa oferecer uma explicação sobre “a verdade” do processo. Isso acontece através de suas operações de fala que muito se assemelham a conselhos de amigos, como podemos observar no trecho da fala de D’amico e, em seguida, em trecho da fala de Fonseca:

[...] quanto mais vocês vão atrás, mais vocês vão se aborrecer. Então **eu acho** que o problema é delas, a vida é delas. Quanto menos vocês se envolverem, menos vocês vão se irritar. **Eu acho** que elas já são grandes, bem, já têm bastante idade até pra saber o que elas devem ou não fazer, ok? (MINHA FAMÍLIA É..., 2012).

**Eu acho** que os nossos convidados, de uma maneira geral, com a temática que foi proposta, se você vai ao teatro assistir uma ópera, se você não souber o que é uma ópera, você tem preconceito e as escolhas que vocês fizeram é a mesma coisa. Então o grande desafio não é a gente gostar ou não gostar porque isso gera violência, é a gente aprender a respeitar e buscar conhecer, porque quando conhece, de repente transar no cemitério deve ser o máximo e poucos sabem, né? E se a gente conhecesse, a gente pelo menos poderia escolher o diferente. Mas **eu acho** que o mais importante de tudo que está sendo colocado aqui é a honra de vocês, o caráter de vocês, se vocês estudam, se vocês trabalham pra se manter, se sustentam e se a família tá em primeiro lugar. O resto do biotipo, da roupa, do cabelo, isso tudo é bobagem frente as coisas mais importantes da vida e os valores que devem ser mantidos.” (POR QUE VOCÊ, 2010).

Os dois trechos acima são representativos dos constantes “eu acho” que permeiam a fala dos dois profissionais de Psicologia do programa e que ressaltam o caráter consultante a partir do qual se erguem suas práticas. Com achismos e bom senso-orientado, D’amico e Fonseca produzem, segundo Freire Filho, Castellano e Fraga (2008), intencionalidade comunicativa específica de contribuir para resolver ou remediar contendas familiares, oferecendo soluções afinadas com a sensibilidade terapêutica e o ethos da auto-ajuda. Corroboram com esse processo os exemplos de si, com alguma frequência acionados por esses profissionais, como já ilustramos com as

palavras de Fonseca proferidas no programa de 18 de fevereiro de 2010, no qual se faz modelo de conduta das questões a partir da particularidade de sua vivência cotidiana.

Os achismos presentes na totalidade das falas assistidas dos dois profissionais remete ainda à opinião, em detrimento do saber estabelecido difícil de ser questionado. Nesse sentido, a fala perita se aproxima da opinião popular, se torna acessível a muitas pessoas e ainda produz espaços de contestação, o que amplia as possibilidades de trocas estabelecidas por sua mediação. Barichello (2003) aponta a opinião popular como uma classe informal de pressão e controle social. A inclusão do “eu acho” na fala também nos soa como uma intencionalidade que produz efeito de intimidade, na medida em que parece tornar a conversa mais próxima ao assumir uma relação imaginariamente estabelecida entre iguais que “trocam figurinhas” ou senhoras que discutem a vida alheia. Desse modo, a ação comunicacional executada através do achismo tensiona intensamente as fronteiras do saber psicológico. Esse saber se dilui a tal ponto que chega a perder aspectos mínimos de referência. Talvez por isso, os “gurus de televisão” apontados por Coelho Júnior são figuras tão temidas pelos interlocutores que atuam nos limites do campo tradicional.

Assim como os riscos trazidos pelas articulações e agenciamentos estabelecidos, a defesa ferrenha de uma suposta pureza de campo também apresenta ameaças ao campo estabelecido, na medida em que o faz se deparar com um academicismo teórico desvinculado das questões da vida prática. Nem um pólo nem outro. Pensamos ser necessário, tal como propõe Guattari (1992), abdicar da perspectiva de organização do mundo em categorias de oposição binária e tomar as coisas pelo meio, abordá-las pelo viés dos atravessamentos. Desse modo, cremos ser possível avançar tanto na crítica como nas experimentações produtivas para os lugares envolvidos na constituição das enunciações ou das práticas que, no caso em questão, abrangem a Psicologia e a ambiência midiática.

O trecho transcrito de Fonseca ilustra ainda outras questões relativas às regularidades do saber psicológico no funcionamento do dispositivo em análise. Quando produz conselho, no exemplo acima, o psicólogo fala a partir de um lugar comum ou, como sistematiza Rosa (2003), seleciona ‘vozes’ sociais típicas para constituir seu texto. Em nome dessas vozes sociais representadas por seu espectador presumido – o auditório –, assume posturas moralistas e normatizadoras bem estabelecidas nas práticas sociais contemporâneas, como faz quando afirma a família em primeiro lugar e que as coisas mais importantes da vida não são as coisas aparentes. No tratamento que confere a

questão, mais uma vez naturaliza construções sócio-históricas como se elas fossem de existência apriorística. A família concebida pelo profissional, por exemplo, como já discutimos a partir de Àries (2006), é uma invenção datada. Porém, Fonseca ignora esse fato e a toma como modelo para suas prescrições.

Esse traço de partida de um lugar comum para prescrever o politicamente correto é mais uma regularidade presente no acionamento da Psicologia no dispositivo em análise. Os grupos minoritários da sociedade, já anteriormente mencionados, constituem o perfil de público – tanto explícito como presumido – do programa. Assim, é para eles que as falas dos psicólogos se destinam, ao mesmo tempo em que, como desenvolvemos no tópico anterior, produz esse público. Com base nisso, enxergamos com ressalvas o politicamente correto como postura assumida, embora ele reflita o caráter de mediação e conciliação construído na incidência da Psicologia sobre os casos abordados. Mediar conflitos, conciliar os interesses de ambas as partes e prescrever transformação nos sujeitos que compõem o elenco de cada caso parece sintetizar a regularidade de operações efetuadas pelos psicólogos na maioria das edições do Programa “Casos de Família”.

O politicamente correto, porém, muitas vezes funciona prioritariamente como estratégia de proteção linguística e atitudinal que perpetua o preconceito e a discriminação para com grupos específicos de sujeitos, bem como cristaliza os lugares sociais estabelecidos. Assim procede a inserção da Psicologia no espaço especificado quando se abstêm de adentrar nas questões políticas, sociais, históricas e econômicas que atravessam as vivências dos grupos minoritários que vão ao programa expor publicamente seus dramas que, muitas vezes, falam mais sobre questões que são externas aos sujeitos do que sobre questões nele centradas. Contudo, os peritos regularmente fazem o balizamento das questões de origens externas, enunciando-as por um viés de psicologização das mesmas. Desse modo canhestro, parecem tentar afirmar e legitimar suas funções e importância no funcionamento do dispositivo interacional que estamos debatendo.

Outra regularidade do programa e que está relacionada com a questão das minorias é a presença predominante de mulheres, tanto como convidadas a expor casos como também no público geral. O perfil de público é previamente definido a partir de uma série de fatores de ante-sala e de funcionamento do programa como: horário de exibição, roteiro, endereçamento e outros que, no programa em questão, são pensados a partir do público feminino. O outro viés dessa dominância de gênero no espaço em foco

se relaciona com a possibilidade que o mesmo oferece de dar voz a esse gênero historicamente calado pela dominação patriarcal na sociedade. Sabemos que essas relações de gênero se encontram em transformação na contemporaneidade, no entanto, ainda hoje é real e presente a subjugação do feminino, especialmente entre o segmento populacional que se faz representar no Programa “Casos de Família”.

Está arraigada na história de nossa cultura a exaltação do masculino como lugar de referência e organização da vida social, fato que resulta em relações de dominação que se perpetuam. Essas relações desiguais ganharam visibilidade na década de 1970 quando o feminismo ascendeu à cena tanto como crítica teórica no campo das Ciências Sociais quanto como movimento social. As Ciências Sociais passaram a se ocupar das questões de gênero a partir dos vários elementos que as atravessam, a exemplo dos fatores sociais e culturais, de cada momento histórico, bem como da relação entre sexo, comportamento e sociedade. Segundo esse campo de conhecimento, o conceito de gênero pode ser concebido como “diferenciações de características físicas e culturais associadas a cada um dos sexos, reconhecendo suas características fisiológicas, mas procurando ir além de sua dimensão imediata” (TEMER, 2009, p. 183). Esse conceito pontua a insuficiência do sexo como referente e permite enxergar que o ser homem ou ser mulher passa por diferentes concepções em diferentes culturas e em acordo com cada momento histórico.

Muito além do feminino e do feminismo, o conceito de gênero abrange as identidades feminina, masculina e outras mais. Se constitui assim a partir das interações sociais que envolvem questões históricas, sociais, políticas e simbólicas. Nessa linha, o movimento feminista passou a questionar a noção de que homens e mulheres partilhavam de uma mesma identidade normatizada a partir do masculino, base constituinte da categoria mais geral “humanidade” e reivindicar a questão da diferença sexual (HALL, 2005). Assim, inseriu a discussão no plano político e a transpôs para os movimentos sociais.

Essa construção da questão, segundo Hall (2005), resulta em significativas implicações sobre o conceito de sujeito cartesiano e sociológico, na medida em que, como argumenta o autor, com o *slogan* “o pessoal é político”, o movimento feminista questiona a clássica distinção entre público e privado; abre espaço para a contestação política de aspectos da vida como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico e a divisão doméstica do trabalho; enfatiza como uma questão política e social a produção dos sujeitos como genéricos e, assim, politiza categorias como subjetividade e

identidade; contesta a posição social das mulheres e inclui formação das identidades sexuais e de gênero.

Em detrimento desse movimento no campo social e político, o Programa “Casos de Família” afasta do plano político a questão de gênero e a expõe a partir de representações cristalizadas na contramão das construções sociológicas, políticas e sociais a seu respeito. Nas ações empreendidas, finda por rearticular a subjugação da mulher ao zelo para com a família, submissa ao homem, reprimida na sexualidade e responsável pelo trabalho doméstico, tal qual retratam a maioria das edições analisadas. Podemos observar que, como reclamantes ou reclamadas, o lugar do feminino aparece no programa permeado pelas antigas – e ainda recentes – relações de dominação, de exploração e de desrespeito que, levadas a público, na mesma medida em que se desenham, são imediatamente balizadas em uma redução a causas individualizadas passíveis de encaminhamento imediato e de ampliação de audiência.

Vejam os como a questão aparece tanto na reclamação da mulher como na reclamação sobre a mulher, como exemplificam respectivamente as edições de 21 de julho de 2011 e 08 de julho de 2011. Como primeiro exemplo temos o programa com o tema “Acorda, você vai ser pai”, no qual três mulheres grávidas vão ao programa reclamar que os seus companheiros não assumem a responsabilidade de pai. Nesse programa são abordados três casos. O primeiro deles é Joseane, grávida de cinco meses e ex-namorada de Ricardo que, segundo a reclamante, não dá assistência durante a gravidez. Sobre o caso, a apresentadora interroga a “doutora Anahy”: “Dra. Anahy, quando um casal vai ter filho, independente de estarem juntos ou não, o importante é se respeitarem, né?”(ACORDA, VOCÊ VAI SER PAI, 2011). A psicóloga assim responde:

Sempre. Mas vendo vocês dois, não dá nem pra imaginar como vocês dois chegaram a fazer esse filho. [...]. Vocês brigam muito. Isso é muito prejudicial pra um filho, sabe, se vocês brigarem desse jeito. Eu acho que vocês têm que tentar se entender como criaturas que vão ter um filho, que é dos dois. (ACORDA, VOCÊ VAI SER PAI, 2011).

No segundo caso do dia, Adriana está grávida de Alexandre e a família dele argumenta que o filho não é dele, embora Alexandre confirme a paternidade. A mãe de Adriana e o pai de Alexandre travam forte embate, frente ao qual D’amico se posiciona:

É, o casal se gosta. Pelo que a gente tá vendo aqui, um assumiu perante o outro que se gosta. E a família, evidentemente toma as dores, né? Mas com tanta interferência, fica realmente muito complicado o casal tentar se acertar, né? Eu acho que precisa demonstrar responsabilidade e a família apoiar o que pode e segurar um pouquinho a barra porque senão vai ser difícil eles se acertarem. (ACORDA, VOCÊ VAI SER PAI, 2011).

O último caso do dia traz Soneide e Regiel, que são casados e estão na segunda gestação. A esposa reclama que Regiel não faz nada e o esposo se defende dos olhares e palavras acusatórios. Sobre o caso em particular, a psicóloga não se pronuncia. Opta por usar sua fala para fazer uma síntese prescritiva e aconselhadora aos três casais envolvidos e, ao mesmo tempo, desenvolver uma explicação didático-pedagógica para o público que a escuta:

Então. Cris, eu não sei quem falou que gravidez não é doença. Realmente não é doença, lógico que não, mas também não é legal uma mulher grávida ficar tão nervosa, né? Pelo menos nos dois primeiros casos. É um período em que a mulher tem que ficar mais relaxada, não tem que brigar, ficar nervosa, sabe, descarregando adrenalina. [Tem que ter paciência]<sup>136</sup>. Tem que ter um pouquinho mais, sabia? [...]. Nós não estamos discutindo personalidade de cada um. Eu sei que quando a mulher tá grávida ela fica assim, um pouquinho mais frágil, sensível, ela chora mais... Exatamente. Então é um período que o homem tem que ter um pouquinho mais de paciência. E brigas à parte, desacordos à parte, o que importa é essa criança que vai nascer, sempre. Eu acho que a ficha cai na hora que tem que cair. Tem homens que demoram um pouquinho mais, cada um tem o seu tempo, né?. Claro que não pode fugir à responsabilidade, né? Mas o que interessa é criar esse filho com amor, com carinho e com responsabilidade. É muito chato quando a gente vê casais que brigam e aí a mãe proíbe o pai de ver ou o pai não vai ver porque tá com raiva da mulher, sabe. A criança não tem nada a ver com isso e criança precisa de pai e de mãe, né? Então eu espero que vocês se acertem, né, pelo bem dessas crianças que tão pra nascer. Boa sorte pra vocês! (ACORDA, VOCÊ VAI SER PAI, 2011).

Pelos trechos de fala de D'amico, em seus não ditos mais do que nos ditos, percebemos a confirmação da mulher nesse lugar de dominada nas relações estabelecidas com o gênero masculino. Essa relação de gênero fortemente marcada pauta as falas dos convidados, as intervenções da apresentadora, os videotapes de rua exibidos nos intervalos e atravessa o conteúdo expresso na fala de D'amico, enviesando aprioristicamente os julgamentos encenados no palco. De forma semelhante, essa

---

<sup>136</sup> Um dos convidados interrompe a fala da profissional com essa afirmação.

situação que retrata as relações de gênero e o desenrolar da mesma nas enunciações que sobre ela se constroem também se faz presente, como antecipamos, a partir de reclamações sobre a mulher, como podemos observar no programa exibido em 15 de julho de 2011, que traz como tema “Minha cinderela virou abóbora”. De modo bastante caricatural, nessa edição mulheres vão a público fantasiadas de princesas da Disney para serem reclamadas por seus esposos que afirmam “ela embagulhou”.

Essa questão de gênero também atravessa os modos de tratamento conferidos aos gays, lésbicas e travestis que são retratados no “Casos de Família”, costumeiramente pensados, julgados e avaliados a partir de uma modelização de gênero dominante que é o masculino. Como mencionamos anteriormente, gênero não abrange somente o feminino, mas modos de ser homem, de ser mulher e outros modos ainda. Os estudos acerca dessa categoria, embora prioritariamente centrados no feminino, também abrangem a questão do masculino como ângulo de entrada, tal qual retratam os trabalhos de Benedito Medrado. Juntamente com Lyra, Azevedo e Brasilino, o autor pontua que as discussões em torno do gênero pouco problematizam os homens e as masculinidades, a não ser como contraponto ao debate sobre a mulher. A discussão, contudo, precisa ser mais abrangente, na medida em que gênero envolve tanto corpos quanto formas institucionalizadas descentradas do sexo feminino e/ou masculino, pois somente assim é possível subverter a tendência à universalização do masculino, considerando a diversidade de experiências dos homens e a polissemia de sentidos sobre masculinidades (MEDRADO; LYRA; AZEVEDO; BRASILINO, 2010).

Outros autores que também discutem a questão de gênero a partir do masculino, Gomes, Rebello e Nascimento (2010) enfatizam que as relações de gênero envolvem outros aspectos como classe social e raça/etnia, que pautam os modos como as sociedades pensam as pessoas e as próprias pessoas pensam sobre si. Esse aspecto aparece nitidamente no programa que estamos analisando, especialmente na articulação dos problemas que envolvem questões de gênero com condições sócio-econômicas. Os autores citados mencionam ainda a relação entre masculinidade e heteronormatividade e fazem isso tomando como referência as ideias de Welzer-Lang, quando postula que os sujeitos que optam pela vivência de uma sexualidade não heteronormativa são tidos como “anormais” e logo associados às mulheres e tratados como elas. Esse padrão de normatividade afirma uma superioridade do homem em relação à mulher, na medida em que normatiza a sexualidade masculina, heterocentrada, ativa, dominante e não-afeminada. Desse modo, “todos os homens que não se enquadram nessa lógica serão os

‘outros’, pertencendo ao grupo dos que são dominados, como as mulheres e as crianças” (GOMES; REBELLO; NASCIMENTO, 2010, p. 97).

Exemplo do que estamos afirmando é o programa que já referimos que assume como tema “Quero meu filho homem de volta”. Outros exemplos são os programas de tema “Eu não sou gay mas meu namorado é”, “Meu namorado é feminino, mas eu nem ligo pra isso”, “Você acha que seu marido só gosta de mulher?”, entre tantas outras edições em que a questão se faz presente. Em todos esses programas, as estereotípias e piadas com a orientação sexual são bastante presentes e refletem a situação de preconceito, sofrimento social e discriminação vivenciada por essa parcela da população, sempre tomada como um desvio frente à masculinidade normatizada socialmente.

Por fim, apontamos ainda como regularidade do programa em análise a esteticização das mazelas, ou seja, a produção de percepções sobre as mazelas a partir de um acionamento da sensibilidade que as mesmas são capazes de despertar. O sofrimento, as querelas, as mazelas, as vivências cotidianas de uma parcela da população são transformados em imagens e dessas imagens são extraídas percepções de “bom” – segundo o deslocamento platônico estabelecido que identifica o “belo” ao “bom” – e essas percepções, por sua vez, transpostas aos modos de vida. Assim, ao produzir prescrições sobre supostos bons modos de viver, a ação psicológica realizada no programa em questão contribui para a construção de uma estética de vida. Corroboramos nossa percepção a proposição de Fernanda Bruno acerca dos *reality shows*, em que afirma que esse tipo de programa “é apenas uma linguagem narrativa, um modelo estético, mas também um modo de a subjetividade se produzir, ser requisitada no âmbito dessas linguagens, dessas narrativas e dessa estética” (BRUNO, 2009, p.11). Essa constatação pode ser transposta para os demais programas que, como o “Casos de Família”, se propõem a exhibir a intimidade.

#### 5.3.4 A pós-sala

Uma particularidade do dispositivo interacional midiaticizado produzido a partir das falas de D’amico e Fonseca no contexto do Programa “Casos de Família” é o fato de que as interações com o saber “psi” nele desencadeadas extrapolam a ambiência do programa e se processam também na circulação das enunciações e práticas

desenvolvidas em cena por outros espaços que geram afetações sobre a episteme da consulta. Esses outros espaços é o que estamos nomeando como a pós-sala do dispositivo, por se tratar do lugar excedente a sua produção, que abrange tanto as apropriações e ressignificações de uso conferidas pelos receptores quanto os espaços de complementaridade ao programa nos quais o saber psicológico nele produzido pauta as interações. Desse modo, para compreendermos o dispositivo em questão, julgamos necessário observar também alguns espaços de complementaridade e recepção, como páginas de internet e a *web page* do programa, a fim de perceber como os profissionais e o público dão continuidade às enunciações “psi” inicialmente propostas no espaço da cena.

A *web page* do Programa “Casos de Família”, embora mais destinada a ações de *marketing* do mesmo e promoção de audiência, nos permite inferir algumas produções de sentido acerca da Psicologia como mediadora da interação. Quando enuncia a apresentação dos casos sob a supervisão de uma psicóloga e aponta a Psicologia como diferencial do programa, o site assinala que esse saber tem uma função específica a desempenhar que inferimos ir além do fato de ter um especialista nas temáticas abordadas em seu quadro fixo, como dito. No modo de enunciação assumido confere sentido ao que entende por supervisão e que vai se manifestar no espaço da cena. À Psicologia é atribuída a função de olhar especialista que acompanha de perto o desenrolar dos fatos – sem deles participar, como sugere a supervisão – para produzir verdades sobre eles e, conseqüentemente, ofertar aos envolvidos – e também ao público – essas verdades. No ato de supervisionar percebemos ainda a diferenciação e a hierarquização do saber psicológico frente aos demais saberes circulantes na cena, confirmando, dessa forma, a função que acabamos de referir.

Nesse movimento, juntamente com a perspectiva já apontada de formação de vocabulário e oferta de entendimento didático das vivências cotidianas, esse saber dissemina modos de ser e de viver, na medida em que as enunciações em seu nome produzidas passam a pautar a relação dos sujeitos com o mundo social e com ele próprio, sendo mediadoras das interações e gestoras do que Foucault (1990) denomina “tecnologias do eu”. Essas tecnologias dizem respeito a práticas que possibilitam ao indivíduo operar sobre seu corpo e alma, pensamento, condutas e demais formas de ser, de modo a transformar a si mesmo como meio de alcançar estados de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.

A partir do conceito foucaultiano, Larrosa (1994) discute como determinadas práticas sociais – seu objeto é a educação – se organizam de modo a orientar a constituição de modos como as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas. O autor nos fala especificamente das práticas pedagógicas e terapêuticas e estabelece uma aproximação entre ambas, quando afirma que tais práticas apresentam importantes similitudes, na medida em que “a educação se entende e se pratica cada vez mais como terapia, e a terapia se entende e se pratica cada vez mais como educação ou re-educação” (LARROSA, 1994, p. 40).

O dispositivo em análise bem expressa essa aproximação estabelecida pelo autor, na medida em que mescla elementos das duas práticas na produção de um fazer que modeliza e constrói o que é uma pessoa formada e são e, concomitantemente, também o seu oposto. Desse modo, os discursos lançados à circulação produzem e ofertam aos sujeitos a experiência de si, vivenciada como uma espécie de encontro do sujeito com sua suposta natureza humana, autoconsciência e autodomínio. Contudo, como ainda pondera o autor em questão:

A própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. (ibid, p. 43).

As “tecnologias do eu”, como já afirmamos, são gestadas no dispositivo em discussão que abrange a circulação dos enunciados “psi” que se iniciam no Programa “Casos de Família”, mas que o extrapolam, em diversos espaços de complementaridade, como é o caso do site do Dr. Ildo Rosa da Fonseca – [www.ildorosafonseca.com.br](http://www.ildorosafonseca.com.br)<sup>137</sup> – e ainda das comunidades em sites de relacionamento pessoal – Orkut<sup>138</sup> – de fãs do psicólogo que seguem e comentam seus ensinamentos, como são exemplos as comunidades “Admiro Ildo Rosa da Fonseca<sup>139</sup>” e “Dr. Ildo Rosa da Fonseca<sup>140</sup>”. Em seu site, Fonseca disponibilizava textos de sua autoria e realizava atendimento psicológico mediado por computador.

---

<sup>137</sup> Atualmente o site não se encontra mais na rede disponível para acesso.

<sup>138</sup> Lembramos que o psicólogo encerrou suas atividades no programa em discussão no início do ano de 2011 e, à época, o Orkut figurava entre os sites de relacionamento pessoal mais populares.

<sup>139</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=62606273>

<sup>140</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=93263761>

Por sua vez, Anahy D'amico, em uma página de relacionamento pessoal no Facebook, "Fala Anahy D'amico"<sup>141</sup>, se apresenta como personagem fictício e veicula as imagens do programa, principalmente por meio de fotos. Nesse espaço, parece pôr em circulação sentidos que complementam e corroboram a construção por ela elaborada em cena sobre o conhecimento psicológico em relação com os casos discutidos. A maior parte das postagens de D'amico são mensagens de tipo reflexivas, à semelhança de enunciações características da auto-ajuda, que prescrevem modos de ser e supostamente explicam e direcionam condutas de vida, como ilustram as postagens de 23 de novembro de 2012: "Boa noite, queridos! Dizem que quem menos demonstra é quem mais sente. Nem sempre queridos, não se esqueça, acreditem primeiro em vocês, e depois na 'pessoa amada'", e de 24 de novembro de 2012: "Boa tarde, queridos! Raiva se trata com amor". Nessa mesma linha, encontramos também postadas "dicas" da psicóloga para seus seguidores, como vemos publicado ainda em 24 de novembro de 2012: "Dica: Antes uma gafe envergonhada que uma mentira sem vergonha". Nos dias anteriores, D'amico também ofertou dicas a seu público no Facebook. Em 23 de novembro de 2012, a dica foi a seguinte: "Dica: Cuidado. Pessoas mentem, sorrisos enganam e olhares iludem". No dia 22 de novembro do mesmo ano assim publicou: "Dica: Coloque 'ser feliz' no topo da sua lista de prioridades".

Postagens com conteúdo semelhantes às dicas transcritas também são feitas pela proprietária do perfil, como podemos ver na publicação de 27 de novembro de 2012: "Não vale a pena nem ver uma vez, quanto mais de novo!", de 11 de dezembro do mesmo ano: "Bom dia! Lembre sempre disso! 'Aprendi que eu posso caminhar sozinho(a) e isso não quer dizer que eu seja uma pessoa solitária'", e ainda de 12 de dezembro de 2012: "Boa noite, queridos! A vida te muda, mesmo você não querendo"<sup>142</sup>.

É interessante atentar para a semelhança de valorações e estéticas de vida presentes nos posts e faladas nos pareceres que a profissional emite no Programa "Casos de Família". As prescrições e chamadas à reflexão nos dois espaços – que são complementares na constituição do dispositivo – sintetizam um fazer miscigenado e

---

<sup>141</sup> <https://www.facebook.com/pages/Fala-Anahy-Damico/449916928402645?fref=ts>. A página foi criada em 21 de novembro de 2012.

<sup>142</sup> Todas as postagens aqui transcritas foram retiradas da página de D'amico no Facebook. (<https://www.facebook.com/pages/Fala-Anahy-Damico/449916928402645?fref=ts>, acesso em 21 de setembro de 2013).

diluído entre os referentes de determinado fazer Psicologia, da auto-ajuda e do senso-comum, apontando, com isso, uma importante característica das práticas midiáticas.

O espaço no Facebook é ainda utilizado para convidar o público às trocas interacionais, como percebemos nas postagens de 23 de novembro de 2012: “Mande suas perguntas, queridos!”, de 27 de novembro de 2012 e de 08 de dezembro de 2012, entre outras, que repetem o seguinte texto: “Mande suas perguntas, dúvidas e sugestões”. Nessas postagens não há curtidas nem comentários – curtir, comentar e compartilhar são as possibilidades de interação sobre os posts no espaço público do Facebook – e isso nos leva a inferir que o interesse da profissional pelas perguntas, dúvidas e sugestões pode estar relacionado ao desenvolvimento do seu fazer em outros espaços, como no programa em análise, corroborando a afirmação de Barichello (2003, p. 61) de que “os atores sociais não só servem de fonte para a mídia como observam as notícias para ver como são vistas suas ações”.

Em 10 de dezembro de 2012, além de solicitar a participação dos interlocutores, D’amico oferta-lhes ajuda como contrapartida, tal qual observamos: “Mande suas perguntas, dúvidas e sugestões. Estou aqui para te ajudar”. Em seguida a esse post encontramos três curtidas e dois comentários. O primeiro, de uma interlocutora, que faz o seguinte comentário: “Adoro vc... Meus Parabéns. Bjim”, ao qual D’amico responde: “Obrigada, R.R.<sup>143</sup>! Espero que esteja adorando minha fan page. Mande perguntas, dúvidas, sugestões e sempre será bem vinda. Fique ligada no 'Casos de Família'. Abraços e Beijos! Fala Anahy D’amico”.

A psicóloga também disponibiliza em suas postagens vídeos do Programa “Casos de Família”, como publicado em 21 de novembro de 2012, e vídeos de divulgação da programação do SBT, como são vistos em postagens de 10 de dezembro de 2012, 14 de dezembro de 2012, 19 de dezembro de 2012, e tantas outras postagens. Tais publicações nos fazem situar a página da profissional na rede de relacionamentos pessoais em questão como um espaço institucionalizado complementar ao programa, ampliando, com isso, seus locais de divulgação e circulação. Corrobora essa percepção as constantes referências ao programa, como acontece no post de 19 de dezembro de 2012: “Boa tarde, queridos! Assistindo o ‘Casos de Família?’”, e ainda a publicação de 27 de dezembro de 2012: “Boa tarde, queridos! Não deixem de assistir o ‘Casos de Família’ de hoje”.

---

<sup>143</sup> Substituímos o nome da interlocutora por suas iniciais.

No mesmo movimento em que amplia essa divulgação e circulação do programa em si, também o fez com as construções em torno da Psicologia e isso acontece de duas formas: a primeira delas, de modo bastante similar ao espaço da cena, produz perspectivas de sujeitos e de vida a partir do lugar da fala como psicóloga, logo, autorizada e supostamente legitimada para falar em nome da Psicologia. A segunda forma é através de postagens que falam sobre a própria Psicologia, ocupando-se dela como campo de saber e, assim, provocando determinadas enunciações sobre tal campo, como nos mostram os conteúdos publicados pela profissional em sua página no Facebook em 10 de dezembro de 2012, em duas postagens distintas: “Boa tarde, queridos! Não tratar os sintomas da neurose com medicamentos. Sim tratar a própria neurose com psicanálise!” e “#Diferenças A psicoterapia está para uma bengala assim como uma psicanálise está para uma máscara de mergulho”.

Observamos nesses elementos de pós-sala a mesma preocupação vigente nos enunciados construídos no espaço da cena, que diz respeito às operações de fala que precisam funcionar didaticamente e em enunciados claros e diretos, de modo a serem acessíveis a amplo público, especialmente àquele que compõe a audiência do programa e os interlocutores do dispositivo. Isso expressa mais um feito da mediação em processo na sociedade contemporânea, no seio da qual os dispositivos que estamos estudando ascendem à existência.

Mais um elemento de pós-sala bastante rico ao nosso estudo são as relações entre os enunciados produzidos e as instâncias de recepção. O âmbito da recepção – o qual aqui nos interessa somente como possibilidade de compreensão dos sentidos produzidos pelas enunciações acerca do psicológico e, conseqüentemente, suas afetações sobre a episteme da consulta – também nos oferece relevantes elementos para a abordagem do dispositivo. Embora as enunciações sobre o psicológico desenvolvidas no Programa “Casos de Família” tenham como função produzir verdades sobre o sujeito e prescrições sobre modos de vida, tais verdades não são tomadas como inquestionáveis, como verdades absolutas. Isso bem mostra a apropriação que os receptores fazem das falas dos psicólogos, questionando-as, contrapondo-se a elas, criticando-as ou afirmando concordância e certa devoção. Esse viés de enunciações coletivamente construídas é uma importante marca do processo de mediação, que põe os sujeitos e os representantes de campos sociais em interação em um compartilhar de vozes insurgentes que ecoam de diversos pontos. Isso marca também a redefinição das instâncias de recepção no mesmo processo de mediação.

Selecionamos alguns exemplos que ilustram a variedade de modos como as operações de fala produzidas no “Casos de Família” alcançam seus interlocutores e como eles a relançam em circulação. As edições do programa podem ser recuperadas na *web page* do mesmo e no site [www.youtube.com](http://www.youtube.com). No último, há possibilidade de comentários por parte de quem assiste e esses são muito comuns, embora na grande maioria das vezes sejam referentes ao programa ou a seus convidados. Optamos por nos ocuparmos da recepção que envolve especificamente os saberes “psi”. Um primeiro espaço de comentários dos modos como ele circula no programa foi encontrado aleatoriamente, quando lançamos no programa de busca do Google<sup>144</sup> o título do programa e o nome de seus psicólogos. Dentre os comentários sobre a atuação dos psicólogos encontramos o seguinte, que se refere a D’amico e nos chamou atenção:

Interessantíssimo seu comentário, penso que essa "pseudopsicóloga" é uma mancha entre os colegas profissionais. Não é a toa que psicólogos perderam muita credibilidade, a mídia e os próprios profissionais são responsáveis por permitir que aberrações como essa mulher façam tanta besteira com seu diploma. Bjos.

FONTE: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080825181928AAjA9qX><sup>145</sup>

Embora o comentário em questão seja identificado, não há como saber se seu emitente é um leigo ou alguém que avalia a partir de uma perspectiva do campo psicológico. Contudo, de um ou outro lugar, a questão marcada no comentário transcrito atravessa o contexto da midiatização, na medida em que, como enfatizamos repetidamente, a midiatização desenvolve como um de seus feitos a dissolução de fronteiras entre os saberes estabelecidos, marcando os atravessamentos e a produção de agenciamentos que faz com que as práticas em sua ambiência desenvolvidas sejam qualitativamente distintas das práticas não midiatizadas. No entanto, muitas vezes esses fazeres são avaliados por um olhar de campo específico que não permite enxergar as transformações exigidas como condição sem a qual o dispositivo midiatizado – especificidade de agenciamento que estamos abordando – se constitui. Perceber essas transformações para alcançar as produções delas decorrentes é nossa proposta de tese.

A comunidade “Adoro a Doutora Anahy D’amico”, no site de relacionamento pessoal Orkut, criada por fãs de D’amico, também traz comentários sobre o fazer da

---

<sup>144</sup> [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

<sup>145</sup> Acesso em outubro de 2012.

psicóloga no espaço do Programa “Casos de Família”, porém, agora com elogios e exaltação desse fazer, como ilustram as duas postagens selecionadas:

S. R. 09/10/2011

Eu gostei do comentário...

da Dra. Anahy, à respeito de pessoas (homens e mulheres), que não aceitam o final de um relacionamento e fica "infernizando" a vida da pessoa, principalmente quando ele já tem outro(a).....A "louca" da Christina Rocha falou para os convidados que as pessoas tem que entender quando o companheiro(a) não o(a) quer mais, daí virou a DIVA da Dra. Anahy e completou, dizendo:

"E a pior frase que existe é quando a pessoa diz: não vai ser meu, não vai ser de ninguém... ahhh.....isso sim é demais da conta, é o cúmulo do absurdo.."

Dra. Anahy é linda, viu????

D. M 17/12/2011

Gente, por que tem programas em que a doutora não comenta?

Eu achava que era só eu quem esperava até o final pra ver os comentários da Anahy, rs.

FONTE: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?na=2&nst=11&tid=2536674967838865189&cmm=4094586&hl=pt-BR><sup>146</sup>

Mais um exemplo de recepção, apropriação e relançamento à circulação das enunciações gestadas por D'amico no espaço do programa em exposição é a publicação que se segue, retirada do blog “Ateus Atentos”, que fala em nome de um grupo social organizado e, desse lugar constituído nas práticas, tensiona o fazer da psicóloga.

### **PROTESTE: para psicóloga do SBT, ódio é falta de deus no coração**

No programa Casos de Família veiculado pelo SBT no dia 9 de novembro com o tema "Todo mundo me odeia", a psicóloga Anahy D'Amico, como de costume, fechou o programa fazendo comentários sobre os casos exibidos naquele dia. Tratava-se de pessoas com problemas generalizados de relacionamento, no mais das vezes incapazes de interagir de maneira produtiva até mesmo com os membros mais próximos da família.

A respeito deles, a psicóloga afirmou

*"Eu acho que também uma atitude espiritual está faltando porque eu senti muita falta de deus nessa história toda, sabe? Porque tanto ódio não tem lugar pra deus. Então eu acho que também precisa de um acompanhamento espiritual. Na minha opinião."*

10'15"

3/3 - Casos de Família - 09/11/10

[http://www.youtube.com/watch?v=1II\\_ZeEkMXk](http://www.youtube.com/watch?v=1II_ZeEkMXk)

A associação do ateísmo com o ódio é clara, assim como a indução à ideia de que não apenas existe com é eficaz uma coisa chamada "acompanhamento espiritual", o que é particularmente antiprofissional vindo de uma profissional da saúde mental. Essas ações serão denunciadas junto ao Conselho Regional de Psicologia, mas é da maior importância enviar protestos para a produção do programa.

FONTE: <http://ateusatentos.blogspot.com.br/2011/03/proteste-para-psicologa-do-sbt-odio-e.html><sup>147</sup>

<sup>146</sup> Acesso em 02 de outubro de 2013.

A partir dos exemplos expostos, podemos inferir que produção e recepção então figuram como lugares por onde passam as mensagens, que transitam deambuladamente pelos múltiplos pólos gestores de enunciação. Produção e recepção figuram como momentos distintos e complementares da cadeia de interações, na medida em que as imagens e os enunciados forjados pelos produtores somente se concretizam quando alcançam os receptores, que assim se constituem por um instante e logo se deslocam para o lugar de novos produtores. Isso bem ocorre no dispositivo em questão, quando os profissionais de Psicologia lançam enunciações de seus lugares de fala que são discutidas, questionadas ou corroboradas por seu público. Esse, por sua vez, retorna enunciações em torno desse saber aos profissionais “psi”, se constituindo, nesse momento, como produtor e deslocando os psicólogos para a recepção. Na rede que assim se tece são postos em circulação os enunciados que fazem o dispositivo funcionar. Esses enunciados circulam como respostas diferidas e difusas que fazem semblante do que Braga (2006) identifica como terceiro componente da processualidade midiática, que diz respeito ao que o autor nomeia “sistema social de resposta” e assim o explica:

Ora, quando se trata de valores simbólicos, e da produção e recepção de sentidos, o que importa mais é a circulação *posterior à recepção*, ou seja, uma vez completada a processualidade mais diretamente “econômica” (ou comercial) do processo, do “fazer chegar”, os produtos não são simplesmente “consumidos” (no sentido de “usados e gastos”). Pelo contrário, as proposições “circulam”, evidentemente trabalhadas, tensionadas, manipuladas, reinseridas nos contextos mais diversos. [...]. O *sistema de circulação interacional* é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia. (BRAGA, 2006, p. 28).

O conteúdo que perpassa as enunciações “psi” no dispositivo em estudo assim se constitui, na medida em que, inicialmente veiculado pela mídia – no programa de tevê – passa a circular na sociedade como interação social, fato que aponta para o que a sociedade faz com o conteúdo veiculado e isso, segundo Braga (2006), se constitui como “resposta”. As respostas produzidas nas interações, por sua vez, são responsáveis por fazer o dispositivo em análise funcionar e, em nosso caso específico, passam a pautar as interações que os sujeitos então estabelecem com os saberes e as práticas “psi”, que findam por tensionar a episteme da ideia de consulta.

---

<sup>147</sup> Material publicado em 12 de março de 2011 e acessado em agosto de 2012.

#### **5.4 O funcionamento do dispositivo psicológico de interação mediatizada no Programa “Casos de Família”**

Todos os tópicos anteriormente apresentados atuam de forma articulada para fazer funcionar tanto o dispositivo quanto o programa que estamos observando. Além dos aspectos já discutidos, neste tópico pretendemos enfatizar como determinados elementos participam do grande jogo da experimentação de um dispositivo interacional “psi” no contexto da mediação em processo, de modo a produzir interações emergentes entre atores e práticas sociais e os saberes então em circulação. Para isso, é preciso distinguir o funcionamento do programa e o funcionamento do dispositivo, que dizem respeito a ações e funções de diferentes níveis, sendo o primeiro parte constituinte do segundo. Por esse motivo, vamos iniciar a exposição pela descrição do funcionamento do Programa “Casos de Família”.

Freire Filho, Castellano e Fraga (2008) nos ajudam a compreender esse funcionamento quando discorrem sobre o movimento estrutural do programa. Os autores identificam uma introdução, seguida pela prospecção e interpelação das querelas familiares a partir do relato autobiográfico dos convidados submetidos à interrogação pela anfitriã e ao discurso analítico prescritivo do profissional de Psicologia que se encontra em cena. Após a análise e o aconselhamento dos *experts*, a apresentadora tece suas considerações finais, faz os devidos agradecimentos e encerra o programa.

O que os autores chamam de introdução consiste na chamada com manchetes do que será exibido, seguida pela entrada em cena da apresentadora e sua fala sobre a temática que será discutida na edição do dia, permeada pela interpelação constante que faz ao público, buscando sua adesão. Isso acontece por operações técnicas como o jogo de câmera centralizado em seu rosto e pela constituição de público pautada por expressões como “você que...” ou “quem não...” (passou por situação parecida com a que será exibida), em exercício claro de estratégias de personalizar o público e conclamá-lo a um interesse por identificação com as vivências que serão exibidas em cena. A vinheta de abertura corta a cena. Em seguida, a imagem volta para a apresentadora Christina Rocha, que cumprimenta o público – platéia e telespectador –, enuncia o assunto do dia, discorre sobre ele e convida os participantes do programa ao palco – algumas vezes eles já estão no palco e Christina Rocha os apresenta.

A recorrência à identificação é uma estratégia importante de funcionamento do “Casos de Família”, na medida em que o programa se monta em construções acerca do comum e do corriqueiro, em detrimento do raro ou do singular, como expresso em sua *web page*: “Os problemas do cotidiano de qualquer família podem ser abordados, independente da classe social<sup>148</sup>”. Esse modo de fazer funcionar atravessa também os aspectos de endereçamento que já discutimos anteriormente. Com essa interpelação do público pelo viés do interesse pautado em situações que alguma vez tenha vivenciado como protagonista ou espectador, a apresentadora aciona um elemento relevante ao estabelecimento de interação desse público – tanto explícito quanto presumido – com o conteúdo produzido no espaço da cena e extra-cena que é o apelo ao sensível.

Como já discutido a partir da ideia de comunicação pelo sensível defendida por Fechine (2007), o acionamento de emoções como recurso comunicacional permite o desenvolvimento de uma espécie de sentimento coletivamente partilhado que finda por envolver o espectador no problema dos participantes do programa. Isso permite que ele tome partido ante o embate proposto, contribuindo assim para a marcação dos lugares de mocinho e vilão. Tais lugares parecem ser previamente prescritos, como o tema mesmo dos programas sugerem quando em seus não ditos já enunciam reclamações de uma parte supostamente vitimizada em decorrência de relações desiguais.

Exemplo disso são os programas “Meu marido é um safado!” e “Tome vergonha na cara! Minha casa não é balada!”. Os dois trazem já na temática lugares marcados de apoio e crítica por parte do público, além de expressarem relações de desigualdade entre as partes envolvidas. Vejamos como isso se desenrola no primeiro exemplo. Diferente do modelo comumente adotado, esse programa tem início nos bastidores onde estão cinco homens encostados em uma parede, enfileirados e a apresentadora chega interpelando se eles são safados. A montagem lembra um programa policial em que os bandidos são focados e interrogados pelo repórter a respeito de sua inocência. Os homens se defendem. A apresentadora justifica que o programa começou atrás do palco porque os homens têm revelações bombásticas a fazer e suas esposas só poderão saber em cena. Após essa encenação, toca a vinheta de abertura do programa e quando ele volta, retoma o formato mais frequente. Christina Rocha desce a escadaria, cumprimenta seu público, agradece o carinho e a audiência e anuncia o que vai

---

<sup>148</sup> <http://www.sbt.com.br/casosdefamilia/programa/>, acesso em setembro de 2012.

acontecer no programa: “eu acho que hoje a mulherada vai ter um ataque do coração...” (MEU MARIDO É UM SAFADO, 2011).

Em seguida, começam os direcionamentos personalizados e a exposição das situações em uma perspectiva previamente construída de marcação de culpados e inocentes, como já afirmamos. A apresentadora conclama seu espectador a entrar na questão:

[...] muita gente acha, gente, que todo homem trai... Muita gente acha que todo homem dá em cima da mulherada mesmo depois de casado... Só que a gente precisa acreditar que existe exceção. Nossas convidadas não tiveram sorte... (MEU MARIDO É UM SAFADO, 2011).

O auditório reage com vaias e a apresentadora prossegue afirmando a queixa de suas convidadas: “Meu marido é um safado!” e narrando as situações por elas vivenciadas: flagra de maridos com outras mulheres, marido olhar para outra mulher ou ainda sair e voltar para casa só no dia seguinte.

A encenação de bastidores, o tema da edição e as falas da apresentadora confirmam as marcações referidas dos lugares de mocinho e vilão como previamente roteirizadas. Na maioria das vezes, esses lugares persistem durante todo o programa e são finalmente legitimados pela fala do psicólogo do dia que, em tentativa de se eximir de redenção ou condenação, busca uma mediação entre as partes ao apontar erros e perspectivas sobre os envolvidos a partir, como já dissemos, de julgamentos moralista e pautados no politicamente correto. Acontece, contudo, que em algumas – embora poucas – edições, esses lugares roteirizados são subvertidos pelo carisma dos convidados acusados que conseguem conquistar a simpatia do público e afirmar sua causa. Isso ilustra a possibilidade de escape que se delineia na insuficiência dos roteiros quando lançados nas mãos de pessoas comuns que encenam suas próprias querelas.

Após a introdução, o movimento segue com a apresentação dos relatos autobiográficos dos convidados e a interrogação da apresentadora, constantemente suscitando o embate entre os participantes. Em cena, cada participante faz um relato de suas vivências em tons de acusação ou defesa, dependendo do lugar que assume no enredo do dia. Quando as duas partes envolvidas estão no palco, a apresentadora as interroga e promove um debate entre os diferentes pontos de vista – em alguns momentos bastante acirrado, com episódios de agressão física e/ou verbal. No palco

acontecem as discussões, as encenações estereotipadas, as intervenções interrogativas da apresentadora e a participação da platéia.

No exemplo em questão, o primeiro caso é o de Fernando, acusado pela esposa de olhar para outras mulheres. Fernando contesta e a apresentadora incita a discussão. O caso seguinte é do casal Mariana e Filipe. A esposa reclama que o marido sai, passa dois dias fora e ainda volta bêbado. Na mesma linha de reclamação aparece o casal Ângela – a reclamante – e Vanderlei – o reclamado – para protagonizar o terceiro caso do dia. Tiago, filho do terceiro casal, também é reclamado pela esposa, que afirma tê-lo flagrado traindo-a.

Após as discussões dos quatro casos, o terceiro reclamado, Vanderlei, diz que tem um segredo a contar. Depois de toda a expectativa em torno desse segredo, ele diz que quer pedir Ângela novamente em casamento. Ângela se emociona, os dois se beijam e ela aceita casar agora segundo a religião, pois eles somente casaram na instância civil. Christina Rocha interrompe com as seguintes palavras, antes de passar a voz a D'amico: “Mas a verdade é que o amor é lindo, e que o amor, apesar das frustrações, das decepções, às vezes a gente aguenta certas coisas em nome do amor, né?”. Em seguida, D'amico realiza sua intervenção perita, acionando o funcionamento da Psicologia no espaço do programa:

É, eu nem sei em nome do que se aguenta, né, algumas coisas. Mas o fato é que cada mulher escolhe o tipo de relacionamento que quer ter, né? Os homens daqui fazem aquela linha brincalhona, então eles apanham, dão risada, então fica aquela coisa assim meio diluída, né? Com aquela estratégia de negar até a morte e as mulheres fingem que acreditam e assim vão levando vinte, trinta, quarenta anos de casamento. Quem disse que não é bom? Eu acho que cada casal tem um modelo de relação que aguenta ter, que quer ter, que gosta de ter, mas a galinhagem é uma agressão ao emocional da mulher, né? Eu não sei porque algumas mulheres se relacionam com homens assim, mas se tá funcionando, se tá todo mundo feliz, é isso que interessa. (MEU MARIDO É UM SAFADO, 2011).

Em algumas edições do programa, o profissional de Psicologia intervém durante a discussão do caso fazendo perguntas e emitindo pareceres, em outros, como o que expusemos acima, aguarda até o final para fazer sua fala. Depois da fala final do psicólogo, a apresentadora faz o encerramento, com breves comentários e agradecimentos. A cada corte para intervalo comercial, costuma ser exibido um videotape gravado nas ruas de diferentes cidades, com transeuntes falando sobre o tema,

seja apresentando questão parecida e perguntando o que fazer, seja expressando uma opinião a respeito.

Essa estrutura descrita é a mais frequentemente assistida no programa observado, contudo, determinadas edições fogem a esse modelo, trazendo novidades como a participação de pessoas públicas que são convidadas, a ausência dos psicólogos no programa ou ainda a promoção de concursos tal qual o Concurso “Calendário Casos de Família”, exibido no programa do dia 01 de janeiro de 2010 e o “Miss Purpurina 2010”, que foi ao ar em 30 de julho do mesmo ano; ou ainda a presença de outros profissionais participantes, como aconteceu em 08 de janeiro de 2010 na edição intitulada “Eu quero saber o meu futuro”, na qual três especialistas em previsão de futuro foram convidadas a intervir – em lugar dos profissionais de Psicologia – junto às angústias, conflitos e incertezas que os participantes do dia levaram ao palco.

Esse último exemplo, mesmo sem a presença dos psicólogos nos dá pistas sobre o modo de funcionamento do saber psicológico tanto no programa como no dispositivo que estamos problematizando, na medida em que nos permite inferir uma função do referido saber no “Casos de Família” associada à produção de verdades sobre o sujeito. O programa sobre “Eu quero saber o meu futuro” ilustra como, no contexto da midiática, diversas esferas sociais podem falar sobre o sujeito, produzindo verdades sobre ele e alcançar, no espaço da mídia, legitimidade e aceitação, pois a ambiência midiática se constitui a partir dessas afetações e diluições de fronteiras que permitem a qualquer um falar sobre qualquer coisa. Com isso, não estamos afirmando que não há critérios em torno da fala. Tais critérios existem, porém, ao serem assumidos no espaço das práticas, não advém necessariamente de formulações pré-instituídas.

Essa situação bem se mostra de acordo com a proposta de levar ao espaço midiático a prática de aconselhar. D’amico e Fonseca, assim como os numerólogos, os astrólogos, como a apresentadora Christina Rocha e tantos outros que comparecem ao programa, incluindo também a plateia, são convidados a aconselhar e para o conselho não há pré-requisito. Amigos dão conselhos, conhecidos dão conselhos, até estranhos em encontros casuais se permitem aconselhar. Não há critério que os invalide, até porque o conselho, por si mesmo, pode ser facilmente contestado ou recusado. Daí a importância – ou o diferencial, como apresentado no “Casos de Família” – do perito ou *expert* que, lastreado por determinado campo de produção de conhecimento, vai atribuir uma dimensão de verdade a sua fala, diferenciando-a, por exemplo, da fala de uma pessoa do auditório, ou seja, do senso comum.

Nessa diferenciação com o senso-comum é que a fala perita se legitima, contudo, isso nos soa como um paradoxo, ao passo em que, no mesmo movimento pelo qual se diferencia, precisa recorrer ao senso-comum para adentrar no espaço das práticas. Isso acontece, por exemplo, na abdicação de uso de termos técnicos ou eruditos, em uma espécie de tradução ou linguagem facilitada capaz de torná-los acessível e amplamente interessante, especialmente se assumimos como referência o público para quem falam D’amico e Fonseca. Esses dois profissionais bem seguem essa especificação que os coloca como profissionais de referência no espaço midiático, ou seja, profissionais que conseguem, na especificidade desse espaço, que seus fazeres funcionem. Esse funcionamento, contudo, pela diluição dos referentes, pelas operações de fala, pelo vocabulário adotado, pelos modos de estruturação, tensiona intensamente os seus saberes de formação, como vemos no programa a seguir, no qual participa D’amico que, em uma fala de um minuto e cinquenta segundos, assim se expressa:

Aproveitando o tema do programa, né, que ‘o meu cupido deve ser gari porque ele só me traz lixo’. Na verdade, ninguém traz nada pra gente, é a gente que vai buscar, não é verdade? Então Cida, teu caso é gritante, né? Você tem que assumir a responsabilidade pelas escolhas que você tá fazendo. Que relação é essa que você se envolve que você tem que bancar o homem, né? Você é explorada. Literalmente! Não vamos enfeitar, não vou botar champignon. Você é explorada. Você trabalha, você tem que manter esse homem, né? Então porque na tua cabeça você acha que você tem que sustentar um homem? Por que você acha que você tem que tratar esse homem desse jeito? Por que você acha que você vale tão pouco? O que na tua história te fez ter essa ideia? Então fecha pra balanço. Dá um tempo na tua vida, tá? E no primeiro caso, Ferreira, você tem qualquer coisa menos auto-estima boa. O que você tem é uma impossibilidade total, sabe, de digerir uma frustração. Você não aguenta ouvir não, você não aguenta... ou talvez ela seja uma coisa tão boa na tua vida que você não consiga ficar sem, sabe? Foi tanta areia, de repente, que você não tá conseguindo abrir mão daquilo. Mas ‘não’ é ‘não’. Não dá, sabe, desde que o mundo é mundo, ‘sim’ é ‘sim’, ‘não’ é ‘não’. Não dá, sabe? Você tá se iludindo, tá? Então eu acho que a gente precisa fechar pra balanço e só entrar numa relação quando a gente tiver inteira porque senão o pessoal arranca pedaço. (O MEU CUPIDO..., 2012).

Observamos nas palavras de D’amico o que Fischer (2002) nomeia como práticas e normas “escolarizadas” produzidas no espaço da mídia. A psicóloga, de seu lugar de especialista, desenvolve uma fala pedagógico-prescritiva sobre a situação de vida de seus interlocutores que é facilmente compreensível por seu público. Nessa ação, faz uso de um vocabulário comum e não se priva de incisões diretivas sob a justificativa

de oferecer soluções possíveis. Desse modo, ilustra como a Psicologia é chamada a funcionar no dispositivo em análise, no seio do qual assume como uma das mais relevantes características a produção de modos de ser no mundo, os quais oferece como receitas – conselhos – massivamente disponibilizadas e afirmadas como passíveis de serem generalizadas com êxito por quem delas bem se apropriar.

## 6 A TRANSFORMAÇÃO DA CONSULTA

No momento em que o processo de mediação figura como solo epistemológico de emergência das práticas sociais contemporâneas, suas lógicas passam a afetar o funcionamento de tais práticas, bem como as mais variadas experimentações e invenções que se forjam em sua ambiência, incluindo aquelas que envolvem os campos de produção de saberes institucionalizados que se agenciam com a mídia e, assim, abdicam de seus limites rigidamente estabelecidos em prol de tentativas de construções outras que se ocupam das questões cotidianas no seio das quais elas se configuram. Dentre essas construções, estão os dispositivos interacionais mediados que trazem para seu espaço elaborações discursivas sobre os assuntos “psi”, como são exemplos os três casos que abordamos em nosso estudo: a coluna “Vida Íntima”, o site [Ajudaemocional.com](http://Ajudaemocional.com) e as enunciações psicológicas no Programa “Casos de Família”. Tais dispositivos mostram como os saberes “psi” estão se reconfigurando na atualidade e os sentidos em torno deles produzidos, apontando as transformações que os afetam como uma tentativa possível de bem funcionar nas interações contemporâneas.

Tais transformações, como vimos, findam por promover uma deambulação de importantes elementos constituintes de cada um dos campos aqui englobados como saberes “psi” – Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Com isso, geram tensionamentos e problematizações em torno dos saberes instituídos para gerenciar a subjetividade, na medida em que tal gerenciamento passa a ser realizado em dispositivos que diferem das teorias, técnicas, métodos e espaços criados pela Psicologia, pela Psiquiatria e/ou pela Psicanálise, embora continue nelas se embasando. Um aspecto do tensionamento se ergue a partir daí: dispositivos que surgem em espaços extra-campos, mas buscam reconhecimento e legitimação pela referência dos campos e, além disso, muitas vezes têm origem mesmo na voz de participantes desses campos, como é o caso do dispositivo tessariano que, a partir do lugar tradicional da Psicologia, produz articulações outras que findam por gerar afetações sobre seu referente de sustentação mesmo. Já as colunas de Goldin e as enunciações de D’amico e Fonseca são exemplos de dispositivos emergentes nos referidos espaços extra-campos, mas que, tal qual Tessari, anseiam por validação e legitimidade nos campos instituídos. Isso é bem característico das construções mediados que apresentam como marca a desterritorialização dos saberes

e das práticas que, em tal ambiência, abdicam de enraizamentos rígidos e se reconfiguram como processualidades em constante movimento.

É em meio a esse cenário já deambulante por definição que são desencadeadas novas enunciações e afetações que incidem nas relações entre instituições e atores sociais e, segundo Fausto Neto (2010, p. 87), redesenham “a plataforma dos processos interacionais, principalmente o âmbito da circulação de mensagens em novas condições”. Como matriz de transformações, a mediação tem como um de seus mais expressivos produtos a instauração de deslocamentos, de modo que os eventos e fatos sociais que nela se ambientam são imediata e constantemente reconfigurados. Desse modo, os discursos e as práticas “psi” deles resultantes passam por reformulações que findam por movimentar os referentes da consulta, imprimindo importantes repercussões não apenas sobre a consulta imediata, mas prioritariamente sobre a episteme que produz a ideia de consulta.

Isso acontece por meio dos modos de enunciação e das práticas deles desmembradas no espaço das interações mediadas. Contudo, precisamos lembrar que nem toda ação de mediação dos fazeres “psi” resulta em consulta transformada. Há também o acionamento desses saberes na processualidade da mediação sem que isso necessariamente implique uma proposta de consulta, como ocorre quando, nessa ambiência, especialistas divulgam seu saber, falam à sociedade e produzem modos de gerenciamento da subjetividade sem, entretanto, estabelecerem uma relação pautada em consultante e consultado<sup>149</sup> ou no desencadear de uma prática a partir da circunscrição de demandas expressas. Exemplo disso são as colunas de Goldin anteriores a novembro de 2010 ou ainda a coluna “Amor” da Revista Caras, de autoria coletiva – um autor por edição, distintos autores a cada edição – de profissionais dos campos psicológico, psiquiátrico e/ou psicanalítico e que assume como proposta a exposição perita de assuntos relativos à Psicologia do Amor, mais especificamente questões que atravessam os relacionamentos mútuos, entre casais, entre pais e filhos e/ou entre familiares em geral.

Nesses dois espaços, além da inexistência de uma relação apriorística de demanda por consulta, também podemos perceber que as transformações decorrentes do atravessamento dos saberes envolvidos no contexto da mediação acontecem de

---

<sup>149</sup> Embora não sejam somente os componentes da interação que a caracterizam como consulta. Como já discorremos sobre a consulta anteriormente, julgamos que seguir adiante sem retomar o que já foi dito não implica em prejuízo para a compreensão do texto.

forma distinta àquelas que podem ser observadas nos dispositivos que assumimos como casos a serem estudados. Essas diferenças se manifestam nas variedades de interação entre os saberes implicados na construção enunciativa. Nos espaços supracitados, como se noticia política, economia ou cotidiano, os escritores das colunas – “Vida Íntima” anterior a novembro de 2010 e “Amor” – noticiam suas elaborações sobre sofrimentos psíquicos, sexualidade e relacionamentos mútuos, em uma espécie de transposição para a mídia de elaborações de seu campo que nos parece a meio caminho dos agenciamentos. Apesar disso, são visíveis as afetações mútuas e as transformações decorrentes da mudança de lugar e de público aos quais a fala se destina. Há um movimento de mão dupla que ilustra, a nosso ver, exatamente a lógica da midiaticização e dos processos sociais, para a qual não há uma relação de sobredeterminação, mas, contrariamente, uma afetação mútua e recíproca entre instâncias de mídia e processos sociais, que ocorre em diferentes intensidades e em distintas direções. Não parte da mídia, tampouco dos campos sociais, ambos se deslocam simultaneamente e constituem interações de múltiplas naturezas. Esse é um dos motivos que garantem a produção vasta de dispositivos interacionais em processos tentativos.

Tal percepção nos leva a defender que, mesmo em construções distintas do “fazer consulta” propriamente dito, esse tipo de midiaticização dos saberes “psi” também acarreta importantes afetações sobre a episteme da consulta, na medida em que dissemina representações sobre tais saberes e práticas e essas representações passam a pautar as interações com os mesmos. Uma situação em que isso ocorre é quando sujeitos recusam a consulta em virtude de conceitos previamente estabelecidos sobre a mesma adquiridos através do contato com os saberes “psi” em ambiências extra-campo. Temos aí uma recusa a determinado processo pautada em uma interação anterior que mistificou esse processo. O inverso é também possível e acontece quando sujeitos buscam a consulta por representações criadas a partir do contato com o saber na ambiência midiática.

Além da midiaticização dos saberes em questão não representar necessariamente a transformação da consulta, embora tenha sobre ela incidência significativa, a ocorrência desses saberes no espaço da mídia não os caracteriza como necessariamente midiaticizados. Essa afirmação foi bastante discutida ao longo de nosso texto e, para ressaltá-la, remontamos aos conceitos de agenciamento e de midiaticização desenvolvidos em nosso capítulo inicial. Retomamos ainda o exemplo já exposto da série “Sessão de Terapia” que exhibe na mídia – indústria cultural – a encenação de um modelo canônico

de consulta sem que, contudo, tal consulta seja mediados. É importante considerar essas sutilezas, pois afastam o risco de uma leitura ingênua de que aparecer na mídia é mediados ou, mais especificamente em nosso objeto, assumir a referência de saber “psi” implica a figuração como um dispositivo interacional “psi” mediados. Essas definições prévias e condensadas são contradizentes à lógica da processualidade que lastreia tanto os dispositivos quanto a concepção de mediados.

Para compreendê-los, insistimos, é necessário atentar para as aberturas, os escapes, os deslizos, as singularidades, os devires. O que da consulta desliza quando transposta para o solo epistemológico da mediados é o que melhor pode caracterizá-la como consulta mediados: o que ora se perde, ora retorna, ora se deforma, ora assume o mais legítimo rigor canônico, as transmutações contínuas que somente nos permitem circunscrevê-las no determinado instante em que estão acontecendo, já que no instante seguinte podem facilmente ocorrer de outros modos. Por esse motivo, nomeamos “consulta deambulante” ou “consulta transformada” o ato de consultar segundo as lógicas da mediados em vigor.

### **6.1 A consulta mediados e seus aspectos de transformação**

A inserção dos saberes “psi” no movimento contemporâneo de mediados, como expusemos ao longo deste trabalho, produz deslocamentos que nos levam a caracterizar os fazeres gestados no espaço dos dispositivos interacionais “psi” mediados como uma consulta transformada, a partir de alguns aspectos de deformação resultantes das afetações mútuas que se processam entre os saberes implicados em fazer o dispositivo funcionar. Para chegar a esses aspectos de transformação, partimos de um contexto amplo que é o dispositivo, ou seja, o lugar onde se passa o drama da experimentação. Nos dispositivos estudados, temos quatro atores, que são os profissionais peritos que operam uma escuta nos diferentes lugares nos quais se inserem, bem como empreendem a gestação de enunciados e práticas em torno dos saberes em foco. Cada um desses atores produz, através das tentativas distintas sobre os feitos psicológicos, operadores. Temos três operadores em nosso estudo que transparecem a possibilidade de fazer funcionar processos interacionais em

torno de questões “psi” em outras ambiências que, no caso, são os dispositivos interacionais mediados.

Nesse procedimento tentativo, o primeiro deslocamento incide sobre os atores, que deambulam juntamente com o deslocamento dos processos interacionais. Exemplo disso é o Goldin analista, psiquiatra, cronista, colunista, literato, consultante, dentre outros papéis desempenhados nas linhas da coluna “Vida Íntima”. Também Tessari, psicóloga e psicoterapeuta, moderadora de site, colunista, apresentadora de web-tevé, palestrante e várias outras funções no espaço de seu dispositivo. Por sua vez, tanto D’amico quanto Fonseca também deambulam por lugares distintos em seus fazeres no Programa “Casos de Família”, passeando por múltiplas figurações entre o psicólogo e a celebridade televisiva formadora de opinião. Tal deslocamento de lugares e de referentes é bem característica da mediação que imprime uma dissolução de fronteiras estabelecidas entre campos e práticas sociais e desconstrói as segmentações identificatórias preestabelecidas em prol de um delineamento fluido das mesmas nas interações em que elas acontecem, de modo que o ator se define pelo movimento entre suas múltiplas atuações nas práticas mesmas. Isso corrobora a afirmação de Fausto Neto (2010, p. 88) de que na mediação:

Os papéis dos atores (os intelectuais, por exemplo) também se reformulam uma vez que os mesmos passam a jogar o “contrato da performance das novas lógicas midiáticas”, situação em que parecem mais “representar para si mesmos”, ou para estas novas interações, do que interagir para com a sociedade, nos moldes antigos.

Como os atores, os fazeres insurgentes nos dispositivos em análise também aparecem em constante deslocamento que se realiza em resposta às demandas das interações mesmas das quais participam. Como discutimos caso a caso, os saberes “psi” assumem diferentes configurações entre as codificações mais rigorosas de campo e o despreendimento das mesmas, valendo-se delas, algumas vezes, apenas como nomeação legitimadora. A exemplo de Proteu, o deus da mitologia grega dotado do poder de se metamorfosear para escapar dos perseguidores ou dos que buscam consulta sobre os acontecimentos futuros, os saberes lançados à mediação também parecem se metamorfosear para bem funcionar nas articulações estabelecidas. Assim, como ocorre nos agenciamentos que abordamos, podem abdicar do linguajar acadêmico para se tornar acessíveis; adotar diferentes modos de interagir para viabilizar as trocas com a sociedade em geral; ressignificar os acionamentos teóricos em prol de maior

aceitabilidade; prescrever modos de ser e, com isso, adentrar nas questões de foro íntimo; miscigenar elementos de outros campos e muitas outras ações tentativas de melhor se inserir nas práticas cotidianas da contemporaneidade.

Nessas metamorfoses, findam por deslocar os modos de fala, muitas vezes aproximando-os de conselho de amigos ou conhecidos, como acontece nos pareceres de D'amico e Fonseca; da linguagem fantasística da literatura, tal qual realiza Goldin, em um misto de fazer literário e acionamento da Psicanálise; ou ainda das elaborações biomédicas acerca de coisas psíquicas, como pudemos observar no dispositivo tessariano. Esses modos de fala transformados, por sua vez, delineiam o que cada um dos dispositivos empreende como oferta aos que com eles interagem. Com isso, tais dispositivos produzem outra modalidade de interação entre os campos sociais e, ainda, outros elementos de inteligibilidade da vida e dos processos sociais, que são transformados na interação mesma.

Essa outra modalidade interativa resultante das insurgentes transformações que acontecem com o funcionamento do dispositivo reverberam nos processos sociais de muitas maneiras, dentre as quais apontamos as expectativas e as crenças em torno das ofertas dos dispositivos. Em um circuito que envolve produção, recepção e sistema social de resposta, como discutimos com Braga (2006), encontramos uma relação complementar entre ofertas e demandas de cada um desses pólos, no centro das quais se constroem as expectativas acerca do dispositivo ou, mais especificamente, a respeito dos saberes envolvidos na constituição do mesmo. O que espera um sujeito da Psicologia, da Psiquiatria e da Psicanálise disponível nas páginas de jornal, em sites na internet ou em atrações televisivas não é uma questão simples – talvez nem passível – de circunscrever, por dois motivos principais: o primeiro deles, pelas singularidades que pautam os modos com que os sujeitos passam a interagir pela mediação dos dispositivos e; em seguida, pelo fato de que não há nessa relação qualquer viés de determinação, do tipo o sujeito acompanha “Casos de Família” pelo interesse nas técnicas de resolução de conflito desenvolvidas no programa. Acrescentamos a isso ainda a fluidez ou variação constante que atravessa as expectativas. Em determinado momento, a coluna “Vida Íntima”, por exemplo, pode interessar como leitura despretensiva ou entretenimento, o que facilmente pode mudar em momento seguinte para o interesse em diretrizes para lidar com o mal-estar ou adquirir vocabulário para anunciar sua intimidade. Assim também acontece com o site Ajudaemocional.com e com as enunciações produzidas – livremente ou roteirizadas – por D'amico e Fonseca.

As motivações para a busca pelos dispositivos interacionais “psi” mediados envolvem questões multideterminadas que incluem aspectos sociais, individuais e subjetivos. Por aspectos sociais entendemos as características da sociedade contemporânea que estão implicadas nos modos de ser dos sujeitos que nela vivem. Tal sociedade, a qual estamos assumindo como em acelerado movimento de mediação, atravessa um momento histórico marcado por intensas transformações, por crises cíclicas e por redefinições na política, na economia, nos relacionamentos sociais, na dimensão micropolítica, entre outras. A sociedade em acelerado processo de mediação traz as marcas da revolução tecnológica sem limites, da profusão de novos produtos a cada dia lançados no mercado, da emergência do espaço virtual com a internet mundialmente acessível e cada vez mais popularizada, da diluição das fronteiras espaço-temporais, da mídia como processo interacional de referência. Nesse contexto, importantes características se delineiam como o imediatismo, o hedonismo, niilismo e suspeita sobre o racionalismo das luzes que pautou o projeto civilizatório da Modernidade, o reencantamento do mundo, as novas formas de socialização, o individualismo crescente, a publicização da vida privada (SEVERIANO, 2001).

Apesar das divergências de conduta entre as várias matrizes do pensamento psicológico, em sua grande maioria, muito de suas ofertas se confrontam com as características acima listadas e, frente a elas, os dispositivos interacionais mediados “psi” podem surgir como possibilidade condizente com as demandas socioculturais da contemporaneidade. Até já adentramos nessa questão anteriormente quando nos referimos à Rolnik (1997a), que tematiza a desterritorialização da subjetividade em tempos de globalização e chama a atenção para as identidades *pret-à-porter* que são buscadas como forma de reterritorialização e expressão de modos de ser pelos sujeitos na atualidade. Pois bem, transpondo a questão para o plano dos dispositivos mediados, talvez por modos de promover a interação com os processos “psi” constituídos na prática, que trazem em si as dimensões assinaladas como características do momento sócio-histórico vigente, tais dispositivos possam bem ser aceitos e proliferar nos dias de hoje.

Enquanto uma análise, por exemplo, tem longa duração<sup>150</sup>, suscita grande exercício de elaboração intelectual, os resultados não são imediatos, exige a exposição sistemática ao outro e o investimento financeiro é alto, as colunas do Goldin oferecem

---

<sup>150</sup> Os psicanalistas discutem inclusive sobre a possibilidade de término de uma análise, discussão que se inicia com Freud (1937) e seu texto “Análise terminável e interminável”.

diretrizes de forma prática e imediata, já estão prontas e em linguagem direta e acessível, as respostas necessárias se encontram nas entrelinhas e a baixo custo. Tessari disponibiliza, por sua vez, a sistemática do processo de remissão de sintomas, como identificá-los, preveni-los, nomeá-los, tudo na imediatividade de um clique e na virtualidade da rede. Oferece a possibilidade de vários ensaios, para os quais, porém, não há erro, não há engano. Mostra a assistência e disponibilidade contínua e instantânea a qual anseia o sujeito hodierno. D'amico e Fonseca aliam prescrições e visibilidade, realizam o sonho de muitos de aparecer na tevê como estrelas de suas próprias vidas, embora essas vidas não sejam aparentemente desejadas, mas os psicólogos as mostram perfeitamente ajustáveis. Nesse sentido, as práticas estabelecidas nas interações midiaticizadas bem parecem estar em acordo com as demandas do momento sócio-histórico nas quais são produzidas, fato que nos leva a enxergar uma tessitura bem mais complexa do que as demandas ou expectativas imediatas de sujeitos particularmente. Subjetividades forjadas em tempos de midiaticização encontram nos dispositivos também midiaticizados atrativos modos de destinação de suas causas.

Não se pode esquecer que os dois dispositivos interacionais – o clássico e o midiaticizado – obviamente disponibilizam coisas distintas, mas ambos se propõem a tratar de assuntos referentes a questões psíquicas. Essas distinções, contudo, muitas vezes são desconhecidas do público leigo que, quando anseia pela consulta analítica, vagamente sabe o que dela esperar. Além disso, diante dos sintomas, muitos buscam resultados, que são vistos como respostas as mais rápidas e diretivas possíveis, o que está em acordo com os modos de fala dos saberes “psi” quando midiaticizados, já que se refere a marcas do próprio processo de midiaticização. A nosso ver, esses traços apontados contribuem para tornar tal público disponível para as distintas formas em que a consulta se apresenta, desde as muitas figurações das tradicionais consultas “psi” até os mais variados espaços em que ela aparece midiaticizada.

Além das questões sociais que expusemos, questões individuais e micropolíticas, conforme já referimos, também estão imbricadas nas expectativas e motivações interacionais em torno dos dispositivos que midiaticizam os saberes “psi”. Como os três níveis de questão são inextricavelmente constituídas, os aspectos que já assinalamos também passam pelos interesses pessoais e pelos modos de subjetivação que hoje se dão prioritariamente a partir da midiaticização como referente. Ao aspecto pessoal, acrescentamos o culto ao individualismo no contexto social atual, a crença do sujeito no senhorio de si e as relações instrumentais com o outro, muitas vezes anulados em

alteridade. Se bem observamos os modos de endereçamento dos três dispositivos estudados, constatamos que eles produzem e/ou corroboram esse sujeito suposto autônomo que está de acordo com o sujeito psicológico exaltado nos não ditos de D'amico e Fonseca, por exemplo. Com propostas de práticas instrumentais em seu pragmatismo e sistematização, Tessari bem opera junto ao aspecto individual que estamos discutindo. Também o faz com a lembrança e conclamação constante do “Seja feliz”, para o qual ela disponibiliza diretrizes.

A dimensão micropolítica se reflete nos modos de subjetivação variados que se oferecem prontos a serem adquiridos, a semelhança de bens de consumo, nos espaços canhestamente forjados nos dispositivos interacionais mediados. Nesse espaço circulam com grande frequência padrões normativos e promessas ou soluções para as readequações que os interlocutores julgarem necessárias. Desse modo, os dispositivos interacionais “psi” mediados concretizam, como já ilustramos anteriormente, a postulação foucaultiana das “tecnologias do eu”.

Transversalmente a esse íterim de aspectos sociais, individuais e subjetivos percebemos a questão da crença no dispositivo que pauta a relação dos interlocutores com a modalidade de dispositivos em discussão. Importante percepção sobre o funcionamento desses dispositivos está no fato que leva os sujeitos a acreditarem neles e se sentirem satisfeitos em suas expectativas. Nesse ponto também acontece um deslocamento quando tomamos o modelo clássico de interação e o modelo mediado. Dificilmente um sujeito recorre a Goldin ou D'amico e Fonseca em busca de uma cura no sentido biomédico. No dispositivo tessariano isso é possível de acontecer pelos modos mesmos como essa ideia de cura é apresentada. As construções acerca da cura na Psicologia, na Psiquiatria e na Psicanálise são bem diferentes entre si e ainda entre especificidades de cada um desses campos particulares. Porém, por mais distintas que sejam, divergem de qualquer resultado buscado no âmbito dos dispositivos mediados.

Contudo, não podemos desconsiderar que algum estado de bem-estar psicossocial a proposta mediada apresenta como possibilidade. A mediação de um conflito instalado, a nomeação e balizamento de algum mal-estar ou ainda a indicação de como melhor tratar determinadas questões podem ser propostas interessantes do dispositivo mediado que desconstruem a ideia de cura como fim. Assim, não dá para discutir cura ou qualquer outro referente dos saberes em discussão a partir de comparativos pouco produtivos com os saberes. Mais interessante nos parece enxergar o

que, no seio do dispositivo e em acordo com o mesmo, se produz em torno da consulta que certamente no agenciamento passou por transformação. Em decorrência, cura, demanda, oferta, técnicas e tantos outros elementos que, também transformados, põem em movimento a própria crença na instituição “psi”.

Relacionado a isso, percebemos os deslocamentos dos interlocutores, juntamente com a deambulação dos atores e os movimentos das operações de fala. Na relação mediados, o sujeito que inicialmente transita pelo pólo da recepção deixa de ser necessariamente o consulente, em situação de instabilidade psíquica e que busca de algum modo uma cura, seja qual for a representação por ele elaborada acerca da mesma. O próprio ato de apenas transitar pelo lugar da recepção já desloca o interlocutor, que em alguns momentos ocupa o lugar da produção e, na interação com o dispositivo, nem sempre se coloca em busca de consulta. Isso vai ao encontro de uma característica da mediação que é a de promover a insurgência de multiplicidades nos dispositivos em seu contexto gestados. Consulente, leitor, audiente, escrevente, paciente, interlocutor, aprendiz e muitos outros lugares podem ser assumidos por um mesmo sujeito, simultaneamente ou não, quando em interação com os saberes “psi” nos dispositivos mediados. O “novo” interlocutor é tão proteu quanto os saberes agenciados na mediação.

Outro importante aspecto de transformação que atravessa a consulta mediados diz respeito à relação estabelecida entre as perspectivas do saber especialista e das construções do senso-comum. Como viemos discutindo ao longo de nosso trabalho, um dos significativos feitos da mediação em processo é a diluição de fronteiras entre os diversos campos sociais e, conseqüentemente, a diluição das distinções mais fortemente características de cada um deles, pautadas em suas regularidades canônicas. Pois bem, quando agenciados na ambiência midiática para formar os dispositivos mediados, essas distinções tendem a desaparecer, de modo a continuamente dar lugar a coisas outras que inevitavelmente se reconstituem em outros agenciamentos, em movimento ininterrupto de insurgentes distinções a todo tempo em gestação. Isso é um traço constituinte dos dispositivos que, como argumenta Deleuze (1990, p. 159):

Todo dispositivo se define pelo que detém em novidade e criatividade e que, ao mesmo tempo, marca a sua capacidade de se transformar, de se fender em proveito de um dispositivo futuro.

Os casos que estudamos bem expressam em suas operações tentativas a afirmação de Deleuze (1990). Seus gestores – Goldin, Tessari, D’amico e Fonseca – produzem continuamente, com maior ou menor grau de consciência, as fendas apontadas como mediadoras das possibilidades interacionais de relação e produção de sentidos acerca dos saberes “psi” que ofertam a seu público. Desse modo, como dispositivos interacionais midiaticizados “psi”, a coluna “Vida Íntima”, o site Ajudaemocional.com e a circulação das enunciações psicológicas produzidas no âmbito do Programa “Casos de Família” criam saberes e fazeres perfeitamente distintos para com o campo psicológico e seus processos, sua ideia de consulta psicanalítica ou psicoterápica em quaisquer de suas formas, seja ela individual, de casal, grupal, entre outras. Essa distinção empreendida é o que permite ao campo falar com êxito para fora dele.

Tal produção de fala do campo para interlocutores extra-campo, por sua vez, não é especificidade dos dispositivos midiaticizados. Na clássica modelização de relação terapêutica ou analítica, o cliente ou analisado é, por definição, o que não sabe e assim representante legítimo do senso-comum. O senso-comum a priori não conhece, pouco conhece ou conhece canhestramente as regularidades e lógicas que envolvem a interação e isso bem marca os lugares estabelecidos das interações “psi” em seu tipo canônico. Esses lugares, contudo, também são alvo de diluição no processo midiaticizado, já que, como percebemos por meio dos casos estudados, no espaço do dispositivo midiaticizado, saber perito e senso-comum se atravessam em trocas mútuas na possibilidade de voz que a midiaticização oferece a ambos. Esse fato pode ser bem ilustrado nos repetidos “eu acho” proferidos por D’amico e Fonseca e, muitas vezes, contestados por seus audientes, especialmente em páginas da web que reverberam as enunciações que esses profissionais lançam quando em cena.

Também Goldin, embora com mais raridade, é eventualmente contestado por seus leitores em suas postulações peritas a partir do lugar do senso-comum, como já exemplificamos no capítulo destinado ao seu dispositivo. A contestação dos ditos especialistas pelo público não acontece em Tessari. cremos que esse fato se relaciona com a seleção prévia de material que se torna público por parte da moderadora do site e, ainda, com o já referido trabalho por ela instituído de construção de uma imagem bastante positivada e bem quista de si. Nem nos depoimentos, nem no livro de visitas presentes no site encontramos outros referentes de olhar. Contudo, a perspectiva do senso-comum se mescla com os referentes de campo em muitas falas de Tessari, seja

em textos, em palestras ou nos programas dos quais participa. Essa perspectiva nos soa como estratégia de melhor comunicação com seu público, conquistando sua adesão.

As produções enunciativas que envolvem os saberes “psi” no seio do dispositivo midiático figuram como um mosaico de referentes, dentre os quais podemos pinçar a consulta, o aconselhamento sentimental e comportamental e a prática pedagógica – espécie de aula – em torno de modos de ser. Consulta transformada, aconselhamento transformado e prática pedagógica também transformada, na medida em que o espaço em que esses fazeres ocorrem e as articulações que estabelecem não permitem que eles aconteçam segundo seus padrões canônicos. Além de transformados, talvez combinados. É o que percebemos como marca do dispositivo e que produz importante incidência na relação entre saber perito e senso-comum. Os dispositivos interacionais midiáticos “psi” que observamos apresentam-se como espécie de aulas ou ensinamentos pautados, embora canhestamente e segundo lógicas de funcionamento construídas no espaço já do dispositivo midiático, nos saberes “psi” que os legitimam. Uma prática situada no entre espaço da consulta e da divulgação de conhecimento.

Tal conhecimento, contudo, diz respeito mais a modos de ser que a conteúdos formativos para capacitação nas práticas em questão. Não há, muito possivelmente, estudantes de Psicologia buscando formação profissional nos dispositivos interacionais que apresentamos. Do mesmo modo, não é a esse público que tais dispositivos se propõem a ensinar, pelo menos essa modalidade de conteúdo formalizado. O estudante de Psicologia, por exemplo, no exercício de formação, busca de antemão os padrões tradicionais capazes defini-lo como membro do campo psicológico e, para isso, deve seguir as regularidades de campo, já que ser psicólogo significa, antes de qualquer outra coisa, dominar as regras de como ser psicólogo, embora, como discutimos anteriormente, tais regras sejam flexíveis e variantes a partir dos quatro aspectos apontados por Figueiredo (1993) e já expostos, a saber: as áreas de atuação; a variedade teórica e metodológica; o conhecimento tácito e; as transições e mudanças de rumo nas trajetórias profissionais e pessoais ao longo do tempo.

Temos expresso nesse ponto uma significativa incidência da mediação quando, em seu contexto, as próprias regras de campo se flexibilizam e ser psicólogo passa a se pautar também – não em detrimento, mas em complementação – pelas representações construídas junto às práticas sociais acerca do que é ser psicólogo e, além disso, do que é a Psicologia e o que ela faz. Aqui nos deparamos com uma ação primordial realizada por nossos observáveis que é a de produzir, nas interações

ocorrentes nas práticas sociais por eles gestadas, sentidos outros não apenas sobre a Psicologia ou o psicólogo, mas que envolve os saberes e práticas “psi” de um modo geral. Os sentidos então produzidos se legitimam nas práticas mesmas e sobre elas incidem, passando a redefiní-las e, assim, instaurando o movimento contínuo de transformação que, por sua vez, passa a incidir sobre a episteme da consulta, levando-nos a perceber aspectos de transformação que somente nos permite falar em consulta enquanto transformada, ou seja, uma produção outra quando comparada ao modelo de consulta corrente em cada um dos ramos de saberes que compõem os saberes “psi” e que a midiatização mesma afetou de modo a, em sua ambiência, diluir as especificidades características de cada um desses ramos.

Com isso, surge como experimentação uma construção de consulta que não é mais “tão consulta assim”, ao passo em que, para se constituir, não precisa estar nos campos de origem da consulta. Um fazer que se situa no entremeio do campo da Psicologia/Psiquiatria/Psicanálise e das práticas não-institucionalizadas da sociedade, ou seja, que faz semblante da dimensão do senso-comum. De um lado, as áreas de conhecimento canônicas, de outro, o senso-comum que, apesar de assim se caracterizar, direciona aos processos um olhar a partir da lógica dos campos. Entre os dois, os dispositivos interacionais “psi” midiatizados, responsáveis pela produção, divulgação e representação de um saber “psi” digestivado, deformado, diluído, simplificado que, quando tomado segundo lógicas específicas de campo, tendem a ser concebidos como “uma passagem em perda”.

Para compreender a passagem em perda, precisamos concebê-la como uma perspectiva de olhar que se ergue a partir de referentes de determinado campo que são assumidos por representantes do campo ou extra-campo – do senso-comum –, que o tomam como marcadores legítimos do campo em questão e que não precisam ser do campo, no caso “psi”, porque reconhecem as questões sobre as quais o campo pode falar. Assim acontece com as questões acerca da subjetividade que envolvem intimidade, mal-estar, relacionamentos interpessoais e amorosos e sofrimentos psicopatológicos, que são reconhecidas como de competência dos saberes “psi” por especialistas e leigos. Contudo, quando imersas na midiatização em processo que atravessa a sociedade contemporânea, as questões acerca da subjetividade saem desse espaço que é propriamente o campo sintético dos psicólogos, psiquiatras e psicanalistas – ou ainda dos aprendizes que batalham para nele ingressar.

No entanto, com um deslocamento de perspectiva sobre os feitos dos dispositivos interacionais mediados que envolvem coisas “psi”, se abdicarmos da lógica do campo estabelecido e pensarmos os processos segundo o lugar do senso-comum, percebemos então uma alteração substancial no que está sendo feito pelo funcionamento dos dispositivos. Por esse outro ângulo de entrada na questão, o saber “psi” anteriormente tomado como digestivo, diluído e eventualmente deformado se torna uma oferta de qualificação frente ao desconhecimento ou conhecimento canhestro acerca das produções enunciativas e práticas do campo “psi” que definem o senso-comum.

Assim, as colunas de Goldin, o site de Tessari e as produções discursivas de D’amico e Fonseca, desqualificadas por gerarem afetações que põem em risco e, por isso, rechaçadas pelos olhares rigorosos dos representantes do campo “psi” – a exemplo da nomeação adotada por Coelho Júnior (1990) de “gurus de televisão” –, podem ser vistas por suas potencialidades de formação e qualificação – obviamente não profissional – de seu público, o qual apreende na interação coisas outras e se modifica. Não se trata, como estamos discutindo, da valoração do processo específico – que pode, eventualmente, ser mesmo criticado –, mas de perceber o potencial de transformação da experiência, o que certamente não ocorre sem riscos. Mas só se está atento aos efetivos riscos quando se percebem as transformações em curso, à diferença de uma crítica simplificadora que apenas enxerga a “passagem em perda”.

É isso que vai caracterizar e diferenciar os processos ocorrentes no contexto da mediação em relação à constituição das práticas não mediadas. Se tomarmos como exemplo as sessões de aconselhamento sentimental, elas já aconteciam no final do século XVIII e início do século XIX, antes mesmo do surgimento da Psicanálise e da própria Psicologia Moderna. Não é o aconselhamento ou a transposição para espaço público das questões de foro íntimo que são novidade, como podemos observar. O que é característico dos processos sociais contemporâneos são os modos pelos quais os conhecimentos “psi” assumem espaços como esses que lhe são extra-campo. O ato de aconselhar reflete uma questão social que envolve problemas emocionais, afetivos, sentimentais, relacionais, entre outros e não se relaciona aprioristicamente com qualquer saber especializado. Agenciamentos em torno dessa prática foram realizados e apontam para as transformações no senso-comum que estamos discutindo.

Quando um conhecimento especializado assume uma prática cotidiana, de muitas maneiras a afeta e é por ela afetado. Transpondo a questão para o nosso objeto,

temos que o senso comum se qualifica através dos próprios processos psicológicos/psiquiátricos/psicanalíticos disseminados que, por sua vez, passam a ser genericamente – e canhestramente – conhecidos, como é o caso do famoso jargão “Freud explica”. Desse modo, parece surgir um conhecimento – assim como fazeres – da ordem desse campo que não é propriamente o conhecimento de saber especializado. Há também no campo das práticas a produção de saberes e fazeres e isso bem pode ser observado nos dispositivos analisados. São percepções como essa que nos levam a sustentar a ideia de consulta transformada.

Se pensarmos a partir de uma relação clássica entre consultor e consultado – um analista e seu analisando, por exemplo – temos também nessa interação uma perspectiva de aprendizagem, embora distinta da aprendizagem institucionalizada do campo regulamentado, como discutimos nos capítulos destinados a cada um dos dispositivos abordados. O consulente adquire, nessa interação, um leque de conhecimento psicológico que inclui o processo, o conhecimento de si, a constituição de vocabulário, etc. Bem observamos nos trechos dos escreventes a Goldin, nos depoimentos destinados ao site de Tessari e nas interações entre D’amico e Fonseca e seus consulentes, além do público mais amplo, essa oferta de vocabulário, modos de conduta e entendimento de coisas “psi”. Esse traço inclusive figura como regularidade característica dos três dispositivos. A referida interação como lugar de produção de saber é tão legítima que se tomarmos a formação do analista, um dos seus pilares é o processo de análise pessoal, fato que aponta para a importância das práticas nesse sentido.

Ao deambularmos da modelização tradicional e pensarmos os dispositivos interacionais “psi” mediatizados que imprimem deformações à consulta, percebemos que no âmbito dos mesmos são produzidos, analogamente à prática interacional da consulta clássica, semelhante ordem de conhecimento sobre assuntos “psi” que não é o conhecimento de saber especializado. Mais que isso, inferimos que os dois fazeres, clássico e mediatizado, mais do que possibilitarem a mesma ordem de conhecimentos em seus espaços adquiridos, podem ser complementares nesse processo. É possível que uma demanda de saber pelo senso-comum se destine aos dispositivos mediatizados em complementação ao dispositivo clássico, como bem pudemos ver nas colunas de Goldin, no circuito tessariano e na circulação externa ao Programa “Casos de Família” das falas de seus peritos. Podem também ser assumidos pelo senso-comum como substitutivos, como quando acometido de sofrimento psíquico, ao invés de procurar

psicólogo, psiquiatra ou psicanalista, o sujeito sofredor escreve a Goldin, a Tessari ou busca direcionamentos na fala de D'amico ou Fonseca.

Ressaltamos, contudo, que a oferta de cada um dos tipos de fazer, clássico e midiaticizado, é distinta, bem como são distintas as ofertas entre os dispositivos analisados, de modo que Goldin dificilmente fala ao público de Tessari ou D'amico e Fonseca e as reciprocidades também são verdadeiras. Como observamos, há em cada dispositivo coerência entre o conteúdo produzido e para quem é formulado e é isso que faz com que um ator possivelmente não seja interessante ao público de outro autor, no caso dos dispositivos estudados. As variações que produzem endereçamentos distintos marcam também a diferenciação entre as modalidades de conhecimento prático ofertadas à interação. Essas variações podem ser ilustradas, por exemplo, nas operações de fala dos profissionais responsáveis por cada um dos casos abordados. Um comparativo entre Goldin e D'amico auxilia na compreensão do que estamos afirmando.

Para se dirigir a seu público, uma estratégia adotada por Goldin é o deslocamento da questão particular de seu escrevente para uma questão publicamente partilhada e, por assim ser assumida, o analista destina sua consulta a todos aqueles que, como o autor da carta, apresentam a mesma queixa. Assim empreende a ação de despertar o interesse público. Por outra via adentra D'amico no interesse público. Em seu dispositivo, a psicóloga opera sobre uma intimidade que é publicizada na ambiência do Programa "Casos de Família". As questões íntimas que são discutidas são percebidas e tratadas como particulares e a generalização acontece nas prescrições didáticas e não na realocação do problema, como em Goldin. Assim, a operação de fala e a ação sobre o interesse do público se voltam para questões de foro íntimo concebidas como particulares ao reclamante ou reclamado e que são exibidas em público.

Tessari, por sua vez, constitui seu público de diferentes modos, alguns dos quais se assemelha aos modos adotados por Goldin, outros por D'amico e Fonseca e outros ainda se distinguem dos dois. Isso se torna possível no dispositivo tessariano na medida em que ele opera por diversas frentes que se capilarizam ilimitadamente, expressando uma variedade produtiva em termos de alcance de processos singulares ocorridos nas interações midiaticizadas com os saberes "psi". Se considerarmos os perfis de público dos três dispositivos, temos que eles abrangem uma parcela vasta e representativa da população que na atualidade interage com os conhecimentos "psi" através da mediação dos processos de mídia. Parte desse público opta pela combinação complementar entre modalidades de práticas interacionais canônicas e midiaticizadas, porém, uma vez aberto

às interações midiaticizadas, elas passam a atravessar as representações elaboradas e a se fazer vetor de produção de outros modos de enunciação sobre os saberes em discussão.

O conhecimento prático adquirido nas interações com os dispositivos midiaticizados parecem qualificar os sujeitos de modo a torná-los uma espécie de liderança de opinião difusa na sociedade para as questões da valoração desse tipo de processo e aí criam uma perspectiva de demanda pelos mesmos, pelas múltiplas razões que já elencamos nos tópicos sobre constituição de público de cada um dos dispositivos trabalhados. Dessa forma, a Psicologia, a Psiquiatria ou a Psicanálise, em suma, o próprio conjunto de saberes “psi”, no seu exercício, se inserem na sociedade e a modificam. Tal sociedade, por sua vez, passa a gerar expectativas acerca desses saberes e a querer respostas na sua proporção. Para isso, ler as colunas de Goldin pode ser suficiente, como pode também não ser necessário mais. Às vezes são necessários anos de terapia ou análise, complementadas ou não por interações de outra ordem em torno dos saberes “psi”, sejam eles midiaticizados ou não. Essas variações marcam uma entrada em processos que a rigor não se limitam ao campo “psi” enquanto conjunto de saberes, mas dizem respeito a um conjunto de práticas sociais e seus desdobramentos.

A partir do que expusemos, podemos pensar, contrariamente a Coelho Júnior (1990), em uma potencialidade imanente ao agenciamento que se concretiza no dispositivo, na medida em que ele realiza a mediação entre um saber institucionalizado e suas apropriações e representações no senso-comum, que finda por deformar, como já apontamos, tanto o primeiro quanto o último. Porém, deformação não significa necessariamente “passagem em perda”, pois o senso-comum, ao se qualificar na interação, ganha em aspectos de formação. Claramente não falamos de formação teorizante ou conhecimento abstrato de campo, tal qual constituído pelo conhecimento científico, mas formação para as questões da vida prática, do mundo cotidiano que também acontece na ambiência dos processos em midiaticização. O futuro psicólogo em formação precisa aprender teorias, regramentos e codificações do campo, assim como o psiquiatra e o psicanalista também em formação. Os saberes assim expressos pouco seriam úteis aos sujeitos que compõem o senso-comum e que anseiam, no desenrolar de suas práticas cotidianas, lidar com casos, aprender coisas concretas, ser no mundo, ou seja, se constituir no modo da prática, nas experiências vivenciadas. Essas experiências refletem o campo do singular, a partir do qual o conhecimento de campo – os mais diversos – se desenvolve.

A fala dos atores implicados nos dispositivos estudados, como percebemos ao longo dos capítulos anteriores, se voltam à promoção desse conhecimento prático, de crescente interesse ao senso-comum. Goldin, Tessari, D'amico e Fonseca não assumem seus leitores e ouvintes como um público qualificado no lugar de conhecimento do qual se pronunciam. Contrariamente a isso, a própria tentativa de tornar os saberes que os embasam facilmente compreensíveis mostra o reconhecimento do perfil leigo do público para o qual se destinam. A ambiência onde se inserem, por características que lhe são próprias, também oferece uma diretriz sobre as destinações das operações de fala dos atores dos dispositivos. O cenário midiático, ao promover a ampliação do acesso aos saberes “psi”, delinea condições de fala e objetivos possíveis das mesmas. Assim, não é um espaço completamente livre para a emergência de processos de qualquer ordem. Suas regularidades e codificações pautam as condições em que os processos tentativos podem acontecer, ditando assim suas possibilidades de ocorrência. A partir dessas possibilidades, que contextualizamos como aspectos de ante-sala, é que emergem as possíveis singularidades e multiplicidades das experimentações.

O dispositivo goldiniano, o circuito interacional tessariano e as enunciações “psi” constituídas por D'amico e Fonseca no Programa “Casos de Família” compartilham determinadas condições de emergência oriundas do contexto em midiática no qual se inserem. Nesse contexto, as distinções entre os três passam pela especificidade dos espaços de mídia particulares a cada um – o jornal, o site e a tevê – e pela proposta interacional mesma que cada ator intenta na translocação de seu saber de formação para a ambiência midiática. Há ainda os atravessamentos decorrentes do conhecimento tácito, que pode ser melhor exemplificado quando tomamos o caso de D'amico e Fonseca. Os dois profissionais atuam no mesmo programa, segundo as mesmas regularidades e construções de ante-sala. Ainda assim, o modo como cada um deles joga com os saberes “psi”, a proposta do programa, as operações de fala e mídia são distintos, como bem ilustram as páginas em sites de relacionamento construídas por fãs e anti-fãs de D'amico e/ou de Fonseca.

Mesmo assumindo falar para um público composto prioritariamente por sujeitos não especializados nas construções institucionalizadas acerca das questões “psi” – pode eventualmente tal público abranger uma parcela especializada –, nenhum dos quatro profissionais abordados trabalha com a perspectiva de “passagem em perda” de seu saber de formação. Goldin assume a importância das experimentações e estabelecimento de parcerias entre campos como aspecto positivo para a mídia e a

Psicanálise, como constatamos em entrevista. Tessari, por sua vez, defende sua vinculação canônica ao “melhor” conhecimento psicológico e, desse modo, procura disseminá-lo. D’amico e Fonseca, embora mais flutuantes em relação às amarras institucionais da Psicologia, quando a acionam, o fazem da legitimidade que a formação na área os confere e sem cogitar desvirtuamentos ou prejuízos ao saber que fazem circular. A aproximação que estabelecem com o senso-comum nos parece ser percebida pelo ângulo de contribuição que os saberes “psi” podem proporcionar quando levados à funcionar nas práticas mesmas, segundo seus referentes.

Vasta quantidade e diversidade de conhecimentos circundantes na contemporaneidade advêm das interfaces estabelecidas com o campo da prática, os quais os atores de campos especializados balizam e articulam. O senso-comum é, por definição, aquele que não está habilitado a realizar balizamento ou articulação, ao mesmo tempo em que é também aquele que lida dia a dia, e muitas vezes sem ciência ou sistematização, com o amplo leque de conhecimentos que o circunda. Tal notação nos leva a perceber como improdutiva<sup>151</sup> a militância pela rígida segregação entre o que é mais rigorosamente do campo e o que extrapola suas fronteiras, na medida em que o que o excede também pode ser produtivo tanto para o campo como para a sociedade de modo geral. Com isso, chegamos à questão da função social dos conhecimentos produzidos, bem como das implicações e responsabilidades dos campos com os processos sociais.

Canhestros, deformados, disformes ou transformados, assim os conhecimentos institucionalizados conseguem bem circular por entre as práticas sociais, movimentando-as e contextualizando-as. Isso bem observamos nos dispositivos interacionais que estudamos. Entre críticas advindas das produções legitimadas de fala “psi” – que inclusive pode se constituir na ambiência mesma do dispositivo, como é o caso da relação estabelecida entre Tessari e seu saber de formação circulante no site Ajudaemocional.com – e modos práticos de fazer circular amplamente os saberes “psi” na sociedade, algo se processa no sentido de produzir conhecimentos, fazeres e enunciações, bem como produzir modos de subjetivação.

As regularidades características de cada um dos dispositivos analisados permite compreender os modos práticos de funcionamento dos saberes “psi” no seio de dispositivos interacionais, de modo geral, e no espaço de cada um dos dispositivos

---

<sup>151</sup> Exceto em uma perspectiva de produção de conhecimento epistemológico, teórico ou metodológico de campo.

específicos que abordamos. Algumas dessas regularidades são partilhadas entre os três casos, o que evidencia a presença de algumas construções comuns a amplo leque de dispositivos interacionais constituídos em torno de agenciamentos com saberes e fazeres “psi”, como é o caso da inserção do público como terceiro elemento da cadeia interacional gestada por cada um dos dispositivos. Por outro lado, essas construções comuns são experimentadas em modos variados – em decorrência do perfil diversificado dos especialistas ou das especificidades dos dispositivos. Para bem se inserir na ambiência midiaticizada, os dispositivos interacionais, como vimos, precisam falar a muitos e de forma breve, clara e concisa, como também fazem Tessari, com a limitação de espaço e caracteres e a recomendação de brevidade, D’amico e Fonseca, pelo pouco tempo que dispõem no programa e também Goldin. No caso do analista, a brevidade é menos visível em suas palavras, porém, o recorte feito das cartas recebidas e a limitação de espaço da coluna no jornal nos permite inferir sua ocorrência.

Outros aspectos comuns aos três dispositivos e que geram significativos tensionamentos à clássica episteme da consulta são, em primeiro lugar, a preocupação com a compreensão do público, que pode ser vislumbrada nas operações de fala estabelecidas em cada caso. Além disso, as experimentações tentadas pelos quatro atores caracterizam suas práticas como canhestras, o que, conforme já discutido, apresenta importante relevância ao nosso estudo, na medida em que figura como questão conceitual. Também os três dispositivos interacionais são atravessados, embora de distintos modos, pela produção de modelizações e por questões morais e normativas que são balizadas singularmente por seus atores.

No caso do dispositivo goldiniano, os modos de ser saudável são bem presentes e a ideia de saúde circulante se afasta da lógica biomédica e se pauta na valorização da reflexão analítico-filosófica desencadeada pelas cartas recebidas. O ser saudável é apresentado a partir de posturas existenciais e engloba elaborações acerca de uma estética da vida proposta pelo colunista. Em postura oposta à assumida por Goldin, o dispositivo tessariano modeliza o saudável pautado na lógica biomédica que atravessa as referências teóricas de sua formação e nos parece ser exacerbada no espaço gestado pela psicoterapeuta. Com base na perspectiva biomédica de saúde, Tessari também institui modelização acerca da terapia, do psicólogo e do sujeito psicológico. À cura, acresce representações de felicidade e plenitude, que são constantemente professadas e, nesse ponto, se articula também às construções morais disseminadas pela autora, que definem o sujeito feliz e pleno segundo uma ótica socialmente normativa.

Tal orientação normativa assumida como modelo também se faz presente nos ditos e não-ditos postos em circulação por D'amico e Fonseca. Os profissionais esteticizam as mazelas cotidianas e costumam locá-las no sujeito, instância a qual tematizam como uma realidade psicológica, em detrimento de questões socioculturais, políticas, econômicas, entre outras que estão claramente presentes nas queixas exibidas no programa em que atuam. A exploração da intimidade como eixo da atração televisiva antecipa essa postura, sugerindo a “escavação” do sujeito na busca de diretrizes para suas questões, que devem ser ofertadas pelos psicólogos. Esses profissionais, por sua vez, prescrevem bons modos de ser e viver apriorística e universalmente constituídos, abdicando de considerar as especificidades das minorias sociais que compõem os convidados do “Casos de Família” e também grande parte de sua audiência.

Esses traços apresentados dos dispositivos estudados ressaltam aspectos de afetações ao tradicional modelo de consulta “psi”, na medida em que gestam tensões, inovações, ensaios e desconstruções, como discorreremos detalhadamente nos capítulos de discussão de cada dispositivo particular. É nesse ínterim que se delinea o ponto de enodamento de nosso objeto, ou seja, nas tensões entre os espaços que o trespassam, tensões essas que o constituem. É nessas tensões que se produzem as afetações que, por sua vez, como produtos das interações estabelecidas, são relacionais e apontam para o que escapa às interações, para o que as extrapola, para suas sobras o que, a nosso ver, caracteriza a constituição dessa “nova coisa” que estamos chamando de “consulta transformada”. Interessante observar como de distintos modos nossos casos produzem tensionamento à instituição “psi”. Goldin parece melhor se situar frente aos tensionamentos produzidos, ao passo em que assume a importância dos processos tentativos e julga válidas as experimentações que podem ser feitas em torno de seu saber perito. Quando questionado em entrevista sobre as transformações daí decorrentes, o analista apenas aponta sua possibilidade, porém afirma não ter maiores informações<sup>152</sup>, em uma postura clara de abstenção de enunciação reflexiva em torno de sua prática.

Tessari, diferentemente de Goldin, constrói um movimento de embasamento nos aspectos canônicos que, muitas vezes, parece até contradizente com a prática que realiza e com o aspecto de inovação que a psicoterapeuta traz aos saberes “psi” quando se torna

---

<sup>152</sup> Trecho da entrevista com Alberto Goldin: "O senhor acredita que as experiências do campo psicológico desenvolvidas na mídia levem a transformações nas representações e práticas psi – seja no trabalho clínico, seja nas expectativas e conhecimento da sociedade? É bem possível que assim seja, porém não tenho maiores informações”.

uma das primeiras psicólogas a atender mediado por tecnologias de comunicação à distância e manter um site de divulgação de conteúdo psicológico e promoção de bem-estar datado do ano de 2001, antes mesmo da regulamentação dessa prática mediada pelas tecnologias de comunicação à distância pelo Conselho profissional da categoria. Com relação à D'amico e Fonseca, mesmo fugindo à proposta de consulta da qual os dois atores anteriores mais se aproximam, os psicólogos do Programa "Casos de Família" fazem semblante de uma série de aspectos de insuficiência próprios aos saberes "psi" que permite que tais saberes figurem como conteúdo de atuação nos distintos espaços, sem que se esgotem suas possibilidades de despertar interesse e adesão coletiva. Além das insuficiências do saber psicológico, D'amico e Fonseca nos fazem ver também esse traço dos dispositivos interacionais.

A produção mesma da consulta transformada pode ser pensada a partir dos aspectos de insuficiência característico dos dispositivos interacionais de modo geral. Esse aspecto de insuficiência é reconhecido entre os modelos mais canônicos dos saberes "psi", como ilustram as palavras de Birman (2000, p. 15/16), que afirma "certa insuficiência de nossos instrumentos interpretativos no que concerne às novas modalidades de inscrição das subjetividades no mundo da atualidade".

Embora o autor esteja fazendo referência às formas de expressão do mal-estar nos dias atuais e pensando a relação da Psicanálise com as novas formas de subjetivação, sua afirmação acima transcrita nos desperta para duas ordens de questões advindas do aspecto de insuficiência constituinte dos dispositivos interacionais. A primeira delas está situada na figuração do mundo da atualidade. Não há como pensar esse mundo sem considerar a midiaticização em acelerado movimento e as afetações que ela traz para os processos sociais e para os modos de subjetivação, na medida em que funciona como verdadeira máquina de produção de bens materiais e de modos de existência.

Como desenvolvemos em momento anterior a partir de uma perspectiva guattariniana, a produção de subjetividade é uma construção que se processa no coletivo, no campo dos diversos domínios transversalizados que vão desde o romance familiar <sup>153</sup> ao avançado desenvolvimento tecnológico, passando pelas questões histórico-culturais, políticas, econômicas e sociais (XAVIER, 2009). Desse modo, não há como pensá-la sem considerar a midiaticização como processo interacional de

---

<sup>153</sup> Em referência ao modelo de subjetivação psicanalítico, pautado na triangulação edípica pai-mãe-filho.

referência (BRAGA, 2006). Isso implica que, assim como a midiática vem transformando os processos, os saberes e as interações, também vêm transformando os sujeitos e de modo tão efetivo que levantamos a suspeita de podermos falar, nos dias de hoje, em sujeito midiaticizado, como em outros tempos históricos falou-se em sujeito do conhecimento (sujeito cartesiano), sujeito psicológico (substancializado na suposta natureza interna que os saberes filosóficos lhe outorgaram) e sujeito do inconsciente (sujeito da Psicanálise).

Nos deparamos então com mais um possível aspecto de transformação resultante da deambulação dos saberes na ambiência midiática, que é a transformação do sujeito, agora forjado no referido contexto. Em algumas de suas colunas, Goldin reconhece esse viés de transformação que resulta no sujeito midiaticizado, quando pensa os modos de relacionamento e sofrimento a partir de articulações tecnológicas, por exemplo. De modo indireto, Tessari também o faz. Na medida em que assume os dispositivos de comunicação à distância como mediadores da interação terapêutica, a psicóloga pressupõe modificações nos modos dos sujeitos se relacionarem consigo mesmos e com os outros. Concebe também psicopatologias surgidas na contemporaneidade, em acordo com as exigências socioculturais da atualidade. Ainda em textos veiculados em seu site, Tessari tematiza o sujeito da sociedade em vias de midiaticização, embora talvez não atente para as deambulações que tal sociedade ocasiona a esses sujeitos e seus modos de sintomatizar.

Já D'amico e Fonseca pouco atentam para esse atravessamento do sujeito com a sociedade na qual é forjado. Os dois psicólogos do Programa "Casos de Família" parecem falar de um sujeito atemporal, universal e naturalizado, na medida em que findam por psicologizá-lo, em um movimento de ocultação das relações sociais, econômicas, políticas, etc., no seio das quais esse sujeito adquire existência. Como vimos, importante balizamento conferido pelos profissionais aos sofrimentos levados à cena no programa em que atuam é o ocultamento de possíveis vetores sociais, estruturais, econômicos, entre outros e a realocação dos sofrimentos expressos no participante reclamado ou, no máximo, a partilha de responsabilidades entre reclamantes e reclamados. De igual modo, também a potência de solução é no sujeito centrada, em uma construção discursiva e prática que reafirma a suposta natureza interior tematizada pela Filosofia.

Se o sujeito passa por transformação, os saberes que dele se ocupam precisam também se transformar, de modo a poder abordá-lo de forma contextualizada e em

acordo com o momento em que seus processos advêm à existência. Não há como bem trabalhar o sujeito midiaticizado contemporâneo sem atentar para os aspectos que o circunscrevem e o atravessam e, por isso, as teorias que dele se ocupam precisam também ser colocadas em movimento e se mostrarem sensíveis às transformações que a midiaticização acarreta. Isso não significa que a Psicologia, a Psiquiatria ou a Psicanálise devam ser midiaticizadas para funcionar na contemporaneidade. Longe de assumir tal postura apologista, também nos distanciamos dos apocalípticos (ECO, 1993) que somente conseguem enxergar as negatividades das deformações, em lamentos saudosistas que parecem desejar um estancamento dos processos em determinada figuração assumida como desejável.

O fato é que os dispositivos midiaticizados de interação em torno das questões “psi” existem, funcionam, são reconhecidos e demandados nas práticas sociais mais amplas e estão incidindo sobre o campo, que precisa estar atento a eles como importante vetor de subjetivação e de produção de enunciados sobre as questões psíquicas. Negá-los ou condená-los a priori é pouco produtivo e por assim pensarmos é que justificamos nosso interesse por essa modalidade de dispositivos interacionais como objeto de estudo. A partir de delineamentos que proporcionem compreensão sobre os mesmos, acreditamos trazer contribuições para os campos “psi” e para o campo comunicacional, sem julgamentos polarizados, mas, contrariamente, atentando para o potencial produtivo das tensões em que os processos acontecem.

A segunda ordem de questões que se desdobra da afirmação de Birman (2000) retoma o aspecto de insuficiência dos saberes. Nenhum saber é absoluto a ponto de dar conta da amplitude de acontecimentos dos quais devem se ocupar. As variações teóricas e metodológicas internas a um campo bem ilustram nossa afirmação e fazem semblante da multiplicidade que os perpassa. É fato que quando as questões são transpostas dos lugares tradicionais para os emergentes espaços de interação, algo está fugindo ao campo, ou seja, ele não está dando conta dos processos que lhe chegam. Porém, isso não pode ser tomado como uma crítica ao campo, tampouco como argumento para a legitimação ou exaltação acrítica dos fazeres emergentes, pois as interações midiaticizadas, embora mais flexíveis e rizomáticas que as interações clássicas, que lhes permitem adentrar com maior mobilidade em diferentes espaços, também apresentam aspectos de insuficiência. São tais aspectos que imprimem a marca da experimentação processual que os constitui, bem como pautam as transformações que se processam.

São essas transformações que se passam no tensionamento entre os fazeres da Psicologia/Psiquiatria/Psicanálise, que militam por assegurar a manutenção do conhecimento em seus limites de regramentos e codificações, e o fazer mediados, que confronta os campos com a possibilidade de perda de controle sobre seus processos, na medida em que os deforma. Não é uma lógica que prevalece sobre outra, mas duas lógicas atravessadas que se constituem mutuamente e, na mesma medida, constituem os fazeres “psi” mediados que, por sua vez, passam a operar por meio dos dispositivos interacionais, dentre os quais selecionamos os três casos analisados.

A diversidade de produções em torno das causas “psi” emergentes dos dispositivos mediados é algo que precisa ser considerado como importante produção da sociedade, que afeta o campo de fora dele ou ainda faz circular afetação do campo causada pelo próprio campo. O primeiro caso é o que estamos discutindo ao longo desse tópico, quando as questões da mediação põem em circulação enunciados, sentidos e representações que passam a pautar as possibilidades interacionais com os saberes psicológico, psiquiátrico e psicanalítico. Por outro lado, ao passo em que os processos mediados também incidem sobre as interações e as aprendizagens por elas – as interações – proporcionadas às pessoas do próprio campo, em seu aspecto canônico de codificação e regramento que pauta a formação do especialista, nos deparamos com uma marca de autorreferencialidade do campo psicológico através da mídia. Ações desse tipo podem ser bem vislumbradas em diversas produções do dispositivo tessariano já apresentadas. Essa percepção vai ao encontro do que postula Klein, E. (2012), quando argumenta que a autorreferencialidade é constituinte de todos os processos discursivos e assume que tratá-la como parte de uma dinâmica maior implica compreender a linguagem em funcionamento, além de entender a comunicação por meio dos processos interacionais que a constituem.

A transformação da consulta, por sua vez, sintetiza o que estamos discutindo e exemplifica as afetações do campo por questões que lhe são externas e, ao mesmo tempo, a afetação do campo pelo próprio campo. Quando argumentamos que no contexto da mediação e acelerada processualidade a consulta se transforma, a princípio estamos argumentando que nessa ambiência a consulta se transforma. Esse é o primeiro viés de transformação. Contudo, quando isso acontece e esse tipo de consulta modificada é posta em circulação nos processos sociais, ela produz reverberações sobre os sentidos e construções tradicionais a seu respeito e, com isso, finda por produzir

deformações mais amplas que extrapolam o espaço midiaticizado e nos permite afirmar que a consulta se transforma.

Talvez essa questão fique mais clara através de uma analogia com a situação cotidiana da consulta biomédica. O paciente, ao identificar seus sintomas, pode recorrer ao Google<sup>154</sup> e construir – com maior ou menor grau de correspondência – a sua hipótese diagnóstica. Temos aí uma deformação da consulta que se processa midiaticizada. Em momento seguinte, o mesmo paciente pode recorrer ao clínico geral para ser consultado segundo os padrões mais canônicos. Contudo, essa segunda interação já está necessariamente afetada pela midiaticização e isso nos permite dizer que há uma transformação da consulta nos dois casos. Por percepções como essa é que assumimos a midiaticização como solo epistemológico de constituição da sociedade contemporânea.

Retornando a questão para a especificidade de nosso objeto, temos que a coexistência entre as múltiplas produções “psi” – desde as mais rigorosas com as codificações do campo até as menos compromissadas com tal rigor – e o funcionamento das mesmas permite enxergá-las como processos sociais de importância e valoração singulares. Tanto a sociedade quanto as instituições “psi” precisam efetuar um esforço de entendimento, reflexão e ação sobre os fazeres midiaticizados, pois somente esse esforço permite vislumbrar os sentidos de invenção que brotam em cada um dos dispositivos midiaticizados estudados. Uma negativa disso remete a uma concepção monolítica acerca dos saberes “psi” e de seus atores – psicólogos, psiquiatras e psicanalistas – como pólo segregado da sociedade que, bom sabedor das coisas, assume a função de, de fora, dizer o que deve ou não deve ser feito, de julgar os acontecimentos e existências sociais como positivas ou negativas. Sob tal perspectiva, os processos de subjetivação tenderiam a ser determinados e conduzidos por incidências de um ou outro vetor, como escola, família, religião, mídia, etc. No entanto, conforme já discutimos amplamente, tanto os processos de subjetivação quanto as concepções acerca dos conhecimentos “psi” e das práticas dele desencadeadas são bem mais complexos e refletem gradações, complicações, transformações, atravessamentos e mais um vasto leque de vetores que os trespassam. Faz-se necessário então atentar para essa tessitura de complexidade, pois é em seu espaço que se condensam as insurgências produtoras de devires.

---

<sup>154</sup> Site [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

## 6.2 Mais além da transformação da consulta

Até o momento, nosso esforço de reflexão e entendimento sobre os dispositivos partiu de uma tentativa de alcançar o que cada um dos dispositivos interacionais mediados “psi” abordados efetivamente realiza no entremeio dos saberes que nele circulam e da Comunicação. Nesse momento, buscamos um deslocamento de perspectiva, a fim de percebermos o que a sociedade está tentando por meio desses dispositivos interacionais que a fazem funcionar. Nos sentidos instituídos em sua ambiência, os dispositivos mediados muito dizem sobre o funcionamento e a organização da sociedade contemporânea. A partir deles é possível vislumbrar, tal qual argumenta Eloísa Klein (2012), as alterações nos modos de sociabilidade e de interação, bem como de permeabilidade da mídia e das tecnologias de comunicação e informação nas relações sociais. Além do que autora aponta, ressaltamos que essa permeabilidade se microcapilariza e alcança os processos de subjetivação. Nesse empreendimento, são forjados modos de construir o cotidiano que carregam em si a marca instaurada da mediação, assim percebida nas apropriações que a sociedade dela faz:

Um processo social caracterizado pela participação crescente da técnica na vida cotidiana (o que proporciona uma aceleração dos modos de funcionamento de setores da vida coletiva), pela imbricação de campos sociais e instituições com a mídia (com o que suas lógicas internas são penetradas pelas lógicas da mídia), pela alteração na produção, na circulação, no arquivamento, no compartilhamento e recepção de mensagens, pela resignificação e complexificação de processos sociais interacionais já existentes e criação de outros modelos interativos. (KLEIN, E., 2012, p. 28).

A sistematização conceitual tal qual exposta acima dificilmente é conseguida com clareza no espaço dos processos sociais, contudo, nesse espaço são constituídos modos de inteligibilidade acerca das vivências cotidianas que bem permitem aos sujeitos imersos nessa modalidade interacional produzir apropriações de sentido a seu respeito e bem operar com os aspectos práticos da mediação. Nesse contexto, os dispositivos interacionais mediados condensam modos da sociedade dizer sobre si e, assim, se tornam importantes vozes representativas das mesmas. A partir dessa premissa, assumimos que a consulta transformada funciona como um operador da

sociedade que lhe permite expressar seus anseios, suas fraturas e falar aos campos de produção de conhecimento que seus processos encontram-se em constante auto-produção que desafia o limite mesmo desses campos.

O desafio instaurado, como vimos, atua como desencadeador de produções tentativas, de experimentações sociais sobre o “psi”. Essas experimentações, por sua vez, fazem semblante das zonas de tensionamento resultantes do trabalho com questões sociais que não são abordadas tradicionalmente pelo campo “psi”. Quando essas questões comumente refutadas pelo campo institucionalizado vêm à tona, trazem consigo riscos ao campo, na medida em que confrontam suas instâncias de controle – os códigos. Com isso, produzem esgarçamentos que ameaçam os delineamentos estabelecidos pelo próprio campo sobre si.

Essa situação de risco fortemente percebida pelo campo como ameaça nos parece significar uma tentativa da sociedade de mostrar que suas produções lhe são excedentes, escapam aos campos mesmos. Ao mesmo tempo, tal sociedade mostra seu esforço para lidar com essas sobras, produzindo as experimentações que incidem sobre os cristalizados pilares dos campos estabelecidos. Nesse sentido, experimentar parece um exercício de ajustamento, de desterritorialização de elaborações rigidamente empreendidas que abre possibilidade para o surgimento de coisas “novas”, de descobertas, de atualizações, de validação em outros contextos, tornando vivas as práticas sociais e tentando reavivar a aproximação das mesmas com os campos que dela se ocupam.

Vislumbramos, a partir disso, aspectos produtivos das experimentações dentre as quais os três dispositivos analisados são exemplos. Longe de assumir tal percepção por um viés de positividade apriorística dos dispositivos mediados a saberes institucionalizados, ressaltamos com isso o potencial imanente ao espaço do tensionamento. Sob essa ótica, muito além das deformações assumidas como perdas ou desvirtuamentos, a mediação pode se mostrar produtiva aos mais diversos campos, na medida em que oferece recursos para a aproximação, a inserção, a abordagem e o entendimento das questões constituintes de uma sociedade que encontra nesse processo seu solo epistemológico.

Não é que sejamos favoráveis à deambulação dos saberes psicológico, psiquiátrico ou psicanalítico para a mídia – indústria cultural. Não se trata de julgamentos a esse respeito, pois, como bem vimos a partir da exposição de Coelho Júnior (1990), assim como os “gurus de televisão”, o grupo de “psicólogos-técnicos”

imprime riscos ao campo a partir de um lugar de efetivação de práticas locado na tradicionalidade do próprio campo. Com isso, fica evidente que não falamos simplesmente de uma questão de lugar de emergência dos fazeres, embora esse lugar seja um aspecto de transformação, mas, prioritariamente, de condução das práticas no seio das interações desencadeadas que figuram como verdadeiros campos de força atuantes sobre as fronteiras dos campos.

Uma autora que pode nos auxiliar a melhor compreender essa questão é Suely Rolnik (1997b), que aborda o referido campo de forças e suas incidências sobre a subjetividade. Vamos nos valer de sua exposição e transpor a questão da subjetividade para a constituição dos saberes na relação de afetações múltiplas pela mediação ou pelo próprio campo. Ao assumir a analogia proposta pela autora, podemos pensar as fronteiras dos saberes como a pele, um tecido vivo e móvel que se configura a partir da relação constante com forças advindas de múltiplas direções que o tensionam. Essas forças geram uma dobra<sup>155</sup> no interior da qual emerge um microuniverso que representa o campo clássico. O espaço interno pode ser compreendido como o saber canônico e o espaço externo como a ambiência mediática. A pele estabelece a limitação entre um e outra. Contudo, existe um fluxo de forças que representa as afetações das práticas sociais – então mediadas – sobre a zona fronteira e, em decorrência desse fluxo de forças, a dobra logo se desfaz e outra surge em seu lugar, iniciando um movimento sucessivo de desconstrução e reconstrução de microuniversos.

Se esses microuniversos são pensados como os saberes canônicos, temos que os fluxos de força que metaforizam a mediação em processo põe tais saberes em movimento, na medida em que lhes geram afetações. A nosso ver, a analogia referida bem expressa a relação em mão dupla e indissociável entre os saberes institucionalizados e a mediação que, quando passa a figurar como *ethos* que abriga esses saberes, ao produzir deslocamentos, imediatamente os desloca, funcionando como “uma nascente de linhas de tempo” (ROLNIK, 1997b, p.27) capaz de contextualizar tais saberes na processualidade característica dos modos de interação contemporâneos.

Os campos estabelecidos, por sua vez, por diversos motivos, parecem tentar insistentemente barrar os fluxos e cristalizar em seu acervo já estabelecido suas produções, priorizando assim o que emerge do espaço interno e nesse espaço circula. Porém, com isso se abstêm de acompanhar a historicidade dos processos sociais e nela

---

<sup>155</sup> Rolnik trabalha com o conceito deleuziano de dobras.

se contextualizar. Ao assumirmos tal ângulo de entrada na questão, justamente poderíamos afirmar que nessa tentativa de reterritorialização que recusa a processualidade há uma “passagem em perda” e não mais nos saberes tradicionais deambulados para os dispositivos mediados.

Perceber esses deslocamentos e assumir que as valorações qualificativas estão relacionadas à perspectiva adotada chama a atenção para a importância de busca dos acontecimentos singulares, das particularidades, dos aspectos canhestros, dos microprocessos que brotam das tentativas experimentais como os mais relevantes feitos dos agenciamentos constituintes dos dispositivos interacionais mediados analisados. É dessas subversões pontuais que emergem outros possíveis e empurram os campos constantemente adiante e além.

Nessas subversões que os dispositivos interacionais mediados permitem vislumbrar é que também se passam outras experiências sobre o campo das subjetividades, experiências essas que demonstram que os gerenciamentos até então estabelecidos acerca dessa instância não têm dado conta da mesma. Mais que isso, dificilmente qualquer circunscrição severa vai dar conta e, nesse ponto, a mediação com seus efeitos de deambulação, dissolução de fronteiras e formação de miscigenações processuais apresenta importante contribuição, ao passo em que permite vislumbrar a coexistência de vetores múltiplos em torno de algum constructo, como no caso dos dispositivos “psi” mediados. Desse modo, ilustra como a produção de diferenças, de coisas outras, pode tensionar os modos previamente instituídos e que isso pode ser bastante produtivo.

Nos deparamos então com uma questão relativa à produção de subjetividade que se coloca a partir do objeto estudado, na medida em que também na ambiência dos dispositivos interacionais mediados se processam os modos de subjetivação e isso faz com que esses dispositivos figurem como construções de interesse psicológico, psiquiátrico e psicanalítico, pois por esses espaços estão passando as representações de adoecimento e cura, de sofrimento e bem-estar e de saúde psicossocial. Cabe a essas áreas de conhecimento despertar para o que esses dispositivos produzem e pensar estratégias de campo que possam deles se ocupar, em uma ação de transformação também das apropriações das tentativas socialmente pensadas para fazer as interações funcionar, sem perder de vista que, na atualidade, é no campo de saber da mediação que o sujeito é constituído.

## 7 ALGUMAS PALAVRAS DE FINALIZAÇÃO

*Não me venham com conclusões!  
A única conclusão é morrer  
(Álvaro de Campos)*

Depois de tantas palavras ditas na tentativa de uma teorização possível sobre os dispositivos interacionais “psi” mediatizados, neste momento tentamos uma síntese analítico-reflexiva que possa contemplar as elaborações que alcançamos, assim como as inúmeras inquietações que foram surgindo ao longo deste estudo e que, no momento de pausa, permanecem em aberto. Aliás, a produção dessas aberturas talvez seja o que de mais produtivo conseguimos elaborar, na medida em que fazem semblante do conhecimento vivo, pulsante, em movimento constante de autoprodução e de busca de significação nas mais diversas práticas sociais nos quais se insere. Porém, vamos deixar o que nos escapa para mais adiante e iniciar pelas considerações de finalização sobre os dispositivos estudados.

A construção de significação na relação com as práticas sociais e com as operações daí decorrentes que põem em funcionamento essas práticas mesmas figura como um dos mais relevantes produtos dos dispositivos interacionais na sociedade em vias de mediação. Tais dispositivos, quando passam a se agenciar com as tentativas de interação que envolvem os processos de subjetivação vigentes, se constituem como lugares privilegiados de observação sobre os modos como são postos em circulação e apropriados – segundo o modelo interacional de “sistema social de resposta” (BRAGA, 2006) – os saberes “psi” na contemporaneidade. Com isso, os dispositivos interacionais mediatizados “psi” passam a coexistir com os clássicos modos de interação dos sujeitos com campos de conhecimento como a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicanálise.

Essa coexistência implica em uma série de afetações sobre cada campo referido, bem como sobre os próprios dispositivos que carregam a proposta de produzir e lançar à circulação modos peculiares de escuta e tratamento de questões de foro íntimo, relativas a sofrimentos, mal-estar, relacionamentos, psicopatologias e tudo mais que envolve os aspectos subjetivos e alguns modos ensaísticos de com eles trabalhar. Afetações essas que acontecem em dupla via: dos dispositivos sobre os campos estabelecidos e, reciprocamente, desses campos sobre os dispositivos, em um movimento contínuo de

constituição mútua que faz avançar os pólos<sup>156</sup> constituintes da relação. Os processos tentativos dos dispositivos mediados carentes de critérios estabelecidos geram problematizações aos campos canônicos que se expressam especialmente nos riscos com que os fazem se deparar. Em decorrência disso, esses campos tradicionais comumente se fecham às experiências midiáticas, como se pudessem, assim, delas se resguardar.

O que acontece, porém, é que ações desse tipo não resguardam os campos estabelecidos das incidências que a mediação lhes imprime. Tampouco conseguem segregar processos mediados de processos não mediados, pois, como vimos na leitura dos casos estudados, essas construções se diluem e se reconfiguram, perdendo o suposto elemento de distinção entre elas, como exemplificam as constantes referências à complementaridade das interações com as quais nos deparamos nos três dispositivos abordados. Nas colunas de Goldin, no site de Tessari e, embora com menor ocorrência, nas palavras de Fonseca e de D'Amico há constantes referências à busca ou indicação de consulta tradicional que parecem se complementar com as ofertas da consulta transformada. Mesmo quando o interlocutor opta exclusivamente pela modalidade clássica de consulta, as representações em torno das mesmas tendem a ser modificadas pelo contato prévio com os sentidos produzidos e com os modos de circulação dessa prática na ambiência midiática. Desse modo, acreditamos que as recusas e denegações dos processos canhestamente tentados nos dispositivos mediados somente conseguem distanciar os campos das questões contemporâneas que lhes chegam como desafios.

Parece-nos pouco produtivo para a elaboração de conhecimento de modo geral e de conhecimento “psi” especificamente qualquer afastamento das concretas práticas cotidianas. Enquanto o campo se ocupa de rechaçar os “gurus de televisão”, o funcionamento dos processos nos espaços mediados aponta que aí estão ocorrendo importantes construções que demandam o olhar e a abertura dos mesmos, dos campos instituídos, dos campos tentados, dos campos agenciados e ainda dos campos transversais. Dessas construções se ocupar em busca de compreensão se faz mister. Isso requer uma reflexão e reformulação do próprio campo que, para tal, precisa reconhecer

---

<sup>156</sup> Quando pensamos nos pólos constituintes da relação, não nos restringimos à bipolaridade expressa na fórmula: dispositivos interacionais “psi” mediados x campos “psi” estabelecidos. Além desses dois pólos, pensamos também os múltiplos atravessamentos que constituem essa relação.

que, consentidos ou não, os tais “gurus de televisão”<sup>157</sup> estão proliferando e conseguindo legitimação nas práticas mesmas que desenvolvem na condição de profícuos representantes dos saberes “psi”. Quando essa condição não é previamente assumida, como fazem Tessari, Fonseca e D’amico, ela é conferida pelo público ao profissional, como no caso de Goldin.

Os quatro profissionais em questão ilustram três formas distintas de alcance de reconhecimento como representantes do campo em nome do qual falam nas práticas “psi” transformadas pelos agenciamentos midiaticizados. Nos fazeres canônicos, esse reconhecimento advém principalmente dos críticos do campo instituído e com base no controle exercido pelas codificações estabelecidas. Diferentemente, quando tratamos das práticas transformadas, o reconhecimento se dá em tentativas e, por isso, na singularidade de cada interação experimentada. Goldin, talvez por operar em um espaço que comporta grande variedade de escolas<sup>158</sup> e no qual cada uma dessas escolas elabora suas próprias regras de “bom” funcionamento, parece pouco preocupado com instâncias prévias de legitimação, como percebemos nas suas palavras em entrevista, quando se diz aberto às tentativas de articulação entre Psicanálise e mídia e afirma que sua experiência mostra que vale a pena procurar modelos menos convencionais de promover tal articulação<sup>159</sup>. O reconhecimento desse profissional é construído como resposta social acerca do seu fazer.

Olga Tessari, por sua vez, exhibe um intenso trabalho prévio em torno do reconhecimento de si como profissional qualificada e em destaque frente aos demais. Ao longo do capítulo dedicado ao dispositivo por ela gestado, ilustramos as ações de *marketing* pessoal adotadas pela psicóloga e os movimentos de qualificação de seu saber – a vertente teórica com a qual trabalha – em detrimento e em relação visível de desqualificação das demais vertentes. Outro ponto relacionado a esse trabalho prévio de reconhecimento se expressa na postura afirmativa de Tessari como legítima representante do campo canônico, resguardada pela própria regulamentação do Conselho Federal de Psicologia, em sua Resolução nº. 011/2012, fato que demonstra ainda um paradoxo de seu fazer, na medida em que, como já discutimos, se insere em instâncias de mídia e, ao mesmo tempo, tenta se eximir das afetações que a deambulação pode provocar.

---

<sup>157</sup> Coelho Júnior (1990)

<sup>158</sup> Por escolas concebemos a grande variedade de vertentes teórico-metodológicas da Psicanálise.

<sup>159</sup> Os trechos de entrevista aqui referidos já foram anteriormente transcritos e discutidos.

Como traço de semelhança com Tessari, Fonseca e D'amico já entram em cena no Programa "Casos de Família" previamente reconhecidos em seus exercícios de profissão que é o que possibilita a inserção mesma dos dois profissionais na ambiência do programa. Contudo, os modos pelos quais operam se equilibra em uma tênue divisa entre o fazer Psicologia e a celebridade que, pautada em múltiplos referentes, os mais ecléticos e heterogêneos, busca reconhecimento como formadora de opinião. Duas pessoas públicas que atuam no sentido de fazer valer sua fala, posta em debate com muitas outras vozes das quais se diferencia pelo rótulo perito que carrega, rótulo esse que, no contexto da midiaticização, se dilui sem hierarquia entre as outras vozes referenciadas, em sua maioria, em achismos pouco elaborados ou que abdicam de elaborações. Desse modo, além do reconhecimento implícito à função que desenvolvem, Fonseca e D'amico também se pautam no reconhecimento público ou na popularidade conquistada que os afirma ou refuta como "bons" profissionais.

As diferentes posturas frente às instâncias de reconhecimento pelo campo como dele representantes ou pelos espaços extra-campo cremos ter relação com as negativas de Tessari e D'amico em nos conceder entrevista. À exceção de Fonseca – por motivo já exposto – os outros três profissionais foram solicitados a colaborar com esta pesquisa através da concessão de uma entrevista. Goldin se prontificou a responder por e-mail e assim o fez, bem em acordo com a mediação que caracteriza seu trabalho. As respostas também reproduziram – embora acreditemos que não-intencionalmente – traços de aspectos interacionais característicos de seu dispositivo, como a brevidade, a linguagem acessível e os acionamentos teóricos digestivados, mesmo sabendo o autor que seu interlocutor não era leigo nas questões suscitadas à discussão. A segunda profissional, Olga Tessari, de início mostrou-se disponível a colaborar, no entanto, quando retomado o contato para a marcação da entrevista e descrita a proposta central do estudo, a psicoterapeuta não respondeu às solicitações. Anahy D'amico mostrou-se inacessível desde o início, em nenhum momento respondendo aos contatos estabelecidos.

A leitura que fazemos da discordância das duas profissionais é a de que, por se tratar de uma abordagem acadêmica acerca das práticas tentativas que o campo em que estão subsidiadas comumente critica, as psicólogas talvez enxergaram no que poderiam dizer outra possibilidade de crítica, frente à qual optaram por não se expor. Essa leitura faz sentido na medida em que a crítica academicamente legitimada potencialmente põe sob tensão o exercício de reconhecimento previamente realizado pelas profissionais,

podendo questioná-las em seus serviços a partir de lugar de produção de saber sobre o campo psicológico.

Desse reconhecimento forjado no desenrolar das práticas midiaticizadas de uns em detrimento de seu lastro nas regulamentações específicas a cada uma das áreas de atuação em discussão resulta um “ranço”, uma espécie de ressentimento dos profissionais “psi” que se posicionam em constante criticidade frente a suas práticas ou ainda daqueles que – não excluindo o posicionamento crítico, às vezes até o exacerbando – se assumem como fiéis representantes do “melhor” pensamento do campo para com os criticados “gurus de televisão”. Diante disso, nos interrogamos se esse “ranço” advém simplesmente da recusa ou anseio de proteção frente ao risco que as práticas midiaticizadas imprimem ao campo instituído.

Nesse ponto, novamente Coelho Júnior (1990) nos disponibiliza elementos para reflexão. Sob a temática da “identidade em crise do psicólogo”, o autor, duas décadas atrás, aborda desenhos de práticas que, assim como os dispositivos interacionais midiaticizados “psi” da atualidade, tensionam determinado campo, causando-lhe crise. É isso que faz tanto os “gurus de televisão”, figuras que se valem de referentes canônicos para desenvolver seus fazeres em ambientes extra-campo, quanto os “psicólogos-técnicos” que, nos limites e rigores mesmos do campo, conseguem subvertê-lo, imprimindo-lhe igualmente riscos. Dessa percepção de Coelho Júnior (1990), três pontos se desdobram: 1- o primeiro deles já se encontra enunciado pelo autor e diz respeito à importância do campo em se ocupar com as afetações que lhe chegam como questões suas. Assim elabora Coelho Júnior (1990, p. 305): “Este quadro exige, por outro lado, que se coloque em discussão as características éticas e teóricas do pensamento psicológico”. Com isso, corrobora um aspecto de relevância do nosso estudo.

O segundo desdobramento: 2- se refere ao fato de que as afetações ao campo não são determinadas pela midiaticização. Como vemos, tais afetações e tensionamentos surgem como construções incorpóreas que emergem de múltiplas direções e em processos endógenos e exógenos, desconstruindo assim qualquer viés de determinação que possa responsabilizar a midiaticização pelas transformações da consulta. Não se trata de um efeito da midiaticização. A transformação da consulta é uma produção de uma série de fatores que, agenciados, garantem seu funcionamento no cenário da midiaticização em movimento.

Claro está, em nossas análises, que existe sim um processo industrial e mercadológico que atravessa cada um dos dispositivos estudados nos quais se originam a consulta transformada. O jornal, o site e o programa de televisão são produtos de mercado que funcionam segundo as lógicas industriais que constituem esses veículos de comunicação de ampla audiência e, em decorrência disso, não promovem interações livres e aleatórias, mas, contrariamente, essas interações são pautadas em condições previamente estabelecidas e pensadas por determinados setores da sociedade. Nos dispositivos, isso aparece como aspectos da ante-sala e ainda permeia, com maior ou menor incidência, as regularidades de cada caso tratado. Esse aspecto de planejamento prévio – que algumas teorias vão chamar de agendamento – que persiste arraigado em cada dispositivo não dá conta nem do seu funcionamento – o pauta, mas não o circunscreve – tampouco de sua determinação ou da determinação das interações em seu seio estabelecidas.

Essas elaborações fazem avançar nosso olhar em relação à mídia, enfatizando essa instância como um processo social que, como os demais, é atravessado por relações de poder, mas essas relações não cristalizam as incontáveis apropriações que dela podem ser feitas. Assim, os sentidos que põe em jogo são produzidos nas interações das quais participa e não há sentidos apriorísticos ou substancializados que fazem da mídia o espelho dos riscos impingidos aos campos estabelecidos. Muito além de indústria cultural, a mídia promove o enodamento dos processos sociais contemporâneos e, por isso, figura como processo interacional de referência (BRAGA, 2006). É nessa condição, como emergente lugar de constituição de práticas e saberes, que ela movimenta a episteme que produz a ideia de consulta.

Outro avanço possível se produz em relação à teoria dos dispositivos interacionais. Isso se dá na confirmação dos dispositivos como um sistema em aberto que é movido pela sua própria insuficiência. Nossos observáveis mostram que a interação forjada no espaço do dispositivo permite romper com qualquer determinação previamente pensada, na medida em que reflete um sistema de relações e, assim, faz semblante do imprevisto potencialmente insurgente em qualquer relação. É esse importante aspecto constituinte que faz do dispositivo interacional um lugar privilegiado de experimentações e de produção de coisas outras. A processualidade que o faz funcionar, por sua vez, dissemina as experimentações tentativas que, nos lugares onde se inserem, são significadas, validadas, desconstruídas, reconstruídas e relançadas

sempre além e adiante. O dispositivo interacional como um devir que faz da interação possibilitada um sempre outro.

Desse traço percebido dos dispositivos estudados resultou a dificuldade de retirar padrões de dados, pois nas repetidas tentativas de circunscrever cada dispositivo, eles nos escapavam e ofertavam traços de singularidade como alternativa às insistentes buscas por aspectos comuns. Até as regularidades se mostraram pouco regulares, na medida em que o caráter proteu do dispositivo estava continuamente a postos para reformulá-lo tão logo a interação estabelecida demandasse. Assim aconteceu com a coluna de Goldin em meados de 2010 quando foi reestruturada e com as ilimitadas possibilidades de interação com o circuito tessariano. No caso de Fonseca e D'amico, embora presos à roteirização e aos aspectos de televisibilidade mais rígidos que nos demais veículos, as transmutações puderam ser observadas nos posicionamentos sobre temáticas específicas ou sobre diferentes casos de uma mesma temática.

Essas variações expressam a lógica das heterogeneidades que confirma a perspectiva dos dispositivos interacionais midiaticizados. Heterogeneidades que se fazem presentes entre os dispositivos ou ainda em um mesmo dispositivo, nas muitas ações empreendidas e inúmeras possibilidades de interação gestadas por cada dispositivo. Exemplo disso são os vários modos de fala adotados por Tessari para ampliar seu público ou ainda a grande quantidade de assuntos disponibilizados a fim de englobar um amplo leque de interesses. Os diversos meios de comunicação nos quais se insere também expressam a heterogeneidade que compõe a oferta de consulta midiaticizada. Em cada meio, um modo de consultar e distintos elementos deslocados do fazer Psicologia tradicional assumido como referência pela profissional.

Concebemos importante ressaltar que a heterogeneidade que apontamos como característica das construções midiaticizadas também são traços dos saberes que estamos trabalhando envolvidos na produção dos dispositivos midiaticizados. Independente da midiaticização, Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise apresentam marcas epistemológicas heterogêneas que se intensificam na multiplicidade de campos de atuação e nas trajetórias pessoais e laborais dos profissionais de cada uma das áreas mencionadas. Contudo, os campos anseiam por qualquer aspecto de unidade na heterogeneidade e é efetivamente esse ângulo que vai diferir das heterogeneidades prescritas pela processualidade midiática que a imprime como lógica de distinção. Heterogeneidades afirmadas e valorizadas por desconstruir limites e subverter homogeneidades,

miscigenando-as, fazendo-as deambular e, nesse movimento, abdicar de critérios identificatórios apriorísticos.

O terceiro desdobramento decorrente da percepção de Coelho Júnior (1990) acerca dos riscos que comprometem os campos estabelecidos diz respeito a: 3- nossa inferência de que a recusa dos saberes “psi” aos processos tentativos não se deve apenas aos riscos que eles podem acarretar ao campo canonicamente instituído. Sobre isso não conseguimos avançar muito com o nosso estudo, já que nos detivemos nas interações midiáticas que envolvem o campo. Assim, essa percepção figura como um ponto que nos escapa no momento e abre margem para pesquisas futuras. Contudo, alguns aspectos transversais nos permite constatar que os campos “psi” reconhecem que nos fazeres interacionais midiáticos são intensamente produzidas e perpetuadas representações sociais e subjetivas em torno das causas “psi”. O conselho mesmo da profissão demonstra esse reconhecimento quando se ocupa de discutir algumas práticas contemporâneas, num esforço possível para circunscrevê-las e manter aspectos de regulamentação, como é o caso da Resolução CFP nº. 012/2005 e sua recente atualização pela Resolução CFP nº. 011/2012.

Diante disso, ressaltamos que os campos “psi” precisam se deparar com as movimentações que lhe chegam pelas transformações empreendidas – e não apenas as que são midiáticas – e mostrarem-se dispostos a confrontá-las, tensioná-las e problematizá-las produtivamente. Porém, são raras às vezes em que esses esforços de tensionamento produtivo são observados. Uma razão disso pode ser a dificuldade de sair da perspectiva de campo que, para esse fim, parece pouco produtiva, pois facilmente conduz a cobrar do campo emergente um funcionamento regido pelos parâmetros do campo estabelecido. Isso implica cobrar um fazer diferente, quando a diferença o descaracteriza como dispositivo interacional “psi” midiático. Reconhecer a existência das transformações e delas se ocupar para compreender os processos tentados nos parece ser o grande desafio imposto tanto aos saberes “psi” quanto ao campo da Comunicação.

\*\*\*\*\*

Alguns aspectos de transformação da consulta discutidos ao longo deste trabalho nos permitem agora retornar ao problema de pesquisa enunciado como: “qual a repercussão dos processos de midiática da prática “psi” na episteme que produz a

ideia de consulta?” e a ela apontar algumas diretrizes decorrentes da transformação da consulta pela deambulação na qual é lançada quando emerge nos dispositivos mediados. Nesses espaços, os deslocamentos são múltiplos e variáveis e, como já afirmamos, a mediação das práticas “psi” imprime transformações tanto à consulta mediada quanto à modalidade canônica que continua a se processar nos clássicos espaços de interação envolvendo tal saber, do qual a clínica é exemplo paradigmático.

Também como já referimos, situação corriqueira nos dias atuais e reafirmada pelos dispositivos estudados é a coexistência e complementaridade das práticas “psi” nos diferentes espaços. Esse aspecto de complementaridade se efetiva, entre outros elementos, nas ofertas distintas de cada uma das modalidades de consulta, fato que resulta em um viés de transformação pela emergência mediada, que diz respeito ao objetivo da mesma. Isso vai ao encontro do que enunciamos no capítulo anterior como crença na instituição “psi”, ou seja, os sentidos que envolvem expectativas e propostas em torno desses diferentes tipos de consulta. Os modos de encaminhamento trabalhados em cada um dos dispositivos demonstram como o deslocamento das operações enunciativas empreendidas produz outras formas de interação com os saberes em questão e delas brotam as crenças que, por sua vez, fundam por incidir sobre os processos de afirmação de validade, legitimidade e efetividade desses fazeres nos dispositivos interacionais.

Outra questão implicada na mediação da consulta é o fato de que a produção de conhecimento e as práticas daí resultantes tendem a estar em acordo com as demandas estabelecidas no seio dos processos sociais. Com isso, sujeitos constituídos na ambiência mediática e que têm distintas dimensões de suas vidas acontecendo segundo as lógicas da mediação tendem a ser bastante receptivos ao que os processos assim forjados podem oferecer. Se as relações interpessoais são espetacularizadas, o trabalho é mediado pelas tecnologias, o lazer transita na virtualidade da internet, a escolarização acontece à distância e o mundo aparenta poder ser transposto para a mediação das tecnologias de informação e comunicação, possivelmente a dimensão psíquica, os sofrimentos e o mal-estar podem ser tratados segundo a mesma lógica. Mais que isso, podem até ser mediaticamente constituídos. Isso ilustra a microcapilarização alcançada pela mediação em processo no cenário contemporâneo.

Mais um aspecto da deambulação que repercute sobre a episteme da consulta engloba os espaços onde as queixas encontram possibilidade de enunciação e/ou elaboração. Os dispositivos interacionais característicos da sociedade em mediação

funcionam em sua maioria nos espaços públicos e é nesse espaço onde as interações por eles proporcionadas acontecem. Desse modo, as questões de foro íntimo transitam da privacidade dos consultórios para a publicidade dos veículos de comunicação de ampla audiência. O mal-estar busca referência pública para ser enunciado, as diversas formas de sofrimento procuram existir publicamente, as experiências de si acontecem sob o olhar de quantos audientes se mostrarem interessados e os modos de ser podem ser publicamente constituídos e partilhados. As questões particulares e dos processos de subjetivação parecem ser transpostas com fins de exposição, o que resulta na criação de outros modos de gerenciamento desses processos.

A seu modo, cada um dos casos estudados constrói recursos de gerenciamento da subjetividade que são formulados sob os holofotes da midiatização e carregam-na como traço constituinte. Goldin, Tessari, Fonseca e D'amico deslocam sujeitos dos recônditos limites de suas privacidades para o atraente espetáculo do qual podem ser protagonistas, bastando para isso a disponibilidade de exporem dimensões de suas vidas como a sexualidade, os relacionamentos amorosos, as mazelas biopsíquicas e/ou sociais. Por diferentes operações, os atores de cada dispositivo conseguem êxito nessa tarefa. Esse êxito em parte se deve aos interlocutores que se alimentam dos conselhos, análises, pareceres e mediações de outrem que podem ser transpostos para si com diversos fins, desde formação de vocabulário até atividade de entretenimento. Mas os atores também atuam na produção desse processo. Como vimos, Goldin cria personagens fictícios pautados nos dramas da vida real, Tessari convida seus pacientes mediados por computador aos espaços de publicização em seu site, Fonseca e D'amico lidam com sujeitos que encenam suas próprias querelas na forma estereotipada que mais dá audiência.

Nas tessituras então constituídas percebemos ainda o deslocamento de lugares estabelecidos entre os participantes da interação. Segundo um modelo canônico, o paciente/analizado enuncia suas demandas e o terapeuta/analista é o receptor, o que oferta a escuta e relança o conteúdo enunciado em circulação, de modo que ele chegue transformado ao paciente. A circulação da mensagem fica restrita ao paciente e ao terapeuta, englobando, no máximo, os elementos que se interpõem entre os dois e que atuam na produção de sentidos acerca do conteúdo enunciado. Na consulta midiatizada, por sua vez, o terapeuta/analista é o produtor de enunciados que chegam aos pacientes/analizados – receptor – ao mesmo tempo em que são amplificados na circulação pública dos enunciados desencadeados a partir de determinada queixa

peçoal. Nessa modalidade de fazer consulta, o dito do terapeuta/analista é o que desencadeia a interação.

A circulação das enunciações amplamente difundidas produz significações a partir das relações que estabelecem quando alcançam as práticas sociais. Essas significações, embora constituídas em larga escala – todo o público de cada um dos dispositivos estudados – são apropriadas diferentemente e assumidas de forma singular por cada interlocutor. As múltiplas singularidades possibilitadas passam a pautar o “sistema social de resposta” e, assim, atuam como mais uma vertente de deambulação. Com esse viés de singularidade coexistem as reproduções de representações constituídas a partir de perspectivas dominantes na sociedade. Como podemos observar, os dispositivos interacionais mediados “psi”, além de possibilitarem novas produções tentativas no seio das interações que promovem, condensam alguns valores sociais, legitimam preconceitos, atuam no sentido de uma naturalização de determinadas construções sócio-históricas que em sua ambiência figuram como aprioristicamente dadas ou naturalizadas.

Tal constatação ilustra que os dispositivos disciplinares foucaultianos que condensavam significativas relações de poder não foram substituídos pelos dispositivos interacionais sem deixarem sua herança. Muitos aspectos de normatização e hegemonia adentram nas produções micropolíticas dos dispositivos interacionais da sociedade em vias de mediação. Isso nos parece contraditório com o imenso potencial do dispositivo, que, como um experimento, retrata possibilidades imanentes de transformações sociais e subjetivas.

Nesse ínterim de produções, processos, deambulações, reformulações, etc, a mediação abre a possibilidade de fazer deambular também as produções sobre o sujeito contemporâneo, que já enunciamos como sujeito mediado. Com isso, pode conduzir os saberes a enxergar o sujeito para além dos referentes instituídos pela sociedade que o forjou, ou seja, pode trazer para o âmbito da produção de conhecimento o sujeito mediado, em substituição ao sujeito moderno que nem mais sabemos se sobrevive, mas ainda assim está presente como referente da maior parte das teorias que tematizam o sujeito.

As afetações que as práticas mediadas fazem recair sobre os saberes do campo “psi” precisam ser apreendidas em seu potencial de transformação também desses campos, mas uma transformação que parta do reconhecimento e compromisso do campo em mudar. Clara está a importância do campo em se posicionar frente às

afetações e não ceder criticamente às mesmas – sejam elas endógenas ou exógenas –, já elas mexem com suas codificações e essas codificações trazem a dimensão de controle para o campo, que precisa manter alguma dimensão de diferenciações frente ao senso-comum. No entanto, sustentar um viés de distinção não significa recusa ou denegação das construções interacionais mediados que o envolvem como suposta condição para bem funcionar. Como já defendemos anteriormente e voltamos agora a afirmar, os modos como continuam a acontecer os distanciamentos ante as construções mediados nos parecem pouco produtivos. Esse distanciamento não deve apagar as potencialidades que as apropriações práticas trazem ao campo instituído. Se o campo “psi” se dispuser a olhar para os dispositivos mediados a fim de enxergar seus processos e potencialidades, cremos que isso poderá resultar em significativos benefícios e elaborações ao campo mesmo. Assim, advogamos a urgência em romper com as modelizações de todas as ordens e assumir o compromisso com a produção de saberes que possam ser úteis às demandas sociais, independentemente do lugar onde esses saberes são gestados.

Para fechar momentaneamente este tópico sobre as repercussões das práticas mediados sobre a episteme que produz a ideia da consulta marcamos algumas inquietações que nos escapam à compreensão. Nos parece perfeitamente compreensível que as forças que os fazeres mediados imprimem ao enodamento com os fazeres não-midiados findam por produzir deambulações que deformam as codificações anteriores. Contudo, para falar em consulta transformada cremos ser preciso, mesmo que difusamente, referentes mínimos capazes de sustentar a identificação como consulta. Isso acontece na maior parcela de funcionamento alcançado dos dispositivos estudados. No entanto, algumas propostas desenvolvidas – e inclusive regulamentadas pelo Conselho Federal de Psicologia – confrontam até o elemento mínimo de identificação, operando sobre sua desconstrução e, assim, gerando um rompimento com a ideia mesma de consulta. Como é que se dá a Psicanálise via computador? E a psicoterapia por e-mail? Não vemos essas interrogações como simplesmente uma questão de perda. Elas incidem sobre os pressupostos mesmos da Psicanálise e da Psicoterapia. Isso talvez aponte para a gestação de outra episteme que precisa ser inventada para dar conta desses processos inovadores.

\*\*\*\*\*

Por fim, retomamos uma questão de horizonte que atravessou este trabalho e que à primeira vista soa como cobrança praxista, mas nos parece importante para perceber os sentidos e apropriações possíveis do estudo que desenvolvemos. Ela pode ser assim enunciada: “De que modo o estudo dos dispositivos interacionais midiaticizados “psi” faz avançar os campos “psi” – em especial a Psicologia, campo no qual estamos territorializados – e da Comunicação?”.

Em relação ao primeiro campo, cremos que o principal ponto de vislumbre de avanços se exprime nas potencialidades já referidas de produções dos dispositivos midiaticizados que movimentam o campo estabelecido, conduzindo-o a um olhar mais além que pode desconstruir as modelizações, as normatizações estabelecidas e contextualizá-lo na atualidade dos processos no seio dos quais acontece o gerenciamento da subjetividade. Ressaltamos mais uma vez que não assumimos um posicionamento acríptico ou valorização apologista ou positivada acerca dos dispositivos. Longe disso, apenas pensamos que abdicar momentaneamente dos rígidos critérios endógenos ao campo que parecem algumas vezes estar cegando-o pode permitir ao campo se lançar na busca por compreensão em torno dos processos tentativos, compreensão essa livre de julgamentos ou apriorismos.

No âmbito da Comunicação, temos que no espaço das construções midiaticizadas estudadas, a circulação de saberes e práticas “psi” aponta para significativos indícios de alterações nos modos de comunicação que a sociedade cria e nos conduz a pensar por novos olhares os insurgentes e proliferantes dispositivos interacionais que delineiam as tentativas invenções sociais para comunicar. Dentre eles, situamos um amplo conjunto de âmbitos de circulação dos saberes e práticas “psi” na sociedade em geral, que abrange desde livros a situações cotidianas de tensão social, passando por congressos, debates, demandas sociais, problemas “psi” socialmente formulados, discussões abrangentes de sofrimentos, patologias, relações entre sofrimento e cultura, interfaces com a Filosofia, o senso comum e/ou a auto-ajuda, espaços interativos de sites e serviços de atendimento online, publicações jornalísticas e matérias televisivas, entre tantos outros espaços de circulação, dentre os quais nos detivemos nos três casos representativos da consulta transformada.

Ao transpor as elaborações próprias à Comunicação, pensando suas afetações e reverberações nos múltiplos espaços de produção de conhecimento e delineamento de práticas contemporâneos, a partir de um estudo de interface, embora não figure como novidade, nos parece importante para problematizar a área de conhecimento em questão

e assim fazê-la avançar, renovando o olhar direcionado para ela, bem como a forma de estudá-la, na medida em que o balizamento sobre esse processo se desloca do que a Comunicação nos diz sobre ela mesma para o que as incidências da Comunicação nos espaços sociais nos diz sobre esse campo de saber.

Isso se justifica na medida em que concebemos que os processos interacionais, ao mesmo tempo em que nos falam de uma produção socialmente circulante, também caracterizam a Comunicação. Logo, ao assumir como ângulo de entrada na pesquisa em Comunicação o olhar pela interface que produz um tipo distinto – talvez novo – de interação, cremos estar, em grandes linhas, falando das apropriações sociais dos dispositivos e processos interacionais, da produção de modos de ser e das complexas dinâmicas de relação entre a mídia e a sociedade, ou seja, estamos pensando o próprio movimento de mediatização da sociedade em sua articulação com os processos sociais.

Novidade aí não nos parece ser a renovação de olhar ou a forma de estudar, até porque em se tratando de um campo aberto, em processo contínuo de constituição, talvez seja difícil – se não desnecessário – marcar a novidade, muito embora esse novo se concretize nas mais variadas tentativas e criações que daí possam brotar, já que o lugar de intercessão entre os campos em questão aponta para o devir: devir interagir, devir comunicar, devir “psi”. Na atenção conferida a esses espaços, vislumbramos potencialidades de avanço aos campos que se atravessam na constituição de nosso objeto de estudo.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, J.L. P. Introdução à Psicopatologia Compreensiva. 3ª ed. Edição Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian 2002.
- AGAMBEN, G. **Che cos'è un dispositivo?** CIDADE: Nottetempo, 2006.
- ARIES, P. **História Social da Criança e da Família.** 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BARICHELLO, E.M. M. da Rocha. Campo midiático, opinião pública e legitimação. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado... et al. Santa Maria: UFSM, 2003.
- BASTOS, C. L. **Manual do Exame Psíquico.** Uma Introdução Prática à Psicopatologia. 2ª ed.: Rio de Janeiro: REVINTER, 2000.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação.** Portugal: Relógio D'água, 1991.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Globalização: As consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. In: BAUMAN, Z. Modernidade líquida. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social.** PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15(Suplemento): p. 203- 224, 2005.
- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRAGA, A. A. **Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção, Usos e Consumo Midiático”,** do XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, em junho de 2008.
- BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática.** São Paulo: Paulus, 2006.
- \_\_\_\_\_. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes,** São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **O método como tomada de decisões.** V Seminário Interprogramas, dia 28 de outubro de 2008, realizado no PPG em Comunicação da PUC/SP. 2008b.
- \_\_\_\_\_. **Dispositivos interacionais.** Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011a.
- \_\_\_\_\_. **Uma heurística para a pesquisa em Comunicação.** Anais do III Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação, PROCAD Unisinos/UFG/UFJF, Goiânia, outubro de 2011b.
- \_\_\_\_\_. **“La política de los internautas es producir circuitos”** (no prelo) (2011c).
- \_\_\_\_\_. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JÚNIOR, J; JACKS, N. **Mediação e Mdiatização.** Compós, EDUFBA, 2012.
- BRAGA, J.L.; CALAZANS, M. R. Z. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface.** São Paulo: Hacker, 2001.
- BRUNO, Fernanda. Mídia e produções de subjetividades: questões da cultura. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Mídia e Psicologia: a produção de subjetividade e coletividade.** 2. Ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009.
- BUITONI, D. Se. Revista e Segmentação: dividir para reunir. In: TAVARES, F. M. B; SCHWAAB, R. (Orgs.). **A revista e seu jornalismo.** Porto Alegre: Penso, 2013.

CAIAFA, Janice. **Nosso Século XXI**: notas sobre arte, técnica e poderes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000 (Conexões; 4).

CASTELLANO, M. **Cultura da auto-ajuda**: o “surto do aconselhamento” e a bioascese na mídia. LOCAL, EDITORA, 2012.

CASTRO, C. **Por que os reality shows conquistam audiências?** São Paulo: Paulus, 2006.

CHERUBIM, S. Dicionário de figuras de linguagem. São Paulo: Pioneira, 1989.

CIVITTA, Laura (org.). **O melhor de Carmen da Silva**. Mundo das Letras, Rio de Janeiro, 1994.

COELHO JUNIOR, N. **A identidade (em crise) do psicólogo**. SÃO PAULO, v. 4, n. 1, p. 302-314, 1990.

COMPLEMENTAR. FERREIRA, A. B.de H. **Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.162.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. RESOLUÇÃO CFP Nº 012/2005. 2005. \_\_\_\_\_ . RESOLUÇÃO CFP Nº 011/2012. 2012. COSTA, M. P. As histórias de uma “Senhora de Respeito”. **Carmen da Silva e sua presença na seção “A arte de ser mulher”**. Disponível em: <[http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v6.n2/artigos/as\\_historia\\_de\\_uma\\_senhora\\_de\\_respeito.pdf](http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v6.n2/artigos/as_historia_de_uma_senhora_de_respeito.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2013.

COSTA, B.C.S. Práticas autobiográficas contemporâneas: as videografias de si. In: Revista Digital de Cinema Documentário On-Line, Campinas, agosto 2009. Disponível em: [www.doc.ubi.pt](http://www.doc.ubi.pt). Acesso: 24 de setembro de 2013.

CULLER, Jonathan. Teoria literária: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

CUNHA, A. P; SOUZA, C. M; COELHO, S.B. **O feminismo no jornalismo brasileiro**: o caso Carmen da Silva. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

DAVIDSON, D. O que as metáforas significam. In: SACKS, S (Org.). **Da metáfora**. Tradução de Leila Cristina M. Darin. et al. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: L. Janeira (Ed.), L. **Michel Foucault, filósofo** (pp. 155-161). Barcelona, Espanha: Gedisa, 1990. \_\_\_\_\_ . **Diferença e repetição**. Tradução de Luis Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006a.

DELEUZE, G.; Guattari, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. (vol. 1). Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FAUSTO NETO, A. Mídiação, prática social – prática de sentidos. Paper: Encontro Rede Prosul – Comunicação, sociedade e sentido. **Seminário sobre mídiação**. Unisinos: PPGCC, São Leopoldo, 19/12/2005 e 06/01/2006. \_\_\_\_\_ . Fragmentos de uma “analítica” da mídiação. In: **Revista Matrizes**. São Paulo, ano 1, n. 2, p. , 2008. \_\_\_\_\_ . Epistemologia do zigue-zague. In: FERREIRA, J; FREITAS, L.A. S; PIMENTA, F.J.P. **Estudos da Comunicação**: transversalidades epistemológicas. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

FECHINE, Y. Uma proposta de abordagem do sensível na TV. 2007. In: MÉDORA, A. S.L. D; ARAÚJO, D. C; BRUNO, F (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulipa, 2007.

- FERREIRA, J. **Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional**. Rio Grande do Sul: 2010.
- \_\_\_\_\_. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, 2013 (no prelo).
- FIGUEIREDO, L. C. **Matrizes do Pensamento Psicológico**. Petrópolis, RJ: 1991.
- \_\_\_\_\_. Sob o signo da multiplicidade. **Cadernos de subjetividade**/ Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados e Psicologia Clínica da PUC-SP. Vol. 1, n. 1. São Paulo, 1993.
- FISCHER, R.M.B. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan/jun 2002.
- FREIRE FILHO, C. F. CASTELLANO M.; FRAGA, I. **O privado, o popular e o perito no talk show Casos de Família**. LOCAL 2008.
- FONTENELE, L. **A interpretação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- FOUCAULT, M. O Nascimento da Clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- \_\_\_\_\_. The confession of the flesh [1977]. In: **AUTOR? Power/Knowledge selected interviews and other writings**. Ed. Colin Gordon, local : 1980, p. 194-228.
- \_\_\_\_\_. **Tecnologias del yo – Y otros textos afines**. 1a ed. Allendesalazar M (trad.). Barcelona: Paidós Ibérica; 1990.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Dits e écrits II**. 1976 – 1988. Paris: Gallimard: 2001.
- FREUD, S. **Cinco lições de Psicanálise**. [1910] Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Imago Editora, Rio de Janeiro: 1970a.
- \_\_\_\_\_. **Uma nota sobre o inconsciente na Psicanálise**. [1912]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Imago Editora, Rio de Janeiro: 1970b.
- \_\_\_\_\_. **Artigos sobre a técnica**. [1914]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Imago Editora, Rio de Janeiro: 1970c.
- \_\_\_\_\_. **Conferência XXXV**. A questão de uma *Weltanschauung*. [1933]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Imago Editora, Rio de Janeiro: 1970d.
- \_\_\_\_\_. **Análise terminável e interminável**. [1937]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Imago Editora, Rio de Janeiro: 1970e.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização**. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Organização de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1982. (vol. XXI).
- GARCIA-ROZA, L. A. **FREUD e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- GOFFMAN, E. A Elaboração da Face - Uma análise dos elementos rituais da interação social. In.: FIGUEIRA, S. (Org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GOMES, Elisa da Silva. **Casos de Família: a conjugalidade nas antenas da TV.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias.** Campinas: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INTEGRADOR. FERREIRA, A. B.de H. Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.370.

KASTRUP, V. Autopoiese e Subjetividade: sobre o uso da noção de autopoiese por G. Deleuze e F. Guattari. In: KASTRUP, V; TEDESCO, S; PASSOS, E. Políticas da Cognição. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KEHL, M. R. Imaginário e Pensamento. In: SOUSA, M. W. (org). **Sujeito: o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

KILPP, S. **Audiovisualidades do voyeurismo televisivo: apontamentos sobre a televisão.** Porto Alegre: Zouk, 2008.

KLEIN, A. Cultura da visibilidade: entre a profundidade das imagens e a superfície dos corpos. In: MÉDORA, A. S. L. D; ARAÚJO, D. C; BRUNO. F (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática.** Livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulipa, 2007.

KLEIN, E.J.C. **CIRCUITOS COMUNICACIONAIS ATIVADOS PELA AUTORREFERÊNCIA DIDÁTICA NO JORNALISMO: o caso do profissional repórter.** 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2012.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. IN: SILVA, T. T. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MAN, P.de. A epistemologia da metáfora. In: SACKS, S (Org.). **Da metáfora.** Tradução de Leila Cristina M. Darin... et al. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. Gutenberg chegou atrasado ao paraíso tropical. **Revista Comunicação & Sociedade,** São Bernardo do Campo, PósCom-Methodista, ano 29, n. 49, p. 11-26, 2º sem. 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. Uma aventura epistemológica. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes,** São Paulo, v.2, n. 2, p. 143-162, jul./dez., 2009.

MAURÍCIO, F. “Conversa leve” e “embate intelectual”: Marília Gabriela entrevista. In: **COLÓQUIO INTERNACIONAL TELEVISÃO E REALIDADE,** 2008, Salvador. Disponível em:  
<http://www.tvereadade.facom.ufba.br/colouquio%20textos/Fernanda%20Mauricio.pdf>

MEDRADO, B. LYRA. J; BRASILINO. J; AZEVEDO. M. Entre práticas de intimidade e políticas públicas. Entre políticas de intimidade e práticas públicas... À guisa de uma introdução. In: MEDRADO, B; LYRA, J; BRASILINO, J; AZEVEDO. M. (Org.). **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas.** Recife: Instituto PAPAÍ, 2010, p. 7-14.

MOREIRA, J.O., ROMAGNOLI, R. C. & Neves, E. O. **O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção de saúde.** Psicologia, Ciência e Profissão 2007, 27 (4), 608-621

NASCIMENTO, E. F.; REBELO L.E.F. de SOUSA; GOMES. R. Medos sexuais masculinos e política de saúde do homem: lacunas e desafios. In: MEDRADO, B.; LYRA, J.; BRASILINO, J.; AZEVEDO, M. (Org.). **Homens e masculinidades**: práticas de intimidade e políticas públicas. Recife: Instituto PAPAÍ, 2010, p. 95-108.

NASSIF, M. F. de. A produção de sujeitos: a tensão entre ficção e realidade. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Mídia e Psicologia**: a produção de subjetividade e coletividade. 2ª. Ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009.

**PLEASANTVILLE**: a vida em preto e branco. Direção: Gary Ross. Intérpretes: Jennifer Lawrence; Tobey Maguire; Reese Witherspoon [S.l.]: Warner Bros, 1998. 1 DVD (124 min) son., color.

RODRIGUES, A. D. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1990.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempos de globalização. In: LINS, Daniel (org.). **Cultura e Subjetividade**: saberes nômades. 3ª ed. São Paulo: Papyrus, 1997a.

\_\_\_\_\_. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (org.). **Cultura e Subjetividade**: saberes nômades. 3ª ed. São Paulo: Papyrus, 1997b.

RONSINI, V.M. As relações entre mídia e receptores sob a ótica das mediações. In: PRIMO, A. et al. (Org). **Comunicação e interações**. Livro da COMPÓS 2008. Porto Alegre: Sulina, 2008.

ROSA, A.L. T. de. O conselho em revistas femininas: dar o pedir? Uma questão de autoridade. In: Dioniso, A. P.; Bezerra, N. **Tecendo textos, construindo experiências**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ROUANET, S. P. **O mal-estar na modernidade**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

RUSSI-DUARTE, P.; AIRES, L.. Re-significação dos Líderes de Opinião pelo ambiente mediático: uma abordagem teórica do campo da comunicação. **Trabalho apresentado na NP Teorias da Comunicação do VIII Nupecom**, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2 a 6 de setembro de 2008.

SALRO, B.. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SANTOS, T.C. **A questão de uma Weltanschauung psicanalítica**: transmissão e laço social da Psicanálise. Anuário Brasileiro de Psicanálise, ano 1, 1991.

SANTOS, T. C. O movimento psicanalítico e a difusão da Psicanálise no Brasil. **Revista do Tempo Psicanalítico**. Ed. SPID-RJ, n. 29, 1997, pp. 171-189.

SCHULTE, W; TÖLLE, R. **Manual de Psiquiatria**. São Paulo: EPU: Springer, 1981.

SEVERIANO, M. F. V. **Narcisismo e Publicidade**: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade. São Paulo: Annablume, 2001.

SIBÍLIA, P.. O show da vida íntima na internet: *blogs, fotologs, videologs, Orkut e webcams*. In: CAIAFA, J.; ELHAJJI, Mohammed. (Org.). **Comunicação e sociabilidade**: cenários contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SILVA, C. da. Uma armadilha para a mãe moderna. **Revista Cláudia**. São Paulo, ano VIII, n. 86, p. 39-41, novembro/1968.

SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO. **Casos de Família**. São Paulo, 2013. Disponível em: [www.sbt.br/casosdefamilia](http://www.sbt.br/casosdefamilia). Acesso em: 24 de setembro de 2012.

\_\_\_\_\_. **De Frente com Gabi**. São Paulo, 2013. Disponível em: [www.sbt.com.br/defrentecomgabi](http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi). Acesso em 05 de out. 2012.

SODRÉ, M. O ethos midiaticizado. In: **Antropológica do Espelho**. Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEMER, A.C.R. P. Gêneros e gêneros: apontamentos teóricos sobre os conceitos e sua atribuição ao jornalismo feminino. In: **Revista Comunicação & Sociedade**, ano 30, n. 51, p. 177-200, jan./jun. 2009.

TOSCANI, O. **A publicidade é um cadáver que nos sorri**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

TRINDADE, Il; T, J. A. C. **Aconselhamento psicológico em contextos de saúde e doença** – Intervenção privilegiada em psicologia da saúde. *Análise Psicológica* (2000), 1 (XVIII): p, 3-14.

XAVIER, M. P. **Tecendo saberes, articulando alianças**: um estudo sobre as subjetividades contemporâneas a partir das contribuições de Adorno e Guattari, 2009, 165f. (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2009.

ZOURABICHVILI, F. **O Vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Teles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

## MATERIAL DE PESQUISA

ACORDA, VOCÊ VAI SER PAI. **Programa Casos de Família**. SBT, 21 de julho de 2011. Programa de TV. 50 min

A MINHA MULHER TEM DESEJOS ESTRANHOS. **Programa Casos de Família**. SBT, 18 de fevereiro de 2010. Programa de TV. 50 min

CHEGA DE MULHER E FILHOS, QUERO UM CARA EM MINHA VIDA.

**Programa Casos de Família**. SBT, 23 de maio de 2012. Programa de TV. 50 min.

ESSE URUBU NÃO NASCEU NO MESMO NINHO QUE EU. **Programa Casos de Família**. SBT, 14 de fevereiro de 2012. Programa de TV. 50 min.

EU NÃO SOU GAY, MAS MEU NAMORADO É. **Programa Casos de Família**. SBT, 28 de junho de 2011. Programa de TV. 50 min.

EU POSSO PORQUE SOU HOMEM. **Programa Casos de Família**. SBT, 16 de julho de 2010. Programa de TV. 50 min.

EU QUERO SABER O MEU FUTURO. **Programa Casos de Família**. SBT, 08 de janeiro de 2010. Programa de TV. 50 min.

FALAR COM O MEU EX? SÓ SE FOR PRA BRIGAR. **Programa Casos de Família**. SBT, 30 de agosto de 2012. Programa de TV. 50 min.

GOLDIN, A. **Uma teoria sobre o amor**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 07 jul. 2010a.

\_\_\_\_\_. **Uma teoria sobre o amor**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jul. 2010b.

\_\_\_\_\_. **Uma teoria sobre o amor**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jul. 2010c.

\_\_\_\_\_. **Uma teoria sobre o amor**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 01 set. 2010d.

\_\_\_\_\_. **TENHO VINTE E CINCO ANOS, HÁ DOIS CONHECI**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 27 out. 2010e.

\_\_\_\_\_. **ESTOU SEPARADA HÁ 5 ANOS, TIVE**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 06 jan. 2011a.

\_\_\_\_\_. **TENHO 36 ANOS, SOU SOLTEIRO E MORO**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 17 abr. 2011b.

\_\_\_\_\_. **TENHO 32 ANOS, SOU CASADA COM JOÃO, 36**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 08 mai. 2011c.

\_\_\_\_\_. **NAMORO O EDUARDO HÁ DOIS ANOS**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 12 jun. 2011d.

\_\_\_\_\_. **TENHO 51 ANOS, SOU ATRIZ, TEHO FILHOS**. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 2011e.

\_\_\_\_\_. CASADA HÁ TRÊS ANOS COM UM NAMORADO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 18 set. 2011f.

\_\_\_\_\_. TENHO 32 ANOS E CASEI HÁ POUCOS MESES. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 23 out. 2011g.

\_\_\_\_\_. HÁ ALGUMAS SEMANAS TOMEI UMA DECISÃO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 30 out. 2011h.

\_\_\_\_\_. TENHO 32 ANOS, NUNCA NAMOREI, JÁ FIQUEI. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 06 nov. 2011i.

\_\_\_\_\_. FAZ UM ANO QUE EU E ROBERTO TERMINAMOS. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 13 nov. 2011i.

\_\_\_\_\_. SOU MELHOR DEBATENDO SINTOMAS VISÍVEIS. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 20 nov. 2011j.

\_\_\_\_\_. TENHO 33 ANOS E UM DILEMA COM RELAÇÃO AO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 27 nov. 2011k.

\_\_\_\_\_. TENHO 48 ANOS, DIVORCIADA HÁ 11 ANOS. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 04 dez. 2011l.

\_\_\_\_\_. CHAMO-ME RONALDO, FAÇO ANÁLISE HÁ 7 ANOS. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 11 dez. 2011m.

\_\_\_\_\_. TENHO 35 ANOS, CASADA HÁ 8 E UMA FILHA DE 4. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 18 dez. 2011n.

\_\_\_\_\_. TENHO 20 ANOS, SOU FELIZ, ME CONSIDERO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 25 dez. 2011o.

\_\_\_\_\_. TENHO OBSERVADO EM MIM UMA CONSTANTE. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 01 jan. 2012a.

\_\_\_\_\_. CHAMO-ME MARÍLIA, (28), MORO COM O BERNARDO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 08 jan. 2012b.

\_\_\_\_\_. SOU UM PARADOXO, 24 ANOS, BONITA, INTELIGENTE. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jan. 2012c.

\_\_\_\_\_. POR ENGANO TOCAMOS A CAMPANHIA DO SEU APARTAMENTO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 22 jan. 2012d.

\_\_\_\_\_. GOSTARIA DE PEDIR SUA OPINIÃO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 29 jan. 2012e.

\_\_\_\_\_. TENHO 45 ANOS, APARENTO TER MENOS IDADE. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 05 fev. 2012f.

\_\_\_\_\_. CASADA, 44 ANOS, DUAS FILHAS ADOLESCENTES. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 12 fev. 2012g.

\_\_\_\_\_. TENHO 54 ANOS, TENHO UM FILHO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 19 fev. 2012h.

\_\_\_\_\_. TENHO 30 ANOS, SOU BEM SUCEDIDA. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 25 mar. 2012i.

\_\_\_\_\_. DENISE FOI MINHA NAMORADA HÁ MAIS DE VINTE ANOS. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 01 abr. 2012j.

\_\_\_\_\_. TENHO 34 ANOS E CARLOS, MEU MARIDO, 36. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 15 abr. 2012k.

\_\_\_\_\_. TENHO 20 ANOS, SOU BONITA, TENHO UM FUTURO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 22 abr. 2012l.

\_\_\_\_\_. TENHO 40 ANOS, SOU CASADO HÁ NOVE ANOS. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2012m.

\_\_\_\_\_. SEMPRE LEIO A SUA COLUNA. AO MESMO TEMPO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 13 mai. 2012n.

\_\_\_\_\_. TENHO 50 ANOS, SOU CASADA HÁ. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 20 mai. 2012o.

\_\_\_\_\_. TENHO 27 ANOS E PELA PRIMEIRA VEZ NA VIDA. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 27 mai. 2012p.

\_\_\_\_\_. TENHO 30 ANOS, SOU PROFISSIONAL AUTÔNOMA. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 24 jun. 2012q.

\_\_\_\_\_. SOFRO DE CARÊNCIA DESDE QUE ME ENTENDO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 08 jul. 2012r.

\_\_\_\_\_. EU E MARCOS NAMORAMOS POR TRÊS ANOS. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jul. 2012s.

\_\_\_\_\_. SOU JOVEM (23), OU JOVEM, BONITA E. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 22 jul. 2012t.

\_\_\_\_\_. TENHO 33 ANOS E UM GRANDE DILEMA. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 29 jul. 2012u.

\_\_\_\_\_. TENHO 27 ANOS E NAMORO O CARLOS (33) HÁ 2. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2012v.

\_\_\_\_\_. SOU MORENA, BONITA, SAUDÁVEL. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 02 set. 2012w.

\_\_\_\_\_. ESTOU PASSANDO POR UMA FASE DE. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 17 out. 2012x.

\_\_\_\_\_. TENHO 25 ANOS, ESTUDO E TRABALHO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 21 out. 2012y.

\_\_\_\_\_. UM PRAZER ESCREVER PARA VOCÊ. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 11 nov. 2012z.

\_\_\_\_\_. SONIA, 21 ANOS, NUNCA HAVIA ME APAIXONADO. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 09 dez. 2012aa.

\_\_\_\_\_. TENHO 38 ANOS, SOU BONITA E INDEPENDENTE. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 15 dez. 2012ab.

MEU MARIDO É UM SAFADO! **Programa Casos de Família**. SBT, 26 de setembro de 2011. Programa de TV. 50 min.

MEU NAMORADO É FEMININO, MAS EU NEM LIGO PRA ISSO. **Programa Casos de Família**. SBT, 02 de outubro de 2012. Programa de TV. 50 min

MINHA CINDERELA VIROU ABÓBORA. **Programa Casos de Família**. SBT, 15 de julho de 2011. Programa de TV. 50 min

MINHA CUNHADA CAIU DO CÉU QUANDO A VASSOURA QUEBROU. **Programa Casos de Família**. SBT, 25 de outubro de 2011. Programa de TV. 50 min

MINHA FAMÍLIA É UNIDA PELA PERVERSIDADE. **Programa Casos de Família**. SBT, 27 de agosto de 2012. Programa de TV. 50 min.

MINHA FILHA É COMO CACHORRO, EU PONHO PRA FORA MAS ELA SEMPRE VOLTA. **Programa Casos de Família**. SBT, 26 de novembro de 2012. Programa de TV. 50 min.

NÃO MANDO MINHA SOGRA PARA O INFERNO PORQUE TENHO PENA DO DIABO!**Programa Casos de Família**. SBT, 31 de outubro de 2011. Programa de TV. 50 min.

O MEU CUPIDO DEVE SER GARI PORQUE ELE SÓ E TRAZ LIXO. **Programa Casos de Família**. SBT, 27 de novembro de 2012. Programa de TV. 50 min.

O SEU AMOR VALE COIS NENHUMA. **Programa Casos de Família**. SBT, 25 de junho de 2012. Programa de TV. 50 min.

PARA VOCÊ, TODO DIA É SÁBADO. **Programa Casos de Família**. SBT, 24 de setembro de 2010. Programa de TV. 50 min.

POR QUE VOCÊ QUER SER TÃO DIFERENTE? **Programa Casos de Família**. SBT, 26 de fevereiro de 2012. Programa de TV. 50 min.

QUEM DISSE QUE TEM QUER SER MAGRA PARA SER GOSTOSA? **Programa Casos de Família**. SBT, 01 de dezembro de 2011. Programa de TV. 50 min

QUEM VOCÊ PENSA QUE É PRA ME DAR ORDENS? **Programa Casos de Família**. SBT, 01 de maio de 2012. Programa de TV. 50 min.

QUERO MEU FILHO HOMEM DE VOLTA. **Programa Casos de Família**. SBT, 16 de novembro de 2011. Programa de TV. 50 min.

ROSSET, Solange. Presença dos pais na vida de filho casado é útil mas deve ter limites. In: **Revista Caras**, São Paulo, ed.968, ano 18, 24 de mai. 2012. Disponível em: <http://m.caras.uol.com.br/noticia/presenca-dos-pais-na-vida-de-filho-casado-e-util-mas-deve-ter-limites>. Acesso em: 12 fev. 2013.

SE ELA É MULHER FRUTA, TÁ ESTRAGADA! **Programa Casos de Família**. SBT, 09 de setembro de 2011. Programa de TV. 50 min.

SE NÃO ME ACEITA, E RESPEITA. **Programa Casos de Família**. SBT, 31 de agosto de 2010. Programa de TV. 50 min.

SERÁ QUE É MULHER? **Programa Casos de Família**. SBT, 21 de julho de 2010. Programa de TV. 50 min.

SER MÃE É UM PESADELO. **Programa Casos de Família**. SBT, 21 de novembro de 2011. Programa de TV. 50 min.

TÁ BRINCANDO?! ISSO AÍ É HOMEM? **Programa Casos de Família**. SBT, 18 de janeiro de 2012. Programa de TV. 50 min.

TOME VERGONHA NA CARA! MINHA CASA NÃO É BALADA! **Programa Casos de Família**. SBT, 07 de outubro de 2011. Programa de TV. 50 min.

VOCÊ ACHA QUE SEU MARIDO SÓ GOSTA DE MULHER? **Programa Casos de Família**. SBT, 10 de abril de 2012. Programa de TV. 50 min.

VOCÊ NASCEU GANSO, MAS VIROU CISNE. **Programa Casos de Família**. SBT, 28 de novembro de 2012. Programa de TV. 50 min.

VOCÊ NÃO PRECISA DE DINHEIRO PARA EMAGRECER. **Programa Casos de Família**. SBT, 16 de fevereiro de 2010. Programa de TV. 50 min.

VOCÊS PRECISAM ME ACEITAR. **Programa Casos de Família**. SBT, 15 de fevereiro de 2010. Programa de TV. 50 min.

[www.ajudaemocional.com](http://www.ajudaemocional.com)

[www.ajudaemocional.com.tripod.com/id14.html](http://www.ajudaemocional.com.tripod.com/id14.html)

[www.ajudaemocional.tripod.com/id53.html](http://www.ajudaemocional.tripod.com/id53.html)

<http://www.albertogoldin.com.br/>

[www.sbt.com.br/defrentecomgabi](http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi)

<http://ateusatentos.blogspot.com.br/2011/03/proteste-para-psicologa-do-sbt-odio-e.html>

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080825181928AAjA9qX>

<https://www.facebook.com/pages/Fala-Anahy-Damico/449916928402645?fref=ts>

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/>

<http://gnt.globo.com/sessao-de-terapia>

[www.google.com.br](http://www.google.com.br)

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?na=2&nst=11&tid=2536674967838865189&cmm=4094586&hl=pt-BR>

[www.youtube.com](http://www.youtube.com)

## ANEXOS

### Anexo 01: Entrevista com Alberto Goldin

Caro Dr. Alberto Goldin, agradeço sua disponibilidade e atenção em contribuir para minha pesquisa de doutorado. Meu trabalho trata da transformação da consulta nas interfaces com a mídia e se configura como um estudo de casos, dentre os quais a coluna Vida Íntima. Nas linhas seguintes, proponho questões gerais sobre sua prática profissional e, e especial, sobre a coluna Vida Íntima, de sua autoria.

1- Qual sua formação profissional e seus espaços de atuação?

Médico, psiquiatra, psicanalista e escritor.

Diversas instituições e consultório particular.

2- O que caracteriza sua atuação em cada espaço distinto?

Atualmente não, mas já dei cursos, palestras, escrevi um best seller, Freud Explica, e outros livros. Além de literatura infantil.

3- Como compreende a relação da Psicanálise com os meios de comunicação de massa?

É um espaço muito discutido e sensível, porém sempre a mídia se interessou por um enfoque psicanalítico das questões da vida cotidiana. Sobretudo problemas de amor e sexo.

4- Como avalia a articulação crescente entre as práticas “psi” e a mídia?

Já respondi.

5- Como surgiu a ideia da coluna Vida Íntima em seu formato atual?

Faz 15 anos que desenvolvo a coluna e originariamente me foi oferecido pelo editor do Globo para responder cartas de leitores, com perguntas sobre seus problemas pessoais e afetivos. A coluna teve muita aceitação popular e eles acharam adequado o formato que apresentei.

6- Qual a proposta da coluna?

Dar um esclarecimento relativamente superficial e, às vezes mais profundo dos sintomas. Procurando que as respostas sejam interessantes, não só para o autor da carta, mas para todos que atravessam problemas similares. A originalidade do meu enfoque reside em criar situações imaginárias ou metafóricas que deem ao leitor um espaço de reflexão sobre os problemas, evitando respostas diretas, tipo, separe ou não separe. A relativa neutralidade dos textos é muito valorizada porque, mais que soluções promovem reflexões. Todas as minhas colunas

transcorrem dentro do cenário imaginário que guarda a relação com o problema apresentado. É um recurso original que até hoje deu muito certo.

- 7- Gostaria que o senhor me explicasse o funcionamento dos bastidores da coluna (seleção das cartas/e-mails, existência de recorte/edição, comentário posterior da resposta recebida, entre outros aspectos que não são visíveis no jornal).  
As cartas recebidas são catalogadas e uma por semana é escolhida em função de ser mais interessante ao grande público.
- 8- Como o senhor caracteriza seus leitores?  
São pessoas de excelente nível socioeconômico e muitos deles fazem terapia, e se interessam pelas questões do inconsciente.
- 9- O que o senhor acha que seus leitores esperam?  
Obviamente, esperam esclarecimento e alívio para suas problemáticas. Para outros, o interessante é simplesmente conhecer as angústias e soluções alheias, que as vezes coincidem com as suas próprias. As questões humanas são universais.
- 10- O que o senhor oferece ao público leitor da sua coluna?  
Uma leitura fácil e instrutiva.
- 11- O senhor acredita que as experiências do campo psicológico desenvolvidas na mídia levem a transformações nas representações e práticas psi – seja no trabalho clínico, seja nas expectativas e conhecimento da sociedade?  
É bem possível que assim seja, porém não tenho maiores informações.
- 12- Outras considerações que o senhor julgue relevante.  
Pedir conselhos afetivos aos jornais e revistas é uma prática muito conhecida, minha experiência mostrou que vale a pena procurar modelos menos convencionais.

Grata,

Monalisa Pontes Xavier